

Dá uma dentada.

desejo



DA AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

TRACY WOLFF

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Dá uma dentada.

desejo



DA AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

TRACY WOLFF

TRACY WOLFF

desejo



Ficha Técnica

Título: *Desejo*

Título original: *CRAVE: Crave series 1*

Autora: Tracy Wolff

Tradução: Luís Santos

Revisão: Gailivro

ISBN: 9789892350417

Gailivro, uma chancela das Edições ASA II

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2020 by Tracy Wolff.

Publicado inicialmente nos Estados Unidos, com a designação *CRAVE: Crave series 1*.

Esta tradução foi publicada mediante acordo com Entangled Publishing, LLC através da Rights Mix LLC, em conjunto com Patricia Seibel.

© Gailivro, uma chancela das Edições ASA II

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

www.leya.pt

Capa

Ficha Técnica

- 0 - Se não vives no limite estás a ocupar demasiado espaço
- 1 - Aterrar é atirarmo-nos ao chão e rezar para não falharmos
 - 2 - Viver numa torre não faz de ti um príncipe
 - 3 - Não são apenas as rainhas vampiras que mordem bem
 - 4 - O cavaleiro andante é tão século passado
- 5 - Coisas que o cor-de-rosa-choque e o Harry Styles têm em comum
 - 6 - A sério, não quero fazer um boneco de neve
 - 7 - Vem aí qualquer coisa mesmo muito má
 - 8 - Vive e deixa morrer
 - 9 - Mesmo o inferno tem fações
 - 10 - Afinal, o diabo veste Gucci
 - 11 - Na biblioteca, ninguém te ouve gritar
- 12 - É tudo muito divertido até que alguém perde a vida
 - 13 - Morde aqui a ver se eu deixo
 - 14 - Bate, bate, bate às portas da morte
 - 15 - Portanto, o inferno pode mesmo gelar
- 16 - Por vezes, manter os inimigos próximos é a única coisa que impede a hipotermia
- 17 - O melhor amigo da mulher é a discrição, não são os diamantes
- 18 - Quantos borrachos são precisos para vencer uma guerra de bolas de neve?
 - 19 - Chegámos, lutámos, congelei
 - 20 - Nunca há paraquedas quando precisamos
- 21 - Gosto de estar em pé, mas ser arrebatada também é muito bom
 - 22 - Querido, está quente aqui...
 - 23 - Nunca leves uma colher de gelado para um duelo
- 24 - Os waffles são o melhor caminho para tudo de uma rapariga
 - 25 - Por favor, não me morda
 - 26 - A farda não faz a mulher, mas destaca as inseguranças
 - 27 - A mesa dos miúdos fixes ganha um novo significado
- 28 - «Ser ou não ser» é uma pergunta, não é uma deixa de engate
 - 29 - Com amigos destes, todos precisamos de capacetes
- 30 - Quando te vejo, a terra treme... um pouco por todo o lado
- 31 - As meninas crescidas não choram (A menos que queiram)
 - 32 - Denali é grande e a negação é ainda maior
 - 33 - Não é só a Madonna que tem uma estrela da sorte
 - 34 - Vale tudo no amor e nos terramotos
- 35 - Alasca com gelo é mais do que uma bebida saborosa
 - 36 - Tudo bem, tudo mal

- 37 - Se não aguentas a resposta, não perguntas
- 38 - Nada diz «eu amo-te» como um par de presas no pescoço
- 39 - Nunca temos um alucinogénio por perto quando precisamos
- 40 - A magia dos desejos
- 41 - Vampiros, Dragões e Lobisomens, oh Deus!
- 42 - Ainda bem que não há panquecas na ementa
- 43 - O que vem de cima não me atinge, mas assusta-me
- 44 - Lar, doce Alasca
- 45 - Eu sabia que havia uma chama entre nós, mas só agora percebi que é o teu hálito
- 46 - Como-te a ti e ao cão
- 47 - A primeira dentada é a pior
- 48 - Isso é uma estaca que tens no bolso ou estás contente por me ver?
- 49 - O mundo acaba por quebrar toda a gente
- 50 - Quem mora numa torre de vidro não deve atirar dragões
- 51 - Prova de fogo de dragão
- 52 - Se não podes viver sem mim, porque é que ainda não morreste?
- 53 - Se este beijo vai começar uma guerra, é bom que valha a pena
- 54 - O que pode ser mais interessante do que beijar-me?
- 55 - Não vale a pena chorar sobre chá derramado
- 56 - Vampira louca
- 57 - Problemas até mais não
- 58 - Nunca te atires à confiança com alguém que sabe voar
- 59 - Aproveita a morte
- 60 - Há quem lhe chame paranoica, eu chamo-lhe uma cabra maléfica que nos quer usar para sacrifício humano
- 61 - As palavras magoam-nos, mas os vampiros matam-nos
- 62 - Onde há fumo há um vampiro morto
- 63 - Uma trinca memorável
- 64 - E que tal um final feliz normal?
- 0 - Ela persistiu — Jaxon —
- Agradecimentos

*Para os Meus Filhos,
Que Sempre Acreditaram em Mim
e
Para a Stephanie,
Que Me Ajudou a Voltar a Acreditar em Mim.*



0

Se não vives no limite estás a ocupar demasiado espaço

Estou junto à porta que dá para a pista, a mirar o avião para o qual estou prestes a subir, e tento não me passar.

Falar é fácil.

E não só por estar a deixar para trás tudo aquilo que conheço, embora, até há dois minutos, fosse *essa* a minha grande preocupação. Agora, ao olhar para o avião que nem sei se merece ser chamado de avião, sinto todo um novo nível de pânico a instalar-se.

— Então, Grace. — O homem que o meu tio Finn mandou ao meu encontro olha-me com um sorriso paciente. Julgo que se chama Philip, mas não tenho a certeza. Sinto o coração aos saltos e tenho dificuldade em ouvi-lo. — Estás pronta para uma aventura?

Não. Não, não estou pronta, *de todo*. Nem para uma aventura, nem para aquilo que me possa estar destinado.

Se há um mês me dissessem que estaria à beira de um aeroporto em Fairbanks, no Alasca, eu diria que estavam enganados. E se me dissessem que estava em Fairbanks para apanhar o mais pequeno aeroplano que já inventaram, a caminho do que parecia ser o fim do mundo — ou, neste caso, uma povoação em Denali, a montanha mais alta da América do Norte —, eu diria que teriam perdido a cabeça.

Mas há muita coisa que pode mudar em trinta dias. E ainda mais pode ser destruída.

Verdade seja dita, a única coisa com que pude contar nas últimas semanas

é que por muito más que as coisas sejam, elas podem sempre piorar...



1

Aterrar é atirarmo-nos ao chão e rezar para não falharmos

— Lá está ela — diz o Philip ao passarmos por uma série de picos montanhosos. Solta uma mão da coluna de direção e aponta para um pequeno grupo de edifícios à distância. — Healy, Alasca. Lar, doce lar.

— Uau. Parece... — Minúscula. Parece mesmo minúscula. Bem mais pequena do que o meu bairro em San Diego, já para não falar da cidade toda. Claro que é difícil ver seja o que for daqui de cima. Não por causa das montanhas que se agigantam em torno da zona, quais monstros esquecidos, mas porque estamos no meio de uma espécie de neblina bizarra a que o Philip se refere como «crepúsculo civil», mesmo sendo cinco da tarde. Mas ainda consigo ver o suficiente para discernir que a suposta povoação para onde ele está a apontar é composta por construções desemparelhadas agrupadas aleatoriamente. Acabo por decidir dizer apenas: — Interessante. Parece interessante.

Não é a primeira descrição que me surge — não, a primeira foi o velho cliché de o inferno ter gelado —, mas é a mais educada. Entretanto, o Philip baixa ainda mais, preparando-se para aquilo que tenho a certeza que será mais um incidente lamentável na longa lista de incidentes lamentáveis que me têm atormentado desde que há dez horas entrei para o primeiro de três aviões.

E não tardo a ver aquilo que passa por aeroporto naquela povoação de mil almas (obrigado, Google), quando o Philip diz: — Segura-te, Grace. A pista é curta, porque, por estas bandas, é difícil ter uma pista longa sem neve ou gelo durante muito tempo. Vai ser uma aterragem rápida.

Não faço ideia do que possa ser uma «aterragem rápida», mas as palavras não me soam amistosas. Por isso agarro-me à barra da porta do avião, razão da sua existência, imagino, e seguro-me com força à medida que vamos baixando cada vez mais.

— E pronto, miúda, ou vai ou racha! — exclama o Philip. Algo que, já agora, entra garantidamente para o *top* cinco de coisas que *nunca* queremos ouvir da boca de um piloto quando ainda estamos no ar.

O solo branco aproxima-se inexoravelmente e eu fecho os olhos com força.

Daí a uns segundos sinto as rodas as deslizar pelo chão. Depois, o Philip pisa o travão com força suficiente para me atirar para a frente com violência que só o cinto de segurança impede que vá bater com a cabeça no painel de controlos. O avião geme — não sei que parte do aparelho está a fazer aquele som horrível, nem se por acaso será um dobre a finados coletivo — por isso, opto por ignorá-lo.

Sobretudo quando começamos a patinar para a esquerda.

Mordo o lábio e mantenho os olhos cerrados, mesmo com o coração a ameaçar saltar-me do peito. Se este é o meu fim, não o quero ver a chegar.

A ideia distrai-me, deixa-me a pensar naquilo que a minha mãe e o meu pai podem ter visto a chegar, e quando anulo essa linha de pensamento, o Philip está a imobilizar o avião que estremece.

Sei bem o que isso é. Neste preciso momento até os dedos dos pés me estão a tremer.

Abro devagarinho os olhos, resistindo à tentação de dar palmadinhas pelo corpo todo para garantir que ainda estou inteira. O Philip limita-se a soltar uma gargalhada e diz:

— Tal como nos ensinam na escola de pilotagem.

Pois, talvez se for uma escola de livro de terror. Um livro que ele está a ler de cabeça para baixo e de trás para a frente.

Mas não digo nada. Só lhe ofereço o único sorriso que consigo mostrar neste momento e pego na mochila que tenho debaixo dos pés. Tiro as luvas que o tio Finn me mandou e calço-as. Depois abro a porta do aeroplano com um empurrão e salto, sempre a rezar para que os meus joelhos me sustentem quando chegar ao chão.

Conseguem fazê-lo, com esforço.

Depois de alguns segundos para garantir que não vou cair — e para me aconchegar mais no meu casaco novinho, pois estamos com temperaturas negativas — dirijo-me ao fundo do avião e pego nas três malas que são o que resta da minha vida.

Sinto uma pontada de mágoa ao olhar para elas, mas não me permito lamentar por aquilo que tive de deixar para trás, tal como não empreendo na ideia de haver estranhos a viverem na casa onde cresci. Afinal de contas, o que interessa uma casa, ou material de pintura, ou uma bateria quando perdi tanto mais?

Ao invés, agarro num dos sacos que fazem de porão de carga do pequeno aparelho e puxo-o com esforço para o chão. Antes de me lançar ao segundo, o Philip está ao meu lado, a pegar nas outras duas malas como se estivessem cheias de almofadas, e não as únicas posses que tenho no mundo.

— Anda, Grace. Vamos embora antes que fiques roxa. — Indica um parque de estacionamento — nem sequer é um *edificio*, apenas um parque de estacionamento — a uns duzentos metros e só me apetece gemer. Está tanto frio que agora tremo por um motivo completamente diferente. Como pode alguém viver assim? É surreal, sobretudo se pensar que estavam vinte graus onde acordei esta manhã.

Mas não posso fazer nada além de assentir, portanto é isso mesmo que faço. Depois, agarro na pega da mala e começo a arrastá-la na direção de uma pequena área de betão que deve ser o que faz de aeroporto em Healy. Não há comparação com os terminais movimentados de San Diego.

O Philip ultrapassa-me sem problemas, com uma grande mala pendurada em cada mão. Começo a dizer que pode esticar as pegas e puxá-las sobre as rodinhas, mas assim que saio da pista para o terreno nevado que a rodeia em todas as direções percebo o motivo por que as está a levantar — é quase impossível arrastar uma mala pesada pela neve.

Apesar do casaco grosso e das luvas forradas a pelo sintético, quando chegamos a meio caminho do parque de estacionamento (felizmente, ainda limpo de neve) estou quase gelada. Não sei o que devo fazer a partir daqui, como é suposto chegar ao colégio que o meu tio dirige, pelo que me viro para perguntar ao Philip se existe alguma coisa parecida com a Uber neste sítio. Mas antes de conseguir abrir a boca, alguém sai detrás de uma das carrinhas de caixa aberta no estacionamento e vem a correr na minha direção.

Acho que é a minha prima Macy, mas como ela está coberta de roupa protetora contra o frio, da cabeça aos pés, é difícil ter a certeza.

— Chegaste! — exclama o monte ambulante de chapéus, cachecóis e blusões. Confirmo, é mesmo a Macy.

— Cheguei — concordo, num tom seco, interrogando-me se ainda irei a tempo de reconsiderar o encaminhamento para uma família adotiva. Ou a emancipação. Qualquer opção de alojamento em San Diego terá de ser melhor do que viver numa povoação em que o aeroporto é composto por uma pista e um parque de estacionamento minúsculo. A Heather vai passar-se, quando lhe enviar uma mensagem.

— Finalmente! — diz a Macy, estendendo os braços para um abraço que se revela atrapalhado, em parte devido às roupas que ela tem e, em parte porque, mesmo sendo um ano mais nova do que os meus dezassete anos, é uns vinte centímetros mais alta do que eu. — Há mais de uma hora que estou à espera.

Retribuo o abraço, mas largo-a rapidamente e respondo.

— Desculpa, o avião saiu atrasado de Seattle. Foi difícil levantar voo com a tempestade.

— Pois, de vez em quando ouvimos dizer isso — conta-me ela com um esgar. — Parece que o tempo por lá é ainda pior do que o nosso.

Quero discordar. Quilómetros de neve e material de proteção suficiente para assustar um astronauta parece-me bastante mau. Mesmo sendo primas, não conheço a Macy assim tão bem, e se há coisa que não quero é ofendê-la. Além do tio Finn, e agora do Philip, ela é a única pessoa que eu conheço neste sítio.

Já para não dizer que é a única família que me resta.

É por isso que acabo por me limitar a encolher os ombros.

Deve ter sido suficiente como resposta, pois ela oferece-me um sorriso antes de se dirigir ao Philip, que ainda segura as minhas malas.

— Obrigada por a teres ido buscar, tio Philip. O pai diz que te deve um *pack* de cervejas.

— Não me custou nada, Mace, tinha mesmo de fazer umas coisas em Fairbanks. — O Philip di-lo num tom casual, como se pegar num avião para fazer mais de trezentos quilómetros de ida e volta não fosse nada de mais. Mas talvez não seja mesmo, num lugar em que só há montanhas e neve em todas as direções. Afinal de contas, segundo a Wikipedia, Healy só tem uma estrada de acesso, a qual, no inverno, por vezes também é encerrada.

Passei o último mês a tentar imaginar como seria isso. Como seria *lá estar*.

Parece que estou prestes a descobrir.

— Sim, mas ele diz que na sexta-feira leva a cerveja para vocês verem o jogo à boa maneira dos amigos. — Vira-se para mim. — O meu pai ficou muito chateado por não ter conseguido vir buscar-te, Grace. Houve uma emergência no colégio de que mais ninguém podia tratar. Mas disse-me para o chamar assim que chegássemos.

— Não faz mal — respondo-lhe. O que podia eu dizer? Além disso, se aprendi alguma coisa este mês, desde que os meus pais morreram, é que a maior parte das coisas não importam.

Que importância tem quem me vem buscar desde que eu chegue bem ao colégio?

O que me interessa onde vou morar se não for com os meus pais?

O Philip acompanha-nos até ao parque de estacionamento limpo e, finalmente, pousa as malas. A Macy dá-lhe um abraço breve à laia de despedida e eu aperto-lhe a mão e murmuro: — Obrigada por me ter ido buscar.

— Não custou nada. Sempre que precisares de uma boleia aérea fala comigo. — Pisca-me o olho e depois volta à pista para tratar do avião.

Ficamos mais uns segundos a olhar para ele e depois a Macy agarra nas pegas de ambas as malas e começa a puxá-las pelo parque de estacionamento minúsculo. Indica-me que faça o mesmo com a mala que estou a segurar e eu obedeco, embora parte de mim só queira regressar à pista com o Philip, voltar a entrar no avião minúsculo e exigir que seja devolvida a Fairbanks. Ou,

melhor ainda, a San Diego.

A sensação piora quando a Macy pergunta:

— Precisas de fazer xixi? Ainda são uns bons noventa minutos daqui à escola.

Noventa minutos? Isso não me parece possível numa povoação que poderia ser atravessada de carro num quarto de hora, talvez vinte minutos, no máximo. Claro que não vi um edifício que se aproximasse do tamanho necessário de um colégio interno capaz de albergar perto de quatro centenas de adolescentes quando estávamos a chegar de avião, pelo que talvez a escola não fique em Healy.

Não consigo deixar de pensar nas montanhas e nos rios que nos cercam e interrogar-me aonde irei parar antes de o dia chegar ao fim. E, ao certo, onde ela julga que eu devo urinar.

— Estou bem — respondo, passados uns instantes, com o estômago a dar um salto mortal nervoso.

Tudo neste dia se centrou em chegar aqui, e isso já foi mau. No entanto, ao arrastar as malas no lusco-fusco, com o ar gelado a vergastar-me a cada passo que dou, tudo ganha uma sensação de realidade demasiado intensa. Sobreretudo quando a Macy atravessa o parque de estacionamento todo até à *motoneve* estacionada além da berma do passeio.

Começo por julgar que ela está a brincar, mas, quando carrega as malas para o trenó atrelado, ocorre-me que tudo isto está mesmo a acontecer. Estou prestes a andar de *motoneve* nas semitrevas pelo *Alasca* com *dez graus negativos*, segundo a *app* de meteorologia do meu telemóvel.

Só falta a bruxa má a rir-se e a dizer que me vai apanhar a mim e ao meu cão. Claro que, neste momento, isso, provavelmente, seria redundante.

Vejo, com um certo fascínio horrorizado, a Macy a prender as malas ao trenó. Talvez devesse oferecer-me para ajudar, mas não saberia por onde começar. E como estou longe de querer que os parques pertences que me restam no mundo fiquem espalhados pela encosta de uma montanha, decido que é melhor deixar para quem sabe como fazer.

— Toma, vais precisar disto — diz-me a Macy, abrindo o pequeno saco que já estava preso ao trenó quando chegámos junto dele. Procura algo durante uns segundos e tira um par de calças de neve grossas e um cachecol de lã. São ambos cor-de-rosa choque, a minha cor preferida quando era pequena. Mas já não é. Claro que é óbvio que a Macy se lembra disso da última vez que nos vimos e, enquanto me estende as duas peças de roupa, não posso deixar de me sentir comovida.

— Obrigada. — Ofereço-lhe o mais parecido com um sorriso que consigo fazer.

Depois de algumas tentativas frustradas, lá consigo vestir as calças por cima da roupa interior térmica e das calças de pijama polares com estampas de emojis (as únicas calças polares que tinha) que tinha vestido segundo as indicações do meu tio, antes de embarcar no avião em Seattle. Depois observo

a maneira como a Macy tem o cachecol policromático enrolado à volta do pescoço e da cara e faço o mesmo com o meu.

Não é tão fácil como parece, sobretudo fazer com que não deslize da frente do nariz assim que me mexo.

Acabo por conseguir, altura em que a Macy pega num dos capacetes que está nos punhos do guiador da motoneve.

— O capacete está isolado, por isso, não só te vai proteger a cabeça em caso de acidente, como te vai manter quente — indica ela. — Além disso, tem um escudo que te protege os olhos do ar frio.

— Os meus olhos podem congelar? — pergunto, um tanto ou quanto traumatizada, aceitando o capacete e tentando ignorar como é difícil respirar com o cachecol por cima do nariz.

— Os olhos não congelam — responde a Macy com um sorriso, como se não tivesse conseguido conter-se. — Mas o escudo impede que os olhos lacrimejem e deixa-te mais confortável.

— Ah, está bem. — Baixo a cabeça e sinto as faces afogueadas. — Sou tão parva.

— Não és nada. — A Macy envolve-me os ombros com um braço e aperta com força. — O Alasca não é fácil: todos os que cá chegam passam por uma curva de aprendizagem. Não tarda já te sentes à vontade.

Não conto muito com isso. Não sou capaz de imaginar que um sítio tão frio, tão diferente, alguma vez venha a parecer-me familiar, mas não digo nada. A Macy está a esforçar-se tanto por me fazer sentir bem-vinda.

— Sinto muito que tivesses de vir para cá, Grace — continua ela passado um segundo. — Quer dizer, fico entusiasmada por cá estares. Só gostava que não fosse porque... — Não termina a frase. Mas já estou habituada a isso. Depois de semanas a ver amigos e professores a andarem com paninhos quentes ao lidarem comigo, percebi que ninguém quer dizer as palavras.

E eu estou demasiado exausta para preencher os espaços. Ao invés, enfio o capacete e prendo-o tal como a Macy me mostrou.

— Estás pronta? — pergunta-me assim que tenho a cabeça e o rosto tão protegidos quanto possível.

A resposta não mudou desde que o Philip me fez a mesma pergunta em Fairbanks. *De todo*.

— Sim. Prontíssima.

Espero que a Macy suba para a motoneve antes de me sentar atrás dela.

— Segura-te à minha cintura! — grita ao ligar o aparelho, e eu assim o faço. Segundos depois avançamos a toda a brida para o negrume que se estende à nossa frente.

Nunca me senti tão aterrorizada.



2

Viver numa torre não faz de ti um príncipe

A viagem não foi tão má como temia.

Quero dizer, não foi boa, mas isso tem mais que ver com o facto de ter passado o dia a viajar e agora querer um sítio — qualquer um — onde possa ficar mais tempo do que a esperar pelo transporte seguinte. Ou do que uma viagem demorada de motoneve.

E se, por acaso, esse sítio também for quente e desprovido da vida selvagem local que ouço a uivar à distância, pois que venha ele. Sobretudo porque parece que tudo abaixo da minha cintura adormeceu...

Estou a tentar perceber como despertar o meu traseiro bastante dormente quando, de repente, nos desviamos do caminho (e uso «caminho» no sentido mais lato que o termo pode ter) que temos estado a seguir e nos dirigimos a uma espécie de planalto na encosta da montanha. Serpenteamos por mais um renque de árvores quando finalmente vejo luzes mais adiante.

— Aquele é que é o Colégio Katmere? — pergunto o mais alto que consigo para me fazer ouvir.

— Sim. — A Macy abranda ao de leve, contornando árvores como se estivéssemos numa gigantesca pista de *slalom*. — Devemos lá chegar daqui a uns cinco minutos.

Graças a Deus. Se ficar muito mais tempo aqui fora ainda perco um dedo ou três, mesmo com dois pares de meias de lã. Quer dizer, toda a gente sabe que o Alasca é frio, mas agora que aqui estou, percebo como é realmente *muito* frio, e como eu *não* estava preparada.

Ouçó mais um rugido à distância, mas quando, por fim, saímos do meio das árvores torna-se difícil prestar atenção a outra coisa que não seja a enorme

construção que se agiganta à nossa frente, mais próxima a cada segundo que passa.

Ou será que devo dizer o enorme *castelo* à nossa frente, pois a habitação para onde estou a olhar não tem nada que ver com um prédio moderno. E é diferente de todas as escolas que já vi. Tentei pesquisar sobre o colégio antes de cá chegar, mas, pelos vistos, o Colégio Katmere é de tal modo de elite que nem o Google ouviu falar dele.

Para começar é gigante. Tipo, mesmo grande... e vasto. Visto daqui, parece que a muralha de tijolos à frente do castelo dá a volta a metade da encosta.

Depois é elegante. Quando digo elegante, é mesmo, mesmo elegante, com uma arquitetura de que até então só tinha ouvido falar nas aulas de arte. A estrutura é dominada por arcos abobadados, arcobotantes e gigantescas janelas ornamentadas.

Finalmente, à medida que nos aproximamos, sou obrigada a interrogar-me se os meus olhos me estarão a enganar ou se há gárgulas — *gárgulas a sério* — no topo das paredes do castelo. Sei que é apenas a minha imaginação, mas estaria a mentir se dissesse que, por um instante, não me admiraria se o Quasímodo nos recebesse à porta.

A Macy aproxima-se do enorme portão frontal do colégio e introduz um código. Segundos depois, o portão abre-se e retomamos a marcha.

Quanto mais nos aproximamos, mais surreal tudo me parece. É como se estivesse presa num filme de terror, ou num quadro do Salvador Dalí. *O Colégio Katmere pode ser um castelo gótico, mas, pelo menos, não tem um fosso*, digo para comigo quando saímos de um derradeiro renque de árvores. *E não há um dragão a cuspir fogo a guardar a entrada*. Apenas um acesso comprido e sinuoso que lembra todos os acessos a liceus que já vi na televisão, tirando o facto de estar coberto de neve. Para minha grande surpresa. Este caminho vai dar às enormes portas incrivelmente ornamentadas do colégio.

Portas antigas.

Portas de castelo.

Abano a cabeça para me focar. Afinal de contas, em que pé está a minha vida neste momento?

— Eu disse-te que não ia ser nada mau — comenta a Macy ao parar junto à entrada com uma onda de neve. — Não vimos caribus, nem sequer um lobo.

Ela tem razão, pelo que me limito a assentir e finjo que não estou completamente assoberbada; que não tenho um nó no estômago e que o meu mundo não ficou virado do avesso pela segunda vez num mês.

Finjo que estou bem.

— Vamos levar as malas para o teu quarto e instalar-te. Isso irá ajudar-te a relaxar.

A Macy desce da motoneve e depois tira o capacete e o chapéu. É a primeira vez que a vejo sem o equipamento para o frio e não consigo reprimir

um sorriso perante o seu cabelo arco-íris. Usa-o com um corte curto e irregular, e devia ter ficado colado à cabeça depois de três horas enfiado num capacete, mas, ao invés, ela parece que acabou de sair da cabeleireira.

O que, vendo bem, bate certo com o resto: o conjunto, composto por casaco, botas e calças de neve, parece gritar modelo de capa de uma qualquer revista de moda do Alasca.

Por outro lado, o meu aspeto deve parecer que andei à luta com um caribu fulo da vida. E perdi. Sem sombra de dúvida. O que me parece justo, pois é assim que me sinto.

A Macy descarrega rapidamente as malas e, desta vez, pego em duas. Mas nem dou meia dúzia de passos a caminho das imponentes portas do castelo e já estou ofegante.

— É a altitude — explica a Macy, tirando-me uma das malas da mão. — Subimos muito depressa e, como vens do nível do mar, vais precisar de alguns dias para te habituares a quão rarefeito é o ar por aqui.

Basta a ideia de que não consigo respirar como deve ser para voltar a sentir o início do ataque de pânico que mal consegui reprimir durante todo o dia. Fecho os olhos, respiro fundo — tanto quanto possível — e tento contê-lo.

Inspirar, manter por cinco segundos, expirar. Inspirar, manter por dez segundos, expirar. Inspirar, manter por cinco segundos, expirar. Tal com a mãe da Heather me ensinou. A doutora Blake é terapeuta e tem vindo a dar-me dicas sobre como lidar com a ansiedade que sinto desde que os meus pais morreram. Mas não sei se as sugestões dela estão à altura disto.

Claro que não posso ficar aqui especada para sempre, como uma das gárgulas que me fitam lá de cima. Sobretudo porque até de olhos fechados sinto a preocupação da Macy.

Respiro fundo mais uma vez e volto a abrir os olhos, oferecendo à minha prima um sorriso que está longe de ser verdadeiro. «Fingir até que seja verdade» continua a estar na berra, certo?

— Vai correr tudo bem — garante-me ela, os olhos arregalados com a comiseração. — Fica ali e recupera o fôlego. Eu levo-te as malas até à porta.

— Eu faço.

— A sério, não faz mal. Descansa um bocadinho. — Ergue a mão, fazendo o sinal universal para parar. — Não estamos com pressa.

O tom dela não admite discussões, pelo que não discuto. Sobretudo porque o ataque de pânico que estou a tentar reprimir faz com que ainda seja mais difícil respirar. Ao invés, aceno com a cabeça e fico a vê-la levar-me as malas — uma de cada vez — até à entrada do colégio.

Ao olhá-la, um lampejo de cor acima de nós chama-me a atenção.

Aparece e desaparece tão depressa que mesmo quando o procuro, não tenho a certeza se existiu. Mas lá está outra vez. Um clarão vermelho na janela iluminada da torre mais alta.

Não sei quem é, nem porque é que isso possa interessar, mas estaco. A

olhar na sua direção. À espera. A pensar se quem fez aquilo voltará a surgir.

Não demora para que o volte a vislumbrar.

Não consigo ver bem — a distância, o escuro e o vidro distorcido das janelas ocultam muita coisa —, mas fico com a impressão de haver um maxilar forte, cabelo escuro desgrenhado, um casaco vermelho contra um fundo de luz.

Não é grande coisa, nem há motivo para que me tenha chamado a atenção — e muito menos para me a *prender* —, mas dou comigo a olhar para a janela durante tanto tempo que a Macy leva as três malas até ao topo das escadas sem que eu perceba.

— Vamos tentar outra vez? — pergunta ela do lugar onde se encontra, junto às portas de entrada.

— Ah, sim. Claro. — Retomo a subida dos últimos, talvez, trinta degraus, enquanto tento ignorar o rodopiar da minha cabeça. Hipobaropatia — mais uma coisa com que nunca tive de me preocupar em San Diego.

Fantástico.

Observo a janela uma última vez e não fico surpreendida ao perceber que quem me estivera a olhar já desapareceu. Não obstante, sinto uma inexplicável pontada de decepção. Mas isso não faz sentido, pelo que o ignoro. Tenho mais com que me preocupar neste momento.

— Este sítio é inacreditável — comento com a minha prima quando ela abre uma das portas e entramos.

E, valha-me tudo, pensava eu que esta cena do castelo com arcadas e maçonaria elaborada era imponente vista do exterior. Agora que vi o interior... Agora que vi o interior tenho a certeza de que devia estar a fazer vénias. Quero dizer, *uau*. É tudo o que me vem à cabeça... *uau*.

Não sei para onde olhar primeiro, se para o teto alto, com um lustre intrincado de cristal negro, ou para a lareira em chamas que domina toda a parede direita do átrio.

Acabo por escolher a lareira, porque... *calor*. E também porque é linda, com a prateleira que a rodeia a exhibir um padrão complexo de pedra e de vitrais que refletem a luz das chamas para todo o espaço.

— Muito fixe, não é? — sorri a Macy, chegando junto a mim.

— Completamente — concordo. — Este sítio é...

— Mágico. Eu sei. — Olha para mim e ergue as sobrancelhas. — Queres ver o resto?

Claro que sim. Continuo longe de estar rendida à ideia do colégio interno no Alasca, mas isso não quer dizer que não queira visitar o castelo. Quero dizer, é um *castelo*, com paredes de pedra e tapeçarias finas junto às quais quero parar para observar ao pormenor enquanto percorremos a entrada a caminho de uma espécie de sala comum.

O problema é que quanto mais entramos no colégio, com mais alunos nos cruzamos. Alguns estão de pé em grupos dispersos, a falar e a rirem-se, ao passo que outros estão sentados às várias mesas de madeira riscada,

debruçados sobre livros, telefones ou ecrãs de portáteis. Ao fundo de uma sala está um grupo de seis rapazes, distribuídos por vários divãs de aspeto antigo, em vários tons de vermelho e dourado; jogam Xbox num televisor enorme, com mais alguns estudantes à volta deles, a ver.

Mas, quando nos aproximamos, reparo que não estão a assistir ao vídeojogo. Ou a olhar para os livros. Nem sequer para os telefones. Ao invés, estão todos a olhar para *mim*, enquanto a Macy me leva — e, com levar, quero dizer exhibe — pelo meio da sala.

Sinto um aperto no estômago e baixo a cabeça para ocultar o desconforto óbvio. Percebo que todos queiram ver a miúda nova — sobretudo por ser a sobrinha do diretor —, mas isso não ajuda a suportar o escrutínio por parte de um bando de estranhos. Ainda para mais porque de certeza que tenho o pior caso de cabelo acachapado já visto.

Estou demasiado ocupada a evitar contacto visual — e a controlar a respiração — para falar enquanto atravessamos a sala, mas quando saímos para um longo corredor sinuoso lá consigo dizer à Macy:

— Nem acredito que andes nesta escola.

— Andamos *as duas* nesta escola — recorda-me ela com um sorriso momentâneo.

— Pois, mas...

Acabei de chegar. E nunca me senti tão deslocada na vida.

— Mas? — repete ela com as sobrancelhas arqueadas.

— É muito. — Olho para as maravilhosas janelas de vitrais que ocupam a parede exterior e para a moldura entalhada elaborada que decora o teto abobadado.

— Pois é. — Ela abranda até que a alcanço. — Mas é a nossa casa.

— É a tua casa — murmuro, esforçando-me por não pensar na casa que deixei para trás, onde o mais bizarro eram os espanta-espíritos e as carapetas que a minha mãe tinha no alpendre.

— É a *nossa* casa — insiste a Macy, pegando no telefone e enviando uma mensagem rápida. — Vais ver. Por falar nisso, o meu pai quer que te dê a escolher o tipo de acomodação que queres.

— Acomodação? — interrogo, olhando à minha volta, enquanto imagens de fantasmas e armaduras ambulantes me percorrem a mente.

— Bem, os quartos individuais já foram todos distribuídos para este semestre. O pai disse que podíamos mudar alguém de sítio para que ficasses com um quarto individual, mas eu estava a contar que pudesses querer ficar comigo. — A Macy oferece um sorriso esperançoso que se desvanece num segundo. — Quero dizer, entendo perfeitamente que possas querer um espaço só para ti depois de...

E cá está, mais uma vez, aquele interromper abrupto da conversa. Como sempre, isso incomoda-me. Regra geral ignoro-o, mas, desta vez, não consigo conter-me e pergunto:

— Depois do quê?

Quero que mais alguém o diga, nem que seja só desta vez. Quem sabe, talvez assim comece a parecer mais real e menos um pesadelo.

Só que, quando a Macy se engasga e fica da cor da neve lá fora, percebo que essa pessoa não vai ser ela. E que é extremamente injusto esperar que seja.

— Desculpa — murmura ela, e agora quase parece que está prestes a chorar, mas, por favor, não. Não. Não vamos por aí. Sobre tudo quando aquilo que está a fazer com que eu me consiga aguentar é a minha atitude desagradável e a capacidade de compartimentar as coisas.

Não me vou arriscar a perder o controlo seja do que for. Não aqui, à frente da minha prima e de quem mais possa passar. Especialmente, numa altura em que é óbvio, pelos olhares que recebo, que me tornei a nova atração do zoo.

Portanto, ao invés de me atirar à Macy em busca do abraço de que tão desesperadamente preciso e de me deixar levar pelas saudades que sinto da minha casa, dos meus pais e da minha *vida*, faço uma pausa e ofereço-lhe o sorriso mais rasgado que consigo invocar.

— E se me mostrasses o *nosso* quarto?

A preocupação não lhe desaparece do olhar, mas é como se o sol voltasse a aparecer.

— O *nosso* quarto? A sério?

Suspiro para dentro e digo adeus ao meu sonho de alguma tranquilidade solitária. Não é tão difícil como deveria ser, mas, verdade seja dita, no último mês perdi muito mais do que o meu próprio espaço.

— A sério. Partilhar o quarto contigo parece-me excelente.

Já a deixei perturbada antes, o que não faz, de todo, o meu estilo. Também não pretendo expulsar ninguém do quarto. Além de ser grosseiro e de raiar o nepotismo, isso parece, igualmente, uma maneira garantida de irritar alguns colegas — o que, por enquanto, não está na minha lista de coisas a fazer.

— Espetacular! — A Macy ri-se e envolve-me com os braços para um abraço rápido, mas poderoso. Depois olha de relance para o telemóvel e revira os olhos. — O meu pai ainda não me respondeu. Ele é terrível para ler mensagens. E se esperasses ali um bocadinho enquanto o vou buscar? Sei que ele queria falar contigo assim que chegássemos.

— Eu não me importo de ir...

— Vai sentar-te, Grace, por favor. — A Macy aponta para as cadeiras de estilo provençal francês que ladeiam uma pequena mesa de xadrez numa alcova à direita da escadaria. — Imagino que estejas exausta. A sério, eu trato disto. Descansa um bocadinho enquanto eu vou buscar o meu pai.

Ela tem razão — dói-me a cabeça e continuo com um aperto no peito —, por isso vou sentar-me na cadeira mais próxima. Dizer que estou cansada é um eufemismo e só quero recostar a cabeça contra as costas da cadeira e fechar os olhos por um instante. Mas receio adormecer se o fizer. E não vou correr o risco de ser a miúda apanhada a babar-se no corredor, no primeiro dia na escola... nem nunca.

Pego numa das peças de xadrez à minha frente, mais para me impedir de dormir do que por interesse real. Feita de pedra entalhada, arregalo os olhos quando percebo aquilo para que estou a olhar. A representação de um vampiro, excelente até ao pormenor da capa preta e presas arreganhadas. Vai tão ao encontro do estilo do castelo que me faz sorrir. Além disso, é uma obra de arte fabulosa.

Intrigada, pego numa peça do outro lado. E quase me rio quando percebo que é um dragão — feroz, régio, com asas gigantescas. É lindo.

Todo o conjunto é espantoso.

Pouso-a e agarro noutro dragão. Este é menos feroz, mas os seus olhos sonolentos e as asas dobradas dá-lhe um aspeto mais obscuro. Observo-o, fascinada com o nível de pormenores — tudo, desde os pontos perfeitos nas asas à curva atenta de cada garra, reflete o cuidado que o artista dedicou à peça. Nunca fui apreciadora de xadrez, mas este conjunto pode fazer-me mudar de ideias em relação ao jogo.

Quando pouso o dragão, contorno o tabuleiro e agarro na rainha vampira. É linda, com cabelo comprido, liso e uma capa decorada com pormenores elaborados.

— Se fosse a ti tinha cuidado com essa. Ela morde e bem. — As palavras soam graves e baixas, tão perto de mim que quase caio da cadeira. Ao invés, salto, pousando a peça de xadrez com estrépito; depois dou meia-volta com o coração acelerado e deparo-me com o indivíduo mais intimidante que alguma vez vi. E não só porque é giro... embora o seja, e muito.

Não obstante, há qualquer coisa nele, algo diferente, poderoso e esmagador, embora não faça ideia do que possa ser. Quero dizer, ele tem o tipo de rosto sobre o qual os poetas oitocentistas adoravam escrever — demasiado intenso para ser belo e demasiado marcante para ser outra coisa que não isso.

Maços do rosto salientes.

Lábios vermelhos e carnudos.

Um maxilar de tal modo anguloso que seria capaz de cortar pedra.

Pele alva e lisa como mármore.

E os olhos... obsidiana sem fundo que tudo vê e nada mostra, emoldurados pelas pestanas mais compridas e mais obscenas que já vi.

E o pior é que estes olhos oniscientes estão agora focados em mim. De súbito, receio que ele consiga ver tudo o que me esforcei tanto por esconder. Tento baixar a cabeça, tento soltar o meu olhar do dele, mas não consigo. Estou aprisionada pelo seu olhar, hipnotizada pelo imenso magnetismo que ele emana em ondas.

Engulo em seco e tento recuperar o fôlego.

Não resulta.

E agora está a sorrir, com um canto da boca erguido num sorriso retorcido que atinge cada célula do meu corpo. O que piora tudo, pois o sorriso diz que ele sabe exatamente o tipo de efeito que está a ter em mim. E, pior, que está a

gostar.

Sinto uma pontada de irritação quando me apercebo, desfazendo o manto de dormência que me rodeia desde a morte dos meus pais. Despertando-me da letargia que é a única coisa que me impede de passar o dia, todos os dias, aos gritos pela injustiça de tudo isto. Pela dor, pelo horror, pela impotência que se apoderaram da minha vida.

Não gosto da sensação. E o facto de ser este tipo — com aquele sorriso afetado, aquele rosto, aqueles olhos frios que se recusam a desviar-se de mim enquanto me exigem que não olhe com demasiada intensidade — enfurece-me ainda mais.

É esta fúria que finalmente me dá força para me libertar do seu olhar. Desvio os olhos e procuro desesperadamente alguma coisa onde me focar — seja o que for.

Infelizmente, ele está mesmo à minha frente, tão perto que bloqueia tudo o resto.

Determinada a evitar aqueles olhos, procuro outra coisa. E vou pousar no seu corpo magro e enorme. Fico a desejar não o ter feito, pois as calças pretas e a *t-shirt* que está a usar destacam-lhe a barriga lisa e os bíceps definidos. Para não falar dos seus ombros largos, que são, sem dúvida, os responsáveis por não conseguir ver mais nada além dele.

Se a isso juntarmos o espesso cabelo escuro, usado comprido o suficiente para lhe cair sobre o rosto e roçar as suas maçãs do rosto que parecem quase esculpidas, não resta nada a não ser ceder. Não posso fazer nada, salvo admitir que, com ou sem sorriso irritante, este rapaz é todo ele *sexy*.

Um bocadinho perverso, muito selvagem e *emana muito perigo*.

O pouco oxigénio que consegui inspirar para os pulmões a esta altitude desaparece por completo com essa epifania. O que me deixa ainda mais zangada. Quero dizer, a sério? Quando é que me tornei a heroína de um romance para adolescentes? A miúda nova babada pelo rapaz mais giro e inalcançável da escola?

Que nojo. Nem pensar que isso vai acontecer.

Determinada a pôr fim ao que seja que isto for, obrigo-me a olhar mais uma vez para o rosto dele. Desta vez, quando os nossos olhares se cruzam e chocam, percebo que não importa se eu estou a agir como se estivesse a viver um qualquer cliché romântico.

Porque ele não está.

Basta-me olhar para ele e percebo que este rapaz sombrio com os olhos velados e a atitude arrogante não é o herói da história de ninguém. E muito menos da minha.



3

Não são apenas as rainhas vampiras que mordem bem

Procuro algo com que quebrar a tensão, pois estou determinada a não deixar alongar este concurso de olhares que mais parece uma demonstração de domínio. Decido-me pela única coisa que ele me disse até agora.

— *Quem* é que morde bem?

Estende o braço ao meu lado e agarra na peça que eu pousei, mostrando-me a rainha.

— Ela não é muito simpática.

Fito-o.

— *Ela* é uma peça de xadrez.

Os olhos de obsidiana reluzem.

— E depois?

— E depois, ela é uma peça de *xadrez*. É feita de *mármore*. Não pode morder ninguém.

Ele meneia a cabeça num gesto que diz *nunca se sabe*.

— «Há mais coisas entre o céu e o inferno, Horácio, / Do que sonha a tua vã filosofia.»

— Terra — corrijo sem pensar.

Ele arqueia uma sobrancelha negra, curioso, e eu continuo:

— A citação é, «Há mais coisas entre o céu e a *terra*, Horácio».

— Não me digas. — A expressão dele não se altera, mas o tom denota uma certa troca que, até agora, não estava presente, como se tivesse sido eu a enganar-me, e não ele. Mas eu sei que tenho razão. Lemos o *Hamlet* em

literatura inglesa no mês passado, e a professora demorou-se uma eternidade nessa citação. — Acho que gosto mais da minha versão.

— Mesmo estando errada?

— Sobretudo por estar errada.

Não faço ideia do que responder a isso, pelo que me limito a abanar a cabeça. Interrogo-me o quão perdida vou ficar se for já à procura da Macy e do tio Finn. Provavelmente muito, dado o tamanho deste sítio. Mas começo a pensar que valeria a pena o risco, porque quanto mais tempo aqui fico, mais me apercebo de que este tipo é tão aterrorizador como intrigante.

Não sei o que é pior. E quanto mais tempo passa, menos quero descobrir.

— Tenho de me ir embora. — Obrigo as palavras a saírem pelo maxilar que nem sabia que estava cerrado.

— Pois tens. — Ele dá um breve passo atrás, indica a sala comum que eu e a Macy acabámos de atravessar com um aceno de cabeça. — A porta é por ali.

Não é a resposta que esperava, e isso deixa-me reticente.

— E depois, tenho de ter cuidado ao sair?

Ele encolhe os ombros.

— Desde que saias deste colégio, pouco me importa se tens cuidado ou não. Eu avisei o teu tio de que não estarias a salvo, mas parece-me óbvio que ele não gosta muito de ti.

Sinto uma pontada de fúria com as palavras que eliminam o que restava da dormência que me afetara.

— E quem é que és tu? O comité de más-vindas de Katmere?

— Comité de *más*-vindas? — O tom da voz é tão pedante como a expressão no rosto. — Acredita, não vais ter melhor receção do que esta.

— Ah então é assim? — Ergo as sobranceiras e abro os braços. — As belas das boas-vindas ao Alasca?

— É mais bem-vinda ao inferno. Agora, desaparece.

Esta ordem é proferida com um rosnido que me puxa o coração até à garganta. Mas também me faz disparar a irritação até à estratosfera.

— É a falta de qualquer coisa que te deixa com um mau feitio de merda? — cuspo. — Ou és sempre assim tão simpático?

Furiosa, as palavras saem em rajada, antes sequer de saber que as vou proferir. Mas assim que ganham liberdade, não me arrependo delas. Nem pensar, pois o choque que lhe percorre o rosto apagou-lhe, finalmente, o sorriso irritante.

Por um minuto, pelo menos. Depois riposta:

— Se isso é o melhor que tens, não te dou nem uma hora.

Sei que não o devia perguntar, mas o ar dele é tão presunçoso que não me consigo conter.

— Até que aconteça o quê?

— Até que alguma coisa te coma. — Ele não o diz, mas o *obviamente* está insinuado. O que me irrita ainda mais.

— A sério? Não tens nada melhor? — Reviro os olhos. — Morde aqui, a ver se eu deixo.

— Nã, não me parece. — Olha-me de alto a baixo. — Nem sequer como entrada servias.

Depois começa a aproximar-se, a debruçar-se, até estar quase a murmurar-me ao ouvido.

— Talvez um lanche rápido. — Fecha a boca com um bater de dentes sonoro, que me faz dar um salto e arrepiar-me ao mesmo tempo.

O que eu detesto... mesmo.

Olho em volta, curiosa para saber se mais alguém estará a testemunhar esta cena. Mas agora, ao contrário de alguns momentos antes, em que toda a gente me fitava, todos parecem esforçar-se por me evitar. Um rapaz muito magrinho, com um espesso cabelo ruivo, mantém a cabeça virada para o outro lado de tal forma desajeitada enquanto percorre a sala, que quase vai de encontro a outro aluno.

O que me diz tudo aquilo de que preciso de saber acerca deste tipo.

Determinada a recuperar o controlo da situação — e sobre mim própria — dou um grande passo atrás. Depois, ignorando o coração que tenho aos saltos e os *pterodáctilos* que andam às voltas no estômago, exijo saber:

— Mas o que é que se *passa* contigo? — Quero dizer, a sério. Ele tem os modos de um urso-polar raivosos.

— Tenho um século ou três? — O sorriso escarninho voltou. É óbvio que se orgulha de gozar comigo. Por um instante, e nem um segundo a mais do que isso, penso como seria agradável dar-lhe um murro no meio daquela boca irritante.

— Sabes que mais? Não tens de ser assim tão...

— Não me digas aquilo que tenho ou não de ser. Não fazes ideia onde te vieste meter.

— Oh não! — Finjo uma expressão assustada. — Esta é parte da história em que me contas sobre os monstros maus que andam lá fora no gelo do Alasca?

— Não, esta é a parte da história em que te mostro os monstros maus que há aqui neste castelo. — Dá um passo em frente, encurtando a pequena distância que consegui pôr entre nós.

E lá vai outra vez o meu coração, qual passarinho engaiolado numa tentativa desesperada de fugir.

Detesto isto.

Detesto que ele me tenha superado, e o facto de estar assim tão perto dele me faça sentir uma série de coisas que não devia sentir por alguém que tem sido tão parvo comigo. Detesto ainda mais que a expressão nos olhos dele digam que sabe exatamente aquilo que estou a sentir.

É humilhante que eu esteja a reagir com tanta intensidade quando tudo o que ele sente é desprezo, pelo que recuo mais um passo instável. Depois outro. E outro.

Mas ele acompanha-me, avançando um passo por cada um que eu recuo, até que fico encurralada entre ele e a mesa de xadrez que me pressiona as coxas. Embora não tenha para onde ir, embora fique presa ali, à frente dele, ele debruça-se mais, *aproxima-se* ainda mais, até que lhe sinto o hálito quente na face e o roçar do cabelo preto sedoso na pele.

— O que...? — O pouco fôlego que consegui recuperar fica-me preso na garganta. — O que estás a fazer? — exijo, com a mão dele a passar-me ao lado da cabeça.

Não responde à primeira. Mas quando a recolhe tem uma das peças com o dragão na mão. Mostra-me a figura, arqueia a sobrancelha num gesto provocador e responde.

— Tu é que quisteste ver os monstros.

Este é feroz, os olhos semicerrados, as garras esticadas, a boca aberta a mostrar dentes irregulares aguçados. Claro que, mesmo assim, não passa de uma peça de xadrez.

— Não tenho medo de um dragão de três dedos de altura.

— Pois, mas devias.

— Pois, mas *não tenho*. — As palavras saem-me mais estranguladas do que o esperado. Ele pode ter dado um passo atrás, mas continua demasiado próximo. A tal ponto que lhe sinto o hálito na face e o calor que lhe emana do corpo. Tão perto que se respirar fundo fico com o peito contra o dele.

Pensar nisso atija mais um caleidoscópio de borboletas no mais fundo do meu ser. Não consigo recuar mais, mas posso *incliná-la* um bocadinho sobre a mesa. E é isso mesmo que faço — enquanto aqueles olhos escuros e inescrutáveis me acompanham cada movimento.

O silêncio prolonga-se entre nós por um... dez... vinte e cinco segundos, até que, por fim, ele pergunta:

— Então, se não tens medo do que se esconde na noite, tens medo *do quê?*

Imagens do carro dos meus pais esmagado assomam-me à mente, seguindo-se a visão dos corpos maltratados. Eu era a única família deles em San Diego — ou em qualquer lado, salvo o Finn e a Macy —, pelo que fui eu que tive de ir à morgue. Fui eu que tive de identificar os corpos; que os teve de ver esmurrados, ensanguentados e quebrados antes de a funerária os restaurar.

A angústia familiar renova-se em mim, mas faço o que tenho vindo a fazer nas últimas semanas. Reprimó-a. Finjo que não existe.

— Pouca coisa — respondo-lhe num tom tão descontraído quanto possível. — Depois de perdermos tudo aquilo que nos interessa, pouco resta que receemos.

Ele estaca com as minhas palavras, o corpo a retesar-se de tal maneira que dá a ideia de poder estilhaçar-se. Os olhos mudam, com a selvajaria a desaparecer entre um pestanejar e o seguinte, até só restar a imobilidade.

Imobilidade e uma agonia tão profunda que mal a vejo por trás das camadas e camadas de defesas que ele ergueu.

Mas *consigo* vê-la. Mais, consigo *senti-la* a apelar à minha dor.

É uma sensação terrível e emocionante. Terrível a ponto de mal a conseguir suportar. Emocionante a ponto de não a conseguir deter.

Portanto, não o faço. Nem ele.

Ao invés, ficamos ali, imobilizados. Devastados. Ligados através dos nossos horrores muito díspares de um modo que sou capaz de sentir, mas que não compreendo.

Não sei quanto tempo ficamos assim, a fitar-nos mutuamente. A reconhecer a dor alheia, porque não podemos aceitar a nossa.

O suficiente para que a animosidade se esvaia de mim.

O suficiente para que lhe veja as centelhas prateadas na meia-noite que são os olhos dele — estrelas distantes que brilham na escuridão que ele não tenta esconder.

Mais do que o suficiente para que eu consiga controlar o meu coração desenfreado. Pelo menos até ele estender a mão e segurar com toda a gentileza um dos meus milhões de caracóis.

E esqueço-me outra vez de como respirar.

O calor enche-me quando ele estica a madeixa, aquecendo-me pela primeira vez desde que abri a porta do avião do Philip, em Healy. É confuso e avassalador e não faço ideia de como reagir.

Ainda há cinco minutos, este tipo estava a ser um absoluto idiota comigo. E agora... agora, não sei nada. Exceto que preciso de espaço. E de dormir. E da hipótese de respirar uns minutos que seja.

Com isso em mente, levanto as mãos e empurro-lhe os ombros, num esforço de conseguir algum espaço. Mas é como se estivesse a empurrar uma parede de granito. Ele nem se mexe.

Pelo menos até que murmuro:

— Por favor.

Ele espera mais um segundo, quiçá dois ou três — até que fico com a cabeça zonga e as mãos a tremer —, e finalmente recua.

Enquanto o faz, passa com a mão pelo seu cabelo escuro. As madeixas compridas afastam-se o suficiente para revelar uma cicatriz irregular que vai desde o centro da pálpebra esquerda até ao canto esquerdo da boca. É fina e branca, que mal se nota contra à alvura daquela pele, mas, não obstante, está lá — sobretudo quando olhamos para o «V» que ela faz no fim da sobrancelha escura.

Devia torná-lo menos atraente, devia fazer alguma coisa — qualquer coisa — para quebrar o poder incrível da beleza dele. Mas a cicatriz só intensifica o risco, transforma-o de mais um menino bonito com um ar angélico em alguém um milhão de vezes mais cativante. Um anjo caído cuja aura de malandro se sente a quilómetros... e com um milhão de histórias que corroboram essa aura.

A par da angústia que senti nele mesmo agora, isso torna-o mais... humano. Mais parecido comigo e mais devastador, apesar da escuridão que

dele emana em ondas. Uma cicatriz assim tem de vir de um ferimento inimaginável. Centenas de suturas, imensas operações, meses — quiçá anos — de recuperação. Detesto que ele tenha sofrido assim, não o desejaria a ninguém, e menos ainda a este rapaz que me frustra, aterroriza e excita, tudo ao mesmo tempo.

Ele sabe que reparei na cicatriz — vejo na maneira como semicerra os olhos. No modo como os ombros se retesam e as mãos se cerram em punhos. Na forma como baixa a cabeça, com o cabelo a voltar a cobrir-lhe as faces.

Detesto isso, detesto que ele julgue que tem de esconder uma coisa que devia apresentar com orgulho. É preciso muita força para superar algo assim, muita força para sobreviver, e ele devia estar orgulhoso dessa força. Não devia ter vergonha da marca que restou.

Sem uma decisão consciente da minha parte, estendo a mão e tomo-lhe a face marcada na palma.

Os olhos escuros faíscam e fico a pensar que ele me vai afastar. Mas não o faz. Ali fica, e deixa-me afagar-lhe a face — a cicatriz — com o polegar durante vários instantes.

— Sinto muito — murmuro quando, por fim, consigo fazer com que a minha voz ultrapasse o nó de comisseração que tenho na garganta. — Deve ter doído muito.

Ele não responde. Ao invés, fecha os olhos, encosta-se à minha mão, inspira e solta um suspiro entrecortado.

Depois recua e afasta-se, colocando alguma distância entre nós pela primeira vez desde que me apareceu de repente. Algo que, de súbito, já parece ter acontecido há toda uma vida.

— Não te compreendo — exclama ele de repente, a voz mágica tão baixa que tenho de me esforçar para o ouvir.

— «Há mais coisas entre o céu e o inferno, Horácio, / Do que sonha a tua vã filosofia» — respondo, empregando deliberadamente a citação errada que ele fez.

Ele abana a cabeça como se tentasse clarear as ideias. Inspira fundo e depois expira lentamente.

— Se não te fores embora...

— Não *posso* ir-me embora — atalho. — Não tenho para onde ir. Os meus pais...

— Morreram. Eu sei. — O sorriso é sombrio. — Está bem. Se não te vais embora, tens de me ouvir com muita, muita atenção.

— O que é que...?

— Mantém-te discreta. Não mantenhas contato visual com ninguém, nem olhes muito para nada. — Chega-se à frente, a voz a tornar-se um ronco grave quando conclui: — E presta sempre, *sempre*, atenção à retaguarda.



4

O cavaleiro andante é tão século passado

— Grace! — A voz do meu tio Finn ribomba pelo corredor e eu viro-me instintivamente. Sorrio e aceno-lhe, embora parte de mim esteja por ser alvo do que parece ser um alerta.

Viro-me para confrontar o Senhor Alto, Moreno e Sorumbático, para perceber do que tenho, ao certo, de ter tanto medo, mas ele desapareceu.

Olho em volta, decidida a saber para onde foi, só que antes de o avistar, o tio Finn envolve-me num abraço apertado que me levanta do chão. Agarro-me e deixo que o seu cheiro reconfortante — o mesmo cheiro silvestre que o meu pai tinha — me envolva.

— Desculpa não te ter ido receber ao aeroporto. Houve uns miúdos que se magoaram e eu tive de tratar das coisas por aqui.

— Não faz mal. Eles estão bem?

— Estão ótimos. — Abana a cabeça. — Um par de parvos a serem parvos. Sabes como são os rapazes.

Faço menção de lhe dizer que não tenho a mais pequena ideia de como os rapazes são — sendo o meu último encontro prova disso —, mas um instinto bizarro que não compreendo alerta-me para não referir o indivíduo com quem estive a falar. Por isso, não o faço. Ao invés, rio-me e aceno com a cabeça.

— Mas já chega de falar sobre os deveres de um diretor — conclui ele, puxando-me para mais um abraço, este menos demorado, após o que recua para me observar o rosto. — Como foi a viagem? E, mais importante, como estás?

— Foi comprida — respondo-lhe. — Mas não foi má. E eu estou bem. — Esta afirmação já venceu o título de Frase do Dia.

— Imagino que «não ser má» seja um eufemismo. — Suspira. — Nem imagino como terão sido para ti as últimas semanas. Quem me dera ter podido ficar mais tempo depois do funeral.

— Não faz mal. A empresa de gestão de património com quem falaste tratou de quase tudo. E a Heather e a mãe trataram do resto. A sério.

É óbvio que ele quer dizer mais, mas é igualmente notório que não quer aprofundar nada no meio do corredor. Portanto, acaba por assentir e por dizer:

— Muito bem. Vai lá instalar-te com a Macy. Mas amanhã de manhã vai ter comigo. Falamos sobre o teu horário. E vou apresentar-te à doutora Wainwright, a nossa conselheira. Acho que vais gostar dela.

Certo. A doutora Wainwright. A conselheira do colégio que, segundo a mãe da Heather, também é terapeuta. E não é uma terapeuta qualquer. Pelos vistos é a *minha* terapeuta, já que tanto ela como o meu tio julgam que preciso de ajuda. Seria rapariga para argumentar, mas já que no último mês tive de me esforçar a sério todas as manhãs para não chorar no duche, se calhar eles podem ter uma certa razão.

— Está bem, claro.

— Tens fome? Não chegaram a horas, por isso vou mandar levá-lo ao quarto. E temos mesmo de falar sobre uma coisa. — Olha-me de alto a baixo. — Embora... como te estás a dar com a altitude?

— Estou bem. Não estou excelente, mas estou bem.

— Pois. — Volta a mirar-me e depois pigarreia compassivamente antes de se virar para a Macy. — Ela que tome um Ben-U-Ron quando chegar ao teu quarto. E que beba muita água. Já mando uma sopa e *ginger ale*. Esta noite vamos manter as coisas leves, sim? Logo vemos como estás pela manhã.

«Leve» parece-me excelente, já que o simples facto de pensar em comida me faz ter vontade de vomitar.

— Está bem, claro.

— Ainda bem que aqui estás, Grace. Prometo que as coisas vão ficar melhores.

Assento. Poderia fazer outra coisa? Não estou satisfeita por aqui estar — neste momento, o Alasca parece-me a Lua —, mas sou completamente a favor de que as coisas melhorem. Só quero passar um dia sem me sentir na merda.

Esperava que amanhã fosse o dia, mas desde que conheci o Senhor Alto, Moreno e Sorumbático que só penso na maneira como ele me olhou ao dizer-me que saísse de Katmere. E o modo como ficou furioso quando me recusei. Portanto, provavelmente não será.

Parto do princípio de que já terminámos e levo a mão à pega de umas das malas. Mas o meu tio diz:

— Não te preocupes com isso. Eu peço a um dos rapazes que... — Interrompe-se e chama na direção do corredor. — Flint! Vem dar-me uma mãozinha, sim?

O meu tio começa a percorrer o corredor, supostamente atrás do tal Flint, e a Macy faz um som que é algo entre um gemido e um estertor de morte.

— Anda, vamos embora antes que o pai o apanhe. — Pega em duas das minhas malas e praticamente corre na direção das escadas.

— O que se passa com o Flint? — indago, agarrando na mala restante e tentando acompanhá-la.

— Nada! Ele é excelente. Espetacular. E é giro como tudo. Não nos pode ver assim.

Percebo que ela ache que ele não *me* possa ver assim, pois devo parecer meio morta. Mas ela não.

— Tu estás ótima.

— Ah, não. Não, não estou. Anda lá. Vamos sair da...

— Mace. Não te preocupes com essas malas. Eu levo-as. — Uma voz grave faz-se ouvir alguns degraus mais abaixo e eu viro-me a tempo de ver um rapaz com umas calças de ganga rasgadas e uma *t-shirt* branca a correr para mim. É alto — tipo, quase tão alto como o Senhor Alto, Moreno e Sorumbático — e igualmente musculado. Mas as semelhanças ficam-se por aí, pois enquanto o outro era sombrio e frio, este é luz e fogo.

Olhos verdes que parecem iluminados por dentro.

Pele castanha quente.

Uma afro preta que lhe fica a matar.

E, quiçá o mais interessante de tudo, um sorriso nos olhos tão diferente do gelo do outro rapaz como as estrelas lá fora são diferentes do eterno azul-escuro do céu.

— Nós levamos — contrapõe a Macy, mas ele ignora-a, subindo três degraus de cada vez.

Começa por parar ao meu lado e tira com gentileza a pega da mala do aperto brutal com que a agarro.

— Olá, Miúda Nova. Como estás?

— Estou bem, só...

— Ela está doente, Flint — alerta o meu tio lá em baixo. — A altitude está a afetá-la.

— Ah, está bem. — Os olhos cintilam de comiseração. — Isso é uma treta.

— Um bocadinho, sim.

— Então, vá, Miúda Nova. Põe-te às minhas cavalitas. Eu dou-te boleia pelas escadas.

Só pensar nisso deixa-me o estômago ainda mais revoltado.

— Ah, o quê? N-ão, está tudo bem. — Recuo um pouco. — Posso ir a pé...

— Anda lá. — Ele flete os joelhos para que seja mais fácil agarrar-me aos seus ombros com metros de largura. — Tens três lanços de escadas muito compridos à tua frente.

São *mesmo* três lanços muito compridos, mas, não obstante, preferia morrer a subir às costas de um estranho qualquer.

— De certeza que para ti vão ser ainda mais compridos comigo às

cavalitas.

— Nã. És tão pequena que nem vou dar por nada. Então, sobes-me para as costas ou tenho de te pôr ao ombro?

— Não eras capaz! — exclamo.

— Experimenta — retruca ele com um sorriso encantador que me faz rir.

Mas não é por isso que me vou pôr às cavalitas dele. Nem pensar em deixar que um dos rapazes giros do colégio me leve escadas acima — nem às cavalitas, nem ao ombro. Nem. Pensar. Não quero saber o que a altitude me está a fazer.

— Obrigado pela oferta. A sério. — Ofereço-lhe o melhor sorriso que consigo fazer neste momento. — Mas acho que prefiro subir devagarinho. Eu fico bem.

Flint abana a cabeça.

— Teimosa, hã? — Mas, ao contrário do que eu receava, ele não insiste. Ao invés pergunta: — Posso, pelo menos, ajudar-te a subir? Detestava ver-te a rebolar um lanço ou dois no teu primeiro dia.

— Ajudar como? — Semicerro os olhos, desconfiada.

— Assim. — Passa-me o braço à volta da cintura.

Fico hirta com o contacto inesperado.

— O que estás a...?

— Assim podes apoiar-te se os degraus forem demasiados. Combinado?

Ainda faço menção de dizer *nem pensar*, mas o riso nos seus olhos verdes quando me mira — à espera que diga exatamente isso — faz-me mudar de ideias. Bem, isso e o facto de nem o tio Finn nem a Macy parecerem incomodados com a situação.

— Está bem, pronto. Combinado. — Suspiro, com o espaço a começar a dar voltas. — Já agora, sou a Grace.

— Pois, eu sei. O Foster disse-nos que estavas a chegar. — Dirige-se às escadas, impelindo-me com o braço direito atrás das minhas costas. — E eu sou o Flint.

Faz uma breve pausa à beira dos degraus e leva a mão às malas.

— Ah, não te preocupes com as malas — diz a Macy, o tom da sua voz umas três oitavas acima do normal. — Eu posso levá-las.

— Não duvido, Mace. — Pisca-lhe o olho. — Mas se me estou a oferecer, mais vale aproveitares. — Depois pega em duas das malas com a mão esquerda e começa a subir as escadas.

Felizmente, começamos por avançar devagar. Após meia dúzia de degraus já estou com dificuldade para respirar. Mas não demora a que aceleremos o passo — não porque me tenha habituado à altitude, mas porque o Flint está a carregar praticamente o meu peso todo, levando-me escadas acima com um braço à volta da minha cintura.

Sei que ele é forte — os músculos debaixo da *t-shirt* não estão ali só para decorar —, mas espanta-me como é assim *tão* forte. Quero dizer está a levar-me e a duas malas pesadas pelas escadas e nem sequer está a ofegar.

Acabamos por vencer a Macy, que chega, esbaforida, ao topo com a minha outra mala.

— Já me podes pôr no chão — digo-lhe, enquanto me vou contorcendo. — Afinal de contas, basicamente foste tu que me trouxeste o caminho todo.

— Só queria ajudar — garante ele, com um agitar de sobranceiras que me deixa a rir, apesar de me sentir envergonhada.

Pousa-me e fico à espera que ele se afaste quando os meus pés voltam a tocar no chão. Em vez disso, ele continua com o braço à volta da minha cintura e faz-me avançar pelo patamar.

— Já podes largar — repito. — Estou bem. — Mas os joelhos fraquejam-me quando o digo, e sinto uma nova onda de tontura a percorrer-me.

Tento ocultá-lo, mas não devo estar a conseguir, pois o ar que o Flint me apresenta vai de divertido a preocupado no espaço de dois segundos. Depois abana a cabeça.

— Claro, estás bem até desmaiases e tombares por cima do corrimão. Nem penses, o senhor Foster encarregou-me de te levar ao quarto em segurança e é isso que eu vou fazer.

Começo a argumentar, mas sinto-me instável o suficiente para decidir que aceitar a ajuda dele é a melhor opção. Portanto, limito-me a assentir, enquanto ele se vira e pergunta à minha prima:

— Está tudo bem, Mace?

— Tudo bem — arqueja ela, praticamente a arrastar a mala pelo patamar.

— Eu disse que a podia ter levado — censura-a o Flint.

— Não é o peso da mala — replica ela. — É a rapidez com que tive de a carregar.

— As minhas pernas são mais compridas. — O Flint olha em redor. — Então e levo-a para que corredor?

— Estamos na ala norte — indica a Macy, apontando para o corredor diretamente à nossa esquerda. — Sigam-me.

Apesar de ter estado a arquejar, a Macy quase larga a correr, comigo e com o Flint logo atrás dela. Apressados pelo patamar, sinto-me grata pelo braço que ainda me apoia. Sempre julguei que estava fisicamente bem, mas parece que a vida no Alasca leva a boa forma a um novo nível.

Há quatro conjuntos de portas duplas à volta do patamar — todas elas pesadas e entalhadas. A Macy para junto ao par marcado com Norte. Mas antes que consiga levar a mão à maçaneta, a porta abre-se de rompante, e ela mal tem tempo de se afastar para não ser atingida.

— Olha lá, o que é que v... — Cala-se quando quatro indivíduos avançam como se ela estivesse ali. São todos morenos, sorumbáticos e sensuais como tudo, mas só tenho olhos para um deles.

Aquele do rés do chão.

Ele, contudo, não tem olhos para mim. Ao invés, passa como se nada fosse — o rosto sem expressão e o olhar gelado como um glaciador — ignorando-me por completo.

Como se nem me visse, mesmo tendo de se desviar para passar.

Como se não tivesse passado um quarto de hora a falar comigo.

Só que... ao passar, o ombro dele roça no meu braço. Mesmo depois de tudo o que dissemos um ao outro, o calor atravessa-me quando nos tocamos. E, embora a lógica me diga que o toque foi accidental, não consigo deixar de pensar que ele o fez de propósito. Tal como não consigo impedir-me de me virar para o ver a afastar-se.

Tento convencer-me de que apenas o faço porque estou zangada; porque quero ter a possibilidade de o admoestar por ter desaparecido daquela maneira.

A Macy não diz nada, nem a ele nem aos outros, e o Flint também não. Em vez disso, esperam que eles passem e depois seguem pelo corredor como se nada tivesse acontecido. Como se não tivéssemos sido manifestamente desprezados.

O Flint aperta o braço quente em torno da minha cintura e eu interrogo-me porque é que o rapaz com gelo nas veias me deixa com pele de galinha, ao passo que aquele que me está a transmitir o seu calor me deixa gelada. Parece que a minha vida tresloucada também está a afetar o meu cérebro...

Quero perguntar quem são eles — quero perguntar quem é *ele*, para finalmente ter um nome a associar àquele corpo incrível, e àquele rosto ainda mais incrível —, mas este não parece ser o momento certo. Por isso, fico calada e concentro-me em olhar à minha volta, em vez de estar obcecada com um tipo qualquer de quem nem sequer gosto.

O corredor Norte está ladeado por portas pesadas de madeira de ambos os lados, a maioria com algum tipo de decoração pendurada. Rosas secas que formam um «X» numa, o que parece ser um espanta-espíritos elaborado noutra, e um monte de autocolantes de morcegos numa terceira. Não faço ideia se a pessoa que ali vive sonha em vir a ser quiropterologista ou se é apenas um grande admirador do Batman.

Seja como for, sinto-me absurdamente fascinada pelas decorações — sobretudo os espanta-espíritos, já que não me parece que haja muito vento num corredor que fica dentro do edifício — e não me surpreende, de todo, que a Macy pare à frente da porta mais rebuscada de todas. Uma grinalda de flores frescas contorna a ombreira da porta, com fios de cristais policromáticos a descenderem desde o topo até ao chão numa espécie de cortina extravagante.

— Cá estamos — anuncia a Macy, abrindo a porta com um floreado. — Lar doce lar.

Antes que eu consiga atravessar a soleira, outro rapaz sensual todo vestido de preto passa por nós. E, embora não nos preste mais atenção do que os outros à porta do corredor Norte, fico com os pelos da nuca eriçados. De certeza que estou a imaginar coisas, mas, de repente, tenho a sensação de que estou a ser observada.



5

Coisas que o cor-de-rosa-choque e o Harry Styles têm em comum

— Qual é a cama dela? — pergunta o Flint, impelindo-me porta adentro.

— A da direita — responde a Macy. A voz dela está outra vez esquisita, por isso olho para trás de modo a garantir que ela está bem.

Parece bem, mas os olhos arregalados estão enormes e vão saltando do Flint para o resto do quarto e outra vez para ele. Lanço-lhe um olhar que pergunta *o que foi*, mas ela só abana a cabeça naquilo que é o sinal universal para *não digas NADA*. Portanto, eu não digo nada.

Ao invés, olho à minha volta, para o quarto que vou partilhar com a minha prima nos próximos meses. Bastam-me alguns segundos para perceber que, mesmo tendo dito de que não se importaria de eu escolher ficar num quarto individual, ela sempre fizera tenções em partilhar o dela comigo.

Para começar, as posses dela estão dispostas ordeiramente no lado policromático do quarto. Além disso, a cama adicional já está feita com — obviamente — lençóis rosa-choque e um edredão da mesma cor, com estampas de hibiscos brancos.

— Sei que gostas de surf — diz ela, vendo-me a mirar o edredão ofuscante. — Pensei que fosses gostar de algo que te lembrasse a tua casa.

Este tom de cor-de-rosa lembra-me mais a Barbie surfista do que a minha casa, mas não lhe vou dizer isso. Ela esforçou-se por me deixar confortável, e agradeço-lhe a preocupação.

— Obrigada. Está muito giro.

— Lá alegre está — comenta o Flint, ajudando-me a chegar à cama. O

olhar que me lança é totalmente irónico, mas isso só me faz gostar ainda mais dele. O facto de ter noção de que as opções decorativas da Macy são absurdas, mas, ao mesmo tempo, ser demasiado simpático para tecer comentários que a possam magoar, funciona comigo. Com um bocadinho de sorte, pode ser que tenha feito mais um amigo.

Deixa-me as malas aos pés da cama e recua enquanto me deito com a cabeça ainda a girar ao de leve.

— Precisam de mais alguma coisa antes de eu ir embora? — pergunta o Flint depois de ficarmos completamente desemaranhados.

— Está tudo bem — garanto-lhe. — Obrigada pela ajuda.

— Sempre às ordens, Miúda Nova. — Oferece-me um sorriso de dez mil kilowatts. — Sempre às ordens.

Tenho a certeza de que a Macy solta um gemido ao ver aquele sorriso, mas não diz nada. Limita-se a dirigir-se à porta e a esboçar um sorriso enquanto espera que ele saia. Ele assim o faz, com um breve aceno para mim e um toque de punho fechado para ela.

Mal a porta se fecha e tranca, eu digo:

— Tens um fraquinho pelo Flint.

— Não tenho nada! — garante ela, olhando freneticamente para a porta, como se ele nos pudesse ouvir através da madeira espessa.

— Ah não? Então, o que foi aquilo?

— Aquilo, o quê? — Tem a voz um tudo-nada mais aguda do que o normal.

— Tu sabes. — Torço as mãos, pestanejo, imito os sons que ela tem feito desde que o seu pai chamou o Flint para que nos ajudasse.

— Eu não fiz isso.

— Fizeste, sim senhor — afianço-lhe. — Mas não percebo. Se gostas dele, porque é que não tentaste falar mais? Quero dizer, não havia melhor oportunidade.

— Eu não *gosto* dele. A sério! — insiste, rindo-se quando lhe atiro um olhar. — Quero dizer, sim, ele é giro e simpático e superinteligente, mas eu tenho namorado e gosto dele. É só que, o Flint é... o *Flint*, sabes? E ele esteve no nosso *quarto, ao lado da tua cama*. — Suspira. — Até tenho tonturas.

— Tens é um chilique — provo-a.

— Pois, está bem. — Revira-me os olhos. — Não é uma paixoneta a sério. É mais como...

— Como a aura em torno do rapaz mais popular da escola?

— Sim, é isso! É mesmo isso. Só que o Flint não está assim tão alto nessa lista. O Jaxon e o grupo dele ocupam os primeiros lugares à vontade.

— O Jaxon? — pergunto, tentando soar casual, mas com o corpo inteiro a entrar em alerta. Não sei como é que sei que está a falar *dele*, mas a verdade é que sei. — Quem é o Jaxon?

— O Jaxon Vega. — Simula um achaque. — Não faço *ideia* de como te explicar como é o Jaxon, mas... Ah, espera! Tu viste-o.

— Ah vi? — Tento ignorar os dinossauros voadores que voltaram a instalar-se no meu estômago.

— Sim, a caminho do nosso quarto. Era um daqueles que quase me deram com a porta na cara. O mais giro de todos, à frente.

Faço-me de burra, embora, de repente, tenha o coração aos saltos.

— Queres dizer aqueles que nos ignoraram por completo?

— Pois. — Ri-se. — Mas não o leves muito a peito. O Jaxon é assim. Ele é... dramático.

A julgar pela conversa de há pouco, é mais do que dramático. Mas, ainda sem saber o que pensar do caso, decido não falar disso com a Macy.

Pelo que faço a única coisa que posso fazer. Mudo de assunto.

— Obrigada por me teres preparado o quarto.

— Ah, não tens de agradecer. — O gesto acompanha as palavras ao tentar minimizar o que foi feito. — Não foi nada.

— De certeza que *foi* muito. Não conheço muitas empresas que façam entregas expresso para fora de Healy, Alasca.

Ela enrubesce ao de leve e desvia o olhar, como se não quisesse que eu saiba aquilo por que passou para me fazer sentir confortável. Mas depois encolhe os ombros e diz:

— Pois, sabes, o meu pai conhece todas as que entregam. Não custou nada.

— Não deixas de ser a minha prima preferida.

A Macy revira os olhos.

— Sou a tua única prima.

— O que não impede que sejas a minha preferida.

— O meu pai costuma dizer isso.

— Que és a prima preferida dele? — brinco.

— Sabes bem o que eu quero dizer. — Suspira, manifestamente exasperada. — És uma palerma, sabias?

— Sim, claro que sabia.

A Macy ri-se e dirige-se ao minifrigorífico ao lado da secretária.

— Toma, bebe isto — diz ela, tirando uma garrafa de água grande que me atira. — E eu mostro-te o resto.

— O resto?

— Sim. Ainda há mais. — Acerca-se de um dos roupeiros e abre as portas. — Imaginei que o teu guarda-roupa não estivesse exatamente preparado para o Alasca, por isso acrescentei-lhe umas coisas.

— São bem mais do que *umas coisas*, não achas?

Alinhadas no roupeiro estão várias saias e calças pretas, a par de blusas brancas e pretas, vários polos pretos ou roxos, dois *blazers* pretos, e dois lenços xadrez vermelhos e pretos. Há ainda uma série de casacos com capuz, algumas camisolas grossas, um casaco grosso e mais dois pares de calças de neve — felizmente, nenhuma é cor-de-rosa-choque. No chão estão alguns pares de sapatos e de botas de neve novos, juntamente com uma caixa grande

que contém o que parecem ser livros e material escolar.

— Tens meias e roupa interior térmica, camisas e calças polares nas gavetas da cómoda. Imaginei que estar aqui já é difícil o suficiente. Não queria que tivesses de te preocupar com mais nada.

E assim consegue derrubar a minha primeira linha de defesas. Sinto as lágrimas a rebentar e desvio o olhar, pestanejando rapidamente num esforço de ocultar o estado lastimável em que me encontro.

É óbvio que não resulta, pois a Macy solta uma breve exclamação de desalento. Atravessa o quarto num abrir e fechar de olhos, puxando-me para um abraço com cheiro a coco que parece incongruente no meio do Alasca. É também estranhamente reconfortante.

— É uma treta, Grace. Isto é tudo uma treta e eu gostava de poder fazer alguma coisa. Quem me dera ter uma varinha mágica que devolvesse as coisas ao que eram antes.

Limito-me a assentir, pois tenho um nó na garganta. E porque não há mais nada a dizer. Salvo que também eu queria o mesmo.

Queria que as últimas palavras que troquei com os meus pais não tivessem feito parte de uma briga que agora parece parva.

Queria que o meu pai não tivesse perdido o controlo do carro duas horas depois e saltado de uma falésia, mergulhando com a minha mãe dezenas de metros no oceano.

Sobretudo, queria poder cheirar o perfume da minha mãe ou ouvir o ronco grave da voz do meu pai mais uma vez.

Deixo que a Macy me abrace enquanto aguento — uns cinco segundos, mais ou menos — e depois afasto-me. Nunca gostei propriamente que me tocassem, e isso só piorou desde que os meus pais morreram.

— Obrigado por... — Indico a cama e o roupeiro. — Isto tudo.

— De nada. Quero que saibas que se alguma vez precisares de falar, ou seja o que for, estou aqui. Sei que não é a mesma coisa, pois a minha mãe foi-se embora, não morreu. — Engole em seco e respira fundo antes de continuar. — Mas sei o que é estar sozinha. E sou boa ouvinte.

É a primeira vez que ela fala em «morrer». É a primeira vez que refere o que realmente aconteceu aos meus pais. E o facto faz com que seja mais fácil agradecer-lhe com sinceridade, embora me lembre que o Jaxon também não teve problemas em dizê-lo. Pode ter sido um idiota chapado, mas não se absteve de referir a morte dos meus pais. E não me tratou como se me fosse partir com o peso de uma palavra difícil de ouvir.

Talvez seja por isso que ainda penso nele, embora devesse ignorá-lo por ter sido tão parvo.

Ela assente, os olhos com uma preocupação que me faz sentir pior.

— Devia começar a arrumar as minhas coisas. — Olho para as malas com desagrado. Parece que ainda agora as fiz. Se há coisa que não me apetece fazer é abri-las. Ainda por cima com a minha cama rosa-choque a chamar por mim.

— Eu ajudo-te com isso. — Aponta para uma porta do outro lado do quarto. — E se fosses tomar um duche e vestir o pijama? Vou ver da sopa que o meu pai disse que ia mandar trazer. Depois podes comer, tomar um Ben-U-Ron e descansar. Pode ser que quando acordes já estejas mais habituada à altitude.

— Isso parece... — Sinto-me realmente mal, e um duche soa espantoso. E dormir também. Não dormi grande coisa na última semana, com os nervos por causa da mudança.

— Perfeito, não é? — completa ela.

— Sim.

— Ótimo. — Dirige-se ao roupeiro dela e tira algumas toalhas. — Vai tomar um duche que eu vou buscar uma sopa quente. Com sorte, daqui a meia hora o dia vai parecer muito melhor.

— Obrigado, Macy. — Viro-me e olho para ela. — A sério.

O sorriso ilumina-lhe a expressão.

— Não tens de agradecer.

Um quarto de hora depois saio do duche com o meu pijama preferido já vestido — uma *t-shirt* da primeira digressão a solo do Harry Styles e um par de calças polares azuis com margaridas brancas e amarelas estampadas — e dou com a Macy a dançar pelo quarto ao som de «Watermelon Sugar».

Não há coincidências.

A Macy fica boquiaberta e fascinada com a *t-shirt* do concerto — e bem que deve —, mas, à parte disso, deixa-me em paz. Salvo para garantir que bebo o litro de água e tomo o Ben-U-Ron que ela me deixou na mesa de cabeceira.

Está também um prato de canja à minha espera, mas neste momento não tenho energia para comer. Ao invés, deito-me e tapo-me até ao cabelo com os lençóis rosa-choque.

A última coisa em que penso antes de adormecer é que — apesar de tudo — esta foi a primeira noite, desde que os meus pais morreram, que tomei um duche sem me esforçar por não chorar.



6

A sério, não quero fazer um boneco de neve

Acordo lentamente, a cabeça está enevoada e o corpo pesado como uma pedra. Demoro um instante a lembrar-me de onde estou — Alasca — e de que o leve ressonar que enche o quarto pertence à Macy e não à Heather, em cujo quarto passei as últimas três semanas.

Sento-me, tentando ignorar os uivos e os rugidos — e até o ocasional grito animalesco — desconhecidos que ouço à distância. Isso chega para assustar qualquer um, sobretudo uma miúda nascida e criada na cidade, mas reconforto-me a pensar que tenho uma parede gigantesca de castelo entre mim e os animais que fazem aqueles barulhos...

Claro que, verdade seja dita, não é a estranheza absoluta deste sítio que me deixa a mente a fervilhar. Sim, estar no Alasca é bizarro, praticamente a todos os níveis. Mas assim que afasto a minha vida antiga da ideia, não é o Alasca que me acorda às — olho para o relógio — 3h23 da madrugada. E não é o Alasca que me mantém desperta.

É ele.

O Jaxon Vega.

Sei tanto acerca dele como quando me deixou naquele corredor, mais zangada, confusa e magoada do que me disponho a admitir — salvo que é o tipo mais popular do Colégio Katmere. E que ele é dramático, algo que... a sério. Não precisava de uma bola de cristal para perceber isso.

Mas nada do que a Macy me disse interessa, pois já decidi que não quero saber mais nada acerca dele.

Melhor, não o quero conhecer *a ele*.

Mas quando fecho os olhos ainda o vejo com todo o pormenor. O maxilar

cerrado. A cicatriz estreita que lhe percorre o rosto. Os seus olhos negros e gélidos, que por um segundo — um mero segundo — me deixa a saber que ele sabe tanto acerca da dor quanto eu. Quicá, ainda mais.

É sobretudo nessa dor que eu penso, aqui sentada no escuro. É essa dor que me deixa preocupada com ele, quando o melhor a fazer seria ignorá-lo.

Interrogo-me como é que ele terá feito aquela cicatriz. Qualquer que tenha sido o motivo, aposto que foi terrível. Aterrorizante. Traumático. Devastador.

Imagino que tenha sido por isso que foi tão frio para comigo. O motivo que o levou a procurar que me fosse embora, e que, quando me recusei, o levou a proferir aquele tão ridículo — e, admito, um nadinha desconcertante — aviso.

A Macy disse que ele era dramático... Será que isso quer dizer que trata toda a gente da maneira que me tratou a mim? E, se assim for, porquê? Porque é parvo? Ou será que a dor que sente é tal que só consegue lidar com ela fazendo com que todos o receiem, de modo a ser capaz de manter toda a gente à distância? Ou será que as pessoas decidem manter essa distância por sua própria iniciativa quando lhe veem a cicatriz e o semblante carregado?

É uma ideia horrível, mas consigo identificar-me nisso. Não com a parte do *as pessoas* têm medo de mim, mas, garantidamente, com a parte do *as pessoas mantêm a distância*. Salvo a Heather, a maioria dos meus antigos amigos afastou-se quando os meus pais morreram. A mãe dela explicou-me que isso se devia ao facto de a morte dos meus pais lhes recordar a sua própria mortalidade, lhes lembrar que os pais deles também poderiam morrer a qualquer momento. Assim como eles próprios.

Claro que eu sabia que ela tinha razão, eles estavam apenas a tentar proteger-se como podiam e sabiam. Mas isso não aliviava a distância. E, garantidamente, não ajudava a suportar a solidão.

Pego no telefone e envio algumas mensagens rápidas à Heather — algo que devia ter feito assim que cheguei ontem à noite —, dizendo-lhe que estou bem e a explicar o que é hipobaropatia.

Depois, volto a deitar-me, tento obrigar-me a adormecer. Mas agora estou bem desperta, com os pensamentos sobre o Alasca, o colégio e o Jaxon a fundirem-se na minha mente até só desejar que parem.

Mas eles não param e, de repente, tenho o coração aos saltos, a pele a formigar. Levo a mão ao peito e respiro fundo por duas vezes, tento perceber o que me alarmou de tal maneira que mal consigo respirar.

De repente, está tudo ali. Todos os pensamentos que reprimi durante as últimas quarenta e oito horas só para conseguir partir. Só para chegar aqui. Os meus pais, as aulas que devia frequentar na segunda-feira, deixar San Diego e os meus amigos. A viagem ridícula de avião até Healy. As expetativas da Macy em relação à nossa amizade. A maneira como o Jaxon olhou para mim e depois *não* olhou para mim, as coisas que ele me disse. A quantidade ridícula de roupas que tenho de vestir para me aquecer. O facto de estar encurralada neste castelo gelado...

Funde-se tudo num único carrossel imenso de medo e de mágoa que gira pelo meu cérebro. Não há pensamentos que sejam nítidos, não há imagens que se destaquem das outras — apenas uma sensação avassaladora de desgraça iminente.

Da última vez que me passei assim, a mãe da Heather disse-me que é perfeitamente normal sentir emoções excessivamente poderosas depois de uma perda monumental. O peso esmagador no peito, os pensamentos em rodopio, as mãos trementes, a sensação de que o mundo está a desabar — tudo isso é completamente normal. Ela é terapeuta, pelo que tem obrigação de o saber, mas nada disto me parece normal neste momento.

Assusta-me.

Sei que devia ficar aqui — este castelo é gigantesco e não faço ideia onde fica nada —, mas tenho inteligência suficiente para saber que se ficar aqui a olhar para o teto, não tarda mergulho num ataque de pânico. Portanto, em vez disso, respiro fundo e levanto-me. Calço os ténis e pego no casaco de capuz a caminho da porta.

Em casa, quando não conseguia dormir ia correr, mesmo que fossem três da manhã. Aqui, no entanto, isso está fora de questão. Não só porque lá fora está um frio de rachar, mas também porque sabe Deus que animal selvagem pode estar à espreita a meio da noite. A última meia hora a ouvir rugidos e uivos tem de ter servido para alguma coisa.

Mas este é um castelo grande, com corredores compridos. Talvez não possa correr neles, mas, pelo menos, tenho oportunidade de explorar um bocadinho. Ver o que descubro.

Fecho cuidadosamente a porta ao sair — não quero acordar a Macy, que tem sido tão simpática para mim — e desço o corredor, a caminho das escadas.

É mais assustador do que esperava. Imaginava que os corredores estivessem iluminados durante a noite, ainda para mais com todos os protocolos de segurança obrigatórios, mas estão à meia-luz. Tipo, *o suficiente para ver sombras imaginárias a seguirem-me pelos corredores*.

Ainda penso em voltar ao quarto e esquecer o passeio ao castelo. Mas só de pensar nisso sinto o carrossel a reiniciar a marcha, algo que não tenho capacidade de suportar neste momento.

Pego no telemóvel e aponto a lanterna ao corredor. De repente, as sombras desaparecem e volto a estar num corredor normalíssimo. Se não contarmos com as paredes de pedra nem com as tapeçarias antiquadas, claro.

Não faço ideia para onde vou, só sei que quero sair do piso do dormitório. Mal consigo pensar em lidar com a Macy neste momento — ter de lidar com outra pessoa seria impossível.

Chego sem problemas à longa escadaria circular e desço-a em dois degraus de cada vez até ao rés do chão. Depois do duche de ontem, a Macy referiu que é aqui que fica a cantina, bem como a biblioteca e uma série de salas de aulas. Há outras salas de aulas nos edifícios espalhados pelo terreno,

mas a maioria das aulas centrais é lecionada aqui, no interior do castelo, o que me parece muito bem. Quanto menos tiver de sair para aquele tempo, melhor.

Neste piso, os corredores estão forrados com mais tapeçarias, puídas e desbotadas com o tempo. A minha preferida prolonga-se por vários metros e tem cores garridas. Roxos e rosas, verdes e amarelos, todas entretecidas sem lógica aparente — mas quando recuo e aponto a lanterna abrangendo uma maior área, apercebo-me de que *há* um padrão. Trata-se de uma representação artística da aurora boreal.

Sempre quis vê-las, e no meio da mágoa e do receio de me mudar para o Alasca, esqueci-me por completo de que aqui estaria num lugar privilegiado para as ver.

É isso que me galvaniza, que me leva a dirigir-me para a entrada e para as gigantescas portas duplas que dão para o pátio. Não sou tola a ponto de ir passear pela neve de casaco de capuz e calças de pijama, mas talvez possa espreitar e ver se avisto luzes no céu.

É uma ideia parva — devia voltar para a cama e deixar a aurora boreal para outra noite —, mas agora que a ideia me surgiu, não consigo esquecê-la. O meu pai costumava contar-me histórias sobre a aurora boreal e sempre a desejei ver. Agora que estou aqui tão perto não posso *não* espreitar.

Uso a lanterna para me orientar pelo corredor. Chego ao meu destino e ergo-a para destrancar as portas, mas antes de conseguir localizar a primeira, abrem-se as duas de rompante e entram dois tipos com *t-shirts* de bandas da velha guarda, calças de ganga e botas de atacadores. Sem blusões, sem camisolas, sem sequer um mero casaco de capuz. Só calças de ganga rasgada, Mötley Crüe e Timberlands. É a coisa mais ridícula que já vi e, por um instante, fico a pensar se este castelo — tal qual Hogwarts — está equipado com fantasmas próprios. Daqueles que morreram num concerto *rock* dos anos oitenta.

— Ora vejam só. Parece que chegámos mesmo a tempo — diz o mais alto dos dois. Tem pele acobreada, cabelo escuro preso num rabo de cavalo e uma argola preta que lhe atravessa a cana do nariz. — O que estás a fazer levantada, Grace?

A voz deixa-me com pele de galinha.

— Como é que sabes o meu nome?

Ele ri-se.

— És a miúda nova, não és? Toda a gente sabe o *teu* nome. *Grace*. — Dá um passo em frente e posso jurar que me cheira, o que é absolutamente bizarro. E também não é uma atitude muito fantasmagórica. — E se me respondesses à pergunta? O que estás a fazer levantada?

Não lhe digo nada da aurora boreal — sobretudo porque vislumbro o céu antes de ele fechar a porta e vejo que é o normal céu preto cravejado de estrelas que vemos um pouco por todo o mundo. Mais uma desilusão a juntar a tantas outras.

— Tinha sede — minto, sem convencer ninguém, envolvendo a cintura

com os braços num esforço de me proteger da corrente de ar gelado que entrou com eles e ainda se mantém à nossa volta. — Queria ir buscar água.

— E encontraste? — pergunta o segundo tipo. É mais baixo do que o primeiro, e mais largo. O cabelo louro está quase rapado sobre a pele clara.

Parece uma pergunta inócua, mas dirige-se a mim ao fazê-la, invadindo o meu espaço pessoal e levando-me a ter de decidir se me mantenho firme ou se recuo.

Opto por recuar, sobretudo porque não gosto da maneira como ele me olha. E porque cada passo me aproxima da escada e — assim espero — do meu quarto.

— Encontrei, obrigado — volto a mentir, tentando soar descontraída. — Vou voltar para a cama.

— Antes de termos oportunidade de te conhecer? Parece-me falta de educação, não achas, Marc? — indaga o rapaz do cabelo curto.

— Acho, pois — responde o Marc, que também já se aproximou bastante. — Especialmente depois de o Foster nos andar a chatear há semanas por tua causa.

— O que queres dizer com isso? — exijo saber, esquecendo-me, por um segundo, de ter medo.

— Quero dizer que fizemos três reuniões diferentes sobre ti, todas elas para nos lembrar de nos portarmos bem. Foi muito chato. Não foi, Quinn?

— Completamente. E se ele está assim tão preocupado por te ter aqui, não sei porque é que não te deixou no sítio de onde vieste. — O Quinn estende a mão e puxa-me um caracol com força. Quero soltar-me, quero empurrá-lo e gritar-lhe para que me deixe em paz.

Mas há aqui sarilhos. Posso senti-los, tal como sinto a violência mal controlada que deles emana. É como se estivessem desesperados por magoar alguém, desesperados por rebentar com alguém. Não quero que esse alguém seja eu.

— O que achas, Grace? — troça o Marc. — Achas que és capaz de aguentar o Alasca? Porque me parece que ele te vai expulsar naturalmente num instante.

— Eu só... quero chegar ao fim do ano. Não quero problemas. — Mal consigo obrigar as palavras a saírem-me da garganta apertada.

— Problemas? — O Quinn ri-se, mas o som está completamente desprovido de humor. — Parecemos portadores de problemas?

Eles parecem a definição de problemas.

Tipo, como se ao procurar problema no dicionário, as imagens deles estivessem centradas na página, a par de um enorme sinal de alerta. Mas não digo nada disto. Na verdade, não digo nada. Tenho o cérebro a ferver em busca de uma maneira de sair desta situação terrível. Parte de mim acha que devo estar a sonhar, pois isto parece uma cena saída de todos os filmes sobre adolescentes que já foram feitos, em que os rufias da escola decidem atacar a miúda nova só para mostrar quem manda.

Mas isto é a vida real, não é um filme, e não tenho ilusões de querer mandar aqui ou seja onde for. Quero dizer-lhes isso, mas, neste momento, responder seria como atiçá-los, que é o pior que se pode fazer quando se lida com um rufião. Quanto mais lhes damos, mais eles tentam tirar.

— Então e diz-me lá, Grace, já tiveste oportunidade de ver a neve? — pergunta o Marc, que, de repente, está demasiado próximo para o meu gosto. — Aposto que nunca viste neve.

— Vi muita neve a caminho daqui.

— Montada numa motoneve? Isso não conta, pois não, Quinn?

— Não. — O Quinn abana a cabeça com força suficiente para fazer saltar o rabo de cavalo ridículo. — Temos de nos chegar mais perto. Mostra-nos o que sabes fazer.

— O que eu sei fazer? — Não faço ideia do que possam estar a querer dizer.

— Quero dizer, é óbvio que há *qualquer coisa*. — Desta vez, quando inspira, fico com a certeza de que o Marc me está a cheirar. — Só ainda não consegui perceber o quê.

— É, não é? — concorda o Quinn. — Nem eu, mas há mesmo qualquer coisa. Portanto, vamos ver o que aí tens, *Grace*.

Ele desloca-se, firma-se, e é então que percebo. O que tencionam fazer. E o verdadeiro risco que corro.



7

Vem aí qualquer coisa mesmo muito má

Dou meia-volta, carregada de adrenalina, e corro para as escadas. Todavia, o Marc estende a mão e agarra-me antes que eu avance mais do que uns poucos metros. Puxa-me com força contra ele — as minhas costas na frente dele — envolve-me com os braços, e eu começo a debater-me a sério.

— Larga-me! — berro, dando-lhe com o calcanhar nos joelhos. Mas não tenho grande apoio e ele nem pestaneja.

Acho que lhe estou a pisar os pés, mas os meus *Converse* não lhe vão fazer grande coisa às botas, e muito menos aos seus pés lá dentro. — Larga-me ou grito! — digo-lhe, tentando sem êxito não soar assustada.

— Força — diz-me, arrastando-me para a porta de entrada que o Quinn está convenientemente a segurar. — Ninguém vai querer saber.

Atiro a cabeça para trás, batendo-lhe no queixo, e ele pragueja. Levanta um braço para tentar prender-me a cabeça, o que me enfurece tanto quanto me aterroriza. Baixo-me e mordo-lhe o braço com tanta força quanto consigo.

Ele grita e estrebucha, com o antebraço a bater-me na boca. A pancada dói e enche-me a boca com o sabor metálico do sangue. O que me deixa ainda mais irritada.

— Para! — vocifero, esperneando e batendo-lhe com a força que tenho. Não posso deixar que me levem porta fora; *não posso*. Só tenho um casaco com capuz e um par de calças polares, e devem estar uns dez graus negativos lá fora. Com o meu sangue californiano, não duro mais do que quinze minutos até ficar com queimaduras do frio ou, na melhor das hipóteses, com hipotermia.

Mas ele continua sem me soltar, com os braços como argolas de aço à

minha volta.

— Larga-me — grito, desta vez sem me preocupar com quem acordo. Na verdade, esperando acordar alguém. Seja quem for. Toda a gente. Ao mesmo tempo, atiro a cabeça para trás com quanta força tenho, com o objetivo de lhe partir o nariz.

Devo acertar em alguma coisa, pois ele volta a praguejar e larga-me. Caio ao chão com força, as pernas a ceder, pelo que fico de joelhos a tempo de ver o Marc a voar pela entrada, com os olhos arregalados ao bater na parede oposta.

Mas não tenho tempo para pensar no que aconteceu, pois ele só demora um segundo a recuperar, após o que volta a encaminhar-se para o átrio, na minha direção. Viro-me para fugir, os punhos erguidos com o intuito de afastar o Quinn caso me tente deter, mas, de repente, também ele voa pelo átrio. Vai contra uma estante, ao invés da parede, e da prateleira mais alta cai uma jarra que se parte na cabeça dele.

Viro-me, em busca de uma saída, mas o Marc desloca-se com rapidez — muita rapidez — e, de súbito, está ali, a impedir-me o acesso à escadaria. Viro-me para a direita, tentando decidir a melhor opção de fuga, e é então que vou de encontro a uma parede de músculos.

Bolas. Agora são três? O pânico assola-me e estendo a mão, tento empurrar o indivíduo para trás. Mas, à semelhança do Marc, este tipo não se mexe. Até me envolver o pulso com a mão e me puxar para si com força suficiente para me levantar do chão.

Enquanto me arrasta para ele, consigo ver-lhe o rosto e percebo que é o Jaxon.

Não sei se deva ficar aliviada ou ainda mais assustada.

Pelo menos até que me empurra para trás dele, interpondo-se entre mim e os outros, e os encara.

— Há aqui algum problema? — pergunta o Jaxon. Tem a voz mais grave do que antes e mais arrastada. Também é mais fria do que os montes de neve lá fora.

— Não há problema nenhum — responde o Marc com um riso forçado. — Estávamos só a conhecer a miúda nova.

— É isso que hoje em dia se chama à tentativa de homicídio? Conhecer alguém? — Não levanta o tom de voz, não faz nada remotamente ameaçador. Ainda assim, todos se imobilizam à espera do que possa acontecer a seguir.

— Não lhe íamos fazer mal, meu — intervém pela primeira vez o Quinn. Parece mais inseguro do que há uns minutos, quando eram apenas eles e eu. Mas não está a arrastar as palavras, nem coisa do género, pelo que a jarra não deve ter provocado grandes danos. — Íamos só atirá-la lá para fora por uns minutos.

— Pois — acrescenta o Marc. — Era uma piada parva. Nada por aí além.

— É o nome que vocês dão a isto? — indaga o Jaxon, com a voz a tornar-se, se possível, ainda mais fria. — Vocês conhecem as regras.

Não sei de que regras estará a falar — nem o motivo por que parece ser pessoalmente responsável por elas —, mas as palavras levam o Quinn e o Marc a acobardarem-se ainda mais. Além de parecerem ficar enjoados.

— Desculpa, Jaxon. Tínhamos acabado de chegar e as coisas descontrolaram-se um bocado.

— Não é a mim que têm de pedir desculpa. — Vira-se parcialmente e estende-me a mão.

Não a devia aceitar. Tudo aquilo de que me lembro das aulas de defesa pessoal diz que devia fugir. Que devia aproveitar a oportunidade que ele — Jaxon — me está a dar e correr até ao meu quarto.

Mas há uma fúria de tal modo intensa por trás daquele olhar que me leva a perceber que ele se virou para impedir que os meliantes a vejam. Não sei porquê; sei apenas que não quer que eles percebam o quão perturbado ficou. Ou talvez não queira que eles vejam como ficou incomodado por mim.

Seja como for, ele salvou-me, e estou em dívida por isso. Sustenho-lhe o olhar, dizendo-lhe, com o meu, que irei guardar o segredo.

E então faço o que ele me pede em silêncio e avanço. Não lhe aceito a mão — isso seria de mais, após o que foi dito e feito esta tarde —, mas avanço, sabendo que o Jaxon não deixará que o Marc ou o Quinn me façam seja o que for.

Mas devo ter avançado demasiado, pois ele volta a pôr-se parcialmente à minha frente, ao mesmo tempo que fulmina o Quinn e o Marc com o seu olhar gélido que os alerta para que se comportem. Claro que o aviso talvez seja desnecessário, pois eles já parecem bastante contritos.

— Desculpa, Grace. — O Marc é o primeiro a falar. — Não foi nada fixe da nossa parte. Não te queríamos assustar.

Não digo nada, pois nem pensar em dizer-lhes que aquilo que me fizeram não teve importância. E não tenho coragem suficiente para os mandar para o inferno, mesmo com o Jaxon a servir de meu escudo pessoal. Por isso faço a única coisa que posso fazer. Fito-os e rezo para que a farsa que é este pedido de desculpas termine depressa para que possa voltar ao meu quarto.

— Pois, sabes... — O Quinn acena na direção do teto. — A lua está naquelas noites, portanto...

Não têm nada melhor a dizer? *A lua está naquelas noites?* Não faço ideia do que isso significa e, muito sinceramente, não quero saber. Estou tão farta deste sítio e de toda a gente que aqui está. Exceto a Macy, o tio Finn e, talvez, o Jaxon.

— Vou para a cama. — Faço menção de me afastar, mas a mão do Jaxon volta ao meu pulso.

— Espera. — É a primeira palavra que me dirige desde a sessão da tarde, e o som faz-me estacar mais do que a mão que me agarra o pulso.

— Porquê? — quero saber.

Ele não responde. Ao invés, vira-se para o Marc e para o Quinn e diz:

— Isto não acabou.

Eles assentem, mas não dizem mais nada. As palavras do Jaxon, mais do que uma ameaça, devem também servir de dispensa, pois eles irrompem corredor abaixo. Nunca vi ninguém correr tão depressa.

Ficamos a vê-los a afastarem-se e depois o Jaxon vira-se para mim. Não diz nada durante alguns segundos, limita-se a mirar-me da cabeça aos pés, os olhos escuros a registarem cada milímetro do meu corpo. Não vou mentir. Isso deixa-me um pouco desconfortável. Não da mesma maneira que o Quinn e o Marc me deixaram desconfortável, como se procurassem uma fraqueza para explorar. É mais um desconforto tipo uau, isto de repente aqueceu e porque é que tinha de estar a usar as minhas calças de pijama mais velhas.

É pena que não faça ideia do que sentir em relação a isso.

— Estás bem? — pergunta baixinho, enquanto finalmente os dedos libertam o meu pulso.

— Sim, está tudo bem — respondo, mesmo sem saber se isso é verdade. Que tipo de sítio é este em que as pessoas nos tentam empurrar para o exterior para morrermos como sendo uma *partida*?

— Não pareces bem.

Dói ouvir, mesmo sabendo que não é mentira.

— Pois, sabes, os últimos dias foram um bocado caca.

— Acredito. — Os olhos fitam-me com uma expressão séria, grave. — Não precisas de te preocupar com o Marc e o Quinn. Eles não te voltam a incomodar. — O *garanto-te* fica por dizer, mas, não obstante, eu ouço-o.

— Obrigada — deixo sair. — Por me ajudares. A sério.

As sobrancelhas do Jaxon erguem-se e os olhos, se é que isso é possível, ficam ainda mais escuros à luz débil.

— Julgas que foi isso que eu fiz?

— Não foi?

Ele abana a cabeça e ri-se, um som que me faz o coração dar um salto.

— Não fazes ideia, pois não?

— Ideia do quê?

— De que acabei de te transformar num peão de um jogo que não tens como compreender.

— Achas que isto é um jogo? — pergunto, incrédula.

— Sei exatamente o que isto é. E tu?

Espero que ele diga mais alguma coisa, que explique o comentário, mas ele não o faz. Ao invés, fita-me até que não consigo deixar de me contorcer um pouco. Nunca ninguém me olhou assim, como se tivesse a decidir se cometeu um erro ao salvar-me da morte iminente.

Ou talvez não se decida quanto ao que dizer a seguir. Se assim for, bem-vindo ao clube.

No fim, o silêncio carregado foi todo em vão, pois ele apenas diz:

— Estás a sangrar.

— Estou? — Levo a mão à face, que me dói por causa do encontrão que dei no ombro do Marc quando me estava a tentar libertar dele.

— Não é aí. — Leva a mão à minha boca e, com tanta gentileza que mal o sinto tocar-me, roça o seu polegar pelo meu lábio inferior. — Aqui. — Ergue o polegar e, à luz ténue, vislumbro a mancha de sangue que lhe cintila na pele.

— Oh, que nojo! — Levo a mão para limpar o sangue. — Deixa-me...

Ele ri-se, interrompendo-me. Depois leva o polegar aos lábios e — enquanto sustém o seu olhar no meu — enfia-o na boca, sugando lentamente o sangue.

É a coisa mais sensual que já vi, e nem sei porquê. Quero dizer, isto não devia repugnar-me?

Talvez seja a forma como os olhos dele aquecem assim que me prova o sangue.

Talvez seja o som leve que faz ao engolir.

Ou talvez seja o facto de aquele roçar de polegar nos meus lábios, seguido pelo levar do dedo à sua boca ter parecido mais íntimo do que qualquer beijo que já partilhei com outro rapaz.

— É melhor ires. — As palavras parecem estar a ser-lhe arrancadas.

— Já?

— Sim, já. — A expressão dele parece intencionalmente absorta. Como se estivesse a esforçar-se por não partilhar aquilo que realmente lhe vai na alma. Ou aquilo que está a sentir. — E recomendo vivamente que passes a ficar no teu quarto depois da meia-noite.

— Ficar no meu... — A insinuação ofende-me. — Estás a dizer que sou responsável por aquilo que aqui aconteceu?

— Não sejas tola. É claro que não. Eles deviam saber controlar-se melhor.

É uma maneira estranha de dizer que não deviam andar por aí a tentar assassinar pessoas. Faço menção de o comentar, mas, antes que eu consiga formular qualquer frase, ele continua:

— Mas já te avisei que tens de ter cuidado. Isto não é como o teu antigo liceu.

— Como sabes como era o meu antigo liceu?

— Não sei — retruca ele, com um sorriso afetado. — Mas garanto que não tem nada que ver com o Colégio Katmere.

O Jaxon tem razão — é claro que tem razão —, mas não vou dar o braço a torcer.

— Não sabes isso.

Ele chega-se à frente, como se fosse incapaz de se conter, até que o seu rosto — e boca — ficam quase colados aos meus. Tal como antes, sei que me devia sentir desconfortável com isso, mas não sinto. Só me sinto a arder. E quando, desta vez, os meus joelhos tremem, sei que não tem nada que ver com receio.

Entreabro os lábios, o fôlego prende-se-me no peito, o coração acelera. Ele sente-o. Vejo-o nas pupilas dilatadas, na forma com ele fica alerta. Ouço-o no arrastar súbito da sua respiração, sinto-o no leve tremor do corpo contra o meu. Por um instante, um breve momento, penso que ele me vai beijar. Mas

depois debruça-se ainda mais, além da minha boca, até ficar com os lábios quase pressionados contra o meu ouvido. Fico com a sensação estranha de que me está a cheirar, tal como o Marc e o Quinn fizeram, embora isto tenha um efeito completamente diferente em mim.

— Não fazes ideia daquilo que eu sei — diz ele baixinho.

O calor do hálito faz-me arquejar, faz-me derreter, o meu corpo cede contra o dele por vontade própria.

Ele deixa-o acontecer por um segundo ou dois, as mãos na minha cintura, os ombros curvados contra mim. Depois, de repente, afasta-se recuando tão depressa que quase caio sem o apoio do corpo dele.

— Tens de ir — repete, com a voz ainda mais baixa, mais arrastada do que antes.

— Já? — exijo, incrédula.

— Imediatamente. — Aponta para a escadaria e eu dou comigo a caminho dos degraus, mesmo sem ter tomado uma decisão consciente de me mover. — Vai já para o teu quarto e tranca a porta.

— Pensei que tivesses dito que já não precisava de me preocupar com o Marc ou com o Quinn? — pergunto, virando-me para trás.

— Não precisas.

— Então, porque é que eu tenho de...? — Calo-me quando percebo que estou a falar sozinha. Porque o Jaxon desapareceu.

Fico a interrogar-me quando o voltarei a ver. E o motivo por que é tão importante que o veja.



8

Vive e deixa morrer

Não vou mentir. Quando, finalmente, chego ao meu quarto estou um pouco abalada. São quase cinco da manhã e se há coisa que não quero é enfiar-me na cama e ficar a olhar para o teto até que a Macy acorde. Mas também já não me sinto segura a vaguear pelo colégio, sobretudo tendo em conta que se o Jaxon não tivesse aparecido, por esta altura, é bem provável que já estivesse morta.

Como não posso — nem quero — contar com ele para me salvar de outra situação bizarra como aquela, o melhor que tenho a fazer é ficar no quarto até que a Macy acorde e me dê a opinião dela sobre o que aconteceu. Claro que se a opinião dela for diferente de «OH MEU DEUS, O QUÊ?!?!» pego nas malas ainda por desfazer e volto para San Diego. Viver às custas da família da Heather durante os próximos oito meses é melhor do que morrer. Pelo menos é assim que eu penso, e ninguém me fará mudar de opinião.

Sobretudo porque em San Diego não fico com hipobaropatia.

Sou acometida por náuseas enquanto ando em bicos de pés pelo quarto, mas consigo chegar à cama apenas com um leve gemido.

A Macy deve ter ouvido, pois diz-me:

— Garanto que a hipobaropatia não dura para sempre.

— Não é só a hipobaropatia. É tudo.

— Acredito. — É tudo o que ela diz, e o silêncio prolonga-se entre nós. Imagino que me esteja a dar espaço para orientar as ideias e decidir se quero partilhar alguma coisa.

Fito o teto de pedra cinzenta que me oprime, depois respiro fundo.

— É que... O Alasca parece-me um planeta distante, sabes? Tipo, é tudo

tão diferente da minha casa que está a ser difícil habituar-me. — Regra geral não descarrego em cima de quem não conheço bem. É mais fácil guardar tudo cá dentro, mas a Macy é a amiga mais chegada que aqui tenho e parte de mim sente que vai explodir se não falar com alguém.

— Eu percebo-te. Passei aqui todos os dias da minha vida e, de vez em quando, as coisas também me parecem bizarras. Mas ainda só chegaste ao estado há umas doze horas, e tens estado a sentir-me mal metade desse tempo. Dá mais uns dias, espera que a hipobaropatia passe e vai a algumas aulas. Talvez depois de entrares numa rotina as coisas já não pareçam tão estranhas.

— Eu sei que tens razão. E nem me estava a sentir assim tão mal com a situação quando acordei, até que... — Calo-me, tentando pensar na melhor maneira de lhe contar o que aconteceu.

— Até que o quê?

— Sei que este colégio é grande, mas conheces dois rapazes chamados Marc e Quinn? — pergunto.

— Depende. Um deles tem uma argola no nariz?

— Sim, uma argola preta grande. — Levo os dedos ao nariz para exemplificar.

— Então sim, conheço-os. Também são do décimo primeiro ano, como eu. E são boas pessoas, muito divertidos. Por acaso, houve uma vez em que...

— A minha expressão não deve estar tão neutra quanto penso, pois a Macy cala-se de repente. Semicerra os olhos. — Claro que começo a pensar se a pergunta não devia ser como é que *tu* os conheces?

— Se calhar estavam só a brincar, mas tenho quase a certeza de que eles me tentaram matar esta noite. Ou, pelo menos, pregar-me um susto de morte.

— Eles tentaram *o quê*? — guincha ela, quase deixando cair a garrafa de água que me foi buscar ao frigorífico. — Diz-me imediatamente o que aconteceu. E não escondas *nada*.

Ela parece resoluta, pelo que narro fielmente os acontecimentos até chegar ao ponto em que o Jaxon me salva. Não sei o que sentir acerca disso — nem sobre ele — e ainda não estou pronta para falar nisso. E, garantidamente, não estou preparada para ouvir a Macy a perorar sobre isso. Mesmo assim, eu concordei, mesmo sem o ter dito em voz alta, em manter a nossa interação secreta. Embora agora, no meu quarto, admita que fico a pensar se terei imaginado ou não essa troca silenciosa.

— E depois, o que aconteceu? — incita ela quando me calo abruptamente. — Como é que te escapaste?

— Alguém nos ouviu lutar e foi investigar. Assim que eles se aperceberam de que havia uma testemunha, as coisas acalmaram-se rapidamente.

— Aposto que sim, aqueles idiotas. A última coisa que eles queriam seria que fizessem queixa ao meu pai. Mas deviam ter pensado nisso antes de te tocarem. Juro-te que quem os mata sou eu. — Ela parece, e soa, zangada a ponto de o fazer, e depois continua. — O que é que lhes passou pela cabeça?

Nem sequer te conhecem, portanto, para quê isto? — Levanta-se e começa a andar pelo quarto. — Se te deixassem lá fora tempo suficiente podias ter entrado em hipotermia, e se ficasses mais de dez minutos sabe-se lá o que teria acontecido. Podias ter morrido. O que não faz sentido nenhum. Eles sempre foram um bocado malucos, sempre com muita energia, mas nunca os vi a serem maliciosos.

— Nada disto faz sentido. Começo a pensar se estariam pedrados, ou algo do género, pois não há outra explicação para o facto de virem do exterior de calças de ganga e *t-shirt*. Quero dizer, como é que *eles* evitaram a hipotermia?

— Não sei — admite a Macy. Parece desconfortável, como se, porventura, soubesse que eles realmente consomem drogas. Ou como se julgasse que estou a delirar por sequer sugerir que eles estivessem na rua sem casacos. Mas eu sei o que vi. Aqueles dois tipos não estavam a usar qualquer tipo de roupa para o frio.

— Talvez só lá tivessem estado um minuto ou dois — acaba por sugerir, passando-me mais um par de Ben-U-Ron. — Seja como for, não importa o que se passa com eles. O meu pai vai descobrir.

Parte de mim quer pedir-lhe que não conte nada ao tio Finn, pois já custa ser a miúda nova, quanto mais se também for queixinhas. Mas sempre que penso no que poderia ter acontecido — no que *teria* acontecido se o Jaxon não aparecesse —, percebo que é preciso informar o tio Finn. Caso contrário, o que os impede de voltarem a fazer o mesmo a outra pessoa?

— Entretanto, se calhar devias dormir mais um bocado. A menos que tenhas fome?

Uma vez que pensar em comida me faz o estômago rodopiar em protesto, respondo-lhe:

— Acho que dispenso, mas também não sei se consigo dormir. Talvez vá desfazer as malas, preparar as coisas para amanhã.

— Não te preocupes com as malas, já as arrumei.

— A sério? Quando?

— Depois de adormeceres, ontem à noite. Imaginei que se não gostasses do sítio onde te pus as coisas logo as mudavas, mas, pelo menos, tens tudo à mão.

— Não era preciso fazeres isso, Macy.

— Eu sei que não, mas tu não estás bem, e pensei que uma ajudinha não fazia mal. Além disso, este serão temos uma festa e quero que consigas encontrar a maquilhagem e os produtos para o cabelo.

Não sei o que me diverte mais, se a tranquilidade com que a Macy me informa de que espera que eu vá com ela a uma festa esta noite, se o facto de contar que vá usar maquilhagem quando tudo o que tenho é rímel e umas bisnagas de *lip gloss*.

Se pensarmos como ontem ela estava maquilhada quando conduzia uma motoneve pelos ermos do Alasca, nem imagino o aspeto dela numa festa.

— Então, e que tipo de festa é? — pergunto, enroscando-me debaixo do

edredão rosa-choque pelo qual me estou rapidamente a afeiçoar, talvez por ser o mais confortável e macio que já tive.

— É uma receção ao Colégio Katmere, em tua honra.

— O quê? — Sento-me tão depressa que a cabeça começa outra vez a latejar. — Uma receção? Para mim? Estás a falar a *sério*?

— Bem, a verdade é que o colégio organiza uma espécie de ceia mensal para promover a amizade e cooperação entre alunos. Decidimos que a ceia de hoje seria um pouco mais festiva em tua honra.

— Pois, porque até agora, os alunos têm todos sido *tão* afáveis. — Escondendo o rosto na almofada e gemo.

— Juro que não somos todos maus. Olha o Flint. Ele é excelente, não é?

— Por acaso foi. — Não consigo reprimir um sorriso ao pensar na forma como ele me provocou ao chamar-me «Miúda Nova».

— A maioria das pessoas que vais conhecer aqui são como ele, não são nada como o Marc e o Quinn. A sério. — Suspira. — Mas, se quiseses, eu posso cancelar. Digo que a tua hipobaropatia piorou. O que, a este ritmo, talvez nem seja mentira.

Ela esforça-se por não soar desiludida, mas eu noto, mesmo com uma almofada a tapar-me a cara.

— Não, não canceles — digo-lhe. — Desde que não vomite, eu vou.

Mais cedo ou mais tarde terei de enfrentar estes alunos. Mais vale despachar as coisas com eles sob supervisão de adultos e a portarem-se bem. Sempre há menos hipóteses de vir a ser atirada para a neve ou por uma janela... Arrepio-me. Ainda é muito cedo para fazer piadas sobre o que se passou.

— Ótimo! — Deita-se ao meu lado e oferece a garrafa de água que me tinha dado há pouco. — Não te esqueças de que a água é a tua melhor amiga neste momento — diz ela com um piscar de olho.

— Não quero — gemo, num tom brincalhão.

— Pois, mas, se fosse a ti, bebia à mesma. A hipobaropatia requer muita hidratação. Quero dizer, a menos que te apeteça desenvolver edema pulmonar ou cerebral, que, tu sabes, te mata quase tão depressa como a hipotermia.

— A sério? — Reviro-lhe os olhos, mas aceito a garrafa de água e bebo metade do conteúdo de um trago. — Já te disseram que és bem mais dura do que pareces?

— O meu namorado. Mas acho que, lá no fundo, ele gosta.

— Que bom para ele. — Dou mais um gole profundo. — Vocês têm Netflix?

— Estás a gozar? — Lança-me um olhar incrédulo. — Vivo numa montanha no meio do Alasca. Eu morria sem Netflix.

— Já percebi. Então é o *Legacies*? Eu e a minha melhor amiga Heather começámos a vê-la na semana passada.

Os olhos da Macy arregalam-se.

— *Legacies*?

— Sim. É uma série muito fixe sobre vampiros, bruxas e lobisomens adolescentes que vivem juntos num colégio interno. Sei que parece uma premissa tola, mas é divertido de imaginar.

— Não parece nada tola — tosse a Macy. — E conta comigo. Afinal, quem é que consegue resistir a um vampiro *sexy*?

— Exatamente.

Começamos pelo primeiro episódio, para que a Macy fique a par do que se passa. Ao ver o irmão adotivo da personagem principal a transformar-se em lobisomem penso naquilo que o Marc e o Quinn disseram acerca da Lua. Quero dizer, eu sei que só precisavam do brilho da Lua para iluminar o negrume lá fora.

É claro que eu sei disso.

Não obstante, depois de dois encontros com o Jaxon — ambos a terminarem com ele a dar-me um aviso — é difícil não ficar a pensar naquilo em que me vim meter ao certo.



9

Mesmo o inferno tem fações

— Para quieta! — ordena-me a Macy horas depois, batendo-me nas mãos enquanto nos preparamos para ir à festa. — Estás espetacular.

— De certeza? — Abro a porta do roupeiro e olho para o espelho de corpo inteiro pela que será a décima vez desde que me vesti.

— Absoluta. O vestido fica-te tão bem. A cor é perfeita.

Reviro os olhos.

— O que me preocupa não é a cor.

— Então *o que é* que te preocupa?

— Ah, sei lá. — Ajusto o meu decote para o fazer subir um ou dois centímetros. — Ficar de mamas à mostra, talvez? Não é *essa* a primeira impressão que quero transmitir.

A Macy ri-se.

— Ai, meu Deus. O vestido é lindo. E tu estás linda.

— O vestido é lindo — concordo. Porque é verdade. E, provavelmente, tem um aspeto respeitável na figura alta e esguia da Macy. Já o meu peito grande dificulta um bocadinho as coisas. — Talvez as coisas corram bem se eu passar o serão sem respirar fundo.

— Olha, talvez devas usar as calças de ganga que tinhas pensado originalmente. — A Macy aproxima-se da minha cama com elas. — Não quero que te sintas desconfortável.

É tentador, muito tentador. Mas...

— Há mais alguma rapariga que vá de ganga?

— Interessa o que as outras vestem?

— Então imagino que a resposta seja não. — Puxo mais uma vez o

decote, depois desisto e fecho a porta do roupeiro. — Anda, vamos embora antes que eu decida ficar no quarto a ver Netflix o resto da noite.

A Macy abraça-me.

— Estás mesmo muito bonita. Vá lá, vamos divertir-nos.

Reviro-lhe os olhos pela segunda vez, pois «linda» é um bocadinho exagerado — de cabelo castanho encaracolado, olhos castanhos banais e sardas no nariz e nas faces, sou o oposto de linda.

Num dia bom posso ser gira. Ao lado da Macy, que é deslumbrante, ninguém me vê. Insípida e transparente como o ar.

— Anda — insiste ela, agarrando-me no antebraço e puxando-me na direção da porta. — Se demormos muito vamos chegar mais do que elegantemente atrasadas à tua receção.

— Podemos baldar-nos de uma vez — adianto, mesmo deixando que ela me leve porta fora. — Podemos estar elegantemente ausentes.

— Já é muito tarde para isso — responde ela com um sorriso deliberadamente irritante. — Estão todos à nossa espera.

— Uau, que bom. — Apesar do meu tom sarcástico, saio do quarto. Quanto mais depressa lá chegarmos, mais depressa despacho a parte difícil.

Mas assim que começo a atravessar as contas de cristal no exterior da porta, a Macy diz:

— Espera, deixa-me abrir-te caminho. Não quero que apanhes um choque. Desculpa, ontem nem me lembrei disso.

— Um *choque*? O que queres dizer com isso?

— Elas dão choque a toda a gente. — A Macy meneia a cabeça e lança-me um olhar curioso. — Não o sentiste ontem, quando foste lá abaixo?

— Ah, não. — Fecho a mão em torno de várias fiadas de contas, tentando perceber aquilo a que ela se refere.

— Não sentes mesmo nada? — pergunta a Macy passado uns segundos.

— A sério que não. — Olho para o meu par preferido de *All Stars* com o padrão de rosas. — Talvez sejam as sapatilhas.

— Talvez. — Parece na dúvida. — Anda, vamos embora.

Fecha a porta e depois passa com as mãos pelas contas várias vezes, como se *quisesse* sentir um choque. Algo que não faz qualquer sentido, mas é o que realmente parece.

— Porque é que tens uma cortina de contas que cria eletricidade estática e dá choques a toda a gente que entra em contacto com elas? — pergunto-lhe quando finalmente desiste daquilo que está a fazer.

— Não é a toda a gente — retruca ela, com um ar decidido. — E porque são bonitas, claro.

— *Claro*.

Ao descermos o corredor reparo no friso nas paredes. Decorados a preto com flores espinhosas douradas, é elaborado e belo, e um pouco sombrio. Mas não tanto como as luzes no teto, que parecem trios de flores pretas ligadas por caules espinhosos retorcidos. No centro das flores estão lâmpadas douradas,

parcialmente obscurecidas pelas pétalas viradas para baixo.

O efeito é fantasmagórico, mas lindo, e embora eu não escolhesse este tema decorativo para o meu quarto, tenho de admitir que é marcante.

De tal modo que quase nem reparo que, quando chegamos ao primeiro andar, o meu estômago acalmou-se. É como se os *pterodátiles* se tornassem borboletas, mas, sendo uma melhoria, não me vou queixar. Ainda tenho uma leve dor de cabeça devido à altitude, mas, por enquanto, o analgésico está a controlar a situação.

Espero que continue assim.

Sei que a Macy disse que é suposto ser uma festa de boas-vindas, mas o meu desejo é que a ceia corra como de costume. O meu objetivo é passar o ano tão invisível quanto possível, e uma festa em que sou a grande atração vai mexer com esse meu plano. Ou desfazê-lo por completo.

Agarro o pulso da Macy quando nos aproximamos da porta.

— Não me vais fazer ficar espetada à frente de toda a gente, pois não? Vamos só andar por aí e falar com as pessoas, certo?

— Claro. Quero dizer, acho que o pai está a pensar fazer um breve discurso de boas-vindas, mas não vai ser nada de especial.

É claro que está. Porque não o faria? Afinal de contas, quem não acha boa ideia pintar um belo alvo nas costas da miúda nova? Raios partam a minha vida.

— Então, não fiques tão preocupada. — A Macy detém-se à frente de um conjunto de portas duplas ornamentadas e envolve-me com os braços. — Vai correr tudo bem. A sério.

— Já me contentava com *pouco catastrófico* — afianço-lhe, mas, ainda mal proferi as palavras e já sei que mais vale esperar sentada. Sinto-me oprimida. Como se um peso me fizesse mais pequena ou me quisesse transformar em nada.

A culpa não é do colégio — passei o último mês a sentir-me assim. Mas estar aqui, no Alasca, parece piorar tudo.

— Vais contentar-te com *espantoso* — corrige-me, pegando-me no braço e envolvendo-o com o dela. Depois inclina-se para a frente, abrindo as portas duplas em ambas as direções e entrando como se fosse dona daquilo tudo.

E talvez seja. Acredito que sim, pela maneira como todos os presentes se viram para olhar para ela. Pelo menos até que percebo que os meus piores pesadelos ganharam vida e está toda a gente a olhar para mim. E ninguém parece muito impressionado.

Decido, então, concentrar-me na decoração, que é magnífica. Não sei por onde começar, pelo que olho para tudo, absorvendo o papel de parede barroco de veludo carmesim e preto, os lustres de três camadas com cristais pretos pendurados de cada braço profusamente ornamentado, as elegantes cadeiras vermelhas e as mesas postas com toalhas pretas que ocupam a metade do fundo do grande salão.

A cada metro e meio, mais ou menos, vejo candelabros de parede com o

que parecem ser velas verdadeiras acesas. Acerco-me para os admirar e fico encantada ao ver que cada suporte tem a forma de um dragão diferente. Um tem as asas abertas à frente de uma cruz celta peculiar, outro está enrolado à volta do topo de um castelo, um terceiro está manifestamente em pleno voo. Em todos os dragões, a chama está alinhada para se deixar ver pela boca aberta e, quando me aproximo, vejo que tinha razão, a chama é real.

Nem imagino como o meu tio se safa com esta — não há inspetor no país que deixasse uma escola ter velas sem proteção perto de estudantes. Claro que estamos no meio do nada, no Alasca, e também não imagino um inspetor a fazer uma visita surpresa a Katmere.

A Macy puxa-me o braço e deixo, com relutância, que me afaste dos dragões e leve mais para o interior do salão. É então que olho para cima e vejo que o teto também está pintado de vermelho, com mais frisos pretos a contornar o topo das paredes.

— Vais passar a noite a olhar embasbacada para a decoração? — provoca-me a Macy num murmúrio.

— Talvez. — Desvio o olhar do teto a contragosto e concentro-me nas grandes mesas de bufê que percorrem o comprimento da parede, carregadas com travessas de queijos, folhados, sanduíches e bebidas.

Mas não está ninguém à mesa do bufê, nem sentado às outras mesas. Ao invés, os alunos estão dispostos em grupos por várias zonas do salão. Este isolamento autoimposto pode bem ser a única coisa que me parece familiar. Parece que não interessa se frequentamos um liceu banal em San Diego ou um colégio interno chique no Alasca — os grupos existem em todo o lado.

E, pelos vistos, se estivermos num desses colégios internos chiques, os grupos dos populares têm um aspeto mil vezes mais arrogante e inalcançável do que o normal.

Veja-se só a minha sorte.

À medida que a Macy e eu entramos cada vez mais no espaço, dou comigo a avaliar as diferentes... fações, à falta de melhor termo.

Quando os alunos junto à janela me olham, o ar que os rodeia fica carregado de energia e de desprezo. São uns trinta e cinco, e estão todos reunidos num grande grupo, qual equipa de futebol a rever as táticas antes de entrar em campo. Os rapazes estão todos de calça de ganga e as raparigas usam vestidos minúsculos, indumentárias que, em ambos os casos, realçam os corpos musculados e definidos.

Curiosidade e uma dose saudável de desprezo emanam das expressões dos meus novos colegas de turma ao fundo da sala. Com vestidos fluidos compridos ou camisas de padrões e tecidos luxuosos que se encaixam perfeitamente no salão, parecem um grupo mais delicado do que os que estão à janela. Mesmo antes da Macy lhes acenar, entusiasmada, percebo que é o grupo dela.

Começa a dirigir-se a eles e eu sigo-a, ocultando o meu nervosismo repentino com um sorriso que não sinto de todo.

De caminho passamos por outro grande aglomerado de estudantes e juro que sinto o calor a irradiar deles. São todos altos — até as raparigas terão perto de um metro e oitenta — e o facto de estarem a mirar-me com vários graus de pedantismo e desconfiança faz com que passar ao largo deles seja marcadamente desconfortável. Alguém para o basquetebol?

Pelo menos até que vejo o Flint no centro do grupo, a sorrir e a agitar as sobrancelhas na minha direção com tanta intensidade que não consigo reprimir um risinho. À semelhança de todos os rapazes no grupo, ele usa calças de ganga e uma *t-shirt* justa que lhe exhibe o peito e os bíceps. Tem bom aspeto. Muito bom aspeto. Claro que os amigos também são extremamente atraentes. Deita-me a língua de fora mesmo antes de eu me virar e, desta vez, a gargalhada é sonora.

— Qual é a piada? — quer saber a Macy, mas depois vê o Flint e limita-se a revirar os olhos. — Sabes quanto tempo é que passei a tentar chamar-lhe a atenção e a ser totalmente ignorada até que desisti? Se não fôssemos primas destinadas a serem melhores amigas ficava ressentida.

— De certeza que o Flint e eu também estamos destinados a ser só amigos — digo-lhe, apressando-me para lhe acompanhar o passo ridiculamente rápido. — Acho que os rapazes não trocam os olhos quando olham para as raparigas em que estão interessados.

— Pois, nunca se sabe. Dra... — Interrompe-se com um acesso violento de tosse, como se tivesse acabado de se engasgar com a saliva, ou assim.

— Estás bem? — Dou-lhe umas palmadinhas nas costas.

— Sim, estou ótima. — Volta a tossir e parece nervosa ao puxar uma das mangas largas. — Drástico.

— Drástico? — repito, bastante confusa.

— Caso estivesse curiosa. — Observa-me. — Há pouco. Ia dizer drástico. Tipo, por vezes, os rapazes servem-se de medidas drásticas para chamar a atenção das miúdas de que gostam. É o que eu ia dizer. *Drástico*.

— Ceerto. — Não digo mais nada, pois agora estou mesmo confusa. Não só com aquilo que ela está a dizer, mas também com a sua intensidade. Claro que ontem também ficou esquisita ao pé do Flint. Talvez esta proximidade a deixe atrapalhada.

A Macy não diz mais nada quando finalmente chegamos ao centro do enorme salão decorado. Não a censuro, pois o grupo pelo qual estamos a passar é composto pelas pessoas mais intimidantes que vi até agora — de longe. E isso diz muito, tendo em conta que praticamente toda a gente neste espaço me incomoda de alguma maneira.

Mas estas pessoas pertencem a um nível diferente. Vestidas exclusivamente com tons monocromáticos de preto ou branco — camisas, vestidos, calças, sapatos, *joias* de marca —, todas parecem pingar dinheiro... a par de um tipo de poder para elas banal que é impossível não ver. Embora sejam um grupo tão óbvio como todos os outros no salão, este tem uma espécie de formalidade ausente dos outros, a sensação de que se irão proteger

mutuamente contra qualquer indivíduo presente na sala, mas com a aliança a ficar-se por aí.

Ao passarmos por eles, apercebo-me de que há mais uma grande diferença entre os outros grupos e este: nenhum dos elementos ainda se dignou sequer a olhar na minha direção.

Ao sentir os joelhos a fraquejar à medida que me aproximo dos amigos da Macy, não posso deixar de me sentir grata. Sinto-me completamente assoberbada — não só pelo número de pessoas que está a olhar para mim, mas também pela forma ridícula como a maioria dos grupos é fechada. Tipo, a sério, não há qualquer cruzamento — não há um rapaz de preto com uma rapariga de vestido comprido. Não há rapariga superalta a fazer olhinhos a um dos rapazes ou raparigas de aspeto desportivo junto à janela.

Não, todos aqui no Colégio Katmere parecem manter-se firmes na sua faixa exclusiva. E a julgar pelas expressões, não é o medo que leva a isso. É o desprezo pelos restantes elementos na sala.

Isto promete. A sério. Quero dizer, sempre soube que os colégios de preparação para a faculdade são exclusivos e pedantes — toda a gente sabe isso. Mas não estava à espera de uma coisa a este nível. Afinal de contas, quanto dinheiro, estatuto e atitude pode um grupo de pessoas ter?

Parece que é bom ser da família do diretor, caso contrário nunca entraria aqui. Viva o nepotismo... ou abaixo com ele, dependendo do rumo deste serão.

Nem imagino *porque é que* estava tão nervosa em vir a este evento...

Só o orgulho me impede de fugir, quando nos aproximamos dos amigos dela. Bem, isso e o facto de começar a agir como uma presa neste momento não ser a melhor ideia. Quero dizer, isso, se não quiser passar o meu último ano a esquivar-me a cada menina má da escola.

— Mal posso esperar que conheças as minhas amigas — diz-me a Macy quando finalmente chegamos junto ao seu grupo. De perto são ainda mais espetaculares, com joias diferentes a reluzirem-lhes no cabelo e contra a pele. Brincos, colares, ganchos, além de argolas nas sobrancelhas, nos lábios e no nariz, tudo engastado com pedras coloridas.

Nunca me senti tão mal arranjada, e preciso de o meu autocontrolo para não voltar a puxar o decote do meu vestido emprestado.

— Olá, pessoal! Esta é a minha prima, Gr...

— Grace! — interrompe uma bela ruiva de colar com uma ametista gigantesca. — Bem-vinda a Katmere! Ouvimos falar taaanto de ti. — A voz é fervorosa a ponto de se tornar trocista, mas não sei de quem está a fazer troça: se da Macy ou de mim. Pelo menos até lhe ver os olhos, maliciosamente gelados e concentrados na minha pessoa.

Que grande surpresa.

Não sei como lhe responder — ser educada é uma coisa. Participar no aviltamento é outra completamente diferente. Felizmente, antes de conseguir decidir o que fazer, uma rapariga com cabelo escuro encaracolado e lábios

perfeitos fá-lo por mim.

— Para com isso, Vesta — diz-lhe, antes de se virar na minha direção com o que parece ser um sorriso genuíno, ou assim espero eu. — Olá, Grace. Sou a Lily. — Os olhos castanhos gentis parecem afáveis, e os caracóis soltos agitam-se quando indica a última rapariga no grupo, cujo cabelo preto, entrelaçado com fitas cintilantes, lhe enquadra a bela pele castanha. — E aquela é a Gwen. É um prazer conhecer-te.

— Ah, igualmente. — Estou a tentar, a sério que estou, mas o meu tom deve parecer tão desconfiado como o resto de mim, pois os olhos dela toldam-se.

— Não lighes à Vesta — pede ela, praticamente sibilando o nome da ruiva. — Ela está assim porque os rapazes estão todos a olhar para ti. Ela não gosta de concorrência.

— Ah, eu não... — Calo-me quando a Vesta funga.

— Pois, é mesmo por isso que estou incomodada. Estou preocupada com a concorrência. Não tem nada que ver com o facto de o Foster ter trazido uma...

— E se fôssemos beber alguma coisa? — interrompe-a a Macy em voz alta.

Faço menção de lhe dizer que não tenho sede — as náuseas leves voltaram —, mas ela não espera pela minha resposta. Enfia a mão na minha e leva-me pelo salão até às mesas do bufê.

Numa extremidade estão dois bules enormes e uma disposição de chávenas de chá, a par de duas arcas congeladoras abertas com garrafas de água e latas de refrigerantes.

Faço menção de pegar numa chávena — estou gelada desde que aterrei neste estado —, mas, depois, reparo em vários termos desportivos cor de laranja de vinte litros dispostos numa mesa separada.

— O que é aquilo? — pergunto, pois estou curiosa. E porque parece haver uma quantidade enorme de bebidas para o número de pessoas no salão. Espero bem que isso não signifique que ainda vai aparecer mais um monte de alunos. O número de presentes já ultrapassa, e muito, a minha zona de conforto.

— Ah, é apenas água — diz a Macy com a maior das casualidades. — Temos sempre uma série de garrações à mão para o caso de a temperatura cair a pique de repente e os canos congelarem. Mais vale prevenir, não é?

Imaginei que no Alasca tivessem canos especiais e isolamento adicional para garantir que essas coisas não acontecem. Mas eu não percebo nada disso. Afinal de contas, ainda estamos em novembro e lá fora já estão temperaturas negativas. E isso é o *normal*. Faz sentido que um inverno particularmente rigoroso possa virar as coisas do avesso.

Antes de eu poder perguntar mais seja o que for, a Macy baixa-se, tira um *Dr Pepper* da arca e estende-mo.

— Lembrei o pai de pedir *Dr Pepper* para a festa e para a cantina.

Continua a ser o teu refrigerante preferido, certo?

É o meu refrigerante preferido. Pensei que estivesse com vontade de chá, mas aquela lata acastanhada tem qualquer coisa que me afeta. Lembra-me a minha casa, os meus pais e a vida que eu tinha. As saudades começam a acumular-se e pego na bebida, desesperada por algo familiar — seja o que for.

A Macy sorri-me, acena com a cabeça num gesto encorajador e, de repente, percebo que ela sabe como me sinto. A gratidão ajuda a expulsar as saudades.

— Obrigada. Foi muito fixe da tua parte.

— Não foi nada. — Bate com o ombro no meu. — Então, quem é que queres conhecer agora? — Indica dois rapazes em cadeirões de veludo vermelho ao fundo do salão. Vestem as camisas de padrões elegantes que os marcam como fazendo parte do grupo da Macy.

— Aquele é o Cam e o melhor amigo.

— Cam? — Ela diz o nome como se fosse suposto eu reconhecê-lo, mas não sei quem é.

— O meu namorado. Ele tem estado ansioso por te conhecer. Anda.

É difícil negar-me, pelo que nem tento, embora saiba que tanto o Cam, como qualquer pessoa que esteja «ansiosa por conhecer» a miúda nova, estejam destinados a ficar desiludidos. Não sou assim tão interessante.

— Cam! Esta é a minha prima de que falava! — guincha a Macy antes sequer de chegarmos ao lado do namorado.

Ele levanta-se e oferece a mão.

— Grace, não é?

— Sim. — Aperto-lhe a mão e reparo na palidez da pele dele. A Macy também é pálida, mas o Cam leva a alvura a um nível diferente. — Prazer em conhecer-te.

— Igualmente. Há semanas que a Macy só fala na tua chegada. — Sorri-me. — Espero que gostes de neve, surfista.

Não me dou ao trabalho de lhe dizer que não sou grande praticante. Sabe Deus que também tenho culpas no cartório dos estereótipos — antes de aqui chegar estava quase certa de que ia morar num iglu.

— Ainda estou para saber se gosto ou não — digo-lhe. — Nunca tinha visto neve até ontem.

Isso capta a atenção dele e a do amigo.

— *Nunca* viste neve? — pergunta o outro, incrédulo. — A sério?

— Nunca.

— Ela é de San Diego, James. — A Macy soa, e parece, exasperada. — É assim tão difícil de acreditar?

— Se calhar, não. — Encolhe os ombros e oferece-me um sorriso que pretende passar por encantador, mas que falha o alvo. Sempre detestei rapazes que olham para as raparigas como se estas fossem comida para ser devorada.

— Olá, Grace.

Ele não estende a mão e eu não ofereço a minha.

— Olá.

— Então e o que estás a achar do Alasca até agora? — pergunta o Cam, enlaçando a cintura da Macy. Não espera por uma resposta para se sentar, puxando a minha prima para o colo.

Antes que eu possa responder, ele enterrou o rosto no pescoço da Macy, que está a soltar risadinhas, a passar-lhe as mãos pelo cabelo castanho liso enquanto se aninha nele.

As coisas começam a ficar embaraçosas. É a minha deixa para sair dali. Sobreretudo por que o James continua a fitar-me como se esperasse que eu me fosse depositar no colo *dele* — algo que, para que conste, nem em sonhos vai acontecer.

— Eu, ah, preciso de outra bebida — digo-lhe, erguendo, atrapalhada, a lata de *Dr Pepper* quase cheia.

— Eu vou buscar-ta — oferece-se ele, chegando-se à frente, mas eu dou um grande passo atrás.

— Não é preciso.

— Estás bem, Grace? — A Macy consegue interromper os risinhos tempo suficiente para fazer a pergunta num tom sério.

— Sim, claro. Está tudo bem. Vou só... — Volto a exhibir a minha lata de *Dr Pepper*. — Não demoro.

O Cam deve ter feito algo de uma sensualidade incrível, pois a gargalhada da Macy altera-se, torna-se mais grave, e, nesse momento, perco-lhe a atenção.

Não espero que o James se volte a oferecer — ou pior, que insista. Ao invés, cruzo o salão como uma flecha. Mas, ainda mal cheguei à mesa das bebidas quando duas mãos muito grandes e muito quentes pousam nos meus ombros.



10

Afinal, o diabo veste Gucci

Estaco, com o coração aos saltos enquanto o mantra *Quenãoseja oJames, Quenãoseja oJames, Quenãoseja oJames* se repete na minha cabeça. Quero dizer, a sério. Não tenho já com que me entreter? Preciso mesmo que um palerma qualquer me queira fazer de lanche?

Mas antes de pensar no que dizer, o indivíduo chega-se à frente — numa voz grave e rica — e pergunta:

— Queres boleia às cavalitas?

E, de repente, a tensão esfuma-se, deixando no seu lugar uma alegria cautelosa.

— Flint! — Dou meia-volta e vejo-o a sorrir para mim, os olhos verdes a lampear com malícia.

— Então, Miúda Nova — diz ele, num tom arrastado. — Estás a divertir-te?

— Claro. — Mostro-lhe a minha lata de *Dr Pepper*. — Não te parece que estou na maior?

— Parece que há quem não se toque, por isso pensei em vir dar-te uma mãozinha. — Viramo-nos em unísono e vemos o James, que, afinal, me tinha realmente seguido até à mesa das bebidas, a regressar, amuado, para junto do Cam e da Macy, que ainda estão enrolados.

— Obrigada por isso.

— A gratidão é tão ano passado. — Di-lo numa voz aguda falsa que lembra todas as meninas más de todo o mundo.

A voz, a par do gesto ridículo com a mão com que acompanha a frase, faz-me rir com tanta vontade que quase ronco. E é então que percebo que metade

do salão continua a fitar-me — enquanto a outra metade está deliberadamente a desviar o olhar. Tal menosprezo seria um alívio *se* eu não soubesse que o estão a fazer para que eu perceba quão insignificante sou para todos eles.

Tipo, a sério?

— Queres ir comer alguma coisa? — pergunta o Flint, acenando com a cabeça para a mesa atrás de nós.

Antes que lhe possa responder, as portas duplas do salão abrem-se. Vão bater contra a parede com um estrondo que faz saltar os presentes. E eu viro-me.

O lado bom é que isso significa que já ninguém me está a prestar atenção. Porque estão todos a olhar para ele. Para o *Jaxon*. E ninguém os pode censurar, pois ele entra com se fosse dono do sítio — e de toda a gente que aqui está.

Vestido dos pés à cabeça com Gucci preto — camisola de decote em «V» de seda, calças de lã de risca fina, sapatos de fato de pele brilhante —, com a sobrelance da cicatriz franzida e o olhar sombrio e tão gélido como o terreno nevado lá fora, não devia parecer *sexy* como tudo. Mas parece. Ai, meu Deus, parece mesmo.

Por outro lado, todo aquele gelo — todo aquele negrume — está concentrado em mim. E no Flint, cujo braço conseguiu alojar-se nos meus ombros.

Tento desviar o olhar, mas é impossível. Tento não fixar os olhos do Jaxon. Mas ele está tão cativante, tão hipnótico, hoje como esteve ontem. E isso é antes de se começar a mexer, com uma graciosidade lânguida, os ombros bamboleantes, ancas firmes e pernas que nunca mais acabam.

É avassalador.

Ele é avassalador.

Ele não passa de um rapaz, faço por me recordar, com a boca a ficar seca como uma duna no deserto. É um homem normal, como qualquer outro aqui presente. Mas eu sei que é mentira. O Jaxon é tudo, menos comum. Tudo, menos vulgar, mesmo aqui, entre os que são marcadamente extraordinários.

Ao meu lado, o Flint solta uma risada. Faço menção de lhe perguntar o que foi quando reparo que o Jaxon está a dirigir-se a nós, com um gelo nos olhos que me faz arrepiar da cabeça aos pés. Não consigo fazer com que sai uma única palavra da minha boca, não consigo que elas passem pela garganta que, subitamente, se fechou.

Respiro fundo um fôlego entrecortado, tentando que isso me acalme um pouco. Não resulta, mas também não esperava o contrário.

Porque consigo vê-lo como estava ontem à noite, a sugar o meu sangue do seu polegar.

Porque só lhe consigo ouvir a voz — baixa, rouca, selvagem — a avisar-me que tranque a porta.

Porque só consigo pensar em beijar aquela boca, passar a língua pelo arco perfeito daquele lábio superior, apanhar o lábio inferior entre os dentes e

morder só um bocadinho.

Não sei de onde estão a vir estes pensamentos — eu não sou assim. Nunca pensei num rapaz desta maneira, nem no meu antigo namorado em San Diego. Mesmo antes de começarmos a sair, nunca dei comigo a imaginar como seria beijá-lo.

Envolvê-lo com os braços.

Pressionar o meu corpo contra o dele.

Porque quase sinto o seu toque; quase lhe sinto o sabor. Tento obrigar-me a pensar noutra coisa. Na neve. Nas aulas de amanhã. No meu tio, que devia estar aqui, mas que, por enquanto, está desaparecido em combate.

Nada disso resulta, porque só o vejo a *ele*.

A minha pele aquece sob o seu olhar, o meu rosto arde de embaraço pelos pensamentos que me correm pela mente. E a forma como está a olhar-me, como se os lesse a todos.

É impossível; eu sei que é. Mas a ideia aterroriza-me a ponto de desviar o olhar à pressa e levar a lata de *Dr Pepper* à boca, tentando parecer descontraída.

O que leva a que a bebida gaseificada vá pelo caminho errado.

Os meus pulmões violentados revoltam-se e eu tapo a boca e tusso com força, os olhos a lacrimejar e uma onda de humilhação a agitar-se no meu íntimo. Finjo que ele não está a ver, finjo que o Flint não me está a bater nas costas, finjo que não reparo no peso dos olhares gélidos dos meus novos colegas de turma que me veem a tentar sugar ar para os pulmões que não estão propriamente a colaborar.

Tenho de me afastar da ajuda excessiva do Flint, do olhar ameaçador e abrangente do Jaxon. Se, pelo menos, conseguir chegar à casa de banho mais próxima, já posso morrer em paz.

Começo a mexer-me — julgo ter visto a indicação de WC no corredor. Mal dei três passos quando, de repente, o Jaxon surge ao meu lado. Não reconhece a minha presença, nem sequer olha para mim ao passar, mas, tal como ontem, no cimo das escadas, os nossos ombros roçam-se.

O meu ataque de tosse desaparece tão subitamente como começou. O ar invade-me os pulmões.

Se não soubesse que tal é impossível, diria que ele teve alguma coisa que ver com isso. Não só com o início da tosse, mas também com a sua interrupção.

Só que não teve. É claro que não. É uma ideia absurda.

Saber isso não me impede de virar e vê-lo a afastar-se, mesmo sendo isso a pior coisa que podia ter feito — tanto para a minha sanidade como para a minha reputação —, a julgar pelo burburinho e pelos risos atrás de mim.

Ele não olha para trás. Na verdade, ele não olha para ninguém ao seguir junto à borda da mesa de bufê, observando o que lhe é oferecido. Não levanta o olhar quando retira um morango grande e perfeito de uma taça.

Fico à espera que o enfie de imediato na boca, mas não o faz.

Ao invés, dirige-se ao centro do salão e ao enorme cadeirão de veludo vermelho posicionado por baixo do lustre, tal qual um trono, com várias outras cadeiras dispostas em semicírculo à frente dele. Senta-se no cadeirão, as pernas abertas à frente do corpo enquanto diz algo aos cinco indivíduos — todos sombrios, lindos e estonteantes — sentados nas outras cadeiras.

Ainda não tinha reparado que as cadeiras estavam ocupadas.

Neste momento, quase toda a gente no salão está a observar o Jaxon, a tentar chamar-lhe a atenção. Mas ele ignora-os a todos, analisando o morango que segura entre o polegar e o indicador.

Quando finalmente ergue o olhar, fixa-o em mim. Depois leva o morango aos lábios e corta-o ao meio com uma dentada.

É um alerta óbvio — e violento — que uma gota de sumo vermelho fique por um segundo no seu lábio inferior.

Sei que devia ficar ali, que o devia enfrentar. Mas quando a língua dele aparece e lambe o sumo do morango num *vão-se lixar* muito óbvio para o Flint, para mim e para todos os presentes no salão, faço a única coisa que consigo.

Viro-me para o Flint e digo:

— Desculpa, tenho de ir.

Depois encaminho-me para a porta tão depressa quanto possível sem parecer ainda mais parva e desesperada por sair daquele salão antes de ficar esmagada sob o óbvio desprezo do Jaxon.

Porque uma coisa é certa: aquele espetáculo teve como objetivo sublinhar o quão insignificante eu sou para cada pessoa presente naquele espaço. Só gostava de saber porquê...



11

Na biblioteca, ninguém te ouve gritar

Assim que deixo o salão começo a correr, desesperada por me afastar o mais possível do Jaxon. Não faço ideia para onde vou, e julgo que também não importaria se fizesse. Seja como for, não sei onde nada fica neste sítio.

Sigo o instinto e viro à esquerda ao fundo do corredor. Sou levada pelo desespero de estar em qualquer lado, menos naquela festa.

Não sei o que fiz para deixar o Jaxon tão zangado, não faço ideia porque ele alterna tanto a maneira de lidar comigo. Cruzei-me com ele por quatro vezes desde que cheguei a este buraco gelado e cada experiência foi diferente. Arrogante da primeira vez, absorto da segunda, intenso da terceira e furioso da quarta. O estado de espírito dele muda mais depressa do que o *feed* do Instagram da minha melhor amiga.

Chego a outro beco sem saída e, desta vez, viro à direita. Segundos mais tarde deparo-me com uma escadaria, esta tão simples e sem graça comparada com a escadaria principal, que é grandiosa e ornamentada. Subo um lanço, depois outro e mais outro, até ao andar seguinte. A seguir viro outra vez à direita e só paro quando fico sem corredor.

Estou sem fôlego e um pouco enjoada, cortesia da hipobaropatia que teima em não desaparecer. Detenho-me por um instante para respirar. É então que o embaraço se desvanece a ponto de permitir que a mente racional assuma o controlo.

De repente sinto-me parva por me ter passado e ainda mais parva por ter fugido do Jaxon, que executou o ato assustador de morder um morango enquanto me olhava.

No fundo, sei que é mais do que isso. É a expressão no rosto dele, a

indolência da linguagem corporal, o muito óbvio *vai-te lixar* nos olhos quando me fitou. Não obstante, ter fugido dali como fugi parece-me agora absurdo.

Não a ponto de me fazer voltar àquela festa ridículamente desconfortável, mas mais do que suficiente para me deixar envergonhada pelas minhas ações.

Quando me endireito e tento perceber o que vou fazer — regressar ao quarto para mais um Ben-U-Ron e depois dormir está em primeiro lugar na lista — reparo que estou à frente da biblioteca do colégio. E como nunca vi uma biblioteca de que não gostasse, não resisto a abrir a porta e a entrar.

Assim que entro tenho uma sensação bizarra. O medo brota-me no estômago. Tudo no meu interior me diz para dar meia-volta e sair por onde entrei. É a sensação mais estranha que alguma vez tive e, por um instante, penso em ceder. Mas já fugi o suficiente por hoje, pelo que ignoro a pressão nos pulmões e a inquietude que me dá volta ao estômago e continuo a avançar até chegar ao balcão de requisições.

Levo alguns minutos a admirar a biblioteca. Basta um segundo para que a sensação de temor desapareça, substituída pelo fascínio. Quem gere esta biblioteca é cá dos meus. E isso não se deve apenas à quantidade de livros — que parecem ser dezenas de milhares, todos alinhados em estantes. Há também outros pormenores.

Gárgulas empoleiradas em prateleiras aleatórias, a olhar para baixo, como se guardassem os livros.

Algumas dezenas de cristais reluzentes, entrecortados por fitas cintilantes, pendurados do teto em intervalos que, à primeira vista, parecem aleatórios.

Todos os espaços abertos do grande salão foram transformados em alcovas de estudo, cheios de pufes, cadeirões e, onde há espaço para tal, divãs de pele puídos.

Mas a *pièce de résistance*, aquilo que me deixa em pulgas para conhecer o bibliotecário, são os autocolantes colados um pouco por todo o lado. Nas paredes, nas prateleiras, nas secretárias, nas cadeiras e nos computadores. Por todo o lado. Autocolantes grandes, autocolantes pequenos, autocolantes engraçados, autocolantes encorajadores, autocolantes de marcas, autocolantes com *emojis*, autocolantes sarcásticos... A lista continua, e parte de mim quer passear pela biblioteca até ler ou ver todos.

Mas são demasiados para uma visita — devem até ser demasiados para uma dúzia de visitas —, pelo que decido começar por ver os autocolantes que encontro ao seguir as gárgulas.

Porque, assim que vejo o resto da biblioteca, não acredito que as estátuas tenham sido dispostas aleatoriamente. O que significa que quero desesperadamente saber o que o bibliotecário me quer mostrar.

A primeira gárgula — uma coisa de aspeto feroz com asas de morcego e expressão furiosa — está de guarda a uma estante de romances de terror. A madeira está decorada com autocolantes do filme *Os Caça-Fantasmas*, e tenho de me rir ao identificar as lombadas de todos, desde John Webster a Mary Shelley, de Edgar Allan Poe a Joe Hill. O facto de haver uma

homenagem especial a Victor Hugo é a cereja no topo do bolo, sobretudo com o posicionamento irónico de três exemplares do *Corcunda de Notre-Dame* na linha de visão da gárgula.

A segunda gárgula — um sujeito atarracado de cócoras sobre uma pilha de caveiras — preside numa estante cheia de manuais sobre anatomia humana.

A estante de fantasia, que conta com livros de capas maravilhosas sobre dragões e bruxas, aloja a terceira gárgula, com asas fantásticas e grandes garras que agarram o livro miniatura que está a ler. Ao contrário das outras, que têm um ar feroz, esta menina parece traquina, como se fosse ter sarilhos por estar acordada muito além da hora de deitar, mas parece ser incapaz de largar a história.

Decido desde logo que é a minha preferida e escolho um livro da estante dela para ler esta noite, caso não consiga dormir. Depois quase solto uma gargalhada sonora ao passar o dedo pelas bordas de um autocolante que diz, «Não sou uma donzela em sobressalto; sou um dragão de saltos-altos».

Continuo a vaguear de estátua em estátua, de uma pequena prateleira sobre arquitetura gótica para uma estante inteira dedicada a histórias de fantasmas, e assim continua. Quanto mais tempo aqui passo, mas convencida fico de que o bibliotecário chefe será a pessoa mais fixe de sempre e de que tem um gosto soberbo para livros.

Chego ao fim do percurso e dobro a esquina da última estante à procura da última gárgula, que encontro a apontar para uma porta entreaberta. Um aviso enorme alerta os alunos para o facto de precisarem de autorização para acederem à sala o que, obviamente, me deixa ainda mais curiosa, sobretudo porque a luz está acesa e oiço uma música estranha no seu interior.

Tento identificá-la, mas à medida que me aproximo percebo que não é exatamente música, mas sim um cântico numa língua que não reconheço e que, garantidamente, não percebo. A minha curiosidade torna-se em entusiasmo.

Durante as minhas pesquisas sobre o Alasca descobri que os povos nativos do estado falam vinte línguas diferentes, e interrogo-me se será uma delas que estou a ouvir. Espero que sim — tenho estado ansiosa pela oportunidade de ouvir falar uma das línguas nativas. Muitas delas estão quase mortas. Algumas têm menos de quatro mil falantes em todo o mundo. O facto de estas línguas nativas estarem em vias de extinção é uma das coisas mais tristes que já ouvi.

Se tiver sorte, talvez possa matar dois coelhos com uma cajadada só. Conheço a pessoa muito fixe responsável por esta biblioteca e tenho uma aula com ela — sim, a voz é garantidamente feminina — sobre uma das línguas nativas. Mesmo se só for possível realizar apenas uma dessas opções, será um serão muito mais bem aproveitado do que deambular por uma festa, que supostamente era para me dar as boas-vindas, a ser observada por todos os presentes.

Mas quando me acerco da porta, decidida a apresentar-me, vejo que a pessoa a entoar um cântico não é, de todo, a bibliotecária. É uma rapariga mais ou menos da minha idade, com um cabelo escuro, comprido e sedoso, e um dos mais belos rostos que já vi na vida. Quiçá *o* mais belo.

Está a ler o livro aberto que tem nas mãos, o que explica o cântico que ouvi. Quero perguntar-lhe qual é a língua que está a falar, pois não consigo ver a capa, mas a forma como a cabeça gira na minha direção quando atravesso a soleira da porta cola-me as palavras à garganta.

Seja ela quem for, tem um aspeto feroz, as faces afogueadas e a boca aberta para libertar os sons únicos da língua que está a falar. Interrompe a leitura com o que parece ser fúria a arder nos olhos pretos redemoinhados.



12

É tudo muito divertido até que alguém perde a vida

Tento desculpar-me — ou, pelo menos, justificar-me —, mas, antes de ter tempo de inventar uma, a fúria naqueles olhos desaparece. Com efeito, dissipa-se tão rapidamente que nem sei se não o terei imaginado. Sobretudo porque a fúria, ou lá o que era, se transforma em boas-vindas à medida que se aproxima de mim.

— Deves ser a Grace — diz ela com um toque de sotaque, parando a um palmo de mim. — Estava ansiosa por te conhecer. — Estende a mão e eu aceito-a, estupefacta, e ela continua: — Chamo-me Lia e tenho a sensação de que vamos ser grandes amigas.

Não é o cumprimento mais bizarro que já tive — essa honra continua a pertencer ao Brant Hayward, cuja versão de é um prazer conhecer-te envolveu limpar os macacos que tinha no dedo no meu vestido no primeiro dia de infantário —, mas fica por poucos pontos em segundo lugar. Não obstante, o sorriso dela é tão contagioso que dou comigo a retribuir.

— Sim, sou *a* Grace — confirmo. — É um prazer conhecer-te.

— Ah, não sejas tão formal — declara ela, guiando-me gentilmente para fora da sala antes de lhe poder dizer que gostava de dar uma vista de olhos por aquele espaço. Segundos depois apaga as luzes e fecha a porta à nossa passagem, tudo de um modo extremamente eficiente.

— Que língua estavas a falar? Era nativa do Alasca? Era linda — começo a dizer enquanto regressamos ao centro da biblioteca.

— Ah, não. — Ri-se, com um som leve e fresco que encaixa

perfeitamente com o resto dela. — É uma língua com que me cruzei na minha pesquisa. Não sei como se chama. Nem sequer sei se estou a pronunciar as palavras corretamente.

— Olha que soava muito bem. Em que livro estava? — Mais do que nunca gostava de ter conseguido olhar para a capa.

— Num livro chato — responde ela com um aceno da mão. — A sério, esta pesquisa ainda vai dar cabo de mim. Anda, vamos tomar um chá e contas-me tudo acerca de ti. Temos muito tempo para falarmos sobre aulas quando lá estivermos presas.

Decido não referir que o início das novas aulas é praticamente a única coisa pela qual mal posso esperar desde que soube que vinha para o Alasca. Quero dizer, o liceu onde eu andava não oferecia Caça às Bruxas no Mundo Atlântico como crédito adicional para a disciplina de história. Para além disso, um chá parece-me uma excelente ideia, sobretudo depois do que aconteceu quando tentei beber um *Dr Pepper*. Também me parece muito bem fazer uma amiga neste sítio, onde toda a gente parece olhar para mim como se eu tivesse três cabeças, ou como se nem sequer existisse.

— De certeza que não estás ocupada? Não te queria interromper. Só queria explorar a biblioteca. Adoro o tema das gárgulas. Muito gótico.

— É, não é? Nisso, a senhora Royce é muito fixe.

— A sério? Deixa-me adivinhar. Camisas de flanela e aura de *hipster*? Esse tipo de coisa?

— Seria de esperar, não é? Na verdade, ela é mais do tipo *saia hippie e grinalda de flores*.

— Ainda fiquei com mais vontade de a conhecer. — Estamos agora no lado oposto à porta pela qual entrei na biblioteca e passamos por uma zona de estar com uma série de sofás pretos, cada um tem várias almofadas roxas com diferentes citações de filmes de terror clássicos. A minha preferida é a famosa deixa de Norman Bates no filme *Psico*: «Todos somos um pouco loucos de vez em quando.» Também gosto da almofada ao lado: «Tenha medo. Tenha muito medo», d'A *Mosca*.

— A senhora Royce adora o Halloween — ri-se a Lia. — Acho que ela ainda não guardou tudo.

Pois é. O Halloween foi há três dias. Tenho andado tão perdida com tudo o resto que este ano nem me lembrei, embora a Heather tenha passado meses a fazer um fato de raiz.

A Lia abre a porta principal e faz-me sinal para passar primeiro. Espero que apague as luzes e tranque a porta.

— A biblioteca costuma estar fechada ao domingo à noite, mas este semestre estou a fazer um estudo independente, por isso, às vezes, a senhora Royce deixa-me fazer serão.

— Desculpa. Não me apercebi de que...

— Não é preciso pedires desculpa, Grace. — Lança-me um olhar vagamente exasperado. — Não tinhas como saber. Estou só a explicar porque

é que tenho de voltar a trancar tudo.

— Bem visto — admito, surpreendida com a simpatia dela.

Começa a descer o corredor.

— Já que não estás na festa que a Macy te organizou, imagino que o teu primeiro dia inteiro no nosso ilustre colégio não tenha sido tão tranquilo como a tua prima imaginou, certo?

Ela tem razão, mas não o vou admitir, pois fico com a sensação que ao fazê-lo estaria a atirar a Macy aos lobos. Sobretudo porque o problema não é a Macy. Tudo o resto pode ser um problema, mas ela não.

— A festa estava boa, mas foi um dia muito comprido. Precisava de descansar um bocadinho.

— Aposto que sim. Chegar aqui nunca é fácil, a menos que venhas de Vancouver, ou assim.

— Pois, decididamente, não sou de Vancouver. — Sinto um leve arrepio quando uma brisa inesperada percorre o corredor.

Olho em volta, à procura da sua origem, mas sou distraída, quando a Lia ergue as sobrancelhas e pergunta:

— Vais obrigar-me a adivinhar?

— Ah, desculpa. San Diego.

Lança-me um olhar fulo por mais este pedido de desculpas, mas deixa-o passar em branco.

— Ui. O pior sítio possível onde podias viver para te mudares para aqui.

— É o pior sítio possível para me mudar seja para onde for — concordo.

— Mas sobretudo para aqui.

— Acredito. — Ela olha-me da cabeça aos pés e depois exhibe um sorriso afetado. — Estás gelada nesse vestido?

— Estás a brincar? Estou gelada desde que aterrei em Anchorage. Não interessa o que tenho vestido. Até antes de a Macy me ter convencido a vestir esta coisa.

— Então é melhor tratarmos daquele chá. — Indica a escadaria a que acabámos de chegar. — O meu quarto fica no terceiro andar, espero que não te importes.

— Ah, o nosso também. O meu e da Macy, quero eu dizer.

— Ótimo.

A Lia continua a falar enquanto subimos as escadas, apontando, entretanto, para as diferentes salas que julga que tenho de memorizar — o laboratório de química, a sala de estudo, a loja de petiscos. Parte de mim quer pegar no telefone e tirar notas, ou, melhor ainda, desenhar um mapa, porque eu sou terrível com direções. Talvez, se perceber algo tão simples como a disposição do castelo, outras coisas venham também a fazer sentido. E depois posso voltar a sentir-me segura outra vez — algo que não acontece há bastante tempo.

Chegamos, finalmente, ao quarto da Lia — a julgar pela localização dele em relação ao meu, ela está alojada naquilo que imagino ser o corredor Oeste.

Fico um bocadinho surpreendida quando ela para à frente da única porta do corredor, e talvez do piso todo, que não tem algum tipo de decoração.

A minha surpresa deve ser notória, pois ela diz:

— Foi um ano difícil. Quando voltei não tinha grande vontade de fazer decorações.

— Que chato. A parte do ano difícil, claro. Não a parte da decoração.

— Eu sei o que querias dizer. — Sorri com tristeza. — O meu namorado morreu há vários meses, e toda a gente acha que já o devia ter superado. Mas estivemos juntos muito tempo. Não é fácil ultrapassá-lo. Tal como imagino que saibas.

Os meus pais morreram há um mês e ainda passo metade do tempo em choque.

— Pois não, não é fácil.

Eu acordo todos os dias e por um minuto, só um minuto, não me lembro do motivo para a sensação de aperto no estômago.

Não me lembro de que eles desapareceram e nunca mais os vou ver.

Não me lembro de que estou sozinha.

Depois volta tudo a desabar e a mágoa regressa.

Entrar ontem naquele primeiro avião foi a coisa mais difícil que já tinha feito, talvez por ter tornado a morte deles um bocadinho mais real — à parte de ter ido identificar os corpos.

A Lia e eu ficamos ali por um instante, paradas no meio do quarto, duas pessoas que parecem bem por fora, mas que estão devastadas por dentro. Não falamos, não dizemos nada. Ficamos só a absorver o facto de que haverá quem esteja a sofrer tanto como nós.

É uma sensação bizarra. E estranhamente reconfortante.

A Lia acaba por se dirigir à secretária, onde tem ligada uma chaleira elétrica. Verte para dentro dela alguma água do jarro que também está na secretária e liga-a. A seguir destapa um frasco com o que parece *pot-pourri* e serve dois coadores de chá.

— Posso ajudar com alguma coisa? — pergunto, mesmo sabendo que estou fora do meu elemento. Não estou habituada a tanto esforço para beber uma caneca de chá. Lá em casa, se não viesse numa saqueta pré-preparada, não bebíamos.

— Não é preciso, obrigada. — Indica a segunda cama no quarto, que ela arrumou como divã, com uma colcha vermelha e uma série de travesseiros da cor de pedras preciosas. — Vai sentar-te.

Assim faço, desejando estar com *leggings* ou calças de ioga, em vez deste vestido, para me poder sentar como uma pessoal normal. A Lia não diz grande coisa enquanto prepara o chá, e eu também não. É difícil saber para onde encaminhar uma conversa agora que já cobrimos tudo desde línguas moribundas a entes queridos mortos.

O silêncio arrasta-se e começo a sentir-me desconfortável. Felizmente, a chaleira não demora a ferver, e não tarda a que a Lia me apresente uma

chávena de chá.

— É a minha mistura especial — afirma ela, levando a chávena aos lábios e soprando ao de leve. — Espero que gostes.

— De certeza que é excelente. — Envolver a chávena com as mãos e quase estremeço de alívio por finalmente poder aquecer os dedos. Mesmo que tenha um sabor horrível valerá a pena pela oportunidade de não ter frio.

— E então, como correu a festa? Para teres acabado na biblioteca, imagino que não tenha corrido bem. Mas pudeste, pelo menos, conhecer alguém?

— Conheci, sim. Pareceram todos simpáticos.

Ela ri-se.

— Mentos tão mal.

— Achei que valia a pena tentar. — Bebo um gole do chá, que tem um sabor floral bastante potente. Não sei se me agrada, mas está quente, o que basta para me fazer beber outro gole. — Já me disseram o mesmo. A parte do mentir mal.

— Se calhar devias trabalhar nisso. Aqui, em Katmere, saber mentir bem é praticamente essencial para a sobrevivência.

É a minha vez de me rir.

— Então parece que estou em apuros.

— Parece que sim. — Desta vez, a resposta está desprovida de humor. De repente percebo que a frase original também não tinha qualquer humor.

— Espera — digo, estranhamente desconcertada com o facto. — O que é que é assim tão importante para que tenham de mentir?

É então que a Lia me fita diretamente e responde:

— Tudo.



13

Morde aqui a ver se eu deixo

Não faço ideia de como responder. O que será suposto dizer? O que será suposto pensar?

— Não fiques tão escandalizada — diz-me, passados alguns segundos de silêncio atrapalhado. — Estou só a brincar, Grace.

— Ah, pois. — Rio-me com ela, pois não há mais nada que possa fazer. Ainda assim, acho que algo de errado se está a passar. Talvez devido ao ar sério que ela tinha ao dizer-me que mente acerca de tudo. Ou talvez porque fico a pensar se aquilo seria a verdade e isto a mentira... Seja como for, não há muito mais que eu possa fazer, além de encolher os ombros e dizer: — Calculei que te estivesses a meter comigo.

— E estava mesmo. Devias ter visto a tua cara.

— Imagino — respondo com uma gargalhada.

Não dizemos nada durante alguns segundos, até que o silêncio começa a parecer incómodo. Para me proteger acabo por perguntar:

— Que língua estavas a ler há bocado? Parecia tão fixe.

A Lia olha-me por um segundo, como se ponderasse se quer ou não responder.

— Acadiano. É a língua que se desenvolveu a partir do antigo sumério — conta-me.

— A sério? Quer dizer que tem três mil anos?

A Lia parece surpreendida.

— Algo do género, sim.

— Isso é incrível. Sabes, sempre me senti impressionada com os linguistas e com os antropólogos que estudam isso. Uma coisa é perceber o

que significam as diferentes letras e as palavras que compõem. — Abano a cabeça, fascinada. — Mas saber como soam? É de loucos.

— É, não é? — Os olhos dela brilham de entusiasmo. — A base da linguagem é tão...

O meu telemóvel vibra com várias mensagens de texto seguidas, interrompendo-a. Pego no aparelho, imaginando que a Macy se fartou finalmente de esperar pelo meu regresso. Tal como esperava, o ecrã apresenta uma série de mensagens da minha prima, cada uma mais ansiosa do que a anterior. Parece que ela me tem andado a enviar mensagens há já algum tempo, mas eu tinha as notificações desligadas.

Macy: Então, onde estás?

Macy: Ainda estou à tua espera

Macy: Alô, onde estás????

Macy: Vou à tua procura

Macy: Estás bem????

Macy: Responde!!!!

Macy: O que se passa?

Macy: Tu. Estás. Bem?????

Respondo-lhe um rápido *Estou bem* e o meu telemóvel vibra de imediato. Olho de relance ao *ONDE ESTÁS?* em maiúsculas da minha prima e percebo que é melhor ir ter com ela antes que se passe.

— Desculpa, Lia, mas tenho de ir. A Macy está aflita.

— Porquê? Porque saíste da festa? Isso passa-lhe.

— Pois, mas acho que ela está mesmo preocupada. — Não lhe conto sobre o que aconteceu na véspera com aqueles tipos e não refiro que será talvez por isso que a Macy está preocupada por não me encontrar. Ao invés, concentro-me no telemóvel e respondo *No quarto da Lia*, após o que me levanto. — Obrigada pelo chá.

— Pelo menos fica mais uns minutos, acaba o chá. — Parece meio divertida, meio desapontada enquanto diz: — Não queres que a tua prima julgue que te pode controlar.

Levo a chávena até ao lavatório da casa de banho.

— Ela não me está a controlar. Acho que ela julga que eu possa estar chateada ou algo assim. — Parece mais fácil dar essa explicação do que entrar em pormenores sobre o que aconteceu com o Marc e o Quinn. — Além disso, se bem a conheço, ela já deve estar a caminho do teu quarto.

— Deves ter razão. A Macy tende mesmo para a histeria.

— Eu não disse isso... — Sou interrompida por alguém a bater à porta.

A Lia sorri-me, à laia de *Eu disse-te*.

— Não te preocupes com a chávena — indica ela, tirando-ma das mãos. — Vai lá mostrar à Macy que não estás esvaída em lágrimas e que eu não te matei.

— Ela não iria pensar tal coisa. Está preocupada comigo, só isso. — Avanço diretamente para a porta e abro-a, revelando a minha prima do outro

lado, tal como esperado. — Estou aqui — sorrio-lhe.

— Oh, graças a Deus! — Envolve-me com os braços. — Pensei que te tivesse acontecido alguma coisa.

— O que é que me podia acontecer com quase toda a gente na festa? Fui só dar um passeio — tento agradecer.

— Não sei. — De repente parece insegura. — Muitas coisas...

— Acho que a Macy receava que pudesses ter saído do castelo — intervém a Lia. — Só com esse vestido estarias à beira da morte.

— Pois, exatamente! — A Macy parece agarrar-se à desculpa. — Não te queria a morrer de frio antes que o teu primeiro dia completo no Alasca chegasse ao fim. — É uma resposta estranha, sobretudo tendo em conta que ela sabe o que quase me aconteceu ontem e que eu fiquei aterrorizada por poder ser atirada lá para fora exatamente por esse motivo. Mas esta não é propriamente a altura certa para falarmos disso, pelo que me viro para a Lia.

— Obrigada por tudo — agradeço.

— Tudo bem. — Sorri-me. — Aparece um dia destes. Fazemos mani-pedis, faciais, ou qualquer coisa assim.

— Parece-me bem. E adorava saber mais sobre a tua pesquisa.

— Mani-pedis? — repete a Macy, parecendo surpreendida. — Pesquisa?

A Lia revira os olhos.

— É óbvio que também estás convidada. — E depois fecha-nos a porta na cara.

Gesto que, verdade seja dita, parece estranho, tendo em conta como se mostrou afável até agora. Claro que assim que a Macy apareceu, a Lia ficou bastante mais agressiva. Quiçá a despedida abrupta tenha mais que ver com a minha prima do que comigo.

— Nem acredito que foste convidada para fazer mani-pedis com a Lia Tanaka. *Depois* de teres sido convidada para o quarto dela — murmura a Macy.

Não parece ciumenta, apenas confusa. Como se ter alguma coisa em comum com a Lia fosse a cena mais bizarra do mundo.

— Não foi difícil. Ela parece simpática.

— «Simpática» não é um adjetivo que use normalmente para a descrever — retruca a Macy, enquanto avançamos pelo corredor. — Ela é a miúda mais popular do colégio e, regra geral, esforça-se por nos lembrar disso. Embora, ultimamente, tenha andado muito esquiva.

— Pois, sabes, acho que ela até tem direito a isso, depois de perder o namorado.

A Macy arregala os olhos.

— Ela *contou-te* isso?

— Sim. — Ocorre-me uma ideia revoltante. — É segredo?

— Não. É que ouvi dizer que ela não fala sobre o Hudson. — A voz torna-se distante quando o diz e, de repente, olha para todo o lado menos para mim. Imagino que seja por se sentir desconfortável e não porque a tapeçaria milenar

para onde ela está neste momento a olhar — e que já terá visto um milhão de vezes — seja mais interessante do que a nossa conversa. Quem me dera saber porquê.

— Não me surpreende — replico. — E a Lia não me falou propriamente sobre ele. Só me disse que tinha morrido.

— Pois, há quase um ano. O colégio ficou bastante abalado — continua ela sem olhar para mim, o que se torna cada vez mais estranho.

— Ele estudava aqui?

— Sim, mas terminou o secundário no ano antes de morrer. Claro que isso nos perturbou muito.

— Imagino. — Tenho vontade de perguntar o que aconteceu, mas parece ser uma atitude pouco educada, pelo que me abstenho.

Seguimos em silêncio mais uns minutos, dando tempo para que o tema se dissipe. Assim que isso acontece, a Macy regressa à sua personalidade normal e pergunta:

— Tens fome? Não comeste nada na festa.

Ainda penso em dizer que sim — não como nada desde a taça de cereais Frosted Flakes que a Macy me serviu esta manhã — mas a hipobaropatia deve estar de volta, pois a simples menção a comida deixa-me o estômago a roncar e não é no bom sentido.

— Sabes, acho que vou para a cama. Não me sinto assim muito bem.

Pela primeira vez, a Macy parece preocupada.

— Se pela manhã não estiveres melhor, acho que devíamos levar-te à enfermaria. Chegaste há mais de vinte e quatro horas. Já devias estar a começar a habituar-te à altitude.

— O que encontrei na pesquisa foi vinte e quatro a quarenta e oito horas. Se amanhã, depois das aulas, não estiveres melhor vamos à enfermeira. Pode ser?

— Se não estiveres melhor amanhã depois das aulas, acho que quem te arrasta até lá é o meu pai. Ele tem estado preocupado contigo desde que lhe pediste que te deixasse em San Diego a acabar o período.

Sinto mais um silêncio desconfortável a começar a instalar-se e, muito sinceramente, não sei se tenho capacidade para aguentar isso neste momento. Portanto, é a minha vez de mudar de assunto.

— Estou tão cansada que nem posso. Afinal, que horas são? — digo.

A Macy ri-se.

— São oito da noite, sua foliona.

— Para a semana logo vou a festas. Depois de finalmente dormir como deve ser e depois desta estúpida hipobaropatia ter passado. — Levo a mão à barriga quando sinto as náuseas a regressarem em força.

— Sou tão parva. — A Macy revira os olhos para si própria. — Foi muito mau querer organizar uma festa logo no teu primeiro dia no colégio. Desculpa.

— Não és parva. Estavas só a querer ajudar-me a conhecer pessoas.

— Estava a *tentar* exhibir a minha fabulosa prima mais velha...

— Devo ser mais velha, tipo, uns seis meses.

— Não deixas de ser mais velha, certo? — Oferece-me um sorriso rasgado. — Seja como for, estava a tentar exhibir-te e a ver se te ajudava a ambientares-te. Nem pensei que pudesses precisar de um dia ou dois só para respirar.

Chegamos ao nosso quarto e a Macy abre a porta com um floreado. E mesmo a tempo, pois o meu estômago revolta-se uns dois segundos depois de ter entrado. Mal consigo chegar à casa de banho antes de vomitar uma mistura tóxica de chá e *Dr Pepper*.

Afinal de contas, parece que o Alasca está mesmo a tentar matar-me.



14

Bate, bate, bate às portas da morte

Passo os quinze minutos seguintes a tentar vomitar o interior do estômago e a pensar que se este malfadado sítio *está* a querer matar-me, mais vale despachar-se.

Quando, cerca de meia hora depois, as náuseas desaparecem, sinto-me exausta e a dor de cabeça voltou em força.

— Queres que chame a enfermeira? — pergunta a Macy, seguindo-me de braços estendidos, pronta para me agarrar se eu cair enquanto me encaminho para a cama. — Acho que devia chamar a enfermeira.

Gemo ao tapar-me.

— Vamos esperar mais um pouco.

— Não me parece que...

— Direito de prima mais velha. — Ofereço-lhe um sorriso que estou longe de sentir e aninho-me na almofada. — Se não estiver melhor de manhã chamamos a enfermeira.

— De certeza? — A Macy *está* irrequieta e insegura quanto ao que fazer.

— Se pensarmos que já tive atenção mais do que suficiente desde que cheguei? Sim. Absoluta.

Não parece satisfeita com a minha recusa, mas acaba por assentir.

Vou dormitando enquanto a minha prima lava o rosto e veste o pijama. Quando ela apaga a luz e se deita sou acometida por uma nova onda de náuseas. Faço por aguentar, tentando ignorar o quanto desejo que a minha mãe aqui estivesse para me dar um pouco de mimos, e acabo por adormecer num sono inquieto, do qual só acordo quando um despertador começa a gritar às seis e meia da manhã seguinte. Dispara de forma tão abrupta quando

alguém carrega no botão do *snooze*.

Acordo desorientada, a tentar lembrar-me de onde estou e de quem será o maldito alarme que me despertou. É então que me lembro de tudo em catadupa. Depois de mais uma viagem à casa de banho para um festival de vômitos por volta das três da manhã, as náuseas dissiparam-se, o que foi muito positivo. E agora parece estar tudo bem — a cabeça deixou de girar e, embora sinta a garganta seca, não me dói.

Hum. Parece que a internet tinha razão quanto às *vinte e quatro a quarenta e oito horas para habituação*. Estou como nova.

Pelo menos até que me sento e percebo que o resto do corpo é outra história. Dói-me cada músculo como se tivesse escalado o Denali, depois de correr a maratona. Tenho a certeza de que é falta de hidratação e o stresse da véspera, mas, seja como for, não estou com disposição para me levantar. E, garantidamente, não estou com disposição para andar bem-disposta no meu primeiro dia de aulas.

Volto a deitar-me e tapo a cabeça com os cobertores, tentando decidir o que quero fazer. Ainda estou assim passados dez minutos, altura em que a Macy acorda a resmungar.

A primeira coisa que faz é dar uma palmada no despertador até que ele se cala — algo pelo qual lhe fico eternamente grata, já que escolheu o som mais irritante alguma vez criado para acordar —, mas não demora mais de um segundo para se levantar e vir ter comigo.

— Grace? — murmura baixinho, como se pretendesse confirmar como estou, mas, ao mesmo tempo, não me quisesse acordar.

— Estou bem — afianço-lhe. — Só dorida.

— Deve ser desidratação. — Dirige-se ao frigorífico no canto do quarto e tira um jarro de água. Serve dois copos e entrega-me um, voltando depois à cama para se sentar. Perde um minuto a enviar mensagens de texto — imagino que seja ao Cam —, depois larga o telemóvel e olha para mim.

— Hoje tenho de ir às aulas, tenho três testes, mas assim que puder venho ver como estás.

Adoro o pressuposto de que não vou às aulas, pelo que não discuto.

— Não tens de te incomodar a vir ver como estou. Sinto-me muito melhor — digo.

— Ótimo, podes pensar neste dia como um feriado para a tua saúde mental, do tipo *Oh merda, mudei-me para o Alasca!*

— Há mesmo um feriado para a nossa saúde mental por causa disso? — brinco, mexendo-me na cama até ficar sentada de costas contra a parede.

A Macy solta um ronco.

— Há *meses* inteiros dedicados a isso. O Alasca não é fácil.

É a minha vez de fungar.

— Jura?! Cheguei há menos de quarenta e oito horas e já percebi isso.

— Isso é só porque tens medo de lobos — provoca-me ela.

— E de ursos — admito, sem qualquer embaraço. — Tal como qualquer

pessoa normal...

— Tens uma certa razão. — Sorri. — Devias tirar o dia e fazer o que quiseses. Lê um livro, vê programas parvos, come a minha reserva de comida nada saudável, se o teu estômago se aguentar... O meu pai diz aos teus professores que só començas amanhã.

Ainda nem sequer tinha pensado no tio Finn.

— O teu pai não se importa que me balde às aulas?

— Foi ele que o sugeriu.

— Como é que ele sabe...? — calo-me quando ouço baterem à porta. — Quem...?

— O meu pai — diz a Macy, atravessando o quarto e abrindo a porta com um floreado. — Quem havia de ser?

Mas não é, de todo, o tio Finn. É o Flint, que olha para a Macy, na sua camisa de dormir minúscula, e para mim, com o vestido de ontem e a maquilhagem borrada, e começa a sorrir como um tolo.

— Mas que belo aspeto, meninas. — Assobia baixinho. — Parece que a festa de ontem melhorou um bocado durante a noite, não?

— Isso gostavas tu de saber — provoca-o a Macy, dirigindo-se à casa de banho, e à privacidade possível. Não me dou ao trabalho de responder, limitando-me a deitar-lhe a língua de fora. Ele ri-se e responde com um erguer de sobranceiras.

— Por acaso, *gostava* — diz-me o Flint, que se veio sentar aos pés da minha cama. — Para onde é que fugiste? E porquê?

Uma vez que o motivo envolve tentar explicar a minha reação bizarra ao Jaxon — bem como tudo o que se sucedeu —, contento-me com parte da verdade.

— A hipobaropatia afetou-me bastante. Fiquei com vontade de vomitar, por isso voltei ao quarto.

A explicação expulsa-lhe o sorriso dos lábios.

— Como é que estás? Não se deve brincar com a hipobaropatia. Respiras bem?

— Sim, não tenho problemas em respirar. A sério — acrescento, depois de ele não parecer convencido. — Hoje, já me sinto quase normal. Só tive de me habituar às montanhas.

— Por falar em montanhas. — O atraente sorriso do Flint regressa. — Foi por isso que aqui vim. Há quem esteja a pensar fazer uma guerra de bolas de neve esta noite, depois do jantar. Pensei que pudesses querer juntar-te a nós... Se te sentires capaz, lógico.

— Uma guerra de bolas de neve? — Abano a cabeça. — Acho que não devo.

— Porquê?

— Porque eu não sei fazer uma bola de neve e muito menos atirá-la a alguém.

O Flint olha-me como se eu estivesse a ser tola.

— Pegas em neve, formas uma bola, e depois atira-la contra a pessoa mais próxima. — Usa as mãos para explicar as suas palavras. — Não é propriamente difícil.

Fito-o, sem estar convencida.

— Vá lá, Miúda Nova. Experimenta. Garanto que vai ser divertido.

— Cuidado, Grace. — A Macy sai da casa de banho, o cabelo enrolado numa toalha. — Nunca confies num... — Cala-se quando o Flint se vira para ela, de sobranceiras erguidas.

— Vão fazer uma guerra de bolas de neve mais logo, depois das aulas — explico-lhe. — Ele quer que a gente vá. — O Flint não convidou a Macy, mas nem pensar que eu vou sem ela. E, pelo sorriso que de repente ilumina o rosto da minha prima, imagino que tomei a decisão certa.

— A sério? Temos de ir, Grace. As guerras de bolas de neve do Flint são lendárias no colégio.

— Já que não faço ideia do que estou a fazer, isso não me ajuda muito.

— Vai correr bem — dizem os dois ao mesmo tempo.

É a minha vez de erguer as sobranceiras enquanto os miro alternadamente.

— Confia em mim — implora o Flint. — Eu tomo conta de ti.

— Não confies nele — alerta-me a Macy. — Põe uma bola de neve na mão deste rapaz e ele torna-se diabólico. O que não quer dizer que não seja divertido.

Continuo a achar que é uma péssima ideia, mas o Flint e a Macy são os meus únicos dois amigos em Katmere. Nunca se sabe o que pode vir a acontecer com a Lia, e quanto ao Jaxon... O Jaxon pode ser muitas coisas, mas, garantidamente, não lhe chamaria amigo. Nem sequer amigável.

— Está bem, pronto — cedo. — Mas se eu morrer no meio da guerra vou passar o resto da vossa vida a assombrá-los.

— Tenho a certeza de que vais sobreviver — garante a Macy.

O Flint, por outro lado, só pisca o olho.

— E se não sobreviveres, há piores maneiras de passar a eternidade.

Antes de conseguir pensar numa resposta, ele chega-se e beija-me a face.

— Até logo, Miúda Nova. — Depois vai embora, saindo pela porta sem olhar para trás.

Fico sozinha com uma Macy embaçada, que só falta estar aos saltinhos a bater palmas por causa de um beijo. É triste saber que, por mais adorável que o Flint seja, ele não me faz sentir nem de longe o que sinto com o Jaxon.



15

Portanto, o inferno pode mesmo gelar

— Ele acabou de... — arqueja a Macy depois de ele fechar a porta atrás de si.

— Não foi nada de especial — garanto-lhe.

— O Flint acabou de... — Pelos vistos, a palavra continua a escapar-lhe, pois a Macy toca na face dela no mesmo sítio onde o Flint beijou a minha.

— Não foi nada de especial — repito. — Não me deu um linguado, nem nada. Estava só a ser simpático.

— Ele nunca foi assim simpático *comigo*. Nem com ninguém que eu tenha visto.

— Pois, sabes, tu tens namorado. Ele, se calhar, tem medo que o Cam lhe dê uma coça.

A Macy ri-se. Solta mesmo uma gargalhada, algo que... está bem, pronto. A ideia de o seu namorado escanzelado dar uma coça ao Flint parece, realmente, um pouco absurda. Mas ela não devia, pelo menos, *fingir* que o está a defender?

— Queres que eu fale com ele? — provoco-a. — A ver se, da próxima vez, ele te beija *a ti*?

— É claro que não! Estou muito satisfeita com o Cam e com os beijos dele, muito obrigada. Estou só a dizer que o Flint gosta de ti. — Pega numa escova e começa a pentear-se.

Apesar das palavras dela, o tom da voz tem algo que me faz semicerrar os olhos.

— Espera. Tu tens um fraquinho pelo Flint?

— É claro que não. Eu estou apaixonada pelo Cam. — Evita cruzar o seu

olhar com o meu enquanto vai buscar um produto para o cabelo.

— Pois, isso é muito convincente. — Reviro os olhos. — Escuta, se queres estar com o Flint, não devias acabar com o Cam e experimentar?

— Eu *não* quero estar com o Flint.

— Mace...

— A sério, Grace. Talvez, no nono ano, ou assim, tenha tido um fraquinho por ele, mas isso já foi há muito tempo, e já não interessa.

— Por causa do Cam. — Observo-lhe o rosto ao espelho. Ela começa a pentear o cabelo curto e policromático.

— Porque estou apaixonada pelo Cam, sim — afirma ela, espetando algumas madeixas. — E também porque isso não funciona assim por aqui.

— Como assim?

— Os diferentes grupos não se misturam.

— Pois, eu reparei nisso na festa. Mas lá porque não o *façam*, isso não quer dizer que não *possam*, certo? Quero dizer, se gostas do Flint e ele gostar de ti...

— Eu não gosto do Flint — geme ela. — E garanto-te que ele não gosta de mim. E não importava se gostasse, porque...

— Porque o quê? Porque é popular?

Ela suspira, abana a cabeça.

— É mais do que isso.

— Mais do que *o quê*? Começo a sentir que vim parar a uma versão do Alasca do *Giras e Terríveis*, ou assim.

Antes que ela possa responder alguém bate à porta.

— Mas quantas pessoas é que passam pelo teu quarto antes das sete e meia da manhã? — brinco, dirigindo-me à porta. A Macy não responde, só encolhe ao de leve os ombros e sorri à medida que começa a aplicar a maquilhagem.

Abro a porta e vejo o meu tio a olhar-me com preocupação.

— Como te sentes? A Macy disse que ontem estiveste a vomitar.

— Estou melhor, tio Finn. As náuseas desapareceram e a dor de cabeça também.

— Tens a certeza? — Faz-me sinal para voltar à cama, e eu obedeço com todo o prazer, diga-se de passagem. Dormi tão pouco nas últimas duas noites que, mesmo com a hipobaropatia a ter desaparecido, continuo a sentir-me no meio de um nevoeiro.

— Ótimo. — Leva-me a mão à testa, como se quisesse confirmar se tenho febre.

Começo a fazer uma piada sobre a doença da altitude não ser um vírus, mas quando ele retira a sua mão da minha testa e beija o topo da cabeça sinto um nó na garganta. Porque, neste momento, com as sobranceiras franzidas e a boca contraída de tal modo que as covinhas nas faces se tornam mais notórias, o tio Finn lembra-me de tal maneira o meu pai que preciso de todas as forças do meu ser para não começar a chorar.

— Continuo a achar que a Macy tem razão — prossegue ele, alheio ao meu aspeto desolado. — Devias passar o dia a descansar e só começar as aulas amanhã. Perder os teus pais, a mudança para o Colégio Katmere e para o Alasca... Tens de te habituar a muita coisa, mesmo sem a hipobaropatia.

Faço que sim com a cabeça, mas desvio o olhar antes que ele perceba a emoção na minha expressão.

Deve reconhecer o esforço, pois não diz mais nada. Limita-se a dar-me uma palmadinha na mão, dirigindo-se depois ao toucador embutido onde a Macy continua a aprontar-se.

Falam em vozes tão baixas que não consigo perceber nada, pelo que os ignoro. Volto a deitar-me, puxo os cobertores até ao queixo e espero que a dor que sinto pela perda dos meus pais desapareça.

Não pretendo adormecer, mas é o que acontece. Quando volto a acordar já passa da uma e tenho o estômago a roncar. Contudo, o desconforto desta vez deve-se ao facto de já terem passado mais de vinte e quatro horas desde que lhe dei qualquer coisa remotamente parecida com comida.

Em cima do frigorífico está um frasco de manteiga de amendoim e uma caixa de bolachas, que ataco sem dó nem piedade. Uma tonelada de manteiga de amendoim e um pacote inteiro de bolachas depois, volto a sentir-me humana.

Também me sinto encurralada neste quarto e neste colégio.

Tento ignorar a inquietude. Começo por tentar ver uma das minhas séries preferidas na Netflix, depois ler a revista que não acabei no avião. Chego até a enviar uma mensagem à Heather, mesmo sabendo que ela está nas aulas, na esperança de que possamos falar um bocadinho. Mas, segundo a única mensagem que consegue enviar, ela está prestes a fazer um teste de cálculo matemático, pelo que não vou conseguir distrair-me com o telemóvel.

Não há mais nada que me atraia, portanto decido aventurar-me. Quiçá um passeio pelo ermo do Alasca seja aquilo de que preciso para clarear as ideias.

Claro que decidir ir dar um passeio e preparar-me para ir passear são duas coisas completamente diferentes por aqui. Tomo um duche rápido e depois — porque sou uma noviça completa — googlo como me devo vestir para um inverno no Alasca. Pelos vistos, a resposta é com *muito* cuidado, mesmo estando só em novembro.

Assim que encontro um *site* que me parece de confiança, as roupas que a Macy me comprou fazem mais sentido. Começo com os *collants* de lã que ela me deu e um dos meus *tops*, depois junto uma camada de roupa interior comprida: calças e camisola. Depois da roupa interior, visto umas calças polares rosa-choque (claro) e um casaco polar cinzento. O *site* dá-me a opção de vestir outro casaco mais grosso por cima deste, mas não está, nem de longe, tanto frio como vai estar daqui a um par de meses, pelo que decido ignorar a recomendação e vou diretamente para o gorro, cachecol, luvas e dois pares de meias. Remato tudo com um blusão de penas com capuz que o meu tio me deu e o par de botas de neve adequadas ao Denali que estão no fundo

do meu roupeiro.

Uma olhadela rápida ao espelho mostra que estou tão ridícula como me sinto.

Mas decido que seria ainda mais ridículo se morresse congelada no meu segundo dia no Alasca, pelo que ignoro a sensação. Para além disso, se por acaso ficar com calor durante a caminhada, posso sempre despir a camada polar — pelo menos é isso que sugere o guia. Ao que parece, o nosso grande inimigo é o suor, pois, andar por aí com roupas molhadas pode levar à hipotermia... Tal como quase tudo neste estado.

Em vez de lhe enviar uma mensagem para não lhe interromper nenhum teste, deixo um recado à Macy a dizer que vou explorar os terrenos do colégio — não sou tola a ponto de ir além da muralha até ao ermo, onde se encontram os lobos, os ursos, e sabe Deus o que mais.

Depois saio. Ao descer as escadas ignoro praticamente toda a gente com quem me cruzo — ou seja, quase ninguém, uma vez que a maioria dos alunos está em aulas. Talvez me devesse sentir culpada, mas, muito sinceramente, estou apenas aliviada.

Chego ao rés do chão e saio pela primeira porta para o exterior que encontro e quase mudo de ideias quando sinto o vento e o frio.

Afinal, talvez devesse ter vestido aquela camada adicional...

Agora é demasiado tarde, pelo que puxo o capuz para a cabeça e escondo o rosto coberto pelo cachecol com a gola alta do blusão. Depois saio para o pátio, mesmo com os meus instintos a gritarem para que volte para dentro.

Mas sempre ouvi dizer que devemos começar as coisas tal como as pretendemos terminar, e *não* vou ser prisioneira dentro deste colégio durante todo o ano letivo. Só por cima do meu cadáver.

Enfio as mãos nos bolsos e começo a andar.

Começo por me sentir de tal modo desesperada que consigo pensar no frio contra a minha pele, mesmo tendo cada centímetro quadrado do corpo coberto por várias camadas de roupa.

Mas quanto mais ando, mais aqueço, pelo que aumento o ritmo e, finalmente, tenho oportunidade de começar a olhar em meu redor. O Sol nasceu há umas duas horas — quase às dez da manhã —, pelo que é a primeira vez que vejo o espaço à luz do dia.

Fico espantada com a beleza à minha volta, mesmo aqui no *campus*. Estamos na encosta de uma montanha, onde tudo é inclinado, o que me leva sempre a subir ou a descer um monte, o que devido à altitude, não é fácil, mas, pelo menos, estou a respirar melhor do que há dois dias.

Não há muitas plantas diferentes neste momento, mas os vários carreiros são ladeados por perenes que também surgem em renques um pouco por todo o *campus*. O verde é lindo contra o cenário de neve branca que cobre praticamente tudo aqui fora.

Curiosa com a sensação — mas não a ponto de descalçar as luvas —, baixo-me e recolho uma mancha de neve que deixo escorregar entre os

dedos para ver como cai. Quando fico de mão vazia baixo-me e recolho mais, seguindo depois a indicação do Flint e criando uma bola.

É mais fácil do que julgava e dali a uns segundos estou a atirar a neve com toda a força contra uma árvore à esquerda, no ponto onde o caminho se bifurca. Observo, com satisfação, a bola a bater no tronco e a desmanchar-se, avançando depois para o carreiro mais além.

Mas quando me aproximo da árvore percebo que nunca tinha visto nada como as suas raízes escuras e torcidas. Enormes, cinzentas e entrelaçadas numa confusão caótica que lembra algo saído de um pesadelo. É como se gritassem aos transeuntes que tivessem cuidado. Se a isso juntarmos os ramos partidos e a casca arrancada do tronco, a árvore parece fazer parte de um filme de terror e não do *campus* imaculado de Katmere.

Não vou mentir. Ela faz-me abrandar. Sei que é ridículo sentir repulsa por uma árvore, mas quanto mais me aproximo, pior ela parece, e pior me sinto em relação ao caminho que está a proteger. Imagino que já abusei o suficiente da minha zona de conforto por um dia, pelo simples facto de estar ali, e opto pelo carreiro à direita, que o sol deixa pontilhado por entre as folhas.

Parece que foi uma boa opção, pois assim que faço a primeira curva vejo um grupo de edifícios. Faço uma pausa para olhá-los de uma distância segura. As aulas estão a decorrer e não quero ser apanhada a tentar espreitar às janelas como um mirone qualquer.

Além disso, cada cabana — parecem-se mesmo com cabanas — tem uma placa à frente que indica o nome da construção e o uso que lhe está a ser dado.

Paro quando chego a uma das maiores. Está identificada com Chinook: Arte, e sinto o coração a acelerar um pouco só de estar a olhar para ele. Desde que apreendi de que os lápis de cera servem para mais do que pintar livros de colorir que desenho e pinto. Uma parte de mim só quer correr caminho acima e abrir a porta para ver que tipo de estúdio ali têm onde eu possa trabalhar.

Contento-me em pegar no telemóvel e fotografar a placa. Mais tarde investigarei a palavra «chinook». Sei que quer dizer «vento» em pelo menos uma língua nativa do Alasca, mas vai ser divertido descobrir qual.

Quero saber o que *todas* as palavras significam, por isso, à medida que ando pelas diversas construções — algumas maiores do que outras — fotografo cada placa para mais tarde as investigar. Também pode servir para me ajudar a lembrar onde ficam as coisas, pois ainda não faço ideia de onde vou ter aulas.

Estou preocupada por vir a ter demasiadas aulas aqui fora, mas o que posso eu fazer? Voltar ao meu quarto a correr e vestir isto tudo entre aulas? E, se assim for, quanto tempo terão os intervalos aqui em Katmere? Porque os seis minutos que tinha na minha velha escola não vão chegar.

Quando chego ao fim do grupo disperso de edificações, encontro um carreiro empedrado que parece serpentear pelo *campus* até ao outro lado do castelo. Tenho a estranha sensação de que devia dar meia-volta — mais ou menos como na biblioteca, ontem à noite — e faço uma breve pausa.

Mas sei bem quando estou a deixar que a imaginação leve a melhor — a árvore lá atrás assustou-me mesmo —, portanto ignoro a sensação e sigo pelo caminho.

Quanto mais me afasto do edifício principal, mais o vento sopra e eu acelero o passo para tentar manter-me quente. Não me parece que vá ter calor para seguir a sugestão daquele *site* e despir uma camada. Parece-me que a cada segundo que passa se agrava o risco de me vir a tornar um gelado com sabor a Grace.

Só que não volto atrás. Acho que, por esta altura, já contornei mais de metade do terreno, o que significa que estarei mais perto do castelo se continuar em frente do que se arrepiar caminho. Portanto, aconchego mais o cachecol à volta do rosto, enterro mais as mãos nos bolsos do blusão, e sigo em frente.

Passo por mais uns renques de árvores, um charco completamente gelado e onde adoraria patinar, caso conseguisse equilibrar-me com tanta roupa em cima, e mais alguns edifícios pequenos. Um está identificado com Shila: Loja, e o outro diz, por cima da porta, Tanana: Estúdio de Dança.

Os nomes das cabanas são giros, mas as aulas que lá decorrem surpreendem-me. Não sei o que esperava do Colégio Katmere, mas não contava que tivesse tudo o que um liceu normal tem e muito mais.

Verdade seja dita, a única informação que tenho acerca de colégios internos ricos veio do velho DVD da minha mãe *O Clube dos Poetas Mortos*, que me fazia ver com ela todos os anos. Mas, nesse filme, o Colégio Welton era profundamente rígido, duro e pedante. Por enquanto, o Colégio Katmere parece corresponder apenas a um dos três casos.

O vento fica mais agreste, pelo que volto a estugar o passo, seguindo o carreiro por um renque de árvores maiores. Estas não são perenes. Os seus ramos, cujas folhas desapareceram há muito, estão cobertos de neve e alojam pingentes de gelo. Faço uma pausa para observar uns quantos, pois são lindos, e também porque a refração da luz que passa através deles cria um arco-íris que baila no chão aos meus pés.

Fico maravilhada com este capricho, a ponto de não me importar com o vento por alguns instantes, pois é ele que faz os arco-íris dançarem. Mas fico com demasiado frio para continuar imobilizada. Atravesso as árvores e chego a outro lago gelado. Este destina-se, obviamente, a ser um sítio onde as pessoas se podem demorar, pois há vários bancos à volta e um miradouro coberto por neve a alguns metros dali.

Dou alguns passos na sua direção, pensando sentar-me a descansar um pouco, até que percebo que já está ocupado pela Lia e pelo *Jaxon*.



16

Por vezes, manter os inimigos próximos é a única coisa que impede a hipotermia

Raios.

Jurei para comigo que não iria fugir como um coelhinho assustado quando voltasse a ver o Jaxon, mas esta não me parece boa altura para ficar por aqui. Aquela parece uma conversa muito *intensa*. E, sobretudo, *privada*.

A forma como o corpo dele e da Lia se inclinam um para o outro, sem, no entanto, se tocarem.

A rigidez dos ombros.

O modo como estão envolvidos naquilo que o outro está a dizer.

Parte de mim deseja estar mais perto, deseja poder ouvir sobre o que estão a falar, mesmo *não tendo nada que ver com isso*. Mas quem parece tão sombrio e zangado como estes dois estão, terá, necessariamente, algum problema, e estaria a mentir se dissesse que não gostaria de saber qual é o problema.

Não sei porque isso me interessa tanto, salvo o facto de a aparente intimidade naquela briga me fazer doer a barriga. O que é absurdo, já que mal conheço o Jaxon e, em duas das quatro ocasiões em que nos cruzámos, ele passou por mim como se eu nem existisse.

Isso, por si só, dá a entender que não quer ter nada que ver comigo.

Mas não consigo esquecer-me da expressão dele quando afastou aqueles tipos de mim na primeira noite. O modo como as suas pupilas estavam dilatadas, quando me tocou no rosto e me limpou a gota de sangue dos lábios.

A maneira como o corpo dele se roçou no meu e me senti como se tudo no

meu interior estivesse a sustentar o fôlego, à espera de uma oportunidade de ganhar vida.

Na altura não parecíamos estranhos.

E talvez seja por isso que não consigo deixar de os observar.

Agora estão a discutir a sério, a tal ponto que lhes ouço as vozes alteradas, mesmo a esta distância. Ainda não me aproximei o suficiente para conseguir entender as palavras que trocam, mas não preciso de saber o que dizem para perceber como estão furiosos.

Depois a Lia bate-lhe, a mão aberta a embater com tanta força na face cicatrizada que lhe atira a cabeça para trás. Ele não retribui. Na verdade, não faz nada até que a mão volta a voar-lhe contra o rosto.

Desta vez agarra-lhe o pulso e segura-a com força, enquanto ela se debate. Agora, ela grita a plenos pulmões, sons agrestes de fúria e agonia que me dilaceram o íntimo e me deixam os olhos marejados de lágrimas.

Conheço esses sons. Conheço a agonia que os provoca e a fúria que torna impossível contê-los. Sei como vêm do fundo e como nos arruinam a garganta e a alma à sua passagem.

Instintivamente, galvanizada pela dor da Lia e pela violência mal contida que paira no ar entre os dois, dou um passo na direção dela — na direção deles. Mas quando dou esse primeiro passo, o vento sopra, e, de repente, viram-se os dois e fitam-me com olhos negros que me fazem arrepiar. Um arrepio que não tem nada que ver com o frio, mas que tem tudo que ver com o Jaxon e a Lia, e com o modo como me olham.

Como se fossem predadores e eu a presa que eles mal podem esperar por morder.

Digo para comigo que estou apenas chocada, mas isso não ajuda a dissipar esta sensação, mesmo quando lhes aceno ao de leve. Ontem pensei que a Lia e eu pudéssemos ser amigas — sobretudo quando ela sugeriu fazermos manipedis juntas —, mas é óbvio que essa amizade não abrange o que seja que se está a passar aqui. Tudo bem. Deus me livre de ficar no meio de uma briga entre duas pessoas que, obviamente, têm algum tipo de história. Mas também não quero deixá-los sozinhos numa briga que descambou e acabou com ela a bater-lhe e ele a agarrá-la para se defender.

O que me deixa sem saber o que devo fazer, aqui encurralada, um vigilante confuso a fitá-los num esforço de evitar sei-lá-o-quê enquanto eles me fitam de volta.

Quando o Jaxon larga o pulso da Lia e dá alguns passos na minha direção volto a ser acometida pelo pânico da véspera, na festa. Bem como pelo fascínio bizarro que sinto desde o início. Não sei o que é que ele tem, mas sempre que o vejo sinto algo em mim que não consigo identificar, algo que não tenho a capacidade de explicar.

Ele avança mais alguns passos e o meu coração acelera mais um pouco. Ainda assim, fico onde estou — já fugi do Jaxon anteriormente. Não volto a fazê-lo.

Mas, depois, a Lia estende a mão, e agora é *ela* que o agarra, que o segura, que o puxa para si. A expressão perigosa desaparece-lhe dos olhos, — mas não dos dele — até parecer que nunca existiu e acena-me com entusiasmo.

— Olá, Grace! Junta-te a nós.

Hum, não obrigada. Nem pensar. Mesmo sem saber porquê, os meus instintos gritam-me para que fuja.

Portanto, em vez de avançar, retribuo o aceno e digo:

— Por acaso tenho de voltar ao quarto antes que a Macy mande mais uma equipa de busca e salvamento. Só queria explorar um bocadinho antes de começar as aulas amanhã. Tenham uma boa tarde!

A julgar pela fúria que sinto entre eles, esta última frase foi um pouco de mais, mas quando estou nervosa tendo a calar-me ou então a falar pelos cotovelos, portanto, bem vistas as coisas, não foi um desempenho *terrível*. Pelo menos é isso que digo a mim mesma quando me viro e começo a afastar-me o mais depressa possível sem correr.

Cada passo é uma lição de autocontrolo, pois tenho de me obrigar a não olhar para trás para ver se o Jaxon continua a observar-me. O formigueiro que sinto na nuca diz que sim, mas eu ignoro-o.

Tal como ignoro a sensação bizarra que tem aparecido sempre que o vejo. Digo para comigo que não é nada, que não interessa. Porque não sou parva a ponto de ter um fraquinho por um rapaz assim tão complicado.

Não obstante, a vontade de me virar continua comigo — até que o Jaxon aparece ao meu lado. Os seus olhos estão a cintilar com interesse e o seu sensual cabelo está revoltado pelo vento.

— Qual é a pressa? — pergunta-me, pondo-se à minha frente e andando para trás, de modo a que fiquemos cara a cara, e sou obrigada ou a abrandar ou a esbarrar nele.

— Nenhuma. — Olho para baixo para não ter de o fitar. — Tenho frio.

— E então, qual é a resposta? Nada? — Para de andar, o que me obriga a fazer o mesmo, e depois leva o dedo ao meu queixo e faz força para o levantar até que cedo e lhe encontro o olhar. Ele oferece-me um sorriso afetado que tem um efeito inominável no meu coração — que é o motivo por que não queria olhar para ele em primeiro lugar. Sobretudo, depois do que vi entre ele e a Lia. — Ou o frio?

Se olhar com atenção ainda vejo a marca da mão dela na sua pálida face cicatrizada. Isso irrita-me, mais do que devia, tendo em conta que mal conheço este rapaz. Razão pela qual dou um passo deliberado para o lado e digo:

— O frio. Portanto, se não te importas...

— Tens muitas roupas vestidas — comenta ele confirmando-me de que estou tão ridícula como me sinto e deslocando-se até voltar a ficar à minha frente. — De certeza que o frio não é só uma desculpa?

— Não tenho de arranjar desculpas. — E, não obstante, estou a fazê-lo. Estou a arranjar desculpas e a tentar fugir dele e daquilo que vi. A tentar fugir

do que ele me faz sentir, quando tudo o que quero é agarrá-lo e segurá-lo com força. É uma ideia absurda, um sentimento absurdo, mas isso não faz com que seja menos real.

Ele meneia a cabeça, arqueia uma sobrancelha e isso faz com que o meu coração bata muito mais depressa.

— Não.

É nesta parte que eu devia começar a andar. A parte em que devia fazer muita coisa, *qualquer* coisa, que não envolva atirar-me ao Jaxon Vega como se fosse o lançamento decisivo da World Series. Mas não o faço.

Ao invés, fico onde estou. Não porque o Jaxon me esteja a bloquear o caminho — embora esteja —, mas porque tudo dentro de mim está a reagir a tudo dentro dele. Mesmo ao perigo. *Sobretudo* ao perigo, mesmo nunca tendo sido esse tipo de rapariga. Aquela que corre riscos só para ver como são.

Talvez seja por isso que, em vez de o contornar e correr de volta ao castelo tal como devia fazer, fito-o e digo:

— Não. Não tenho de te prestar contas.

Ele ri-se. Ri-se a sério e é a coisa mais arrogante que já ouvi.

— Toda a gente me presta contas mais cedo ou mais tarde.

Ai. Meu. Deus. Que *parvalhão*!

Reviro os olhos e contorno-o, subindo o carreiro de costas hirtas a um ritmo acelerado que praticamente lhe grita para não me seguir. Não importa o quão atraída esteja por ele quando diz coisas destas. Tenho mais que fazer do que desperdiçar o meu tempo com alguém que julga que é uma dádiva de Deus para o mundo.

Mas o Jaxon não deve ser assim tão bom a ler linguagem corporal, ou então não quer saber. Seja como for, ele não me deixa ir embora. Em vez disso, volta a andar ao meu lado, acompanhando o meu ritmo por mais que eu acelere.

É irritante como tudo, mesmo sem aquele sorriso afetado que ele não tenta esconder. Ou os vários olhares de soslaio que antecedem as palavras:

— Andar com o Flint Montgomery não é o melhor exemplo de discrição.

Ignoro-o e faço a melhor imitação da Dory que consigo. *Continua a andar, continua a andar.*

— Estou só a dizer — continua ele depois de não obter uma resposta de minha parte. — Travar amizade com um dra... — Cala-se, pigarreia e volta a tentar. — Travar amizade com alguém como o Flint é...

— O quê? — retruco, frustrada. — Ser amiga do Flint é *o quê*, ao certo?

— É como teres um alvo nas costas — responde, parecendo surpreendido com a minha reação. — Basicamente é o oposto de discrição.

— A sério? Então e andar *contigo* é o quê?

O Jaxon fica sem expressão, e não espero uma resposta dele. Mas ele dá-me uma na mesma.

— Uma total e absoluta estupidez.

Não é a resposta que eu esperava, sobretudo vinda de alguém tão

arrogante e irritante como ele consegue ser. Mas a sua honestidade atravessa as minhas defesas. Leva-me a responder quando julgava não haver mais nada a dizer.

— Mas aqui estás tu.

— Pois. — Os olhos escuros e assombrados perscrutam-me o rosto. — Aqui estou eu.

O silêncio — sombrio, carregado, inescrutável — ressoa entre nós e a tensão retesa-se como a corda bamba de um circo.

Eu devia ir-me embora.

Ele devia ir-se embora.

Nenhum de nós se mexe. Nem sei se estou a respirar.

Por fim, o Jaxon quebra o impasse — embora não a tensão — dando um passo direito a mim. Depois outro e mais outro, até que a única coisa que nos separa é o volume do meu blusão e uma mísera nesga de ar.

Pela minha espinha correm arrepios que nada têm que ver com o frio, mas sim com a proximidade do Jaxon.

O meu coração dá saltos.

A minha cabeça gira.

A minha boca fica seca.

E o resto não está muito melhor, sobretudo quando o Jaxon me pega na mão enluvada e esfrega o polegar na palma.

— Tu e o Flint estavam a falar sobre o quê? — pergunta ele daí a um segundo. — Na festa?

— Sinceramente, não me lembro. — O que parece uma mentira, mas não passa da verdade. Com o Jaxon a tocar-me, tenho sorte de me lembrar do meu próprio nome.

Ele não põe em causa a minha resposta. Mas os cantos dos lábios sobem num sorriso bastante satisfeito consigo próprio.

— Ótimo — murmura.

O sorriso afetado ativa-me o cérebro — finalmente — e é a minha vez de fazer uma pergunta.

— Tu e a Lia estavam a brigar porquê?

Não sei o que esperar — que o olhar dele volte a perder a expressão, talvez, ou que ele me diga que não tenho nada que ver com isso. Ao invés, ele diz num tom que não pede comiseração e que alerta que não a vai permitir:

— Por causa do meu irmão.

Não é a resposta que eu esperava, mas quando as poucas peças que tenho deste complexo *puzzle* começam a encaixar-se sinto um aperto no coração.

— O... Hudson era teu irmão?

Pela primeira vez vejo-lhe uma surpresa genuína nos olhos.

— Quem te contou sobre o Hudson?

— A Lia. Ontem à noite, quando estávamos a tomar chá. Ela disse que...

— O frio glacial nos olhos dele faz-me calar.

— O que é que ela te disse? — As palavras soam baixo, mas isso só as

torna mais duras. Tal como a forma como ele me larga a mão.

Engulo em seco e respondo à pressa.

— Só que o namorado tinha morrido. Não disse nada sobre ti. Apenas calculei que o namorado dela também pudesse ser...

— Meu irmão? Sim, o Hudson era meu irmão. — As palavras pingam gelo, no que julgo ser um esforço para me impedir de perceber o quanto o magoam. Mas já passei pelo mesmo. Passei semanas a fazer a mesma coisa, e ele não me engana.

— Desculpa — digo-lhe, e, desta vez, sou eu quem o procura. É o meu dedo que lhe massaja o pulso e as costas da mão. — Eu sei que não significa nada, que não alivia a dor que estás a sentir. Mas sinto mesmo muito que estejas a sofrer.

Ele não diz nada durante vários segundos. Limita-se a fitar-me com aqueles olhos escuros que tanto veem e tão pouco mostram. Por fim, enquanto procuro o que mais lhe possa dizer, ele pergunta:

— O que te leva a dizer que estou a sofrer?

— Não estás? — confronto-o.

Mais silêncio. E depois:

— Não sei.

Abano a cabeça.

— Não sei o que isso quer dizer.

Ele abana a cabeça e recua alguns metros. Cerro o punho, sentindo a falta dele debaixo dos meus dedos.

— Tenho de ir.

— Espera. — Sei que não devo, mas procuro-o outra vez. Não sou capaz de evitar. — Assim?

Deixa-me segurar-lhe a mão por um segundo e mais outro. Depois, vira-se e segue pelo caminho de regresso ao lago tão depressa que quase está a correr.

Nem sequer tento acompanhá-lo. Uma coisa que aprendi nos últimos dias é que quando o Jaxon Vega quer desaparecer, ele desaparece, e não há nada que se possa fazer quanto a isso. Portanto dou meia-volta e dirijo-me ao castelo.

Agora que tenho um destino em mente, o percurso parece muito mais rápido do que o passeio original. Não obstante, continuo sem conseguir deixar de sentir que estou a ser observada. O que é absurdo, pois o Jaxon seguiu na outra direção e a Lia desapareceu depois da discussão com ele.

A sensação acompanha-me enquanto permaneço no exterior. E há mais qualquer coisa que me incomoda, algo que não consigo descortinar. Pelo menos até chegar ao calor e à segurança do castelo e do meu quarto. Percebo o que é quando dispo as camadas de roupa que tenho vestidas.

Nem a Lia, nem o Jaxon estavam a usar casacos.



17

O melhor amigo da mulher é a discrição, não são os diamantes

— Tens a certeza de que estás preparada para isto? — pergunta a Macy umas horas depois, enquanto vou buscar uma camisola ao roupeiro.

Só pode estar a brincar, certo?

— Nem um bocadinho.

— Foi o que imaginei. — Suspira. — Se quiseres podemos cancelar. Dizemos que ainda não melhoraste da hipobaropatia.

— E deixar o Flint a julgar-me cobarde? Não, muito obrigada. — Na verdade, pouco me interessa o que o Flint pensa, mas a Macy tem estado tão entusiasmada com a guerra de bolas de neve que não posso privá-la de ir. O facto de se oferecer para cancelar por minha causa só me deixa ainda mais determinada. — Vamos para a frente com esta guerra de bolas de neve e vamos...

— Dar cabo de uns canastos?

— Estava mais a pensar em não fazer figura de idiota, mas temos de ser positivas.

Ela ri-se, tal como era o meu objetivo. Depois, salta da cama e começa a vestir camadas de roupa... Finalmente, alguém com juízo neste colégio ridículo. A julgar pelos idiotas que conheci na primeira noite, e depois no Jaxon e na Lia, começo a achar que toda a gente aqui tem uma espécie de imunidade bizarra ao frio. Se calhar são extraterrestres e eu sou a humana frágil e ignorante a viver no meio deles.

Depois de ambas vestirmos seis camadas de roupa — desta vez contei-as

—, ela leva-me até à porta.

— Anda, não quero chegar atrasada, ou então somos alvo de uma emboscada.

— Uma emboscada. Com bolas de neve. Parece um espetáculo. — San Diego nunca me pareceu um sítio tão bom.

— Espera para ver. Vais adorar. Além disso, tens a possibilidade de conhecer todos os amigos do Flint. — A Macy confirma mais uma vez a maquilhagem no espelho junto à porta e depois praticamente empurra-me para o corredor.

— *Todos* os amigos do Flint? — repito, enquanto percorremos os corredores. — Mas, quantas pessoas vão estar nesta coisa ao certo?

— Não sei. Cinquenta, pelo menos.

— Cinquenta pessoas? Numa guerra de bolas de neve?

— Talvez mais. Provavelmente mais.

— Mas como é que isso funciona? — quero saber.

— Isso interessa? — replica ela, de sobranceiras erguidas.

— Sim, interessa. Quero dizer, como é que sabes quantas pessoas te estão a tentar atirar com bolas?

— Acho que não sabes, só tentas acertar em toda a gente que se aproxima antes que te acertem a ti.

— És capaz de ter razão. Se calhar, a hipobaropatia está a voltar.

— Tarde demais. — Dá-me o braço e sorri. — Estamos quase lá.

— Bem, podes ser mais específica sobre quem lá vai estar? Alguém que eu já conheça, além do Flint, claro?

— Não sei se a Lia lá vai estar. O Cam não vai. Ele e o Flint não se dão propriamente bem. É... uma coisa deles.

Ainda penso em perguntar ao certo que tipo de coisa é essa, mas a verdade é que não me interessa se a Lia vai aparecer ou não. Ou o Cam. Só estou interessada em saber de uma pessoa, e se a Macy não chega lá sozinha, parece que vou ter de perguntar diretamente.

— Então e o Jaxon? — Mantenho o tom de voz casual, embora, depois do nosso encontro de há pouco, o meu coração comece aos saltos com a simples referência ao seu nome. — Ele vai lá estar?

— O Jaxon Vega? — Quando chega à segunda sílaba do nome do Jaxon, a voz dela não passa de um guincho.

— É aquele que vimos no corredor, no primeiro dia, não é?

— Sim. Ah... pois. — A Macy desiste de fingir que está tudo na boa e para de andar. Em vez disso, leva as mãos às ancas e questiona-me: — Porque é que estás a perguntar sobre o Jaxon?

— Não sei. Já nos encontrámos e estava só a pensar se ele por acaso gosta de guerras de bolas de neve.

— Encontrei o *Jaxon Vega*? Como é que vocês se encontraram? Desde que chegaste que eu estive quase sempre contigo?

— Não sei, a andar pelo colégio. Foram poucas vezes.

— Quantas ao certo? — Os olhos quase lhe saltam da cabeça. — Ainda por cima foi mais do que uma. Onde? Quando? *Como?*

— Porque é que estás a agir desta forma? — Começo a arrepender-me de ter puxado o assunto «Jaxon». Quero dizer, ela estava maluca com o Flint, mas era uma maluquice divertida. Neste momento parece que vai ter um ataque.

— Ele estava no corredor; eu estava no corredor. Aconteceu, só isso.

— As coisas nunca *acontecem* com o Jaxon. Ele não é exatamente conhecido por ser muito falador fora do... — Cala-se abruptamente.

— Fora do quê? — insisto.

— Não sei. É que...

— É que...? — pergunto. O sorriso que me dá é amarelado, mas não diz mais nada, o que me deixa irritada. Não, furiosa. — Porque é que estás sempre a fazer isto?

— A fazer o quê?

— A começar frases que nunca acabas. Ou então comesas a dizer alguma coisa e depois, a meio, mudas o que estavas a dizer para algo completamente diferente.

— Eu não faço...

— Fazes sim. Sempre. E, muito sinceramente, estou a começar a suspeitar de que algo se passa. É como se houvesse um segredo que eu não posso saber. O que é que está a acontecer?

— Não sejas ridícula, Grace. — Olha-me como se me faltasse um parafuso ou três. — O Katmere está cheio de grupinhos e de regras sociais complicadas, só isso. Não te queria aborrecer com a explicação de todas elas.

— Porque preferes que eu me suicide socialmente? — questiono, arqueando-lhe uma sobrancelha.

Ela revira os olhos.

— Acredita que o suicídio social é das coisas com que menos tens de preocupar por aqui.

É a primeira coisa verdadeira que ela diz desde que começámos esta conversa, por isso, aproveito para lhe perguntar:

— Nesse caso, com o que é que *tenho* de me preocupar?

A Macy suspira. É um suspiro demorado e triste. Mas depois fita-me e diz:

— Só ia dizer que o Jaxon não se aproxima muito das pessoas que não pertencem à Ordem.

— À *Ordem*? O que é isso?

— Não é nada. — Não desvio o meu olhar dela, forçando-a, em silêncio, a continuar. Ela volta a suspirar e acrescenta: — É só uma alcunha que damos aos rapazes mais populares do colégio, porque estão sempre juntos.

Lembro-me dos rapazes que estavam com o Jaxon, quando ele chegou à festa e naqueles que o acompanhavam no corredor, quando passou por mim na minha primeira noite ali na escola. Na altura, pensei que o Jaxon parecia o

líder, mas não liguei muito. Estava ocupada a tentar não o fitar.

A explicação da Macy é razoável com base nas minhas recordações. Mas há qualquer coisa na maneira como ela o diz — e no modo como olha para todo o lado menos para os meus olhos — que me faz pensar que ela não me está a contar a história toda.

Claro que o meio de um corredor não será o melhor sítio para a continuar a forçar, sobretudo porque nos vamos atrasar se não nos despacharmos.

Com isso em mente começo a andar e a Macy segue-me colada a mim. Lanço-lhe um olhar intrigado, curiosa em saber o que é que ela está a tramar. A seguir pergunta-me num murmúrio:

— Também já conheceste os outros?

— Os outros elementos da Ordem? — Sinto-me ridícula a dizer o nome em voz alta. Quero dizer, estamos a falar de alunos do décimo segundo ano num colégio interno, não são monges de um mosteiro tibetano. — Não. Só conheci o Jaxon.

— *Só*? Queres dizer que ele estava *sozinho*? — Agora, a Macy não parece só preocupada. Parece doente.

— Sim. O que tem?

— Ai, meu Deus! O que é que ele fez? Estás bem? Ele fez-te mal?

— O Jaxon? — Não consigo esconder a surpresa na voz.

— O Jaxon, claro! É sobre *ele* que estamos a falar, não é?

— Não, ele não me fez *mal*. Porque o faria?

Exasperada, a Macy atira as mãos ao ar. A frustração e o receio presentes no seu rosto.

— Porque ele é o Jaxon. Ele é uma equipa de demolição singular. É o que ele faz!

— Ele foi... — Abano a cabeça, tentando pensar na palavra certa para descrever as nossas interações. Decido-me então por uma abordagem genérica, pois imagino que a Macy não vai perceber de outra forma. — De um modo geral ele até foi... interessante.

— Interessante? — Desta vez, ela olha-me como se lhe tivesse dito que queria fazer *bodysurf* na tundra do Alasca. — Pronto, agora fiquei confusa. De certeza que estamos a falar sobre o mesmo Jaxon? — Leva-me para a alcova mais próxima, depois agarra-me nas mãos e aperta-as com força. — Muito alto, muito atraente, *muito assustador*? Cabelo preto, olhos pretos, roupas pretas, um corpo de morrer? Com a arrogância de uma estrela do *rock* ou de um ditador autoproclamado de um país relativamente grande?

Tenho de admitir que é uma descrição bastante adequada. Sobretudo a parte do *arrogante*. E a parte do *muito atraente*, mesmo sem ter em conta muitas das coisas que o tornam assim tão atraente. Como o maxilar, os lábios e o seu tom de voz. Já para não falar da cicatriz que o eleva de meramente bonito a *sexy* como o caraças. E assustador também.

— Sim, é ele.

— Sabes que não precisas de me mentir, não sabes? Podes contar-me o

que aconteceu. Juro que se quiseses, não conto a ninguém.

— Não contas o quê a ninguém? — Agora estou confusa. Porque embora possa ter sido exagerada ao considerar o Jaxon interessante, não consigo imaginar porque é que o facto de o ter conhecido esteja a suscitar este tipo de reacção por parte da minha prima.

— O que é que ele te fez? — Começa a mirar-me, como se procurasse alguma prova de que sobrevivi a um ataque raivoso por parte do Jaxon.

— Ele *não* me fez nada, Macy. — A impaciência começa a afligir-me e liberto as mãos das dela. — Quero dizer, ele não foi um Gandhi. Mas ajudou-me quando precisei e garanto-te que não me magoou. Porque é que é tão difícil acreditar nisso?

— Porque o Jaxon Vega não ajuda ninguém. Nunca.

— Não acredito nisso.

— Mas devias. — Ela pronuncia cada palavra de modo a que faça com que eu escute e compreenda o que ela está a dizer. — Porque ele é perigoso, Grace. *Muito* perigoso e devias afastar-te o mais possível dele.

Começo a dizer-lhe que não é ele que é perigoso, mas depois lembro-me como o Marc e o Quinn se comportaram quando ele apareceu. Era difícil não reparar no medo estampado nas expressões deles, e não só por tê-los atirado contra a parede oposta.

Agora que penso bem nisso, eles *estavam* com medo dele. Aterrados na realidade.

— Estou a falar a sério. Tens de ter cuidado com ele. Se ele te ajudou é só porque quer alguma coisa. E até isso parece estranho, pois o Jaxon leva tudo o que quer. Sempre foi assim e sempre será.

Estou aqui há três dias e até eu já vi que isso não é verdade. E talvez seja por isso que lhe conto:

— Foi o Jaxon que evitou que o Marc e o Quinn me atirassem para a neve, Macy. Não acho que ele o tenha feito por querer alguma coisa de mim.

— Espera, foi *ele*?

— Sim, foi ele. Porque o teria feito se fosse assim tão má pessoa?

— Não sei. — A Macy parece estupefacta. — Mas lá porque te ajudou, isso não quer dizer que o faça outra vez. Portanto, tem cuidado com ele, está bem?

— Não foi o Jaxon que me tentou matar.

A Macy funga.

— Pois, olha, ainda só cá estás há três dias. Dá-lhe tempo.

— Isso... — Debato-me por alguns segundos, tentando pensar no que responder que lhe mostre como está a ser absurda. Mas não consigo ultrapassar o incómodo que as palavras dela causaram e acabo por dizer exatamente o que me vai na cabeça. — É uma coisa terrível de se dizer.

— Lá por ser terrível não quer dizer que não seja verdade.

A Macy olha-me com uma expressão ponderada que parece incongruente tendo em conta a sua personalidade geralmente efusiva.

— Confia em mim.

— Macy...

— Estou a falar a sério. Não penses que estou a ser muito severa. — Semicerra os olhos, obviamente numa tentativa de alerta. — E não te preocupes com o Jaxon Vega. A menos que estejas a tentar afastar-te o mais possível dele.

Há qualquer coisa que me chama a atenção atrás dela e, de repente, fico com a boca seca.

— Pois, sabes, isso pode revelar-se um problema. — Mal consigo pronunciar as palavras, pois de repente sinto a garganta a fechar-se.

— E porquê?

— Porque eu não vou a lado nenhum. — A voz grave e divertida do Jaxon atalha o despeito da minha prima, fá-la arregalar os olhos e empalidecer. — Nem a Grace.



18

Quantos borrachos são precisos para vencer uma guerra de bolas de neve?

A Macy guincha — um guincho a sério —, mas o Jaxon limita-se a erguer-me as sobrancelhas. Tem um ar divertido e travesso. O meu coração começa a bater como um metrónomo acelerado.

Pelo menos até a Macy sibilar:

— A sério? Não me podias dizer que ele estava aqui?

— Eu não...

— Ela não sabia. — O Jaxon mira-me de alto a baixo e por um segundo, nada mais do que isso, um sorriso baila-lhe nas profundezas dos olhos negros. — Vais enfrentar a neve pela segunda vez no mesmo dia? Admito que estou impressionado.

— Não te impressões demasiado. Ainda tenho de sobreviver inteira à guerra de bolas de neve.

O sorriso do rosto e dos olhos desvanece-se tão depressa como apareceu.

— Vais participar no jogo do Flint?

Não sei porquê, mas parece mais uma acusação do que uma pergunta.

— Não é para isso que aqui estás?

— Para uma guerra de *bolas de neve*? — Abana a cabeça e faz um ronco depreciativo no fundo da garganta. — Não me parece.

— Ah, certo... — As coisas não demoraram a ficar embaraçosas. — Pois, se calhar devíamos...

— Ir — conclui a Macy.

O Jaxon ignora-a e firma a mão na parede atrás de mim. Depois chega-se

mais a mim e com uma voz tão baixa que tenho de me esforçar para o ouvir, murmura:

— Estás decidida a não me dar ouvidos, não é?

— Não sei o que queres dizer com isso — respondo no mesmo tom de voz. Não sou capaz de o olhar nos olhos quando falo, porque estou a mentir — sei exatamente o que ele quer dizer — e porque o hálito dele é tão suave e quente no meu ouvido que o sinto um pouco por todo o lado, mesmo no mais fundo de mim.

— É mesmo para o teu bem — insiste ele, ainda demasiado perto. Sinto-me avassalada pelo calor das suas palavras, da proximidade, do cheiro a citrinos que agora me envolve.

— O q... — Sinto a voz a ceder, a garganta tão apertada e seca que mal consigo obrigar as palavras a sair quando volto a tentar. — O quê?

— Não devias ir a esta guerra de bolas de neve com o Flint. — O Jaxon recua, o olhar a prender o meu e depois desvia-o. — E também não devias andar sozinha pelo *campus* da escola. Não estás *segura* neste sítio.

Não é a primeira vez que ele dá a entender que o Colégio Katmere é perigoso para mim. E eu compreendo. A sério. O Alasca não é pera doce para os iniciantes. Mas estou com a Macy, nos terrenos da escola. Ela não vai deixar que nada me aconteça.

— Eu fico bem. — É mais fácil respirar agora que a boca do Jaxon não está a dois dedos do meu ouvido, mas, sob o seu olhar escrutinador, torna-se ainda mais difícil encontrar palavras. — Não tenciono ir à aventura esta noite. Vou passar o tempo todo com o grupo.

— Pois. — Não parece impressionado. — É isso que me preocupa.

— O que queres dizer? — inquiri. — Pensei que ficasses aliviado por não estar a pensar em abordar animais selvagens com as minhas mãos.

— Não são os animais *selvagens* que me preocupam.

Antes que lhe possa perguntar o que quer dizer com *aquilo*, a Macy volta a intervir.

— Devíamos ir. Não queremos chegar atrasadas.

— Bem, seja o que for que te preocupa, descansa — digo-lhe, recusando-me a ser arrastada antes de estar pronta. — Já sou crescida e sei tomar conta de mim. Claro que, se quiseres, podes juntar-te a nós.

— Juntar-me a vocês. — Pelo seu tom de voz parece que acabei de sugerir que voássemos até Marte em foguetões feitos por nós próprios.

Mas recuso-me a ser dissuadida com o Jaxon tão perto de mim em vez de desaparecer de repente como costuma fazer.

— Vai ser divertido. E aposto que o Flint não se importa.

— Apostas que ele não se importa. — O Jaxon repete as minhas palavras e, mais uma vez, não o fez com um tom interrogativo. Mas voltou a parecer divertido... se não olharmos com atenção para os olhos dele, claro. Se o fizermos, vemos que neste momento estão vazios, como não os via desde a festa. — É que, sabes, eu aposto que se importa.

— Porque haveria de se importar? Ele convidou montes de gente. — Viro-me e olho para a Macy, que de pálida, passou a branca como a cal.

Reviro-lhe os olhos, irritada por ela parecer tão incomodada com a ideia de estar na companhia do Jaxon. Contudo, antes que eu tenha a oportunidade de dizer seja o que for, o Flint aparece atrás de mim e leva-me as mãos aos ombros.

— Então, Grace. Pareces pronta para deitar as mãos à neve.

— Por acaso estou. — Olho-o e sorrio-lhe, pois é impossível não o fazer. Ele é divertido e encantador. Além de estar a usar um chapéu para a neve na forma de um dragão que cospe fogo absolutamente ridículo. — Por acaso, estava a tentar convencer o Jaxon a juntar-se a nós.

— A sério? — Os olhos do Flint assumem um tom verde-elétrico quando os dirige ao Jaxon. — O que é que dizes, Vega? Queres briga?

O Flint está a sorrir, mas até eu percebo que o convite não é amigável... E isso foi antes de outros três rapazes de preto se juntarem e formarem um semicírculo atrás de nós. Pela primeira vez na vida, compreendo a expressão «guarda-costas». É óbvio que é por isso que estes tipos aqui estão. Para guardar as costas do Jaxon. Só não sei do quê.

Devem ser membros da infame Ordem de que a Macy me falou. E começo a ver onde foram buscar a alcunha — estes quatro indivíduos são tão próximos que até eu o percebo. Laços que parecem ir muito além da simples amizade.

O Flint também o sente. Percebo-o pela forma como ele se retesa e muda o peso para a frente do corpo, como se esperasse que o Jaxon desse o primeiro murro. Ou melhor, como se quisesse que ele o desse.

Mas isso é algo que... não. Nem pensar. Não quero saber se, de repente, passou a haver testosterona suficiente na nossa alcova para começar a próxima guerra mundial. Isso não vai acontecer. Pelo menos, enquanto a Macy e eu estivermos mesmo no meio.

— Anda. — Pego no braço da minha prima. — Vamos pensar numa maneira de vencer esta guerra de bolas de neve.

Isto chama a atenção do Jaxon e do Flint.

— Belas palavras para quem nunca tinha visto neve antes de aqui chegar, há três dias — provoca-me o Flint e, embora a tensão ainda não tenha desaparecido, diminuiu bastante, tal como eu pretendia.

— Pois, sabes como é. Coragem acima de tudo. — Agarro bem o braço da Macy à medida que começo a contornar o Jaxon e os seus amigos.

— É o nome que lhe dás? — sussurra-me o Jaxon ao ouvido quando passo por ele. Sinto novamente o seu hálito quente no meu pescoço e pela espinha percorre-me um arrepio que nada tem que ver com o frio.

Os nossos olhares cruzam-se e por um segundo, nada mais do que isso, o mundo parece desaparecer. A Macy, o Flint, os outros alunos que se riem e tagarelam à nossa volta a caminho da porta, esfumam-se, deixando-me sozinha com o Jaxon e a eletricidade que crepita entre nós.

Sinto o fôlego a prender-se-me na garganta, o corpo a aquecer, e preciso de todo o meu controlo para me impedir de estender a mão e tocá-lo.

Ele deve estar com o mesmo problema, pois a mão dele ergue-se e paira no ar entre nós por um longo momento que parece infinito.

— Grace. — Mal chega a ser um murmúrio, mas sinto-o nas profundezas do meu ser. Espero, sem fôlego, que ele diga alguma coisa — seja o que for —, mas, antes que o consiga, a porta abre-se, deixando entrar uma grande rajada de vento gelado.

O feitiço quebra-se e, de repente, somos outra vez duas pessoas num corredor a abarrotar. A desilusão preenche-me, sobretudo quando o Jaxon dá um passo atrás e o seu rosto torna-se, mais uma vez, uma tela de linhas inescrutáveis.

Espero que ele diga qualquer coisa, mas não há comentários. Em vez disso, ele vê o Flint levar-me e à Macy na direção da porta aberta. Levanto a mão ao atravessarmos a soleira, num pequeno gesto de despedida.

Não espero que retribua, e ele não o faz. Mas quando me viro para dar o primeiro passo no exterior, ele diz:

— Não te esqueças de criar um arsenal.

É a última coisa que esperaria ouvir dele... ou seja de quem for.

— Um arsenal?

— É o mais importante para se vencer uma guerra de bolas de neve. Encontra uma base em que te possas proteger e concentra-te em acumular um arsenal. Ataca só quando tiveres a certeza de que dispões de munições suficientes para vencer.

Bolas de neve. Ora cá estava eu, convencida de que tínhamos partilhado um momento único, e ele está a pensar em bolas de neve. Incrível.

— Ah... obrigada pelo conselho? — lanço-lhe um olhar a mostrar que não percebi de onde veio aquela conversa.

O Jaxon responde com a habitual e irritante expressão vazia, mas juro que os olhos dele cintilam, mesmo que ao de leve.

— É um bom conselho. Devias segui-lo.

— Porque é que *tu* não o segues? Vem connosco e ajuda-me a criar um arsenal maior.

Ele ergue uma sobrancelha.

— E eu a pensar que tinha acabado de o fazer.

— O que significa *isso*? — quero saber.

Mas ele já se está a virar, já se está a *afastar*, e eu fico a olhar para ele.

Como tem vindo a ser habitual.

Raios partam.

Algo me diz que este rapaz, com o seu famoso truque de desaparecimento, ainda vai dar cabo de mim.



19

Chegámos, lutámos, congelei

— O Jaxon Vega, hã? — pergunta o Flint, com o frio a vergastar-me o rosto pela segunda vez neste dia.

— Não comeces — digo-lhe, olhando-o de soslaio.

— Não estou a começar — replica, levantando as mãos numa rendição falsa. — A sério. — Fica em silêncio por um minuto, com o trio a que a Macy também pertence a concentrar-se em percorrer a neve a caminho dos outros. E posso adiantar que tenho a certeza de que a minha prima Macy subestimou, propositadamente, a multidão quando disse cinquenta pessoas. Mesmo no bizarro crepúsculo civil que nos rodeia por todos os lados, elas mais parecem uma centena ou, quiçá, até o colégio todo — menos o Jaxon e os amigos dele da Ordem, obviamente.

Claro que, numa nota positiva, estão todos com gorros, cachecóis e casacos... o que eu presumo que queira dizer quem nem todos os residentes neste sítio são extraterrestres. Felizmente.

— Só não sabia que «marado e irritante» faziam o teu género.

Lanço-lhe um olhar gelado.

— Pensava que não ias começar.

— E não vou. Só estou preocupado contigo. O Jaxon...

— *Não é marado.*

Ele ri-se.

— Já percebeste que nem tentaste dizer que ele não foi irritante? E, sem ofensa, Grace, mas tu és nova por aqui. Nem fazes ideia de como ele é marado.

— E tu fazes?

— Faça. E a Macy também, não é verdade, Mace?

A Macy não responde, limita-se a continuar a andar e finge que não o ouve. Começo a desejar poder fazer o mesmo.

— Está bem, está bem, já percebi. — O Flint abana a cabeça. — Não volto a dizer nada contra o Escolhido. Só te digo para teres cuidado.

— Somos só amigos, Flint.

— Pois, ouve quem sabe. O Jaxon não tem amigos.

Quero perguntar-lhe o que ele quer dizer com isso, já que o Jaxon tem a Ordem, e eles parecem-me bastante próximos, mas chegámos ao primeiro renque de árvores, onde os outros estão reunidos. Para além disso, fui eu que disse que não queria falar sobre o Jaxon. Se começo a fazer perguntas, o Flint fica com carta-branca para dizer o que quiser, e isso não me parece justo, pois o Jaxon não está presente para se defender.

O Flint dirige-se ao meio do grupo como se fosse dono do sítio. Claro que, a julgar pela maneira como os outros lhe reagem, se calhar até é. Não quer dizer que eles se ponham em sentido, mas é óbvio que todos desejam que ele repare neles... e todos querem ouvir o que ele tem a dizer.

Não consigo deixar de me interrogar como será esse tipo de popularidade. Não a desejo — imagino que a pressão me desfizesse em menos de vinte e quatro horas. Mas penso em como será. E no que o Flint sentirá em relação a isso.

Mas não tenho muito tempo para me demorar nos meus pensamentos, pois o Flint já está a resumir as regras. Começa por dizer que *não há regras*, mas depois diz que se formos atingidos por cinco bolas de neve ficamos de fora. A seguir a multidão dispersa-se. Quando os cinco minutos começam a contar, ele pega na minha mão e na da Macy e corre connosco na direção de um grande aglomerado de abetos e de faias a várias centenas de metros dali.

— Temos dois minutos para encontrar um bom sítio — diz ele. — E mais dois para prepararmos as coisas. Depois abre a época de caça.

— Mas se todos encontrarem um sítio, contra quem é que ati...

— Não encontram — interrompem-me o Flint e a Macy em uníssono.

— Não te preocupes — diz-me o Flint quando finalmente chegamos às árvores. — Vai haver muita gente contra quem travar uma guerra.

Travar uma guerra? Eu mal consigo respirar. Sei que isto é a combinação da grande altitude e do ar frio, mas não consigo deixar de me sentir consciente quanto à maneira como estou a bufar. Sobretudo porque ele e a Macy parecem ter acabado de chegar de um passeio tranquilo pelo jardim.

— Então e o que fazemos agora? — pergunto, mesmo sendo relativamente óbvio, pois o Flint já está a juntar neve e a formar bolas.

— Fazemos um arsenal. — Oferece-me um sorriso matreiro. — Posso achar que o Jaxon é um parvalhão, mas isso não quer dizer que não perceba de estratégia.

Passamos os minutos seguintes a fazer tantas bolas de neve quanto possível. Estava à espera de que a Macy e o Flint fossem muito melhores do

que eu, mas parece que os anos a fazer biscoitos e a amassar bolas com a minha mãe compensaram, pois sou uma *excelente* criadora de bolas de neve. Do melhor. E sou duas vezes mais rápida do que eles.

— Já passaram quase cinco minutos — informa a Macy, com o telemóvel a tocar o alarme dos quinze segundos.

— ‘Bora, ‘bora, ‘bora — incita o Flint, praticamente enxotando-me para trás da árvore mais próxima.

E mesmo a tempo, pois assim que o telemóvel da Macy grita o fim dos cinco minutos, instala-se o inferno na terra.

Caem pessoas das árvores à nossa volta, as bolas de neve voam furiosamente em todas as direções. Outras passam a correr a velocidades vertiginosas, atirando as bolas a quem surge ao alcance, tal qual kamikazes.

Uma bola de neve assobia-me ao lado do ouvido e suspiro de alívio, mas outra bate-me no corpo — mesmo com a árvore, e o Flint, a proteger-me.

— E vem uma — exclamo, desviando-me para a direita para evitar outra bola que vem na minha direção. Esta acaba por bater no ombro do Flint, que murmura uma imprecisão entredentes.

— Vamos passar aqui o resto do dia? — questiona a Macy do lugar onde está acocorada, junto à base de uma árvore próxima. — Ou vamos entrar na coisa?

— Estás à vontade — diz o Flint, fazendo sinal para que vá à frente.

Ela revira-lhe os olhos. Toma uns segundos para juntar neve para fazer algumas bolas gigantescas. Depois, com um uivo de guerra que praticamente arranca a neve dos ramos vizinhos, começa a disparar as bolas, após o que regressa ao nosso arsenal para se reabastecer.

Sigo-a para a peleja, com uma bola de neve entre as mãos enluvadas enquanto aguardo pela oportunidade perfeita para a usar.

Ela apresenta-se quando um dos matulões do grupo do Flint investe na minha direção, com bolas de neve escondidas no fundo do blusão que transformou em bolsa de carga. Atira-as contra mim, uma atrás da outra, mas esquivo-me a todas. Depois, sou eu que atiro a bola com a força que tenho na direção dele. Acerto-lhe no rosto surpreso.

Acumulámos cerca de uma centena de bolas de neve no nosso arsenal e usamo-las quase todas à medida que cada vez mais gente aparece pela floresta, em busca de um sítio onde se esconderem enquanto recuperam o fôlego e tentam reabastecer-se de bolas.

Fico surpreendida com a proximidade no seio dos grupos — e como as alianças transcendem as equipas e parecem reverter às fações que vi ontem na festa. Os membros do grupo do Flint apesar de estarem divididos em pares e em trios, parecem unir-se e proteger-se, quando são ameaçados por alguém de uma das outras fações — seja o grupo esguio vestido em tons garridos ou o grupo mais musculado, com quem o Marc e o Quinn estão neste momento a lutar.

Reparo ainda que falta aqui um grupo — o do Jaxon. Não só a Ordem,

garantidamente ausente, mas toda a façção de roupas pretas de marca que presidiu à festa com tão óbvio desdém. Parece que o Jaxon tinha razão ao dizer que o Flint não o queria aqui. Parte de mim quer tentar perceber o que isso significa, mas, neste momento, estou demasiado ocupada a esquivar-me a saraivadas de bolas de neve para me preocupar muito com o assunto.

Estou no meio de uma intensa guerrilha — rápida e brutal, onde só há um vencedor. Mas não me divertia tanto desde que os meus pais morreram, ou mesmo antes disso.

Esgotamos rapidamente o suprimento de bolas e depois ficamos como todos os outros, a correr entre as árvores, à procura de abrigo enquanto atiramos neve contra quem fica ao nosso alcance.

Não consigo deixar de dar uma gargalhada. A Macy e o Flint começam por parecer espantados por eu me estar a rir, mas não demoram a acompanhar-me — sobretudo quando algum de nós é atingido.

Depois de uma emboscada que leva a Macy a ser atingida pela quarta vez e o Flint e eu pela terceira, decidimos agir a sério. Encontramos as duas maiores árvores atrás das quais nos podemos esconder e ajoelhamo-nos, fazendo bolas de neve o mais depressa possível. Depois de umas trinta, o Flint tira o gorro e o cachecol e começa a enchê-los.

— O que estás a fazer? — pergunto-lhe. — Vais congelar aqui fora.

— Está tudo bem — garante-me, enquanto transforma o cachecol numa espécie de saco de transporte. — É a nossa hipótese de vencer.

— Como? — interrogo. O caos é generalizado e, embora os outros ainda não tenham encontrado o nosso esconderijo, é apenas uma questão de tempo — talvez um minuto ou dois — até que o descubram. Apesar de termos munições, somos muito menos do que eles.

— Trepamos às árvores — responde-me a Macy.

Antes que possa expressar a minha incredulidade perante a ideia de subir a uma das gigantescas faias despidas — os ramos mais baixos estão a mais de quatro metros do chão —, ela corre direito ao tronco da árvore mais próxima, depois salta e impulsiona-se com o pé com força suficiente para se elevar alguns metros em ângulo, os braços estendidos, e agarrar o ramo de uma árvore vizinha. Fica aí pendurada uns segundos, a balançar para ganhar impulso, e depois iça-se para um ramo próximo.

A sequência não demora mais de dez segundos.

— Ela acabou de fazer *parkour* naquela árvore? — pergunto ao Flint, após o que me viro para a Macy. — Acabaste de fazer *parkour* nessa árvore?

— Sim — ri-se ela, e depois estende a mão para agarrar o gorro cheio de bolas de neve que o Flint lhe atira.

— Que espetáculo! Mas se julgam que vou conseguir fazer uma coisa dessas, estão muito enganados.

— Não te preocupes, Grace — diz-me o Flint, enfiando-me o cachecol cheio de bolas de neve nos braços. — Segura-me nisto, pode ser?

— Claro. O que é que vais...? — Dou um grito quando ele me agarra e

atira por cima do ombro.

— Cala-te ou vais revelar o nosso esconderijo — avisa ele, começando a trepar a árvore como o Homem-Aranha do Alasca, as mãos e os pés praticamente colados à casca da árvore enquanto me carrega pelo tronco gigantesco acima. — E não largues as bolas de neve.

— Devias ter pensado nisso antes de me pendurares de cabeça para baixo — rosno-lhe. Mas agarro no cachecol com mais força.

Não sei como é que ele o está a fazer, e não acreditava se não o estivesse a ver com os meus olhos — ou melhor, a viver. Mas, trinta segundos depois, estou escarrachada num ramo, de bolas de neve na mão, à espera de emboscar as primeiras pessoas que aparecerem.

O Flint está num ramo vários metros acima do meu. Está suficientemente distante do chão para me fazer gemer só de olhar para cima, mas ele ali está, de sorriso estampado no rosto, como se estar equilibrado num ramo de árvore carregado de neve fosse a coisa mais simples do mundo — o que não é, diga-se de passagem. E eu sei disso porque estou *sentada* num e sinto-me à beira de escorregar a qualquer momento.

— Vem aí alguém! — avisa a Macy da árvore ao lado.

Olho para o chão e vejo que ela tem razão — o Quinn, o Marc e outros dois rapazes vêm na nossa direção. Deslocam-se discretamente, ao invés de andarem depressa, quase como se soubessem que aqui estamos. E talvez saibam — não fui exatamente discreta quando o Flint subiu a árvore comigo no seu ombro.

Mas isso não importa, pois só precisamos que eles se aproximem mais uns passos e...

Pum. O Flint dispara uma bola de neve contra o peito do líder. Segue-se a Macy, com um disparo duplo contra o indivíduo na retaguarda. O que deixa o Marc e o Quinn. E eu não me queixo. Disparo uma rajada de bolas de neve na direção deles, uma atrás da outra. Acerto duas vezes no Marc e pelo menos quatro no Quinn, o que — a julgar pelas queixas carregadas de imprecações que ele solta — o elimina do jogo. Também não me vou queixar disso.

O Flint quase grita de triunfo ao despachar um segundo grupo que cometeu o erro de vir na nossa direção, e a Macy elimina um par de lobos solitários que se tentaram esgueirar por trás de nós. Reabasteco o arsenal com a neve dos ramos e espero por quem vier a seguir.

Aparece um par de raparigas vestidas com conjuntos petróleo e azul-escuro, que parecem estar tão divertidas como eu no dentista.

Ainda penso em conter-me — valerá a pena deixá-las ainda mais lastimosas —, mas decido que isso é só adiar o inevitável. Quanto mais depressa as eliminar do jogo, mais depressa elas podem voltar ao castelo. E mais depressa podemos vencer esta coisa.

Levo a mão às minhas últimas três bolas de neve e estou à espera que elas fiquem ao meu alcance quando uma rajada de vento me desequilibra. Procuro o tronco e consigo segurar-me enquanto o vento abana a árvore.

O Flint pragueja e também se agarra ao tronco.

— Aguenta-te, Grace! Não demoro — diz-me.

— Fica aí — respondo. — Eu estou bem.

Depois viro-me para olhar para a Macy, receando que a minha prima esteja em pior situação do que eu. Mas quando olho para trás de mim, outra rajada de vento atinge a árvore com força. É um som assustador, e quando o tronco começa a abanar como assalto do vento, fico mais nervosa. Sobretudo quando outra rajada ameaça fazer-me largar a árvore.

Por cima de mim, o Flint volta a praguejar.

— Segura-te, Grace! Flint, vai buscá-la! — grita a Macy.

— Espera! — grito, para que me ouçam com o vento. — Não!

Mas depois a Macy grita, e eu viro-me, com medo de a ver cair para a morte certa. E é então que a pior rajada de todas nos fustiga e eu largo-me da árvore.

Tento agarrar-me a qualquer coisa — seja o que for —, mas o vento é muito forte. O ramo onde estou sentada solta um estalo ominoso.

E depois estou a cair.



20

Nunca há paraquedas quando precisamos

Por um instante tenho perfeita consciência de tudo — ouço a Macy a gritar, o Flint a chamar-me, o vento a troar como um comboio de mercadorias — e depois fica tudo abafado pelo bater estonteante do meu coração à medida que o terror me preenche.

Preparo-me para um impacto que vai doer, mas, antes de bater no chão, o Flint agarra-me, puxa-me contra ele, dá meia volta no ar. É ele que vai bater no solo, com as costas, e eu caio em cima, o rosto mergulhado na curva do pescoço dele.

O impacto é tão forte que fico sem fôlego. Por um, dois, três segundos só consigo ali ficar deitada, desesperada por inspirar um fôlego para os pulmões vandalizados.

O Flint também não se mexe e o pânico transforma-se num animal selvagem dentro de mim, enquanto me debato para sair de cima dele. Tem os olhos fechados e temo que ele esteja magoado — ou pior. Foi ele que absorveu a maior pancada, virando-nos deliberadamente para que fosse ele a bater no solo coberto de neve, comigo a embater apenas nele.

É quando me ergo, um joelho de cada lado das suas coxas, que finalmente consigo respirar fundo. É também nesse momento que a casa vem abaixo.

A Macy grita o meu nome enquanto desce da árvore e há pessoas que chegam a correr vindas de todos os lados. Estou demasiado ocupada a abanar o Flint e a dar-lhe palmadas nas faces — a tentar que ele reaja — para prestar atenção ao que os outros estão a fazer.

Pelo menos até que ele abre os olhos e murmura:

— Estou a começar a achar que te devia ter deixado cair.

— Ai, meu Deus! Estás bem! — Saio de cima dele. — Estás *mesmo* bem?

— Acho que sim. — Ele senta-se com um gemido. — És mais pesada do que pareces.

— Não te devias mexer! — Tento empurrá-lo para trás, mas ele limita-se a rir.

— A neve amorteceu-me a queda, Grace. Está tudo bem. — Como prova, põe-se de pé num salto com um movimento ágil.

É quando ele se levanta que me apercebo de que está a falar a sério. Marcada na neve está a silhueta do Flint. Pela primeira vez desde que me mudei para este estado, fico grata pelo clima ridículo. Afinal de contas, se vamos cair de cinco metros, a neve é muito mais macia do que o chão.

Mas, se é esse o caso...

— Porque é que saltaste atrás de mim? Foi uma parvoíce. Podias ter-te magoado.

O Flint não responde, apenas fica a olhar para mim, com uma expressão estranha. Não é preocupação, nem irritação, nem orgulho, nem qualquer outra expressão que ele podia estar a envergar neste momento. Ao invés, parece-se muito com... vergonha.

Mas isso não faz sentido. Ele salvou-me de um traumatismo ou de, pelo menos, alguns ossos fraturados. Não tem de sentir vergonha.

— Qual seria a alternativa? — exige a Macy, a voz a tremer como se tivesse acabado de recuperar a capacidade do discurso. — Deixar que te magoasses?

— Estás a dizer que era melhor que fosse o Flint a magoar-se? — pergunto, espantada.

— Mas ele não se magoou, pois não? E tu também não. — Vira-se para ele com um olhar de gratidão. — Muito obrigada, Flint.

As palavras dela fazem-me perceber que tenho estado demasiado ocupada a preocupar-me com o Flint — e a gritar com ele — para fazer o que devia ter feito logo à partida.

— Obrigada. Fico-te muito grata.

Depois da minha censura, as palavras saem atrapalhadas, mas não são nada quando comparadas com a expressão no rosto do Flint, quando ele olha para a multidão atrás de mim. Alterna-se entre parecer que vai dar um murro a alguém e parecer que está em pulgas por desaparecer dali.

Imagino que se deva ao facto de não saber lidar com a gratidão — eu sou péssima, por isso compreendo-o —, mas à medida que o burburinho se desvanece e as pessoas se começam a afastar, tal qual um mar Vermelho humano, viro-me.

Quase solidifico com o gelo nos olhos do Jaxon. Os meus joelhos só não cedem porque o olhar se dirige ao Flint e não a mim. Na festa de boas-vindas só o considerarei intimidante.

Neste momento, a expressão na cara dele é aterrorizante. E os cinco rapazes inescrutáveis atrás dele — imagino que, pela primeira vez, esteja a ver

a infame Ordem completa — só reforçam a ideia de que haverá um problema.

Um grande problema.

Quem me dera saber porquê.

Mesmo o Flint, que até agora eu ainda não vira a reagir ao Jaxon, fica pálido. E isso é antes de o Jaxon, com o tom mais frio e razoável imaginável, lhe perguntar:

— O que raio te passou pela cabeça?

Mais do que a sua expressão, é o seu tom que me faz mexer com um *frisson* de medo a correr-me a espinha, enquanto me posiciono entre ele e o Flint antes que haja uma cena de pancadaria. Posso não compreender todas as *nuances* do que se passa aqui, mas é óbvio que o Jaxon está lívido — e mais do que disposto a descarregar no Flint. O que não faz sentido, tendo em conta o que aconteceu.

— Eu cáí, Jaxon. O Flint salvou-me.

Pela primeira vez dirige-me os olhos frios.

— Ah foi?

— Foi! O vento soprou mais forte e eu desequilibrei-me. Caí da árvore e o Flint saltou atrás de mim. — Lanço um olhar ao Flint a pedir-lhe que corrobore a história, mas ele não me está a prestar atenção.

Também não está a olhar para o Jaxon. Ao invés, olha para o vazio, de maxilar e punhos cerrados.

— O que foi? — pergunto-lhe, levando-lhe a mão ao ombro. — Sempre ficaste magoado?

Um leve tremor percorre o solo, um terramoto minúsculo que estremece ligeiramente os ramos das árvores, mas não passa daí. Ouvi dizer que isto acontece no Alasca, pelo que não me surpreende que ninguém reaja. Nem eu fico propriamente excitada. Em San Diego tínhamos um ou dois destes tremores pequenos, de vez em quando. O Flint nem repara. Está demasiado ocupado a afastar-me a mão.

— Eu estou bem, Grace.

— Então, o que se passa? — Olho dele para o Jaxon. — Não percebo o que se está a passar aqui.

Nenhum deles me responde. Olho para a Macy à procura de uma explicação que vá além do meu presente pensamento de que o Alasca traz ao de cima o pior que há nas pessoas. Mas ela parece tão confusa como eu — e mil vezes mais assustada.

Quanto aos outros... estão cativados pelo drama, os olhos fitos no Jaxon, que continua a observar o Flint que, por sua vez, continua claramente a não o olhar de volta. Não é a primeira vez que penso no Jaxon como sendo um caçador, mas é a primeira vez que penso no Flint como sendo uma presa. Os outros elementos do grupo devem concordar, pois no espaço de segundos estão em movimento, tanto os rapazes como as raparigas, flanqueando-o de ambos os lados.

O óbvio apoio prestado ao Flint só agrava a tensão entre ele e o Jaxon,

cujo rosto parece cada vez mais divertido e gelado.

Tento desesperadamente perceber como acalmar a situação sem que haja sangue, quando, de repente, a Macy desperta do estupor em que estava e diz:

— Devíamos voltar ao quarto, Grace. Confirmar que estás bem.

— Eu estou bem — garanto-lhe. Até parece que vou deixar ali o Jaxon assim, parecendo disposto a cortar o pescoço ao Flint só por ele estar a respirar. — Não vou a lado nenhum.

— Por acaso, essa foi a melhor ideia que ouvi esta tarde. — O Jaxon aproxima-se até ficar mesmo atrás de mim. Não me toca, nem sequer se roça em mim, mas está perto o suficiente para que isso não interesse. Consigo *sentir-lo*. — Eu acompanho-te ao quarto.

A multidão estremece com este desenvolvimento. Tipo, vejo pessoas a recuar, olhos arregalados, bocas escancaradas, rostos chocados. Nem imagino o que possa ser o grande problema, a menos que se deva ao facto do Jaxon estar a cancelar um confronto entre os dois tipos mais populares do colégio antes mesmo de ter começado. E não que seja um verdadeiro confronto, tendo em conta o modo como o Flint se afastou de tudo ao recusar-se, sequer, a reconhecer a existência do Jaxon.

Mais do que qualquer outra coisa, é esse comportamento atípico que me faz afastar do Jaxon e dizer:

— Tenho de ficar com o Flint. Tenho de ver se ele está mesmo...

— Eu estou bem, Grace — atalha o Flint entre os dentes cerrados. — Vai-te embora.

— Tens a certeza? — Faço menção de voltar a tocar-lhe o ombro, mas, de súbito, o Jaxon está entre nós, a impedir que a minha mão pouse. Depois avança, afastando-me lenta e inexoravelmente do Flint, a caminho da escola.

Nunca vi nada tão estranho. Garantidamente, a coisa mais estranha de que já fiz parte.

Não obstante, deixo que aconteça. Porque é o Jaxon, e porque não me consigo conter.

— Anda, Macy — digo baixinho à minha prima, estendendo-lhe a mão. — Vamos.

Ela faz que sim e começamos a regressar ao castelo — a Macy, o Jaxon e eu. Penso que os outros elementos da Ordem nos vão acompanhar, mas num olhar de relance para trás vejo que não se estão a mexer.

Ninguém se mexe.

E deixem-me que diga que estou a sentir-me cada vez mais como a Alice no País das Maravilhas — as coisas ficam «mais e mais curiosas». Talvez tenha mesmo descido à lura do coelho durante a viagem no avião do Philip.

Caminhamos em silêncio por um minuto ou dois e, a cada passo que dou, começo a perceber que talvez não me tenha escapado ilesa à queda. Agora que a adrenalina se dissipou, dói-me o tornozelo direito. Muito.

— Afinal de contas, o que estás aqui fazer? Pensei que não te fosses juntar à guerra de bolas de neve — pergunto para me distrair da dor e para impedir

que o Jaxon e a Macy reparem que estou a coxear.

— Com a confusão que o Flint te arranjou, ainda bem que eu *estava* aqui.
— O Jaxon nem sequer olha para mim.

— A sério, não foi nada — afianço-lhe, mesmo com a dor do tornozelo a passar rapidamente de forte para excruciante. — O Flint protegeu-me. Ele...

— O Flint não te protegeu de todo — atalha ele, com a voz fria e penetrante como o gelo que nos rodeia, e encara-me pela primeira vez. — Na verdade... — Cala-se e semicerra os olhos. — O que foi?

— Além de não perceber porque é que estás tão zangado?

Ele ignora a pergunta e mira-me da cabeça aos pés.

— O que te dói?

— Eu estou bem.

— Estás magoada, Grace? — A Macy junta-se à conversa pela primeira vez. A cobarde.

— Não é nada. — Temos alguma vantagem, mas, se pararmos, os outros vão alcançar-nos, e se há coisa que não quero é fazer um espetáculo ainda maior. Lá se vai a hipótese de me integrar ou até *passar despercebida*. A partir de hoje, mais vale que me pintem de cor de laranja e colem um alerta de risco extremo nas costas. O que é bastante irónico, pois foi o Jaxon que me disse para não chamar a atenção.

Mas, a sério. A história de San Diego repete-se. Lá, eu era a miúda cujos pais tinham morrido. Aqui, sou a miúda que caiu de uma árvore e quase provocou a Terceira Guerra Mundial entre os dois rapazes mais giros do colégio.

Raios me partam.

Recomeço a andar, determinada a chegar ao castelo e ao meu quarto antes que os outros nos vejam. Quero dizer, tento voltar a andar, pois não chego muito longe antes que o Jaxon me bloqueie o caminho.

— O que te dói? — volta a perguntar, com a expressão no seu rosto a dizer-me que não vai esquecer o assunto.

E já que discutir com ele só serve para desperdiçar segundos preciosos, acabo por ceder.

— O tornozelo. Devo tê-lo torcido quando cheguei ao chão.

Antes que eu acabe, o Jaxon está ajoelhado aos meus pés, a apalpar-me gentilmente o pé e o tornozelo através da bota.

— Não te posso descalçar, para não ficares com queimaduras do gelo. Mas isto dói-te?

O meu arquejo é resposta quanto baste.

— Queres que vá buscar a motoneve? — pergunta a Macy. — Não demoro.

Ai, meu Deus, não. Falava eu em dar espetáculo...

— Eu consigo andar. A sério. Eu estou bem.

O Jaxon atira-nos às duas um olhar incrédulo, enquanto me ajuda a levantar. Depois, sem dizer nada, pega-me ao colo.



21

Gosto de estar em pé, mas ser arrebatada também é muito bom

Passo vários segundos sem me conseguir mexer. Sem conseguir pensar. Só consigo fitá-lo, numa espécie de choque boquiaberto, com o cérebro em curto-circuito. Não estou realmente nos braços do Jaxon, pois não? Quero dizer, não pode ser.

Mas estou mesmo. E sabe tão bem. *Muito* bem. Estar nos braços dele, qual tal uma noiva, permite-me ter um grande plano do seu rosto. E será que posso dizer que é muito injusto que ele seja ainda mais *sexy* a um palmo de distância? E cheira tão bem.

É o cheiro dele — que lembra neve e citrinos — que me faz passar, que me faz debater como se fosse uma louca no meu esforço de voltar ao chão. Pois se ele me leva até ao colégio com este aspeto, este cheiro e este toque, vou estar totalmente incoerente quando lá chegar.

— Podes parar de te contorcer assim? — exclama, enquanto me tento libertar dos braços dele.

— Então põe-me no chão. — Procuro o apoio da Macy, mas ela olha-nos como se achasse que está a ser ignorada. Já que, claramente, não me vai ajudar, volto a dirigir-me ao Jaxon. — Não me vais levar assim até ao colégio!

O ritmo dele não sofre alteração.

— Vê só.

— Vá lá, Jaxon, sê razoável. Ainda é longe.

— E?

Contorço-me mais um pouco, tentando obrigá-lo a pousar-me, mas isso só serve para que me aperte ainda mais.

— E sou muito pesada.

Novo olhar incrédulo.

— A sério. — Levo as mãos ao peito dele e empurro com força. Os braços dele não cedem à minha volta. Sinceramente, não quero que ele me pouse. Tenho o tornozelo a latejar e andar em cima dele vai ser um pesadelo. Claro que isso não quer dizer que o vá deixar lesionar-se a tentar ajudar-me.

— Põe-me no chão antes que tu também te magoes.

— Eu, magoar-me? — A sobranceira arqueada na qual me fartei de pensar ontem voltou. — Estás a *querer* insultar-me?

— Estou a querer que me largues. Não me podes levar este caminho todo até...

— Grace? — interrompe-me.

Espero que ele diga mais alguma coisa.

— O que foi? — pergunto naquele que talvez não seja o mais simpático dos tons, quando ele não diz mais nada.

— Cala-te.

Parte de mim fica profundamente insultada com o que ele diz e com o tom casual que usa, mas outra parte, aquela que me controla a língua, faz o que ele diz e cala-se. Quero dizer, imagino que haja coisas piores do que estar a ser levada ao colo por um rapaz *sexy* ao invés de me estar a arrastar com dores tremendas. Digo eu.

Comigo nos braços do Jaxon avançamos três vezes mais depressa do que quando estava a coxear. Quando dou por mim já entrámos no castelo e estamos a subir as escadas.

Quando chegamos ao nosso quarto, a Macy destranca a porta e afasta as contas bizarras.

— Entra — diz ao Jaxon.

Segundos depois, ele deposita-me na minha cama e fico a pensar que acabou. Mas depois ele descalça-me a bota.

— Eu agora trato de mim — digo-lhe. — Obrigada pela ajuda.

Ele lança-me um olhar que diz para me voltar a calar sem precisar de quaisquer palavras. O que me envergonha a ponto de tentar afastar o pé dele para descalçar sozinha a meia.

— Torci o tornozelo — comento. — Não estou a morrer de tuberculose.

— Pois, a noite ainda é uma criança.

— Ei! O que queres dizer com isso? — Fulmino-o com o olhar.

— Quero dizer que estás cá há três dias e esta é a segunda vez que te livro de apuros.

— A sério? Agora vais dizer que sou responsável pela *ventania*?

— Vou. — Envolvo-me a barriga da perna com a mão e puxa-me a perna gentil mas firmemente para fora da cama, de modo a que possa observar-me o tornozelo. — A Macy não caiu do ramo *dela*, pois não?

— Eu não... — começa a Macy a dizer, mas nem pensar em deixá-lo safar-se com isto.

— O ramo *dela* não se partiu! — interrompo. — O *meu* partiu-se. Fazia o quê? Agarrava-me ao tronco e... Auu! — Tento puxar o pé quando ele toca uma zona particularmente sensível.

Ignora-me, embora o seu toque se torne ainda mais gentil.

— Não há inchaço e o hematoma é pequeno, por isso não me parece que tenha partido nada.

— Já te disse que foi só torcido. — Puxo a perna, mas, desta vez, com muito menos força. Há qualquer coisa no toque das mãos dele na minha perna, da minha pele contra a dele, que me deixa particularmente agitada. — Podes ir.

Desta vez, o olhar que me lança é meio divertido, meio *não abuses da sorte*. E, não obstante, é também muito sensual. O que é um absurdo, mas não deixa de ser verdade. A Heather morria se me visse agora — a dois míseros passos de começar a gemer e a *suspirar* por um tipo ridiculamente cativante. É nojento e, regra geral, já o teria posto no lugar dele. Mas o facto de ele estar assim preocupado comigo e a querer garantir que estou bem, faz a diferença.

— Vou buscar gelo? — pergunta a Macy pela primeira vez desde que o Jaxon lhe atalhou a objeção. Está junto à cama, a torcer as mãos e a tentar não dar a entender como está incomodada por ele estar no nosso quarto.

Viro-me para responder e, pelo menos assim espero, para a descansar, mas vejo que ela está a falar com o Jaxon — o rapaz que foi tema do sermão de dez minutos que me deu *antes* da guerra de bolas de neve.

— Et tu, Brute? — digo, revirando os olhos.

Ela encolhe os ombros, um bocadinho envergonhada, e é então que o Jaxon responde:

— Dá muito jeito. — Depois, a Macy praticamente corre para a porta até que ele lhe sorri em agradecimento. Nesse momento, ela estaca. *Imobiliza-se* a meio de um passo, com um pé acima do chão. — Já agora, por acaso tens um pé elástico? Antes de me ir embora cingia-lhe o pé — acrescenta ele.

Ela não responde.

— Macy?

Continua sem responder.

O Jaxon mira-me, as sobrancelhas erguidas, mas eu só reviro os olhos. Depois bato as palmas com força para lhe chamar a atenção.

— Macy?

— Ah, sim. Gelo. Estou a ir.

— Não tens um pé elástico? — repete o Jaxon.

— E um pé elástico. Sim. Claro. Por acaso tenho uns quantos. — De repente tropeça nas palavras e nos pés ao correr para a secretária, onde começa a abrir gavetas.

Lá encontra o que procura na última, após o que dá meia-volta, com um pé elástico cor-de-rosa-choque na mão.

— Isto serve, Jaxon?

— É perfeito, obrigado.

A Macy fica enrubescida com o elogio e eu esforço-me por não tecer um comentário provocador. Mas, a sério, se não tiver cuidado, ela ainda se transforma num acólito dele. Lá se vai o *podes contar-me como ele te magoou*. Traidora.

Estendo a mão para aceitar o pé elástico, mas o Jaxon chega primeiro.

— Sabes que eu *posso* fazer isso — assevero-lhe.

— Talvez eu queira fazê-lo por ti.

Ao dirigir-se à porta, a Macy olha-me como se as coisas estivessem mesmo a aquecer, e até eu me vejo obrigada a admitir que é uma boa deixa. Claro que nunca foi propriamente difícil convencer-me a gostar do Jaxon. Sinto-me atraída por ele desde o primeiro momento, quando ele também me irritava profundamente.

— Então? Não há protestos? — interroga ele, num tom sardónico.

— Vais pôr isso ou não? — resmoneio, enquanto lhe ignoro a pergunta, pois responder seria vergonhoso.

Ele baixa a cabeça e deita mãos ao trabalho, mas antes disso consigo ver o sorriso que tem nos lábios. A cicatriz parece puxar-lhe o canto da boca, mas isso dá-lhe um toque de malícia mil vezes mais *sexy* do que deveria ser.

Tem os dedos frios ao pôr-me a faixa elástica, mas as mãos são imensamente gentis. Dou comigo a desconstrair-me, os músculos a relaxar enquanto ele me roça um dedo na barriga da perna.

E, desta vez, quando lhe digo o nome, até eu percebo o desejo presente no meu tom. A cabeça dele ergue-se, o olhar escuro e profundo a sustentar o meu.

A mão na minha perna torna-se mais firme, mais insistente, e ele chega-se ao de leve. O aroma insanamente *sexy* parece ainda mais forte agora do que quando me estava a transportar. Preenche-me os sentidos, deixa-me com água na boca e as mãos a formigar para lhe mexer. Faz-me querer mergulhar o rosto no seu pescoço e inspirá-lo.

Já me sinto nervosa com a proximidade e estes novos desejos que ele desperta em mim fazem-me sustentar o fôlego. Tenho o coração aos saltos e quando ele se aproxima ainda mais, o meu corpo ilumina-se como a aurora boreal que ainda estou em pulgas para ver.

— Grace. — O meu nome é dito como uma promessa. É a última gota e arquejo, começando a sentir-me a derreter no meu íntimo. Responder-lhe-ia com o nome dele, mas perdi o controlo das minhas cordas vocais. E, basicamente, do resto do corpo.

A mão dele acaricia-me a face e fecho os olhos, chego-me à carícia. Depois dou um salto quando a porta se abre e ele puxa a mão para trás.

— Trouxe o gelo — anuncia a Macy. — Até o esmaguei e... — Estaca e arregala os olhos ao sentir a tensão que paira no ar. Da maneira que o Jaxon se está a debruçar sobre mim, não é preciso muito para se perceber o que ela interrompeu; por um segundo, até parece que ela vai sair do quarto.

Mas, depois, o encanto passa e o Jaxon levanta-se, dirigindo-se à porta.

— Aplica o gelo vinte minutos e vê como te sentes. Se não estiveres melhor, volta a aplicá-lo passado uma hora. Percebeste?

— Sim, percebi — consigo gemer com a garganta seca.

— Ótimo. — Arrisca mais um sorriso à Macy, depois abana a cabeça quando ela geme um pouco. O Jaxon não diz mais nada até estar prestes a sair do quarto. Depois vira-se, e com a mão na maçaneta, diz: — Afasta-te do Flint, Grace. Ele não é o que pensas.

As palavras eliminam-me o resto da paralisia vocal — e a boa vontade.

— O Flint e eu somos amigos. E tu não mandas em mim. — Consigo invocar autocontrolo suficiente para não acrescentar «Por mais que me intrigues.»

Fico à espera que dispare qualquer coisa — sabe Deus que é arrogante a ponto de acreditar que tem de ser obedecido cegamente —, mas, em vez disso, limita-se a menear a cabeça e a observar-me por alguns segundos.

— Está bem — consente.

— Está bem? — Semicerro os olhos à aquiescência célere. — Só isso?

— Só isso. — Vira-se para sair do quarto.

— Não pensei que fosse assim tão simples.

Lança-me um olhar inescrutável, aquele que começo a detestar.

— Isto vai ser muita coisa, Grace. Mas não vai ser simples.

E depois sai. Como de costume.

Raios o partam.



22

Querido, está quente aqui...

Após a saída do Jaxon passo vários segundos à espera para ver o que acontece em seguida... e o que acontece é a Macy a querer saber o que se passa entre nós. O que vai ser um problema a vários níveis, sobretudo porque *não faço ideia do que se passa entre nós*. Se é que se passa alguma coisa.

Sim, hoje o Jaxon procurou-me por duas vezes, mas não sei o que isso possa querer dizer. Ou se quer dizer alguma coisa de todo.

E porquê aquela tirada de despedida? *Isto vai ser muita coisa, Grace. Mas não vai ser simples?* Quem é que diz uma coisa dessas? Estaria a dizer que está interessado em mim? Ou que não está?

Merda. Porque é que os rapazes têm de ser assim tão complicados?

Pode estar a brincar comigo por se sentir aborrecido, ou assim. Porque sou carne nova aqui no meio do nada. Mas não parecia aborrecido depois da guerra de bolas de neve — verdade seja dita, ele parecia furioso com o Flint. O que é ridículo, uma vez que o Flint me salvou de um traumatismo, de uma perna fraturada ou até de pior.

Mas quem não está interessado não age como o Jaxon, pois não? Não faz a birra — e foi uma birra, por mais gelada que tivesse sido — que ele fez no meio daquela floresta, porque julgou que o Flint me pusera em risco. Certo?

Acho que sim... mas, o que sei eu? Só tive um namorado até hoje, e aquilo que sentia pelo Gabe não era nada como isto. Quero dizer, era uma relação decente, acho eu. Éramos amigos há anos e, durante algum tempo, acabou por ser algo mais. Íamos a sítios juntos, por vezes curtíamos, fazíamos o normal. Mas com o Gabe era fácil. Nunca senti o que sinto com o Jaxon. Nunca fiquei sem fôlego, nunca me suaram as mãos, nem o estômago deu um

salto só por olhar para ele. Nunca passei horas obcecada com cada palavra dele, nem dei comigo ansiosa pelo seu toque, como fico pelo do Jaxon.

Só queria saber o que o *Jaxon* está a sentir.

— Ai, meu Deus.

A Macy despertou por fim do bizarro coma em que o Jaxon a deixou nos últimos cinco minutos. Atiro-lhe um olhar.

— Não comeces.

— Ai. Meu. Deus. *AimeudeusAimeudeusAimeudeus*. O que é que acabou de acontecer?

— Caí de uma árvore. O Flint salvou-me a vida. O Jaxon trouxe-me ao colo para o quarto porque torci o tornozelo. — Digo-o com muito à-vontade, na esperança de que se mantiver um tom casual, se não deixar que a Macy perceba como me sinto confusa, talvez ela siga em frente.

— Isso são meros pormenores. — Deita-se na minha cama, tendo o cuidado de não tocar no meu tornozelo.

— Tenho a certeza de que os pormenores são importantes.

— Neste momento, não são! Neste momento, o que interessa é o quadro geral das coisas.

— E qual é, ao certo, o quadro geral? — pergunto-lhe.

— Tens os dois rapazes mais populares do colégio obcecados por ti.

Quase me estrangulo com a camisola ao tentar ver-lhe a expressão para perceber se está a brincar ou não.

— Não diria obcecados — opino depois de soltar o capuz e de parar de me sufocar. — E não foste tu que me avisaste para ficar tão longe do Jaxon quanto possível?

— Pois, mas isso foi antes.

— Antes do quê? — quero saber.

— Antes de ver a maneira como ele olha para ti. — Fecha os olhos e produz um som muito semelhante ao que fez quando o Jaxon lhe sorriu. — Quem me dera que o Cam olhasse para mim assim.

— Queres que o teu namorado olhe para ti como se fosse um idiota arrogante, habituado a conseguir tudo o que quer?

— Pois, sabes, isso já ele faz — comenta ela, revirando os olhos. — Quero que olhe para mim como se estivesse em *sofrimento* físico por não me estar a tocar.

— O Jaxon não olha para mim assim. — Mas começo a pensar que é assim que eu olho para ele.

A Macy funga.

— Miúda, se aquele rapaz te desejasse mais, entrava em combustão espontânea.

As palavras dela aquecem-me, fazem-me sentir que *eu* talvez entre em combustão espontânea — sobretudo se passar muito mais tempo a pensar no Jaxon. Aquele rapaz é *sexy* que dói... E se a Macy tiver razão, se ele estiver a pensar um quarto das coisas que eu penso sobre ele...

— De repente ficou calor ou é impressão minha? — Começo a despir as mil e uma peças de roupa que tenho vestidas.

— Depois de três dias a ver-te a sofrer com o frio, já pensava que não te ia ouvir dizer isso — provoca-me a Macy, pegando-me nas calças de neve e puxando com força suficiente para me arrastar pela cama. — Pelos vistos, para te aqueceres só precisas de te aproximar do rapaz mais perigoso do Colégio Katmere.

Dou-lhe palmadas nas mãos.

— O que estás a fazer?

— A tentar ajudar-te. É difícil despir estas coisas quando não nos podemos levantar. — Puxa mais um pouco, mas não consegue fazer grandes progressos.

— Está tudo bem, eu faço. — Afasto-lhe as mãos e levanto-me de modo a apoiar o peso no pé que não me dói. Depois dispo, as calças de neve e as calças polares que tenho vestidas. O que me deixa com *collants* e meias de lã, ambas um milhão de vezes mais confortáveis do que a roupa de rua que estava a usar.

A Macy despe também as camadas de roupa dela e não diz mais nada até voltarmos a instalar-nos na minha cama. Depois fita-me.

— Já adiaste o suficiente. Desembucha — declara.

— Não há nada a dizer. — Tapo as pernas e encosto-me à parede. — Tu é que disseste que os diferentes grupos nunca se misturam.

— Pois, mas tu ainda não tens um *grupo*, portanto, pelos vistos, as regras não se aplicam a ti. E quanto a não teres nada a dizer, isso são tretas. Chegaste há exatamente setenta e duas horas. Eu estive contigo a maior parte do tempo. Não sempre porque, obviamente, não fazia ideia de que os dois rapazes mais giros da escola iam andar às turras por tua causa à frente de metade dos finalistas. — Lança-me um olhar incrédulo. — Quando é que isto aconteceu? Como é que isto aconteceu?

— Não aconteceu nada, a sério. O Flint e eu somos só amigos...

— Pois, está bem.

— A sério. Ele é muito simpático, mas nunca fez nada sequer remotamente menos próprio.

A Macy revira os olhos.

— Como levar-te escadas acima ou fazer tudo para te convidar para uma guerra de bolas de neve?

— Foste tu que lhe pediste que me levasse pelas escadas. A hipobaropatia, lembras-te?

— E também lhe pedi que saltasse de uma árvore para te salvar a vida?

— Imagino que ele julgasse que lhe pedias se tivesse havido tempo.

— Ai meu Deus! És tão irritante. — Volta a deitar-se na cama. — Não consigo perceber se te estás a iludir a ti própria ou se és mesmo assim tão ingénua.

— Não me estou a iludir. E não sou ingénua. — Envergo o meu ar mais

sincero. — A sério, Macy. Não há nada entre mim e o Flint.

Ela observa-me por um instante e depois assente.

— Está bem, pronto. Mas olha que reparei que não disseste a mesma coisa em relação a ti e ao Jaxon.

— O Jaxon e eu... O Jaxon é... Quero dizer, nós... Eu não... — Calo-me e sinto o rosto a arder, pois até eu percebo como estou a ser incoerente e ridícula. — Ahhh.

— Uau. — A Macy tem agora os olhos arregalados. — É sério a esse ponto?

Não sei o que dizer, pelo que não digo quase nada. Salvo que a Macy já aqui anda há muito mais tempo do que eu, o que significa que sabe muito mais acerca do Jaxon — conhecimentos esses que me dariam imenso jeito.

— É complicado. — Fico à espera que me pergunte o que é complicado, mas ela não o faz. Ao invés, limita-se a assentir, como quem diz, é claro que é. — Ele não é assim tão perigoso como disseste, pois não?

Ainda nem acabei de fazer a pergunta e já sei a resposta... que é, *claro que é perigoso. E devias afastar-te o mais possível dele.*

Quero dizer, ele sempre foi gentil ao tocar-me, mas aquela cicatriz que tem no rosto deixa bem claro que não é como os outros rapazes que já conheci. Tudo nele grita *perigo* — riscos sombrios e brutalmente feridos. Está nos olhos dele, na voz, na porte e nos movimentos.

Reconheço-o e admito-o. Mas isso não interessa quando me aproximo dele. Quando estou perto, *nada* importa a não ser aproximar-me mais, mesmo sendo óbvio que ele já saiu magoado, e sendo também claro que está determinado a proteger-se. Terá sido a morte do irmão que lhe fez isto? Ou o Hudson será uma mera peça de um enigma muito maior?

O meu instinto diz que se trata da segunda hipótese, mas ainda não o conheço há tempo suficiente para ter a certeza.

O silêncio prolonga-se durante vários segundos. Observo a Macy, com uma expressão que diz tudo enquanto ela tenta pensar no que dizer. Demora um pouco, mas acaba por se decidir.

— Ele não é perigoso ao estilo *Silêncio dos Inocentes*. Não te vai atirar para um poço e deixar-te passar fome para fazer um vestido com a tua pele, nem nada do género.

Solto uma gargalhada incrédula.

— A sério? Não te lembraste de mais nada? Ele não vai fazer um vestido com a minha pele?

Encolhe os ombros.

— Também disse que não te vai fazer passar fome num poço.

— Estamos no Alasca. Era preciso uma máquina profissional de prospeção para abrir um buraco na terra congelada.

— Exatamente. — Abre as mãos num gesto que quer dizer «óbvio». — Vês, eu disse-te que não o faria.

— Estás a tentar reconfortar-me ou queres assustar-me?

— Isso. — Pisca os olhos na minha direção. — Está a resultar?

— Não faço a mais pequena ideia.

O meu telemóvel vibra e eu quase o ignoro. Mas deve ser a Heather, porque a única que sabe o meu número em Katmere é a Macy e, neste momento, dava-me jeito um bocadinho da sanidade da minha melhor amiga.

Heather: Como foi o primeiro dia de aulas?

Heather: Rapazes jeitosos na turma de inglês?

Heather: Ou miúdas jeitosas? Há quem queira saber...

Inclui o *emoji* para sexo na última mensagem e eu não consigo reprimir uma gargalhada. Depois tiro uma fotografia rápida à Macy no seu *top* e *collants*, que simula um beicinho quando lhe digo que é a minha melhor amiga em San Diego, e respondo:

Eu: TODAS as miúdas jeitosas.

Heather: *Blhac*. Má

Heather: Como foi a aula?

Eu: A hipobaropatia prendeu-me no quarto. Mas vou amanhã.

E depois, porque a Heather consegue passar a vida a escrever e eu quero terminar a conversa sobre o Jaxon não ser um assassino em série de um filme, escrevo:

Eu: Um bocadinho ocupada.

Eu: Falamos mais logo.

Depois pouso o telemóvel e viro-me para a minha prima, que também está a ver o seu. Para assim que se apercebe de que deixei de escrever e pergunta:

— Diz-me a verdade, Grace. Gostas do Jaxon?

«Gostar» é um termo demasiado insípido para as emoções que o Jaxon desperta em mim. Ele tem qualquer coisa que me toca na alma, tem algo partido dentro dele que se encaixa perfeitamente naquilo que eu tenho partido.

Sei que a Macy não vê isso. Está demasiado ocupada a recluir-se a escuridão e o estatuto social dele para prestar atenção ao que se encontra abaixo da superfície. Mas eu vejo — a mágoa, a dor e o medo no turbilhão por trás da sua expressão vazia e dos olhos neutros. Vejo-o de uma maneira que não me parece que mais alguém nesta escola o veja.

Não comento nada disso — não me compete a mim partilhar o sofrimento do Jaxon. Em vez disso respondo:

— Interessa se eu gosto dele ou não?

— Isso não é resposta.

— Porque eu não tenho resposta! — queixo-me. — Cheguei há três dias, Mace. Três dias! Está tudo virado do avesso, e não faço ideia do que pensar sobre nada... nem sobre *ninguém*. Quero dizer, como é que queres que eu saiba o que sinto acerca de um rapaz que mal conheço? Sobre tudo com ele a ignorar-me num momento e a levar-me ao colo para o quarto no outro. Nunca conheci ninguém assim e...

O ronco da Macy interrompe-me o discurso.

— O que foi? — pergunto-lhe. — Porque é que me parece que sabes

alguma coisa que não estás a contar?

— Não faço ideia. Continua.

Semicerrou os olhos.

— Parece que sabes alguma coisa.

— Desculpa. — Levanta as mãos, num gesto óbvio de submissão. — Eu... concordo. Garantidamente, nunca conhecestes ninguém como o Jaxon.

— Dizes isso como se fosse mau. Tudo bem, não queres que eu goste dele...

— Olha, eu disse para te afastares dele, porque ele não é uma pessoa fácil. Ou nunca foi, pelo menos. Mas contigo...

— Comigo o quê?

— Não sei. — Encolhe os ombros. — Sim, isto parece um cliché, mas ele fica diferente quando está contigo. É menos intenso, mas também fica *mais* intenso, se é que isso faz sentido.

— Não faz. Nenhum.

A Macy solta uma gargalhada.

— Eu sei, mas tu é que perguntaste. Acho que aquilo que eu quero dizer é que não sei o que pensar de tu e o Jaxon andarem a fazer isso que andam a fazer, só que também não sou totalmente contra. Pelo menos depois de hoje ter visto como ele foi contigo.

Quero pressioná-la para continuarmos com esse tópico, quero perguntar-lhe o que quer, ao certo, dizer com aquilo. Mas parte de mim acha que já tem uma ideia aproximada. Está a falar sobre o Jaxon que vi no corredor naquele primeiro dia, depois do Flint me ter carregado escadas acima. Ou sobre o Jaxon que vi na festa, o que me pareceu tão frio, tão lúgubre, que me afugentou na direção oposta. Literalmente. Se ela nunca tinha visto outro Jaxon, é natural que me quisesse alertar.

— Continuo sem saber o que estamos a fazer — admito, deixando-me afundar nas almofadas. — Ou se estamos a fazer seja o que for. Só queria saber aquilo que ele pensa de mim, percebes? Tipo, se está a brincar comigo ou se está a ter os mesmos pensamentos que eu?

— E que pensamentos é que tu estás a ter? — A pergunta é feita com tal descontração que eu respondo sem pensar.

— Sinto-me obcecada por ele. Estou sempre a pensar... — Calo-me quando me apercebo do que estou a dizer. — Enganaste-me.

O olhar dela transborda de inocência falsa.

— Só te fiz uma pergunta. Não tinhas de responder.

— Sabias que eu estava distraída e que não estava preocupada em escolher as minhas palavras.

— Boa, ainda bem que não te estavas a censurar. Não precisas de fazer isso comigo. — Pega-me na mão. — A sério, Grace. As coisas vão ser estranhas para ti durante algum tempo. Mas *nós* não vamos ser estranhas. — Faz um gesto que nos indica às duas. — Mesmo que não confies em mais ninguém, sabes que estou sempre ao teu lado... até em relação ao Jaxon.

Somos família.

De repente tenho um nó do tamanho do Denali na garganta e engulo várias vezes em seco, tentando clareá-la. Não sabia como precisava de ouvir estas palavras até ela as dizer; não percebi de como tinha saudades de ter alguém que não fizesse perguntas e com quem pudesse contar do meu lado.

— Sabes que vale para as duas, certo, Macy? Também podes confiar em mim.

Ela sorri.

— Já confio, mas quero ter a certeza de que te lembras do que eu te disse. E de que estou aqui, ao teu lado, sempre.

Diz isto com seriedade e enquanto me olha com grande intensidade. É como se estivesse a tentar alertar-me e reconfortar-me ao mesmo tempo. É estranho que sinta um arrepio de incómodo a percorrer a minha espinha, uma sensação que dissipa o calor agradável que sinto debaixo do cobertor e o substitui por um gelo que nada tem que ver com o Alasca e que tem tudo que ver com a sensação de que tudo isto é demasiada areia para a minha camioneta, mesmo que ainda não o saiba.

Tento ignorar esta sensação, convencendo-me que provavelmente estou só a ser paranóica. Sou inteligente e honesta o suficiente para reconhecer que ultimamente só vejo o pior de cada situação.

Mas em vez de prolongar o desconforto, limito-me a assentir.

— Ótimo. Ainda bem — agradeço.

A Macy sorri.

— Agora que já despachámos isto, há mais uma coisa sobre a qual quero falar contigo. — Ela levanta-se e dirige-se ao frigorífico. — Mas sei que não vais gostar.



23

Nunca leves uma colher de gelado para um duelo

Olho desconfiada para a Macy, enquanto ela abre o frigorífico e procura algo lá dentro.

— Diz-me até que ponto não vou gostar de ouvir o que tens para me contar.

Faz um som triunfante ao exibir um balde de Cherry Garcia. Sinto um aperto no estômago.

— É assim tão mau para precisarmos de Ben and Jerry's?

— Sinceramente, eu preciso sempre de Ben and Jerry's. — Destapa o recipiente colorido e depois tira duas colheres do copo roxo em cima do frigorífico. — Isto parece-me apenas uma boa altura para aproveitar.

Aceito a colher que ela me oferece.

— Nem sabia que vendiam Ben and Jerry's aqui.

— Custa dez euros o balde na loja mais próxima, mas vendem.

Sorri ao ver a minha expressão de horror.

— Uau. Isso é...

O sorriso alarga-se.

— Bem-vinda ao Alasca.

— Se precisas de um gelado de dez euros, a conversa deve ser mesmo séria.

Ela não comenta a minha óbvia tentativa de lhe sacar informação, limita-se a estender-me a caixa do gelado para que eu tire um bocado. Assim o faço e ela também, e fazemos um brinde com gelado antes de o levarmos à boca (brindar com a primeira colher de gelado é um ritual que criámos no verão que passámos juntas, quando eu tinha cinco anos).

Espero que a Macy me diga o que lhe vai na mente, mas ela tira outra colherada de gelado. Depois uma terceira e uma quarta, até que desisto e faço o mesmo.

Já estamos a meio da caixa quando ela finalmente diz:

— Tenho de te avisar de uma coisa.

Siiiiimmm?

— Não me avisaste já sobre o Jaxon? Pensei que tínhamos acabado de falar dele.

— Não tem que ver com ele. Ou, quer dizer, se calhar tem, mas não da maneira que pensas. — Devo parecer tão confusa quanto me sinto, pois ela respira fundo e exclama: — Se gostas do Jaxon, e, se gostas, eu não tenho problemas, juro, mas, se gostas dele, não te podes continuar a dar também com o Flint, Grace. Não vai resultar.

Isto é tão distante de tudo o que pudesse esperar que demoro um segundo a apreender o que ela me está a dizer. E mesmo depois de decidir que a compreendi, continua sem fazer sentido.

— O que é que queres dizer com «não vai resultar»? Não ando com nenhum deles e, mesmo que andasse, imagino que possa ser amiga do outro, não?

— Não. — A Macy abana a cabeça com veemência. — Não podes. É o que te estou a tentar dizer.

Estou convencida de que ela se está a meter comigo — tem de estar, certo? —, mas parece tão séria que me vejo obrigada a perguntar:

— O que é que queres dizer com *não posso*? Isto é o quê? *O Clube*?

— Pior. Muito pior.

— Pois parece, porque mesmo n'*O Clube*, eles acabaram por perceber que não interessa a que grupo pertencemos.

— Não é n'*O Clube* que o Judd Nelson molesta sexualmente a Molly Ringwald enfiando a mão pela saia dela quando está escondido por baixo da mesa na aula?

Dito desta forma...

— Pronto, talvez não tenha sido o melhor exemplo.

A Macy revira os olhos.

— Achas?

— Mesmo assim, esta coisa do *Jaxon e o Flint não podem ser educados um com o outro, porque estão à frente de grupos diferentes* que estás a dizer é ridícula. Sabes quantas pessoas foram simpáticas comigo desde que cheguei? — Levanto quatro dedos e uso-os para indicar os nomes que vou dizendo. — Tu, o Jaxon, o Flint e a Lia. E pronto. Quatro pessoas. Razão pela qual dizeres-me que não posso falar com uma das únicas quatro pessoas neste sítio que não me trata como se fosse leprosa é uma treta.

— Oh, Grace. — Parece desolada. — Tem sido assim tão mau?

— Bom, não tem sido propriamente um piquenique, mesmo sem contar com as experiências de quase morte. — Mas ela aparenta ficar tão perturbada

com as minhas palavras que me vejo obrigada a recuar um pouco. — Não te preocupes, Mace. Ainda nem sequer comecei as aulas. De certeza que as pessoas vão ficar mais à vontade e deixam de me olhar assim que tiverem oportunidade de me conhecer.

Ela aproveita a deixa.

— E vão, Grace. A sério. Só precisam de passar algum tempo contigo. É raro termos gente nova, e a maior parte já estava junta há muito tempo, mesmo antes de vir para Katmere.

— Não fazia ideia.

— Há uma outra escola onde quase todos andámos desde o quinto ano. Portanto, se parecemos distantes, em parte é por causa disso, sabes?

— Pois, mas o facto de se conhecerem há tanto tempo não devia ajudar a que se dessem bem?

— Devia. E durante algum tempo, isso até aconteceu. Não sei como explicar o motivo por que as coisas deram para o torto, mas há cerca de um ano aconteceram umas coisas terríveis e a situação descontrolou-se. Quero dizer, à superfície parece tudo bem, mas quando começamos a investigar, os problemas revelam-se logo. E parte daquilo que aconteceu leva a que seja impossível para o Jaxon e o Flint estarem do mesmo lado seja no que for.

Deve ser a explicação mais vaga que alguma vez me deram. E, não obstante, deixa-me a pensar, a tentar juntar isto ao muito pouco que fiquei a saber desde que cheguei.

— Tem que ver com o que aconteceu com o Hudson Vega?

A pergunta sai-me antes de conseguir pensar duas vezes e, a julgar pelo ar da Macy, devia mesmo ter pensado duas vezes.

— Como é que sabes do Hudson? — murmura, tão baixinho que parece que tem medo de dizer o nome em voz alta.

— Foi o Jaxon que me contou. Quero dizer, a Lia contou-me que o namorado tinha morrido, mas depois o Jaxon mencionou o irmão, e eu somei as coisas quando os vi a discutir.

— O Jaxon disse-te que o Hudson tinha morrido? — Duvido que ela ficasse tão chocada se lhe dissesse que ia voltar a voar para San Diego com os meus poderes mágicos. De repente sou preenchida por dúvidas.

— E não morreu? — Se o Jaxon me mentiu sobre uma coisa dessas, nem sei o que faça. Quero dizer, que tipo de pessoa...

— Morreu, sim. É só que ele não fala muito sobre isso. Ele ficou muitíssimo abalado, e nem o imagino a discutir o assunto com... — Cala-se.

— Uma estranha?

— Pois. — Parece culpada por admiti-lo. — Mas não que vocês sejam estranhos, não é...

— Às vezes é mais fácil — interrompo. — Falar sobre a pior coisa que nos aconteceu com o nosso melhor amigo é excruciante. Falar com um estranho que não tem qualquer interesse velado, por vezes, não custa tanto. — Parece estranho, mas é verdade. Foi uma das coisas que aprendi no mês que

passou.

— Faz algum sentido. — Pousa o gelado, debruça-se e abraça-me.

Devolvo o abraço por alguns segundos até sentir as lágrimas que nunca estão longe a marejarem-me os olhos. Nesse momento, solto-a e ofereço um sorriso que pretende dizer que está tudo bem, mesmo não estando.

— Talvez seja por isso que o Jaxon parece agir de maneira diferente comigo. É porque sabe que eu também perdi alguém.

— Talvez. — Não parece ter certeza disso. — Mas se a atração entre vocês os dois se deve ao facto de terem ambos perdido alguém tem cuidado, está bem, Grace? Não te deixes apanhar no meio da guerra entre ele e o Flint. Porque acabas por ser tu a vítima.

Tento ignorar-lhe as palavras e até me safo muito bem durante o resto do serão. Mas, assim que me deito, com as luzes apagadas, só penso naquilo que a Macy disse e em como se parece mais com uma premonição do que com um aviso.

Sinto um peso a assolar-me os ossos, a empurrar-me contra a cama, a pesar-me de tal modo que o simples gesto de me virar e de me enrolar numa bola se torna impossível. Contento-me em envolver-me com os braços e em dizer para comigo que ela está errada. Mesmo com uma vizinha no interior a dizer-me que não está.



24

Os *waffles* são o melhor caminho para tudo de uma rapariga

Acordo devagarinho com o som de uma mensagem no telemóvel. Gemo e penso em ignorá-la, em ficar tapadinha, debaixo dos cobertores, onde está quentinho e tudo me parece *perfeito*. Mas desde que cheguei ao Alasca que demoro a responder às mensagens da Heather, e isso não é fixe.

Mas quando me viro e pego no telemóvel apercebo-me de duas coisas: primeiro, já passa das dez da manhã, o que significa que adormeci e perdi a primeira aula. E segundo, a mensagem não é da Heather.

E também não é da Macy. É de um número que não reconheço.

Desconhecido: Como está o tornozelo?

Será o Flint? interrogo-me, desviando o cabelo dos olhos e sentando-me. *Ou outra pessoa?*

Por um instante ocorrem-me os olhos do Jaxon — profundos, escuros, inescrutáveis —, mas depois de ser tão instável desde que nos conhecemos, não acredito que seja ele. Sobretudo depois de me ter dito que as coisas iam ser difíceis — fosse o que fosse que isso significava.

Decido jogar pelo seguro e respondo:

Eu: Quem é?

Segue-se uma longa pausa. Depois:

Desconhecido: Jaxon

É só uma palavra solitária, mas, não sei como, está carregada de indignação. Como se ele não fosse capaz de imaginar como ainda não tenho o número dele gravado no meu aparelho, à espera que finalmente se dignasse a

enviar-me uma mensagem. Devia ficar irritada com o pressuposto, em vez disso sinto-me divertida de tal maneira que sou incapaz de me conter e escrevo:

Eu: Jaxon quem?

Jaxon: Não sei qual é o remate...

Eu: Do quê?

Jaxon: Da piada que estás à espera.

Solto uma gargalhada, pois nas mensagens consegue ser mais divertido do que pessoalmente.

Eu: Sou péssima com esse tipo de piadas.

Jaxon: Finalmente uma boa notícia.

Eu: Ei!

Eu: O que é que os polvos têm para quando ficam assados?

Segue-se nova longa pausa e consigo imaginar a cara dele. Depois:

Jaxon: Não sabia que os polvos ficavam assados.

Pois, é mais ou menos a resposta que eu esperava.

Eu: *emoji a revirar olhos*

Eu: Vá lá. Acompanha a brincadeira.

Jaxon: Só queria saber como está o teu tornozelo.

Eu: Adivinha e eu digo-te.

Nova pausa longa.

Jaxon: Água

Eu: Água?!?!?!?!?!?

Jaxon: Não é onde eles vivem? Ajuda quando estamos assados.

Jaxon: Além disso, não faço ideia. Porque não água?

Eu: *duplo emoji com olhos a revirar*

Eu: Vamos tentar de novo.

Eu: O que é que os polvos têm para quando ficam assados?

A pausa seguinte é tão longa que fico convencida de que estraguei tudo e ele não vai responder. Mas depois:

Jaxon: O que é que têm?

Quase largo o telemóvel com o entusiasmo e sorriso com tanta força que as bochechas me doem. O que é ridículo, mas já percebi que *eu sou* ridícula no que diz respeito a este rapaz.

Eu: Tem-talcos

Jaxon: Isso... até tem piada.

Eu: Uau. Grande elogio.

Jaxon: Não deixes que te suba à cabeça.

Eu: Não sobe, acredita.

Eu: *triplo emoji a revirar olhos*

Jaxon: Com o que ficas quando cruzas um vampiro e um boneco de neve?

O quê? Uma piada do eternamente sério Jaxon Vega? Não perco tempo a responder.

Eu: Não faço ideia.

Jaxon: Dor de dentes.

Solto uma gargalhada. Quem é este Jaxon e como é que o mantenho por perto?

Eu: Halloween e Alasca. Dois em um?

Eu: Estou impressionada.

Mais uma longa pausa, mas, desta vez, há qualquer coisa que me diz para ainda não desistir dele; se não responde, não é porque largou o telefone, mas porque está a tentar decidir o que dizer a seguir. Uau! Agora sim, estou impressionada. Nem imagino um Jaxon que não saiba exatamente o que fazer e o que dizer seja em que situação for.

O telemóvel volta finalmente a soar.

Jaxon: Prometeste que me dizias do tornozelo

É uma continuação medíocre da conversa divertida que estávamos a ter, mas eu acompanho-a, pois a alternativa é não responder, algo que não quero. Pelo menos ainda.

Eu: Não sei. Estou a acordar. O meu tio deve ter decidido que ainda não tenho de ir às aulas

Jaxon: Eu diria sortuda, mas...

Eu: Então, cair de uma árvore não é sorte suficiente para ti?

Jaxon: Por acaso SABES o que quer dizer sortuda?

A gargalhada chega-me de forma tão inesperada que quase solto um ronco. Depois tapo a boca, horrorizada, embora não haja ninguém por perto para me ouvir.

Eu: Saí a andar, não foi?

Jaxon: *emoji a revirar olhos*

Jaxon: Acho que fui eu que te levei.

Eu: Oh, pois. Obrigada por isso mais uma vez.

Jaxon: *vários emojis a revirar olhos*

Agora que me fez pensar nisso, também fico curiosa para saber como está o meu tornozelo. Por isso desvio os cobertores e tento descer da cama, mas assim que assento peso sobre o pé direito, solto um gemido. Ora aí está a resposta. Para agravar a situação, preciso mesmo de ir à casa de banho.

Jaxon: O que vais fazer hoje?

Eu: Acho que vou ficar na cama a nadar em autocomiseração.

Jaxon: Bela vida

Eu: Pois, sabes, o tornozelo ainda me dói um bocado.

Jaxon: Estás bem?

Eu: Claro.

Eu: Volto já.

Sirvo-me da promessa de Tylenol para percorrer o quarto até à casa de banho. Quando termino, lavo as mãos e pego em dois comprimidos vermelhos e azuis e numa garrafa de água, voltando depois a coxear à cama. Obrigo-me a tomar os comprimidos antes de voltar a agarrar no aparelho, mas não é fácil.

Estou ansiosa por saber se o Jaxon me respondeu.

Não. O que não faz mal, digo para comigo. Quero dizer, fui eu que interrompi a conversa bruscamente.

Eu: Voltei.

Não há resposta.

Eu: Desculpa ter demorado.

Continuo sem resposta.

Bolas. Estraguei tudo.

Estou furiosa comigo por ter interrompido a nossa troca de mensagens. E igualmente zangada por estar furiosa com isso. O Jaxon mostrou-me mais sobre ele nos últimos quinze minutos do que desde que aqui cheguei. Tenho de estar irritada por ele ter parado de escrever?

Claro que não. Quero dizer, ele tem de ir às aulas, não é?

Mas convencer-me disso só piora as coisas. Bem, isso e o facto de estar esfomeada e a manteiga de amendoim estar no outro lado do quarto. Claro.

Recosto-me nas almofadas e envio algumas mensagens à Heather. Depois vejo o meu Snapchat e Instagram, e até jogo *Pac-Man*, enquanto me convenço de que não estou, de todo, à espera que o Jaxon volte a enviar-me uma mensagem.

O meu estômago começa a roncar na altura em que pouso o telemóvel. Uma rapariga não pode viver só de manteiga de amendoim, mesmo estando neste momento com tanta fome que até era capaz de experimentar.

Começo a coxear na direção do frigorífico, mas, a meio caminho, sou distraída por alguém a bater à porta. Por um instante, nada mais do que um segundo, interrogo-me se poderá ser o Jaxon. Depois, o meu bom senso entra em ação. Deve ser o tio Finn a confirmar como estou com o meu tornozelo torcido.

Mas, quando abro a porta, não é o tio Finn. Nem é o Jaxon. É uma mulher com um tabuleiro carregado de comida.

— Grace? — pergunta ela, e eu afasto-me para a deixar entrar.

— Sim. — Sorrio-lhe. — Muito obrigado. Estou *esfomeada*.

— De nada. — Retribui o sorriso. — Onde o deixo?

— Eu levo. — Faço menção de pegar no tabuleiro, mas ela atira-me um olhar que me diz para estar quieta. — Ah, pode ser na cama, acho eu. — Indico o meu lado do quarto.

Ela dirige-se à minha cama e pousa o tabuleiro perto dos pés. Depois pergunta:

— Posso trazer mais alguma coisa?

Não faço ideia, pois a comida está debaixo daquelas coisas prateadas em cúpula para a manter quente. Mas como tenho fome suficiente para comer quase tudo — e não estou habituada a que me sirvam — respondo:

— Não, está ótimo. Obrigada.

Só a Macy para pensar em mim, mesmo nas aulas. A minha prima é uma deusa.

Quando volto à cama reparo num pequeno envelope preto no tabuleiro. Com o meu nome escrito à frente numa letra masculina que, garantidamente, não é a da Macy.

O tio Finn, digo para comigo, com o coração acelerado.

Porque não pode ser o Jaxon, decido, pegando no envelope com os dedos a tremer.

Não pode ser o Jaxon, volto a pensar, tirando o simples postal preto.

Não pode, de todo, ser o Jaxon, repito, para comigo, mais uma vez ao abrir o postal para procurar uma assinatura.

Mas... é do Jaxon, e, agora, sinto o meu coração a ameaçar saltar-me do peito.

*Ainda não sei do que gostas,
mas imaginei que tivesses fome.
Tira o peso do tornozelo.
Jaxon*

Ai, meu Deus.

Ai meu deus. Ai meu deus. Ai meu deus.

Ai. Meu. Deus.

Está bem, não é o postal *mais* romântico do mundo, mas isso nem interessa, porque o Jaxon me mandou o pequeno-almoço. Foi *por isso* que ele não me respondeu. Estava ocupado a tratar da surpresa.

Pego no telemóvel e envio-lhe uma mensagem rápida.

Eu: Obrigada!!!!!!!!!!!!!! Salvaste-me a vida

Ele não responde de imediato. Começo a vasculhar o tabuleiro para ver o que a cantina me trouxe. A resposta é *tudo*.

Tenho uma caneca de café e uma chávena de chá. Uma garrafa de água gaseificada e um copo de sumo de laranja. Até tenho gelo para o tornozelo.

Levanto as cúpulas e encontro um prato cheio de ovos e salsichas e um bolo de canela com um cheiro divinhal. A outra tem um *waffle* com compota de morango e o que parece ser *chantilly* acabado de fazer... no meio do Alasca, em *novembro*.

Fico tão comovida que sinto vontade de chorar. Ou sentiria, não fosse estar com tanta fome.

Claro que não sou capaz de comer isto tudo, e devia sentir-me mal por desperdiçar comida. Mas, neste momento, estou demasiado ocupada a sorrir para me preocupar seja com o que for.

O meu estômago volta a roncar, desta vez com mais força, e eu ataco começando pelo *waffle*. Porque *chantilly* mais xarope de ácer mais morangos é igual a perfeição.

Estou a meio da maravilha coberta de *chantilly* quando o meu telefone volta, finalmente, a apitar e quase derrubo o tabuleiro para o agarrar.

Jaxon: Desculpa, estou a fazer um teste.

Jaxon: *Waffles* ou ovos?

Eu: *Waffles* sempre.

Jaxon: Imaginei.

Jaxon: Usa o gelo.

Eu: Uau, que mandão.

Eu: Estou a usá-lo. Não sou parva, sabes.

Jaxon: Quem é que é a mandona?

Não sei se deva ficar ou não ofendida com a última tirada. Se calhar devia, mas um *waffle* assim tão bom dá-lhe uma certa margem. Além de que, talvez eu a mereça.

Eu: E tu? *Waffles* ou ovos?

Jaxon: Nenhum.

Eu: Então o que gostas de comer?

Assim que carrego em Enviar percebo que a última mensagem foi um erro crasso e começo a passar-me. Porque, ai meu Deus, aquilo soou mais sugestivo do que era suposto. Bolas. Ele vai pensar que sou tarada ou então vai responder com alguma coisa mesmo nojenta, e eu não quero que nenhuma dessas coisas aconteça.

Há muito tempo que não troco mensagens com um rapaz e não estou pronta para que isto chegue ao fim.

Sobretudo, não estou pronta para deixar de falar com o Jaxon, que é inteligente e *sexy*, e que me faz sentir coisas que mais ninguém fez. Para além disso, é muito mais fácil falar com ele assim do que pessoalmente, com o seu ar sombrio e melancólico.

Passam-se vários segundos sem uma resposta e pondero atirar o telefone para o outro lado do quarto ou afogar-me com o xarope de ácer que resta.

Acabo por não fazer nada disso. Limito-me a esperar impacientemente que ele responda. Quando finalmente o faz, sustenho a respiração ao desbloquear o ecrã. E depois rio-me:

Jaxon: Acho que ainda não chegámos a isso, mas de certeza que me dizes quando chegarmos.

A. Resposta. Certa.



25

Por favor, não me morda

Passo o resto da manhã sem fazer grande coisa, à espera que o Jaxon me mande mensagens sempre que pode. O que não é um grande gesto feminista, mas já desisti de tentar controlar o meu cérebro quando se trata deste rapaz. Para além de que não tenho grande coisa para fazer. Já li tudo o que tenho no Kindle e não posso ver mais episódios de *Legacies* sem a Macy. Se a isso juntarmos o tornozelo magoado e o facto de não poder ir a lado nenhum temos...

Jaxon: Qual é o teu filme preferido?

Eu: Neste momento? *A Todos os Rapazes Que Amei*.

Eu: De sempre? *Alguém Muito Especial*.

Eu: Tu?

Jaxon: *Assalto ao Arranha-céus*.

Eu: A sério?

Jaxon: O que tem o *Assalto ao Arranha-céus*?

Eu: Nada.

Jaxon: Estou a brincar. É o *Rogue One*.

Eu: O filme da *Guerra das Estrelas* onde toda a gente morre????

Jaxon: O filme da *Guerra das Estrelas* onde há quem se sacrifique para salvar a galáxia.

Jaxon: Há piores maneiras de morrer.

Não é a resposta que espero, mas agora que ele o disse percebo que o filme fosse atrair alguém que se tem esforçado, ativa e continuamente, por me salvar. Visto por esse prisma, até o *Assalto ao Arranha-céus* faz sentido. Um personagem principal disposto a morrer para salvar outras pessoas.

O Jaxon é muito mais do que a pessoa que conheci ao fundo das escadas no meu primeiro dia aqui. Quero dizer, continua a ser o idiota que me disse para desaparecer daqui. Tão depressa não me vou esquecer disso. Mas também é quem me salvou do Marc e do Quinn. E quem ontem me trouxe ao colo até ao quarto. Isso tem de contar para alguma coisa, não é?

Além disso, nem acredito como ele é diferente quando não há mais ninguém por perto; quando somos só nós a trocar mensagens e ele não está ocupado a tentar convencer-me de que não quer ter nada que ver comigo e, mais ainda, que eu não devia querer nada com ele.

Gostava de poder pedir ao verdadeiro Jaxon Vega que se mostrasse, mas a verdade é que espero que seja a pessoa com quem estou a trocar mensagens há umas duas horas. E se não for, acho que ainda não quero saber.

Eu: Sabor de gelado preferido?

Jaxon: Não tenho.

Eu: Porque gostas de todos???

Eu: Resposta essa que, já agora, é a única aceitável para não teres um preferido.

Jaxon: Acho que ambos sabemos que há um milhão de motivos para eu ser inaceitável, e o gosto por gelados nem sequer entra na lista.

Esta deixa não me devia arrebatar. *Não devia*, sobretudo por ser claramente um aviso. Mas é impossível, ainda por cima escrita pelo mesmo rapaz que diz que o *Rogue One* é o seu filme preferido.

É óbvio que o Jaxon é o vilão da sua história. Só queria saber porquê.

Jaxon: Canção preferida?

Eu: Ai, não consigo escolher.

Jaxon: E se te dissesse que tens de escolher?

Eu: Não consigo. São tantas...

Eu: Tu?

Jaxon: Perguntei primeiro.

Eu: Ahh, que chato!

Jaxon: Nem fazes ideia.

Eu: Está bem, pronto.

Eu: Neste momento, *Put a Little Love on Me* do Niall Horan e tudo da Maggie Rogers.

Eu: De sempre? *Take Me to Church* dos Hozier ou *Umbrella* da Rihanna.

Eu: Tu?

Jaxon: *Truly, Madly, Deeply* dos Savage Garden.

Jaxon: Tudo do Childish Gambino ou Beethoven.

Jaxon: Mas a minha nova preferida é *Brown-Eyed Girl* do Van Morrison.

Largo o telemóvel porque... O que respondo a isto? Miúda dos Olhos Castanhos? Como não ficar arrebatada por este rapaz? Tipo, a sério? *Como*

não ficar arrebatada? É impossível.

Volto a pegar no telefone com as mãos a tremer. Não tenho mais mensagens, mas, sinceramente, não espero nenhuma durante algum tempo. Aquilo foi... intenso.

Ao invés, abro o Spotify e oiço Brown-Eyed Girl... sem parar.

Ainda a estou a ouvir por volta do meio-dia, quando a Macy aparece para ver com estou.

— O que estás a ouvir? — quer saber, o nariz franzido.

— É uma longa história.

Mira-me especulativamente.

— Imagino. Depois tens de me contar tudo... — Cala-se ao ver os restos do meu enorme pequeno-almoço. — Onde arranjaste este *waffle*? — quer ela saber, cruzando o quarto para retirar um pouco de *chantilly* da taça com o dedo e lambê-lo — Não é quinta-feira.

Fito-a, confusa.

— Nem sequer sei o que isso quer dizer.

— Quer dizer que a cantina só faz *waffles* à quinta-feira e só temos *chantilly* em ocasiões especiais. — Volta a mergulhar o dedo na taça erguendo-o coberto com o doce. — Hoje *não* é uma ocasião especial.

— Pelos vistos é — respondo, encolhendo os ombros e tentando ignorar o modo como as palavras dela me aquecem o íntimo. — Pelo menos para mim.

Não vou mentir — para mim *parece* uma ocasião especial. Só pode ser: tenho mensagens do Jaxon no telefone a dizer-me qual a música preferida dele.

— Nem acredito que o meu pai as mandou fazer para ti... — A minha expressão deve ter sido reveladora, pois ela interrompe-se a meio da frase. — Não foi o meu pai que mandou este pequeno-almoço, pois não?

Não sei como responder. Quero dizer, se tento fingir que foi o tio Finn, ela pergunta-lhe e descobre a verdade. Se lhe digo que foi outra pessoa, ela vai querer saber quem, e não sei se estou pronta para lhe contar. Até gosto da ideia de ter este Jaxon — aquele que conta piadas sobre vampiros e me envia *waffles* com *chantilly* acabado de fazer — só para mim. Pelo menos por enquanto.

Mas a expressão no rosto da Macy deixa bem claro que não se vai deixar demover. Ela até faz ideia de onde veio a comida, mesmo sem ainda lhe ter respondido.

O que só me deixa uma opção: dar-lhe uma versão resumida da verdade.

— Não foi nada de mais, está bem? O tornozelo está a incomodar-me e ele só estava a tentar ajudar.

— O Flint? — indaga ela, de olhos arregalados. — Ou o Jaxon? — O segundo nome é dito num sussurro.

— Isso interessa? — pergunto.

— Ai meu Deus! Foi o Jaxon! Ele convenceu a *Chef* Janie a fazer-te *waffles*. Nem sabia que isso era possível. Ela é bastante severa. Claro que se

alguém o podia fazer, seria o Jaxon. Quero dizer, esse rapaz é de uma eficiência aterradora. Consegue sempre o que quer. — Sorri. — E tenho a certeza de que agora te quer a ti.

Ouçõ baterem à porta e nunca me senti tão aliviada por uma interrupção.

— Importas-te de abrir? Ainda me dói o tornozelo.

— Claro! Seja como for, quero ser a primeira a interrogar o Jaxon.

— Não vai ser o Jaxon — afianço-lhe, mas a mera sugestão de que possa ser deixa-me de palmas das mãos a transpirar. Endireito-me e tento desesperadamente ajeitar o ninho de ratos que é o meu cabelo, enquanto a Macy abre a porta.

Mas parece que o pânico foi em vão, pois não é o Jaxon. É uma mulher com um envelope amarelo grande.

Tento não ficar desapontada, mesmo com as borboletas que repentinamente me apareceram no estômago a caírem com um baque. Pelo menos até que a mulher, a quem a Macy trata por Roni, lhe passa a encomenda.

— Tenho de entregar isto à Grace.

A Macy vira a cabeça na minha direção enquanto aceita o grande envelope que lhe é enfiado nas mãos. Tem os olhos arregalados, mas não a posso censurar. De certeza que os meus estão iguais.

Não sei o que mais a Macy diz à Roni para que esta saia do nosso quarto, pois a minha atenção está focada no envelope que a minha prima segura. Tem o meu nome escrito à frente com a mesma letra do envelope anterior.

— Dá-me! — quase lhe imploro enquanto me levanto. O tornozelo ainda me dói, mas estou disposta a sofrer por isto.

Só que a Macy parece ter entrado em modo mãe-galinha.

— Volta a sentar-te! — guincha, enxotando-me na direção da cama.

— Dá-me o envelope! — Tento alcançá-lo.

— Dou-to assim que voltares à cama e puseres o tornozelo na almofada.

Depois fita-me, com o envelope fora do meu alcance, até que faço o que me diz.

Assim que me instalo, a expressão grave desaparece e o brilho volta-lhe aos olhos. Estende-me o envelope e só lhe falta gritar quando exclama:

— Abre, abre, abre!

— É o que estou a fazer! — replico-lhe enquanto o rasgo. É um envelope forrado com plástico de bolhas, pelo que é mais difícil do que deveria ser, mas lá consigo abri-lo.

Do interior cai um grande livro preto da biblioteca.

— O que é? — A Macy trepa para a cama e senta-se ao meu lado, tentando ver melhor.

— Não sei — respondo. Mas depois viro-o e... é, porventura, o último livro que esperava que ele me enviasse.

— O *Crepúsculo*? Ele mandou-me um exemplar do *Crepúsculo*? — Confusa, viro-me para a Macy.

A Macy arqueja ao olhar do livro para mim. Depois começa a rir-se. E a rir-se. E a rir-se.

A ideia de alguém como o Jaxon enviar um romance paranormal lamechas a uma rapariga até tem a sua piada, mas não me parece que seja tão engraçado como a Macy está a mostrar. Para além disso, acho que sempre o quis ler, só para saber o porquê de tanto alvoroço há uns anos.

— Eu gostei — afirmo, num tom um pouco desafiador. Gostei mesmo. Gostei quase tanto como gostei que o Jaxon tivesse perdido tempo a escolhê-lo.

— Eu também — diz a Macy num intervalo dos risos. — A sério. É muito... ternurento, na verdade.

— Concordo. — Abro a capa e o meu coração dá um salto quando vejo o pequeno *Post-it* colado ao frontispício. Na letra que já comencei a reconhecer como sendo do Jaxon está uma citação do romance: «Eu disse que era melhor não sermos amigos, não que não o queria ser.»

— Oooooooh! — A Macy leva as mãos engalfinhadas ao peito e simula um desmaio. — Se não te despachas a beijar esse rapaz deserdar-te. Ou então, quem o beija sou eu.

— Imagino que o Cam fosse gostar disso. — Mesmo sabendo que isso me vai fazer parecer tão tola como me sinto, percorro com o dedo cada letra das palavras que ele escreveu.

— Então, o Cam está sempre a dizer que se deve fazer coisas pelo bem maior. É uma boa oportunidade de provar o que diz.

— Beijares o Jaxon é pelo bem maior? — Abro o livro na primeira página.

— Beijar o Jaxon por ti é garantidamente para o bem maior. Acaba-se com o sofrimento dos dois. — Pestaneja rapidamente. — Embora não fosse um sacrifício.

— E se fizéssemos um pacto? Não aproximas os lábios do Jaxon e eu afasto os meus do Cam?

— Ena! — grita a Macy tão alto que me faz dar um salto. — Eu sabia que gostavas dele com aquela tua conversa tão atrapalhada de ontem à noite.

— Eu não disse que gostava dele. — Mas depois de uma manhã como esta, é difícil não me apaixonar, pelo menos um bocadinho.

— Também não disseste que não gostavas.

Reviro os olhos.

— Não tens aulas?

— Queres ver-te livre de mim? — Ela desce da cama e começa a endireitar o cabelo ao espelho sobre a cómoda.

— Sim. — Ergo o livro. — Quero começar a ler.

— Imagino que sim. — Lança-me beijos simulados. — Ó, Edward, eu amo-te tanto! *Ups*, queria dizer Jaxon.

Atiro-lhe uma almofada, mas ela ri-se e pega na mochila. Depois acena-me e dirige-se à porta.

Assim que a Macy sai volto a espiar-me na cama e abraço o *Crepúsculo* contra o peito. O Jaxon enviou-me uma história de amor. Quero dizer, é sobre um vampiro, mas não deixa de ser uma história de amor. E a citação... não o quis mostrar à frente da minha prima, mas... *aaaaaiiiii*.

Pego no telefone e envio uma mensagem ao Jaxon.

Eu: *emoji arrebatado*

Jaxon: Não exageres.

Jaxon: É suposto ser um aviso.

Jaxon: *emoji pisca o olho e beijo*

Eu: Contra o quê?

Jaxon: As coisas que andam por aí de noite.

Jaxon: Todo o cuidado é pouco.

Eu: Gosto de histórias assustadoras.

Jaxon: E gostas dos monstros que lá aparecem?

Eu: Acho que depende do monstro.

Jaxon: Bem, parece que vamos ter de ver isso, não achas?

Eu: Não sei o que isso quer dizer.

Começo a escrever outra mensagem. Ele está diferente do que estava há pouco e eu quero perceber porquê, mas voltam a bater à porta.

Eu: Olha, mandaste-me mais alguma coisa?????????

Jaxon: E se fosses abrir a porta e ver?

Eu: Isso parece-me um sim.

Eu: Não tens de fazer isto, sabes?

Eu: Quero dizer, agradeço imenso, mas não é preciso

Jaxon: Grace, abre a porta.

Começo a percorrer o quarto, entusiasmada por já não me doer tanto o tornozelo desde que o Tylenol fez efeito, e também já coxeio menos. Depois, mesmo antes de abrir a porta, envio mais uma mensagem:

Eu: Como é que sabes que ainda não abri a porta?

— Porque, se calhar, tinha dado por isso — responde ele, do outro lado da cortina das contas.

— Jaxon! — Guincho o nome dele, a mão livre a saltar automaticamente para o cabelo, numa tentativa de acalmar a confusão. — Estás aqui.

Ele ergue uma sobancelha.

— Queres que me vá embora?

— Não, é claro que não! Entra. — Seguro a porta e recuo um passo.

— Obrigado. — Ele estremece quando passa pela soleira e as contas da Macy se roçam nele.

— Não sei porque é que a Macy insiste em ter isso se elas costumam dar choques — comento, afastando as coisinhas irritantes para poder fechar a porta. — Estás bem?

— Não faço ideia. — Os olhos dele encontram-se pela primeira vez com os meus e a felicidade que fervilhava em mim atenua-se ao perceber que o vazio neles regressou.

— Pois... — Baixo a cabeça, sentindo-me, de repente, demasiado consciente de mim própria perto deste rapaz com quem não tive problemas em talar durante todo o dia. — Obrigada pelo livro.

Abana a cabeça, mas pelo menos está a sorrir quando responde.

— Pensei que sempre era alguma coisa para fazeres enquanto repousas o tornozelo. — Fita-me com intensidade.

— Olha, para que saibas, eu estava na cama. Foste tu quem me bateu à porta.

Os olhos dele arregalam-se ao de leve quando refiro que estava na cama, e depois fazemos ambos a única coisa a fazer nesta situação — olhamos, atropalhados, para os lençóis cor-de-rosa-choque amarrotados.

— Queres, ah... — Procuro aclarar a garganta subitamente apertada. — Queres sentar-te?

O Jaxon nega com a cabeça, mas, segundos depois, faz o oposto e senta-se na ponta da cama. Mesmo ao canto, como se receasse que eu o pudesse morder — ou atacá-lo.

É uma atitude tão pouco à Jaxon que, por um instante, deixo-me fitá-lo. E depois decido, que se dane. Não vou passar a próxima hora a sentir-me desconfortável. Não vou. Portanto, sento-me ao lado dele e pergunto:

— O que diz o protão ao eletrão?

Ele mira-me desconfiado, mas os seus ombros descontraem-se — e o resto do corpo dele também.

— Não sei se quero saber.

Ignoro-o.

— Estás muito negativo.

Ele geme.

— Essa piada foi...

— Fabulosa? — meto-me com ele.

O Jaxon abana a cabeça.

— Muito, muito má. — Mas está com um meio sorriso e, finalmente, consigo ver-lhe alguma coisa nas profundezas do olhar. Algo real e não apenas o terrível vazio.

Decidida a mantê-lo assim.

— Faz parte dos meus encantos — comento.

— As piadas más?

— As piadas péssimas. Herdei o talento da minha mãe.

Ele ergue a sobrancelha.

— As piadas terríveis são genéticas?

— Sim, é mesmo um gene — concordo. — Estão ao lado dos genes do cabelo encaracolado e das pestanas compridas. — Pisco-lhe os olhos, mais ou menos como a Macy fez comigo há pouco.

— De certeza que não o foste buscar aos dois lados? — pergunta ele, com a expressão absolutamente inocente.

Lanço-lhe um olhar intenso.

— O que queres dizer com isso?

— Nada. — Levanta as mãos, como quem se rende. — É só que as tuas piadas são *mesmo* más.

— Então! Disseste que tinhas gostado da piada do polvo.

— Não te quis magoar. — Leva a mão à minha perna e puxa-me o pé e o tornozelo para cima do colo. — Pareceu-me uma falta de educação massacrar-te mais.

— Ei! Posso estar de rastos, mas ainda aqui estou. — Tento soltar o pé, mas o Jaxon segura-me, os dedos compridos e elegantes a encontrarem instintivamente os pontos mais magoados e a massajá-los.

Gemo ao de leve, pois a massagem sabe *mesmo* bem. E ter as mãos dele em mim também.

— Como é que és tão bom nisto? — pergunto, quando finalmente volto a conseguir falar.

Ele encolhe os ombros e oferece-me um sorriso de esguelha.

— Se calhar herdei-o.

É a primeira vez que refere a família, salvo pelo comentário misterioso sobre o irmão, na véspera, e eu aproveito.

— E herdaste?

Ele para por um instante — a mão, a respiração, tudo — e fita-me com os olhos onde é tão difícil encontrar emoções.

— Não — diz por fim.

Os dedos voltam à massagem como se não tivessem parado.

Fico frustrada, mas não a ponto de insistir — afinal de contas, todos temos cartazes a dizer «Proibida a Entrada». O que diz mais sobre ele do que talvez imagine.

Passamos os minutos seguintes em silêncio, com ele a massajar-me o pé até que a dor praticamente desaparece. Só então, quando os seus dedos param de vez, é que ele diz:

— Os meus olhos.

Os meus saltam para os dele.

— Como assim?

— Foi o que fui buscar à minha mãe. Os olhos.

— Oh. — Chego-me à frente até conseguir voltar a ver os lampejos prateados contra o negrume das íris. — São uns olhos lindos. — Sobretudo quando me fita assim, com alguma confusão, alguma intriga e muita surpresa. — Herdaste mais alguma coisa da tua mãe? — pergunto-lhe baixinho.

— Espero que não. — As palavras saem-lhe abafadas, soltas, e é a primeira vez que se mostra assim tão aberto comigo.

Tento pensar no que dizer para não estragar o momento, mas é tarde demais. Assim que se apercebe do que disse, o seu rosto fecha-se.

— Tenho de me ir embora — diz-me, pousando-me o pé com gentileza na cama antes de se levantar.

— Não vás, por favor. — Mal passa de um murmúrio, mas o sentimento

vem lá do fundo. É como se visse o verdadeiro Jaxon pela primeira vez, e não quero perder isso.

Faz uma pausa e, por um instante, acredito que ele me possa dar ouvidos. Mas, depois, leva a mão ao interior do casaco de marca e tira um papel enrolado que está atado com uma fita de seda preta.

Estende-mo.

Aceito-o com mãos que só estão firmes porque assim lhes ordeno.

— Não era preciso...

— Fez-me pensar em ti. — Leva a mão a um dos meus caracóis, que segura gentilmente, tal como passou a ser o seu hábito. Mas, desta vez, não o estica e solta para que volte ao seu lugar. Limita-se a enrolá-lo entre os dedos.

Os nossos olhos encontram-se e, de repente, o quarto parece ficar mais quente. O fôlego prende-se-me na garganta e mordo o lábio inferior, num esforço para me impedir de dizer — ou fazer — algo para o qual não estamos preparados.

Mas o Jaxon, com o olhar preso à minha boca e o corpo a querer balançar na minha direção, parece estar pronto para tudo.

Depois, estende a mão, pressionando o polegar contra o meu lábio, até que percebo e deixo de o morder.

— Jaxon. — Procuro-o, mas ele já está do outro lado do quarto, com a mão na maçaneta.

— Repousa o tornozelo — diz-me, abrindo a porta. — Se amanhã estiveres melhor, levo-te ao meu sítio preferido.

— Que é?

Ele ergue uma sobancelha, inclina a cabeça, e não diz mais nada, saindo para o corredor e fechando a porta.

Fico a olhar para o papel enrolado que ele me deu ainda na mão. Interrogo-me como impedir que aquele rapaz lindo e magoado me parta o coração já dorido.



26

A farda não faz a mulher, mas destaca as inseguranças

Saía ou calças?

Olho para o roupeiro e para as roupas que lá estão alinhadas, cortesia da minha prima. Sei que o devia ter feito ontem, mas, depois de uma travessa gigantesca de nachos, seguida por três episódios de *Legacies* e uma maratona de mexericos sobre o meu dia atarefado, não tive energia para fazer muito mais além de me deitar e pensar no Jaxon.

Viro-me para a minha secretária — e para o papel que ele me trouxe ontem, que está por baixo do exemplar do *Crepúsculo* que me enviou. Não porque não goste dele, mas sim porque o adoro e não o quero partilhar com mais ninguém. Nem sequer com a Macy ou a Heather.

É uma página dos diários da Anaïs Nin — não sei qual, pois o cabeçalho não diz. Quase o googlei ontem, para descobrir, mas há algo de especial em não saber, algo de íntimo em só ter a página do diário. Ter apenas as palavras que o Jaxon quis que eu visse.

No fundo, não somos diferentes. Sonhei contigo, desejei a tua existência.

A página não se limita a estas frases, mas depois de as ler e reler uma centena de vezes, foram estas as palavras que me saltaram sempre à vista. Em parte, por serem arrebatadoras e, em parte, porque estou a começar a sentir o mesmo por ele. Pelo Jaxon cujos pensamentos mais profundos, o coração e a dor, são tão parecidos com os meus.

É muito para absorver, principalmente, no meu primeiro dia de aulas, quando tenho a boca seca e o estômago às voltas com os nervos.

Razão pela qual aqui estou, à frente do roupeiro, sem fazer ideia do que vestir. Porque é óbvio que me preocupo com as coisas básicas do primeiro dia de aulas...

Será que aqui as raparigas costumam usar as calças ou a saia da farda? Ou será que não importa? Tento lembrar-me daquilo que a Macy usou nos últimos dias, mas não tenho ideia, além das calças de neve com padrão tropical que ela vestiu para a guerra de bolas de neve.

— Saia — diz a Macy ao sair da casa de banho, de cabelo enrolado numa toalha. — Tens *collants* de lã na gaveta do fundo da cómoda.

Fecho os olhos, aliviada. Louvadas sejam as primas.

— Boa, obrigada. — Tiro uma saia preta do cabide e visto-a, depois junto uma blusa branca e um *blazer* preto, após o que vou à cómoda buscar um par de *collants* pretos.

— Se vestires a blusa tens de usar a gravata — indica-me a Macy, abrindo uma gaveta da minha cómoda e tirando uma gravata preta com listas roxas e prateadas.

— A sério? — exclamo, olhando dela para a gravata.

— A sério. — Pendura-a ao meu pescoço. — Sabes fazer o nó?

— Não faço ideia. — Volto ao roupeiro. — Se calhar devia levar um polo.

— Não te preocupes, eu mostro-te como se faz. É mais fácil do que parece.

— Se o dizes.

Ela sorri.

— Digo.

Começa por me pendurar a gravata desnivelada ao pescoço e passa a ponta mais comprida por cima da mais curta. Mais duas voltas, puxar e empurrar — tudo narrado pela minha prima — e tenho uma gravata ao pescoço com um nó perfeito... mesmo estando um pouco apertado.

— Parece-me bem — diz a Macy, recuando para admirar o seu trabalho. — Quero dizer, não é um nó tão elegante como o de alguns dos rapazes, mas serve.

— Obrigada. Esta tarde vejo uns vídeos no YouTube para saber o que estou a fazer antes de a ter de voltar a atar amanhã.

— É fácil. Num instante ficas a saber. Por acaso... — Cala-se quando batem à porta.

— Estás à espera de alguém? — pergunto, dirigindo-me à porta e fazendo-lhe sinal para que volte à casa de banho, pois, neste momento, só tem uma toalha em cima do corpo.

— Não. Regra geral encontro-me com os meus amigos na cantina. — Arregala os olhos. — Achas que é o Jaxon? — Murmura o nome como se receasse que ele o ouvisse pela porta.

— Não, não pensei nisso. — Mas agora que ela me meteu a ideia na cabeça, ah, o meu estômago já nervoso dá uma série de cambalhotas. — O que é que eu faço? — A minha voz baixa para um murmúrio por iniciativa

própria. Ontem à noite, antes de me deitar, ele enviou-me uma mensagem, mas não o vejo desde que estive no meu quarto, por volta da hora de almoço; depois de passar metade da noite em branco a pensar nele sinto-me atrapalhada.

Ela olha-me como se me estivesse a escapar o óbvio.

— Abres a porta?

— Pois. — Esfrego as palmas das mãos suadas na saia e agarro na maçaneta. Não faço ideia do que fazer, do que dizer, embora, a julgar pela força com que o nó da gravata me começou a apertar, talvez não deva dizer nada antes que ele me estrangule.

Olho de relance para a Macy, que me mostra o polegar erguido e depois, antes de abrir a porta, respiro tão fundo quanto consigo.

Os meus nervos dissipam-se no espaço que vai entre uma inspiração arrastada e a seguinte, em grande medida porque a pessoa que está à porta *não* é, garantidamente, o Jaxon Vega.

— Olá, tio Finn! Tudo bem?

— Olá, menina Gracey. — Debruça-se e dá-me um beijo absorto no topo da cabeça. — Passei para ver como estás do tornozelo e para te dar, finalmente, o horário. — Estende-me uma folha de papel azul. — E, claro, desejar-te boa sorte no primeiro dia de aulas. Vai correr tudo bem!

Não tenho assim tanta certeza, mas hoje estou decidida a ter pensamentos positivos, pelo que sorrio e digo:

— Obrigada. Estou entusiasmada. Tenho o tornozelo dorido, mas está bem.

— Ótimo. Inscrevi-te na aula de artes que querias e, como é a tua disciplina preferida, tens o nosso melhor professor de história. Mas vê o horário e certifica-te de que não há aulas repetidas. Fiz o possível, mas os erros acontecem.

Aperta-me a bochecha como se eu tivesse cinco anos. É um gesto tão à pai que sinto um leve aperto no coração.

— De certeza que está tudo bem — afirmo.

A Macy funga.

— Não te fies. Se foi o meu pai que o fez, e não a doutora Haversham, sabe-se lá onde te enfiou.

— Foi a doutora Haversham que o fez — pisca-lhe ele o olho. — Eu só supervisionei. Fedelha. — Dirige-se a ela, dá-lhe um abraço só com um braço e beija-a na cabeça como fez comigo.

— Estás pronta para o teste de matemática? — pergunta-lhe.

— Estou pronta há uma semana. — A Macy revira os olhos.

— Ótimo. E como vai o projeto de inglês? Já acabaste...?

— Isto é um colégio interno — atalha a Macy, dando-lhe uma palmadinha leve no braço. — Isso quer dizer que os pais não podem chatear os filhos por causa dos trabalhos todos.

— Só porque eles não sabem dos trabalhos todos, mas eu sei. Portanto,

posso confirmar contigo sempre que quiser.

— Sorte a minha — comenta ela.

Ele limita-se a sorrir.

— Exatamente.

— Sais daqui para me vestir? A Grace e eu ainda temos de passar pela cantina antes das aulas. Afinal de contas, o pequeno-almoço é a refeição mais importante do dia.

— Não se o desperdiçares com Pop-Tarts de cereja.

— Os Pop-Tarts de cereja são um grupo alimentar à parte. — Ela relanceia na minha direção. — E dares-me uma ajuda, Grace?

— Se calhar até dois grupos, se contarmos com a cobertura — concordo. — E os de açúcar amarelo também.

— Ora exatamente!

É a vez de o tio Finn revirar os olhos, mas dá-lhe mais um beijo na cabeça antes de se dirigir à porta.

— Fazes um favor ao teu velhote e acompanhas os Pop-Tarts com fruta?

— As cerejas são fruta — brinco.

— Assim, não são. — Também me dá um aperto de ombro reconfortante. — Não te esqueças de passar pelo meu gabinete mais logo. Agora que já te estás a sentir melhor, quero falar contigo sobre algumas coisas e saber como correu o teu primeiro dia.

— Não vai haver problemas, tio Finn.

— Espero que seja melhor do que isso. Mas seja bom ou mau, vem falar comigo, sim?

— Sim, está bem.

— Ótimo. Até mais logo, meninas. — Sorri-nos e depois sai porta fora.

A Macy abana a cabeça e tira a farda dela do roupeiro.

— Ignora-o. O meu pai é um totó.

— Normalmente, os bons pais são totós, não é? — comento, dirigindo-me ao espelho da porta do roupeiro para arranjar o cabelo. — Além disso, ele lembra-me o meu pai. Isso até é bom.

A Macy não responde e quando olho para ela encontro-a a fitar-me com tristeza — que é a segunda pior coisa por ter perdido os meus pais. Detesto a comiseração, detesto como toda a gente tem pena minha e como ninguém sabe o que dizer.

— Era suposto ser um comentário positivo — garanto-lhe. — Não tens de te sentir mal.

— Eu sei. É só que estou tão feliz por aqui estares e por nos podermos conhecer. Mas, depois lembro-me da razão por aqui estares e fico zangada comigo por estar feliz. — Suspira. — O que parece que estou a fazer com que isto só ande à minha volta, mas não é verdade. Eu...

— Ei, então. — Interrompo aquilo que pode tornar-se um solilóquio *muito* grande. — Eu entendo e, mesmo que o motivo para aqui estar seja uma treta, também fico contente por termos esta oportunidade. Está bem?

Um sorriso lento substitui-lhe o ar preocupado.

— Sim, está bem.

— Ótimo. Agora veste-te. Estou esfomeada.

— Estou a ir! — diz ela, desaparecendo na casa de banho.

Vinte minutos depois descemos finalmente pelas escadas traseiras (que têm «muuuuuito menos gente», jura a Macy) até à cantina. Passámos, *no mínimo*, por sete armaduras, quatro lareiras gigantescas e mais colunas do que em toda a Grécia antiga.

Bem, este último comentário pode ter sido um pequeno exagero, mas mesmo muito pequeno. Além disso, o facto de serem pretas e não brancas dá-lhes pontos extra. E nem estou a contar com a filigrana dourada no topo e no fundo das colunas.

Quero dizer, este sítio é demais. A sério. Andar na escola no Alasca já é uma loucura. Estudar num castelo real, com corredores cujos tetos vermelhos têm arcos ogivais góticos é de perder a cabeça. Além de ser muito fixe.

Isso se não contarmos com as pessoas que me fitam enquanto percorrermos os corredores. A Macy ignora-o como sendo «por causa da miúda nova» e diz-me para não ligar. Mas é difícil quando as pessoas se viram para me olhar quando passo. Sei que a minha prima disse que já se conhecem há muito tempo, mas, quero dizer, não posso ter sido a primeira pessoa nova a cair aqui de para-quedas, pois não? A ideia é absurda. As escolas estão sempre a receber alunos novos — mesmo os colégios no Alasca.

A Macy interrompe o meu monólogo interno.

— Chegámos! — exclama entusiasticamente ao pararmos à frente de três conjuntos de portas pretas e douradas. A madeira está entalhada e eu tento ver melhor os desenhos, mas a minha prima está com muita pressa de me mostrar a cantina. Apesar de para mim, se vimos uma, já vimos todas.

Mas quando ela abre uma das portas com a pompa e circunstância de uma apresentadora de concurso de televisão a exhibir o carro atrás da cortina número um, torna-se óbvio que estou errada. Outra vez. Porque nunca vi nada, *nada*, como esta cantina — e até parece mal referir-me a este salão com um termo tão mundano.

De certeza que até envergonha a biblioteca.

Para começar, é um espaço enorme, com paredes compridas cobertas de murais com dragões, lobos, e sei lá mais o quê. Os tetos são percorridos por sanefas pretas e douradas que também descem as paredes, emoldurando cada mural como se fosse um verdadeiro quadro. A artista em mim está fascinada e quer passar horas a estudar cada um, mas tenho aulas daqui a meia hora, pelo que isso vai ter de esperar. Para além disso, há tanta coisa para ver que nem sei para onde olhar primeiro.

O teto abobadado é de um vermelho-sangue com ornatos curvos que formam padrões geométricos complexos. Um lustre de cristal enorme está pendurado do centro de cada padrão, banhando o espaço num brilho suave que torna a sua grandeza ainda mais notória.

Aqui não há mesas de piquenique, não há tabuleiros utilitários, nem talheres de plástico. Três mesas compridas postas com toalhas em tons dourados, pretos e cremes percorrem o salão. Estão cercadas por cadeiras de costas altas e estão cobertas com porcelana e talheres de prata a sério.

Música clássica enche o salão, uma melodia sombria e tenebrosa. Não conheço bem este tipo de música, mas reconheço bem o que é assustador.

A tal ponto que não resisto a comentar com a Macy:

— Esta música é muito, ah... interessante.

— «Danse Macabre», de Camille Saint-Saëns. É um exagero, eu sei, mas o meu pai passa-a todos os anos pelo Halloween. A par do tema principal do *Tubarão* e de uns outros clássicos. Mas ainda não trocaram a banda sonora.

Penso na Lia, e como ela disse o mesmo sobre as almofadas na biblioteca. Na minha antiga escola, o espírito de Halloween ficava-se pela leitura de um conto assustador na aula de inglês e por um concurso de máscaras no ginásio, durante a hora do almoço. O Colégio Katmere leva a quadra a um nível diferente.

— É fixe — comento, enquanto nos dirigimos a um aglomerado de lugares vazios.

— Sei que é dose, mas o Halloween sempre foi a quadra preferida do meu pai.

— A sério? É estranho, pois o meu pai detestava-o. Pensei que fosse por causa de alguma coisa que lhe tivesse acontecido em pequeno, mas pelos vistos não deve ter sido, se o teu pai é assim tão apreciador. — Certa vez, há uns anos, perguntei-lhe o motivo por que era tão avesso ao Halloween e ele disse que me contaria quando fosse mais crescida.

O universo teve outros planos.

— Pois, é estranho. — A Macy olha em volta. — E este sítio, não é fixe? Estava ansiosa por to mostrar.

— Muito fixe. Era capaz de passar horas só a olhar para os murais.

— Bem, tens o ano todo, por isso... — Faz-me sinal para me sentar. — O que queres comer? Além, de Pop-Tarts de cereja, claro.

— Posso ir contigo.

— Para a próxima. Agora tens de descansar o tornozelo por uns minutos. Além disso, de certeza que hoje vai ser um dia em cheio. Deixa-me ajudar com o que puder.

— Não vou dizer que não. — Aceito, pois ela tem razão. Já me sinto assoberbada e o dia ainda mal começou. Estou igualmente comovida com o esforço da Macy para que as coisas sejam mais fáceis. Agradeço-lhe com um sorriso.

— Então não digas. — Empurra-me, divertida, na direção de uma cadeira. — Diz-me só o que queres comer ou trago-te bife de foca e ovos.

A minha expressão deve revelar o horror que sinto, pois ela solta uma gargalhada.

— Que tal um pacote de Pop-Tarts de cereja e um iogurte com frutos

vermelhos de conserva?

— Frutos vermelhos de conserva? — pergunto, incrédula.

— Sim, é a Fiona, a nossa chefe, que as faz quando é altura deles. Assim que chegamos ao fim do outono torna-se difícil encontrar fruta fresca. O bufê na festa do outro dia foi uma ocasião especial.

— Ah, pois é. — Sinto-me tola. É claro que não há frutos vermelhos no Alasca em novembro. Se uma caixa de Ben and Jerry's custa dez dólares, nem imagino quanto pode custar uma caixa de morangos. — Parece-me muito bem, obrigado.

— Na boa. — Sorri-me. — Senta-te e descansa. Já volto.

Faço o que ela me diz e escolho uma cadeira virada para a parede — em parte, porque quero mesmo observar o mural mais próximo e também porque estou farta de fingir que não vejo as pessoas a olharem para mim. De costas voltadas para a sala, pelo menos não as vejo, e elas não me podem ver a cara.

O lado negativo é que também não vou ficar à espreita do Jaxon e eu esperava mesmo poder vê-lo esta manhã. O que parece desesperado, eu sei, mas não consigo deixar de pensar no que aconteceu ontem entre nós. Ainda esperava que esta manhã me enviasse uma mensagem, mas, até agora, ainda não o fez.

Quero saber o significado daquela página de diário, quero saber se ele sente o mesmo que eu. É impossível sequer imaginar que sinta — percebi que era areia de mais para a minha camioneta assim que o vi. Mas não é isso, nem os avisos da Macy, que me fazem não o querer. Nem o ar sombrio que ele parece orgulhar-se de envergar, ou do qual não consegue livrar-se. Ainda não percebi qual dos dois.

Parte de mim quer espreitar para trás para ver se o avisto. Mas isso parece-me demasiado óbvio, pelo menos com metade da cantina a observar-me. E eles *estão* a observar — sinto os seus olhos postos em mim, mesmo de costas voltadas. Sei que a Macy diz que não é nada do outro mundo, que não passa do facto de ser a miúda nova, mas parece muito mais do que isso.

Claro que não tenho tempo de remoer o assunto, pois a Macy tem um tabuleiro carregado nas mãos e está a dirigir-se à nossa mesa.

— Isso parece mais do que Pop-Tarts e iogurte — brinco, enquanto a ajudo a pousar o tabuleiro, para não entornar nada.

— Com a comida correu tudo bem, mas quando cheguei às bebidas, não sabia se querias café, chá, sumo, água ou leite, por isso trouxe um de cada.

— Uau. Ah, pode ser sumo.

— Graças a Deus. — Oferece-me um copo de líquido vermelho. — Estava com medo que dissesse que querias o café, e depois eu *morria*. Sobretudo porque o Cam bebe chá, por isso não posso roubar o dele quando chegar.

Senta-se dramaticamente na cadeira à minha frente.

— Prometo que o café é todo teu — digo, com uma gargalhada. — E escolheste o sumo certo. Arando é o meu preferido.

— Que bom. — Bebe um grande gole da sua bebida quente, como se quisesse provar alguma coisa. — Pensava que as miúdas da Califórnia eram todas viciadas em Starbucks.

— Parece que eu e o Cam sempre temos alguma coisa em comum. Lá em casa sempre foi mais chá. A minha mãe era uma excelente herbalista. As infusões dela eram fantásticas. — Já passou um mês, mas ainda consigo sentir o sabor do chã de limão-tomilho-verbena que ela preparava. Tenho algumas saquetas na mala, mas não as quero beber. E, verdade seja dita, tenho medo de as cheirar, não vá começar a chorar e nunca mais pare.

— Só posso imaginar.

A forma como a Macy o diz chama-me a atenção, faz-me querer perceber o que ela queria dizer com isso. Espero que continue, mas depois arregala os olhos e engasga-se com o café.

Antes que me possa voltar para ver o que a deixou assim, há alguém que pergunta:

— Este lugar está ocupado?

E depois, não tenho de me virar de todo. Porque reconheceria esta voz onde quer que estivesse.

O Jaxon Vega acabou de pedir para se sentar ao meu lado. À frente de todos.

É certamente um admirável mundo novo.



27

A mesa dos miúdos fixos ganha um novo significado

— Ah, sim. Claro. — Viro-me para olhar para ele, com as palavras a saírem-me da boca quase sem coerência, o que me faz parecer, e sentir, parva.

O Jaxon inclina a cabeça, ergue uma sobrancelha.

— Então *está* ocupado?

Não pareço parva. Eu *sou* parva.

— Não! Quero dizer, sim. Quero dizer... — Calo-me, respiro fundo e depois digo lentamente. — O lugar não está ocupado. Se quiseres podes sentar-te.

— *Quero*. — Agarra na cadeira e vira-a, pelo que quando se senta está virado para as costas da cadeira, com um cotovelo pendurado negligentemente sobre o topo.

É uma maneira ridícula de se sentar, sobretudo numa cadeira assim tão elegante, mas também é de uma sensualidade extrema. E tornou-se a minha kriptonita desde que Moises de la Cruz o fez numa festa de piscina quando andávamos no sétimo ano.

Palavras para quê? Sou fraca.

E ao que parece que não sou a única, pois a Macy faz um novo som estrangulado, enquanto olha para trás de mim — este pior do que o anterior. Desvio os olhos do Jaxon tempo suficiente para me certificar que de aquele gole de café *não* a está a matar. Felizmente, não, mas o facto de os outros elementos da Ordem estarem a sentarem-se à mesa connosco talvez esteja.

— Como está o tornozelo? — pergunta o Jaxon com o olhar sombrio a

percorrer-me como uma carícia cheia de preocupação.

— Melhor. Obrigada por... ontem.

— Qual parte? — O sorriso malicioso regressa e, desta vez, quando me olha quase consigo *sentir* a carícia.

Mas lá por me sentir afogueada não quer dizer que seja fácil.

— Os *waffles*. Claro.

Um dos elementos da Ordem solta um ronco com a minha resposta e depois olha de relance para o Jaxon, enquanto tenta abafar o som. Ele revira-lhe os olhos e faz-lhe um breve aceno na sua direção. O que faz com que o indivíduo volte a rir, conseguindo fazer com que os outros também se descontraiam.

— Claro. — Abana a cabeça e desvia o olhar. Mas o sorriso não se desvanece. — E então, hoje estás a pensar ir às aulas.

Não é uma pergunta, mas eu respondo à mesma.

— Pois. Está na altura.

Ele assente como se soubesse do que estou a falar.

— Qual é a primeira aula?

— Não me lembro. — Tiro do bolso do casaco o horário azul que o tio Finn me deu. — Parece que é literatura britânica com a professora Maclean.

— Eu tenho essa aula — comenta um dos elementos da Ordem. Tem uma tez escura, olhos ambarinos e as rastas mais *sexys* que alguma vi. — Vais gostar dela. É porreira. Já agora, sou o Mekhi, e, se quiseses, posso mostrar-te onde fica a sala.

A Macy solta mais um som estrangulado — começo a pensar que a morte dela está iminente —, ao mesmo tempo que o Jaxon replica:

— Pois, isso vai mesmo acontecer.

Os outros riem-se, mas eu não entendo a piada. Por isso esboço um sorriso e digo:

— Obrigada Mekhi. Se não te importas, aceito.

A minha resposta fá-los rir ainda mais.

Lanço um olhar tipo «o que se está a passar» ao Jaxon, mas ele só lhes abana a cabeça. Depois aproxima-se e diz:

— Eu levo-te à sala, Grace.

Está tão próximo que o seu hálito faz-me cócegas no ouvido, provocando-me arrepios na espinha que prova o quanto eu desejo este rapaz. Apesar de todos os avisos e mau comportamento, acho que estou mesmo caidinha pelo Jaxon Vega.

— Isso seria... — A voz fraqueja-me e tenho de pigarrear algumas vezes antes de voltar a tentar. — Isso seria simpático.

— Pois *seria*. — O tom dele é divertido, mas quando os nossos olhares se cruzam, o dele não mostra quaisquer sinais de humor. Mas também não vejo o gelo tão habitual dele, como o cabelo escuro e o corpo longo e magro. Ao invés, noto um calor, uma intensidade, que me deixa com as mãos a tremer e os joelhos fracos.

— Vamos embora? — A pergunta sai-me a ferros da garganta seca.

Ele olha para o meu tabuleiro.

— Devias comer.

— Tu também. — Pego na embalagem prateada que tenho no tabuleiro e estendo-lha.

Ele olha de mim para o bolo de pequeno-almoço e outra vez para mim.

— Tenho fome, mas não é de Pop-Tarts.

Desta vez, não é a Macy que produz o som estrangulado. Ergo o olhar, em busca da origem — foi outro elemento da Ordem. Este tem uma pele de bronze e o cabelo escuro comprido preso num rabo de cavalo junto à nuca.

— Qual é a piada, Rafael? — pergunta o Jaxon, com os olhos semicerrados e o tom sedoso.

— Nenhuma — responde o rapaz, mas olha-me de relace com os olhos carregados de malícia e de prazer. — Acho que vou gostar de ti, Grace.

— E eu que pensava que o dia estava a correr bem.

Ele sorri.

— Pois, vou mesmo gostar de ti.

— Não te sintas lisonjeada, Grace. O Rafael não é exatamente o mais inteligente do colégio — comenta um outro rapaz de olhos azuis resplandecentes e argolas de ouro nas orelhas.

— E tu és, Liam? — retruca o Rafael. — A última miúda com quem andaste era uma víbora.

— De certeza que isso é um insulto às víboras de todo o mundo — intervém outro dos amigos do Jaxon, de sotaque espanhol a fazê-lo arrastar os «R» num tom sensual.

— O Luca sabe o que eu quero dizer — diz o Rafael.

— Porque o currículo de namoradas do Luca é impressionante — comenta o Jaxon, entrando pela primeira vez na conversa.

A tirada é de tal modo inesperada; tão aquilo a que estou habituada nas mensagens, mas não em pessoa, que fico a olhá-lo. Claro que tudo nesta manhã tem sido inesperado — sobretudo a dinâmica entre os elementos da Ordem. Pareceram sempre tão rudes e distantes. Tão insensíveis.

Mas aqui, juntos, só comigo e com a Macy como testemunhas — pois o Cam e o grupo dele viram quem estava connosco e dirigiram-se para outro lado — são apenas mais um grupo de amigos. Só que mais divertidos. E muito, muito mais giros. Saber que tem amigos destes e que ele próprio é assim, faz-me gostar ainda mais do Jaxon.

Ele apanha-me a olhá-lo e ergue uma sobranceira curiosa na minha direção.

Encolho os ombros, como se não fosse nada de mais, e levo a mão ao copo. Depois quase me engasgo com a expressão nos olhos dele a mirarem-me. Porque neles vejo uma ânsia, um desespero sombrio e devastador que me faz prender o fôlego no peito e um calor arder dentro de mim.

Sustém o meu olhar por um ou dois segundos. A seguir pestaneja

lentamente e, quando volta a abrir os olhos, o vazio regressou.

Continuo a observá-lo. Não consigo desviar o olhar. Porque o vazio tem algo tão belo e devastador como o calor. Mas acabo por me obrigar a baixar o olhar. Sobretudo porque se não baixar, ainda faço alguma coisa parva, como atirar-me ao Jaxon à frente da escola toda.

Desvio-me dele e, com esforço, direciono a minha atenção para a conversa que se está a desenrolar entre os amigos deles, a tempo de ouvir o Luca a dizer:

— Então, como é que eu havia de saber que a Angie era um demónio sugador de almas?

— Ah, porque nós te avisámos? — responde o Mekhi.

— Pois, mas pensei que vocês eram suspeitos. Nunca gostaram dela.

— Porque ela era um demónio sugador de almas — repete o Liam. — Qual é a parte que não percebes?

— O que querem que eu diga? — O Luca encolhe os ombros com descontracção. — O coração sabe bem o que quer.

— Até que aquilo que o coração quer nos tenta matar — provoca o Rafael.

— Por vezes, mesmo assim. — As palavras surgem num tom baixo, proferidas pelo rapaz de aspeto carregado sentado à direita da Macy.

— A sério, Byron? — questiona o Mekhi. — Porque é que tens sempre de acabar com a conversa?

— Era apenas uma observação.

— Pois, uma observação deprimente. Descontrai-te, meu.

O Byron fita-o, os lábios franzidos num esboço de sorriso que o deixa a parecer uma personificação moderna do poeta seu homónimo.

Louco, mau, e perigoso de conhecer.

Ocorre-me a famosa citação da *Lady* Caroline Lamb. Mas quando penso nas palavras dela não estou a pensar no cabelo preto ondulado do Byron, nem nas covinhas do rosto dele. Na minha cabeça, elas são sobre o Jaxon, de rosto marcado, olhos frios e um sorriso que raia o cruel metade das vezes.

Garantidamente mau. Garantidamente perigoso. Quanto a louco... ainda não sei, mas algo me diz que vou descobrir.

Ao pensar nele nestes termos interrogo-me quanto ao motivo por que estou sequer a contemplar sentir o que sinto. Afinal de contas, em San Diego, sombrio e perigoso não faziam exatamente o meu género. Embora isso talvez se devesse ao facto de nunca me ter cruzado com um exemplo genuíno. Aqui no Alasca... Bem, só estou a dizer que há um motivo para que metade das raparigas do colégio estejam caídas pelo Jaxon.

Mas há muito mais por baixo da sua superfície dura. Por mais zangado que esteja, sempre foi gentil comigo. Mesmo naquele primeiro dia, quando estava a ser tão irritante, nunca fez nada que me deixasse desconfortável. E nunca me magoou. Para os outros, ele talvez seja tão perigoso como a Macy dá a entender. Para mim, no entanto, ele parece mais incompreendido do que malicioso, mais fraturado do que mau.

E o Byron disse tudo ao sugerir que o coração sabe bem aquilo que quer, mesmo quando é mau. E por mais avisos que ouça sobre o Jaxon, tenho a certeza de que é ele que o meu coração quer.

De repente, um som metálico bizarro sobrepõe-se à «Bruxa do Meio-dia» de Dvorák (se não estou em erro) que está a passar nas colunas da cantina.

— O que é isto? — pergunto, olhando em redor para ver se estamos a ser invadidos por guerrilheiros a tocar ferrinhos.

— A campainha — responde a Macy. São as primeiras duas palavras que ela conseguiu pronunciar desde que a Ordem se instalou junto a nós, e os sete viramo-nos surpreendidos para ela. O que a faz esboçar um sorriso antes de enfiar meia Pop-Tart na boca.

— Ainda não comeste — lembra o Jaxon. Pega numa Pop-Tart que me oferece.

— A sério? — Aceito-a, pois sei que ele vai ficar com ela estendida até que eu lhe pegue. Mas vou repreende-lo porque sei que se o deixo escapar-se com estas pequenas coisas, ele vai tentar assoberbar-me com tudo o resto. — Acho que sou bem capaz de perceber se tenho fome ou não.

Ele encolhe os ombros.

— É preciso comer, rapariga.

— A *rapariga* pode decidir sozinha. Sobretudo porque o rapaz ao lado dela também ainda não comeu nada.

O Mekhi solta um gritinho.

— É assim mesmo, Grace. Ele que não te pise.

O Jaxon lança-lhe um olhar que me deixa arrepiada, mas o Mekhi limita-se a revirar os olhos, embora repare que ele se cala pela primeira vez desde que se sentou. Não que o censure. Se o Jaxon olhasse para mim assim, provavelmente fugia a sete pés.

— Para que sala vais? — pergunta-me o Jaxon enquanto serpenteamos pela cantina repentinamente agitada. O trajeto é mais fácil do que deveria, tendo em conta a debandada geral que se instalou, porque enquanto o Jaxon vai à frente, o mar de alunos faz mais do que simplesmente afastar-se. Eles praticamente saltam do caminho.

Volto a procurar o horário, mas o Mekhi responde antes que o consiga sequer tirar do bolso.

— A246. — E depois desaparece no meio da multidão.

— Pelos vistos é a A246 — repito calmamente.

— Pelos vistos. — Avança ligeiramente para me abrir a porta. Ninguém passa enquanto a segura. Ao invés, todos esperam pacientemente que eu saia. Por um breve instante julgo que se trata de mais do que popularidade, mais do que apenas medo.

Deve ser assim que a realeza se sente.

Parece absurdo estar sequer a pensar em algo tão bizarro, mas chego ao átrio sem que outro corpo — para além do do Jaxon — se aproxime a menos de um metro e meio. E pouco importa se estou num colégio interno de elite no

Alasca, ou num liceu público sobrelotado em San Diego, mas isto *não* é normal.

Lembro-me agora de que ontem aconteceu o mesmo antes da guerra de bolas de neve. Por mais cheio que o átrio tivesse ficado, por mais encontrões que os alunos dessem uns aos outros, ninguém tocou no Jaxon — nem em mim ou na Macy, enquanto ele ficou connosco.

— Então é o que é que fazes para merecer isto tudo? — pergunto, a caminho da escadaria.

— Merecer o quê?

Julgo que está a meter-se comigo e reviro-lhe os olhos. Mas a sua expressão vazia diz o contrário.

— Vá lá, Jaxon. Como é que não vês o que se passa?

Ele olha em volta, claramente intrigado.

— O que é que se passa?

Como ainda não percebi se ele está a brincar comigo ou se é mesmo assim tão obtuso, limito-me a abanar a cabeça e digo:

— Esquece lá. — Depois retomo a marcha e finjo não reparar que toda a gente me fita, enquanto se desviam do meu caminho.

Portanto aquele plano de me misturar com o resto do corpo estudantil que tracei em San Diego está oficialmente eliminado.



28

«Ser ou não ser» é uma pergunta, não é uma deixa de engate

O Jaxon leva-me até à porta da sala, onde chegamos no que imagino ter sido um tempo recorde, pois não há mais ninguém na sala, nem sequer a professora.

— Tens a certeza de que é aqui? — pergunto-lhe quando entramos.

— Sim.

— Como sabes? — Olho para o relógio. A aula está marcada para daqui a menos de três minutos e ainda não chegou ninguém. — Se calhar devíamos confirmar se foi...

— Eles estão à espera que eu me sente ou que me vá embora, Grace. Entram assim que aconteça uma dessas duas coisas.

— Que te sentes ou... — Fico a olhar para ele. — Então estavas *mesmo* a gozar comigo no corredor? Tu *reparas* em como as pessoas te tratam?

— Não sou cego. E, mesmo que fosse, seria difícil não me aperceber.

— Isto é de loucos!

Ele concorda.

— Pois é.

— É só o que tens a dizer? Se sabes como é bizarro, porque é que não fazes alguma coisa para acabar com isso?

— Como, por exemplo o quê? — Oferece-me aquele irritante sorriso de soslaio do primeiro dia, o que me fez querer dar-lhe um murro. Ou um beijo. Pensar nisso deixa-me o estômago às voltas e faz-me dar um passo cauteloso atrás. A julgar pela maneira como semicerra os olhos, ele não gosta da

distância extra. Dá dois passos na minha direção antes de continuar: — Ponho-me à frente de todos e garanto-lhes que não os vou comer se eles se se aproximarem demasiado? Não me parece que acreditem.

— Sinceramente, acho que estão mais preocupados em serem ostracizados do que em serem comidos...

O sorriso de esguelha volta aos lábios.

— Se calhar ficavas surpreendida.

— Bem, então talvez *devesse* descansá-los. Ser mais simpático. Tu sabes, mostrar-lhes que és inofensivo.

Sinto-me ridícula ainda antes daquela sua sobrancelha esquerda saltar.

— É isso que julgas? Que sou *inofensivo*?

Mais do que insultado, o Jaxon parece espantado, e não o posso censurar. Porque nunca conheci ninguém *menos* inofensivo na vida. Só olhar para ele parece perigoso. Estar ao lado dele é como andar na corda bamba a trinta metros de altura sem rede. E querê-lo como eu quero; desejá-lo desta maneira é como cortar uma veia para me ver a esvair em sangue.

— Julgo que és tão perigoso como as pessoas acham. Também julgo que...

— Ó Jaxon, a aula vai ter de começar eventualmente — interrompe o Mekhi, entrando na sala, pelos vistos é o único na turma que não tem medo dele. — Vais bazar ou vais deixar toda a gente à espera, enquanto fazes à corte à miúda?

O Jaxon vira a cabeça e fita o Mekhi, que levanta os braços num gesto defensivo e dá um grande passo atrás. E isso antes da voz do Jaxon baixar uma oitava e rosnar:

— Saio quando tiver de sair.

— Acho que te devias ir embora — sugiro-lhe, embora me sinta tão relutante por vê-lo partir como ele está por ter de ir. — A professora tem de começar a aula. Além disso, não foste tu que me disseste para não chamar as atenções?

— O plano inicial era esse.

— O plano inicial? — Fico a olhá-lo, confusa. — Quando é que entrou em vigor o plano novo?

Ele sorri-me.

— Há duas noites. Eu disse-te que não ia ser simples.

— Espera aí. — Sinto um aperto no estômago. — Estás a dizer que a cantina, a companhia até à aula... Isto foi tudo por causa do *Flint*? — Pensar nisso faz-me sentir péssima.

— Quem é o Flint? — desconversa ele.

— Jaxon.

— Foi tudo por tua causa — afiança-me.

Não sei se acredito nele, mas antes de poder aprofundar a questão, ele estende a mão e segura-me num canudo do cabelo, como passou a ser seu hábito. Esfrega-o entre os dedos por uns segundos enquanto me observa com

aqueles seus olhos inescrutáveis.

— Adoro o cheiro do teu cabelo. — Depois estica o caracol, largando-o em seguida, para que salte de volta ao sítio.

— Tens de te ir embora — insisto, embora, desta vez, as palavras saiam mais ofegantes.

Ele não parece satisfeito, mas eu sustenho-lhe o olhar.

Alguns segundos depois, o Jaxon acaba por assentir. Recua, de expressão contrariada no rosto, e só quando ele se afasta é que me apercebo de que tenho o coração a bater como um baterista de *heavy metal*.

— Envia-me uma fotografia do teu horário — pede ele ao dirigir-se à porta.

— Porquê?

— Para saber onde te encontrar mais logo. — A expressão ilumina-se com um sorriso e as borboletas que sinto sempre que ele está presente começam a voar no meu estômago. — Vou ter física avançada, portanto estou no laboratório de física e não saio antes da tua segunda aula. Mas depois vou ao teu encontro. Se não puder mando um dos outros acompanhar-te à sala.

Isso vai mesmo ajudar-me a passar despercebida.

— Não é preciso.

— Não custa nada, Grace.

Suspiro.

— Não percebeste. Não quero que faças isso. Quero ir para as aulas como qualquer pessoa. Sozinha.

— Eu percebo. A sério — afirma, quando lhe lanço um olhar desconfiado. — Mas acredita quando te digo que não estás em segurança neste colégio. Deixa-me, pelo menos, olhar por ti durante alguns dias, só até entrares no esquema.

— Jaxon...

— Por favor, Grace.

É o «por favor» que me desarma, já que tenho quase a certeza de que o Jaxon não é o tipo de rapaz que pede seja o que for se o puder ordenar. E, embora ache que está a exagerar, ele parece deveras preocupado. Se isto o vai deixar mais descansado, imagino que o possa suportar durante alguns dias.

Muito poucos dias.

— Está bem — digo-lhe, cedendo com a graciosidade possível. — Mas só até ao fim da semana, está bem? A partir daí estou por minha conta.

— E se no fim da semana voltarmos a falar e...

— Jaxon!

— Está bem, está bem! — Levanta as mãos. — Como queiras, Grace.

— Pois, certo. Isso é uma... — Calo-me porque ele voltou a desaparecer. Porque, claramente, é esta a história da nossa vida. Ele desaparece e eu fico a vê-lo desaparecer.

Um destes dias *vou* dar a volta às coisas.

Mas ele tem razão. Assim que se vai embora, a sala de aula enche-se de

gente. Tento chegar-me para o lado, à espera de ver onde possa haver um lugar vazio, mas o Mekhi indica-me a secretária ao lado dele, na segunda fila.

Dirijo-me para lá, mesmo sem saber se alguém se sentaria ali normalmente, porque é bom ter alguém com quem falar na aula. E, sobretudo, porque ele está a sorrir-me, ao passo que todos os outros continuam apenas a fitar-me.

A professora Maclean entra depois de todos se sentarem. Enverga um cafetã roxo largo, o cabelo ruivo revoltado amontoado num coque no topo da cabeça, parecendo querer soltar-se a qualquer momento. Não é jovem, mas também não é velha — deve ter, talvez, uns quarenta anos —, e tem um sorriso rasgado estampado no rosto enquanto diz para abrirmos o *Hamlet* no Ato II.

Metade da turma tem livros e a outra metade tem portáteis, pelo que pego no telemóvel e começo a procurar a obra em domínio público, pois o meu livro ficou na Califórnia. Mas, ainda mal terminei de escrever «Hamlet» na barra de pesquisa quando a professora Maclean pousa um exemplar de cantos dobrados na minha secretária.

— Olá, Grace — murmura ela. — Podes usar um dos meus até encontrares uma edição online. E como me pareces tímida — embora a sua associação ao aluno mais notório da Katmere —, não te vou pedir que te levantes e te apresentes à turma. Mas quero que saibas que és bem-vinda e que se precisares de alguma coisa, podes passar pelo meu gabinete durante o meu horário de atendimento. Podes consultá-lo junto à porta.

— Obrigada. — Baixo a cabeça quando sinto as faces começarem a arder.

— Não tens de quê. — Aperta-me o ombro num gesto de reconforto e volta para a frente da turma. — É bom ter-te connosco.

Pego no livro.

— Ato dois, cena dois — diz o Mekhi debruçando-se.

Obrigada, articulo no momento em que a professora Maclean bate as palmas.

Depois, tal qual uma verdadeira rainha do drama, abre bem os braços e profere, num pentâmetro jámbico ribombante, mas perfeito:

«Ouviram seguramente falar da transformação de Hamlet;
digo transformação, porque já não é o mesmo homem,
nem moral nem fisicamente.»

Passamos o resto da aula a debater a transformação de Hamlet, de príncipe perfeito em depressivo absoluto. É mais divertido do que parece com a professora Maclean a fazer a sua representação dramática e o Mekhi a tecer comentários irónicos ocasionais. Ele pode parecer intimidante, mas é bastante mais descontraído e engraçado do que o Jaxon. É fácil estar com ele e acabo

por gostar mais da aula do que esperava, sobretudo por já ter lido a peça este ano.

Verdade seja dita, gosto tanto da aula que fico um bocadinho desiludida quando a campainha toca, pelo menos até me lembrar de que a seguir tenho arte. A aula de arte é a minha preferida desde a escola primária e sinto-me ansiosa por ver como é lecionada aqui. Mas isso significa que tenho de ir até ao estúdio, o que, por sua vez, implica um desvio pelo meu quarto, onde poderei vestir pelo menos mais umas duas camadas que me protejam do frio.

O estúdio fica só a uns dez minutos de distância, pelo que não tenho de vestir tudo o que vesti nas últimas duas vezes que saí. Mas preciso de uma camisola grossa e de um casaco comprido, além de luvas e de um gorro, para não ficar com ulcerações por causa do frio. Algo que não quero mesmo que aconteça.

Só espero ter tempo de passar pelo quarto e chegar ao estúdio antes da campainha tocar. Por via das dúvidas, acelero um pouco o meu passo, na esperança de chegar à escadaria antes dos outros.

— Olha! Qual é a pressa, Miúda Nova?

Olho com um sorriso para o Flint, que se aproxima pela minha esquerda.

— Eu tenho nome, sabes.

— Ah, pois é. — Ele finge pensar. — Qual é que é mesmo?

— Morde aqui a ver se eu deixo.

— É um nome próprio interessante... e se calhar convém teres cuidado a dizer isso por aqui.

— E porquê, exatamente? — Ergo uma sobranceira enquanto percorremos os corredores. Ao contrário do que aconteceu com o Jaxon, o *afastar das pessoas* não ocorre em lado nenhum. Com efeito, atravessar a escola com o Flint lembra bastante o antigo jogo de vídeo de que o meu pai gostava, onde temos de atravessar estradas com o sapo antes que um dos oito milhões de carros o esmaguem.

Ou seja, estou num corredor normalíssimo de uma escola banalíssima. Sinto-me a desconstrair um pouco a cada quase colisão.

— Vais mesmo fingir que não sabes?

— Não sei o quê?

O Flint observa-me e depois abana a cabeça quando o fito de volta, as sobranceiras erguidas num «o que é» óbvio.

— Deixa lá. Esquece.

Há qualquer coisa na maneira como ele o diz que me faz ter uma sensação de desconforto. É a mesma sensação que tive ontem quando vi o Jaxon e a Lia lá fora, sem casaco.

A mesma sensação que tive quando o Flint caiu daquela árvore e saiu praticamente ileso.

A mesma sensação que tive quando a Lia estava a entoar o cântico naquela língua estranha na biblioteca, embora não fizesse ideia do que estava a dizer quando referi as várias das línguas do Alasca.

— Eu não sou parva, sabes. Tenho a perfeita noção de que há qualquer coisa errada aqui, mesmo que ainda não tenha percebido o que é.

É a primeira vez que admito a desconfiança que sinto, mesmo para comigo, e sabe bem dar-lhe voz, ao invés de deixar que os pensamentos se alastrem.

— Tens? — De repente, tenho o rosto do Flint colado ao meu, o corpo a centímetros de distância. — Tens mesmo?

Não recuo, mesmo com o súbito desespero na voz dele.

— Tenho. Queres explicar-me o que é?

Quando volta a falar, passado um minuto, a preocupação esfumou-se tal como tudo o resto, além da voz provocante, que faz tanto parte dele como os olhos verdes e os músculos. É como se o aviso não tivesse existido.

— Mas isso não tem piada.

— O teu conceito de piada é muito estranho.

— Nem fazes ideia. — Agita as sobrancelhas. — E o que andas tu a fazer? Fito-o.

— Por acaso consegues acabar uma conversa sem começar outra?

— Nunca. Faz parte dos meus encantos.

— Pois, fia-te nisso.

— Eu fio. — Acompanha-me mais alguns metros, saltitando alegremente ao som de uma canção que só toca na cabeça dele. — Para onde vais? As salas ficam por ali.

— Tenho de ir ao meu quarto buscar roupas mais quentes. Vou ter arte a seguir e se saio assim morro congelada.

— Espera lá. — Ele estaca. — Ninguém te falou dos túneis?

— Quais túneis? — Miro-o, desconfiada. — Estás outra vez a gozar comigo?

— Não estou, a sério. Há uma rede de túneis por baixo da escola que vão dar aos diferentes anexos.

— A sério? Estamos no Alasca. Como é que abriram túneis no solo congelado?

— Não sei. Como é que fazem prospeção no solo congelado? Além disso, nós também temos verão. — Brinda-me com o seu melhor olhar de Escuteiro que tem no repertório.

— A sério. Os túneis são reais. Nem acredito que o onnipotente Jaxon Vega se esqueceu de os referir.

— A sério? Agora vais pegar no Jaxon?

— Claro que não. Estou só a dizer que fui eu que te falei dos túneis e que vai evitar que congeles as partes mais importantes da tua anatomia. Ele podia ter-te dito para não te mandar para o cruel inverno agreste.

— Estamos no outono. — Reviro os olhos. — E vai ser assim sempre que falarmos do Jaxon?

O Flint levanta as mãos num gesto de falsa inocência.

— Por mim, *nunca* temos de falar do Jaxon.

— Engraçado, és sempre tu que puxas o assunto.

— Porque estou preocupado contigo. A sério. — Traça um «X» sobre o coração. — O Jaxon é um gajo complicado, Grace. Devias afastar-te dele.

— É interessante que ele diga exatamente o mesmo sobre ti.

— Pois, sabes, ninguém diz que tens de lhe dar ouvidos. — Faz um ar repugnado.

— Também ninguém diz que tenho de te dar ouvidos a ti. — Faço-lhe um sorriso enjoado. — Estás a ver o problema, não estás?

— Oh, afinal de contas, a miúda nova sempre tem garras. Estou a gostar.

Reviro os olhos.

— És muito totó. Sabes disso, não sabes?

— Se sei? Faço questão disso, miúda.

Não consigo reprimir uma gargalhada com a careta que me faz, com os olhos cruzados e a língua de fora.

— E então, vais mostrar-me os túneis ainda este ano, ou vou ter de imitar a abominável mulher das neves?

— Vamos aos túneis, claro. Por acaso também vou para lá. Anda.

Pega-me na mão e guinamos à esquerda, puxando-me por um corredor estreito no qual não teria reparado se ele não mo tivesse mostrado.

É comprido e sinuoso, e tem uma inclinação tão leve que preciso de um minuto para me aperceber de que estamos a descer. O Flint continua a agarrar-me a mão ao cruzarmo-nos com um par de alunos que vêm da direção oposta.

O corredor é tão estreito que temos de ficar os quatro de costas contra a parede para não batermos uns nos outros.

— Ainda falta muito? — pergunto, quando voltamos a andar normalmente. Ou, pelo menos, com a normalidade possível, à medida que o teto também começa a ficar mais baixo. Se continuarmos assim, não tarda temos de andar à egípcio.

— Mais um minuto até à entrada do túnel e depois são cinco minutos até ao estúdio.

— Está bem, fixe. — Tiro o telemóvel para confirmar se tenho tempo. Faltam sete minutos. Vejo que o Jaxon me enviou duas mensagens. A primeira é uma sequência de pontos de interrogação que imagino seja a perguntar pelo meu horário e a segunda é o início de uma piada:

Jaxon: O que disse o pirata quando fez 80?

Ai meu Deus. Criei um monstro. E estou a adorar.

Respondo-lhe com um *emoji* a rir, a par da minha série de pontos de interrogação. Também envio o horário — não porque mo exigiu há pouco, mas porque quero ver se ele cumpre o que disse e vai ao meu encontro. Assim que as mensagens são entregues volto a guardar o telefone no bolso e tento convencer-me de que não quero saber se ele vai aparecer ou não. Mas é claro que isso é mentira e estou perfeitamente ciente disso.

Quanto mais avançamos pelo corredor, mais a luz fica ténue, e ficaria nervosa se me encontrasse com outra pessoa sem ser o Flint (ou o Jaxon, ou a

Macy). Não por julgar que se passa algo necessariamente de errado, mas porque não deixo de me interrogar: se o acesso aos túneis é assim tão sombrio, como serão os túneis propriamente ditos?

— Certo, cá estamos — declara o Flint quando, por fim, chegamos a uma velha porta de madeira que está protegida por um teclado eletrónico que me faz arquear as sobranceiras até ao cabelo. Nunca na vida vi algo tão incongruente como este teclado no meio de um corredor abafado com uma porta que parece ter mais de um século.

O Flint introduz tão depressa um código de cinco dígitos que não vejo nada além dos três primeiros números. Depois de um instante, a luz por cima da porta fica verde e esta destranca-se.

O Flint olha para mim enquanto leva a mão para abrir a porta.

— Estás pronta?

— Sim, claro. — Mais um relance ao telemóvel mostra que se não me despachar vou chegar atrasada.

O Flint segura a porta e eu agradeço-lhe com um sorriso, mas, assim que passo a soleira, uma vozinha no meu íntimo começa a gritar para não avançar mais.

A dizer-me para fugir.

A mandar-me desaparecer destes túneis para não mais voltar.

Mas o Flint está à minha espera. Para além disso, se não avançar, vou mesmo chegar atrasada à aula de arte. Garantidamente, não é a primeira impressão que eu quero dar à professora da minha disciplina preferida.

Além disso, estou com o Flint. O rapaz que saltou de uma árvore e amorteceu uma queda feia para me salvar. Não interessa o que o Jaxon diz, é ridículo pensar que posso ter de fugir *dele*.

Razão pela qual reprimo estas novas preocupações bizarras que de repente estou a ter e avanço.



29

Com amigos destes, todos precisamos de capacetes

O Flint vem atrás de mim, deixando a porta fechar-se com um baque forte.

O espaço está debilmente iluminado, ainda pior do que a passagem até aqui, e os meus olhos precisam de tempo para se ajustarem.

— Que sítio é este? — pergunto, assim que volto a ver. — Não parece um túnel.

Na verdade, parece que estou numa prisão. Ou, pelo menos, na zona de detenção de uma prisão. Várias celas preenchem a parede à nossa frente, cada uma equipada com uma cama e, o que é mais relevante, um par de grilhetas. Castelo ou não, no Alasca ou noutro estado, a verdade é que *não* gosto daquilo que vejo. De todo.

— Acho que devíamos regressar — digo-lhe, puxando pela maçaneta da porta, mas em vão. — Como é que se abre a porta? — Não há teclado deste lado, nada que possa ajudar-me a sair daqui.

— É preciso abri-la do outro lado — explica-me o Flint, com um ar divertido. — Não te preocupes. Saímos daqui não tarda.

— Pensei que fôssemos para os túneis. Tenho de chegar à aula de arte, Flint.

— Este é o caminho para os túneis. Tem calma, Grace.

— Quais túneis? Isto é uma masmorra! — Estou a ficar alarmada, com o cérebro a avisar-me que não conheço este tipo assim tão bem; que tudo pode acontecer aqui em baixo; que... respiro fundo e tento acalmar o pânico que me assola.

— Confia em mim. — Leva a mão ao fundo das minhas costas e começa a fazer-me avançar. Não quero ir, mas, neste momento, não tenho propriamente uma dúzia de alternativas. Posso bater na porta e esperar que alguém me ouça, ou posso acreditar que o Flint vai fazer o que diz e levar-me ao túnel de que preciso. Já que tem sido tão simpático comigo desde que cheguei, deixo que me impulse e rezo para não estar a cometer um erro.

Chegamos ao fundo da sala, passando por quatro celas separadas, e não me queixo. Mas quando o Flint se detém à frente da quinta cela e sugere que eu entre, a minha paciência e a confiança esgotam-se.

— O que estás a fazer? — quero saber. Acho que chego a gritar. — Eu não entro ali.

Ele fita-me como se eu estivesse a ser completamente irracional.

— A entrada para os túneis fica ali.

— Não estou a ver uma entrada — retruco. — Só vejo grades e correntes.

— A sério, não é o que parece. Estes túneis são secretos e quando construíram o castelo, há um século, fizeram um bom trabalho a disfarçar a entrada.

— Cá para mim, foi um trabalho demasiado bom. Quero voltar lá para cima, Flint. Depois logo arranjo uma desculpa para o meu atraso, mas eu...

— Está tudo bem. — É a primeira vez que assume uma expressão preocupada. — Estamos sempre a usar estes túneis. Prometo que não deixo que nada te aconteça.

— Pois, mas... — Calo-me quando a porta no outro lado do espaço se fecha. E a Lia entra.

— Segura a porta! — grito-lhe, soltando-me da mão frouxa do Flint e correndo na direção da única saída visível deste buraco infernal.

Mas é óbvio que ela não me ouve. A porta bate atrás dela. Bolas.

— Grace! — Parece surpreendida por me ver e tira os auscultadores dos ouvidos. — O que fazes aqui?

— Estou a levá-la aos túneis. — O Flint atira-me um olhar exasperado quando me alcança. — Ela tem aula de arte.

— Ah é? Com a Kaufman? — A Lia parece interessada.

— Pois.

— Boa. Eu também. — Lança um olhar frio ao Flint. — Ela agora vai comigo.

— Não é preciso — responde ele. — Eu também vou para aí.

— Não te preocupes.

— Não há problema. Certo, Grace? — Sorri-me, mas desta vez certifica-se de que exhibe uma mancha de dentes.

Claro que não o posso censurar, não é? Ele estava a tentar ajudar-me e eu passei-me sem motivo.

— Se achas que sim.

— Acho, pois. — Dá-me o braço. — Adorava acompanhá-las à aula.

— Que sorte a nossa. — O sorriso da Lia é de um doce enjoativo. Agarra-

me o outro braço e começa a levar-nos para o extremo da sala. Ao avançar, com ambos agarrados a mim, sinto-me uma espécie de bola de pingue-pongue encurralada entre os dois.

A Lia só me larga quando chegamos à última cela. Depois entra e segura uma das grilhetas, tal como o Flint pretendia fazer quando eu perdi a cabeça, puxando-a com força.

A porção da parede de pedra à qual a corrente está presa abre-se. A Lia olha para nós, de sobranceiras erguidas.

— Pronta?

O Flint olha para mim e inclina a cabeça num gesto de interrogação.

Sinto-me a enrubescer mais uma vez, desta vez por causa da vergonha.

— Desculpa. Passei-me sem motivo.

O Flint encolhe os ombros.

— Não faz mal. Acho que venho aqui tantas vezes que já me esqueci que isto pode ser assustador.

— *Muito* assustador — concordo ao entrarmos na cela. — E quando levaste a mão à corrente...

Ele ri-se.

— Não achavas mesmo que te ia prender aqui em baixo, pois não?

— É claro que achava — confirma a Lia, enquanto entramos pela porta secreta e depois ela a fecha. — Eu também não confiava em ti. Tens aspeto de ser o tipo de tarado com quem ela nunca deve ficar sozinha.

— E que tipo de tarado é esse? — quer ele saber, olhando de uma para a outra.

De repente lembro-me daquilo que a Macy disse acerca do Jaxon quando estava a tentar alertar-me para que me afastasse dele e não resisto.

— Tu sabes, do tipo que faz uma rapariga passar fome para fazer um vestido com a pele dela.

Fitam-me ambos como se eu tivesse enlouquecido de vez. A Lia parece surpreendida, mas divertida, e o Flint... O Flint parece ofendido como nunca vi. Sei que é uma coisa péssima de se fazer, mas sou incapaz de conter o riso. Porque, vá lá, quem é que nunca viu esse filme ou, pelo menos, ouviu falar dele?

— Desculpa?! — exclama ele passado um segundo, com mais gelo nas palavras do que em todo o *campus* do colégio.

— Do *Silêncio dos Inocentes*? É o que o assassino em série que a Jodie Foster está a tentar apanhar faz às vítimas. É por isso que ela precisa do Hannibal Lecter.

— Nunca vi o filme.

— Ah, pronto, ele raptava raparigas e...

— Sim, já percebi. — Larga-me o braço pela primeira vez desde que a Lia apareceu. — Já agora, para que conste, roupas feitas de pele não fazem propriamente o meu estilo.

— Obviamente, por isso é que fiz a piada. — À falta de resposta dele dou-

lhe um toque com o ombro. — Vá lá, Flint. Não te zangues. Estava só a brincar.

— Não te esforces — aconselha-me a Lia enquanto avançamos pelos túneis. — Ele é um chato...

— Morde aqui a ver se eu deixo — resmunga o Flint.

Ela mira-o com desdém.

— Isso querias tu.

— Eu queria era que experimentasses. — O Flint devolve-lhe o olhar com interesse.

Uau, as coisas escalaram depressa.

— Não temos de ir para a aula? — pergunto, determinada a interromper o que se está a passar antes que piore. — A campainha toca não tarda nada.

— Não te preocupes — afiança-me a Lia. — A Kaufman sabe que chegar à aula dela é uma chatice, por isso não levanta problemas.

Mas ela apressa o passo depois de atirar ao Flint um derradeiro olhar que é um cruzamento entre um rosar e um sorriso de esguelha.

Sigo-a, deixando o Flint para trás, já que me parece melhor servir de intermediária entre eles. Pela primeira vez desde ontem à noite, quando a Macy tentou explicar que não posso ser amiga do Jaxon e do Flint, começo a acreditar nela. A Lia é obviamente Equipa Jaxon, apesar do que observei entre eles no outro dia, e veja-se como corre o nosso pequeno passeio.

Agora já estamos a andar mais depressa pelos túneis, o que me impede de os observar com tanta atenção como gostaria. Não obstante, por mais débil que seja a iluminação embutida, deixa-me ver por onde ando. E deixem-me que diga, embora a entrada seja medonha, isto é *espetacular*.

As paredes são feitas de pedras de diferentes tons — pretas e brancas na sua maioria —, mas também vejo outras cores. Cintilam com vermelho, azul e verde e não resisto a tocar numa grande, só para a sentir. Está fria, obviamente, mas também é lisa, polida, como uma pedra preciosa. Por um segundo interrogo-me se serão mesmo gemas preciosas. Mas depois ignoro a teoria por ser ridícula, pois não há escola (mesmo um colégio elegante e rico como o Katmere) que tenha dinheiro para embutir pedras preciosas nas paredes.

O piso é feito de tijolos brancos, bem como várias das colunas pelas quais passámos. Mas aquilo que mais me chama a atenção é a arte aqui em baixo. Há esculturas de ossos embutidas nas paredes, penduradas do teto e até assentes em pedestais nas várias alcovas que vimos pelo caminho.

Trata-se de uma homenagem óbvia às catacumbas de Paris, onde jazem sete milhões de esqueletos ou então estão a ser usadas como decorações macabras. E tenho de me interrogar se foram as aulas de arte que produziram os «ossos» que aqui estão. Também quero saber de que materiais são feitos.

Claro que, se quero ainda chegar a horas à aula, isso também tem de esperar.

Ao seguirmos pelo túnel chegamos a uma espécie de espaço que me deixa

de olhos arregalados. Deve ser um ponto de encontro dos túneis pois há outros onze que aqui desembocam. Mas não é isso que me deixa de olhos arregalados, mesmo não sabendo qual dos outros percursos devemos seguir. O que me faz abrir a boca e leva a que os meus olhos quase me saltem da cabeça é o lustre gigantesco pendurado no centro do espaço, com velas apagadas na ponta de cada braço. Mas também não é o tamanho do lustre, nem o facto de ele ter velas verdadeiras que me chama a atenção (embora, pessoal, então e o risco de incêndio?). É o facto de o lustre, tal como muitas das outras decorações aqui em baixo, parecer totalmente feito de ossos humanos.

Sei que não passa de uma obra de arte, e que os ossos são feitos de plástico, ou outro material qualquer, mas ficam tão realistas pendurados do lustre — de tal modo que sinto um arrepio na espinha. Isto é muito mais do que uma homenagem às catacumbas. É como se alguém tivesse tentado recriá-las.

— Porque é que paraste? — pergunta o Flint, seguindo o meu olhar.

— Isto é bizarro. Tens noção disso, certo?

Ele sorri.

— Talvez. Mas também é fixe, não é?

— Muito fixe. — Avanço mais para o interior do espaço para ver melhor.

— Quanto tempo é que deve ter demorado? Quero dizer, teve de ser um projeto de turma, não? Não foi obra de um aluno só.

— Projeto de turma? — O Flint parece confuso.

— Não sabemos — intervém a Lia. — Foi feito anos antes de cá chegarmos. Até antes de o teu tio, ou de os professores atuais, cá terem chegado. Mas sim, teve de ser um projeto de turma. Seria impossível que um artista fizesse isso num semestre, ou mesmo num ano.

— É espantoso. Quero dizer, é tão complexo e real. Ou... tu sabes.

Ela assente.

— Sim.

Há mais ossos por cima de cada túnel, bem como placas com inscrições numa língua que não reconheço. Deve ser uma das línguas do Alasca, claro, mas quero saber qual. Por isso pego no telemóvel e tiro uma fotografia à placa mais próxima, pensando em procurar na internet juntamente com os nomes dos pavilhões.

— Temos de ir — diz o Flint quando faço menção de tirar uma segunda fotografia. — A aula está a começar.

— Pois é. Desculpa. — Olho em volta enquanto guardo o telefone no bolso do *blazer*. — Qual é o túnel?

— O terceiro à esquerda — indica a Lia.

Avançamos por aí, mas quando estamos quase a entrar, um tremor ligeiro percorre o espaço. Ao início penso que foi imaginação minha, mas quando os ossos do lustre começam a ressoar uns nos outros com o som mais tenebroso que se pode imaginar, percebo que foi bem real.

Estamos no meio de um túnel velho e frágil quando a terra começa a

tremer a sério.



30

Quando te vejo, a terra treme... um pouco por todo o lado

Os olhos da Lia arregalam-se quando o lustre começa a balançar por cima de nós.

— Temos de sair desta sala.

— Temos de sair destes túneis! — corrijo. — Achas que são resistentes?

— Eles não desabam — garante-me, mas começa a dirigir-se com alguma rapidez ao túnel que supostamente vai dar ao estúdio de arte.

Não a censuro. O Flint e eu também nos apressamos.

O terremoto não é grande, pelo menos tendo em conta a fama do Alasca. Mas também não é como os tremores leves que tenho sentido desde que cheguei. Com base no que já senti na Califórnia, este foi, à vontade, um sete na escala de Richter.

A Lia e o Flint devem percebê-lo ao mesmo tempo que eu, pois assim que chegamos ao novo túnel, o nosso passo apressado transforma-se numa corrida.

— A saída fica longe? — pergunto. Tenho o telefone a vibrar no bolso, com uma série de mensagens a chegarem furiosamente. Ignoro-as enquanto o chão continua a tremer.

— Talvez mais uns duzentos metros — responde o Flint.

— Será que vamos conseguir?

— Claro. Nós... — Cala-se quando um ronco forte se ergue do solo, seguido de perto por um abalo violento que faz com que o chão comece a tremer.

Perco a força nas pernas e começo a tropeçar. O Flint agarra-me acima do

cotovelo para me equilibrar e depois serve-se do aperto para me impelir pelo túnel com tal velocidade que nem sei se os meus pés estão a tocar no chão. Ao contrário do que aconteceu nas escadas há uns dias, desta vez não me queixo.

A Lia está à nossa frente, a correr ainda mais depressa, embora, tendo em conta a velocidade a que o Flint nos desloca, não sei como isso é possível.

O terreno começa finalmente a subir e sinto-me acometida por uma onda de alívio. Estamos quase lá, quase fora deste sítio e, até ver, o túnel está a aguentar-se. Mais vinte segundos e uma porta aparece à nossa frente. Ao contrário daquela por onde entrámos, esta está coberta de desenhos de dragões, lobos e bruxas, e aquilo que tenho a certeza que é um vampiro a fazer *snowboard*.

Está feito em estilo *graffiti*, com todas as cores imagináveis. É do caraças. Num outro dia, quando a terra não estiver a tremer debaixo dos pés, venho admirar a arte. Por agora, espero que a Lia introduza o código — 59678, desta vez olho com atenção — e depois saltamos os três porta fora, entrando naquilo que é, obviamente, um armário enorme de materiais para arte.

O terremoto para no momento em que a porta se fecha. Sopro de alívio e o Flint larga-me o braço, depois debruço-me e tento recuperar o fôlego. Ele pode ter feito a maior parte do trabalho para chegarmos aqui, mas eu vim a mexer as pernas o mais depressa que consegui.

Passam-se vários segundos até ser capaz de respirar sem sentir que os pulmões querem explodir. Depois, volto a endireitar-me e reparo em várias coisas ao mesmo tempo. Em primeiro lugar, este armário está mesmo bem apetrechado. Em segundo lugar, a porta para a sala de arte está aberta. E, em terceiro, o Jaxon está à entrada e tem o rosto desprovido de qualquer expressão.

Sinto um aperto no estômago ao vislumbrar os punhos cerrados e a fúria que lhe arde nas profundezas dos olhos — não por eu estar com medo, mas porque é óbvio que ele estava.

Durante vários segundos ninguém diz, nem faz nada, salvo a Lia, que olha do Jaxon para mim com uma expressão que parece um pouco maldosa. Depois diz-lhe:

— Não te preocupes, Jaxon querido; *eu* estou bem. — Dá-lhe uma palmadinha na face sem mácula e dirige-se à sala de arte, fechando a porta ao entrar.

Ele não lhe presta atenção. Os olhos negros estão colados no Flint. Que revira os seus ao dizer:

— Elas estão as duas bem. De nada.

O Jaxon não responde durante vários segundos. Não produz um som que seja. Mas se eu *achava* que o Jaxon estava furioso antes. Agora com o comentário do Flint parece estar a um pequeno passo de ter um aneurisma. Ou cometer homicídio em massa.

— Sai daqui — rosna.

— Não estava a pensar em ficar. — Mas o Flint não se mexe. Ao invés,

permanece à minha frente, a encarar o Jaxon.

E pronto. Só isso.

— Desvia-te — ordeno, e como o Flint não se mexe com rapidez suficiente, empurro-o.

Ainda parece que me vai tentar impedir, mas um ronco baixo vindo do Jaxon fá-lo recuar. O que me irrita ainda mais. Tudo bem que estivesse preocupado comigo, mas isso não lhe dá o direito de agir como um psicopata.

— Estás mesmo bem? — quer o Jaxon saber quando avanço.

— Estou ótima. — Tento empurrá-lo também, mas, ao contrário do Flint, o Jaxon não se mexe. Fica ali, no meu caminho, os olhos sombrios, cheios de fúria e algo mais que não consigo identificar. Seja o for, deixa-me efervescente, com uma bebida gaseificada que foi demasiado agitada. Ou deixaria, caso eu permitisse. Neste momento estou ocupada com a fúria e não me vou distrair com o resto.

— Eu digo-te para te afastares do Flint e tu entras nos *túneis* com ele? — exclama.

É a pior coisa que me podiam dizer, pois a adrenalina ainda me corre nas veias por causa do tremor de terra. E da corrida. E do susto. Mas lá porque estive aterrada ainda há uns minutos, isso não quer dizer que vá aceitar que o Jaxon exija seja o que for. Tal como não vou aceitar que me diga o que fazer.

— Não vou falar contigo sobre isto neste momento — respondo-lhe. — Estou atrasada para uma aula à qual queria chegar a horas e não tenho tempo para esta vossa pose bizarra. — Incluo o Flint na minha fúria.

— Não é pose, Grace. — O Jaxon estende a mão para me agarrar, mas eu desvio-me.

— Chama-lhe o que quiseses. É aborrecido, irritante e estou farta. Portanto, sai-me da frente e deixa-me ir para a aula antes que me esqueça de que sou pacifista e te dê um murro no nariz.

Não sei qual a palavra que mais o choca — o «murro» ou o «pacifista». Mas antes que qualquer um de nós decida, o Flint intromete-se.

— Assim é que é, Grace. Diz-lhe para se meter na vida dele.

Desta vez, o rosnido do Jaxon é aterrador. E é sonoro a ponto de silenciar a turma do outro lado do armário, incluindo a professora. O que é uma maravilha. Espetacular.

Viro-me para o Flint.

— Tu cala-te, ou penso em qualquer coisa igualmente horrível para te fazer. — Volto a olhar para Jaxon. — Quanto a ti, desaparece-me da frente ou nunca mais falo contigo.

Ao início, o Jaxon não se mexe, mas julgo que isso terá mais que ver com o espanto total e absoluto (caso a expressão dele sirva de indicador) do que com uma tentativa deliberada de me contrariar.

Ele acaba por levantar as mãos e sair do meu caminho, tal como exige.

— Obrigada — digo-lhe, bastante mais calma. — E agradeço a tua preocupação. A sério. Mas este é o meu primeiro dia de aulas e só quero

entrar.

Depois, sem esperar por uma resposta, passo por ele e entro numa sala onde todos — até a Lia e a professora — me olham.

Que. Grande. Surpresa.



31

As meninas crescidas não choram (A menos que queiram)

— Grace! Cuidado!

Viro-me para a voz da minha prima — a primeira rapariga a falar comigo desde que me passei com o Jaxon e o Flint há cinco horas — a tempo de ver uma bola de basquetebol a voar na direção da minha cabeça. Desvio-a com uma palmada e depois cerro os lábios para não gritar com a dor que me sobe pelo braço.

É ridículo que possa doer assim tanto, desviar uma bola de basquetebol, mas quem a atirou fê-lo com força. Dói-me o braço todo devido à pancada, e nem sabia que tal era possível.

— Mas que raio? — exclama a Macy para o ginásio em geral enquanto corre até mim. — Quem é que atirou a bola?

Ninguém responde.

— A sério? — A minha prima leva as mãos às ancas e fita um grupo de raparigas junto à porta do balneário. — Foram vocês?

— Está tudo bem — afianço-lhe. — Não interessa.

— Não interessa? Eu ouvi bem a força com que a bola te bateu na mão. Podias ter ficado com um traumatismo se te acertasse na cabeça!

— Mas não acertou. Está tudo bem. — «Bem» não será propriamente a palavra certa, pois ainda me dói a mão e o braço, mas hoje já dei espetáculo suficiente, muito obrigada. Não vou começar a reclamar por causa de algumas miúdas parvas.

Ou muitas miúdas parvas, uma das quais parece ter um futuro garantido

no basquetebol profissional.

Quero dizer, não nego que foi um dia estranho. Não vejo o Jaxon ou o Flint desde que me zanguei com eles esta manhã. Mas, embora o Jaxon não tenha aparecido nas minhas aulas, o Byron esperava-me à porta de arte com um casaco extra para não ter de voltar àqueles túneis medonhos, graças a Deus. O Rafael acompanhou-me a mim e à Macy ao almoço e depois à aula de espanhol avançado, a única aula que temos em comum. E o Liam acompanhou-me de espanhol a educação física.

Nada disto passou despercebido aos outros alunos e nada disto resultou exatamente a meu favor. Quero dizer, o meu objetivo não era fazer muitos amigos, mas também não quero passar o dia a desviar-me de bolas voadoras.

— De certeza que estás bem? — insiste a Macy, franzindo o cenho à forma como agito os dedos e sacudo a mão.

Paro imediatamente.

— De certeza. Estou bem. — Não quero que a Macy se preocupe demasiado com algo que podia ter sido bem pior.

A minha prima abana a cabeça, mas não volta a comentar a bola de basquetebol. Também não vou dizer nada se a apanhar a fulminar algum dos meus colegas de turma com o olhar. Eu também ficaria furiosa se alguém se metesse com ela.

Mas já está na altura de mudar de assunto, pelo que lhe pergunto:

— O que vem a ser isso? — indicando o *body* preto, os *collants* e a saia com lantejoulas que está a usar.

— Equipa de dança — responde com um sorriso orgulhoso. — Vou fazer um dos solos do encontro de sexta-feira.

— A sério? Isso é espetacular! — guincho, mesmo nunca tendo sido grande apreciadora de dança. A Macy, no entanto, deve adorar, e isso basta-me.

— Sim. Vou dançar o... — Cala-se quando o treinador sopra um apito.

— O que é isto? — pergunto.

— Quer dizer que a aula acabou. E como é o último período da tarde, quer dizer que estás despachada. — A Macy sorri. — Tenho duas horas de treino depois das aulas, mas vou ter contigo quando acabar e podemos jantar juntas. Se não houver mais nenhum terramoto, claro.

— É, não é? — Sentimos mais alguns tremores esta tarde, mas não foram nada de extraordinário, apenas réplicas que serviram para deixar a maioria dos alunos nervosos. Incluindo eu. — Quem diria que ia sentir mais terremotos em quatro dias no meio do Alasca do que em toda a minha vida na costa da Califórnia?

— É esquisito — concorda a Macy, com uma expressão confusa. — É verdade que temos um tremor de vez em quando, mas já há muito tempo que não eram tantos seguidos. Nem me lembro da última vez. Também os deves ter trazido contigo.

— Desculpa lá — brinco. — Vou tentar atenuá-los.

— Boa ideia — responde ela com um sorriso rasgado. — Até depois do treino.

— Até logo.

Aceno-lhe antes de me dirigir ao balneário. Ninguém me incomoda enquanto mudo de roupa, mas também não há quem fale comigo. E já desisti de tentar falar com as pessoas por volta da hora do almoço. Fui ignorada vezes suficientes para perceber a mensagem.

Visto-me em tempo recorde, depois pego na mochila e saio. Devia voltar ao quarto e começar a fazer os trabalhos de casa, mas não estou habituada a passar o tempo todo enfiada no mesmo espaço.

Em casa andava sempre no exterior — na piscina, na praia, a correr pelo parque. Até fazia os deveres no alpendre, a ver o Sol a pôr-se atrás da água.

Passar disso para estar quase sempre enfiada no interior não está a ser propriamente fácil.

Ainda penso em ir ao quarto vestir a quantidade imensa de roupa para ir dar um passeio. Mas também não sinto grande entusiasmo por ter de vestir metade do roupeiro para enfrentar temperaturas negativas, pelo que me decido por um meio-termo. Vou andar pelo castelo e conhecê-lo melhor, pois há zonas enormes onde ainda não estive, mesmo depois de as minhas aulas do dia me terem levado um pouco por todo o lado.

O aviso do Jaxon do outro dia ainda me passa pela cabeça, mas isso destinava-se aos passeios a meio da noite. Lá porque o Sol no exterior do castelo já se pôs há umas duas horas, não quer dizer que os corredores já não sejam seguros; ainda está toda a gente acordada, a caminho das várias atividades. E não vou passar o ano e meio que tenho pela frente com medo das pessoas que frequentam o mesmo colégio que eu. É verdade que os tipos da outra noite foram uns parvalhões, mas eles apanharam-me desprevenida. Não vou deixar que volte a acontecer. E não vou ser uma prisioneira no meu colégio.

Pensar no Jaxon leva-me a pegar no telemóvel e a abrir as mensagens. Tenho várias dele ainda por abrir e todas enviadas durante o terramoto. Ainda não as li porque, primeiro, estava demasiado zangada para querer saber o que ele tinha a dizer e, segundo, não queria ter ninguém por perto quando as abrisse. Tendo a ter as emoções à flor da pele e não quero que percebam o que sinto por ele — sobretudo agora, que não faço ideia do que vai acontecer entre nós... se é que vai acontecer alguma coisa.

A primeira mensagem chegou poucos minutos depois do fim de literatura britânica.

Jaxon: Pensei em ir ter contigo a arte, mas não estás cá. Perdeste-te? ;)

Passaram-se mais alguns minutos antes que a segunda mensagem chegasse.

Jaxon: Tenho de organizar um grupo de busca e salvamento?
o_O

A terceira mensagem não demorou a chegar, seguidas rapidamente por mais três.

Jaxon: Desculpa a insistência, mas só quero confirmar que não estás em apuros. O Quinn e o Marc estão a incomodar-te?

Jaxon: Ei, estás bem?

Jaxon: Estou a ficar preocupado. Só quero confirmar que os idiotas não te voltaram a encontrar. Tudo bem?

Jaxon: Grace?

Lembro-me de as mensagens chegarem durante o terramoto e de não lhes prestar atenção. Mas, agora que as vejo, sinto-me uma parva. Não por não lhes ter respondido de imediato — estava a proteger-me de um terramoto e, claro, não tenho de responder imediatamente só porque ele quer que o faça. Mas sinto-me culpada por o ter repreendido no estúdio de arte — ele só estava preocupado comigo — e por não lhe ter respondido durante tanto tempo quando ele até pediu desculpas nas mensagens. Algo que, de certeza, o grande Jaxon Vega quase nunca faz.

Naquele armário de arte só pensava em como me sentia envergonhada por ele estar ali, a discutir com o Flint e a fazer-me dar espetáculo. Não me ocorreu que lá estivesse por estar preocupado e que a briga com o Flint se devesse ao facto de ele estar nervoso.

Na minha antiga escola seria absurdo, e talvez um pouco incómodo, ter um rapaz a preocupar-se desta maneira comigo. Mas, agora que já teve de me salvar por duas vezes, não censuro o Jaxon por estar genuinamente aflito. Ainda por cima as últimas mensagens chegaram durante um terramoto, algo que deixou toda a gente tão abalada que todos os professores durante o resto do dia dedicaram dez minutos de cada aula para rever as normas de segurança para estas situações.

Se toda a gente ficou assim com o tremor de terra, não posso estar zangada com o Jaxon por sentir o mesmo.

Como me sinto mal por tê-lo deixado tanto tempo sem resposta envio várias mensagens numa sucessão rápida.

Eu: Desculpa, andei ocupada e não vi o telefone.

Eu: Estás ocupado? Queres explorar o castelo comigo?

Eu: E ainda não me contaste o remate da piada...

Não recebo uma resposta imediata, por isso enfio o telemóvel no bolso do *blazer* e entro num dos corredores laterais sem qualquer destino concreto em mente ao iniciar a exploração.

Passo por uma sala onde duas pessoas estão a praticar esgrima, com fatos e máscaras brancos, e assisto um bocadinho ao treino. Depois, chego ao salão da música, onde um rapaz de cabelo encrespado toca saxofone. Reconheço a melodia de «Autumn Leaves», e o mero som quase me deixa de rastos.

Em 1958, Cannonball Adderley gravou um álbum chamado *Somethin' Else*. Miles Davis e Art Blakey tocaram nas gravações e esse LP era o preferido do meu pai — sobretudo a canção «Autumn Leaves». Passava-a

vezes sem conta quando trabalhava na casa e fez-me ouvi-la pelo menos uma centena de vezes, descrevendo cada nota e explicando consecutivamente os motivos por que Adderley era tão genial.

Este mês, desde que os meus pais morreram, terá sido, porventura, o maior período na minha vida que passei sem ouvir essa canção. Deparar-me com ela aqui, agora, parece um sinal. E é um murro no estômago.

Fico com os olhos marejados de lágrimas e só penso em fugir. Viro-me e começo a correr, sem me preocupar para onde vou, sabendo apenas que tenho de fugir.

Nas escadas traseiras subo e subo, até chegar à torre mais alta. A maior parte do espaço é ocupado pela divisão que tem a porta fechada, mas há uma pequena alcova perto das escadas com uma janela enorme — a primeira no castelo que vejo com cortinados abertos — que dá para a frente do colégio. Está escuro lá fora, mas o panorama não deixa de ser maravilhoso: a neve iluminada pelos candeeiros e o céu negro repleto de estrelas que se estende até onde a vista alcança.

A sala tem estantes embutidas que a contornam e um par de cadeirões de aspeto confortável. Trata-se, obviamente, de um canto de leitura — com tudo, desde os clássicos aos Stephen Kings modernos —, mas eu não estou aqui para ler, por mais que adore fazê-lo.

Ao invés, afundo-me num dos cadeirões e, por fim, deixo que as lágrimas saiam.

São muitas — não choro a sério desde o funeral e, agora que comecei, não sei se consigo parar. A mágoa é um animal raivoso que me dilacera as entranhas e me deixa tudo a doer.

Estou a tentar ser discreta — não quero chamar ainda mais a atenção para mim —, mas isso é difícil quando o sofrimento é tão descomunal. Num gesto de proteção envolvo-me com os braços e começo a balançar-me, desesperada por aliviar a dor. E ainda mais desesperada por encontrar uma maneira de me aguentar quando tudo dentro de mim parece estar a desmoronar-se.

Não funciona. Nada funciona, e as lágrimas continuam a jorrar, acompanhadas pelos soluços profundos que me rasgam o peito.

Não sei quanto tempo ali fico, a combater a dor e a solidão que sinto por ter perdido os meus pais num abrir e fechar de olhos e, depois, tudo o que tinha de familiar na minha vida em menos de um mês, mas é quanto baste para que o céu passe do azul-escuro do crepúsculo civil para o negrume da noite.

É suficiente para que o peito me comece a doer.

Mais do que o bastante para que as lágrimas sequem.

Ficar sem lágrimas, curiosamente, faz com que o sofrimento seja ainda maior.

Mas ficar aqui não vai mudar isso. Não há nada que o possa fazer, por isso mais vale levantar-me. A Macy deve estar a terminar o treino de dança, e não quero que ela tenha de vir à minha procura.

Pensar que ela pode ver-me assim — que *alguém* pode ver-me assim — é a ameaça que finalmente me galvaniza. Mas quando me levanto e me viro, descubro que já houve quem me visse.

O Jaxon.



32

Denali é grande e a negação é ainda maior

O Jaxon está ao topo das escadas, o rosto desprovido de expressão, mas os olhos a perscrutar os meus.

Sinto-me profundamente envergonhada, de faces quentes e fôlego entrecortado. Faço menção de lhe perguntar há quanto tempo ali está, mas isso não interessa. Está ali há tempo suficiente.

Espero que diga alguma coisa, que pergunte se já estou bem ou que me diga para parar de ser lamechas ou outra das mil e uma coisas que se encaixam entre essas duas reações.

Mas ele não o faz.

Deixa-se apenas ficar ali, a observar-me com aqueles olhos carregados de magia negra até que volto a perder o fôlego... desta vez por algo completamente diferente.

— D-desculpa — consigo pronunciar. — É melhor ir-me embora.

Ele não reage, pelo que me desloco na direção das escadas, mas ele continua a bloqueá-las e não deixa de me observar. Tem a cabeça um pouco inclinada, como se tentasse perceber alguma coisa, enquanto eu rezo para que o chão se abra e me engula.

Outro terramoto seria o ideal.

Quando finalmente fala, a voz dele parece embargada.

— Porquê?

— Porque é que é melhor ir-me embora? Ou porque é que estava a chorar?

— Nenhum dos dois.

— Eu... Eu não sei o que responder a isso. — Solto um suspiro profundo.

— Olha, desculpa ter ameaçado bater-te no estúdio de arte. É que tu, às vezes és... és intenso.

O Jaxon ergue uma sobancelha, mas, à parte disso, a expressão vazia não sofre alterações.

— Tu também.

— Pois. — Solto uma gargalhada húmida e aponto para as faces ainda molhadas. — Estou a ver porque é que achas isso.

Estamos a poucos passos de distância um do outro, mas ele elimina-a, aproximando-se até ficar a alguns centímetros de mim. A minha boca fica seca como a areia do deserto.

Espero que ele diga alguma coisa, mas não há palavras. Espero que me toque, mas ele também não o faz. Deixa-se ali ficar, tão perto que sinto o hálito dele na minha face. Tão próximo que sei que ele sente o meu hálito no dele.

E os olhos dele continuam escuros, vazios, absortos.

Passam mais segundos, que parecem minutos, até que, *finalmente*, ele murmura:

— Como é?

— Como é o quê? — Estou confusa e temo que me esteja a pôr a jeito para ser o remate de alguma piada.

— Como é poderes soltar-te assim?

— Assim como? Como o meu ataque de choro? — Volto a sentir-me envergonhada e esfrego as faces, numa tentativa de eliminar os mais pequenos vestígios das lágrimas. — Desculpa. Não queria que ninguém me visse. Eu...

— Não é só isso. Quero dizer, com é poderes mostrares o que sentes, e como te sentes, sempre que queres, sem teres de te preocupar com... — Cala-se.

— O quê? — indago. — Sem ter de me preocupar com o quê?

O Jaxon deixa-se ficar a olhar-me por alguns segundos. Depois abana a cabeça ao de leve e diz:

— Não importa. — Passa por mim, abre a porta da divisão que fica além da alcova e entra.

Fico a olhar para ele, sem saber o que fazer. A conversa parece ter terminado, sinto-me como se ele me tivesse dispensado, mas deixou a porta aberta no que parece um convite.

Fico ali mais um minuto, indecisa, até que ele espreita à porta.

— Vens? — pergunta-me.

Sigo-o. Mas não estou, de todo, preparada para o que encontro quando entro naquele quarto, um espaço que não consigo deixar de ver como sendo o meu paraíso privado.

Há livros por todo o lado, empilhados em quase todas as superfícies disponíveis.

Há três guitarras a um canto, a par de uma bateria que me deixa com água na boca e com os dedos ansiosos por tocar. Tal como ficava com a minha,

quando ainda a tinha.

Quando ainda tinha muitas coisas.

No meio do quarto está um sofá gigantesco de pele preta, coberto com imensas almofadas de aspeto macio que só pedem que se faça uma sesta.

Quero mexer em tudo, quero passar as mãos pela bateria para lhe sentir a alma. Consigo controlar-me o suficiente para não seguir os meus impulsos, mas não é fácil. É, na verdade, tão difícil que, por via das dúvidas, enfio as mãos nos bolsos do *blazer*.

Porque só agora percebi que este é o quarto do Jaxon e dizer que é inesperado deve ser o eufemismo do século.

Ele parece completamente alheio ao que o rodeia, o que me parece impossível, mesmo sabendo que as coisas são dele. Coisas que ele vê e as quais toca e usa todos os dias. Mas parte de mim quer saber como ele consegue ignorar a pilha de livros de arte junto ao divã ou o gigantesco cristal púrpura na secretária. É a mesma parte de mim que praticamente me grita que, ao contrário daquilo que o Jaxon pensa, eu não sou, nem de longe, fixe o suficiente para aqui estar com ele.

Já que ele não fala, olho para a arte na parede, grandes pinturas com uma grande audácia cromática e pinceladas que me suscitam uma série de ideias. Pendurado ao lado da secretária está um pequeno esboço a carvão de uma mulher de cabelo revoltado e olhos carregados de malícia, vestida com um quimono volumoso ainda mais inacreditável.

Reconheço-o, ou, pelo menos, assim julgo. Aproximo-me, tentando ver melhor. E, realmente...

— Isto é um Klimt! — exclamo.

— Sim — afirma ele.

— Não foi uma pergunta. — Está por trás de um vidro, pelo que estendo a mão e toco na assinatura do artista, no canto inferior direito. — Isto é um Klimt original, não é uma reprodução.

Desta vez, ele não diz nada, nem sequer «sim».

— Vais ficar aí, de mãos nos bolsos? — quero saber. — Nem sequer me vais responder?

— Acabaste de me dizer que não estavas a fazer perguntas.

— E não estou. Mas isso não significa que não queira saber a história.

Ele encolhe os ombros.

— Não há história nenhuma.

— Tens um Klimt original pendurado na tua parede. Acredita que tem de haver uma história. — Tenho as mãos a tremer ao seguir mais uma vez as linhas pelo vidro. Nunca estive assim tão perto de uma peça dele.

— Gostei do desenho. Fazia-me lembrar alguém. E compreí-o.

— Só isso. É essa a tua história? — Fito-o, incrédula.

— Eu disse-te que não havia história. Tu insististe que havia. — Inclina a cabeça e fita-me com os olhos semicerrados. — Querias que te mentisse?

— Quero que tu... — Abano a cabeça, solto novo suspiro profundo. —

Não sei o que quero que façás.

O Jaxon solta, finalmente, uma breve gargalhada — o primeiro sinal de emoção que mostra desde o frenético «estás bem» no estúdio de arte.

— Junta-te ao clube.

Está no centro do quarto e parte de mim queria que estivesse mais perto. Queria que me estivesse a tocar.

Claro que outra parte de mim continua aterrorizada só de pensar em tocá-lo, e ainda mais que ele me toque. Estar no quarto dele é intenso. Olhar para ele a franzir o lábio inferior na primeira demonstração de nervos que vi nele é demasiado.

Ser tocada por ele, abraçada por ele, beijada por ele, seria tão, tão, *tão* fora deste mundo que receio implodir ao primeiro roçar dos seus lábios nos meus. Receio consumir-me em chamas onde estou. Sem aviso, sem hipótese de o evitar. Um toque da mão dele na minha e *puf*, desapareci. Isso quase me aconteceu na outra noite, quando me levou até ao meu quarto. E isso foi antes de me ter mandado *waffles*, de me ter acompanhado à aula, de me ter encantado com as mensagens. Muito antes de eu ter visto este sítio.

Interrogo-me se ele temerá a mesma coisa, pois ao invés de responder, vira-se e entra no que imagino ser o sítio onde dorme. Pelo menos até perceber que continuo demasiado fascinada pelo Klimt — e por todas as restantes coisas fabulosas neste espaço — para o seguir.

Revira os olhos, mas depois volta e encaminha-me gentilmente para o quarto, sem sequer me tocar.

— Anda. Quero que vejas uma coisa.

Sigo-o cegamente. Com o Flint tive momentos de preocupação, receei que não fosse seguro estar sozinha com ele. Tudo em mim grita que o Jaxon é um milhão de vezes mais perigoso do que o Flint e, ainda assim, não sinto a mais leve trepidação por estar sozinha com ele no quarto. Por estar com ele onde quer que seja, por fazer o que for com ele.

Não sei se isso faz de mim uma parva ou uma excelente avaliadora de caráter. Não que interesse, pois as coisas são como são.

O Jaxon para junto à cama e pega no cobertor vermelho grosso dobrado sobre o colchão. Depois tira um par de luvas da primeira gaveta da cómoda e atira-mas.

— Calça-as e vem.

— Vou onde? — pergunto, confusa. Mas faço o que ele me pede e enfio as mãos nas luvas.

Ele abre a janela e o ar gelado invade o quarto.

— Não estás a falar a sério. Nem penses que vou lá para fora. Congelo.

Ele olha para trás e pisca-me o olho. Ele *pisca o olho*.

— O que foi isso? — pergunto-lhe. — Desde quando é que tu piscas o olho?

Não tenho resposta além de um rápido franzir de lábios. Depois sai pela janela e pousa no parapeito um metro abaixo da torre.

Devia ignorá-lo, devia dar meia-volta e sair deste quarto, afastar-me de qualquer rapaz que julga que sou tola a ponto de ir para um telhado do Alasca em novembro, só com uma camisola de capuz para me aquecer. É isso que eu *devia* fazer.

Claro que isso não implica que o faça.

Porque, pelos vistos, quando estou com este rapaz perco qualquer bom senso que tenha. E esse perder do bom sendo leva a que faça exatamente o que não devia fazer — neste caso, seguir o Jaxon para fora da janela e para a laje mais abaixo.



33

Não é só a Madonna que tem uma estrela da sorte

Assim que desço para junto dele — ou melhor, assim que ele me poussa com todo o cuidado por causa do tornozelo que ainda me dói —, o Jaxon envolve-me com o cobertor, cabeça e tudo, pelo que só fico com os olhos de fora. E, verdade seja dita, não sei de que é feito o cobertor, mas assim que estou enrolada, deixo de tremer. Não estou exatamente quente, mas também não vou morrer por causa da hipotermia.

— E tu? — pergunto-lhe, quando me apercebo de que ele só tem uma camisola de capuz. É grossa, a mesma que usava ontem, quando o vi com a Lia, mas, ainda assim, não é de toda proteção suficiente contra o frio. — Podemos partilhar o cobertor.

Calo-me quando ele se ri.

— Eu estou bem. Não te preocupes comigo.

— É claro que me preocupo contigo. O ar está gelado.

Encolhe os ombros.

— Estou habituado.

— Já chega. Tenho de te perguntar.

Tudo nele fica desconfiado.

— Perguntar o quê?

— És um extraterrestre?

Desta vez são as duas sobrancelhas que lhe saltam até ao cabelo.

— Desculpa?

— És. Um. Extraterrestre? Não acredito que seja uma pergunta assim tão

chocante. Quero dizer, olha bem para ti. — Levanto e baixo um sem o descobrir com o cobertor. É a minha maneira de lhe indicar tudo, dos pés à cabeça.

— Não posso olhar para mim. — É a primeira vez que parece divertido.

— Tu percebes.

— A sério que não. — Inclina-se, deixando os nossos rostos a meros centímetros um do outro. — Tens de me explicar.

— Como se não soubesses que és, basicamente, a pessoa mais gira que existe no mundo.

Ele recua como se lhe tivesse batido, e acho que nem se apercebe de que levou a mão à cicatriz quando diz:

— Pois, está bem.

Ora, vá lá.

— Tens noção de que essa cicatriz te torna *sexy* como tudo, certo?

— Não. — É uma resposta breve. Simples. Até sucinta. E, não obstante, revela muito mais do que aquilo que ele queria que alguém visse.

— Mas torna. *Sexy*. Como. Tudo — repito. — E depois temos a maneira como toda a gente passa *a vida* a lamber-te as botas.

— Nem todos. — Fita-me.

— *Quase* toda a gente. E nunca tens frio.

— Eu estou frio. — Enfia a mão debaixo do cobertor e encosta-me os dedos ao braço. Ele tem razão; está frio. Mas também está longe de gelar, que é o que me aconteceria se ficasse tanto tempo aqui fora só com uma camisola.

Lanço-lhe um olhar e tento fingir que, mesmo com o frio, a mão dele no meu braço não me enche de calor.

— Tu percebes.

— Deixa-me ver se entendi. Porque eu sou a pessoa mais gira do mundo — sorri de esguelha ao dizê-lo —, faço com que toda a gente se ajoelhe perante mim e não costumo ter frio, decidiste que sou um extraterrestre.

— Tens uma explicação melhor?

O Jaxon faz uma pausa e pensa um pouco.

— Por acaso tenho.

— E qual é?

— Podia contar-te...

— Mas depois tinhas de me matar? — Reviro os olhos. — A sério? Agora estamos com deixas velhas do *Top Gun*?

— Não era isso que eu ia dizer.

— Ah não? — É a minha vez de inclinar a cabeça para o lado. — Então o que é que ias dizer?

— *Eu* ia dizer, «Tu não aguentas a verdade».

Está com uma expressão absolutamente grave, mas eu solto uma gargalhada. Não posso deixar de me rir com ele a citar *Uma Questão de Honra*.

— Portanto, és um cinéfilo que gosta de filmes antigos? Ou só gostas de

filmes antigos do Tom Cruise?

— *Blhac*. — Faz uma careta. — Garanto-te que não é a segunda hipótese. Quanto a filmes antigos, já vi uns quantos.

— Portanto, se eu falar de mulheres a passar fome e alguém que faz vestidos com a pele delas, sabes que me refiro...

— Buffalo Bill, do *Silêncio dos Inocentes*? Sim.

Sorrio com a resposta.

— Então, talvez não sejas um extraterrestre.

— *Garantidamente* não sou um extraterrestre.

O silêncio prolonga-se entre nós. Não é embaraçoso. Na verdade, é bom podermos estar só assim por um bocadinho. Mas o frio começa a atravessar o cobertor mágico. Aconchego-me mais e pergunto:

— Vais dizer-me o que fazemos aqui fora?

— Disse-te que te ia mostrar o meu sítio preferido.

— *Este* é o teu sítio preferido? — Olho à volta com uma atenção renovada, determinada a identificar o será que ele gosta tanto neste local para ser o seu preferido.

— Consigo ver a quilómetros daqui, e nunca ninguém me incomoda. Além disso... — Olha para o telefone e depois, deliberadamente, para o céu. — Vais perceber daqui a uns três minutos.

— É a aurora boreal? — pergunto, a trepidação substituída desde logo por entusiasmo. — Tenho andado mortinha por vê-la.

— Desculpa. Para veres as luzes do norte tens de vir para aqui a meio da noite.

— Então o que...? — Calo-me quando o que parece ser uma bola de fogo gigantesca risca o céu. Pouco depois é seguida por outra.

— O que é isto? — interrogo-me em voz alta.

— Uma chuva de meteoros. Não temos muitas, pois elas ocorrem, sobretudo, no verão e quase sempre de dia, por isso não as conseguimos ver. Mas quando há uma no inverno é espetacular.

Arquejo ao ver outros três meteoros a passar, deixando caudas longas e brilhantes na sua esteira.

— Isso é um eufemismo. É incrível.

— Imaginei que pudesses gostar.

— E gosto. A sério. — Olho-o de soslaio, sentindo-me repentinamente envergonhada, embora não saiba porquê. — Obrigada.

Ele não responde, mas não esperava que o fizesse.

Ficamos no parapeito uma boa meia hora, sem falar, sem sequer nos olharmos muito, só a assistir ao espetáculo mais fantástico que alguma vez vi a iluminar o céu. E adoro cada momento.

É estranho, mas estar aqui, a olhar para o vasto céu noturno, sobranceiros às vastas montanhas nevadas, tem qualquer coisa que nos dá uma nova perspetiva do mundo. Recorda-me que sou ínfima no grande esquema das coisas, que os meus problemas e a minha mágoa são efémeros, por mais

dolorosos e omnipresentes que pareçam neste momento.

Talvez fosse essa a intenção do Jaxon quando me trouxe aqui.

O final da chuva brinda-nos com sete ou oito cometas seguidos. Não consigo reprimir os sons de admiração. Quando termina tenho a certeza de que vou ser inundada por uma certa decepção — como o que sentimos no fim de um filme muito bom ou depois de um espetáculo de fogo de artifício. Aquela pontada de desilusão com o fim de algo maravilhoso.

Mas afinal sinto-me... em paz, como não me sentia há muito tempo.

— É melhor entrarmos — acaba por dizer o Jaxon. — Está a arrefecer.

— Eu estou bem. Só quero mais um minuto ou dois, se não te importares.

Inclina a cabeça num gesto que diz é claro.

Há tanto que lhe quero dizer, tantas coisas que já fez por mim neste breve período em que nos conhecemos. Mas sempre que tento invocar palavras, elas não me soam bem. Contento-me com:

— Obrigada.

Ele ri-se, mas o som está completamente desprovido de humor. Não compreendo porquê até que lhe vejo os olhos, mais uma vez completamente vazios. Não gosto disso.

— Porque é que te ris quando te agradeço? — quero saber.

— Porque não tens de me agradecer, Grace, nunca.

— Porque não? Foi muito simpático o que fizeste...

— Não, não foi.

— Ah, foi sim. — Estendo os braços por baixo do cobertor, no gesto universal que significa «olha para isto tudo». — Porque é que não o admites? Aceita o elogio e pronto.

— Porque não mereço o elogio. — As palavras parecem sair-lhe da boca sem autorização, e agora que aqui estão, entre nós, ele aparenta empalidecer. — Estou só a fazer o meu...

— O teu quê? O teu *dever*? — pergunto, e o estômago contrai-se com a ideia. — O meu tio pediu-te que fosses simpático comigo, ou assim?

Ele ri-se, mas o som continua a não ter diversão. Não tem alegria. Apenas um cinismo profundo que me faz lacrimejar outra vez, agora por motivos diferentes.

— Sou a última pessoa a quem o Foster pediria que fosse teu amigo.

Se eu fosse mais polida e me preocupasse menos com ele, seria rapariga para esquecer por completo o assunto. Mas a polidez nunca foi uma das minhas virtudes — sou demasiado curiosa para isso —, portanto, confronto-o.

— E porquê, concretamente?

— Não sou boa pessoa. Não faço coisas *boas*. Nunca. Logo, é ridículo que me elogie de acordo com a tua perceção sobre aquilo que eu faço.

— A sério? — Atiro-lhe um olhar cético. — Porque detesto ter de te dizer, mas alegrar uma rapariga triste é uma coisa *boa*. E levá-la ao colo para o quarto depois de ela ter torcido o tornozelo e afugentar tipos que julgam que é divertido pregar partidas que podem matar, também é. E convencer a

cozinheira a fazer *waffles* para uma miúda magoada. Tudo isso são coisas boas, Jaxon.

Agora parece desconfortável, mas continua sem ceder.

— Não o fiz por ti.

— A sério? Então fizeste-o por quem?

Não tem resposta. Claro que não tem.

— Foi o que pensei. — Sorrio-lhe, toda eu presunçosa e irritante, porque agora posso sê-lo. — Parece-me que vais ter de aceitar que foste um querido. Deixa lá que não te vão queimar na fogueira.

— Eles só queimam bruxas.

Ele soa tão sério que não consigo reprimir uma gargalhada.

— Então estamos salvos.

— Não te fies nisso.

Faço menção de lhe perguntar o que quer dizer com isso, mas, ao mesmo tempo, sou acometida por um arrepio violento. Com ou sem cobertor, está um frio de rachar aqui fora. O Jaxon encarrega-se da decisão.

— Anda. Está na hora de voltar para dentro.

É difícil argumentar quando tenho os dentes prestes a bater. Mas quando olho para a janela por onde saímos não posso deixar de me interrogar:

— Como é que entramos outra vez? Ou, melhor, como é que eu entro outra vez? — Descer um metro de uma janela é uma coisa. Voltar a içar-me é outra completamente diferente.

Mas o Jaxon limita-se a abanar a cabeça.

— Não te preocupes, Grace, eu ajudo-te.

Antes de conseguir perceber o motivo por que essas palavras me fazem arrepiar como um relâmpago, ele agarra-se ao peitoral da janela e entra pela janela. O movimento demora cerca de um segundo e meio e tenho de admitir que fico impressionada. Claro que tudo o que o Jaxon faz me impressiona, quer ele queira, quer não. *Ele* impressiona-me.

Mais, faz-me sentir menos sozinha num período em que a solidão é profunda.

Pouco tempo depois estica o tronco pela janela.

— Dá-me as mãos.

Ergo os braços sem pensar duas vezes e ele agarra-me os antebraços, logo abaixo dos cotovelos, e puxa. Segundos depois entrei pela janela e estou a um dedo ou dois do Jaxon.

Desta vez, os olhos dele não estão inertes. Estão em chamas.

E estão centrados. Em. Mim.



34

Vale tudo no amor e nos terremotos

Retribuo-lhe o olhar, sem saber ao certo o que esperar ou o que fazer. Parte de mim julga que ele vai recuar, mas outra espera que ele não o faça. Parte de mim interroga-se como seria beijá-lo, só que outra acha que deve fugir a sete pés, pois o Jaxon pode não ser um extraterrestre, mas também é diferente de todos os rapazes que já conheci. E sou suficientemente honesta para admitir que, por mais que o queira, nunca serei capaz de lidar com ele.

Acaba por não me beijar. Mas também não recua. Nem eu. Ficamos assim não sei por quanto tempo, com ele a olhar para baixo, eu a olhar para cima e o ar entre nós carregado, pesado, elétrico.

Apesar das minhas reticências, estou mergulhada, cativada por tudo o que o Jaxon é e por tudo o que não é. Espero que ele tome uma iniciativa, mas isso não acontece. Deixa-se ficar a fitar-me, com aqueles olhos negros como a meia-noite, as emoções que raramente mostra a ferverem por baixo da superfície. Faz-me sofrer por ele. Sinto um desconforto físico ao recordar a questão que ele colocou há pouco, a que deu início a tudo isto.

Finalmente tenho palavras — ou, neste caso, a palavra — para lhe responder.

— Irresistível — digo, no momento em que ele começa a retirar-me o cobertor dos ombros.

Imobiliza-se, com o cobertor e as mãos dele a pairarem algures a meio das minhas costas.

— Estás a falar do quê?

— Perguntaste-me como era libertar-me e purgar as emoções como eu fiz há pouco. Por vezes é irresistível, até intimidante. Mas aquilo que fizeste por

mim... Fizeste-me sentir segura como não me sentia há muito. Portanto, obrigada. A sério.

— Grace...

Dou mais um passo, até que o meu peito roça no dele. Não sei o que estou a fazer. Nunca me atirei a um rapaz na vida, e o Jaxon não é um mero rapaz. Estou em terreno desconhecido mas isso não importa. Nada importa, a não ser tocá-lo.

Quero que sinta a força dos meus braços à volta dele, a suavidade do meu corpo contra o dele. E eu quero sentir a sua força quente contra a minha.

Mas ele não está, de todo, quente; apesar do que disse, aquela camisola obviamente não serviu de proteção contra os elementos.

— Jaxon, estás gelado! — Tiro-lhe o cobertor das mãos e passo-o sobre os ombros dele, envolvendo-o por completo. Depois esfrego-lhe os braços tapados com o cobertor, procurando transmitir-lhe algum calor.

— Eu estou bem — garante, tentando recuar.

— É mais do que óbvio que não estás. Nunca senti ninguém tão frio como tu estás neste momento.

— Estou bem — volta a insistir e, desta vez, dá um passo atrás. Aliás, vários passos.

Tudo em mim fica imobilizado.

— Desculpa. Não queria invadir o teu espaço pessoal... — Interrompo-me porque não sei o que mais dizer. Não sei o que fiz de errado.

— Grace... — A voz dele também se desvanece. Nesse momento, parece diferente. Não está confiante, não está divertido, nem sequer está estoicamente silencioso, como na altura em que lhe gritei, no estúdio da aula de arte.

Neste momento, ele parece apenas... vulnerável.

Há desejo nos olhos dele, uma ânsia que nada tem que ver com o facto de me querer, mas sim de precisar de mim. De precisar do meu conforto. De precisar do meu toque.

Sou tão capaz de o negar como sou de saltar desta torre e voar. Por isso sigo-lhe a retirada, dando os passos que devolvem o meu corpo ao contacto com a dureza do dele. Depois tomo-lhe o rosto entre as minhas mãos, afago-lhe o rosto, a cicatriz irregular, com os polegares.

A respiração dele torna-se entrecortada — posso ouvi-la no peito dele, sinto-o contra mim. E, embora o meu coração bata três vezes mais depressa do que o normal, não recuo. Não posso. Estou fascinada, hipnotizada, encantada.

Só penso nele.

Só o vejo a ele.

Só o cheiro, o ouço e o saboreio a ele.

E nunca houve nada que me parecesse tão certo.

— Posso fazer uma pergunta? — Aproximo-me ainda mais, incapaz de me conter. *Sem querer* conter-me.

Por um instante ainda penso que ele possa recuar, mas não o faz. Ao

invés, abre o cobertor e envolve-me também com ele, ficando com os braços em torno da minha cintura. Estamos agora os dois abrigados no seu interior.

— Claro.

— Quem é que aquele esboço do Klimt te fez lembrar quando o compraste?

— A ti — A resposta é célere e honesta. — Na altura ainda não o sabia.

E, de repente, derreto. De repente, este rapaz — este rapaz sombrio, quebrado, devastador — chega a uma parte de mim que nem sabia que ainda existia. Uma parte de mim que quer acreditar; que quer ter esperança; que quer amar.

Quero tocá-lo, agarrá-lo — agarrar-me —, mas não posso. Estou gelada, com medo de desejar em excesso. De precisar demasiado num mundo em que as coisas podem desaparecer de um momento para o outro.

— Grace. — Ele diz o meu nome baixinho, uma oração e um murmúrio, enquanto aguarda pacientemente que o olhe.

Mas não posso. Não agora. Ainda não.

— Alguma vez... — A voz falha-me e respiro fundo, sopro lentamente o fôlego. Depois inspiro outra vez e também o sopro. Volto então a tentar. — Alguma vez quiseste tanto uma coisa que tiveste medo de a tomar?

— Sim. — Assente.

— Tipo, está logo ali, à espera que a agarres, mas tens tanto medo do que possa acontecer quando a perderes que nem tentas tocar-lhe?

— Sim — repete, a voz baixa, grave e tão reconfortante que se entranha em mim.

Ergo a cabeça até que os nossos olhos se encontram.

— O que fizeste? — murmuro.

Ele passa vários segundos sem dizer nada. Sem fazer nada. Só me fita, com olhos tão marcados e quebrados como tudo o resto nele.

— Decidi tomá-la à mesma — responde.

Inclina-se e pressiona os lábios contra os meus.

Não é um beijo apaixonado, não é um beijo bruto, garantidamente não é um beijo selvagem. É apenas o roçar de uma boca na outra, tão gentil como um floco de neve, tão delicado como o pergelissolo que se estende em todas as direções.

Mas, pelo menos para mim, é igualmente poderoso. Talvez ainda mais.

E depois — de repente —, as mãos dele estão nos meus braços, a segurarem-me. Os dedos apertam-me, puxam-me contra ele enquanto a boca enlouquece na minha.

Lábios, língua, dentes, é uma explosão de sensações — um tumulto de prazer, desespero, necessidade, tudo num só — enquanto me toma. Enquanto toma e toma e toma e retribui mais.

Ainda bem que me está a segurar, pois tenho a cabeça a girar e perco a força nos joelhos quando a língua dele encontra a minha — pareço a heroína de um romance de amor. Já fui beijada. Mas nunca um beijo me fez sentir

assim. Pressiono-me contra ele, tento envolver-lhe o pescoço com os braços, mas as mãos dele parecem tornos nos meus bíceps, mantendo-me onde estou. Segurando-me, pelo que só posso aceitar o que ele me dá.

E ele dá muito, a cabeça a menear, a boca a mover-se na minha. Sinto a cabeça leve, os joelhos fracos, e juro que sinto o chão a tremer debaixo dos meus pés. E o beijo continua.

Os tremores pioram e percebo o que se passa um segundo antes de os joelhos me falharem. Não é só o nosso beijo. A terra voltou mesmo a tremer outra vez.

— Terramoto! — consigo exclamar, descolando a boca da dele.

O Jaxon não me ouve à primeira, limita-se a seguir-me os lábios como se quisesse continuar a beijar-me eternamente. E eu quase ignoro, quase me volto a fundir com ele — afinal de contas, sou uma miúda da Califórnia. Se fosse um tremor dos maus, as coisas já estariam a cair das paredes.

Mas o Jaxon deve ganhar consciência do que se passa ao mesmo tempo que eu estou prestes a esquecer, porque não só me larga como, num abrir e fechar de olhos, está no meio do quarto.

Vejo-o a cerrar os punhos junto ao corpo, a inspirar lenta e profundamente e a repetir, enquanto a terra vai tremendo.

— Está tudo bem — garanto-lhe. — É um tremor pequeno, nada que se compare com o desta manhã. Passa num instante.

— Tens de te ir embora.

— O quê? — De certeza que não o ouvi bem. Ele não podia estar a beijar-me como se me quisesse devorar ainda há uns segundos para agora estar a exigir que eu saia daqui com um tom mais gelado do que o ar do exterior. — Está tudo bem.

— Não, não está — cospe ele, o único sinal de emoção que mostra, agora que o rosto e os olhos voltaram a ficar vazios. — Tens. De. Sair. *Daqui!*

— Jaxon. — Não resisto a estender a mão. — Por favor...

De repente, a janela do quarto estilhaça-se, com vidros a voar em todas as direções. O som é o de uma explosão e eu solto um grito estrangulado, quando fragmentos de vidro me acertam por cima da sobancelha, no pescoço, no rosto, no ombro.

— Vai! — grita o Jaxon e, desta vez, parecendo e soando tão descontrolado, não tenho como contrariá-lo.

É então que ele avança para mim, os dedos a fletirem-se e os olhos a arder, quais brasas negras num rosto lívido de fúria.

Viro-me e corro o mais depressa que os meus joelhos fracos conseguem, determinada a chegar às escadas, à liberdade, antes que esta bizarra versão monstruosa do Jaxon me alcance.

Não chego lá.



35

Alasca com gelo é mais do que uma bebida saborosa

Acordo no meu quarto com pensos no pescoço, no rosto e no ombro e sem qualquer recordação de como aqui cheguei.

A Macy está sentada aos pés da minha cama, de pernas cruzadas, o meu tio está junto à porta e uma mulher, que imagino que seja a enfermeira da escola, paira sobre mim. É diferente de todas as enfermeiras que já vi — de cabelo preto pela cintura, unhas vermelho-sangue e rosto severo —, mas tem um estetoscópio ao pescoço e um rolo de gaze na mão.

— Vês, Finn, cá está ela. Eu disse-te que o sedativo não ia durar muito. — Oferece-me um sorriso que, mesmo sendo rasgado e afável, não impede que ela tenha um aspeto completamente intimidante. Pode ser o nariz adunco, mas também pode ter sido o medicamento que disse que me deu. Estou acordada, mas ainda me sinto zozna, como se nada fosse o que parece ser.

— Como te sentes, Grace? — pergunta-me.

— Estou bem — respondo, pois não me dói nada. Na verdade, neste momento estou muito quentinha e azoadada.

— Sim? — Debruça-se sobre mim. — Quantos dedos tenho levantados?

— Três.

— Que dia é hoje?

— Terça-feira.

— Onde estás?

— No Alasca.

— Serve. — Dirige-se ao meu tio. — Vês, eu disse que ela ia ficar bem.

Perdeu algum sangue, mas...

— Jaxon! — A sensação de calor e de leveza desvanece-se quando me debato para me sentar. Não sei como pude esquecer-me. — Ele está bem? Ele estava... — Calo-me quando me apercebo de que não faço ideia do que dizer a seguir. Não sei o que aconteceu naquela torre.

Lembro-me do Jaxon me beijar, e devo lembrar-me para o resto da vida.

Lembro-me do terramoto.

Lembro-me de fugir, embora não saiba porquê.

E lembro-me de sangue. Sei que houve sangue, mas não sei porquê.

— Não te esforces — diz-me a enfermeira com uma palmadinha nas costas da mão. — Se tiveres calma lembras-te rapidamente.

Não me parece que me vá lembrar. Está tudo muito difuso, como se as sinapses ainda não estivessem ligadas como deve ser.

Mas que tipo de sedativo é que esta enfermeira em deu?

— Macy? — Viro-me para a minha prima. — Eu...

— O Jaxon está bem — garante-me.

— Ele salvou-te — explica o meu tio. — Levou-te à enfermeira, a Marise, antes que te esvaíesses.

— Esvair?

— Quando a janela se estilhaçou, o vidro que saltou lacerou-te uma artéria do pescoço. Perdeste muito sangue — responde a Marise.

— Uma artéria? — Levo a mão ao pescoço, e sinto o terror a instalar-se pela primeira vez. Foi assim que a minha mãe morreu antes da ambulância chegar. Hemorragia arterial.

— Está tudo bem — garante-me o meu tio, com a voz baixa e reconfortante. Procura-me a mão e dá-lhe algumas palmadinhas. — Felizmente, o Jaxon estava lá. Ele abrandou a hemorragia e levou-te ao consultório da Marise antes que...

— Antes que eu morresse — completo a frase que ele não é capaz de terminar.

O meu tio empalidece.

— Não penses nisso agora, Grace. Está tudo bem.

Porque o Jaxon me salvou. Outra vez.

— Quero falar com ele.

— Claro — garante o tio Finn. — Assim que tiveres alta.

— Não, quero falar com ele agora. — Começo a espernear debaixo dos cobertores, que parecem agora pesar uma tonelada. — Tenho de saber que ele está bem. Tenho... — As palavras desvanecem-se. Não sei do que preciso, a não ser falar com o Jaxon. Ver o rosto dele, tocá-lo, senti-lo respirar e saber que está mesmo bem.

E também porque vou dar em doida se não descobrir como ele se sente em relação ao beijo que demos. E depressa.

— Calma, jovem. — A Marise assenta a mão firme no meu ombro e faz-me deitar outra vez. — Amanhã falas com o Jaxon. Por agora tens de ficar

aqui a descansar.

— Eu não quero descansar. Quero...

— Eu sei o que tu queres, mas isso não é possível neste momento. Estás fraca. — O ar severo voltou, agora multiplicado por dez. — Acho que não tens noção do quão grave é este ferimento. Tens de te recuperar.

— Sei exatamente o quão grave é uma hemorragia arterial — insisto. O rosto da minha mãe paira-me no pensamento por uns segundos antes de o conseguir fazer dissipar. — Não quero fazer *snowboard* pelo Denali. Só quero falar com o meu...

Calo-me porque estava prestes a chamar meu namorado ao Jaxon, e não, um beijo não quer dizer nada, mesmo que tenha sido o melhor beijo da minha vida. Talvez o melhor beijo na história do mundo... pelo menos até os vidros terem começado a voar.

Tento disfarçar arrancando borbotos do edredão, mas os olhos arregalados da Macy dizem-me que não está a correr muito bem.

De repente, a Marise e o tio Finn também me observam com muito mais atenção, embora nenhum deles teça comentários sobre o meu deslize. A Marise limita-se a tapar-me com o edredão.

— Porta-te bem ou dou-te outro sedativo. E desta vez garanto que ficas a dormir várias horas — diz-me.

A ameaça é real — consigo vê-la nos seus olhos —, pelo que não volto a insistir no Jaxon. Deito-me e ajo como uma boa paciente.

— Eu porto-me bem — garanto. — Não é preciso mais sedativos.

— Veremos. Tens de descansar, e é meu dever proporcionar-te isso. A maneira como lá chegamos depende de ti.

— Ele está bem — afiança-me a Macy quando eu me calo. — A sério, Grace. Ele está ocupado a limpar a confusão na torre.

Ah, pois é. As hemorragias arteriais não são propriamente limpas.

— Foi muito mau? — Sei que é ridículo, mas sinto-me envergonhada por ter sangrado na torre do Jaxon, por ter incomodado tanta gente. — Ele precisa de ajuda?

— Está tudo tratado — indica secamente o tio Finn. — Felizmente, o terramoto só provocou danos mínimos no resto do castelo, por isso está toda a gente no quarto do Jaxon.

— De certeza? — A pergunta destina-se à Macy, não ao tio Finn. Não sei porque estou a ser tão insistente, só sei que, no fundo, tenho a sensação de que há qualquer coisa menos bem. De que o Jaxon está em apuros. Deve ser apenas o medicamento a deixar-me confusa, mas não me consigo livrar desta sensação. Tenho de ter a certeza de que ele está bem.

— A sério, Grace. — Estende a mão do sítio onde se encontra, aos pés da cama, e aperta-me a minha. — Está tudo controlado com o Jaxon. Ele está bem, os aposentos dele ficam bem não tarda e não houve mais feridos com o terramoto. Descontraí-te.

Não me estou a ver a descontraír com o medo a apertar-me o estômago.

Claro que, com toda a gente aqui a pairar, não tenho grande alternativa.

Mesmo não sendo, de todo, o que eu quero fazer, recosto-me nas almofadas. Talvez, se começar a ser mais obediente, a Marise e o tio Finn me deixem em paz por um bocadinho.

— Tens sede, Grace? — pergunta a Marise. — Queres sumo?

Apercebo-me então de que *tenho* sede. Tipo, muita sede mesmo. Não me lembro da última vez que precisei tanto de beber.

— Sim, por favor. Ou água. Pode ser qualquer coisa.

— Comecemos com sumo. O açúcar vai ajudar-te e depois logo vemos.

— Porque é que preciso de açúcar? — pergunto, aceitando a pequena garrafa que ela me dá. Bebo-a de um trago e finjo não reparar no olhar que troca com o tio Finn.

— Posso beber outra?

— Claro. — Aparece uma segunda garrafa na mão, embora possa jurar que ela nem sequer se virou. Mas estou com demasiada sede, pelo que a aceito com um «obrigada» murmurado. Tento beber mais devagar, mas acabo por emborcar tudo de uma vez.

Quando acabo, o tio Finn recebe a garrafa. Depois afaga-me o cabelo com o gesto que me faz sempre pensar no meu pai.

— Sinto muito, Grace — diz.

— Porquê? — interrogo, confusa pelas palavras e pela expressão de mágoa.

— Primeiro, a hipobaropatia, agora um terramoto. Trouxe-te para o Alasca porque queria que te sentisses segura, queria ajudar-te a encontrar um novo lar. Mas tem sido péssimo desde que chegaste.

— Não foi péssimo — garanto-lhe. Ele parece não acreditar e eu pego-lhe na mão. — Quero dizer, o Alasca não podia ser mais diferente de San Diego, mas isso não quer dizer que deteste cá estar. Pensei que fosse detestar, mas não.

Inicialmente, a ideia era descansá-lo, mas quanto mais falo, mais me apercebo de que estou a ser sincera. O Alasca é muito diferente, mas se não tivesse vindo para cá, não teria conhecido o Jaxon. Não teria recebido aquele beijo incrível. Não estaria a morar com a minha prima, a desenvolver uma amizade que tenho a certeza que vai durar o resto da nossa vida.

— Além disso, a hipobaropatia já passou. E em San Diego também temos terremotos. — Sorrio. — Acho que deve ser a única coisa que o sul da Califórnia e o Alasca têm em comum.

— Pois, mas devia ter-te explicado um pouco mais como é o Colégio Katmere. Pensei que a ignorância te mantivesse a salvo.

— Não me parece que uma visita à escola impedisse que me magoasse num terramoto, tio Finn.

O sorriso que esboça denota alguma tristeza.

— Não é isso que eu quero dizer.

Mesmo difuso, o meu radar volta a dar sinal.

— Então, o que queres dizer?

— O que ele quer dizer é que, tal como em qualquer escola, é preciso algum tempo para conhecer os cantos à casa — atalha a Marise, e o olhar que dirige ao meu tio diz que está na altura de os dar a conhecer. — A Macy vai dar-te uma grande ajuda. E tu és inteligente. Acho que não tarda nada vais sentir-te em casa.

Não tenho assim tanta certeza, mas não vou discutir. Isso só vai servir para a reter aqui com o meu tio.

Mudo então de assunto, esperando que os últimos pormenores sobre o meu estado clínico ajudem a tirá-los daqui.

— E os outros golpes? — Levo a mão à face e ao penso que aí tenho. — São graves?

— Não, de todo. Não tarde estão sarados, e nem vão deixar marcas.

— Só no pescoço.

— Sim. — Parece admiti-lo com relutância. — Vais ficar com uma pequena marca no pescoço.

— Bem, acho que sempre é melhor do que a alternativa. — Sorrio-lhe. — Obrigada por cuidar de mim.

— De nada, Grace. Foste uma paciente exemplar.

Veremos se a opinião continua a mesma depois de me esgueirar do quarto durante a noite para ir à procura do Jaxon. Quero estar com ele, certificar-me de que ele não se magoou. E quero saber o que achou do beijo, se continua a pensar nele ou se decidiu que eu não valho o trabalho.

Também quero saber o que aconteceu entre o estilhaçar do vidro e a chegada ao consultório da enfermeira. Ele é o único que me pode contar. Detesto não me lembrar de nada, faz-me sentir indefesa e não gosto dessa sensação. Agrava-me a ansiedade a tal ponto que, se não fosse o sedativo, de certeza que estava à beira de um ataque de pânico.

— É normal ainda ter sono? — pergunto, não por querer dormir, mas porque quero que saiam. Sobre tudo o meu tio.

— É claro — responde a Marise. — Só amanhã de manhã é que o efeito do sedativo deve passar por completo. — Dirige-se ao meu tio. — E se fôssemos embora, Finn? Vamos deixar a Grace descansar. Venho confirmar como está antes de me deitar e, entretanto, a Macy chama-nos se for preciso.

— Com toda a certeza. — A Macy oferece ao pai o olhar mais virtuoso que alguma vez vi, tanto nela como em qualquer outra pessoa. Se não tivesse ficado tão impressionada, e se não estivesse desesperada para que o tio Finn saísse, provavelmente soltava uma gargalhada.

— E tu? — pergunta o meu tio, afagando-me o topo da cabeça. — Não te importas que te deixemos para poderes dormir?

— Claro que não. Era falta de educação dormir convosco aqui, mas estou tão cansada, tio Finn. — Pelos vistos, a Macy não é a única boa atriz.

— Está bem. Vou-me embora. E se viesses comigo, Macy? Podes ir buscar comida para ti e para a Grace à sala de jantar antes de a Marise se ir

embora. — Olha para mim. — Deves ter fome.

Agora que ele fala nisso, por acaso tenho. Estou esfomeada.

— Gostava muito de comer qualquer coisa.

— Nada muito pesado — avisa a Marise. — Sopa e talvez pudim, para começar. Se aguentares isso, depois falamos sobre alguma coisa mais substancial.

— Claro. — A Macy oferece-me um olhar reconfortante e depois dá o braço ao pai. — Anda, pai. Vamos dar de comer à Grace antes que ela adormeça.

O meu tio sai logo atrás dela e eu digo para comigo que tenho de me lembrar de fazer alguma coisa simpática para a Macy, como agradecimento pela ajuda com ele. Tratar da roupa dela durante um mês ou limpar a casa de banho das próximas vezes.

Sinto-me um pouco nervosa por ficar sozinha com a enfermeira, mas ela parece não se importar de me deixar «dormitar», e eu estou disposta a aproveitar-me ao máximo da situação. Agora que o efeito do sedativo já começou a passar, sinto-me como se tivesse sido atropelada duas vezes por um limpa-neves. Imagino que se deva à perda de sangue, por isso não fico preocupada. Mas não deixa de ser preocupante.

Passam-se alguns minutos em silêncio, mas a Marise deve perceber que não estou mesmo a dormir, pois pergunta-me:

— Tens mais alguma dúvida sobre o teu estado, Grace?

— Não — respondo. Mas depois ocorre-me qualquer coisa. — Mas, já agora, quanto tempo para tirar os pontos?

— Pontos? — Ela parece confusa com a pergunta, o que não faz sentido.

— Na lesão arterial? Teve de suturar, não foi? Ou isso só se faz na *Anatomia de Grey*?

— Ah, sim. Claro. — Agora parece apenas desconfortável. — Os pontos que usei na artéria são absorvidos, não te preocupes.

— E os exteriores? Os que fecharam a ferida?

— Também são absorvidos — garante. A resposta parece-me estranha, mas não sou enfermeira, pelo que estou disposta a aceitá-la. Pelo menos até ela continuar. — Já agora, não destapes a ferida. Vai ter comigo amanhã e eu mudo o penso, mas não a destapes sozinha durante pelo menos uma semana.

— Uma semana? E quando posso tomar banho?

— Eu dou-te uma película impermeável para tapares o penso. Assim fica seco, mesmo quando lavares o cabelo.

Parece muito trabalho para uma ferida que devia sarar normalmente, mas não vou levantar problemas. Pelo menos por enquanto. Em vez disso, limito-me a dizer:

— Obrigada. — E desta vez, quando fecho os olhos tento mesmo adormecer.

Mas não resulta, pois por mais zozna que esteja, há qualquer coisa que não bate certo, incluindo o facto de uma enfermeira escolar me ter suturado a

artéria... e ter parecido chocada com a simples referência a pontos. Lá de onde venho, suturar é trabalho de médico.

Claro que estamos no Alasca e a civilização mais próxima fica a noventa minutos de distância. Pelos vistos, a enfermeira do Katmere consegue fazer muito mais do que a normal enfermeira de escola. Talvez seja enfermeira certificada e, por isso, possa prescrever sedativos e tratar de artérias.

Seja como for, fico grata quando a Macy finalmente regressa. Continuo a fingir que estou a dormir até que a Marise saia, mas assim que a porta se fecha sento-me na cama.

— O que é que não me estás a dizer? — pergunto à minha prima, que grita e quase larga o tabuleiro que tem nas mãos.

— Pensei que estivesse a dormir!

— Quis ter a certeza de que a Marise se ia embora. — Destapo-me e giro as pernas para fora da cama, ficando com os pés no chão.

— Tens de te deitar — admoesta-me a Macy.

— O que eu *tenho* é de saber o que realmente me aconteceu — retruco. — Quero dizer, qual a probabilidade de uma janela se estilhaçar assim durante um terramoto e de um bocado de vidro me cortar a artéria? Parece-me muito rebuscado. E depois, a Marise diz-me para não olhar para o ferimento. Porquê?

— Se calhar não quer que tenhas um ataque por ser feio, ou assim.

A Macy pouisa o tabuleiro na secretária dela, mas não se vira para me encarar. Pelo contrário, demora-se com os pratos no tabuleiro até que me apetece gritar. Afinal de contas, será que um par de sopas já aquecidas dá assim tanto trabalho?

Razão pela qual me levanto, ignorando as tonturas, e me dirijo a ela. Mas o quarto começa a girar antes de chegar a meio caminho e levo a mão à parede para me apoiar.

Para um golpezinho sem importância, estou bastante combatida.

A Macy vira-se e grita mais uma vez quando vê o estado em que eu estou.

— Volta já para a cama! — ordena, agarrando-me no braço e passando-o por cima dos ombros. — Anda lá, eu ajudo-te.

— Diz-me a verdade. Cortei mesmo a artéria ou há mais alguma coisa que não me estejam a dizer? — questiono, recusando-me a mexer-me até que ela me responda a, pelo menos, algumas das perguntas que me assolam.

— A tua artéria foi cortada. Eu própria vi o sangue.

— Não foi isso que eu perguntei.

— Pois, mas não sei mais nada. Não estava presente quando o Jaxon te levou à enfermeira. Estava no treino de dança.

— Ah, tens razão. — Suspiro, reprimindo a vontade de arrancar uma madeixa ou duas de cabelo. — Desculpa. É só que me parece que há qualquer coisa de estranho nesta história.

— Não sei, Grace. Para mim faz sentido. Embora ache que andas com um azar terrível. Primeiro o ramo da árvore parte-se e agora a janela. É esquisito.

— Pois é esquisito. Era o que estava a pensar. Quero dizer, as probabilidades não batem certo. Nem sei o que pensar.

— Neste momento? Não tens de pensar em nada que não envolva voltares à cama e dormir. A Marise mata-me se sabe que andas a passear pelo quarto.

— E em relação a isso? — aproveito, enquanto deixo que a Macy me ajude a regressar à cama. — Ela deve ser a enfermeira mais assustadora de qualquer escola.

— Ela não é assim tão má. É só... muito séria.

A caminho da cama pego no estojo que está na minha secretária. Tenho um espelho lá dentro e quero ver os estragos.

— É uma maneira de a descrever, sim.

— Que sopa queres? — pergunta a Macy ao deixar-me numa cama cujos lençóis parecem muito mais esticados do que quando saí de lá. O que não faz sentido, já que a Macy esteve sempre do outro lado do quarto.

— Olha, arranjaste-me a cama?

— O quê?

— A cama. Estava toda revolta quando me levantei.

— Ah, sim. Eu, ah... — Desloca a mão horizontalmente, numa espécie de movimento de alisamento.

— Quando? — Devo estar pior do que imagino. Nem sequer a vi chegar-se à cama.

— Foi quando estavas apoiada à parede. Fechaste os olhos um minuto inteiro e não te quis incomodar enquanto recuperavas.

Mais uma vez, isto não me soa bem. Tenho a certeza de que ela se dirigiu de imediato a mim assim que se apercebeu de que eu estava de pé. Claro que a drogada aqui sou eu, ao passo que ela está na posse de todas as faculdades. E será que isso interessa? Não foi a cama que se fez sozinha.

— Pois, obrigada — agradeço, enquanto ela me abre a cama.

— Na boa. — Mas ela parece pálida ao dirigir-se ao tabuleiro. — Trouxe sopa de batata, canja e creme de milho. Não sabia que tipo de sopa gostas.

— Sinceramente, estou com tanta fome que como qualquer coisa. Escolhe o que queres e dá-me o que sobrar.

— Hum, não. És tu que estás doente.

— Exatamente. Estou tão drogada que não interessa. Além disso, a única sopa de que não gosto mesmo é a de tomate, portanto, podes dar-me uma qualquer.

Acaba por me entregar o caldo de milho e uma tala de fruta em conserva — desta vez são pêssegos.

Devoro meia tigela em três minutos. A Macy come mais lentamente. Dá duas colheradas e depois pergunta:

— Olha lá, afinal o que estavas a fazer no quarto do Jaxon? Se bem me lembro, ele andava a evitar-te.

Não quero contar à Macy que estava a chorar. Não quero que ela se preocupe comigo e, sobretudo, não quero que pense que não tem sido

maravilhosa desde que cheguei, porque não podia pedir mais dela.

— Estávamos a conversar e ele ofereceu-se para me mostrar a chuva de meteoros.

— A chuva de meteoros? Não tens uma desculpa melhor?

— É a verdade. Foi lindo. Nunca tinha visto uma assim tão brilhante.

Continua com uma expressão cética.

— E como é que viram uma chuva de meteoros dentro do quarto dele?

— Estávamos na laje *fora* do quarto. Tínhamos voltado a entrar quando houve o terramoto.

— O terramoto.

— Pois, o terramoto. Sabes, aquela coisa do *abandar da terra* que aconteceu por volta das cinco e meia da tarde. Deve ter sido uma réplica do abalo desta manhã.

— Ah, sim, eu sei do terramoto. Todos o sentimos.

— Então porque é que parece que achas que estou a ficar maluca?

— Não é isso. Estava só a pensar... Quero dizer, se calhar é uma parvoíce, mas, o que é que tu e o Jaxon estavam a fazer quando houve o terramoto?

Fico paralisada com a questão, e o meu olhar fixo na parede atrás da cabeça da minha prima. Mas não interessa para onde olho, pois sinto o rosto a arder.

— Ai meu Deus. Estavas... — Baixa o tom da voz. — Estavas *enrolada* com ele?

— O quê? Não! É claro que não! — Tenho a certeza de que as minhas bochechas passaram de cor-de-rosa para vermelho-vivo. — Estávamos...

— A fazer o quê?

— A beijar-nos. Ele estava a beijar-me, está bem?

— Só isso? Um beijo?

— É claro que era só isso! Ainda nem há uma semana o conheço.

— Pois, mas parecia que devia ser mais do que isso.

— O quê? Quero dizer, nem sei se ele gosta de mim.

A Macy ainda faz menção de dizer alguma coisa, mas deve ter reconsiderado, porque acaba por se limitar a abanar a cabeça e a fitar a sopa como se, de repente, fosse a coisa mais interessante do mundo.

— A sério? — imploro. — Não podes fazer isso. Eu respondi-te às perguntas todas. Tens de responder às minhas!

— Eu sei. É só que... — Interrompe-se quando batem à porta. Tinha de ser. — Deve ser o meu pai a ver como estás — aventa, levantando-se. — Ele não tem jeito para ficar à espera, sobretudo quando alguém de quem gosta está doente.

Pouso o resto da minha sopa na mesa de cabeceira e afundo-me para baixo dos cobertores.

— Parece-te mal se fingir que estou a dormir? Não me apetece falar com mais ninguém.

— Claro que não. Finge à vontade. Eu deixo-o ver-te e depois expulso-o.

— És a melhor colega de quarto do mundo.

Fecho os olhos e deito-me de lado, virada para a parede, enquanto a Macy abre a porta. Ouço quem está do outro lado a murmurar, mas não percebo o que é dito.

Mas deve ser o meu tio, pois ela responde:

— Ela está bem. Comeu sopa e agora está a dormir.

Mais murmúrios da voz grave e depois a Macy adianta:

— Queres entrar e confirmar? A enfermeira Marise deu-lhe uma boa dose de medicamentos. Continua sob o efeito do sedativo.

Segue-se mais um pouco de conversa e depois a Macy fecha a porta.

— A costa está livre — diz ela, mas a voz parece absorta.

— Olha, desculpa se te obriguei a mentir ao teu pai. Se o quiseses chamar...

— Não era o meu pai.

— Oh. Então, quem era? O Cam?

— Não. — Parece abalada quando admite: — Era o Jaxon.

Salto na cama pela terceira vez esta noite.

— O Jaxon? Ele esteve aqui? Porque não o deixaste entrar? — Atiro os cobertores para trás e levanto-me da cama, perscruto o quarto à procura dos meus. Converse, mas não os vejo.

— Eu convidei-o. Foi ele que recusou.

— Porque lhe disseste que eu estava a dormir. — Desisto da caça aos ténis e encaminho-me para a porta.

— Onde vais? — guincha a Macy.

— Onde é que achas? — Abro a porta. — Vou à procura do Jaxon.



36

Tudo bem, tudo mal

Saio a correr do quarto, imaginando que vá alcançar o Jaxon algumas portas mais à frente. Mas o corredor está vazio. Claro que ele não pode ter ido longe, pelo que corro na direção da escadaria principal. Na pior das hipóteses, já sei onde é o quarto dele, apesar de, neste momento, dever lá estar uma equipa de limpeza.

Encontro-o, por fim, nas escadas, a descer três degraus de cada vez. Mas não está sozinho — o Liam e o Rafael acompanham-no, e parecem ter bastante pressa.

Porventura devia deixá-los ir, mas foi ele que me procurou indo ao meu quarto, não o contrário. O que significa que queria falar comigo.

É essa ideia que me leva a chamá-lo enquanto me dirijo ao patamar.

Ele para. Estacam os três e ficam a olhar-me com a mesma expressão vazia. Tenho um segundo para tentar absorver o impacto direto de tanta beleza e intensidade masculina — é mesmo muito — antes do Jaxon correr escadas acima.

O Liam e o Rafael ficam paralisados por um segundo, as expressões bloqueadas naquele vazio que estou a começar a detestar. Mas depois acenam-me os dois, e o Rafael acrescenta um polegar erguido. Em seguida viram-se e descem as escadas.

— O que fazes aqui? — interroga o Jaxon, que chega à minha frente num abrir e fechar de olhos. Mas a expressão já não está vazia. Agora está lívido, num misto de aversão própria e remorso, os olhos um negro incandescente que me faz arrepiar pelos piores motivos.

— A Macy disse que estavas à minha procura.

— Não estava à tua procura. Fui confirmar se estavas bem.

— Ah. — Abro os braços e encolho ao de leve os ombros. — Bom, como podes ver, estou bem.

O Jaxon solta um ronco.

— De certeza que é uma questão de opinião.

— O que queres dizer com isso?

— Quer dizer que parece que vais cair a qualquer momento. Não sei o que te passou pela cabeça para andares por aí pelos corredores depois de quase te teres esvaído em sangue. Volta para a cama.

— Não quero voltar para a cama. Quero falar contigo sobre o que se passou esta tarde.

«Vazio» não chega para descrever como fica a sua expressão. Vai além disso, chega ao ponto de não ter absolutamente nada. Não há qualquer sinal do Jaxon com quem vi a chuva de meteoros. Garantidamente, não há sinal do rapaz que me beijou até me cederem os joelhos e o coração quase explodir.

Parece um estranho. Um estranho gelado e desprovido de quaisquer emoções, alguém que só pretende ignorar-me.

— Magoaste-te. Foi isso que aconteceu — responde.

— Não foi só isso que aconteceu. — Procuro-lhe o braço. Quero tocá-lo, senti-lo, mas ele afasta-se antes que os meus dedos lhe cheguem a roçar a camisa.

— É a única coisa que aconteceu que interessa.

Au. O coração cai-me aos pés, enquanto me debato para apreender que ele está a meter o nosso beijo no saco de tudo o que *não* interessa.

Durante alguns segundos não sei o que dizer. Mas depois faço a grande pergunta que me tem incinerado o cérebro desde que acordei.

— E *tu*, estás bem?

— Não é comigo que te deves preocupar.

— Mas eu preocupo-me contigo. — É muito para admitir, sobretudo porque ele está a esforçar-se por apagar tudo o que se passou entre nós, mas não deixa de ser verdade. — Pareces...

Sustém-me o olhar.

— O quê?

— Não sei. — Encolho os ombros. — Que não estás bem.

Desvia o olhar.

— Estou ótimo.

— Certo. — É óbvio que ele não quer falar comigo neste momento, por isso recuo. — Acho que eu...

— Desculpa. — A palavra parece ser-lhe arrancada.

— Pelo quê? — O pedido de desculpas surpreende-me.

— Não te protegi.

— De um *terramoto*?

O olhar dele volta ao meu e por um instante, um breve segundo, vejo-lhe algo nos olhos. Algo poderoso, algo terrível, algo que tudo consome. Mas

desaparece com a mesma rapidez que surgiu e ele volta a não mostrar nada.

— De muitas coisas.

— Segundo percebi, salvaste-me a vida.

Ele funga.

— O problema é esse. Não percebes grande coisa. Razão pela qual devias voltar ao teu quarto e esquecer o que aconteceu.

— Esquecer o terramoto? — pergunto. — Ou esquecer que me beijaste?

— Não sei onde fui buscar a coragem para o dizer mas, a verdade é que é mais desespero do que bravura. Tenho de saber o que é que o Jaxon está a pensar e porquê.

— Esquece tudo — responde.

— Sabes bem que isso não vai acontecer. — Volto a procurá-lo e, desta vez, ele não se desvia. Em vez disso vê-me a pousar a minha mão no seu ombro, esperando que o contacto lhe lembre do que sentiu quando me tocou. Esperando conseguir quebrar as barreiras que ele criou entre nós.

— Pois, olha, vai ter de acontecer. Não fazes ideia do que fizemos.

— Beijámo-nos, Jaxon. Foi só isso que fizemos. — A sensação foi monumental, importante, ainda a sinto, mas, no grande esquema das coisas, não passou de um beijo.

— Estou sempre a dizer-te que as coisas não funcionam assim por aqui.

— Passa a mão pelo cabelo, num gesto de frustração. — Será que não entendes? Desde que chegaste aqui que não passas de um peão, uma peça de xadrez que se desloca pelo tabuleiro de modo a obter o resultado desejado. Mas agora... Agora, as coisas estão mais sérias. Isto já não é um jogo.

Ele até pode querer que as palavras sejam alertas, mas parecem muros.

— Eu fui um jogo para ti?

— Não me estás a ouvir. — Os olhos ficam incandescentes com o esforço de reprimir emoções que eu não consigo sequer começar a decifrar, por mais que o deseje. — As coisas mudaram desde que te beijei. Desde que ficaste magoada. Já corrias perigo, mas agora... — Cala-se, o maxilar cerrado, a garganta a engolir em seco. Depois conclui: — Agora foi como se te pusesse um alvo nas costas e desafiasse alguém a dar um tiro.

— Não percebo. Tu não *fizeste* nada.

— Eu fiz *tudo*. — Depois mexe-se, rápido como uma das estrelas cadentes de ontem, até deixar o rosto junto ao meu. — Ouve-me. Tens de te afastar de mim. Eu *tenho* de me *afastar* de ti. Só assim vais sair viva deste colégio.

As palavras provocam-me um arrepio, fazem-me a boca ficar seca e as mãos húmidas. Mas, não consigo afastar-me. Não com ele aqui.

— Jaxon, por favor. Não estás a fazer sentido.

— Só porque te recusas a perceber. — Recua. — Tenho de me ir embora.

As palavras ficam no ar entre nós, negras e sombrias, mas ele não se mexe. Só se deixa ficar, a mirar-me com um olhar torturado.

Portanto sou *eu* que faço alguma coisa. Avanço até que os nossos corpos praticamente roçam um no outro.

Não é muito, mas basta para sentir o calor a inflamar-se-me no estômago e a eletricidade a crepitar baixo da pele.

— Jaxon. — Murmuro-lhe o nome porque as minhas cordas vocais esqueceram-se de como trabalhar. Ele não me responde, mas também não se mexe.

Deixa-se ficar a olhar para mim por um ou dois segundos, os olhos fixos nos meus. O corpo a pressionar-se contra o meu.

Volto a murmurar-lhe o nome e isso quase que basta. Vejo-o a vacilar, sinto-o a pender para mim.

Mas então desperta, a voz aguçada como vidros partidos quando me diz:

— Afasta-te de mim, Grace. — Vira-se, desce os degraus aos três de cada vez, e só para quando está no patamar, a três metros de mim. Depois, sem se virar, remata: — Só assim consegues sair viva deste colégio.

— Isso é uma ameaça? — pergunto, mais abalada do que estou disposta a admitir tanto a ele como a mim.

— Eu não faço ameaças. — O «não preciso» paira no ar entre nós.

Antes que lhe possa responder, o Jaxon leva as duas mãos ao balaústre de ferro e salta por cima. Solto um grito estrangulado e corro para a beira das escadas, temendo ver o seu corpo partido lá em baixo. Mas não só ele não está espraído três pisos mais abaixo, como não está em lado nenhum. Esfumou-se.



37

Se não aguentas a resposta, não perguntes

Passo vários segundos a olhar para o sítio onde o Jaxon devia estar, mas não está. Não pode ter simplesmente desaparecido. É impossível.

Começo a descer da maneira prudente, mas mal dei quatro passos e tenho alguém a chamar por mim.

— Ó Grace! Onde vais?

Viro-me e vejo a Lia está a atravessar o patamar na minha direção. Está vestida de preto, como de costume, e tem um ar rebelde mas chique e feminino, ao mesmo tempo. Como também é habitual.

— Queria falar com o Jaxon, mas ele é muito rápido para mim.

— Isso não é novidade. Quando não quer ser apanhado, o Jaxon é demasiado rápido para toda a gente. — Pousa a mão ao leve no meu ombro. — Mas, Grace, querida, estás bem? Pareces um bocado em baixo.

Deve ser o eufemismo do ano, por isso limito-me a abanar ligeiramente a cabeça.

— Foi um dia esquisito. E comprido.

— É sempre assim, quando o Jaxon está envolvido — ri-se ela. — Precisas de mais uma chávena do meu chá e de tempo só de amigas. Devíamos pensar nisso.

— Sim, podes crer.

— Entretanto, se calhar devias ir à procura do Jaxon. Caso contrário, sabe-se lá quanto tempo é que vai andar amuado.

É a minha vontade, a sério. Mas não faço ideia para onde ele foi ou se ainda está no castelo. Não posso ir à procura dele para a rua de pijama.

Razão pela qual acabo por suspirar e dizer:

— Acho que, por agora, vou voltar para o meu quarto. Vou tentar enviar-lhe uma mensagem.

— Sim, claro, também *podias* fazer isso. — Ela soa um pouco condescendente, mas talvez seja eu que estou irritadiça. E é por isso que tento não ficar incomodada quando ela me diz: — Anda, deixa-me ajudar-te a voltar ao quarto. Pareces pronta a cair a qualquer momento.

Sinto-me pronta a cair a qualquer momento, mas acho que isso só a mim me diz respeito. Sobretudo nesta escola, onde a fraqueza física parece ser um defeito de personalidade.

Assim, em vez de lhe responder, olho mais uma vez para as escadas onde o Jaxon desapareceu. Continuo sem o ver, por isso, sigo caminho. Mas a Lia parece certa de que vou mesmo cair a qualquer momento, pois segue a meu lado, a mão levantada como se preparada para me segurar. Algo que não vai, de todo, acontecer. Esta semana já causei problemas que cheguem para o resto da vida.

— E então, o que se passa? — pergunta-me, enquanto regressamos lentamente ao meu quarto. — Andei à tua procura durante o jantar, mas não estavas lá.

— Ah, pois. Tive um... pequeno acidente.

— Estou a ver que sim. — Olha para os pensos que me cobrem várias superfícies visíveis. — Foi grave? É que parece que andaste à porrada com um urso polar. E perdeste.

Abano a cabeça a rir-me.

— Uns vidros que saltaram com o terramoto de há pouco, nada de especial.

— Ah, pois. O terramoto. — Observa-me por um instante. — Sabes, desde que chegaste, já tivemos mais tremores de terra do que no ano passado todo. Começo a pensar que os trouxeste contigo, miúda da Califórnia.

Fungo.

— Pois, já tive essa discussão hoje. Mas olha que nunca fiquei assim magoada com um tremor de terra na Califórnia.

— Ah sim? Pois, sabes o que dizem do Alasca.

— A Norte está o Futuro? — respondo, citando o lema estatal que encontrei online quando andei a pesquisar sobre o Estado.

Ela ri-se.

— É mais tudo o que existe aqui foi concebido para te matar em dez segundos ou menos.

— Pensava que isso se referia à Austrália?

— Imagino que se refira a qualquer sítio cujo nome comece e acabe em A.

— Sorri, mas o tom das palavras lembram-me quão mal as coisas podem correr aqui. Posso ter caído de uma árvore e ter sido cortada por vidros desde que aqui cheguei, mas a Lia perdeu o namorado. E o Jaxon perdeu o irmão.

— Como estás? — pergunto ao aproximarmo-nos do meu quarto.

— Eu? — Parece sobressaltada. — Tu é que ficaste cortada.

— Não estou a dizer fisicamente. Refiro-me... — Inspiro fundo e solto o fôlego lentamente. — Quanto ao Hudson. Como estás?

Por um segundo, um mero segundo, os olhos lampejam de fúria. Imensa, pura, infinita. Mas depois pestaneja e surge uma expressão meiga e agradável que, não sei porquê, é um milhão de vezes pior do que a fúria anterior.

— Vou andando — responde ela, com um sorriso estranho que me suscita uma comiseração profunda. — Quero dizer, não estou bem. Nunca vou ficar bem. Mas já percebi como dizer não, e isso já é alguma coisa.

— Dizer não?

— Pois, já falámos sobre isto. Toda a gente quer que eu siga em frente e eu não consigo. Dizem-me que nada tem de mudar, que o Jaxon é um substituto perfeito...

— O Jaxon? — Sinto o corpo a ficar hirto quando ouço o nome dele associado ao dela. Não pode estar a falar a sério, pois não?

— Eu sei. É absurdo. Ele e o Hudson são tão diferentes. E eu não quero saber de política, nem de dinastias familiares, mesmo que isso lhe interesse. Só quero o Hudson de volta.

Fico abalada ao saber que é suposto ela e o Jaxon estarem juntos — e com a implicação de que *ele* está disposto a alinhar nisso. Mas ela parece tão frágil ao dizê-lo, tão vulnerável, que sinto um aperto no coração por ela.

Para além disso, o que ela acabou de dizer não faz sentido. A forma como ele me abraçou. A forma como ele me beijou. Não o fez como alguém que está a pensar noutra rapariga. Fê-lo como alguém tão desesperado por mim como eu por ele.

Sim, ele tentou voltar atrás ainda há pouco, nas escadas, mas não se pode voltar pura e simplesmente atrás com uma coisa destas. Nunca me senti tão próxima de ninguém na vida, e podia jurar que ele também não.

Então, o que quer isto dizer? Onde quer a Lia chegar? E porque está ela a falar *comigo*?

Não tenho respostas para essas perguntas e duvido muito que as vá encontrar no meio do corredor. Sobretudo com a combinação de sedativo e perda de sangue a toldar-me o cérebro, a fazer-me sentir como se tivesse perdido metade do corpo.

Se virmos as coisas pelo lado positivo, finalmente chegámos ao meu quarto e ao da Macy. Sinto-me exausta e mais do que pronta para voltar para a cama. Também estou mais do que pronta para me afastar da Lia, pelo menos até perceber se estou a ser paranoica ou ela está a tentar avisar-me subtilmente para me afastar por considerar que o Jaxon lhe pertence.

Se for a segunda hipótese está com azar. Já sinto uma ligação com ele. É estranho, eu sei, sobretudo se tivermos em conta que passámos tanto tempo a espingardear um com o outro como a falar, mas quanto mais estou com o Jaxon, mais quero estar. É como se houvesse qualquer coisa a empurrar-me para ele, a fazer-me querê-lo. Nem pensar que a conversa dela sobre toda a gente querer que fiquem juntos por motivos *familiares* vai alterar seja o que

for.

Levanto a mão para bater — estava com tanta pressa de alcançar o incrível e esquivo Jaxon Vega que me esqueci da chave —, mas a porta abre-se antes que os meus dedos toquem na madeira.

— Ah, cá estás tu! — exclama a Macy. — Ia mesmo agora à tua...

Cala-se ao ver a Lia atrás de mim.

— Oh, olá, Lia. — Alisa nervosamente o cabelo. — Como estás?

— Estou bem — diz a Lia, absorta, virando-se depois para mim com uma expressão preocupada. — Descansa, sim, Grace? Amanhã venho ver como estás. Trago-te uma infusão que é uma mistura especial para te ajudar a melhorares mais depressa.

— Não te incomodes. — Passo pelo cortinado de contas para o interior do quarto. — Mas obrigada por me acompanhares.

— Não tens de agradecer. E o chá não incomoda. — Oferece-me um sorriso doce. — Descansa.

— Eu descanso. Obrigada. — Não me dou ao trabalho de sorrir.

— Obrigada por a trazeres de volta — agradece-lhe a Macy com um sorriso de gratidão que traz o meu outra vez aos lábios.

A Lia ignora-a.

— Se quiseses posso trazer-te o chá agora, Grace.

— Está tudo bem. — Aceno-lhe à laia de despedida, enquanto me deixo cair na cama. — Acho que vou dormir.

Para prová-lo deito-me na cama acabada de fazer outra vez e viro-me para a parede, de costas para a porta e para a Lia. Sei que não é propriamente educado, mas, neste momento, não quero saber. Estou *tão* farta desta conversa e, por agora, também estou farta da Lia. Não só por causa da história do Jaxon, mas porque não gosto da maneira como ela trata a Macy. Não suporto como ela é brusca com a minha prima, como se ela fosse um cachorrinho irritante a morder-lhe os calcanhares.

Ouçó murmúrios. Imagino que seja a minha prima a desculpar-se pelo meu comportamento grosseiro. Depois a porta fecha-se devagar.

Volto a virar-me de imediato e dou de caras com o saco de biscoitos e o copo de sumo fresco que a Macy me deixou na mesa de cabeceira.

— És mesmo a melhor prima do mundo — digo-lhe, sentando-me. — Tens noção disso, certo?

— Tenho — responde, sentando-se na cama ao meu lado. — Como te sentes?

— Queres a verdade?

— Sempre.

— Péssima. Devia ter-te dado ouvidos. — Mas é parvo. E detesto isto. Limitei-me a correr atrás do Jaxon e sinto o corpo fraco, exausto.

— Jura. — Pega no copo e oferece-mo. — Bebe lá, fofa.

É a primeira vez que penso na quantidade de sangue que devo ter perdido. É isso que me leva a aceitar o copo e a emborcá-lo em dois tragos. É

também o que me faz comer um biscoito, mesmo tendo o estômago às voltas, e comida é a última coisa que me apetece.

A Macy não tira os olhos de cima de mim, sorrindo em aprovação quando consigo engolir um segundo biscoito, juntamente com um copo de água.

— E então, vais-me explicar como é que saíste daqui à procura do Jaxon e voltaste com a Lia? — pergunta depois de eu engolir tudo.

— Não há muito a contar. O Jaxon fez o que sempre faz.

— E isso foi?

— Desapareceu.

A Macy assente.

— Pois.

Penso na expressão no rosto do Jaxon, enquanto eu tentava falar com ele no topo das escadas, depois recorro aquilo que a Lia deixou «escapar».

Lembro-me de como o Jaxon conseguiu ajudar-me sempre que me aconteceu alguma coisa má. E penso em como é tão fácil para ele desaparecer, uma e outra vez.

É quanto baste para que o meu cérebro já atordoado peça misericórdia.

— Devíamos dormir — sugere a Macy, e, pela primeira vez, reparo que ela está de pijama. — Já passa das duas da manhã.

— É assim tão tarde? Quanto tempo estive fora?

— O suficiente. — Abraça-me e desce da minha cama. — Vê se descansas. Amanhã continuamos a falar sobre os altos e baixos do cérebro do Jaxon Vega.

Assinto e tento fazer o que ela sugere. Mas não consigo deixar de pensar em como é tarde. E no tempo que perdi. Se são mesmo — pego no telemóvel para ver as horas — 2h31 da manhã, devo ter estado muito mais tempo fora do que imaginei.

Tenho algumas mensagens da Heather — sobre como cálculo matemático é uma treta e como gostava de conseguir arranjar coragem para falar com a Veronica, a mais recente paixoneta. Respondo-lhe com duas mensagens. Não refiro a minha recente experiência de quase morte, limito-me a encorajá-la em relação à Veronica e a cálculo. E faço algumas queixas sobre o Jaxon.

Ela não responde — se calhar porque estamos a meio da noite. Por isso perco uns minutos a ver o meu *feed* do Instagram. Olho, absorta, para as imagens e não consigo deixar de pensar nesta tarde. Interrogo-me quanto ao que aconteceu enquanto estive inanimada.

O que foi que a Marise disse? Que o Jaxon me levou até ao consultório dela e ela me drogou para poder tratar do «golpe» na artéria? Ou haverá mais alguma coisa por trás desta história, algo que justifique o nervosismo do meu tio e a determinação do Jaxon em manter uma distância entre nós?

São estes pensamentos que me levam a fitar o teto até quase às três da manhã.

São estes pensamentos que acabam por me levar à casa de banho, onde fecho a porta entre mim e a Macy.

E são estes pensamentos que me fazem descolar o penso em que prometi não mexer durante, pelo menos, alguns dias e olhar para o golpe no meu pescoço.

Ou melhor, para as duas marcas de perfuração, perfeitamente redondas e espaçadas, cerca de dois dedos abaixo de um corte irregular.



38

Nada diz «eu amo-te» como um par de presas no pescoço

Escusado será dizer que já não durmo.

Não faço nada, além de confirmar e reconfirmar o pescoço umas duas mil vezes nas duas horas seguintes, enquanto aguardo que o resto das drogas — e aquilo que espero seja algum tipo de alucinogénio esquisito — deixe de fazer efeito.

Porque se isto não for uma alucinação provocada por drogas, o que menos me preocupa são golpes nas artérias.

Parte de mim quer levantar-se e ir dar uma volta para clarear as ideias, mas a memória do que aconteceu na outra noite continua bem presente. Depois do dia que tive, e daquilo que acabei de ver ao espelho, se alguém me tenta agredir esta noite sei que vou perder a cabeça. Sobretudo quando vejo que a Lua ainda vai bem alta no céu.

Não que isso devesse importar num mundo normal, mas desde que aqui cheguei que o «normal» passou a ser uma memória distante. Pensar nisso leva-me a passar os dedos pelo penso que tenho no pescoço e a mente volta a ferver, enquanto tento descortinar o que pode ter causado as marcas de perfuração na pele.

Claro que se estivesse num romance de terror haveria uma explicação óbvia para marcas tão certinhas e alinhadas. Mas não sou o Bram Stoker, e isto não é a Transilvânia, pelo que tem de haver outra razão.

Uma cobra? Duas injeções no pescoço? Uma piada muito parva?

Alguma coisa tem de ser. Só ainda não percebi o quê.

O facto de não me conseguir esquecer do aviso do Jaxon quanto à Lua cheia e o comentário sarcástico sobre o Marc e o Quinn serem animais não ajuda à lógica. Nem o aviso da Macy quando ao facto do Flint e o Jaxon virem de mundos distintos e serem demasiado diferentes para alguma vez poderem dar-se bem.

Têm de ser as drogas, certo? Não pode ser outra coisa.

Aquilo que me anda a bailar na mente é totalmente absurdo. Sem pés nem cabeça. Não existem monstros, só pessoas que fazem coisas monstruosas.

Como esta.

Se a Marise não me deu um par de injeções no pescoço, então isto *tem* de ser uma partida. O Jaxon *tem* de estar a meter-se comigo. Tem de ser. Não há outra explicação razoável.

É a esta ideia que me agarro nas duas horas seguintes, o mantra que vou repetindo constantemente para mim mesma. Não obstante, assim que o meu despertador toca às seis da manhã, levanto-me e vou para o chuveiro tendo o cuidado, tal como me foi dito, de não molhar o penso que tenho no pescoço.

Afinal de contas, o que é que eu sei acerca de dentadas de vampiro? Não quero agravar esta coisa...

Não que seja uma dentada de vampiro. Estou só a dizer que neste momento não tomo nada como garantido.

Depois de vestir a saia preta, *collants* pretos e, desta vez, um polo roxo, arranjo o cabelo de maneira a tapar o penso do pescoço e o corte na face. Pego no casaco com capuz forrado e saio do quarto antes sequer de o alarme da Macy tocar. Parte de mim quer acordá-la e fazer-lhe a pergunta que se gravou na minha mente, mas não quero que ela me minta.

Também não sei se quero que ela me diga a verdade.

O Jaxon, por outro lado... Se ele me mente, acreditem que lhe vou trespassar aquele coração negro aguçado. E sim, eu sei que isto não faz sentido. Mas neste momento, não quero saber.

Marcho, decidida, pelo colégio. O facto de ainda estar um pouco zozza — mas quanto sangue é que *perdi*, afinal? — torna as coisas particularmente interessantes, mas não vou ficar mais um segundo que seja na cama, à espera para falar com ele.

Chego à torre em cinco minutos certos, o que deve ser uma espécie de recorde, tendo em conta que fica na outra ponta do castelo. Mas quando atravesso a alcova e vou esmurrar a porta do Jaxon, ninguém abre.

Continuo a bater. Como ninguém abre, envio-lhe uma mensagem. E ligo-lhe. E depois bato mais um pouco. Porque isto não pode estar a acontecer. Ele não pode estar ausente no momento em que mais preciso de respostas dele.

Só que, pelos vistos, até pode. Bolas.

Frustrada, irritada e mais preocupada do que quero admitir, sento-me num dos cadeirões da alcova de leitura e olho para a janela que deu início a tudo isto, que agora se encontra tapada com tábuas, de modo a poder fingir que não reparei que o tapete que ali estava ontem desapareceu.

Depois, recosto-me e preparo-me para fazer uma espera ao Jaxon Vega.

Um quarto de hora depois já trepo paredes. Meia hora depois estou a enviar uma mancheia de mensagens desagradáveis ao parvalhão. E três quartos de hora mais tarde já pondero deitar fogo à malfadada torre... até que o Mekhi aparece, ensonado e divertido.

— Estás a rir-te do quê? — quero saber, com um tom embirrente.

— Ficas gira quando estás rabugenta.

— Eu *não* estou rabugenta.

— Pois claro. Estás profundamente irritada e mais do que capaz de arrancar o coração negro do Jaxon do peito e pisá-lo? — Cita-me a mensagem mais hedionda que enviei, imagino que seja para me envergonhar. Mas não me afeta. Afinal de contas tenho marcas de dentada no pescoço. *Marcas de presas.*

— Exatamente. — Fulmino-o com o olhar. — Não querendo parafrasear Sylvia Plath, nem nada.

— Não querendo parafraseá-la *mal*, não?

— Continua assim e também fico danada contigo — acrescento. Ele sorri, mas antes que possa dizer alguma coisa que me faça querer dar-lhe um murro naquela sua cara ridiculamente bonita, questiono: — Onde está o Jaxon? Porque é que se está a esconder de mim? E a mostrar-te as minhas mensagens?

— Ele não está a esconder-se de ti.

— Ah, não? — Dirijo-me à porta e bato com um gesto cerimonioso. Mais uma vez, não há resposta. — Quer-me parecer que está.

— A sério? E porque é que ele haveria de estar a esconder-se de ti? — O Mekhi cruza os braços e sorri-me, as sobrancelhas erguidas e a cabeça inclinada.

— Por causa disto. — Arranco o penso do pescoço e viro a cabeça para que o Mekhi possa ver o que eu vi.

Sinto uma satisfação perversa ao ver o sorriso a desaparecer-lhe do rosto. Ao ver os olhos a arregalarem-se e a expressão de choque a surgir.

— Mas que raio! Quem é que te mordeu?

Ai meu Deus. Sinto o estômago às voltas e, por um instante, acometida por náuseas, julgo-me prestes a vomitar. Ele não negou que me tivessem mordido. Só me perguntou *quem* me mordeu, como se fosse perfeitamente normal ter duas marcas de dentes no pescoço.

Como se fosse perfeitamente normal que alguém, ou, a julgar pela pergunta dele, que *muita gente* neste colégio andasse por aí a morder os outros.

A implicação faz-me sentir um arrepio de medo na espinha, deixa-me os pelos dos braços e da nuca em pé.

— Grace? — diz o Mekhi, vendo-me demasiado ocupada a tentar não hiperventilar para lhe responder. — Quem te mordeu?

— O que queres dizer com *quem*? — Quase me engasgo com as palavras.

— Foi o Jaxon que me mordeu. Obviamente.

— O Jaxon? — Abana a cabeça, e os olhos começam a parecer desvairados. — Não, tenho a certeza de que não foi assim que as coisas aconteceram.

— O que queres dizer com isso? É claro que foi. Eu estava aqui, cortei-me com vidro e o Jaxon mordeu-me. Tenho a certeza.

— Lembras-te de isso ter acontecido? Assim como disseste? Lembras-te de ele te morder?

— Bem, não. — Neste momento devo estar tão desvairada como ele. — Mas se não foi *ele*, quem é que foi?

— Não faço ideia. — Pega no telefone e envia uma série de mensagens.

Tenho a cabeça a mil. Por tudo o que ele disse *e* tudo o que não disse. As únicas coisas que mordem pessoas são animais e... Não. Ainda não estou pronta para ir por aí. Não estou pronta para pensar na palavra. O meu cérebro ainda explode se o fizer.

— A sério, se estás a gozar comigo, Mekhi... Se isto não passa de uma grande partida que vocês me tramaram, vou *matá-los* a todos. Tipo, esventro-os ainda vivos e dou as vossas tripas a comer ao primeiro urso polar que encontrar. Estamos entendidos, certo?!

— Certíssimo. — O telemóvel vibra-lhe com várias mensagens de resposta e a expressão ensombra-se cada vez mais à medida que as lê. — Não foi mesmo o Jaxon.

O arrepio que sinto na espinha transforma-a numa pedra de gelo, toldando-me o raciocínio. Atrapalhando-me a respiração.

— Como sabes que ele não está a dizer isso só por dizer?

— Porque o Jaxon não me mente. E porque, neste momento, está passado da cabeça. — O telefone volta a tremer e ele lê a nova mensagem antes de continuar. — Ele quer que esperes aqui. Está a caminho. Chega daqui a poucas horas.

— Está a caminho? — A minha cabeça parece querer explodir. Arrisco-me a que ela rebente aqui e agora, e depois já não importa quem me fez estas marcas, nem porquê. — Onde é que ele foi, exatamente?

— Às montanhas.

— Às montanhas? Queres dizer, o *Denali*?

O Mekhi responde sem me olhar.

— Mais longe do que isso.

— Mais longe do que... Estamos a falar de que distância?

Ele abana a cabeça.

— Não te preocupes com isso.

— Não me digas para não me preocupar. — Bato-lhe com o dedo no ombro. — Sou eu que tenho marcas de presas no pescoço, resultado de uma piada parva qualquer, e o Jaxon foi o último a ver-me além da enfermeira. Portanto, vou preocupar-me até que ele chegue e me explique isto, percebeste?

— Está bem, está bem! — Finge esfregar o sítio onde lhe bati. — Bolas, rapariga. Sabes mesmo fazer-te entender.

— Pois, olha, se calhar devias explicar isso ao teu amiguinho montanheiro. Já agora, porque é que não te estás a passar com as marcas de presa que tenho no pescoço?

— Eu *estou* a passar-me! O Jaxon está a passar-se. Estamos todos passados.

— Mas vocês estão a passar-se porque não sabem *quem* me mordeu. Não se estão a passar porque ah, sei lá, *alguém me mordeu!*

— Ah, pois. — Enfia as mãos nos bolos e olha para todo o lado, menos para mim. — Acho que vou deixar que seja o Jaxon a explicar.

— Porque ele é muito falador.

Estou completamente farta destes dois, já para não falar da situação em geral, portanto, que se dane. Que se dane. Levanto-me e dirijo-me à porta.

Só que o Mekhi chega lá antes de mim — o rapaz mexe-se mesmo depressa quando quer — e bloqueia-me o caminho.

— Olha lá. Onde vais?

— Vou ao meu quarto buscar as minhas coisas. Tenho aulas. — E uma prima que estou disposta a torturar para que me conte a verdade, se for preciso chegar a isso. Faço menção de o contornar, mas ele continua a vedar-me a passagem.

— Já te disse que o Jaxon quer que fiques aqui. Sei lá, pega num livro e num cobertor e enrosca-te aqui ao lume. — Indica a lareira vazia.

— Não há lume.

— Eu faço-o. Só demoro cinco minutos, prometo.

— Mekhi. — Falo lentamente e no tom mais razoável que consigo fazer, mas vejo que isso o deixa ainda mais desconfiado. Esperto, o rapaz.

— Sim, Grace?

— Se o Jaxon quer que eu fique aqui neste colégio, ele, se calhar, devia ter feito o mesmo. Mas está numa montanha sabe-se lá onde, a fazer sabe-se lá o quê, e eu estou aqui, com marcas de *presas* no pescoço que foram feitas quando eu estava *inconsciente*. — O terror volta, por isso, concentro-me na fúria, que é muito mais fácil de aguentar. — Imagino que percebas porque é que eu me estou a *borrifar* para aquilo que o Jaxon quer.

— Ah, pois, eu entendo. — Oferece-me um sorriso que eu acredito lhe consiga tudo o que quer na vida, mas recuso-me a ceder. Não o farei agora, nem com o que está a acontecer. — E se chegarmos a um meio-termo? Voltas para o teu quarto e ficas lá à espera do Jaxon. Assim estás segura e depois podem perceber juntos o que se passa.

— Achas mesmo que tenho de me esconder de um parvalhão com um saca-agrafos ou com uma cobra de estimação?

— Um saca-agrafos não fazia essas marcas, Grace. Nem uma cobra. Acho que sabes disso, caso contrário não estarias aqui a bater à porta do Jaxon às seis da manhã.

O facto de ele reconhecer o elefante na sala — ou melhor, o monstro — faz com que uma espécie de calma me percorra, desde dos cabelos aos pés. Talvez seja o medicamento, talvez esteja a entrar em choque, ou talvez esteja apenas aliviada por, finalmente, alguém estar a ser sincero comigo.

Seja o que for, respiro fundo e agarro-me a isso com unhas e dentes enquanto recordo a minha primeira conversa com o Jaxon. *Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a tua vã filosofia.*

— Então, o que fez estas marcas? — pergunto porque tenho de o ouvir a ser dito.

Ele fica alguns segundos sem responder. Depois, quando estou prestes a acreditar que não vai falar de todo, ele diz:

— Por vezes, Grace, a resposta mais óbvia é mesmo a correta.



39

Nunca temos um alucinogénio por perto quando precisamos

Nem o Mekhi nem eu temos grande coisa a dizer depois de tão encantadora revelação, salvo tê-lo a insistir em acompanhar-me de volta ao quarto. Quero dizer, não há, realmente, grande coisa a dizer, sobretudo porque ainda não decidi se confio nele ou não. Não o conheço. Quero dizer, está bem, o Jaxon confia nele, mas, neste momento, está desaparecido em combate, o que não ajuda.

O facto de que o Jaxon tem estado a inundar-me o telefone com mensagens nos últimos quinze minutos também não me interessa. Eu já lhe tinha enviado mensagens e a única resposta que tive foi a chegada do Mekhi. Portanto, se quer saber alguma coisa acerca de mim, que pergunte a ele, pois eu *não* lhe vou responder.

Estou a ser infantil? Talvez. Estou a ser prudente? Garantidamente. Porque, no estado em que estou, receio que lhe vá dizer alguma coisa da qual me arrependa depois. É melhor acalmar-me e falar pessoalmente com ele quando chegar. Além disso, se, neste momento, ele me tenta mentir, corto já pela raiz o que está a querer crescer entre nós.

Durante o percurso de volta ao meu quarto, o Mekhi tenta encetar uma conversa por várias vezes, mas eu estou demasiado abalada para participar. Não estou propriamente a ignorá-lo, apenas tenho a mente a ferver. Isto tem de ser um pesadelo. É a única explicação razoável.

O Mekhi desiste de fazer conversa de ocasião. Devia ser um alívio, mas isso leva apenas a que o silêncio se prolongue entre nós. Claro que deve ser o

silêncio mais atrapalhado que já tive na vida, pelo que fico à espera que ele se vá embora assim que me deixar à porta. Mas ele espera até que eu destranque a porta.

— Não te convido a entrar — digo-lhe, sem me dar ao trabalho de virar a cabeça para ele.

— Não estou a contar com isso. — Só que assim que abro a porta, ele trava-a com a mão aberta para me impedir de a fechar. Todavia, não entra, limita-se a ficar tão perto da soleira quanto possível sem a ultrapassar. O que parece um comportamento estranho, pois as contas devem estar a dar-lhe choques. Depois lembro-me de uma das primeiras regras da mitologia vampírica.

Eles só podem entrar se forem convidados.

O que faz com que o comportamento dele me deixe ainda mais perturbada — mesmo antes de se tornar óbvio que ele me vai impedir de fechar a porta até decidir que o posso fazer.

— Olha lá! O que estás a fazer? — Agarro-lhe o braço e começo a tentar puxá-lo.

Ele sacode-me.

— Não te preocupes. Não me aproximo mais. — Depois sorri à minha prima. — Então, Macy.

— Olá, Mekhi. — Ela continua remelosa e de pijama, o que poderá explicar o motivo por que não repara na luta que decorre entre nós. A caneca de café que ela tem na mão prova que não a acordámos, mas, ainda assim, fico satisfeita por não estar de roupa interior, ou pior. — O que se passa?

— Nada. Ele estava de saída. — Atiro-lhe um olhar de aviso.

Ele nem sequer finge estar envergonhado quando diz:

— O Jaxon não quer que ela hoje vá às aulas.

— Está bem. — A Macy nem sequer hesita.

— Está bem? — questiono. — O Jaxon não manda em...

— Depois do que aconteceu ontem, o meu pai já disse aos professores que ela não vai. Mentes brilhantes e tal... — Lança-me um olhar admoestador. — Devias estar na cama.

— Vais ficar com ela? — pergunta o Mekhi antes que me possa defender.

— Sim, claro. Porquê? O que se passa?

— Ainda não sei. Mas de certeza que o Jaxon está a investigar.

A expressão da Macy endurece.

— Aconteceu alguma coisa?

— Ainda não sei. — O Mekhi indica-me. — Ela conta-te.

— Sabes que estou mesmo à tua frente, não sabes? Podes falar *comigo*, em vez de *por cima* de mim.

As sobrancelhas do Mekhi erguem-se.

— A sério? É que parece-me que já tentei fazer isso.

— Sabes que mais? Morde aqui a ver se eu deixo. — Faço um ar que diz, *ups*. — Ah, pois é, esqueci-me. Já houve quem mordesse.

A Macy vira a cabeça como se tivesse uma mola.

— O que é que disseste?

— Ela sabe, Mace.

A minha prima fica ainda mais pálida, se é que isso é possível.

— O que é que ela sabe ao certo, Mekhi?

— Já te podes ir embora — digo-lhe, agarrando a borda da porta e usando-a para o empurrar para lá da soleira.

— Olha, Grace, sinto mesmo muito — diz ele antes de eu fechar a porta.

Faço uma pausa.

— Foste tu que me mordeste?

— O quê? Não! É claro que não.

— Então não tens de pedir desculpa. — Suspiro, com alguma da minha fúria a dissipar-se. — Não estou zangada contigo especificamente, Mekhi. Estou só zangada... e assustada.

— Eu percebo. — Parece hesitante. — Isso quer dizer que também não estás zangada com o Jaxon?

— Ah, não. Para ele tenho *toda* a raiva guardada e não te atrevas a dizer-lhe o contrário.

— Não digo, acredita. — O Mekhi sorri. — Garanto-te que não me quero meter no meio *dessa* briga. Além disso, já é altura de alguém fazer o meu bacano baixar um bocadinho a crista.

— Podes crer — respondo com uma fungadela. — Agora, vai-te embora. Tenho coisas a fazer.

E fecho-lhe a porta na cara. Agora que sou só eu e a Macy, as coisas parecem ganhar mais substância.

Perco um segundo a concentrar-me, a tentar encontrar maneira de formular o que quero dizer. Mas a minha prima intervém antes que eu consiga muito mais do que um momento «Oh meu Deus».

— Grace, não é...

Encaro-a.

— Vou fazer-te uma pergunta, Macy. Só uma. E quero que sejas completamente sincera comigo. Porque se não fores... Se não fores, arrumo as minhas coisas e volto para a Califórnia. Fico com a Heather; solicito emancipação; faço o que for preciso. Mas juro que nunca mais sabes de mim. Percebeste?

Fica ainda mais pálida, como se isso fosse possível. E se arregalar ainda mais os olhos, a cara desaparece-lhe. Mas isso não a impede de assentir e de dizer baixinho:

— Está bem.

— És uma vampira? — Nem acredito no que estou a perguntar.

— O quê? — Abana a cabeça com veemência. — Não.

A resposta deixa-me zozza com o alívio... Até que percebo que uma só pergunta não chega. Tenho *dezenas* para fazer.

— O teu pai é um vampiro?

— Não.

— O *meu* pai era um vampiro?

— Nem pensar. — Estende-me a mão. — Oh, Grace, é disso que tens medo?

Solto um longo fôlego ao mesmo tempo que sinto a desatar-se um nó apertado no estômago.

— Neste momento, não sei do que tenho medo, Macy. Mas como não pareces estar a pensar que eu perdi a cabeça por te fazer estas perguntas e como tenho uma marca de dentada no pescoço neste preciso momento, imagino que isso queira dizer que os vampiros existem.

— Existem, sim.

— E frequentam este colégio.

Ela assente.

— Sim.

— E o Jaxon é um vampiro. — Sustenho a respiração, enquanto aguardo a resposta dela.

— Acho que devias mesmo falar com ele sobre isso, Grace. Eu...

— Macy. — Abdico da fúria e deixo-a ver o medo e a frustração que me estão a assolar. — Por favor.

Ela fita-me com uma expressão desolada.

— Pensei que éramos amigas. Mais do que família.

— E somos. É claro que somos.

— Então diz-me a verdade. O. Jaxon. Vega. É. Um. Vampiro?

A Macy suspira.

— Sim.

Já estava à espera dessa resposta, a sério, e, mesmo assim, ela explode em mim como uma granada. Perco a força nas pernas e deixo-me cair com força.

— Grace! — A Macy está ao meu lado em menos de um segundo. — Estás bem?

— Não faço ideia. — Fecho os olhos e recosto a cabeça contra a porta, convenientemente próxima do sítio onde desfaleci. — É por isso que ele consegue estar lá fora sem casaco.

— Sim.

— Então isso quer dizer que a Lia...

— Sim.

Assinto.

— O Flint?

— Não, não. O Flint não é, de todo, um vampiro. — Fecho os olhos e deixo que o alívio me preencha, pelo menos até que ela continua. — Ele é...

— O quê? — Abro um olho. — Ele é o quê?

— Não sei se estás pronta.

— Será que alguma vez irei estar? Termina a frase, por favor. Ele é...

— Um dragão.

Abro os dois olhos.

— Desculpa?

Ela suspira.

— É um dragão, Grace. O Flint é um dragão.

— Pois, claro que é. Queres dizer que ele tem... — Levanto os braços e agito-os para cima e para baixo.

— Sim, ele tem asas.

— E... fogo? — Respondo à minha própria pergunta. — É claro que tem. Como poderia não ter, com um nome como Flint¹?

Tenho o cérebro a implodir. Sinto-o a transformar-se em papa e a torcer-se com o peso destas novas informações. Quero dizer, quem precisa de LSD quando pode frequentar o Liceu dos Monstros?

Pior ainda, tenho a sensação de que ainda não terminámos.

O que me leva a escarnecer.

— E isso faz de ti o quê? Uma fada?

— Não sou uma fada. — Soa insultada.

— Não és fada, não és vampiro, não és... um dragão?

A Macy suspira.

— Sou uma bruxa, Grace.

Repito as palavras dela na minha mente uma vez, cinco vezes, mas isto foi o que menos sentido fez em tudo o que ouvi nas últimas horas.

— Desculpa?

— Tu ouviste. — Agora está com um sorriso irridente. — E queres saber uma coisa?

— Neste momento, não. Não quero. Nada. Chega. Tenho a cabeça...

— Tu também devias ter sido.

¹ Que significa «pederneira» (*N. da T.*).



40

A magia dos desejos

As palavras dela são como uma bomba. Não pode ser verdade. *Ela* não pode estar a falar a sério. Quero dizer, é uma ideia absurda.

— Desculpa, mas essa foi a gota de água. — Não é a primeira vez, nos últimos dez minutos, que fico a olhar para a minha prima como se lhe faltassem cerdas na vassoura. Ou, melhor e mais apropriado: como se tivesse dado uma volta no ar montada numa vassoura com um chapéu pontiagudo preto na cabeça.

— Não sei que brincadeira é esta, que alucinação em massa aqui se passa, mas com essa foste longe de mais. Porque eu posso ser muitas coisas, mas não sou, nem nunca fui, uma bruxa.

Aceno a mão como se segurasse uma varinha mágica.

— Estás a ver, não aconteceu nada. Não houve vidros a derreter, nem te mandei para um fosso cheio de cobras. Não tenho sapatinhos de rubi com que possa bater os calcanhares e voltar para casa. Não tenho uma maçã envenenada nem um espelho mágico. Portanto, não, garantidamente não sou uma bruxa.

A Macy ri-se com vontade.

— Não estou a dizer que és uma bruxa. Estou só a dizer que se o teu pai não se tivesse apaixonado pela tua mãe e perdido a magia dele, era provável que fosses.

— Espera aí, estás a dizer que o meu pai *era* um bruxo?

— Sim, tal como o meu pai. E eu. É uma coisa de família.

Tenho a certeza de que a minha mente chegou ao limite antes de entrar em colapso.

— Não compreendo. Como é que o meu pai podia ser um bruxo sem que eu soubesse?

— Porque ele perdeu os poderes quando se apaixonou pela tua mãe. Os bruxos não podem casar-se com seres humanos normais. Isso enfraquece as linhagens. Portanto, regra geral, quando um bruxo se apaixona por um ser humano, ele perde os poderes.

— Quer dizer que o meu pai era um feiticeiro, mas depois deixou de ser. E é por isso que eu não sou uma bruxa? — Parece que, afinal, estava errada. A minha mente consegue toldar-se ainda mais.

— Basicamente, sim.

— Estás a gozar comigo, Macy? — Tenho de perguntar. — Quero dizer, só podes estar a gozar comigo, certo?

— Não estou a brincar, Grace.

— Tens a certeza? Tipo, a certeza absoluta?

Ela aproxima-se e abraça-me.

— Tenho a certeza mais do que absoluta.

— Pois, era isso que eu receava. — Deixo-me ficar ali por um minuto, tentando absorver o que ela me está a dizer. — E o meu pai não se importou? De perder os poderes?

— Pelo que o meu pai diz, ele adorava a tua mãe. Portanto, não, não se importou.

— Ele amava-a mesmo. Era ridículo o quanto se amavam. — Sorrio com a recordação. — Eram o tipo de pais que não se largavam. Costumava dizer-lhes que era nojento. Mas, sinceramente, era bonito. Ver como duas pessoas podiam amar-se daquela maneira depois de tantos anos.

— Imagino. — A Macy suspira com anelo.

— Portanto — continuo, tentando parecer que não tenho problemas com tudo o que acabei de descobrir —, eu faço parte de uma família de bruxas?

— Pois. Bizarro, não é?

— Um bocadinho. — Miro-a especulativamente. — Então tu podes voar pelo quarto ou assim?

— Para provar que não estou a gozar contigo? — questiona ela, de sobranceira arqueada.

— Talvez. — Com toda a certeza.

— Não, não *posso* voar pelo quarto.

— Porque não? — pergunto, curiosamente desiludida.

— Sabes que isto é a vida real, certo, não é um livro? Essas coisas não acontecem.

— Então que tipo de bruxa és tu se nem consegues fazer uma coisa que um miúdo de onze anos faz?

— O tipo de coisa que não vem da imaginação brilhante da J. K. Rowling. — Acena na direção da chaleira elétrica que está em cima do frigorífico. Ela começa a fumar e a assobiar de imediato.

Tento convencer-me de que já estava ligada, mas um olhar rápido mostra

que nem sequer tem o cabo ligado à tomada.

É claro que não. Porque haveria de estar?

Mas ela não se fica pela chaleira. Volta a acenar com a mão, murmura qualquer coisa entredentes e observo, fascinada, a minha prima a fazer uma caneca de chá sem sair do local onde se encontra.

— Isto é chá a sério? — pergunto-lhe, quando a caneca começa a voar na nossa direção.

— É claro que sim. — Agarra na caneca que ainda flutua e oferece-ma. — Queres um golinho?

Neste momento tenho a certeza de que preferia beber veneno para os ratos.

— Acho que dispenso, obrigado.

Ela encolhe os ombros, depois leva a caneca aos lábios e sopra várias vezes antes de beber um pequeno gole.

— Porque é que não me contaste logo assim que cheguei? Ou o teu pai?

Pela primeira vez parece envergonhada.

— Acho que estava sempre a fazer tenção de te contar, mas ias ficando magoada e nunca pareceu a altura certa.

— Acho que nunca é a altura certa para dizer a alguém que os monstros existem mesmo. — Abano a cabeça e tento lembrar-me de como respirar. — Nem acredito que isto está a acontecer. Eu... nem acredito.

— Acreditas, pois — retruca ela com um sorriso malandro. — Caso contrário, não estavas tão passada.

— Não estou passada. Quero dizer, sim, estou no chão e não sinto as pernas, mas, tirando isso, acho que até estou a lidar muito bem com a situação.

— É claro que estás. — Sorri. — Salvo pelo facto de todas as palavras que te saíram da boca nos últimos dez minutos terem saído aos guinchos.

— Isso... — Faço uma pausa e tossico, pois talvez esteja realmente a falar num tom um bocadinho agudo. — O que é que esperavas? Tu e o Mekhi estão a tentar convencer-me de que estou dentro de uma versão menos sangrenta d'A *Guerra dos Tronos*. E o inverno já chegou.

A Macy ri-se, ao que ergue uma sobrancelha.

— Achas mesmo que o liceu é uma versão *menos* sangrenta d'A *Guerra dos Tronos*? Quero dizer, quantas vezes é que quase morreste desde que chegaste?

— Pois, mas essas coisas foram acidentes. Quero dizer... Foram acidentes, não foram?

— Provavelmente. — Inclina a cabeça. — Sim, foram. Mas o Jaxon anda a passar-se e ele nunca se passa, portanto...

— Ele está a passar-se porque alguém me *mordeu*! Alguém que não ele, claro. — Levanto o penso pela segunda vez e viro a cabeça para que ela veja as marcas logo abaixo do golpe.

— Ah! Então o problema é esse? — Ela parece demasiado aliviada, tendo

em conta que lhe acabei de dizer que um vampiro me espetou os dentes sem autorização. Mas, será que eles pedem autorização antes de morder? E, se pedirem, quem seria tolo a ponto de dizer que sim? Mais uma pergunta a juntar à centena que tenho à espera do Jaxon.

— Eu posso explicar — acrescenta a Macy tranquilamente.

— Força. — Faço um floreado para a incitar e depois acrescento: — Estás a vontade. Explica lá.

— Quem te fez isso foi a Marise.

— A enfermeira? — Não sei por que motivo isso me choca tanto, mas a verdade é essa. — A Marise também é vampira?

— Sim, e não havia alternativa. Ela teve de te morder para poder reparar o rasgão arterial.

Miro-a de olhos semicerrados.

— Pensei que fosse um golpe?

— Foi um rasgão. E tu quase morreste. Na verdade, terias morrido se o Jaxon não estivesse lá e não tivesse feito o que fez para te salvar.

— Levar-me até ao consultório da enfermeira? — O guincho voltou.

— Selar-te a ferida para que não te esvaíesses em sangue, enquanto te levava para o consultório. — Pousa a caneca e pega-me nas mãos. Depois aperta-as e continua. — O veneno de vampiro tem propriedades diferentes, dependendo da intenção do vampiro. O Jaxon não te mordeu, mas ele usou o veneno para te selar a ferida. E pelo que percebi, ele foi um bocadinho demasiado meticoloso. A Marise não conseguiu lá chegar para te suturar a ferida.

— Então mordeu-me para chegar à artéria? — Tento não me arrepiar ao pensar nos dentes dela cravados no meu pescoço. Quando julgava que fora o Jaxon, fiquei *desvairada*, mas não *enojada*. Mas não posso dizer o mesmo quanto ao facto de ter tido os dentes de outra pessoa em mim.

— Ela mordeu-te e injetou o veneno dela, usando as propriedades anticoagulantes e não as coagulantes. Chegou para anular o que o Jaxon tinha feito e para a deixar tratar-te devidamente.

— Então os vampiros podem fazer isso? Anular o veneno uns dos outros?

— Não te esqueças de que não sou uma vampira, mas...

— Certo, és só uma bruxa.

A Macy ignora a minha interrupção.

— Acho que não podem. Pelo menos, em situações normais. Mas ela é uma vampira mais velha, mais madura, e também é curandeira, o que lhe garante certas capacidades extras neste tipo de situações. É por isso que é a enfermeira do colégio. Mas, segundo o que o meu pai disse, foi preciso muita competência e muito veneno para desfazer o que o Jaxon tinha feito. Aquele rapaz estava determinado em salvar-te.

Não vou mentir, soube bem ouvir isto. Mas continuo zangada com ele, embora, neste preciso momento, não saiba bem porquê. Mas...

— Então estás a dizer que tenho veneno de dois vampiros dentro de mim?

A Macy endireita-se com uma gargalhada e um revirar de olhos.

— Espero que não te vás deixar melindrar por isso.

— Desculpa lá, mas é difícil não ficar melindrada com todos os filmes de vampiros que já vi a passarem-me pela cabeça. Quero dizer, não vou... — Finjo que me estão a nascer presas.

Ela dá uma gargalhada a sério, com direito a rebolar pelo chão.

— Isso não é um não! — reclamo.

A Macy endireita-se e limpa as lágrimas dos olhos, continuando a rir-se.

— Não, Grace, não vais ganhar presas, nem vais começar a chupar o sangue às pessoas. Tu estás bem. Pensa que se estás viva é porque tinhas um vampiro contido. E não era um vampiro qualquer, era o Jaxon. A maior parte dos outros teria dificuldade em impedir-se de...

— Me sugarem até ao tutano? — Concluo a ideia que ela não quis levar até ao fim.

A Macy revira os olhos.

— Pois, não seria isso que eu diria.

— Mas não deixa de ser verdade, certo?

A Macy não responde, limita-se a pegar na caneca de chá e levanta-se.

Sigo-a, não a querendo deixar sair daqui, pois tenho mil e uma perguntas ainda por responder. Sobre vampiros, sobre bruxas e sobre dragões, pelo amor da santa. Como é que podem existir *dragões* sem que o mundo saiba?

Por falar nisso...

— Não te esqueceste de referir outras criaturas que por aqui existam, pois não? Não há zombies, não há unicórnios, não há...

— Lobisomens.

— Exato. Não há lobisomens.

— Não estava a dizer que não há, Grace. Estava a responder à tua pergunta.

— Ah. — Engulo em seco. — Portanto há vampiros, dragões, bruxas e lobisomens.

— Bem, tecnicamente, eles são mais lobos metamorfos, não propriamente lobisomens.

Por favor, vamos lá aos preciosismos.

— Sendo a diferença...?

— Os lobisomens precisam da Lua cheia. Os lobos metamorfos podem mudar quando querem. O mesmo acontece em relação aos dragões.

— Então o Flint pode ser dragão sempre que quiser?

— O Flint é um dragão. Mas pode alternar entre a forma de dragão e a forma humana sempre que quer.

— Tenho tantas perguntas. — E a maioria começa e termina com «Como é que isto é possível?»

— Eu sei. — Aproxima-se e abraça-me de novo.

— O Marc e o Quinn? — Penso nos tipos que me tentaram atirar à neve na primeira noite. — São lobos metamorfos?

— Sim, que parece que se passam um bocadinho mais na altura da Lua cheia. — Abana a cabeça, obviamente ainda irritada. — Os idiotas.

— Não digo que não. Foram mesmo uns parvalhões. — Faço uma pausa quando me ocorre outra coisa. — Mas eles deram ouvidos ao Jaxon, mesmo sendo um vampiro.

A Macy funga.

— Por acaso ainda não reparaste que *toda a gente* dá ouvidos ao Jaxon.

— Pois. — Como na minha aula de literatura britânica de ontem, em que ninguém entrava. — O que é que se passa com isso?

— É uma história muito comprida e muito complicada, que tenho todo o prazer em contar-te. Mas estou cheia de fome. Podemos continuar a falar ao pequeno-almoço, na cantina?

— Sim, claro. Mas não tinhas dito ao Mekhi que não saíamos do quarto até que o Jaxon chegasse?

— Eu disse-lhe que não íamos às aulas. E se o que lhe está a dar a volta à cabeça é a dentada que tens no pescoço, então não há problema. Sabemos de onde veio a dentada e sabemos que é inofensiva. Portanto, vamos só comer qualquer coisa num instante e voltamos ao quarto antes de o Jaxon chegar.

Ela tem razão. Sei que sim. Para além disso, não vou saltar para um poço sempre que o Jaxon me disser. Pode ser que toda a gente neste colégio o ouça, mas eu não sou uma criatura sobrenatural. Sou humana e está mais do que na altura dele perceber que eu não sigo as mesmas regras estranhas, confusas e aterrorizantes a que todos obedecem.

— Parece-me bem — concordo. — Afinal, de repente, também fiquei cheia de fome.

— Aposto que sim. A perda massiva de sangue tem esse condão — diz a Macy, desaparecendo para a casa de banho com um par de calças de fato de treino do colégio e uma *t-shirt* de EF nas mãos.

Regressa passados dois minutos e não só está vestida, como tem o cabelo penteado para trás num estilo adorável, e o rosto parece ter sido alvo de meia hora de maquilhagem à frente do espelho.

— O que aconteceu? — quero saber.

— Ah, foi só um pequeno encanto. — Abana os dedos à frente do rosto. — E nem sabes como fico satisfeita por saberes. A minha vida vai passar a ser muito mais simples.

— Pelos vistos. — De súbito profundamente consciente de mim própria, pego na mala que está na secretária e tiro o batom de brilho de pêssego que tenho sempre no bolso interior. Passo-o nos lábios enquanto saímos. — Então e como é que funciona essa coisa do encanto?

— Oh, é um truquezinho que todas as bruxas conhecem.

— Pois, mas voar continua a ser mais fixe — brinco.

— Talvez. — Fecha a porta quando saio. — Mas há muita coisa que fazemos que ainda não sabes.

— Como por exemplo? — interrogo, fascinada.

— De certeza que vais descobrindo com o tempo...



41

Vampiros, Dragões e Lobisomens, oh Deus!

A caminho da cantina, os corredores estão cheios. Faltam trinta e cinco minutos para o início do primeiro tempo e, pelos vistos, toda a gente na escola tenta comer durante o mesmo período de meia hora. O que até faz sentido. Quero dizer, se não estiver preocupada com marcas bizarras de presas nem andar a tentar enquadrar-me numa escola nova, também não vou querer levantar-me um segundo que seja mais cedo do que preciso.

Claro que, agora que já sei a verdade, tudo parece mais bizarro do que o normal. As pessoas passam por nós, roçando na Macy, esbarrando em mim, ou até mesmo contornando-nos exatamente da mesma maneira que no dia anterior. Mas hoje só consigo olhar para elas e pensar. *Vampiro? Metamorfo? Bruxa? Dragão? É tão estranho...* Parece que caí dentro das páginas de um livro de fantasia ou de um filme de terror, dependendo de como as coisas corram.

Enquanto caminhamos, vou distribuindo as pessoas por categorias de monstros com base nas características que exibem, mesmo sem fazer ideia se estou certa ou não. Por exemplo, os mais atléticos que correm por nós com toda a energia devem ser lobos. Mas o Jaxon mexe-se bastante depressa quando quer, pelo que posso estar completamente errada.

Quero perguntar à Macy, só para confirmar se acerto em algum dos colegas. Mas parece uma falta de educação andar a falar sobre a... raça das pessoas? A espécie? Identidade? Aquilo Que É Suposto Chamar-lhe?, no meio do corredor, onde qualquer um me pode ouvir. Ou falar sobre isso.

Só que, ao mesmo tempo, será que não é melhor eu saber quem é o quê? Tipo, imagino que não faça diferença se cortar um dedo à frente de um dragão. Mas, o que acontece se me cortar à frente de um vampiro? Tenho de fugir ou vai correr tudo bem?

E se bebem sangue, o que estão os vampiros a fazer na cantina? Quero dizer, vi o Jaxon a comer aquele morango na festa de boas-vindas, mas ontem ele não tocou na comida ao pequeno-almoço. E agora que penso nisso, os outros também não.

E se o Jaxon bebe sangue regularmente, onde o vai buscar? Onde é que os vampiros o vão buscar? Quero dizer, a menos que desviem um bom carregamento todos os dias — algo que parece impossível de concretizar seja onde for, e pior ainda no meio do Alasca —, onde vão obter o sangue?

E será que quero mesmo saber a resposta a essa pergunta?

Além disso, vi o Jaxon e a Lia lá fora durante o dia. Quero dizer, não estava assim tão soalheiro como isso, mas também não era de noite escura. Portanto, será que isso quer dizer que a história que diz que *os vampiros não podem estar ao sol* não passa de um mito? Se assim for, são muitas as narrativas que se enganaram.

É tão confuso. Extremamente confuso, sobretudo porque parte de mim ainda julga que a Macy e o Mekhi estão a meter-se comigo. Quero dizer, sim, eu vi o que ela fez com a caneca do chá, mas... Bruxas? Dragões? Vampiros?

Posso dizer que estou a começar a ter *muitas* saudades da minha teoria sobre os extraterrestres?

Sobretudo quando entramos na cantina e, surpresa, está toda a gente a olhar para mim. Como é habitual. Julgava que era por ser a miúda nova. Agora não consigo deixar de pensar que é por ser a miúda *humana*. O que me leva a interrogar-me se algum deles estará a pensar em comer-me.

Os lobos metamorfos comem seres humanos? Ou serão só os vampiros? E os dragões? O que será que comem?

Espero que os seres humanos não façam parte da lista de iguarias. Claro que desejar não deu grande resultado neste último mês. Também não posso contar com melhorias agora.

— Sabes que mais? — digo à Macy enquanto nos dirigimos à mesa do bufê à entrada da sala. — Se calhar devia voltar ao quarto.

— O que foi? — Perscruta-me o rosto com um franzir de cenho preocupado. — Estás a sentir-te tonta? Ou fraca?

— Estou a sentir-me... deslocada.

— Ah. — A Macy ganha consciência. — São as mesmas pessoas com quem tiveste aulas ontem. As mesmas pessoas com quem fizeste uma guerra de bolas de neve na véspera.

— As mesmas pessoas que têm estado a observar-me desde que aqui cheguei. Pensei que já o tivessem superado, que se tivessem habituado a mim. Mas elas *nunca* se vão habituar ao facto de terem um ser humano no colégio.

— Detesto ser eu a dizer-te isto, Grace, mas os olhares que agora andas a

receber têm mais que ver com o Jaxon do que contigo.

Não me dou ao trabalho de ocultar a confusão que sinto.

— O que queres dizer?

— Quero dizer que ele é importante por aqui. Obviamente. E mostrou-se interessado em ti. O que te torna a *ti* importante. Também faz com que sejas um potencial alvo para oitenta por cento da população feminina.

— Porque têm inveja, certo? Não porque me querem...

— Sim, Grace. — Revira os olhos. — Porque têm inveja. Querem estar no teu lugar.

— Com pensos e dorida, com um tornozelo lesionado e uma dentada de vampiro no pescoço? — brinco.

— Exatamente — retruca. — Agora, podemos ir para a fila? É dia de *croissants* de chocolate e eles desaparecem rapidamente.

— Claro. — Faça-lhe sinal para me passar à frente. — Quem sou eu para me intrometer entre uma miúda e o seu *croissant* de chocolate?

— Ora aí está uma pergunta que todos os rapazes fazem pelo menos uma vez à quarta-feira — diz uma voz familiar mesmo atrás de mim.

— Olá, Flint. — Viro-me com um sorriso um pouco forçado. Não por o facto de ele ser um dragão fazer com que o tenha em menor consideração, mas porque ser um dragão *ME DEIXA DESNORTEADA*.

— Então, Miúda Nova. — Olha-me de alto a baixo. — Não sou grande fã desse teu visual novo.

Constrangida, levo a mão aos pensos.

— Pois, nem eu.

— Imagino. — Estende a mão e esfrega-me o braço incólume. — Não estás com grande aspeto. Não te queres sentar e eu levo-te um prato?

— Não tens de fazer isso.

— Eu sei que não *tenho*, mas ainda me sinto culpado por teres *caído da árvore*. Isto ajuda-me a compensar-te. — Dá-me um olhar suplicante.

— Não tens de te sentir culpado. Salvaste-me de uma lesão pior. — Pela primeira vez interrogo-me se foi por ser um dragão que ele não se magoou. Se foi por isso, fico satisfeita que não seja humano; fico feliz que não se tenha arriscado por minha causa.

Olho para ele, com a sua cara incrivelmente atraente, os olhos verdes cintilantes, o sorriso encantador, e interrogo-me se estarei a ver o dragão ou o humano. Talvez esteja a ver os dois.

Quem sabe?

Depois ergue-me as sobranceiras e penso se isso importa, pois o Flint — seja ele quem for e o que for — é meu amigo.

— Já agora, mais uma vez obrigada.

— Para com isso, Grace. Se não fosse eu, nem sequer terias subido àquela árvore.

— Acho que vamos ter de concordar em discordar disso — digo-lhe.

— Está bem. Concordamos em discordar... assim que me deixares levar-

te o pequeno-almoço. — Oferece-me o seu sorriso encantador, aquele que provavelmente me teria arrebatado se não tivesse visto o Jaxon primeiro.

Mas foi o Jaxon quem eu vi primeiro, e agora, vampiro ou não, só tenho olhos para ele.

Ainda argumento mais um pouco com o Flint — estou farta de que me tratem como se fosse inválida —, mas estamos a bloquear a fila. E como não quero dar ainda mais espetáculo, acabo por ceder.

— Está bem. Se conseguires, quero um *croissant* de chocolate.

— Ah, vou conseguir — garante-me.

— Acredito. E fruta, se houver.

— Claro. E o que queres beber?

Sorrio.

— Surpreende-me.

Os olhos dele escurecem e, por um segundo, há qualquer coisa que lampeja neles. Mas desaparece antes que perceba o que é, com a luz a regressar. E a provocação também a voltar.

— Acredita, estou a fazer por isso — diz.

Depois agarra-me nos ombros e vira-me.

— Estou sentado ali. — Aponta para o extremo da mesa central. — Ainda há lugares vagos. E se fosses para lá? Eu não demoro com os nossos pratos.

— Parece-me bem. — Faço o que ele sugere, parando apenas para dizer à Macy onde nos vamos sentar.

O Flint não desvia o olhar de mim, mas imagino que isso seja por não acreditar que vou mesmo sentar-me no lugar que ele indicou. Aquilo de que ele não se apercebe é que, quando a alternativa é ficar à espera dele enquanto todos me fitam, preciso de todo o meu autocontrolo para não correr para outro lugar. De preferência no canto mais ao fundo da sala.

Sobretudo quando vejo o Mekhi e o Luca a virem na minha direção, com as suas expressões normalmente descontraídas agora carregadas. Penso em esperar por eles, mas não quero saber o que têm para me dizer. E não quero explicar-lhes por que razão eu e a Macy decidimos que não faria mal virmos até à cantina — pelo menos não à frente da maioria do corpo estudantil.

Assim, em vez de esperar que eles cheguem ao pé de mim, faço aquilo que qualquer rapariga que não quer lidar com um rapaz faria — corro na direção do território de outro rapaz. Neste caso, a mesa onde o Flint e os amigos estão sentados.

Pode não ser a atitude mais corajosa, nem sequer a mais inteligente, mas não há dúvida de que será o caminho com menor resistência. Não tenho problemas em admitir que até gostava de ter um pouco menos de resistência e de mais facilidade na vida. Sobretudo hoje.

E tenho a certeza de que a jogada daria frutos — a Ordem e o Flint antipatizam a *esse* ponto uns com os outros —, não fosse pelo som horrível que corta o ar mesmo por cima da minha cabeça quando me aproximo da zona da mesa do Flint.



Ainda bem que não há pancakes na ementa

É um som horrível. Olho para cima, tentando perceber a sua origem, a tempo de ver o maior lustre de cristal do salão a soltar-se da placa que o segura ao teto. Tenho cerca de meio segundo para pensar «Ah, porra» e depois há alguém que esbarra comigo.

A pancada deixa-me sem fôlego — ou talvez seja o encontrão de peito contra a parede mais próxima.

Seja como for, tenho dificuldade em recuperar o fôlego, sobretudo porque está um corpo masculino comprido e magro pressionado contra as minhas costas, e os braços a envolverem-me de ambos os lados.

Percebo-o quando ouço um estrondo lancinante.

Por um segundo só consigo ouvir o estrépito do vidro a estilhaçar-se e a voar, acertando em tudo o que encontra pelo caminho. O rapaz atrás de mim geme e abraça-me com mais força, e é então que percebo. Posso ainda não conseguir respirar fundo, mas tenho oxigénio suficiente no corpo para que o meu cérebro volte a funcionar. As minhas funções cognitivas regressam e registam uma coisa acima de tudo o resto — é o *Jaxon* que me está a envolver.

— Estás bem? — interroga-me ele assim que a chuva de vidros para. Não lhe respondo. Não consigo. Os meus pulmões ainda não estão a funcionar completamente e a minha voz também não.

Tento assentir, mas é óbvio que isso não chega, pois faz-me dar meia-volta.

— Responde-me, Grace! Estás bem? — ordena.

— Estou bem — consigo finalmente arquejar. Mas é então que olho bem

para ele e me apercebo de que embora eu esteja bem, ele não está. — Estás a sangrar.

— Eu estou bem — minimiza ele a questão. — Dói-te alguma coisa?

— Não sou eu que estou ferida. — Passo, ao de leve, com o dedo pelo lado direito do rosto dele, fazendo pausas nas zonas ensanguentadas. — O que estás aqui a fazer? Pensei que ainda demorasses mais umas horas para regressares.

Os olhos negros fitam-me, e não num bom sentido.

— Obviamente.

Não sei o que responder a isto e, seja como for, ele não parece disposto a escutar, pelo que levo a mão à bolsa (um ponto para a vaidade) e tiro um estojo de primeiros socorros minúsculo com que ando sempre. É um hábito que ganhei quando os meus pais morreram no acidente de viação — uma estupidez, já que, com os ferimentos deles, seria preciso bastante mais do que um estojo de primeiros socorros para os salvar. Mas a mãe da Heather sugeriu-o quando eu andava a passar-me logo após a morte deles, e, não sei porquê, isso acalmou-me. Mas hoje é o primeiro dia que me dá jeito.

— Senta-te — digo-lhe. Ele não se mexe, e eu encosto-lhe as mãos ao peito e empurro-o gentilmente.

Ele continua sem se mexer.

— Por favor — rogo-lhe, levando-lhe uma mão à face do lado ileso. — Estás ferido. Deixa-me cuidar de ti.

Passa mais alguns segundos sem se mexer, apenas fita-me, sem sequer pestanejar. Isso arrepia-me. Acho que nunca vi o Jaxon assim tão furioso. Mas tudo bem. Pode estar tão zangado quanto quiser, desde que me deixe tratar das feridas dele.

— Por favor — repito. Desta vez acompanho as palavras com um empurrão leve no peito.

Ainda não diz nada, mas, lenta e relutantemente, permite-me que o leve até à cadeira mais próxima.

A Macy chega junto a mim quando estou a instalar o Jaxon. As lágrimas escorrem-lhe pelas faces ao envolver-me com os braços.

— Ai meu Deus, Grace! Estás bem?

— Sim, está tudo bem — digo-lhe, a tentar soltar-me do abraço. Mas o que se passa com ela e com o Jaxon? Será que não percebem que é ele quem está ferido? Talvez não seja nada de especial quando os vampiros sangram; não sei. Para mim, no entanto, é importante.

Tiro uma toalhita antibacteriana do pacote e pressiono-a ao de leve contra a face dele. O Jaxon não se encolhe. Na verdade, ele não se mexe de todo. Apenas olha em frente, imóvel. Continuo a limpar cuidadosamente a ferida, certificando-me de que não tem vidros no seu interior, após o que lhe aplico pomada na face, seguida de um penso rápido. Fico na dúvida se ele precisará de pomada — os vampiros desenvolvem infeções? Mas ele não me detém, nem a Macy, pelo que imagino que, mesmo que não seja necessário, pelo

menos não fará mal.

Por esta altura há adultos a encherem a sala de jantar, professores a confirmarem ferimentos e a tentarem retirar os alunos do salão o mais depressa possível. É tudo feito com um silêncio surpreendente, algo a que não presto grande atenção enquanto me concentro no corte irregular no braço do Jaxon.

Tenho a impressão de que parecerá pior do que é na realidade, pois não sangrou muito e já está a coagular. Interrogo-me se, além do veneno, haverá mais alguma coisa que contenha um coagulante rápido. Não obstante, limpo-o com tanto cuidado como fiz na face. Admito que fico surpreendida por não ter havido um professor que o tentasse levar à enfermeira, mas talvez haja quem esteja em estado mais grave e eu ainda não tenha reparado.

Só quando termino de lhe ligar o braço e me chego atrás é que reparo que há um bom motivo para que ninguém tenha tentado levar o Jaxon a receber cuidados clínicos. É o mesmo motivo por que a sala está tão sossegada, mesmo depois do que aconteceu.

Os outros cinco elementos da Ordem cercaram-nos.

Estão a vários metros, mas formaram um perímetro notório à nossa volta, uma barreira que só a Macy conseguiu atravessar. Não que haja muita gente a tentar, claro. O Flint está envolvido com o Byron, que não se mexe, mas, à parte disso, estão todos afastados. A observar e, manifestamente, à espera, embora eu não saiba do quê.

É tenebroso saber que estão à espera de algo que eu não compreendo, uma sensação que me aperta o estômago e me deixa os nervos à flor da pele. Imagino que isso se deva ao facto de eu ter feito alguma coisa de errado, mas o que deveria ter feito? Deixá-lo a sangrar?

— Eu... Desculpa. — As palavras saem-me entrecortadas, enquanto arrumo o estojo de primeiros socorros. — Se calhar não devia ter feito isto.

— Não peças desculpa — resmoneia o Jaxon ao levantar-se. — E não baixes a cabeça dessa maneira. Ninguém aqui tem o direito de dizer seja o que for contra ti.

— Só queria ajudar. E agradecer-te por me salvars.

— Não precisaria de te salvar se estivesses no teu quarto, onde era suposto estares. Onde eu te disse para estares. — A última frase é dita por entredentes cerrados.

A parte do *onde eu te disse para estares* ofende-me, mas, tendo em conta que ele ainda está a tremer ao de leve, decido não levantar problemas. Ainda.

— A Macy e eu tínhamos fome — explico. — Além disso, depois de percebermos o mistério da dentada, imaginámos que não haveria problema se viéssemos tomar o pequeno-almoço. Afinal, a enfermeira...

— Os lustres não caem sozinhos — interrompe-me. — Nem os ramos das árvores.

— Não foi o ramo da árvore a cair. O vento estava descontrolado.

— Só neste salão há pelo menos duas centenas de pessoas capazes de

produzir aquele tipo de vento. E outras tantas capazes de fazer cair aquele lustre. — Ele agora fala baixinho, tão baixo que tenho de me esforçar para o ouvir, mesmo estando à minha frente. — Tenho vindo a tentar dizer-te, mas tu não me ouves. Há quem esteja a tentar matar-te, Grace.



43

O que vem de cima não me atinge, mas assusta-me

Quando as suas palavras me fazem finalmente sentido, preciso de mais alguns segundos para me lembrar de como falar.

— Matar, a *mim*? — consigo murmurar, enquanto o meu estômago dá um nó e sinto um arrepio a subir-me pela espinha. Ou melhor, *tento* murmurar, pois agora que os guinchos voltaram é difícil manter a voz baixa.

Devia sentir-me envergonhada, mas, muito sinceramente, acho que tenho mais do que razão para guinchar. Foi uma manhã dos diabos e ainda não acabou.

— Isso é ridículo — assevero, limpando as minhas, repentinamente húmidas, palmas das mãos à saia. — Porquê?

— Não sei.

Respiro fundo e tento controlar o coração desgarrado enquanto me debato para pensar, o que é difícil tendo em conta o pânico que me assola. Preciso de um minuto, mas, por fim, consigo reprimir a ansiedade o suficiente para responder:

— Isso não faz sentido. Eu sou inofensiva.

Sobretudo neste colégio. Quero dizer, nem numa escola normal eu seria uma ameaça. De certeza que também não o sou num sítio em que um quarto dos residentes cospe fogo e voa.

— Há muitas palavras para te descrever, Grace. «Inofensiva» não seria uma delas. — Olha à volta dele, de olhos semicerrados, não sei se num aviso ou se perdido em pensamentos. — E, se *eu* sei disso, eles também sabem.

— Jaxon. — Envolvo-me com os braços e embalo-me ao de leve, enquanto o tento convencer a dar-me razão; enquanto me tento convencer a mim de que as palavras dele não significam nada. — Não acreditas nisso, pois não. Estás só perturbado com o que aconteceu. Não estás a raciocinar bem.

— Eu raciocino *sempre* bem. — Ainda faz menção de dizer mais qualquer coisa, mas depois algo atrás de mim chama-lhe a atenção. — O teu tio chegou.

— E depois? Quero falar sobre isto.

— Mais tarde.

Antes que consiga argumentar, o tio Finn aproxima-se de mim.

— Grace, minha querida, desculpa ter demorado tanto a chegar aqui. Andava lá fora. — Dá-me um abraço apertado.

Regra geral seria reconfortante — há muita coisa nele, o cheiro, o toque, que me lembra o meu pai. Contudo, neste momento, só consigo pensar na expressão nos olhos do Jaxon quando disse que havia alguém a querer matar-me. Tinha o rosto completamente vazio, inescrutável. Mas nas profundezas dos olhos dele, um sítio que a maioria das pessoas não consegue ver, ardia a mais terrível fúria que eu já vi.

Não o quero deixar sozinho com ela, não o quero deixar encurralado na sua própria mente. Mas por mais palmadinhas que dê nas costas do tio Finn e por mais que lhe diga que estou bem, não me parece que me vá largar tão depressa.

— Nem sabes o quão horrorizado estou por isto te ter acontecido — exclama quando finalmente se chega atrás. Os seus olhos azuis, iguais aos da Macy e aos do meu pai, estão tristes e ensombrados. — Uma vez é inaceitável. Duas vezes em dois dias...

Sorte minha por ele não contar com a queda da árvore, há uns dias. Três experiências de quase morte é muito, seja para quem for.

Claro que, se pensarmos por esse prisma, de repente, o Jaxon já não parece tão paranoico. E talvez eu não esteja a ser suficientemente paranoica.

— Vamos sair daqui — anuncia o meu tio. — De qualquer forma, a ideia era não ires às aulas hoje, mas gostava de falar contigo antes de voltares para o teu quarto.

— Claro. — Não imagino o que haja para falar. Quero dizer, haverá mais a dizer que não «ufa, foi por pouco»? Mas se o deixa mais descansado, vamos lá falar.

Mas os meus instintos gritam-me para não deixar o Jaxon; gritam-me que não é altura de o deixar, embora não saiba porquê.

— Mas será que posso ir ao teu gabinete mais daqui a pouco? Precisava de fazer umas coisas primeiro...

— O Jaxon já se foi embora, Grace. — Viro-me e percebo que o meu tio tem razão. O Jaxon *foi-se* embora. — E quero falar contigo antes que estejas com ele.

Não sei o que isso quer dizer, mas não gostei de o ouvir. Nem gostei que o

Jaxon tivesse desaparecido sem sequer se despedir.

Como é que ele faz isto? interrogo-me, enquanto sigo o meu tio, com alguma relutância. Como é que ele desaparece sem que eu o ouça ou o sinta a mexer-se? Será uma coisa de vampiro? Ou coisa do Jaxon? Tenho quase a certeza que é uma coisa do Jaxon, mas ao dirigir-me às portas da cantina, reparo que os outros elementos da Ordem também desapareceram. Foram-se todos embora sem deixar rasto.

O que serve para corroborar aquilo que estava a dizer ao Jaxon antes de o meu tio aparecer. Eu não passo de uma humana inofensiva, porque é que alguém haveria de pensar que sou perigosa a ponto de me querer matar?

Se fosse o Jaxon? Compreendia. Admira-me que não estejam alinhados à volta do castelo para o abaterem — tudo nele grita poder total e *absoluto*. De certeza que só se safa, porque isso também significa que é realmente perigoso. Nem imagino que haja por aqui alguém que fosse tolo a ponto de o contestar. Até o Flint recuou depois da guerra de bolas de neve.

Razão pela qual deixar cair um lustre em cima do Jaxon faz todo o sentido. Agora, em cima de mim? Por favor! Um feitiço, um ataque de um lobo ou mesmo um *terramoto* e já era. Para quê atirar-me com um lustre inteiro se um bocado de vidro quase o conseguiu sozinho?

O tio Finn não diz nada enquanto caminhamos até ao seu gabinete, e eu também não. Mas admito que fico surpreendida, quando ele entra naquele que deverá ser o corredor menos ornamentado neste castelo e depois se dirige à porta mais banal. Não bate propriamente certo com a minha ideia do que devia ser o gabinete de um diretor — e muito menos do diretor de um colégio que assumiu a responsabilidade de formar alunos com uma série de antecedentes paranormais.

Essa impressão é reforçada quando ele abre a porta e me convida a entrar para uma sala absolutamente enfadonha. Carpete cinzenta, paredes cinzentas, cadeiras cinzentas. O único apontamento de cor — se lhe podemos chamar isso — neste espaço é a secretária de cerejeira carregada de pilhas de papéis, dossiês e um portátil aberto.

Basicamente, é igual a todos os gabinetes de diretor que já vi — salvo os cortinados, que são mais grossos, e a carpete cinzenta, que é mais fofa.

Apanha-me boquiaberta e sorri.

— Surpreendida?

— Um bocadinho. Pensei que fosse mais...

— Mais? — Ergue as sobrancelhas.

— Mais, só isso. Sem ofensa, tio Finn, mas este gabinete deve ser o mais utilitário que já vi. Acho que esperava mais alma para um bruxo.

— Então, ainda bem que não sou bruxo, não?

— O quê? — Agora sim, fico confusa. — Pensava... A Macy disse... Eu não...

— Calma, Grace — ri-se o meu tio. — Estava só a tentar descontrair o ambiente. A Macy disse-me que já te tinha posto ao corrente de tudo.

— Sem ofensa, mas é difícil ficar na ignorância com marcas de presas no pescoço.

— Bem visto. — Inclina a cabeça e indica uma das simples cadeiras cinzentas à frente da secretária. — Senta-te. Lamento que tenhas ficado a saber desta maneira — continua, depois de nos sentarmos os dois. — Não era isto que eu queria.

Parece tão desolado... Quero dizer que está tudo bem, mas, na verdade, não está.

— Porque é que não me contaram? Nem o meu pai? Porque é que ele nunca admitiu que era... — Calo-me. Ainda estou com uma certa dificuldade em apreender o facto de que o meu pai era um bruxo a sério. Ou, pelo menos, que nascera bruxo.

— Julgo que o termo que procuras é feiticeiro — diz-me o meu tio. — E sim, o teu pai era um feiticeiro e, a dada altura, fora um bastante poderoso.

— Antes de abdicar de tudo pela minha mãe.

— É um pouco mais complicado do que isso. — O meu tio franze o cenho e abana ao de leve a cabeça. — Nenhum feiticeiro abdica voluntariamente do poder, mas há aqueles, como o teu pai, que estão dispostos a arriscar tudo pelo bem maior.

Não foi isso que a Macy me explicou, o que me faz pensar naquilo que a minha prima poderá não saber acerca do meu pai.

E naquilo que o meu tio sabe.

— O que... O que queres dizer com isso? — pergunto, com um aperto no coração. — O que é que ele fez?

O meu tio parece distante por um momento, mas os olhos voltam a focar-se com a minha pergunta.

— É uma longa história — diz-me. — Uma história que vai ter de ficar para outro dia. Hoje já tens muito com que te preocupar.

— Acho que tenho muito com que me preocupar durante muito tempo — replico. — Muito tempo, mesmo.

— Pois, é verdade. — Suspira. — É disso que queria falar contigo. Tiveste uma primeira semana em grande, minha querida.

Isto sim, é um eufemismo. Espero que ele continue, mas os segundos passam e ele não diz mais nada. Apenas junta os dedos em pirâmide à frente do queixo e fita-me do outro lado da secretária. Não sei se está à espera que eu me vá abaixo, ou se está a tentar encontrar a melhor maneira de dizer aquilo que tem em mente. Imagino que seja a segunda hipótese, pois não fiz nada de mal. Não tenho segredos a revelar, sobretudo quando comparado com o homem que está à frente de um colégio de monstros.

Mas o silêncio prolongado dá-me tempo para pensar. Em tudo o que está mal. Incluindo o facto de o pouco controlo que tinha sobre a minha vida ter desaparecido nesta última semana.

Quero dizer, a sério. Morrer esmagada por um lustre deve ser uma das mais aleatórias e bizarras formas de morrer neste e noutros mundos. Parece

estúpido, até ridículo, não importa o que for que o Jaxon diga. Mas perder os pais como eu perdi os meus, passarem de felizes e vivos a frios e mortos de um momento para o outro, ensinou-me que é fácilmo extinguir uma vida.

Tão simples como piscar os olhos, estalar os dedos, virar para o lado errado no momento errado...

Cerro os olhos quando as imagens me assolam, desesperada por eliminá-las antes que me encham a cabeça. Antes que me assoberbem e me mergulhem mais uma vez na mágoa de onde estou a aprender a sair.

A dor deve ser notória, pois, de repente, o meu tio interrompe o silêncio e pergunta:

— Tens a certeza de que estás bem, Grace? O lustre era enorme e aterrador.

Era enorme e aterrador, e não sei como perdi com tanta facilidade o controlo da minha vida. Há cinco semanas, a Heather e eu andávamos a comprar vestidos para o baile de finalistas e a queixar-nos das aulas de inglês avançado. Agora sou uma órfã que partilha o espaço com meia enciclopédia das criaturas sobrenaturais e que anda a evitar regularmente a morte. A este andar, só espero que o universo não guarde rancores do estilo *Destino Final*.

— Estou bem — garanto-lhe, porque fisicamente é verdade. Nem sequer me arranhei, ou melhor, não ganhei um novo. — Estou só um bocadinho abalada.

— Poupa-me, miúda. *Eu* estou traumatizado e nem sequer lá estava. Não acredito que estejas só um bocadinho abalada. — Estende a mão para dar uma palmadinha atrapalhada na minha que está em cima da secretária. Sei que me quer reconfortar, mas tem os olhos preocupados enquanto me perscruta o rosto.

Esforço-me por garantir que ele não encontra nada e devo conseguir, porque ele lá abana a cabeça e volta a recostar-se na cadeira.

— És tal e qual a tua mãe, sabias? Ela sempre encarou de frente tudo o que a vida lhe atirou no caminho. Sem lágrimas, sem histeria, só uma resolução fria e calma.

A referência casual à minha mãe neste momento, agora que tanta falta me faz, arrasa-me por completo. Leva-me a cerrar as mãos em punhos e a enterrar as unhas na carne num esforço de me manter controlada.

O facto de o tio Finn não se demorar no tema na incrível capacidade que a minha mãe tinha de lidar com tudo tranquilamente ajuda. Mas essa capacidade foi algo que eu não herdei, ao contrário do que o meu tio pensa. Ele abre qualquer coisa no computador e imprime-a.

— Tens a certeza de que estás bem? Não queres que a Marise te examine? — pergunta pelo que me parece a milionésima vez.

Nem pensar. Sei que a Macy disse que ela me mordeu para poder remendar-me a artéria, mas isso não quer dizer que esteja ansiosa por deixá-la voltar a aproximar-se no meu pescoço... ou de qualquer outra parte da minha anatomia.

— Estou bem, a sério. Devias estar preocupado com o Jaxon. Ele protegeu-me dos vidros.

— Já pedi à Marise que o fosse ver — garante-me. — E depois falo com ele para lhe agradecer por ter protegido a minha sobrinha preferida.

— Sou a única — recordo-o, entrando no jogo que temos desde sempre. É uma amostra de normalidade num dia que está longe de ser normal, e agarro-a com unhas e dentes.

— A única e a preferida — diz ele. — Uma coisa não contraria a outra.

— Está bem, tio preferido. Se calhar não.

— Exatamente! — O sorriso tenso transforma-se num sorriso rasgado. Mas não dura muito, com o silêncio a voltar a envolver-nos.

Desta vez não consigo ficar quieta. Não por estar nervosa, mas porque quero sair daqui e ir à procura do Jaxon. Ele parecia estar à beira de um ataque de nervos e não quero que lhe aconteça nada de mal — nem a ele, nem a ninguém.

Mas, para o tio Finn, a minha agitação dever-se-á a outra coisa diferente, pois ele passa com a mão pelo cabelo e suspira profundamente.

— Bom, agora que já não temos gatos escondidos com rabo de fora... — diz.

— Não será antes lobisomens? — pergunto, de sobrancelha erguida. — Ou também têm gatos metamorfos?

Ele ri-se.

— Não, por enquanto só temos lobos e dragões.

— Só. — O tom da minha voz pinga de sarcasmo.

— Deves ter muitas questões.

Muitas? Não, só dois ou três milhões. A começar pela pergunta a que ele optou por não responder ainda há pouco.

— Porque é que não me contaste? Podias ter-me contado quando me pediste que me mudasse para o Alasca, na altura dos funerais.

— Imaginei que já estivesses demasiado assoberbada na altura. Não precisavas que eu te tentasse convencer de que os vampiros e as bruxas são reais.

Faz sentido. Não obstante...

— E depois de eu cá chegar?

O meu tio suspira demoradamente.

— Pensei em explicar-te as coisas com calma. Naquela primeira noite tinha pensado em dizer-te que ias deparar-te com coisas um bocado diferentes do normal, mas estavas de rastos com a hipobaropatia. Depois aconteceu tudo o resto, e pensei que fosse preferível deixar-te na ignorância por mais algum tempo. Sobretudo quando a doutora Wainwright me disse que depois de falar com o doutor Blake, ela considerava melhor deixar-te habituar ao Alasca e à terrível mudança na tua vida antes de teres de lidar com o facto de que tudo o que alguma vez ouviste dizer sobre o sobrenatural ser verdade.

— Tudo? — É a minha vez de erguer as sobrancelhas.

— Bem, *tudo*, talvez não. Mas muito é.

Imagino que isso faça sentido, mas continuo cética, sobretudo porque ainda não tive a oportunidade de conhecer a doutora Wainwright. Mas como é que alguém pode sequer pensar em ocultar o facto de que este colégio está cheio de criaturas noturnas?

Quero dizer, quando penso no Flint a saltar de uma árvore para me salvar, ou na Macy a fazer aquilo do encanto à minha frente, ou nos metamorfos a andarem por aí só de *jeans*, ou no Jaxon a fazer... seja lá o que for que ele faz, não consigo imaginar que pudesse não vir a perceber. Sim, estava a pensar em extraterrestres e não em vampiros, mas, não obstante, eu sabia que se passava alguma coisa.

O meu ceticismo deve manifestar-se porque o meu tio faz uma espécie de esgar.

— Pois, em retrospectiva foi um plano terrível. Quando caís no meio de uma guerra territorial não será propriamente fácil esconder a existência de vampiros e de dragões.

— Guerra territorial? — repito. A Macy deu-me a entender o mesmo. Pensei que ela se referisse às tretas dos grupos do liceu, mas agora que sei que estamos a falar sobre diferentes espécies sobrenaturais, o aviso faz muito mais sentido.

E torna-se muito mais assustador.

O meu tio abana a cabeça.

— Mas isso fica para outro dia. Imagino que o que te aconteceu hoje já te chegue... Para mim chega. O que me leva ao verdadeiro motivo por que te chamei aqui.

Deve ser a mudança de assunto mais abrupta de sempre, e quase que o confronto por causa disso, porque sei que há coisas que ele não me está a contar. Muitas coisas. Mas não creio que pô-lo em causa vá ajudar a que me conte essas histórias. Assim, em vez de exigir respostas para as minhas inúmeras perguntas, mordo a língua e espero para ouvir o que o tio Finn tem a dizer.

— Estava a pensar que te aconteceu muita coisa terrível desde que cá chegaste.

— Por acaso, não aconteceu grande coisa — lembro-o. — O Jaxon salvou-me uma série de vezes.

— Eu sei, mas não podemos estar sempre à espera que o Jaxon esteja presente. Neste colégio acontecem coisas que não ocorrem em outras escolas, tal como já viste nos últimos dias. O que aconteceu com o terramoto foi um acidente estranho e imagino que o lustre também tenha sido. Mas fico a pensar: o que poderá acontecer se alguém perder o controlo dos poderes quando o Jaxon ou o Flint ou a Macy não estiverem presentes para te salvar? O que acontece se te magoares a sério? — Ele abana a cabeça. — Não era capaz de me perdoar.

— Achas que foi isso que aconteceu? Alguém perdeu o controlo dos

poderes?

— Não sabemos, mas é com esse pressuposto que vamos decidir as coisas. Uma bruxa estava a ver o que era capaz de fazer e *pum...* Embora nunca tivéssemos perdido um lustre, já houve vidros a voar, entre outras coisas.

Isso pode até ser a melhor notícia do dia, porque implica que o Jaxon pudesse estar a passar-se sem motivo.

Não há ninguém a tentar matar-me. Foi só alguém que teve um percalço com os poderes e eu, por acaso, estava no caminho. O que faz muito mais sentido do que pensar que alguém me possa mesmo querer mal.

— Bom — o meu tio volta a juntar as pontas dos dedos por baixo do queixo —, e é por isso que te quero mandar de volta para San Diego.



44

Lar, doce Alasca

— Mandar-me de volta? — O horror invade o meu íntimo como um avião numa pista gelada: rápido, desesperado, onnipresente. — Estás a falar do quê. Não tenho nada lá.

— Eu sei. — Abana a cabeça com tristeza. — Mas estou a começar a pensar que também não tens nada aqui. Lá, pelo menos, ficas segura.

— Como os meus pais? — As palavras saem-me arrancadas, num misto de dor e de terror. Voltar para San Diego implica ter de deixar o Jaxon e eu não quero isso. Não *consigo* fazer isso, pelo menos não agora que é óbvio que há alguma coisa a acontecer entre nós; agora que ele é a primeira coisa em que penso quando acordo e a última antes de adormecer.

— Isso foi um acaso, Grace. Um acidente terrível...

— Os acidentes podem acontecer em qualquer lado. E, se for para me acontecer alguma coisa, que seja aqui, onde tenho a Macy, onde te tenho a ti, e... — Calo-me, não querendo dar voz a algo que eu própria só comecei a entender agora: que apenas numa semana, o Jaxon Vega passou a significar muito para mim.

Pelos vistos, o meu tio é mais observador do que julgava, pois ele termina a frase por mim.

— O Jaxon? — pergunta gentilmente.

Não respondo. Não *posso*. O que se passa entre nós diz respeito aos dois. Não o posso tentar explicar ao tio Finn.

Claro que a minha falta de resposta acaba por ser a resposta.

— Sei que o Jaxon consegue ser... — Faz uma pausa, e suspira. — Sedutor. Sei o que as raparigas sentem por ele, e compreendo. Ele...

— Tio Finn! Não! — Quase levo as mãos às orelhas para não ouvir o meu tio a referir-se ao rapaz por quem me estou a apaixonar como sendo «sedutor».

— Não? — pergunta ele, com um ar confuso. — Não te sentes atraída por...?

— Quero dizer, não! Não! Não sei o que se está a passar entre mim e o Jaxon, mas *nós* — indico o meu tio e a minha pessoa com um gesto da mão — não vamos falar sobre isso.

— Ah não?

— Não. Não vamos. — Abano a cabeça com veemência. — Nem agora, nem nunca.

— A sério, juro que falar sobre rapazes contigo é tão difícil como tentar falar sobre o mesmo assunto com a Macy — diz, revirando os olhos. — Sempre que lhe pergunto sobre o Cam é como se lhe tivesse pedido que engolisse olho de salamandra. Mas pronto, não falamos sobre rapazes. Só que tenho de te avisar de que o Jaxon é...

— Perigoso. Sim, a Macy já me deixou isso bem claro. E talvez até seja, mas ele nunca me tratou sem ser com gentileza, por isso...

— Eu não ia dizer perigoso. — Sinto, pela primeira vez, um toque de irritação na voz dele. — E se não me estivesse sempre a interromper já sabias disso.

— Ah, pois. — Sinto-me a enrubescer. — Desculpa.

Ele limita-se a abanar a cabeça.

— O que eu ia dizer é que o Jaxon é diferente dos rapazes que possas ter conhecido.

— Obviamente. — Faço a mesma imitação de presas que fiz com a Macy e o tio Finn também solta uma gargalhada.

— Não é só por ser um vampiro, mas sim, ser um vampiro também ajuda.

Ah. As palavras dele fazem sentir-me borboletas no estômago, embora não saiba porquê.

— O que mais há a saber? — pergunto, porque não posso *não* perguntar. — Sei do irmão...

— Ele falou-te do Hudson? — Agora, o meu tio parece chocado.

— Só sei que ele morreu.

— Ah, sim. — A desconfiança que invade o rosto do meu tio prova que há muito mais por trás desta história. Bem, isso e o facto de esta ser a reacção de toda a gente quando menciono o Hudson. — A morte do Hudson deixou muita responsabilidade em cima dos ombros do Jaxon... A do Hudson e a dele.

— Imagino.

— Não, Grace, não imaginas. — Ainda não tinha visto o meu tio com uma expressão assim tão sombria. — Porque ser vampiro não é como ser uma pessoa qualquer.

— Sim, está bem. Mas ele já foi como uma pessoa qualquer, certo? —

Penso em todos os filmes de vampiros que já vi, nos romances que já li. — Quer dizer...

— Não. A questão é essa. O Jaxon já nasceu vampiro.

Agora sou eu que fico chocada.

— O que queres dizer com isso? Pensava que todos os vampiros...

— Não, nem todos. Os vampiros podem ser criados. Na verdade, é o que acontece à maioria. Mas eles também podem nascer assim. O Jaxon nasceu assim, tal como os outros elementos da Ordem. E isso é algo importante no nosso mundo.

Nem tento imaginar o que isso poderá querer dizer, pois ainda estou mergulhada na revelação de que *os vampiros podem nascer assim*.

— Mas como? Quer dizer, pensava que era preciso ser mordido para se ser vampiro?

— Regra geral, sim. Mas isso se eles te quiserem transformar. Caso contrário, é só uma dentada, como...

— Como aquilo que a Marise fez comigo, é isso?

— Sim. — Assente com a cabeça.

— Mas isso continua sem explicar como é possível que os vampiros nasçam assim — insisto.

Parte de mim sente-se como se estivesse a afogar-me com a enxurrada de informação, mas outra parte está, tipo «Ah, ok. Nada de especial.»

Acho que depois do esforço para aceitar que estas criaturas existem, a forma *como* surgem deixa de ser tão chocante.

— À semelhança de outras coisas, o vampirismo é uma mutação genética. Rara, excecionalmente rara, mas não deixa de ser uma mutação genética. O primeiro caso documentado aconteceu há vários milhares de anos, mas, desde então, ocorreram muitos mais.

— Espera aí. Existem casos *documentados* de vampiros com milhares de anos? Como é que isso é possível? Quero dizer, como é que se prova uma coisa dessas?

— Porque eles ainda estão vivos, Grace.

— Ah, pois. — Mais uma coisa que eu devia ter antecipado. — Porque os vampiros não morrem.

— Eles morrem, só que muito mais devagar do que as outras pessoas, pois as células desenvolvem-se de maneira diferente.

É claro que sim. Caso contrário, não haveria tanta chupadela de sangue, e sabe-se lá mais o quê.

— E o Jaxon é um desses vampiros? Um dos antigos? — Essa ideia transforma as borboletas em abutres. O que é estranho. Quero dizer, estou totalmente aberta ao conceito do vampiro, porque é que a idade me deixa passada?

— O Jaxon nasceu na mais antiga família de vampiros. Mas não, ele não tem quatro mil anos, se é isso que estás a pensar.

Oh, graças a Deus.

— Então, essas famílias são as únicas em que nascem vampiros? Quero dizer, os vampiros não nascem de qualquer um, pois não?

— É uma mutação genética, portanto, sim, os vampiros podem nascer de qualquer um. Mas, regra geral, isso não acontece. Normalmente, os vampiros vêm de uma das seis famílias mais antigas, mas há outros vampiros que nascem assim. Esses costumam ser aqueles que lemos nas histórias, pois não fazem ideia de quem são, nem do que são, por isso...

— Saem por aí a matar toda a gente que encontram?

— Eu não o poria nesses termos — diz-me, com um ar exasperado. — Mas sim. São eles que costumam fazer outros vampiros, pois não têm noção do que se passa. Ou então sentem-se sozinhos e querem criar uma família. Ou por uma série de outros motivos. Mas as famílias mais velhas não são assim.

— O que significa isso? Elas não matam pessoas? — Tenho de admitir que se trata de um grande alívio.

Pelo menos até que o meu tio se ri e diz:

— Eu não iria tão longe.

— Bem. O Jaxon tem...

— Não tenho o hábito de falar sobre alguns alunos com outros alunos, Grace. E esta conversa já se afastou demasiado do tema original.

É verdade, mas fiquei a saber muita coisa, pelo que não tenho problemas com o rumo que a conversa tomou. Embora a gargalhada que acompanhou a tirada do «eu não iria tão longe» tivesse soado bem gelada.

— Não quero voltar para San Diego, tio Finn.

É a primeira vez que o digo em voz alta. A primeira vez que penso nisso e acredito no que digo. Só sei que isso é verdade quando as palavras me saem da boca. Por mais que sinta a falta da praia, do calor, da vida que tinha com os meus pais, não quero regressar. Os meus pais desapareceram e não há nada em San Diego que me atraia tanto como o Jaxon.

Nada.

— Grace, fico muito satisfeito por gostares do Colégio Katmere. A sério. Mas não sei se é seguro. Pensei que te pudesse proteger, mas é óbvio que ser uma pessoa normal numa escola destinada a paranormais é perigoso.

Ao pensar na semana que tive, o que o meu tio diz parece um belo eufemismo. Não obstante...

— A decisão não me cabe a mim?

— Sim, mas não a podes fazer em função de um rapaz.

— Não estou a decidir por causa do Jaxon. Pelo menos, não é só por causa do Jaxon. — Também isto é verdade. — Estou a decidir por causa da Macy. E de ti. E até do Flint. Estou a decidir porque tenho saudades de San Diego e da vida que lá tinha, mas essa vida acabou. Os meus pais morreram e se eu voltar... Se voltar à mesma escola e à vida que tinha sem eles, vai ser um balde de água fria. Um lembrete, todos os dias, daquilo que eu perdi. E não me parece que seja capaz de fazer isso, tio Finn. Não vou ser capaz de superar o trauma a passar pela minha antiga casa todos os dias, a caminho da escola; a

ir aos sítios onde costumava ir com os meus pais... — A voz fraqueja-me e desvio o olhar, envergonhada com as lágrimas que me afloram aos olhos e pela fraqueza que sinto sempre que penso nos meus pais.

— Está bem. — Desta vez, quando o meu tio se debruça sobre a secretária, ele toma-me ambas as mãos. — Está bem, Grace. Se é isso que sentes, sabes bem que podes cá ficar. És sempre bem-vinda onde eu e a Macy estivermos. Mas temos de fazer alguma coisa quanto a estes acidentes, pois não quero que te aconteça nada comigo por perto. Quando nasceste prometi ao teu pai que cuidava de ti se lhe acontecesse alguma coisa e não o vou desiludir.

— Parece-me muito bem, porque eu também não sou grande fã destes acidentes.

Ele ri-se.

— Pois, acredito. Então é o que...?

O meu tio é interrompido pelo apitar do intercomunicador na secretária.

— *Senhor Foster, tem a chamada das nove na linha três.*

— Ah, está bem. Obrigado, Gladys. — Olha para mim. — Infelizmente, tenho mesmo de atender. E se fosses para o teu quarto? Aproveitas para relaxar o resto do dia. Vou pensar em como te podemos deixar segura e passo por lá ao almoço para falar sobre isso contigo e com a Macy. Parece-te bem?

— Parece-me muito bem. — Pego na mochila e dirijo-me à porta. Quando a abro viro-me para o meu tio. — Obrigada.

— Não me agradeças. Ainda não tive ideias.

— Não, quero dizer, obrigada por me teres ido buscar a San Diego. Obrigada por me receberes. Obrigada por...

— Ser a tua família? — Abana a cabeça. — Não precisas de me agradecer por isso, Grace, nunca. Gosto muito de ti. A Macy gosta muito de ti. E podes ficar connosco até quiseres, está bem?

Engulo o nó repentino que me surge na garganta.

— Sim. — Depois saio antes de me deixar ir abaixo pela segunda vez no mesmo número de dias.

Mas ainda mal fechei a porta e dei três passos pelo corredor quando o chão debaixo dos meus pés começa a tremer. Outra vez.



45

Eu sabia que havia uma chama entre nós, mas só agora percebi que é o teu hálito

Este não é mau. O chão só estremece ao de leve. Mas é suficiente para me deixar nervosa. Mais do que suficiente para me abrigar na soleira da porta seguinte, tal como nos ensinaram na escola primária. Não quero ter mais ferimentos... nem mais acidentes.

Segundos depois, quando a réplica termina, pego no telemóvel e envio uma mensagem ao Jaxon só para que ele saiba que estou bem e para me certificar de que ele também está. Gostava de ter uma conversa com ele em que nenhum de nós estivesse ferido — e quando não tivéssemos metade da escola a olhar para nós. Escrevo um rápido *Onde estás? Vamos encontrar-nos?* e depois aguardo impacientemente pela resposta.

Não a recebo, o que me deixa ainda mais nervosa.

Quem me dera ter ficado com o número de telefone do Mekhi, para lhe poder enviar também uma mensagem, mas não fiquei, pelo que não me resta alternativa: vagar pelos corredores e esperar que ele me responda.

Sem saber o que mais fazer dirijo-me às escadas para a torre do Jaxon. Mas a verdade é que não me apetece voltar a aparecer à porta dele sem ser convidada. Foi ele que me deixou na cantina e é ele que não está a responder às mensagens. Quero vê-lo, quero falar com ele, mas não o vou continuar a perseguir. Desta vez, é ele que tem de vir até mim.

O que significa que talvez não deva voltar ao meu quarto, pois sei que aí só vou ficar a remoer quanto ao seu paradeiro e quanto ao que ele estará a fazer, ao invés de fazer algo produtivo. Hoje já desperdicei tempo suficiente a

pensar naquele rapaz — demasiado, a julgar pela maneira como me está a ignorar.

É sobretudo isso que me leva a dirigir-me até à biblioteca assim que chego ao primeiro andar. Andava com vontade de lá voltar durante as aulas, para ver bem o acervo e, talvez, requisitar alguns livros. Pelos vistos tenho muito a aprender sobre as criaturas paranormais, e esta é uma boa altura para começar. Para além disso, o meu tio e a Macy não terão como reclamar de que não estou a repousar se passar o dia recostada numa série de travesseiros de filmes de terror com um bom livro nas mãos.

Há aulas a decorrer, pelo que a biblioteca está praticamente vazia quando entro. Para mim está ótimo. Quanto menos pessoas encontrar, menos probabilidades tenho de me deparar com mais «acidentes».

Penso em começar pela secção de mitologia, para ver se há livros sobre as diferentes criaturas paranormais com quem frequento o colégio. Seria aí que começaria numa biblioteca normal, mas aqui em Katmere, os monstros são reais. Portanto, talvez deva procurar livros sobre eles em não ficção? Ou biologia?

Vai ser preciso muito tempo para me habituar a esta história de os *monstros serem reais*.

Decido passar pelo balcão central e perguntar à bibliotecária por onde começar. E a verdade é que desde que encontrei este sítio que estou ansiosa por conhecê-la. Pelas escolhas de autocolantes e disposição das gárgulas parece ser superfixe.

Essa impressão é reforçada quando finalmente a vejo em pessoa.

É alta e linda, com a pele reluzente e as feições marcadas das tribos esquimós locais. O cabelo escuro e comprido está entrelaçado com fitas cor de laranja e prateadas — restos do Halloween, imagino — e usa roupas *hippie*: um vestido fluido de mangas compridas e botas. Apresenta-me um sorriso rasgado, algo que não vejo com frequência aqui no sombrio e gótico Colégio Katmere.

— Professora Royce? — pergunto ao chegar ao balcão.

— Podes tratar-me por Amka. Muitos alunos fazem-no. — O sorriso fica ainda mais afável, se é que isso é possível. — Deves ser a Grace, a aluna nova que é a grande sensação do momento.

Sinto as faces a aquecer.

— Não o poria nesses termos, mas sim. Acho que devo ser.

— É um prazer conhecer a rapariga que está a abalar as coisas por aqui. Bem falta lhes faz.

— A quem?

Ela ri-se e inclina-se ligeiramente para a frente. Depois, com um floreado teatral, diz:

— Aos monstros.

Arregalo os olhos ao ouvir a descrição e sinto-me avassalada pelo alívio ao recordar aquilo que o meu tio me disse.

— Quer dizer que também é humana?

— A maior parte de nós é humano, Grace. Só temos qualquer coisa a mais que os outros.

— Ah, pois. — Sinto-me parva. — Sinto muito, não a queria ofender.

— Não ofendeste. — Estende a mão. Segundos depois, uma brisa percorre a biblioteca, agitando-me o cabelo e fazendo estremecer as revistas no escaparate atrás de mim.

— Oh! É uma bruxa! — Viro o rosto para sentir a brisa.

— Sou uma *angakkuq* — corrige ela. — Uma xamã esquimó.

— Desculpe. — Quero que o chão se abra para me engolir. Ainda não parei de insultar esta mulher. — Não devia ter pressuposto.

— Não te preocupes, Grace. Tinhas razão. Pratico *angakkuunig*, ou xamanismo esquimó, que é muito parecido com a *ilisiniq*. Ou aquilo a que chamas de bruxaria. — Fecha a mão e o vento para instantaneamente. — Razão pela qual posso invocar o *chinook* sempre que quiser. E também o *ikkuma*. — Segundos depois, as velas de todos os castiçais nas paredes inflamam-se. — Fogo.

— Isso foi a coisa mais fixe que eu já vi — exclamo, com uma gargalhada deliciada.

— Vai ficando atenta — responde ela. — Há muita coisa fixe para ver aqui em Katmere.

— Mal posso esperar — admito sinceramente. Vê-la a manipular os elementos acalma-me, convence-me de que talvez as coisas não sejam tão assustadoras como receio.

— Ótimo — diz ela, piscando-me o olho. — Agora, o que é que te traz à minha biblioteca?

— Por acaso, só queria explorar um pouco mais. Estive aqui no outro dia e apaixonei-me pelo sítio. Fez um trabalho espetacular.

— Os livros são fascinantes e divertidos. Acredito que os espaços que os alojam também o devem ser.

— E consegui. — Viro-me e olho para trás de mim. — Quero dizer, só os autocolantes são incríveis. Era capaz de passar o dia a lê-los. E as gárgulas. E as almofadas dos filmes de terror? Adoro isto tudo.

— Qual a piada de trabalhar neste sítio se não puder divertir-me?

— Exatamente! — rio-me. — E isso é a segunda razão que me trouxe aqui. Gostava de encontrar livros que me ajudem a saber mais acerca dos diferentes tipos de pessoas que aqui estudam.

Ela sorri com a minha tentativa atrapalhada de incorporar no pedido a primeira lição que me ensinou — o facto de que a maioria das pessoas neste colégio serem seres humanos, mesmo que diferentes.

— Admiro a tua mente aberta. E a disposição de abraçar o que aprendeste.

— Estou a fazer por isso. Imagino que haja muito a aprender.

— Tens tempo. — Estende as mãos e segura as minhas entre as dela.

Fico surpreendida, mas não ofendida, pelo que não as tiro. Embora me

arrependa quando os olhos dela começam a fazer um rodopio esquisito.

Não é nada de especial, repito para comigo. Quero dizer, a Macy fez um feitiço e eu não tive problemas. Isto não é diferente.

Mas a sensação é diferente. Sinto-me com se ela estivesse a olhar-me para o mais fundo do meu íntimo, como se conseguisse ver muito mais do que eu quero que ela — ou qualquer outra pessoa — veja.

O que é ridículo. Quero dizer, lá porque é xamã, isso não quer dizer que seja capaz de ler mentes. Mas quando me convenço de que não está a acontecer nada de bizarro, ela murmura:

— Não tenhas medo.

— Não tenho — respondo, pois, o que é que havia de dizer? Que aquela coisa que está a fazer com os olhos me está a assustar um bocadinho?

— És mais do que aquilo que julgas — continua ela.

— Eu... não sei o que isso quer dizer.

Ela sorri e os olhos voltam ao normal.

— Vais saber quando precisares. É só isso que interessa.

— Obrigada — respondo. Haverá mais alguma coisa que possa dizer? Talvez devesse pensar em algumas tiradas, pois vou passar algum tempo por cá.

— Toma. — A Amka rasga uma folha do bloco de notas que tem na secretária, rabisca qualquer coisa, dobra-a ao meio e entrega-ma. — Talvez seja útil ires ao fundo das pilhas, dois corredores mais adiante.

— Qual é a secção? — Sinto o entusiasmo a afugentar a inquietação de há pouco.

— Dragões. — Deixa vislumbrar uma covinha na face. — É sempre um bom sítio para começar.

— Absolutamente. — Penso no Flint e nas questões que tenho sobre ele. — Obrigada!

— De nada. Quando encontrares aquilo que procuras vais saber o que fazer com isso. — Tira uma garrafa de água debaixo da secretária. — Toma, leva isto também. E bebe-a. Tens de estar sempre hidratada a esta altitude.

— Ah, sim. — Aceito a garrafa. — Mais uma vez, obrigada.

Ela limita-se a fazer sinal para me ir embora.

Dirijo-me ao local que ela me indicou, interrogando-me quanto ao tipo de livros sobre dragões que lá vou encontrar — sobretudo porque me parece que estou na secção de mistério. Mas assim que chego ao fim do corredor, o sorriso da Amka passa a fazer sentido, bem como as indicações. Pois sentado a uma das mesas redondas, de auscultadores postos e um livro bem velho aberto num capítulo com escritos estranhos, está o Flint.

Dragões, realmente.

Ele olha para cima quando dou um passo na direção dele e, por um segundo, uma expressão que não consigo decifrar percorre-lhe o rosto. Segue-se um sorriso rasgado e tira um dos AirPods.

— Então, Miúda Nova! O que fazes aqui?

Não consigo deixar de lhe sorrir em resposta.

— Pelos vistos ando a fazer pesquisa sobre dragões.

— Ah é? — Dá uma palmadinha na cadeira ao lado dele. — Parece que vieste ao sítio certo.

— Parece que sim. — Ao chegar-me junto dele para me sentar entrego-lhe o recado que a Amka me deu. — Julgo que isto será para ti.

— A sério? — Franze ao de leve o cenho ao aceitar o papel. Enquanto o lê confirmo o telefone para me certificar de que não perdi nenhuma mensagem do Jaxon.

Não perdi.

— Então — diz o Flint, não estabelecendo deliberadamente contacto visual ao pousar o recado ao lado do livro que está a ler —, o que precisas de saber acerca de dragões?

— Podemos fazer isto depois — assevero-lhe. — Não quero interromper o que estejas a fazer.

— Não te preocupes. Isto não é nada. — Fecha o livro antes que eu consiga ver grande coisa e afasta-o dele.

Mas vejo a língua e a capa.

— Olha! Isso é um texto acadiano?

O Flint arregala os olhos.

— Como é que sabes que é acadiano?

— Por acaso só soube disso há uns dias. A Lia estava a fazer pesquisa para um projeto. Vocês estão na mesma turma?

— Ah, sim. — Parece manifestamente pouco entusiasmado, o que não me surpreende, tendo em conta a antipatia que parecem nutrir um pelo outro.

— Para que aula é? — Levo a mão ao livro. — Acho que gostava de me inscrever no próximo semestre, se puder.

— Línguas mágicas antigas. — Afasta o livro antes que eu o sequer possa abrir e guarda-o na mochila. — E então, o que queres saber sobre dragões?

— Qualquer coisa. Tudo. — Levanto as mãos num gesto de «não faço ideia». — Esta coisa do «as criaturas mágicas são reais» é... intensa.

— Não te preocupes. Habituas-te num instante.

— Ao menos um de nós pensa isso.

Ele ri-se.

— Vá lá, faz-me a primeira pergunta.

— Oh, por acaso não pensei em perguntas específicas a não ser... A Macy diz que tens asas. Isso quer dizer que podes voar? — Pensar nisso deixa-me atordoad.

— Sim, posso voar. — Sorri. — E também posso fazer outras coisas.

— Como por exemplo? — Debruço-me para ele, fascinada.

— Epá, se vamos começar a falar a sério acerca disto, se calhar vamos precisar de sustento. — Leva a mão à mochila.

— Oh, desculpa. Não queria...

— Está tudo bem, Miúda Nova. — Tira do bolso um saco meio comido de

marshmallows, que me oferece. — Queres um? Eu adoro.

— Eu também — respondo-lhe, tirando um. — Quero dizer, normalmente com Rice Krispies, mas não me queixo.

Faço menção de o enfiar na boca, mas ele detém-me pousando a sua mão no meu braço.

— Então, não é assim que se come um *marshmallow*.

— Porquê?

Ele limita-se a agitar as sobrancelhas. Depois atira o *marshmallow* ao ar e cospe fogo da boca.

Grito e tapo a boca, meio em choque, meio deliciada enquanto o *marshmallow* fica de um castanho-dourado perfeito em pleno ar. Segundos depois, o Flint fecha a boca e a guloseima cai-lhe diretamente na mão.

Estende-mo.

— É assim que se come um *marshmallow*.

— A quem o dizes! — Aceito-o e enfio-o na boca. — Ai meu Deus, está quente! — digo com a goma derretida a queimar-me a língua.

Ele oferece-me um olhar que diz, «A sério.»

— E está assado na perfeição! — Nem acredito quão fixe isto é.

— Claro que está. Já faço isto há muito tempo. — Estende-me o saco. — Queres outro?

— Estás a brincar? Quero-os todos. Sempre.

Ele sorri.

— Miúda, fazes o meu género.

— Posso atirá-lo? — Retiro mais um do saco.

— Ficava ofendido se não o fizesses.

Solto uma risadinha, enquanto lanço o *marshmallow* ao ar. E, desta vez, grito menos quando o Flint cospe um jato de fogo na direção da goma.

Quando termina, fecha a boca e o *marshmallow* regressa-me à mão. Está quente — muito quente —, pelo que o troco de uma mão para a outra durante alguns segundos, esperando que arrefeça. Depois ofereço-lho.

— Este é teu.

Parece surpreso enquanto olha do *marshmallow* para mim. Depois diz:

— Obrigado! — E enfia-o na boca.

Assamos o resto do saco, um a seguir ao outro — por vezes dois ou três de uma vez —, e o Flint vai fazendo piadas. Quando os *marshmallows* finalmente acabam, o meu estômago está a dar cabo de mim — em parte porque tenho estado a rir-me às gargalhadas, e em parte porque acabei de comer uma carrada de *marshmallows*. Seja como for, é uma dor agradável, ao contrário de muitas outras coisas neste sítio, por isso aguento-a.

Também estou com sede, por causa do açúcar, por isso pego na garrafa de água que a Amka me deu. Interrogo-me se ela me terá dado a água por saber que eu iria precisar dela. Será que a premonição é comum entre os xamãs esquimós? Mais uma coisa a investigar.

Quando vou abrir a garrafa, o Flint tira-ma da mão antes sequer de lhe quebrar o selo.

— Beber água morna é algo tão vulgar — brinca ele. Mesmo antes de abrir a boca e soprar um jorro de ar gélido contra a água.

Segundos depois, com novo agitar das sobrancelhas, entrega-me uma garrafa gelada.

— Uau, eu... Uau. — Abano a cabeça, entusiasmada. — Consegues fazer mais alguma coisa?

— O quê? Voar, fogo e gelo não chega?

— Sim! Quero dizer, é claro que chega. — Sinto-me uma parva. — Desculpa, estava só...

— Calma, estou a meter-me contigo. — Estende a mão, mais ou menos como a Amka fez ao invocar o vento. Só que o Flint não está prestes a fazer algo tão aborrecido como vento.

Vejo, espantada, um feixe de flores azul-claras a florescer-lhe na mão.

— Ai meu Deus — murmuro ao começar a cheirar o perfume discreto. — Ai meu Deus. Como é que fizeste isso?

Ele encolhe os ombros.

— Sou um dos sortudos. — Estende as flores na minha direção e eu passo ao de leve com o dedo numa das delicadas pétalas das flores. Parece seda.

— Chamam-lhes Não-Me-Esqueças. São a flor oficial do Alasca.

— São lindas. — Abano a cabeça.

— Tu és linda — replica ele. Depois chega-se à frente e abana o ramo de flores nos meus caracóis, mesmo por cima da minha orelha esquerda.

Sinto um aperto no estômago quando os lábios dele ficam a um centímetro dos meus. *Ai meu Deus. Ai não!*

O instinto faz-me recuar na cadeira, arregalo os olhos e a respiração sai-me demasiado acelerada.

Mas o Flint ri-se.

— Não te preocupes, Miúda Nova. Não me estava a atirar a ti.

Ai, graças a Deus. Quase me encolho com o alívio.

— Eu não pensei... Eu estava... Eu só...

— Oh Grace. — O Flint solta uma meia risada enquanto abana ao de leve a cabeça. — Tu és de mais, sabias?

— Eu? Tu é que cospes fogo e gelo e fazes aparecer flores do nada.

— Bem visto. — Inclina a cabeça, observando-me com os olhos verdes.

— Mas vou prometer-te uma coisa, está bem?

— Sim?

— Quando eu me atirar a ti, vai ser porque tu queres que o faça. E quando o fizer, saberemos ambos exatamente o que se passa.



46

Como-te a ti e ao cão

Não faço ideia do que responder à promessa do Flint, o que talvez seja positivo, já que, de repente, fico com a garganta seca e sem conseguir falar.

Não porque queira que o Flint se atire a mim — não quero. E não porque tenha ficado ofendida com as palavras dele, pois não fiquei. Mas porque quando lhe vejo os olhos verdes alegres, quando lhe vejo o sorriso contagiante, imagino que se o Jaxon não existisse, receberia de braços abertos qualquer avanço que este dragão quisesse fazer.

Mas o Jaxon *existe*, e estar aqui com o Flint torna-se um milhão de vezes mais estranho.

Bebo um longo gole de água para molhar a garganta e para ganhar tempo, de modo a descortinar o que dizer para despoletar a situação. Mas, antes que me lembre seja do que for, o telemóvel do Flint treme com uma série de mensagens.

Ele pega no telefone e olha para elas. A sua pose muda por completo.

— Passa-se alguma coisa.

Penso de imediato no Jaxon.

— O que foi? O que está a acontecer?

O Flint não responde, limita-se a pegar na mochila e começa a enfiar coisas lá dentro. Entretanto, a mensagem que a Amka lhe enviou cai e eu leio-a:

«Há mil e uma maneiras de chegar onde queremos ir, mas nem todos os caminhos são os corretos.»

Não tenho tempo para pensar no significado daquelas palavras, porque o Flint agarra no papel e depois ordena:

— Anda. Vamos embora.

Pego na bolsa e sigo-o, com o receio a dar-me a volta ao estômago, enquanto tento perceber o que poderia levá-lo a reagir assim.

— O que foi? — volto a perguntar.

— Ainda não sei. Mas a Ordem está em movimento.

— Em movimento? O que significa isso? — Estou praticamente a correr para acompanhar os grandes passos do Flint.

— Quer dizer que vai haver problemas. — Cospe as palavras como se lhe soubessem mal.

Não que eu o censure. Sabe Deus que já houve suficientes nos últimos dias.

— Que tipo de problemas? — Estou mesmo atrás dele quando abre a porta da biblioteca e começa a descer o corredor.

— É isso que eu quero descobrir.

Tiro o telefone do bolso, determinada a obter uma resposta do Jaxon. Mas quando chegamos à grande zona de passagem junto às escadas já não tenho de o fazer. Porque no andar seguinte está a Ordem, a marchar num silêncio ordenado.

Avançam rapidamente e, embora estejam de costas voltadas, percebo que o Flint tem razão. Vai haver um problema e dos grandes. Isso é visível nos ombros hirtos e na tensão que percorre cada um deles.

Chamo o Jaxon, mas ele ignora-me, ou então não me ouve. Seja qual for o motivo, é um mau sinal, porque ele costuma ter sempre uma noção perfeita do que se passa à sua volta.

Imaginar que ele possa estar em risco leva-me a correr pelas escadas, logo atrás do Flint, determinada a alcançá-lo antes que aconteça qualquer coisa terrível.

Mas o Jaxon também se desloca com rapidez, pelo que acabamos por persegui-lo pelo corredor, passando pelo laboratório de física e por várias salas de aulas. Ele faz uma pausa à porta de um espaço onde ainda não estive — julgo que se trata de uma das salas de convívio — e volto a chamá-lo. Encontro-me no extremo oposto do longo corredor, pelo que não me surpreende que o Jaxon não me ouça.

Mas o Byron ouve, virando a cabeça para olhar para mim. Estou demasiado longe para lhe ver os olhos, mas a expressão no rosto é assustadora, com os olhos a saltarem do Flint para mim. Depois abana a cabeça num movimento rápido.

É óbvio que ele quer que os deixe em paz, mas isso não vai acontecer — pelo menos até que eu saiba o que se passa. Por isso apresso o passo, determinada a alcançar o Jaxon antes que ele faça seja o que for que pretende fazer.

Não consigo, e o Flint também não. O Jaxon entra na sala, seguido pelos outros cinco elementos da Ordem, entre eles o Byron, que não volta a olhar na minha direção.

Sou acometida por uma onda de pânico e corro mais depressa do que nunca, ignorando a dor no pescoço e no braço. Ignorando a tontura. Ignorando tudo, menos a necessidade de chegar ao Jaxon, de me certificar de que ele não faz nada por minha causa que não possa voltar atrás.

Não sei como tenho a certeza de que isto me diz respeito, mas sei.

Chego à porta no momento em que o Jaxon atira o mobiliário do espaço em todas as direções.

Ao meu lado, o Flint pragueja. Mas não faz menção de intervir, nem mesmo quando o Jaxon atira alguém, que eu tenho a certeza de que é o Cole, contra uma mesa e uma cadeira que se viram ao contrário com o impacto.

Fico com o ar preso na garganta num grito estrangulado. Sabia que ele era forte, sabia que era perigoso — todos mo dizem desde que aqui cheguei —, só que, até agora, não fazia ideia do que isso poderia querer dizer. Mas começo a perceber quando o Jaxon atira o rapaz — e sim, é mesmo o Cole — contra a parede com um movimento dos dedos e depois fá-lo pairar quase quatro metros no ar só com a mente.

Nada, nenhum aviso, nenhuma mitologia vampírica, nada que ninguém me pudesse ter dito, me teria preparado para o que acontece em seguida.

Vários alunos — outros metamorfos, imagino, pois o Quinn e o Marc estão entre eles — acorrem até ele, mas, tal como aconteceu na cantina, o Mekhi, o Byron e os outros estabelecem um perímetro em torno do líder. Só que os metamorfos parecem não se importar, pois correm diretos a eles num esforço de salvar o indivíduo que o Jaxon continua a manter pendurado a quatro metros do chão. E é então que o caos se instala, com os cinco elementos da Ordem a entrarem em confronto físico com três ou quatro vezes mais metamorfos.

A briga é rápida, é brutal, é terrível de observar, com alguns metamorfos a lutarem como humanos, outros como lobos. Surgem dentes e garras, arranhando as costas do Luca e o braço do Liam, enquanto os vampiros os agarram no pelo e atiram os lobos contra o chão. Mas o Jaxon deve ser o único dotado de telecinesia, pois a Ordem combate à maneira antiga — com punhos, pés e o que tenho a certeza serem presas.

Viro-me para o Flint, esperando que intervenha, mas ele fica a olhar para a briga com os punhos cerrados e os olhos entreabertos.

Os outros alunos não se mostram tão reticentes, juntando-se à refrega — mais metamorfos e vampiros uns contra os outros, num combate que não sei como vai acabar. Mas o chão está já coberto de pelo e de sangue. Se ninguém intervir já, haverá *mortes*.

O Jaxon deve ter a mesma ideia, pois, de repente, larga o Cole, que embate no chão com força, após o que se levanta. Ao mesmo tempo, o Jaxon descreve um vasto arco com o braço que faz toda a gente estacar. Há mesmo quem caia.

Ainda estou no lado oposto, junto à entrada, mas o poder também me atinge a mim e ao Flint. Acabamos por cambalear para trás e temos de nos

agarrar às ombreiras das portas duplas para não cairmos.

Sei que sou apenas humana, mas o Flint não é, e ele também foi empurrado para trás. Nem imagino a força sentida por quem estava mais perto. Não admira que muitos tenham caído.

Julgo que terminou — tanto a briga como aquilo que o Jaxon tencionava fazer ao metamorfo — pelo que, assim que a onda de choque se dissipa, dou um passo em frente.

— Jaxon! — exclamo, esperando chamar-lhe a atenção. Esperando fazê-lo pensar no meio de toda esta loucura.

Ele olha de relance na minha direção por um segundo ou dois. Nunca vi os olhos dele assim. Não estão vazios. Não estão gelados. Estão a arder. Há um inferno naquela olhar.

— Jaxon — repito, agora mais baixo, e, por um instante, julgo que estou a fazer-me ouvir.

Pelo menos até que ele vira a cabeça, bloqueando-me.

Segundos depois estende a mão e o Cole volta a ficar de pé. Todavia, desta vez, todos os presentes sustêm a respiração, enquanto esperamos para ver o que se segue.

Não demoramos muito a descobrir.

O Cole começa a debater-se, os olhos arregalados e os dedos a raspar na garganta enquanto o Jaxon o puxa; o arrasta lentamente para mais perto, até que, mais uma vez, o Cole está mesmo à frente dele. Tem os olhos arregalados, marcas vermelhas no pescoço, terror nos olhos.

Já chega, é mais do que suficiente. Seja o que for que o Jaxon está a fazer, seja qual for a posição que ele quer marcar, já chega. Todos os presentes já sabem aquilo de que ele é capaz.

— Jaxon, por favor. — Digo-o baixinho, sem saber se ele me vai ouvir, mas incapaz de manter o silêncio agora que está mesmo à beira de matar o rapaz. Tão perto de destruir o metamorfo e a si próprio num momento de fúria descuidada.

Tudo em mim me diz para ir até ele, para me interpor entre ele e o metamorfo antes que o Jaxon faça alguma coisa que não possa desfazer. Mas quando tento deslocar-me para ele, é como se fosse de encontro a uma parede.

Sou incapaz de avançar.

Sou incapaz até de dar um passo que seja.

Não sou eu — posso mexer-me ou andar como quizer —, mas há uma barreira invisível à minha frente, resistente como pedra e duas vezes mais impenetrável.

Não admira que o Flint não tenha sequer tentado interromper este pesadelo. Já devia saber que a barreira estava presente.

É, claramente, obra do Jaxon e estou furiosa que o tenha feito, que me tenha separado de forma tão absoluta dele e da sua luta.

— Já chega, Jaxon! — brado, esmurrando a parede porque não posso fazer mais nada. — Para. Tens de parar.

Ele ignora-me e o terror preenche-me. Ele não pode fazer isto. Não pode...

De repente cambaleio em frente, com a minha mão e o meu braço a atravessarem a barricada mental erguida pelo Jaxon.

— Mas que raio? — murmura o Flint ao meu lado, mas estou demasiado ocupada a tentar chamar a atenção do Jaxon para reagir. Ou para recuar.

— Jaxon! — Desta vez, praticamente grito o seu nome. — Para. Por favor.

Não sei o que há de diferente — se foi por ter atravessado a barreira ou se ele chegou à mesma conclusão que eu. Seja como for, o bloqueio psíquico que tem estado a usar no Cole desaparece. Agora por sua conta, o metamorfo praticamente cai de joelhos, enquanto inala fôlegos dolorosos e ruidosos pela garganta maltratada até aos pulmões ansiosos.

Sinto uma onda de alívio — e a sala também. Finalmente terminou. Todos continuam vivos. Há quem esteja um pouco combalido, mas, pelo menos, estão v...

O Jaxon investe tão depressa que quase nem o vejo, as presas a lampear e as mãos a agarrarem os ombros do Cole, enquanto ele se debruça e enterra os dentes no lado esquerdo do pescoço do metamorfo.

Alguém grita e, por um instante, julgo que sou eu, até que me apercebo de que tenho a garganta demasiado contraída para soltar um som que seja. Passam-se segundos — não sei quantos — enquanto o Jaxon vai bebendo e bebendo e bebendo. O metamorfo acaba por deixar de se debater, ficando inerte.

É então que o Jaxon o larga, erguendo a cabeça e largando o Cole no chão.

O rapaz está pálido, mas continua vivo, os olhos arregalados e aterrorizados, o sangue a escorrer-lhe das marcas de presa no pescoço. O Jaxon olha ao seu redor.

— Este é o único aviso que vão ter — sibila.

Depois vira-se e dirige-se a mim, sem sequer olhar para trás.

E quando me segura o cotovelo num aperto tão gentil como inflexível, eu acompanho-o. Porque, sinceramente, o que mais posso fazer?



47

A primeira dentada é a pior

O Jaxon não abre a boca enquanto me escolta pelo corredor abaixo e eu também não. Depois do que vi, estou demasiado... nem sei. Quero dizer «chocada», mas não é o termo certo. Nem «repugnada» ou «horrorizada» ou qualquer outra descrição — qualquer outra emoção — que alguém de fora talvez sentisse.

Quero dizer, ver o Jaxon deixar aquele rapaz quase exangue não foi propriamente agradável, mas ele é um vampiro. Morder o pescoço das pessoas e beber-lhes o sangue faz parte, certo? Seria hipócrita passar-me só porque o vi a fazê-lo ao vivo — sobretudo quando o Jaxon teria, obviamente, um motivo para isso. Caso contrário, para quê a loucura? E para quê alertar o colégio para o facto de não terem mais avisos?

Preocupa-me mais saber o motivo por que senti necessidade de fazer o aviso do que propriamente aquilo que ele fez. Sobretudo por recear que tenha algo que ver comigo e com o medo que ele tem de que alguém me queira magoar.

Não quero ser responsável pelo Jaxon se meter em apuros — e, mais ainda, não quero ser responsável por ele magoar alguém... ou pior.

Não é a primeira vez que levo a mão às marcas que tenho no pescoço e penso no que teria acontecido se a Marise não tivesse parado. Se o objetivo da dentada não fosse curar-me. Será que eu ignoraria o que o Jaxon fez àquele metamorfo se eu quase tivesse morrido da mesma maneira?

Não sei. Só sei que, neste momento, estou mais preocupada com o estado de espírito dele do que com um rapaz que não conheço. Um rapaz que, se o Jaxon estiver certo, me quer morta.

Quanto ao resto? A telecinesia, o controle absoluto que exerceu sobre todos os que se encontravam naquele salão de baile, eu incluída? A quantidade obscena de poder que ele demonstrou só com um gesto da sua mão? Também não sei o que sentir em relação a isso. Só sei que, à semelhança da violência, não me assusta tanto quanto, porventura, deveria.

Ele não me assusta tanto quando talvez deveria.

O meu tornozelo magoado dá sinal quando dobramos uma esquina — provavelmente por causa da correria do dia de hoje —, mas engulo o grito de dor que me quer sair. O Jaxon desloca-se rapidamente, imagino que é por querer levar-nos até onde possamos falar antes que as consequências do que se passou o apanhem.

Quero dizer, eu sei, estou num colégio sobrenatural, onde, presumo, que as regras sejam diferentes daquelas a que estou habituada, mas custa-me a crer que não haja problema se uma das espécies paranormais começar a morder outra no meio da sala de convívio.

Por mais que o outro merecesse.

Razão pela qual não me queixo do ritmo imposto pelo Jaxon à medida que percorremos vários corredores até às escadas das traseiras. É quando começamos a subir que percebo para onde é que ele me está a levar. Não é para o meu quarto, ao contrário do que fosse o esperado. E, a julgar pela expressão que tem no rosto — os olhos absortos, o maxilar cerrado e os lábios comprimidos a formar uma linha reta —, está a contar que eu levante alguma objeção.

Mas não faço tenção de discutir com ele. Pelo menos até saber sobre o que é suposto discutirmos. Além disso, tenho a certeza de que ninguém o voltará a antagonizar nos próximos tempos, o que talvez me possa dar umas quarenta e oito horas sem experiências de quase morte. Obviamente, isso também conta, mesmo que me sinta um pouco maquiavélica por pensar desta maneira.

Assim que chegamos ao topo das escadas da torre, o Jaxon larga-me o cotovelo e afasta-se de mim o mais que consegue naquela sua pequena alcova de leitura. O que me deixa... confusa.

Nada mudou desde que aqui estive, há poucas horas. A janela continua entaipada, o tapete continua desaparecido, o livro que tentei ler enquanto aguardava por ele continua no mesmo sítio.

No entanto, sinto-me como se tudo tivesse mudado.

Talvez porque tenha mudado. Não sei, e *não vou* saber até que o Jaxon abra a boca e fale comigo, em vez de ali ficar à frente da lareira, com as mãos nos bolsos e os olhos em todo o lado, menos em mim.

Quero encetar a conversa, quero dizer-lhe... não sei o quê. Mas tudo em mim me avisa que essa seria a atitude errada; que, se quero ter a mais ínfima esperança de me orientar no que se passa, tenho de saber aquilo em que ele está a pensar antes de abrir a boca e dizer algo que possa estragar tudo.

Por isso espero, de mãos nos bolsos da camisola de capuz e os olhos fixos nele, até que por fim, ele se vira e olha para mim.

— Não te vou fazer mal — diz, com a voz baixa e arrastada, tão desprovida de sentimentos que custa ouvi-la.

— Eu sei.

— Tu *sabes*? — Olha-me como se eu tivesse ganhado uma cabeça nova... ou três.

— Nunca pensei que me fosses fazer mal, Jaxon. Caso contrário, não estaria aqui.

Parece chocado com as minhas palavras. Não, não é chocado. Espantado, com a boca a abrir e a fechar como um peixe fora de água, à medida que se esforça por pensar numa resposta decente. Quando essa resposta chega, é incrivelmente dececionante.

— Mas, tu tens algum problema? — pergunta ele. — Ou terás tendências suicidas?

É a minha vez de usar o truque preferido dele e erguer uma sobrancelha.

— Porquê o dramatismo?

— És impossível. — Quase se engasga com as palavras.

— De certeza que não sou eu a impossível no meio desta... — Calo-me, pois não faço ideia do que chamar àquilo que existe entre mim e o Jaxon. Relação? Amizade? Desastre? Acabo por me decidir por «coisa», que será, porventura a descrição mais banal para aquilo que temos. — Afinal de contas, és sempre tu que acabadas por fugir. — Estou a tentar aliviar a atmosfera funérea, a tentar fazê-lo sorrir. Ou, se não sorrir, pelo menos que deixe de franzir o cenho com tanta força.

Não está a resultar. Verdade seja dita, ele parece ainda mais macambúzio do que há uns segundos.

— Viste o que eu fiz, não viste?

Assinto.

— Vi.

— E vais dizer que eu não te assusto? — Parece incrédulo. Desconfiado. E, numa estranha inversão de papéis, talvez até um pouco repugnado. — Nem que a situação não te horroriza?

— Qual parte? — Quero procurá-lo; quero tanto tocar-lhe, mas é mais do que óbvio de que esta não é a altura certa. Tudo nele grita limites. Ou, mais concretamente, guaritas armadas.

— Qual... parte? Mas, o que queres dizer com isso?

— Tenho de ter medo de qual parte daquilo que vi? A parte em que atiraste toda a gente para longe? Ou a parte em que penduraste alguém no ar e o estrangulaste com a mente? — Ignoro o arrepio de desconforto que me percorre a coluna ao recordar-me dessa cena. — Ou será suposto cingir-me à parte da dentada?

— Não sabia que era uma pergunta de resposta múltipla — resmunga ele, andando de um lado para o outro à frente da lareira. — Viste o que fiz ao Cole. Pensei que ficasses assustada.

Olho para ele e não julgo que seja eu a pessoa assustada. Acho que o

Jaxon é que se está a sentir assim — com aquilo de que ele é capaz e com aquilo que acabou de fazer. O que faz com que seja ainda mais difícil do que imaginava convencê-lo de que não me sinto repugnada por ele.

Isso também significa que tenho de avançar com cuidado.

— É assim que ele se chama? Cole? — acabo por perguntar.

Quero aproximar-me dele, quero reduzir o fosso que ele cavou entre nós, mas o Jaxon mau da fita, o grande vilão, parece decidido a atacar o primeiro movimento em falso que eu faça.

— Sim. — Voltou a não olhar para mim, pelo que espero, recusando-me a falar até que ele, finalmente e relutantemente, volta a mirar-me.

— Porque estás a olhar assim para mim? — murmura.

— Assim como?

— Como se compreendesses. É impossível que...

— Ele mereceu o que lhe fizeste? — interrompo.

O corpo do Jaxon fica rígido.

— Isso não interessa.

— Por acaso, acho que é o mais importante. — Não o vou desancar emocionalmente, pois ele já se está a sair muito bem com isso. — Ele mereceu? — repito.

— Ele merece mais do que o que lhe aconteceu — acaba o Jaxon por cuspir. — Ele merece morrer.

— Mas não o mataste.

— Não. — Abana a cabeça. — Mas queria matá-lo.

— Não interessa o que querias fazer — admoesto-o. — Só interessa o que fizeste. Nunca perdeste o controlo com o Cole... Nunca vi ninguém mais controlado do que tu estiveste naquela sala. O poder que tens... é indescritível.

Ergue uma sobancelha para mim e retesa os ombros, como se estivesse a preparar para o golpe físico seguinte.

— E aterrador?

— Imagino que o Cole tenha ficado aterrado.

— Estou-me borrifando para o Cole. Estou a falar de ti. — Passa a mão pelo cabelo num gesto de frustração, mas, desta vez, não deixa de olhar para mim.

Respiro fundo e solto lentamente o fôlego. Depois digo-lhe a verdade que tão desesperadamente precisa de ouvir.

— Não me assustas, Jaxon.

— Não te assusto. — O tom dele é meio sardónico, meio incrédulo.

Abano a cabeça.

— Não.

— *Não?*

— Não — repito. — E, deixa-me que te diga, cada vez mais pareces um papagaio. — Faça-lhe uma careta. — Se quiseses manter essa tua reputação de durão intacta, se calhar convinha teres cuidado com isso.

Semicerra os olhos na minha direção.

— A minha reputação é bastante sólida, muito obrigado. Mas estou preocupado contigo.

— Comigo? Estás preocupado porquê? — Estou farta de esperar que ele se acalme, no lado oposto do quarto. Isso não nos está a levar a lado nenhum, e a necessidade de lhe tocar, de o abraçar, começa a tornar-se uma dor física no meu íntimo.

Com isso presente, tiro, por fim, as mãos dos bolsos e dirijo-me a ele, lentamente, cuidadosamente, deliberadamente. Os olhos dele arregalam-se mais a cada passo que dou e, por um instante, acredito com todo o meu ser que ele está a pensar em fugir.

Não vou mentir: a ideia de que possa assustar o Jaxon Vega fascina-me numa série de níveis diferentes.

— Mas o que é que se passa aqui? — quer ele saber quando o silêncio entre nós se prolonga demasiado.

Não faço ideia. Só sei que detesto a expressão que ele tinha quando se dirigiu a mim na sala de estudo, detesto ainda mais o ar que envergava quando me levou ao quarto dele. Circunspecto, solitário, envergonhado, apesar de nem saber do que ele possa sentir-se envergonhado.

— O que é que *tu* achas que se está a passar aqui? — pergunto.

— E agora, quem é o papagaio? — Passa as duas mãos pelo cabelo, obviamente frustrado. — Estás bem? Estás em choque?

— Eu estou bem. Mas estou preocupada contigo.

— Comigo? Eu... — Interrompe-se e fica a olhar para mim, sem palavras, quando percebe que lhe imitei deliberadamente as palavras. — Acabei de aterrorizar o colégio todo. Porque é que estás preocupada *comigo*?

— Porque não me pareces satisfeito com isso. Estás?

— Não tenho nada com que estar satisfeito.

E é exatamente por isso que não tenho medo dele.

Estou a poucos passos dele, e dou-os lentamente, sempre sob o seu olhar cuidadoso e preocupado.

— E o que é que *tu* sentes em relação ao que aconteceu? — pergunto-lhe.

A expressão desaparece-lhe do rosto.

— Não sinto nada.

— Tens a certeza? — Finalmente aproximo-me o suficiente. Procuro-lhe a mão e agarro-a com força. Assim que a nossa pele se toca, ele estremece como se tivesse tocado num fio descarnado. Mas não se afasta. Apenas deixa-se ficar a observar-me a entrelaçar os nossos dedos.

— É que parece que sentes, e muito.

Ele recua, mesmo agarrando-se com força à minha mão.

— Tinha de ser feito.

— Está bem. — Dou um passo em frente. Se continuarmos assim, não tarda irie encurralá-lo contra a estante, tal como ele me encurralou contra a mesa de xadrez, no meu primeiro dia aqui.

Cá para mim, isso é justiça poética.

— Devias ir-te embora. — Desta vez, ele recua dois passos. E larga-me a mão.

Sinto intensamente a perda do toque dele, mas isso não me impede de voltar a encurtar a distância.

Não me impede de estender a mão e tocar-lhe no bíceps duro.

Não me impede de lhe afagar o braço com o polegar.

— É isso que queres?

— Sim. — A palavra quase o estrangula, mas, desta vez, não se afasta do meu toque. Não se afasta de mim.

E embora haja uma parte de mim que não acredita que estou a fazer isto, que estou praticamente a atirar-me nos braços do Jaxon, outra parte só espera que ele ceda.

É a mesma parte que se sente encorajada pelo facto de ele mal estar coerente.

A mesma parte que sente e fica satisfeita com o breve tremor que lhe percorre o corpo.

A mesma parte que quer desesperadamente voltar a sentir a boca dele na minha, e está determinada a não sair daqui até o conseguir.

— Não acredito — murmuro. E depois dou o último passo, eliminando a distância entre nós e pressionando o meu corpo, de súbito tremente, contra o dele.

— Não sabes o que estás a pedir — diz-me ele numa voz baixa e torturada, mas nada fria.

Ele tem razão. Não faço ideia do que lhe estou a pedir. Mas sei que se não pedir, não voltarei a ter oportunidade. Vai ser o fim da discussão.

Melhor, vai ser o fim de nós.

E não estou pronta para isso. Nem sequer sei se existe um nós, ou se isso vai acontecer daqui a um dia, uma semana ou três meses, se é que virá alguma vez a acontecer. Só sei que não estou pronta para me afastar dele nem do que possa acontecer a seguir. Razão pela qual volto a procurá-lo.

— Então mostra-me — murmuro.

Passam-se longos segundos, talvez minutos, e o Jaxon não se mexe. Nem sei se respira.

— Jaxon — sussurro finalmente quando já não aguento a agonia da espera. — Por favor. — Tenho a boca quase pressionada contra a dele.

Mas não há resposta.

A minha confiança — débil, na melhor das alturas — está prestes a abandonar-me por completo. Afinal de contas, haverá coisa que faça uma rapariga sentir-se mais desejada do que estar quase debaixo de um rapaz e vê-lo a transformar-se numa estátua humana?

Mas ainda me resta um trunfo, mais uma hipótese de lhe mostrar que confio nele, pouco importa o que ele fez na sala de convívio; que o quero, sendo vampiro ou não.

Há dois meses ter-me-ia afastado — fugido, mesmo —, pronta a passar o resto da vida escondida debaixo da cama. Mas, há dois meses, os meus pais não estavam mortos, e eu ainda não me apercebera de quão frágil e efêmera é a vida.

Por isso, engulo o medo e a vergonha enquanto deslizo a mão, pelo seu braço até à mão. Entrelaço outra vez os nossos dedos, levando depois as nossas mãos ao peito. Pressiono-lhe a palma contra o meu coração.

— Eu quero-te, Jaxon — digo.

Há qualquer coisa que lhe faísca nos olhos.

— Mesmo sabendo o que eu sou?

A confusão percorre-me.

— Eu sei *quem* tu és. Só isso é que interessa.

— Dizes isso agora, mas não sabes o que estás a pedir.

— Então mostra-me — murmuro. — Dá-me aquilo que estou a pedir.

Os olhos dele escurecem, com as pupilas completamente dilatadas.

— Não digas isso a menos que estejas a falar a sério.

— Estou a falar a sério. Preciso de ti, Jaxon. *Preciso* de ti.

Ele cerra o maxilar e os dedos apertam-se por reflexo nos meus.

— Tens a certeza? — consegue dizer. — Preciso de saber que tens a certeza. Não te quero assustar, Grace.

A intensidade na voz dele, nos olhos, faz-me tremer os joelhos, qual heroína medieval. Mas não vou desperdiçar isto, não vou perder esta oportunidade agora que estou tão perto de conseguir o que quero.

Tão perto de ter o Jaxon para mim.

Por isso, firmo os joelhos e fito-lhe os olhos. Falo com mais clareza do que alguma vez o fiz em toda a minha vida:

— O que me assusta não é seres um vampiro, Jaxon. O que me assusta é a ideia de que te possas afastar e eu venha a passar a vida sem saber como isto poderia ter sido.

E é então que ele investe. Mãos a apertar, presas a lampejar, o corpo a envolver-me tão depressa que mal percebo o que está a acontecer. Ele faz-me girar — as minhas costas contra a frente dele —, prende-me o cabelo com a mão e puxa-me a cabeça para trás.

E depois enterra-me os dentes no pescoço, logo abaixo do maxilar.



48

Isso é uma estaca que tens no bolso ou estás contente por me ver?

O pânico imobiliza-me por um ou dois segundo. Impossibilita-me de sentir, de pensar, de respirar, enquanto espero pela dor, pelo vazio, pela morte.

Mas o tempo passa e a agonia que espero não chega; a adrenalina deixa de jorrar como um géiser. Apercebo-me de que aquilo que o Jaxon me está a fazer não dói. Na verdade, sabe muito, muito... bem.

O prazer percorre-me as veias, tal qual mel derretido, incendiando-me as terminações nervosas e enchendo-me com uma intensidade, uma necessidade que nunca imaginei que pudesse existir. Os meus joelhos já fracos cedem por completo e abato-me contra ele, deixando-o equilibrar-me com o corpo comprido e magro e com os braços firmes, enquanto inclino a cabeça para lhe dar melhor acesso.

Ele ronca com o convite, um som grave e prolongado que penetra no meu íntimo e faz o chão tremer debaixo dos meus pés. E depois o prazer aumenta, incendiando-me, virando-me do avesso, fazendo-me arrepiar e esquecer de como respirar. De como ser.

Pressiono-me ainda mais contra ele, levanto os braços por cima da cabeça para entrelaçar os dedos no seu cabelo. Toco no seu maxilar. Empurro a pele com mais firmeza contra a boca dele e fecho os olhos.

Estou desesperada por mais — desesperada pelo Jaxon e por aquilo que ele me quiser dar ou tomar. Mas é óbvio que ele tem mais controlo do que eu alguma vez imaginaria, pois assim que o prazer ameaça sobrepujar-me, ele retrai-se, afasta-se, com a língua a afagar-me gentilmente as marcas de

dentada. A carícia lança uma nova onda de emoções pelo meu corpo.

Fico onde estou, o corpo contra o dele, as mãos agarradas às partes dele onde consigo chegar, totalmente dependente dele para me manter de pé, sempre com pequenos lampejos de prazer a vogarem por mim. A eles segue-se uma languidez imensa que não me deixa abrir os olhos, quanto mais afastar-me do Jaxon.

Como se o quisesse fazer.

— Estás bem? — sussurra-me ao ouvido, a voz quente e doce como ainda não o ouvira.

— Estás a brincar? — respondo, igualmente baixo. — Acho que nunca estive tão bem na vida. Isto foi... espantoso. *Tu* és espantoso.

Ele ri-se.

— Pois, sabes, ser vampiro não tem assim tantas vantagens, por isso temos de aproveitar o que há.

— Obviamente. — Viro a cabeça de olhos ainda fechados. Ergo o rosto para ele. Beijo-o. E rezo para que o Jaxon não me rejeite.

Não o faz, com os lábios a pressionarem-se contra os meus num beijo terno que me faz perder outra vez o fôlego, embora por motivos completamente diferentes. Os momentos passam e ele começa a levantar a cabeça, mas eu permaneço, querendo só mais um pouco dele.

Só mais um pouco deste rapaz com tanto poder e tanta ternura dentro dele.

Ele dá-me, a boca a deslocar-se contra a minha, a língua a roçar-se nos meus lábios até que, por fim, ganho força para o libertar.

Recuo, abro lentamente os olhos e encontro o Jaxon a mirar-me com um olhar sombrio e carregado de emoção, deixando-me sem saber se devo rir ou chorar.

— Ninguém te vai magoar outra vez, Grace — murmura.

— Eu sei — respondo num sussurro. — Tu certificaste-te disso.

A surpresa lampeja-lhe nas profundezas dos olhos da cor da meia-noite.

— Não pensei que tivesses acreditado... — Cala-se quando o chão estremece por baixo dos nossos pés.

— Devíamos ir para baixo da ombreira da porta — sugiro, procurando a porta mais próxima.

Mas ele fecha os olhos, respira fundo. Momentos depois, o chão volta a assentar.

Sinto o choque a rebentar dentro de mim.

— Tu... — A voz cede-me e eu pigarreio. Volto a tentar. — Os terremotos. Foste tu?

Ele assente, parece cauteloso.

— Até os maiores? — pergunto, sentindo os olhos a arregalarem-se. — Todos?

— Desculpa. — Os dedos afagam-me o pescoço ainda com o penso. — Nunca te quis magoar.

— Eu sei. — Viro a cabeça e beijo-lhe a palma da mão, enquanto o

assombro continua a ricochetear dentro de mim. Como pode alguém ser poderoso a ponto de fazer mexer a terra? É incompreensível, inimaginável. — Acontece com frequência?

Ele abana a cabeça, encolhe os ombros, como se estivesse tão confuso como eu.

— Nunca tinha acontecido antes...

— Antes? — interrogou.

— Antes de ti. — Aperta-me mais contra ele. — Aprendi cedo a controlar-me, a mim e às minhas capacidades. Tive de o fazer, caso contrário...

— Cidades caíam? — pergunto, num tom fortemente sarcástico.

— Não iria tão longe. Mas a sério, já o controlei. Não te volto a magoar.

— A boca desliza-me pela face, pelo maxilar, até ao pescoço.

O calor percorre-me desde o primeiro toque dos seus lábios. Faz-me tremer. Faz-me querer.

Volto a puxar-lhe a boca até à minha e deixo que a necessidade, e o prazer, me arrebatam.

O beijo prolonga-se até ambos ficarmos ofegantes. Trémulos. Desesperados.

Arqueio-me contra ele num esforço de me aproximar, depois passo-lhe as mãos pelos braços, pelos ombros, pelas costas. Entrelaço os dedos no seu cabelo e o Jaxon solta um gemido vindo do fundo da garganta. Depois mordisca-me gentilmente o lábio, sugando-o ao de leve, até que sinto fogo de artifício no meu íntimo.

Arquejo, estremeço e o Jaxon serve-se dos meus joelhos ainda fracos com desculpa para se afastar. Tento mantê-lo onde está, tento continuar com os seus lábios nos meus, com a sua pele e o seu corpo contra o meu. Mas ele alisa-me o cabelo com a mão e murmura:

— Anda.

Pega-me na mão e puxa-me para o quarto.

Sigo-o, claro, mas enquanto ele abre caminho, reparo que a alcova de leitura, antes impecável, está agora um desastre.

Há livros pelo chão, uns caídos, outros de pé e alguns recostados contra a mobília. O divã está virado ao contrário e a bela mesa de apoio de que tanto gostei está reduzida a lascas de madeira.

— O... o que aconteceu? — arquejo, baixando-me para pegar em alguns dos livros no meu caminho.

O Jaxon tira-mos com um abanar de cabeça e atira-os para a almofada do divã, que voltou a ficar direito.

— Prometo que o terramoto não volta a acontecer — responde. — Mas vou precisar de algum tempo para descobrir como controlar tudo aquilo que me fazes sentir.

— *Isto é controlo?* — Passo sobre uma pilha de escombros que já foi uma estante e tento fingir que as palavras dele não me fazem derreter.

Ele vira-me do avesso com um olhar, destrói-me com um beijo. Mas isto? Isto diz-me que talvez ele sinta tanto por mim como eu por ele.

Encolhe os ombros.

— Desta vez, o chão mal estremeceu e não houve nenhuma janela que se partisse. Estou a fazer progressos.

— Provavelmente. — Reprimos o sentimento que ele faz florescer em mim e olho deliberadamente para as lascas de madeira. — Gostava mesmo daquela mesa de centro.

— Eu encontro-te uma de que gostes ainda mais. — Puxa-me pela mão. — Anda.

Entramos no quarto dele, que, felizmente, parece ter sido poupado à destruição verificada na alcova de leitura. Está como da última vez, com os quadros maravilhosos nas paredes e os instrumentos musicais ao canto.

— Adoro o teu quarto — digo-lhe, passando com a mão pela cómoda a caminho da bateria. Resisti da última vez e sei que deveria voltar a resistir-lhe, pois o que já aconteceu hoje deixou-nos com muito sobre o que falar.

Mas há semanas que não me sento atrás de uma bateria, há semanas que não tenho baquetas nas mãos, e preciso de lhes tocar. Tenho de passar as mãos pelas peles.

— Tocas? — pergunta o Jaxon enquanto levo a mão a um timbalão.

— Tocava, antes... — Calo-me. Não quero falar sobre os meus pais, não quero trazer essa tristeza para a minha primeira conversa com o Jaxon depois... do que quer que aquilo tenha sido.

Ele parece entender, pois não me força. Em vez disso sorri, um sorriso real que lhe ilumina o rosto. Ilumina o quarto. Ilumina todos os sítios escuros e melancólicos onde há tanto tempo me encontro.

Só quando o vejo sorrir é que me apercebo de como ele se retrai, do que ele tem estado a conter, sabe-se lá desde quando.

— Queres tocar alguma coisa? — pergunta-me.

— Não. — É a minha vez de lhe estender a mão, esperando até que ele escolha um lado para se sentar e instalando-me então do outro. — Quero falar.

— Sobre? — interroga-me, com o olhar a ser preenchido por uma cautela que não estava lá desde que me mordeu.

— Sei lá. Sobre o tempo? — brinco, pois tento mostrar-me à vontade com toda a situação. Tento dizer para comigo que descobrir que o rapaz por quem me estou a apaixonar é um vampiro que consegue fazer tremer a terra não é nada de especial.

Ele revira os olhos, mas estou com atenção e vejo-lhe os cantos da boca a erguerem-se no sorriso que ele tem estado a tentar reprimir. Isso vale todo o à-vontade, mesmo tentando apreender tudo o que se passou hoje. E tudo o que se passou nos últimos seis dias. Pois ainda há uma pequena parte de mim que se está a passar por ter deixado um vampiro morder-me — mesmo tendo sido o Jaxon. E mesmo eu tendo gostado mais do que alguma vez imaginaria.

Mas não é altura de me passar, pois o Jaxon já está no limite. Por isso

contento-me em dar-lhe um olhar que diz «não brinques comigo», enquanto me deito de um lado da cama.

O Jaxon ergue uma sobrancelha ao ver-me pôr-me à vontade, e depois estica-se ao meu lado. Reparo que faz questão de não me tocar ao deitar-se.

O que é completamente inaceitável. Estou a tentar encurtar a distância entre nós, não a quero aumentar. Mas compreendo que esteja a fazer o possível por não me perturbar. Só queria que ele percebesse que não sou eu a perturbada.

Mas como quero eliminar o olhar velado da sua expressão decido abordar esse tema mais tarde. Por agora ofereço:

— Sabes a piada da praia?

— Desculpa? — Levanta uma sobrancelha incrédula e solitária, o que me leva a esforçar por ocultar o espanto que isso me causa.

— Deixa lá. — Ofereço-lhe um sorriso rasgado. — É areia de mais para a tua camioneta.

Fita-me, espantado, por vários segundos. Depois abana a cabeça.

— Estão sempre a piorar — diz.

— Nem fazes ideia. — Viro-me de barriga para baixo e deslizo até que o lado direito do meu corpo pressione o esquerdo dele. — Qual a diferença entre uma guitarra e um despertador?

Desta vez são as duas sobrancelhas que se erguem, ao mesmo tempo que responde:

— Acho que não quero saber.

Ignoro-o.

— A guitarra tem corda e o despertador acorda.

Ele solta uma gargalhada que nos surpreende a ambos. Depois abana a cabeça e diz-me:

— Tu tens um problema, não tens?

— É divertido, Jaxon. — Ofereço-lhe o sorriso escarninho mais irritante que consigo. — Sabes o que é diversão, não sabes?

Ele revira os olhos.

— Acho que tenho uma vaga ideia dessa emoção, sim.

— Ótimo. Como chamas a um dinossauro que...?

Ele interrompe-me com um beijo e um puxão. O beijo faz-me encaracolar os dedos dos pés, mas o puxão... encaracola-me tudo o resto. Sobretudo quando me puxa para ficar em cima dele, os joelhos ao lado das suas ancas e os caracóis a criarem uma cortina à nossa volta.

O Jaxon agarra-me numa madeixa e depois fica a ver o caracol a enrolar-se à volta do seu dedo.

— Adoro o teu cabelo — diz ele, puxando o caracol para depois o libertar e ver regressar ao sítio.

— Pois, olha, também acho muita piada ao teu — respondo-lhe, passando os dedos pelas madeixas pretas.

Quando o faço, a palma da minha mão roça-lhe na cicatriz, com ele a ficar

hinto e a desviar a cabeça para que deixe de lhe tocar.

— Porque fazes isso? — pergunto-lhe.

— O quê?

Olho-o como que dizendo que sabe muito bem o que quero dizer.

— Já te disse que és o rapaz mais sensual que já vi e isso inclui uma série de deuses do *surf* de San Diego. Portanto, não sei porque é que te incomoda tanto que veja a tua cicatriz.

Ele encolhe os ombros.

— Não me incomoda que vejas a cicatriz.

Não acredito que isso seja verdade, mas estou disposta a dar o desconto... até certo ponto.

— Está bem, não te incomoda que a veja, mas incomoda-te, e muito, que lhe toque.

— Não. — Abana a cabeça. — Isso também não me incomoda.

— Pronto, desculpa lá, mas isso é treta. — De modo a prová-lo deposito-lhe uma série de beijos quentes, de boca aberta, no maxilar. Não lhe toco deliberadamente na cicatriz, mas também não a evito. E, lá está, ele só aguenta uns segundos até entrelaçar os dedos no meu cabelo e desviar gentilmente o meu rosto até à curva onde o ombro se junta ao pescoço.

Mas antes que eu consiga dizer seja o que for, ele respira fundo.

— Não é que eu julgue que te vás sentir repugnada com a cicatriz, ou assim. Não és assim tão fútil — diz.

— Então porque é que te incomoda tanto que eu me aproxime dela?

O Jaxon não responde de imediato, e à medida que o silêncio se prolonga, fico a pensar que talvez não responda de todo. Então, quando estou prestes a desistir, ele responde:

— É porque ela me lembra de como a consegui, e não te quero perto desse mundo. Melhor, não quero esse mundo perto de ti.



49

O mundo acaba por quebrar toda a gente

A dor na voz dele faz o meu coração bater lenta e dolorosamente no peito.

Eu sei, parte de mim nem imagina o mundo sobre o qual ele está a falar e, neste momento, estou a viver no meio de um romance de fantasia com criaturas fantásticas e imensos segredos. Mas outra parte, bem maior, só quer que ele saiba que seja qual for o mundo de que está a falar, e seja o que for que lhe tenha acontecido, eu estou ao seu lado.

Demoro-me a passar as palmas das mãos sobre o peito dele e a beijar-lhe a coluna poderosa que é o seu pescoço. Ele voltou a cheirar a citrinos, e eu mergulho nesse aroma, no sabor glorioso, na sensação, no som que é ele.

As mãos dele chegam-me às ancas e ele geme baixo quando se arqueia contra mim. É uma sensação fantástica — senti-lo é fantástico. Nunca estive numa situação tão íntima com um rapaz, nunca quis estar, mas com o Jaxon quero tudo. Quero sentir tudo, experimentar tudo. Talvez não agora, ainda passou pouco tempo, mas em breve.

Mas também quero saber o que o magoa. Não para o fazer desaparecer — sei bem que isso não é possível —, mas para o partilhar. Para perceber. Razão pela qual saio de cima dele quando as coisas estão a começar a ficar interessantes.

Ele acompanha-me, claro, e agora ficamos de lado, a encararmo-nos. Tem o braço sobre a minha cintura, a mão pousada na minha anca, e parte de mim só quer voltar a ele. Deixar que aconteça o que possa vir a acontecer.

Mas o Jaxon merece mais do que isso. E eu também.

Razão pela qual lhe tomo a face incólume na mão e depois me chego à frente, até que as nossas bocas estão tão próximas que inspiramos o mesmo ar.

— Acredita, compreendo melhor do que muitos se não quiseses falar sobre o que te aconteceu — murmuro. — Mas preciso que saibas que se alguma vez quiseses partilhar comigo o que aconteceu, terei todo o prazer em escutar.

As minhas palavras não são sensuais e, garantidamente, não são provocantes, mas são sinceras e honestas. O Jaxon também o sente, pois em vez de me rejeitar, tal como esperava que fizesse, fita-me com uns olhos que mostram mais do que alguma vez imaginei.

Depois beija-me — um beijo longo, lento, profundo —, após o que se vira e se senta, com os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos. Também me sento, e como não posso deixá-lo sozinho nisto... seja o que for, envolvo-o por trás, ao mesmo tempo que lhe deposito beijos leves e rápidos nos ombros e na nuca.

E depois digo:

— Conta-me — pois acho que ele precisa de me ouvir a dizê-lo, quase tanto como precisa de me contar a história que o consome.

Não sei ao certo como espero que a história surja — se aos soluços se numa narração fluida —, mas sei que nunca teria antecipado o que ele diz quando finalmente começa a falar.

— Eu matei o Hudson.

O choque percorre-me.

— O Hudson? O teu...

— Irmão. Sim. — Esfrega o rosto.

Sinto um milhão de emoções a percorrerem-me ao ouvir essas palavras. Um choque que não é realmente choque, horror, mágoa, preocupação, pena, *dor*. A lista continua. Mas a emoção que se destaca acima de todas as outras é a incredulidade. Por mais perigoso que seja, não acredito que o Jaxon fosse magoar deliberadamente alguém de quem gosta. Pode ser época de caça a todos os outros, mas não a quem ele considere estar sob a sua proteção. Isso eu fiquei a saber durante esta semana que aqui estive.

O que significa que terá acontecido algo deveras horrível. Como será viver com o tipo de poder que ele possui?

Como será viver com a noção de que um momento de descuido, uma falta de controlo, pode deitar tudo a perder?

— O que aconteceu? — pergunto, quando os minutos vão passando e ele não diz mais nada.

— Não interessa.

— Acho que interessa. Nem imagino que possas ter magoado o teu irmão de propósito.

Vira-se então para mim, com os olhos com aquele negrume profundo e vazio que tanto odeio.

— Nesse caso não tens a imaginação muito fértil.

Sinto medo pela escuridão presente na sua voz.

— Jaxon. — Pouso ao de leve a mão no braço dele.

— A intenção não era matá-lo, Grace. Mas achas que as intenções contam para alguma coisa quando alguém morre? Não podemos trazer essa pessoa de volta só porque não o queríamos fazer.

— Sei disso melhor do que muita gente. — Continuo atormentada pela briga que eu e os meus pais tivemos mesmo antes de morrerem.

— Sabes? — interroga o Jaxon. — Sabes o que é ser capaz de fazer isto com um gesto da mão? — Segundos depois, tudo no quarto, exceto a cama onde estamos sentados, flutua à nossa volta. — Ou isto? — Cai tudo ao chão. A guitarra parte-se. O vidro de uma das molduras estilhaça-se.

Espero um minuto. Deixo que o choque se dissipe antes de tentar dizer alguma coisa que faça sentido.

— Talvez tenhas razão — acabo por dizer. — Talvez não saiba como é nada disso. Mas sei que o teu irmão não queria que te atormentasses por causa do que lhe aconteceu. Não queria que te torturasses.

A gargalhada que o Jaxon solta é realmente prenhe de humor.

— Nota-se bem que não conhecias o Hudson. Nem os meus pais. Nem a Lia.

— A Lia culpa-te pela morte do Hudson? — pergunto, surpreendida.

— A Lia culpa tudo e todos pela morte do Hudson. Se ela tivesse esse tipo de poder, a fúria dela incineraria o mundo. — Desta vez, o riso dele só contém mágoa.

— E os teus pais? Decerto que não te responsabilizam por algo que não controlaste?

— Quem disse que não controlei? Eu tinha escolha. E fi-la. Matei-o, Grace. De propósito. E voltaria a fazê-lo.

Sinto um nó no estômago com a admissão e a frieza na sua voz. Mas já conheço suficientemente o Jaxon para saber que vai pintar-se sempre da pior maneira possível; que vai optar sempre por se ver como o vilão, mesmo que seja a vítima.

Sobretudo se for a vítima.

Frisar isso não vai ajudar, pelo que espero que diga mais alguma coisa. E há mais. Se não houvesse, ele não estaria tão preocupado em perder o controlo e vir a magoar-me.

— O Hudson foi o primogénito — continua. — O príncipe que seria rei. O filho perfeito que se tornou ainda mais perfeito depois de morrer.

Não há amargura nas palavras dele, apenas uma objetividade que faz com que seja demasiado fácil ler nas entrelinhas. Não obstante, não resisto a perguntar:

— E tu?

— Garantidamente não sou. — Ri-se. — O que não faz mal. De todo. Nunca tive vontade de ser rei.

— Rei? — repito, pois pensei, inicialmente, que se tratasse de uma metáfora. O irmão era o príncipe. Mas agora que ele voltou a usar esse termo, não posso deixar de perguntar.

— Sim, rei. — Ergue uma sobrancelha. — A Macy não te contou?

— Não. — *Rei do quê?* quero perguntar, mas esta não parece ser a altura certa.

— Bem, aqui estou eu. — Faz uma vénia falsa. — O próximo *soberano* vampiro, ao teu serviço.

— Ceeerto. — Não sei o que mais dizer a esta revelação. A não ser: — Era suposto ser o Hudson? Mas agora que ele morreu...

— Exatamente. — Faz um som com o canto da boca que quer dizer «adivinhasse». — Sou o substituto. O novo herdeiro do trono.

E futuro rei. Fico pasmada com tal conceito. Afinal de contas, o que faz um rei vampiro? E é por isso que todos tratam o Jaxon com tal deferência? Porque ele é realeza? Mas, o que tem a realeza vampira que ver com dragões? Ou com bruxas?

— E, como é óbvio, sou também o assassino do anterior herdeiro — continua o Jaxon —, algo que, no caso de outra espécie, poderia levantar alguns problemas. Mas, no mundo dos vampiros, a nossa força representa o que conseguimos defender... e o que conseguimos aguentar. Portanto, para me tornar o vampiro mais temido e reverenciado do mundo, só tive de matar o meu irmão.

Encolhe ao de leve os ombros, o que, supostamente, deverá mostrar quão divertida é a situação para ele, quão indiferente ele está.

Não acredito.

— Mas não foi por isso que o mataste — acrescento, pois julgo que ele tem de me ouvir a dizê-lo.

— Pensei que já tínhamos chegado à conclusão de que o motivo não é relevante. A perceção acaba por se tornar a verdade, mesmo quando está errada. — Estas últimas palavras estão repletas de dor, apesar do tom que o Jaxon usa estar completamente desprovido de emoção. — *Sobretudo* quando está errada. Afinal de contas, a história é escrita pelos vencedores.

Pouso a cabeça no seu ombro num pequeno gesto de conforto.

— Mas o vencedor foste tu.

— Será?

Não tenho resposta, pelo que nem tento dizer nada. Por isso peço-lhe a verdade. A verdade dele.

— Porque é que mataste o Hudson?

— Porque ele tinha de ser morto. E eu era o único capaz de o fazer.

As palavras pairam no ar enquanto as tento absorver; perceber o que significam.

— Então o Hudson era tão poderoso como tu.

— Ninguém é tão poderoso como eu. — Não é jactância. Pelo contrário, ele parece quase envergonhado com isso.

— E porquê, ao certo? — questiono.

Ele encolhe os ombros.

— Genética. Cada geração de vampiros nascidos tende a ser mais

poderosa do que a anterior. É claro que há exceções, mas, de um modo geral, tem sido sempre assim. É por isso que somos tão poucos. Imagino que seja a forma de a natureza manter o equilíbrio. E como os meus pais vêm das duas famílias mais fortes e são, eles próprios, donos de poderes incríveis, não admira que quando acasalaram, os descendentes...

— Fossem capazes de, literalmente, fazer tremer a terra.

Ele esboça um sorriso, o primeiro que me oferece desde que iniciámos a conversa.

— Algo assim.

— Portanto, imagino que o Hudson não fosse propriamente responsável com os poderes que tinha?

— Muitos vampiros jovens não são.

— Isso não é resposta. — Ergo uma sobrancelha e espero que ele olhe para mim. Demora mais do que devia. — E tu pareces-me bastante responsável.

O Jaxon arqueia as sobrancelhas, olha deliberadamente para o desastre que provocou ao beijar-me.

— Sabes o que eu quero dizer.

— Sei o que julgas que queres dizer. O Hudson... — Suspira. — Os planos do Hudson eram sempre ousados. Estava sempre a tentar dar mais poder aos vampiros, mais dinheiro, mais controlo, o que, por si só, não é mau.

Sinto-me tentada a discordar. Afinal de contas, se tencionamos adquirir mais poder, dinheiro e controlo, isso terá de vir de algum lado. E a história já nos mostrou que quando nos apoderamos de uma dessas três coisas, as pessoas a quem é tirado não ficam na melhor das situações.

Mas isso é um tema para outra altura, não é para agora, quando o Jaxon está, finalmente, a abrir-se.

— Mas ele acabou por se perder algures — prossegue ele. — Ficou tão preocupado com o que podia conseguir e como o podia conseguir, que nunca parou para pensar se deveria fazê-lo. Tentei detê-lo, chamá-lo à razão, mas com a Lia e a minha mãe a encherem-lhe a cabeça com tretas sobre o «Escolhido», foi impossível chegar até ele. Foi impossível fazê-lo ver que este tipo de destino não era... aceitável, sobretudo quando esses planos incluíam... — A voz dele desvanece-se por um instante e basta ver-lhe os olhos para perceber que ele não se encontra mentalmente no quarto. Está longe, num outro tempo, num outro lugar — As relações entre os vampiros e os metamorfos sempre foram tensas — continua, usando um tom defensivo que nunca lhe tinha ouvido. — Nunca nos demos muito bem com os lobos nem com os dragões; eles não confiam em nós e nós, garantidamente, não confiamos neles. Portanto, quando o Hudson engendrou um plano para — flete os dedos da mão livre e faz aspas no ar — «pôr os metamorfos no lugar deles», houve muita gente que pensou que ele estaria no caminho certo.

— Mas tu não.

— Perseguir os metamorfos cheirava muito a preconceito. E depois

começou a parecer genocídio. Principalmente quando ele começou a alargar os planos a outras criaturas sobrenaturais e até a vampiros criados. As coisas ficaram feias.

— Quão feias? — pergunto, embora sem ter a certeza se quero saber a resposta. Especialmente porque nunca vi o Jaxon com um ar tão sombrio. E porque começou a usar termos como «genocídio».

— Feias. — Recusa-se a discorrer sobre o tema. — Sobretudo com a nossa história.

Mais uma vez, as lacunas no meu conhecimento básico fazem com que seja impossível perceber a que história ele se refere. Em vez de lhe perguntar, faço uma nota mental para me lembrar de ir investigar à biblioteca ou de perguntar à Macy.

— Tentei chamar o Hudson à razão, tentei convencê-lo a parar. Cheguei a procurar o rei e a rainha para ver se eles podiam fazer alguma coisa quanto a isso.

Noto como ele trata os pais por rei e rainha em vez de mãe e pai e, por um instante, recordo o dia em que o conheci. A mesa de xadrez e a Rainha Vampira, e as coisas que ele disse sobre aquilo que, na altura, pensei que fosse uma mera peça de xadrez.

Agora faz tudo mais sentido.

— E não *puderam*.

— Não quiseram — corrige ele. — Portanto, voltei a tentar falar com ele. O Byron e o Mekhi, e alguns dos outros que andaram na escola com ele, também tentaram chamá-lo à razão. Mas o Hudson não lhes deu ouvidos. E, certo dia, ele começou uma briga que, caso prosseguisse, acabaria por despedaçar o mundo.

— Foi quando intervieste.

— Pensei que fosse capaz de resolver as coisas. Pensei que fosse capaz de o demover. Mas não foi o que aconteceu.

O Jaxon fecha os olhos, o que o faz parecer muito longe. Até que os abre outra vez e percebo que está ainda mais distante do que imaginei.

— Sabes o que é perceber que o irmão que sempre reverenciaste é um sociopata? — pergunta ele num tom que se torna ainda mais terrível pela razoabilidade que denota. — Imaginas como é saber que se não fosses tão cego, se não estivesses tão mergulhado na tua veneração, e o tivesses visto com olhos de ver, muita gente podia ainda estar viva? Tive de o matar, Grace. Não havia alternativa. Verdade seja dita, não me arrependo de o ter feito. — A última frase sai num murmúrio, como se tivesse vergonha sequer de o admitir.

— Não acredito nisso — afianço-lhe. Sinto a culpa a irradiar dele e isso faz-me sofrer por ele como nunca sofri por ninguém. — Acredito que fosse necessário. Acredito que tenhas feito o que era necessário. Mas não acredito que não te arrependas de o ter matado. — Passou demasiado tempo a torturar-se para que isso seja verdade.

O Jaxon não responde de imediato e interrogo-me se terei dito a coisa errada. Interrogo-me se terei piorado tudo.

— Lamento que ele tivesse de ser morto — acaba por dizer, depois de um longo silêncio entre nós. — Lamento que os meus pais o tivessem criado e moldado para ser o monstro que foi. Mas não lamento que tenha desaparecido. Se não estivesse morto, ninguém neste mundo estaria a salvo.

Sinto um aperto no estômago com essas palavras. O instinto faz-me querer negá-las, mas já vi o poder do Jaxon. Já vi o que ele pode fazer quando o controla e o que faz sozinho quando está descontrolado. Nem imagino o que poderia ter acontecido se o poder do Hudson sequer se aproximasse do poder do irmão — sem a moralidade do Jaxon a controlá-lo.

— Vocês tinham o mesmo poder ou...

— O Hudson era capaz de convencer fosse quem fosse a fazer qualquer coisa. — As palavras são desprovidas de qualquer emoção. Tal como os olhos dele. — Não estou a dizer que era bom a enganar pessoas; estou a dizer que ele tinha o poder de fazer com que as pessoas fizessem o que ele queria. Podia fazê-las torturar outra pessoa, matar quem ele quisesse. Era capaz de começar guerras e de lançar bombas.

Sinto um arrepio na espinha e os pelos da nuca a ficarem de pé. Mesmo antes de me fitar e acrescentar:

— Ele podia fazer com que te matasses, Grace. Ou a Macy. Ou o teu tio. Ou a mim. Ele era capaz de fazer com que fizéssemos tudo o que ele quisesse. E fez. Vezes sem conta. Ninguém o conseguia deter. Ninguém lhe conseguia resistir. E ele sabia disso. Por isso tomava o que queria e planeou ainda mais. Quando decidiu que ia assassinar os metamorfos, eliminá-los, pura e simplesmente, percebi que as coisas tinham de ficar por aí. A seguir seriam os dragões. As bruxas. Os vampiros criados. Os seres humanos. Ia destruí-los a todos só porque era capaz.

O Jaxon desvia o olhar, julgo que por não querer que lhe veja o rosto. Mas não preciso de ver os seus olhos para saber o sofrimento que isto lhe causa — ouço-o na voz dele e sinto-o na tensão do seu corpo contra o meu.

— Houve muita gente que o apoiou, Grace. E houve muita gente que ficou à frente dele para o proteger a ele e à visão que ele tinha para a nossa raça. Matei muita gente para chegar a ele. E depois matei-o.

Desta vez, quando fecha os olhos e depois os abre, a distância foi-se. E no seu lugar vejo determinação — a mesma de que terá precisado não só para enfrentar o Hudson, mas também para o derrubar.

— Portanto, não, não me arrependo de o ter matado. Mas lamento não o ter feito antes.

Quando finalmente se vira para me olhar vejo a dor, a devastação por trás do vazio naqueles olhos, fazendo-me sofrer por ele o que nunca sofri por ninguém, nem mesmo pelos meus pais.

— Oh, Jaxon. — Volto a envolvê-lo com os braços, tento abraçá-lo, mas o corpo dele está rígido e hirtos contra o meu.

— A morte dele quase destruiu os meus pais e destroçou de tal modo a Lia, que não sei se ela alguma vez irá recuperar. Antes de tudo isto, ela era a minha melhor amiga. Agora, mal consegue olhar para mim. O irmão do Flint morreu a combater o exército do Hudson nessa mesma luta e o Flint também nunca mais foi o mesmo. Acreditas que já fomos amigos?

O Jaxon inspira um fôlego entrecortado e deixa-se tombar para mim. Abraço-o com quanta força tenho, durante o tempo que ele me permite, que não é muito. Afasta-se antes de eu estar pronta para o largar.

— As coisas nunca mais foram as mesmas desde que o Hudson fez o que fez. As diferentes espécies estiveram em guerra três vezes nos últimos cinco séculos. Isto quase escalou para a quarta guerra. E embora o tivéssemos impedido antes que chegasse longe demais, a desconfiança sentida em relação aos vampiros, que já remonta a séculos, voltou a estar na ordem do dia. Se a isso juntarmos o facto de muita gente ter tido uma amostra do meu poder, percebemos que ninguém ficou satisfeita. E não podemos censurá-los. Como podem ter a certeza de que não me viro contra eles como aconteceu com o meu irmão?

— Não viras. — A certeza arde como um fogo no meu âmago.

— Provavelmente não — concorda o Jaxon. — Mas foi por isso que te avisei para te afastares do Flint, e foi por isso que tive de fazer o que fiz na sala de convívio. Eles têm andado atrás de ti desde que chegaste. Não sei porque é que começou, se foi por seres humana ou por outro motivo que ainda não percebi. Mas sei que continuou, e piorou, por seres minha. — O tormento volta, pior do que antes. — Foi por isso que tentei afastar-me de ti — acrescenta —, mas ambos sabemos como isso correu.

— É por isso, não é? — murmuro, agora que grande parte daquilo que ele disse e fez desde que aqui cheguei começa a fazer sentido. — É por isso que ages assim.

— Não sei do que estás a falar. — A expressão desaparece-lhe do rosto, mas os olhos têm uma cautela e um anelo que me diz que estou no caminho certo.

— Sabes exatamente do que estou a falar. — Levo-lhe a mão à face, ignorando a forma como estremece quando lhe toco na cicatriz. — Ages assim porque julgas que é a única maneira de manter a paz.

— E é a única maneira de manter a paz. — As palavras saem-lhe a ferros. — Chegámos a um equilíbrio muito ténue, e cada dia que passa andamos na corda-bamba. Um passo em falso seja em que direção for e o mundo esfuma-se. Não só o nosso, mas o teu também, Grace. Não posso deixar que isso aconteça.

É claro que não.

Outras pessoas afastar-se-iam, diriam que a responsabilidade não é delas. Convencer-se-iam de que não haveria nada que pudessem fazer.

Mas não é assim que o Jaxon funciona. Ele não se rege por essas regras. Não, o Jaxon aceita o fardo total. Não só da confusão que o Hudson criou e

lhe deixou, mas de tudo o que aconteceu antes disso e de tudo o que aconteceu desde então.

— E isso significa o quê para ti? — pergunto baixinho, sem querer afastá-lo mais do que já fiz. — Que tens de abdicar do que é bom na tua vida para que tudo corra bem aos outros?

— Não estou a abdicar de nada. Eu sou assim. — Cerra as mãos em punhos e tenta virar-se. Mas eu não o deixo. Não agora que finalmente compreendo a tortura a que se submeteu pela morte do Hudson e pelo novo papel — um papel que ele não quer, mas do qual não se pode livrar.

— Isso é treta — contraponho baixinho. — Usas a indiferença como se fosse uma máscara; brandes a frieza como se fosse uma arma não por não sentires nada, mas por sentires demasiado. Esforçaste-te tanto para que todos acreditassem que és um monstro que também tu começaste a acreditar nisso. Mas tu não és um monstro, Jaxon. Nem de perto nem de longe.

Desta vez, ele não tenta virar-se. Ele *esquiva-se*, como se tivesse apanhado um choque.

— Não sabes o que estás a dizer — resmoneia.

— Achas que se as pessoas estiverem suficientemente assustadas, se te odiarem o suficiente, elas não se atrevem a pisar o risco. Não se atrevem a começar outra guerra, pois também vais acabar com essa e com elas.

Meu Deus. A dor, a solidão da existência dele desaba sobre mim como uma avalanche. Como será estar assim tão sozinho? Como será...?

— Não olhes para mim assim — ordena ele, numa voz tensa e baixa.

— Assim como? — sussurro.

— Como se eu fosse uma vítima. Ou um herói. Não sou nem uma coisa nem outra.

Ele é ambas as coisas e muitas mais. Mas sei que não vai acreditar em mim se lho tentar dizer. Tal como sei que não vai aceitar mais conforto da minha parte, agora que o abri completamente.

Portanto, faço a única coisa que posso fazer.

Entrelaço as mãos no cabelo dele e puxo-lhe a boca para a minha.

Dou-lhe a única coisa que ele aceitará de mim.



50

Quem mora numa torre de vidro não deve atirar dragões

Assim que as nossas bocas se encontram, aquilo que ele me contou sobre o irmão, o que me disse sobre eu estar em perigo, tudo desaparece por um segundo. Durante esses momentos, com os lábios dele a roçarem nos meus — com a língua dele a explorar-me a boca e os dentes a arranharem-me o lábio inferior —, só consigo pensar nele. Só quero, sinto e preciso do Jaxon.

Ele deve sentir o mesmo, pois emite um gemido vindo da garganta quando os seus braços me envolvem. Depois ergue-me um pouco, levantando-me até que as curvas do meu corpo se alinham na perfeição com todas as faces planas, duras e sensuais do dele. Não tarda, o beijo que lhe dei à laia de conforto transforma-se em algo completamente diferente.

As mãos dele chegam-me às ancas, o seu peito, barriga e coxas pressionam-se contra mim, e só consigo pensar *sim, mais*.

Mais e mais e mais, até ficar com a cabeça zonzá, o coração praticamente a saltar-me do peito e o resto do corpo com a sensação de que mais um toque das suas mãos ou um agitar das ancas dele e vou desfazer-me.

O simples facto de pensar nisso arranca-me um som ansioso, um som a que o Jaxon reage com um apertar sensual e forte das mãos nas minhas ancas. Mas depois afasta-se, retirando a boca da minha e baixando-me lentamente até ao chão.

— Não — sussurro, tentando agarrá-lo o mais que consigo. — Por favor. — Nem sei o que estou a pedir neste momento, apenas não quero que isto acabe. Não quero que o Jaxon regresse àquele sítio negro e gelado para onde

se baniu a si próprio há tanto tempo.

Não o quero voltar a perder para essa escuridão.

Roça os lábios no meu rosto, no cabelo e no ombro. Depois, muito devagarinho, recua mais um pouco.

— Não temos muito tempo até que o Foster aqui chegue, e quero falar contigo antes dele — murmura gentilmente.

— Sim, está bem. — Suspiro e volto a enterrar o rosto no peito dele, aproveitando para inalar profundamente o seu cheiro.

Esfrega-me as costas com as mãos, creio para nos acalmar aos dois, e, por fim, deita-me na cama, com alguma distância entre nós.

— Quero falar contigo sobre a tua segurança.

Claro que sim.

— Jaxon...

— A sério, Grace. Temos de falar sobre isto, quer queiras ou não.

— Eu não estou a querer evitar a conversa. Estou só a dizer que depois do que aconteceu há pouco, quem não gostar de mim deve calar-se bem caladinho durante uns tempos. Mesmo que te queiram magoar.

Ele mira-me.

— Já te disse, isto não é só por minha causa. Se fosse, o Flint não tinha tentado matar-te no teu segundo dia. Ainda não havia nada entre nós, por isso não estaria a tentar atingir-me. O que significa...

Recupero finalmente do choque que me atravessa por um momento.

— O que estás a dizer? O Flint não me tentou matar. Ele salvou-me. É meu amigo — interrompo-o.

— Não é.

— É sim. Sei que não gostas dele, mas...

— Quem te disse para passares por baixo daquele lustre, Grace? — pergunta o Jaxon com um olhar atento.

— Foi o Flint, mas não foi assim. — Não obstante, sinto uma inquietação a agitar-se no meu estômago. Uma coisa é acreditar que estranhos me queiram matar. Outra, completamente diferente, é pensar que uma das poucas pessoas a quem chamo de amigo neste sítio está... — O Flint não faria isso. Porque haveria de me atirar com um lustre depois de me ter salvado quando caí daquele ramo?

— É isso que eu tenho estado a tentar dizer-te. Ele não te salvou.

— Salvou, sim. Ele atirou-se daquele ramo e impediu que eu fosse bater no chão. Não foi?

O Jaxon não responde. Em vez disso, desvia o olhar, range o maxilar durante vários segundos até finalmente afirmar:

— O responsável pelo lustre foi o Cole, mas é uma grande coincidência que ele te tenha mandado naquela direção, em vez de te sentares com as bruxas. E não acredito em coincidências. Assim que o possa provar também trato dele.

A inquietação torna-se um enjoo, quando me lembro da expressão no

rosto do Flint depois de lhe agradecer por não me deixar espalmar na neve. E na rapidez com que o Jaxon lá chegou depois da queda.

— Continuas sem me responder à pergunta que te fiz, Jaxon. Foi o Flint que saltou da árvore para me salvar ou foste tu que o *empurraste*?

O Jaxon evita-me o olhar pela segunda vez no espaço de poucos minutos. Depois diz:

— Eu não estava perto da árvore.

É a minha vez de ranger os dentes.

— Como se isso te impedisse...

— O que querias que eu fizesse? — pergunta ele, atirando os braços ao ar com mais emoção do que já lhe vi. — Deixava-te cair? Imaginei que se te detivesse a meio da queda e te pousasse gentilmente te fosses passar ainda mais... Além de que te deixava com uma série de questões que ninguém estava disposto a esclarecer.

— E, por isso, fizeste o Flint mergulhar atrás de mim?

— Atirei-o para baixo de ti, sim. E voltaria a fazê-lo. Faço o que for preciso para te manter a salvo, mesmo que para isso tenha de enfrentar todos os metamorfos deste colégio.

Ai meu Deus. O Flint não me salvou. Por um segundo julgo que vou vomitar. Pensei que ele estivesse do meu lado. Pensei que fôssemos amigos.

— Sinto muito — lamenta o Jaxon depois de alguns segundos. — Não te quero magoar. Mas não podes confiar nele, nem nos outros metamorfos. Eles querem fazer-te mal e eu ainda não sei porquê.

— Qualquer dos metamorfos — repito, pensando outra vez no que aconteceu na sala de estudo. — Incluindo o alfa.

— Incluindo o alfa.

Não sei o que lhe dizer neste momento, sobretudo tendo em conta tudo o que ele tem feito para me proteger desde aquela primeira noite. Mesmo antes de saber o que seríamos um para o outro. É isso que me leva a pousar a cabeça na curva do seu pescoço.

— Obrigada — murmuro.

— Estás a *agradecer-me*? — pergunta, ficando hirto sob os beijos que lhe vou dando na linha marcada do maxilar e na cicatriz que ele tanto se esforça por esconder. — Porquê?

— Por me salmares, claro. — Puxo-o mais para mim, passo com os meus lábios pelo seu rosto e pela cicatriz que deu origem a esta discussão, dando um beijinho a cada dois dedos, mais ou menos. — Por não te preocupares com os créditos e só queres garantir que eu estou bem.

Agora está sentado com o corpo rígido, direito como um fuso, desconfortável com o que estou a fazer, com o que estou a dizer. Mas não quero saber. Não agora que o tenho nos meus braços. Não agora que estou assoberbada com os sentimentos que nutro por ele.

São esses sentimentos que me fazem subir-lhe para o colo. São esses sentimentos que me fazem sentar no seu colo, ficando com os joelhos de

ambos os lados das coxas dele e os meus braços a apertar-lhe o pescoço.

E são esses sentimentos que nos levam ao ponto em que estávamos antes do Jaxon nos ter interrompido — comigo a beijá-lo, e a beijá-lo, e a beijá-lo. Toques longos, lentos e demorados dos meus lábios na sua testa, face e no canto da boca dele. Beijo-o vezes sem conta. Saboreio-o. Toco-lhe. Murmuro, vezes sem conta, tudo aquilo de que gosto nele, que admiro nele.

Lentamente, tão devagar que quase nem reparo ao início, ele descontraí-se contra mim. A rigidez abandona-lhe a coluna. Os ombros curvam-se um pouco para a frente. As mãos que estavam cerradas em punhos sobre a cama soltam-se e envolvem-me a cintura.

Começa a beijar-me de volta, a beijar-me a sério, de boca aberta, com a língua curiosa, esfaimada, e as mãos desesperadas. Aproxima-se e eu arqueio-me contra ele, pressionando a boca contra a dele até que o meu fôlego é o dele e a sua necessidade é a minha.

Enfio as mãos por baixo da camisa dele, passando com os dedos pela sua pele lisa e pelos músculos rijos das suas costas. O Jaxon geme um pouco com este toque, arqueando-se contra a mim. E então, o meu telemóvel toca exatamente ao mesmo tempo que se ouve bater com força na porta do Jaxon...

O som quebra o encanto entre nós e ele afasta-se com uma gargalhada. Eu agarro-me com força, pois não estou pronta para o largar. Não estou pronta para que isto acabe. Ele deve sentir o mesmo, pois aperta-me mais a cintura enquanto pressiona a testa contra a minha.

— Devias atender o telefone — indica, com o aparelho a continuar a tocar. — O Foster deve estar a passar-se por não saber onde andas.

Os murros na porta tornam-se mais fortes, mais intensos.

— Ou então está a passar-se por saber *exatamente* onde estou.

— Pois, também pode ser esse caso. — Sorri-me com as mãos a permanecerem mais um segundo na minha cintura, enquanto começo a descer do seu colo. — Vais abrir a porta ou queres que eu vá?

— Porque haveria eu...? — Sinto-me acometida por uma onda de horror. — Não achas que é o meu tio a bater à porta, pois não?

— Não sei quem mais julgas que possa ser, tendo em conta que a sobrinha adorada foi vista, pela última vez, na companhia do tipo que arranjou briga com todos os metamorfos de lobo do colégio.

— Ai meu Deus. — Procuro um espelho para que possa arranjar o cabelo o suficiente para que não pareça que passei a última hora a curtir com um vampiro, e depois paro, chocada, quando me apercebo de que não há nada que faça sequer lembrar um espelho neste quarto.

— Quer dizer que as velhas histórias são verdadeiras? — questiono, penteando-me um pouco mais com os dedos. — Os vampiros não se veem mesmo ao espelho?

— Não nos vemos mesmo.

— Como é que isso é possível? — Ponho a fralda para dentro e certifico-

me de que a camisola me tapa as ancas. — Quero dizer, como é que sabes o aspeto que tens?

Ergue o telefone.

— Que tal uma *selfie*? — Dirige-se à porta, que praticamente vibra com a força das batidas do meu tio. — Queres mesmo falar sobre isso agora?

Por acaso, até quero. Agora que o tema vampiros viu a luz do dia, percebo que tenho mil e uma questões. Coisas como quanto tempo vivem os vampiros nascidos — ou serão imortais, tal como sugerem as histórias? O que me leva a pensar se os vampiros nascidos envelhecem da mesma maneira ou se é uma coisa ao estilo do bebé Yoda, em que a maturação é muito mais lenta do que nos humanos sem magia? E se for, que idade terá o Jaxon ao certo? Além disso, será que o Mekhi não entrou hoje no meu quarto por estar a respeitar a privacidade alheia ou porque não podia atravessar a soleira sem ser convidado?

Tenho mais questões à roda no meu cérebro — muitas mais —, mas o Jaxon tem razão. Não é propriamente a melhor altura.

— É claro que não. — Indico a porta. — Abre-a e vamos despachar isto.

— Vai correr bem — garante-me, com um sorriso matreiro que me faz pensar que pode não ser de todo o caso.

Sobretudo se o tio Finn for parecido com o meu pai. Claro que ele é um bruxo à frente de um colégio para entidades sobrenaturais, pelo que não devem ter grande coisa em comum.

— Vai ser o que for — afirmo, pretendendo soar descontraída, mas falhando completamente. Tenho a certeza de que o rapaz de quem gosto vai ser expulso, por isso é difícil não estar passada.

O Jaxon pisca-me o olho, chega até a soprar-me um beijo, e depois assume a sua normal expressão vazia ao abrir a porta.

— Obrigado por me deixares entrar — comenta secamente o meu tio. — Sinto muito por te obrigar a despachar.

— Desculpa lá, Foster, mas a Grace *tinha* de se vestir.

— Jaxon! — arquejo, as faces a ficarem sabe-se lá de que tom de vermelho. — Eu estava vestida, tio Finn. A sério.

— Queres ir por aqui depois do espetáculo que armaste? — interroga o meu tio. E depois vira-se para mim antes que o Jaxon possa responder. — Não tinhas ido para o teu quarto há mais de uma hora?

— E ia. Mas fui...

— Distraída? — conclui o meu tio com uma sobranceira arqueada.

Neste momento tenho a certeza de que o rubor se estendeu a todo o corpo. Pestanas e cabelo incluído.

— Sim.

— Se estás bem para aqui estar, provavelmente estarás bem para estar nas aulas, não achas?

— Pois, se calhar estou.

— Ótimo. — Olha para o relógio. — O primeiro período deve estar a

meio, passámo-lo para antes do almoço devido ao incidente com o lustre... entre outras coisas. — Fulmina o Jaxon com o olhar. — É melhor ires para lá agora.

Ainda penso em argumentar, mas o meu tio está com a mesma expressão que o meu pai tinha quando eu o levava ao limite. Quero ficar com o Jaxon, quero saber o que vai acontecer, mas receio enfurecer ainda mais o meu tio se o contrariar. O que não será uma grande ideia se ele estiver prestes a decidir o futuro do Jaxon.

Portanto, ao invés de exigir ficar, tal como é a minha vontade, limito-me a assentir e a dirigir-me ao quarto para ir buscar a minha mala.

— Sim, tio Finn.

Por um segundo posso jurar que vi surpresa nos olhos do meu tio, mas o lampejo desaparece tão depressa que não sei se não o terei imaginado. Claro que a Macy não me parece ser exatamente uma pessoa dócil, pelo que talvez ele não esperasse que eu aquiescesse tão depressa. Ou pode ter ficado surpreendido por a minha mala estar no quarto do Jaxon, o que... é melhor nem pensar nisso.

Seja como for, já é tarde para discutir, pelo que me dirijo ao Jaxon.

— Falamos depois? — Evito deliberadamente contacto visual com o meu tio enquanto aguardo por uma resposta.

— Sim. — O tom diz *obviamente*, embora as palavras sejam simples em deferência para com o tio Finn. — Depois envio-te mensagem.

Não é a resposta com que eu contava, mas não estou em posição de me queixar. Portanto, mostro-lhe um breve sorriso e encaminho-me para a porta.

E tento não entrar em pânico quando ouço a última coisa que o tio Finn diz antes de bater com ela.

— Dá-me uma razão para não te recambiar para Praga, Vega. E é melhor que ela seja boa.



51

Prova de fogo de dragão

Pego no telefone ao descer as escadas a caminho de literatura britânica e descubro cerca de vinte mensagens à minha espera. Cinco da Heather a queixar-se de que a escola é uma seca sem mim e várias fotografias dela com o fato para a festa do outono.

Envio-lhe uma resposta a dizer que fica muito bem mascarada de Gato de Cheshire e outra a concordar com a chatice. Quero falar-lhe sobre o Jaxon — não sobre o vampiro, apenas sobre o rapaz giro —, mas esse é um tema que não devia abordar antes de saber, ao certo, o que posso ou não contar à minha melhor amiga. Porque quando a Heather está à caça de informações novas, é implacável.

Além disso, nunca lhe menti e não quero começar agora. Quero dizer, a lógica dita que se vou ficar com o Jaxon, as mentiras terão de surgir ocasionalmente. Não posso andar por aí a anunciar ao mundo que ele é vampiro sem que nos escapemos às providenciais estacas de madeira e grinaldas de alho. Mas tenho de pensar no que vou dizer. Num bom dia sou uma péssima mentirosa. Quando minto à Heather? Nem dez segundos aguento, e isso não pode acontecer.

Razão pela qual não digo mais do que o estritamente necessário, embora parte de mim esteja ansiosa pela opinião dela sobre... ah, sei lá, tudo o que diz respeito a rapazes giros.

Muitas das outras mensagens são da Macy. Sete falam sobre o que aconteceu na sala de estudo. Ela não estava presente, mas a notícia sobre o que o Jaxon fez ao lobo alfa já se espalhou. Não que eu imaginasse o contrário; ele fê-lo publicamente por um motivo. Para além disso, a presença

do tio Finn na torre revela bem até onde a notícia chegou.

E o tio Finn também me enviou algumas, todas a querer saber onde eu estava. Não me dou ao trabalho de responder, pois, para mal dos meus pecados, ele já me encontrou.

As últimas duas mensagens são do Flint. Fico tão chocada e irritada que quase falho um degrau e caio escadas abaixo. Mas depois lembro-me de que o dragão idiota não sabe aquilo que eu sei. Não faz ideia de que eu sei que me está a tentar matar, ao invés de me querer ajudar.

Mas fico tão incomodada com a situação que nem lhe respondo. Juro para comigo que não lhe volto a responder, seja qual for a explicação que arranje ou as desculpas que invente.

Parte de mim quer encontrá-lo já e pôr tudo em pratos limpos. Mas cheguei finalmente a literatura britânica e, com o humor com que ele está, não me apetece pôr o tio Finn à prova. Volto a colocar o telefone no bolso da camisola e dirijo-me ao quarto para vestir rapidamente o uniforme. Dez minutos mais tarde entro na aula e a sala mergulha num silêncio assustador assim que todos me veem. Seria de imaginar que, depois desta semana, já estivesse habituada, mas hoje, depois de tudo o que aconteceu, a situação deixa-me mil vezes mais atrapalhada do que o habitual.

Claro que, sinceramente, não os posso censurar. Se fosse eu, também estaria a olhar. Quero dizer, sobrenaturais ou não, continuam a ser adolescentes e eu sou a miúda que provocou uma briga entre o lobo alfa e o vampiro mais poderoso do mundo.

Estranho seria se não olhassem.

Claro que saber isso não ajuda a caminhar pela sala até à minha mesa. Mesmo com o Mekhi a oferecer-me um sorriso de incentivo.

— Começámos agora o Ato Quatro, Cena Cinco — diz-me baixinho, enquanto me sento. — Podemos partilhar o meu livro.

— Obrigada — agradeço-lhe, tirando uma caneta e um pequeno bloco da mala. Não faço ideia porque não peguei na mochila antes de vir para a aula, mas não o fiz, pelo que isto terá de servir.

— Hoje, toda a gente vai ler, Grace — informa a professora do seu lugar à frente da turma. — E se fosses a Ofélia nesta cena?

— Está bem — respondo, interrogando-me quanto ao motivo por que terei de representar a donzela em apuros. Como já li a peça, sei que é nesta cena que Ofélia fica louca, ou, pelo menos, o público fica a saber da insanidade dela. Tento não levar a peito que ela pareça julgar que sou indicada para o papel...

O Mekhi faz de Laertes, o meu irmão, o que torna mais fácil ler as falas de uma jovem louca que acabou de perder o pai e se sente sozinha no mundo. Mesmo assim custa-me lê-las, sobretudo as falas mais perto do fim.

— «Aqui tens uma margarida. Quisera dar-vos algumas violetas, mas murcharam todas quando o meu pai morreu. Dizem que ele teve um fim muito bonito — Era a minha alegria o bom Robim!»

O Mekhi lê a fala de Laertes, obviamente preocupado com o estado da minha saúde mental. E com «minha» refiro-me à de Ofélia, recordo-me, ao cantar baixinho as últimas falas da cena e da peça.

— «Nunca mais o veremos? Não mais retornará? Desapareceu deste mundo; baixai para o fundo, que ele não voltará...»

A campanha toca antes de eu acabar a fala e calo-me quando o resto da turma começa a enfiar os livros nas mochilas o mais depressa que conseguem.

— Obrigada, Grace. Amanhã continuamos onde ficaste.

Assinto e depois devolvo tudo à mala, fazendo o possível por não pensar na cena de morte que acabei de ler. Fazendo o possível por não pensar nos meus pais e no Hudson. Na mágoa do Jaxon por quem o Hudson era e pelo que isso o obrigou a fazer.

É mais difícil do que gostaria, sobretudo quando percebo que a seguir tenho história mundial de julgamentos de bruxas — e sim, agora que sei do paranormal que me rodeia, aulas como esta passam a fazer muito mais sentido.

Não é a aula que me incomoda; é o percurso pelos túneis medonhos como tudo. Sobretudo agora que penso no que me poderia ter acontecido lá em baixo, sozinha com o Flint, se a Lia *não* tivesse aparecido.

Mas tenho de chegar à aula, pelo que não vale a pena desperdiçar muito tempo com suposições. Sobretudo agora que o Jaxon me tornou praticamente intocável. O que aconteceu naquela sala pode ter sido horrível de testemunhar, mas não vou menti: o facto de já não precisar de ter medo de lustres a caírem-me na cabeça ou de metamorfos que possam aparecer para me atirarem à neve não é mau de todo.

E quando o Mekhi me acompanha pelo corredor em vez de correr para a aula seguinte percebo que a proteção do Jaxon vai mais longe do que eu pensava. A julgar pela distância que toda a gente mantém de mim, a ameaça foi feita e escutada, mas isso não lhe basta. Quer de tal maneira garantir que estou segura que convocou os outros elementos da Ordem para se certificar do mesmo.

Talvez isso me devesse incomodar.

E muito sinceramente, se este fosse um colégio normal, ou se estivesse a viver uma situação normal, é bem provável que ficasse bastante afetada por ter um... namorado?... tão protetor. Só que neste momento estou rodeada por metamorfos, vampiros e bruxas — os quais seguem regras que me são totalmente desconhecidas. Para além disso, passaram menos de três horas desde que quase fui esmagada por um lustre. Não aceitar a proteção do Jaxon e do Mekhi seria parvo, pelo menos até que as coisas se acalmem.

Viro-me para agradecer ao Mekhi por me acompanhar e depois entro quase em pânico quando o Flint praticamente se espreme entre nós.

— Então, Grace, como te sentes? — pergunta com gentileza e apreensão.

— Passei a manhã preocupado contigo.

— Preocupado comigo ou preocupado por aquele lustre não ter feito o

serviço? — interrogo, apressando o passo numa tentativa inútil de me afastar dele.

Ele não para, mas parece ficar hirto quando o confronto com o que o Jaxon me contou — o que me diz tudo aquilo de que preciso saber.

Não obstante, ele tenta fazer-se despercebido.

— Estás a falar do quê? É claro que estou preocupado contigo.

— Poupa-me, Flint. Sei o que andaste a tramar.

Pela primeira vez em toda a nossa «amizade» vejo-lhe fúria a lampear nos olhos.

— Não queres antes dizer que sabes aquilo que aquela carraça te disse que eu ando a tramar? — escarnece ele.

O rosto do Mekhi fica lívido com o insulto ao Jaxon e, de repente, volta a estar entre nós os dois.

— Desaparece daqui, dragãozinho.

O Flint ignora-o e continua a falar comigo.

— Não sabes o que na verdade se passa, Grace. Não podes confiar no Jaxon...

— Porquê? Porque tu o dizes? Não és tu que me andas a tentar matar desde que aqui cheguei?

— Não é pelas razões que julgas. — Lança-me um olhar suplicante. — Se pelo menos confiasses em mim...

— Não é pelas razões que julgo? — repito. — Quer dizer que achas mesmo que há bons motivos para me tentares matar? E queres que *eu* confie em *ti*? — Abro o braço na direção dele, como quem diz *força*. — Está bem. Então conta-me a verdade sobre o que aconteceu durante a guerra de bolas de neve. Saltaste daquela árvore para me apanhares ou foi o Jaxon que te derrubou?

— Eu... Não foi... O Jaxon exagerou. Eu estava...

Deixo-o tartamudear por alguns segundos, após o que atalho a conversa.

— Pois, é o que eu pensava. Desaparece-me da vista, Flint. Não quero voltar a ter nada que ver contigo.

— Temos pena, pois não vou a lado nenhum.

— Sabes, há um nome para um tipo que continua atrás de uma rapariga depois de esta lhe ter dito para a deixar em paz — diz o Mekhi ao Flint após entrarmos no corredor de acesso aos túneis.

O Flint volta a ignorá-lo.

— Por favor, Grace. — Estende a mão e agarra-me o braço, mas antes que lhe consiga dizer para não me tocar, o Mekhi está em cima dele, de presas arreganhadas e um ronco de alerta a sair-lhe da garganta.

— Tira essas mãos de dragão nojento de cima dela — sibila.

— Não lhe vou fazer mal!

— Podes crer que não. Para trás, Montgomery.

O Flint produz um som de frustração que vem do fundo da sua garganta, mas acaba por fazer o que lhe é dito. Imagino porque caso não o fizesse

haveria uma briga aqui no corredor. Uma briga em que o Mekhi iria tentar desfazê-lo.

— Vá lá, Grace — implora. — É importante. Ouve-me por um minuto.

Paro porque já se tornou óbvio que ele não faz tenção de se ir embora.

— Está bem. Queres falar, fala. O que é que pode ser assim tão importante? — Cruzo os braços e fico à espera do que ele tem para dizer.

— Queres que o diga agora? À frente de todos? — rosna, olhando para o Mekhi.

— Não vou sozinha contigo para lado nenhum. Posso ser ignorante em relação ao teu mundo, mas não sou estúpida.

— Não posso fazer. Eu... — Interrompe-se e passa a mão pelo cabelo num gesto frustado. — Não posso falar contigo à frente de um vampiro. Temos de estar sozinhos.

— Então não vais falar com ela de todo — cospe o Mekhi, voltando a pôr-se entre nós. — Vamos embora, Grace.

Deixo que o Mekhi me afaste do, cada vez mais zangado, Flint. O que, se pensarmos bem, é irritante. Foi ele que tentou matar-me com um lustre e agora é ele que fica zangado? Não tem lógica.

— Merda, Mekhi, pelo menos faz-me um favor e não a deixes sozinha, está bem? — grita o Flint atrás de nós. — A sério, Grace. Não andes sozinha. Não é seguro.



52

Se não podes viver sem mim, porque é que ainda não morreste?

A ironia da coisa não passa despercebida. A julgar pela forma como o Mekhi rosna ao Flint, ele também percebeu.

— A sério?! E achas que ando a fazer o quê?

O Flint não responde e eu não me dou ao trabalho de olhar para trás, enquanto me dirijo aos túneis com ele, que não tece comentários sobre o Flint. Também não diz mais nada ao passarmos pela primeira porta. Mas o silêncio só me faz sentir pior com o que aconteceu. E por confiar no Flint, sobretudo quando o Jaxon me alertou para não o fazer.

Só queria saber o que ele ganhou com o facto de me ter magoado, pois nunca lhe fiz nada. *E, ainda por cima, fazer passar-se por meu amigo enquanto me tentava matar.*

— Com os dragões nunca se sabe. — Só quando o Mekhi responde é que me apercebo de que falei em voz alta. — São extremamente reservados e nunca ninguém sabe ao certo o que lhes passa pela cabeça.

— Pelos vistos. — Ofereço-lhe um sorriso inseguro. — Lamento isto tudo... E desculpa teres de me levar à aula. Mas fico-te muito agradecida.

— Tudo bem. Não é um dragão com mau feitio que me vai estragar o dia. Além disso, se me atrasar um bocado para cálculo matemático é um favor que te fico a dever. — Sorri enquanto nos encaminhamos para os túneis.

Ao passarmos pelas portas, mesmo com as paragens para se introduzir códigos de segurança e tudo o resto que fiz com o Flint, espanta-me quão diferente as coisas parecem com o Mekhi. Com o Flint, o meu íntimo gritava,

alertando-me, dizendo-me para desaparecer daqui o mais depressa possível.

Com o Mekhi, esta viagem pelos túneis parece uma situação normal. Não, é melhor do que normal. É como caminhar ao lado de um velho amigo, alguém com quem me sinto perfeitamente à vontade. Não há vozes que me avisam para ter cuidado, não há arrepios desconfortáveis pela espinha. O que me diz que os maus pressentimentos estavam associados ao Flint e não ao túnel.

Não obstante, continuo à espera que a mesma voz apareça à medida que nos aventuramos pelo túnel. Se não num alerta, pelo menos com uma breve dança de vitória por continuar viva contra todas as probabilidades. Algo que prove que não sou maluca por julgar estar a ouvir uma voz lá no fundo, a dizer-me o que fazer.

Admito que nunca senti nada assim, apenas a normal ladainha da consciência quando estou a tentar decidir entre o bem e o mal. Mas o que aconteceu da última vez que aqui estive é diferente. Em certos aspetos, quase parecia algo senciente, como se existisse fora do meu consciente e do subconsciente.

Interrogo-me quanto ao que se estará a passar. Não consigo deixar de pensar naquilo que o Jaxon, o Colégio Katmere, e o malfadado Alasca despertaram em mim.

Se é que despertaram alguma coisa.

Mas seja o que for que esteja a acontecer, pelo menos estou satisfeita por o terror ter desaparecido. Por agora, vou aceitá-lo e preocupo-me com o resto quando tiver oportunidade de respirar — algo que só vai acontecer quando souber o que o tio Finn decidiu em relação ao Jaxon.

O Jaxon não parecia recear poder ser expulso, mas isso não quer dizer nada. Ele não parece ter medo de grande coisa, e muito menos do que o diretor de uma escola secundária lhe possa fazer. Mas isso não quer dizer que o tio Finn não tenha o poder de o fazer sair da escola temporariamente... ou de vez.

Confirmo o telemóvel quando finalmente chegamos à entrada para os túneis. Continuo sem receber nenhuma mensagem do Jaxon.

— Soubeste dele? — pergunto quando iniciamos a longa caminhada até ao edifício de artes.

— Não.

— Isso é normal? Quero dizer, ele costuma dar conta do que...

Calo-me quando o Mekhi se ri.

— O Jaxon não dá conta de nada a ninguém, Grace. Pensei que já tinhas percebido.

— E percebi. É que... O que achas que vai acontecer?

— Acho que o Foster o vai repreender e depois seguimos com a vida.

— Repreender? — Nem sequer tento ocultar o choque. — Ele quase matou aquele rapaz.

— Caso não tenhas reparado, por aqui, *quase matou e matou* são duas

coisas muito diferentes. — Oferece-me um olhar de quem sabe o que diz. — A dada altura, todos nós fazemos asneira a tentar lidar com os nossos poderes.

— Sim, mas isto não foi uma asneira. Foi um ataque pensado.

— Talvez. — O Mekhi encolhe os ombros. — Só que foi necessário. Não acho que o Foster vá censurar o Jaxon por te tentar proteger. Nem acho que seja parvo ao ponto de o expulsar quando ele é a única coisa entre ti e sabe-se lá o quê. Cá para mim, o lobo alfa corre mais risco de ser expulso do que o Jaxon.

— As regras do colégio não giram à minha volta, mesmo com o diretor sendo meu tio. Além disso, pensava que os metamorfos andavam atrás de mim por causa do Jaxon. Por quererem vingança pelo que se passou com o Hudson?

Quero dizer, o que mais poderá ser? Nunca fiz nada a esta gente, nem há nada de sobrenatural em mim. Não tenho poderes mágicos, não consigo mudar de forma, não tenho desejos súbitos de morder pescoços alheios. Portanto, a menos que estejam a jogar o jogo do Aterroriza o Ser Humano, não faço ideia do que os metamorfos possam ganhar por estarem a tentar matar-me.

— O Jaxon está a agir segundo esse pressuposto, o que faz sentido, se pensarmos que eles estiveram à espera de encontrar alguma coisa que seja importante para ele. À espera de alguma coisa que lhe possam tirar.

Sinto o coração a acelerar com as palavras do Mekhi e com a implicação de que todos sabem que o Jaxon gosta de mim. Será uma tolice ficar entusiasmada com essa ideia, porque, se forem verdade, esses sentimentos puseram-me um grande alvo nas costas. Mas depois do que se passou hoje com o Jaxon, no quarto dele, não quero saber. Devia, mas não quero. Só quero estar com ele.

— Como era o Hudson? — pergunto ao Mekhi quando chegamos ao fundo dos túneis. Talvez seja uma pergunta indelicada, mas de que outra forma poderei vir a saber seja o que for acerca da relação do Jaxon com o irmão? Imagino que não seja ele que me vai contar.

O Mekhi olha-me de relance e há qualquer coisa diferente nesse olhar, algo circunspecto e, ao mesmo tempo, temível. Parece de tal maneira o olhar que o Jaxon tinha ao falar sobre o Hudson — sem a angústia palpável —, que me faz pensar em quem terá sido esse indivíduo. E em como pode a sua presença ser sentida com tal intensidade depois de ter morrido há quase um ano.

— O Hudson era... o Hudson — suspira o Mekhi. — Acho que a melhor maneira de o descrever seria como uma versão reduzida do Jaxon.

— Uma versão reduzida? — Não era isto, de todo, que esperava ouvir, sobretudo depois do que o Jaxon disse sobre ele. — Pensei que ele fosse um... — Calo-me, pois não quero chamar monstro ao antigo herdeiro do trono dos vampiros, apesar de ser exatamente isso que estou a pensar.

— Ele fez muito, não há dúvida quanto a isso — continua o Mekhi ao

chegarmos ao espaço central dos túneis. — Mas quero mesmo dizer reduzido. Ele era o irmão mais velho e era aquilo a que podemos chamar o filho pródigo. Os pais adoravam-no. Tal como muitos outros elementos importantes da nossa raça. Mas levar as pessoas a pensar que temos carácter não é o mesmo que o termos realmente. E o Hudson não era nem um quarto da pessoa que o Jaxon é. Demasiado egoísta, demasiado egocêntrico, demasiado oportunista. O Hudson só queria saber dele próprio. Mas era muito bom a fingir que se importava com aquilo que os detentores do poder queriam que ele se importasse.

Não sei o que dizer, pelo que não digo nada. Afinal de contas, nunca conheci o Hudson e não quero saber dele, além do facto do Jaxon estar a usar a morte do irmão para se castigar.

Mas tenho de admitir que a descrição do Mekhi está muito próxima daquilo que imaginei a partir do que li nas entrelinhas do que o Jaxon me contou. Ele está a fustigar-se pelo que aconteceu entre eles, mas a mim parece-me que ele fez um favor ao mundo quando matou o irmão. Apesar do que o Jaxon pense sobre isso.

Ouve-se um barulho distante e, de repente, o Mekhi está a empurrar-me para trás dele e a dar meia-volta, as mãos erguidas numa pose de luta. Que é abandonada quando se apercebe de que o som foi feito pela Lia, que corre pelo túnel na nossa direcção.

E quando digo correr, é mesmo a toda a brida. Uau, ela mexe-se mesmo depressa quando quer. Quero dizer, não é uma surpresa, já vi o Jaxon a mexer-se e acaba por ser chocante a rapidez com que chega a mim quando quer.

Mas, até agora, sempre que ele se mexe assim é porque estou em apuros e ele quer chegar junto a mim. O mesmo tipo de apuros que me impede de lhe prestar grande atenção porque estou ocupada a tentar não morrer.

Agora, ver a Lia a correr sem ter de me preocupar com a minha segurança? É intenso. Demora menos de um minuto a percorrer o túnel que caminhamos há cinco minutos.

E quando chega junto a nós nem sequer está ofegante.

— Oh miúda, qual é a pressa? — quer saber o Mekhi quando ela passa por nós. Fico surpreendida com o tom e com o facto de muita da afabilidade que me dirige ter desaparecido.

Claro que ela também não exsuda amizade quando responde:

— Ah, olá, pessoal. Vou usar o meu período livre para trabalhar mais um bocado no estúdio de arte.

O Mekhi levanta uma sobrancelha.

— Desde quando é que usas o tempo livre para alguma coisa produtiva?

Ela desvia o olhar, de maxilar retesado, e, por um instante, fico com a certeza de que ela não lhe vai responder. Mas depois encolhe os ombros e diz:

— Estou a trabalhar num quadro do Hudson.

— Então é ele — exclamo, pensando no retrato em que a vi a trabalhar

ontem. — Ele era mesmo atraente.

— Nem fazes ideia. — Os lábios franzem-se naquilo que é o mais aproximado de um sorriso que já vi nela. — Mas não tenho talento suficiente para lhe fazer justiça.

— Falsa modéstia? — escarnece o Mekhi. — Isso nem parece teu, Lia.

— Dizia-te morde aqui — responde ela com um revirar de olhos —, mas sabe-se lá por onde andaste.

— Deixa lá, não quero apanhar raiva — retruca ele.

Uau. As más vibrações entre eles são de tal ordem que fico à espera de ver o segundo ataque vampírico do dia.

Pelos vistos, quando a relação dela com o Jaxon azedou, o mesmo aconteceu com o resto da Ordem, pois, neste momento, o Mekhi parece capaz de lhe arrancar a cabeça à dentada.

Mas estou a tentar determinar como sair do alcance deles quando a Lia o ignora. Depois dá-me o braço e diz:

— Vamos embora, Grace. Ele não vale a pena.

— Ah, por acaso, o Mekhi estava a acompanhar-me à aula. — Não gosto de estar entre eles, mas isso não quer dizer que vá livrar-me do Mekhi assim que possa.

A campainha escolhe este momento para tocar e o Mekhi encolhe ao de leve os ombros enquanto recua.

— Não me importo de ir para cálculo se não te importares que a Lia te mostre o resto do caminho.

— Imagino que a possa levar sã e salva até à aula — comenta a Lia, mas eu limito-me a sorrir-lhe com gratidão.

Gosto do facto do Mekhi não estar a fazer uma tempestade num copo de água em relação ao «não estar sozinha», só procura cobrir todas as bases sem grande pressão. Sobretudo porque o Jaxon já está a tratar desse departamento.

— Tudo bem — assevero, e estou a ser sincera. Estar aqui, rodeada por pessoas em que o Jaxon confia, mesmo que elas não confiem umas nas outras, faz com que tudo o que tem andado a acontecer pareça mais fácil de suportar. — Vai lá para a aula de matemática.

— Palavras que uma pessoa normal nunca quer ouvir — suspira ele. Mas recua e levanta dois dedos à laia de saudação de despedida.

Sigo o impulso e cruzo a distância que nos separa para lhe dar um abraço.

— Obrigada por me acompanhares. A sério.

Parece espantado com a minha mostra bastante humana de emoção, pelo que me afasto, temendo estar a fazer alguma coisa de errado. Mas quando levanto a cabeça para o olhar, o seu rosto tem um sorriso, que mostra que não se importou nada. E isso antes de me dar umas palmadinhas na cabeça, como se eu fosse um *chihuahua* premiado.

Não obstante, é bom ter a aprovação de um dos amigos do Jaxon, pelo que me limito a sorrir e devolvo a saudação ridícula com os dois dedos.

Ele ri-se, depois rosna à Lia — só para o espetáculo, julgo eu — e dá

meia-volta, regressando por onde viemos.

Fico a observá-lo por um instante, à espera que desapareça a toda a brida como a Lia, mas ele demora-se, avançando como se estivesse num daqueles *western* antigos que o meu pai costumava ver.

O que só me faz gostar ainda mais do Mekhi. Está disposto a dar alguma privacidade à Lia e a mim, mas não está com pressa de me deixar sozinha com ninguém. Mesmo que seja outro vampiro.

— Então, e como é que tu andas? — pergunto à Lia, depois de mais um relance ao telefone mostrar que continuo sem mensagens do Jaxon. E que tenho dois minutos para chegar à aula.

— Depois do que se passou hoje, quer-me parecer que essa deixa é minha. — Ergue as sobrancelhas numa expressão «que raio?».

— Ah, isso. Pois, o Jaxon... — Calo-me, sem saber o que posso dizer em relação ao que aconteceu.

A Lia ri-se.

— Não tens de me explicar nada. O Hudson era igual, sempre excessivo, a fazer o que achava que fosse necessário para me proteger. Mesmo que não fosse preciso proteger-me de nada.

Penso em corrigi-la, quem sabe talvez contar-lhe o que se passa para ouvir a opinião dela, mas estamos quase nos pavilhões e, de repente, estamos cercadas por mais gente — vampiros, bruxos e metamorfos. Como já tenho boatos mais do que suficientes a rodearem-me, recuso-me a deitar mais lenha para a fogueira.

Portanto, em vez de lhe contar tudo o que aconteceu nos últimos dias, limito-me a encolher os ombros e rio-me.

— Sabes como são os rapazes.

— Pois sei. — Revira os olhos. — E, por isso mesmo, estava a pensar que pudesses querer deixar esse machismo todo para trás durante algum tempo. Queres fazer uma noite de miúdas mais logo? Podemos fazer umas máscaras de beleza, ver uma comédia romântica, comer chocolate a mais. Talvez até as mani-pedis de que falávamos no outro dia.

— Oh. — Volto a espreitar o telefone: nada do Jaxon. Afinal de contas, talvez o meu tio o tenha expulsado para Praga... ou para a sibéria. — Sim, porque não.

— Uau. — Oferece-me um olhar de ofensa fingida. — Não te entusiasmes tanto.

— Desculpa. É que estava à espera que o Jaxon me convidasse para passar algum tempo com ele mais logo. Mas... — Exibo o telefone com um suspiro. — Até agora, nada.

— Pois, mais vale esperares sentada. Fazer planos não é do estilo do Jaxon. — Há uma tristeza subjacente à amargura no tom dela sempre que fala do Jaxon. Faz-me pensar que, apesar do que diz, ela sente tanta falta da amizade entre eles como ele.

O que é uma treta, sobretudo tendo em conta o que cada um sofre neste

momento.

Não me diz respeito. Não conhecia o Hudson e não estava presente quando as coisas azedaram entre eles os dois, mas sei como a vida é efêmera, mesmo para os vampiros. O quão rápido as coisas podem acabar, sem aviso e sem possibilidade de remediar potenciais diferenças.

Também sei quanto os problemas que tem com a Lia pesam ao Jaxon, recordando-o continuamente do seu papel no que aconteceu ao Hudson. Interrogo-me se esses problemas terão o mesmo peso na Lia, e se poderiam começar o processo de cura se, por acaso, se perdoassem um ao outro e a si próprios.

Quero dizer, tudo será melhor do que a inimizade entre eles. Ela está devastada, e nenhum pode realmente seguir em frente, porque se sentem ambos traumatizados pelo passado.

Razão pela qual acabo por não resistir a dizer:

— Sabes, ele tem saudades tuas.

Os olhos dela saltam para os meus.

— Não fazes ideia do que estás a dizer. — As palavras encontram-se entre um murmúrio e um sibilar.

— Faço, sim. Ele contou-me o que aconteceu. E nem imagino como te sentes...

— Tens razão. Nem imaginas — começa a andar mais depressa à medida que nos aproximamos da saída —, por isso, nem tentes.

— Está bem. Desculpa. — Estou praticamente a correr no meu esforço para a acompanhar. — É só que acho que seria bom que tentasses recuperar a tua ligação com o Jaxon. Ou seja com o que for, Lia. Sei que estás triste; que só queres ficar sozinha, pois o que aconteceu é uma agonia só de pensar. Acredita, eu sei. Meu Deus, se sei. Mas a questão é que isso não te deixa a sentir melhor — prossigo. — Continuas exatamente onde estavas, mergulhada na mágoa, e até decidires dar o primeiro passo vais continuar a afundar.

— O que achas que estava a fazer quando te convidei para fazer uma máscara de beleza? — pergunta, a voz mais baixa e sofrida do que já a ouvi. — Estou farta de adormecer a chorar todas as noites, Grace. Estou farta de sofrer. Foi por isso que pensei que pudesse tentar começar de novo contigo. És simpática e não conhecias o Hudson, nem a pessoa que eu era. Pensei que pudéssemos ser amigas. Amigas a sério.

Desvia o rosto, mas sei que está a morder o lábio, numa tentativa óbvia de não chorar. Sinto-me parva.

— É claro que somos amigas, Lia. — Num impulso abraço-lhe um ombro e aperto-a.

Ela começa por ficar hirta, mas depois descontrai-se e aceita o abraço. Eu costumava ser uma daquelas pessoas que nunca é a primeira a largar um abraço... até que os meus pais morreram. Depois tive tantos abraços indesejados por parte de pessoas bem-intencionadas que não sabiam o que mais fazer que fugir se tornou uma forma de defesa pessoal.

Pela Lia volto aos tempos antes do acidente, abraçando-a até que ela decide que já chega. Demora mais do que eu imaginei, o que, para mim, serve de prova para a teoria de que devemos sempre continuar o abraço até que a outra pessoa se afaste, pois não sabemos o que se passa com ela, nem se precisa de conforto.

Claro que o meu telefone decide *finalmente* vibrar a meio do abraço, e preciso de todo o meu autocontrolo para não lhe pegar. Mas os amigos verdadeiros são importantes — além de poucos e espaçados —, pelo que espero, só a largando a Lia quando, por fim, ela se afasta.

O telemóvel vibra mais três vezes, para, e vibra outra vez. A Lia revira os olhos, mas de um modo afável que indica que a tempestade passou.

— E se respondesses e acabasses com o sofrimento do Jaxon? Deve estar ansioso, a pensar que os metamorfos decidiram fazer churrasco de Grace, apesar dos avisos.

Ela deve ter razão, pois caem mais duas mensagens antes que pegue no telemóvel. A Lia ri-se e abana a cabeça.

— Ah, até os grandes caem.

Não vou mentir, mas o meu coração dá um salto — ou cinco — ao ouvi-la dizer isto, mesmo havendo uma parte de mim que ainda receia que seja só o desejo a falar. Mas é difícil não sorrir ao ver as mensagens que ele me enviou.

Jaxon: Disse-te para não te preocupares.

Jaxon: Ainda cá estou para mais um dia.

Jaxon: Para mais uma dentada...

Jaxon: Bom, passa esta noite pelo meu quarto, quando puderes.

Jaxon: Quero mostrar-te uma coisa.

Em parte porque entrou em contacto comigo assim que ficou despachado do tio Finn.

E, sobretudo, porque me convidou para sair hoje à noite. Ou o mais perto que temos disso aqui no meio do Alasca.

Eu: Desculpa, estava a falar com a Lia.

Eu: Claro! A que horas?

Eu: Ainda bem que correu tudo bem.

Hesito por um instante e depois escrevo o que estou a pensar desde que ele falou em dentadas. É aquilo em que estou a pensar desde que saí do quarto dele, há menos de duas horas.

Eu: Gosto das tuas dentadas.

Enrubesço um pouco quando envio a mensagem, mas não me arrependo. Porque é verdade e porque já me atirei a ele. Haverá mais alguma coisa a fazer que não seguir em frente?

Quase tenho medo de olhar quando o telefona vibra de imediato.

Receio ter ido longe de mais.

Temo estar a avançar muito depressa.

Jaxon: Ótimo, pois gosto do teu sabor.

É piroso e batido, mas não importa porque me deixa derretida. Para quem

tenta ser tão implacável, o Jaxon sabe bem o que faz. A sério. Qual a rapariga que resiste a uma mensagem assim? Ou a quem a enviou, estando esse rapaz disposto a combater lobos, dragões e quem mais a ameace?

Eu não sou, isso é certo.

A Lia, por outro lado, faz um som de enjoo ao ler a mensagem por cima do meu ombro.

— Uau, Jaxon. Pouco azeite, não?

— Eu gosto. — Mas apago o ecrã do telemóvel e volto a guardá-lo no bolso. A Lia não precisa de ver mais nada que o Jaxon possa decidir escrever-me.

Sinto um leve arrepio ao pensar nisso.

— Então, fica para outra noite? — pergunta a Lia ao abrir a porta do estúdio de arte. — Fazemos as máscaras amanhã?

Parece-me bem. Mas, depois do que ela acabou de revelar, não posso deixar de perguntar:

— Tens a certeza? Posso ir ter com o Jaxon depois do nosso serão de miúdas.

— E fico responsável por me meter no caminho do verdadeiro amor? — comenta. — Não me parece.

— Oh, não é nada disso — digo-lhe, mesmo com parte de mim a derreter-se com tal descrição. — Estamos só... a passar um bocado.

— Queres apostar? — funga a Lia. — Porque o Jaxon Vega que eu conheci a vida toda não ia quase começar uma guerra por causa de uma rapariga com quem só quer «passar um bocado».



53

Se este beijo vai começar uma guerra, é bom que valha a pena

As palavras da Lia continuam a ressoar-me horas depois, enquanto tento decidir o que vestir para ir ter ao quarto do Jaxon para o nosso... encontro. É óbvio que ele não vai ligar, mas eu ligo. Não tenho andado, propriamente, no meu melhor desde que cheguei ao Katmere, e gostava, por uma vez que fosse, de o surpreender.

— Devias escolher o vestido vermelho — diz a Macy do seu lugar, sentada de pernas cruzadas na minha cama, a ver-me indecisa com as opções.

— Os rapazes adoram vermelho. E esse vestido é de mais.

Ela tem razão. O vestido é espantoso, mas...

— Não achas que é um bocado óbvio?

— E que mal tem? — quer ela saber. — És louca por ele. É óbvio que ele sente alguma coisa por ti, caso contrário não tinha quase despedaçado o Max esta manhã. Não faz mal que saiba que te vestiste para o agradares.

— Eu sei. É só que... — Exibo o vestido vermelho pela milésima primeira vez. — Isto é agradecer muito.

— Não tem tecido suficiente para ser muito — brinca a Macy.

— Pois, é mais ou menos isso que eu quero dizer.

Não há dúvida de que o vestido vermelho é espantoso. E aposto que fica maravilhosamente bem à Macy. Mas, com o seu corte geométrico e a falta de tecido perto do que importa, está muito distante do meu estilo habitual. E não há qualquer problema com isso, mas seja o que for que aconteça — ou não aconteça — hoje com o Jaxon, quero sentir-me eu própria.

— Acho que vou escolher o amarelo — decido, pegando no vestido em questão. Tem alças finas, mas o decote é mais subido do que o do vermelho, e deve ficar-me abaixo dos joelhos depois de o vestir, enquanto o vermelho fica-me pelo meio das coxas.

— A sério? Esse é o que eu menos gosto. — A Macy faz menção de lhe pegar, mas eu recuo, afastando-me do alcance dela. — Quero dizer, foi o *meu pai* que mo escolheu.

— Pois, eu gosto. E também gosto que não grite que quero ficar nua junto dele.

— Diz quem andou a fazer malandrices no quarto dele — comenta a minha prima com um sorriso malicioso.

— Não te devia ter contado! E não nos despimos. Só curtimos. — Dispo o pijama e visto o vestido. — E não é o vestido que interessa.

— Então, o que é que interessa? — Desce da cama e começa a puxar-me a saia para que assente nas minhas curvas ridículas. — Ah, pois é. O que interessa é o teu desejo pelo corpo sensual do Jaxon.

— Pensava que não gostavas do Jaxon. — Lanço-lhe um olhar convencido. — Quero dizer, não foste tu que me disseste que ele era perigoso e que devia ficar bué, bué longe dele?

— E vê os ouvidos que me deste. — Dirige-se à cómoda e começa a abrir e a fechar as gavetinhas da caixa de joias que lá tem. — Além disso, lá por ele me assustar não quer dizer que não perceba como é *sexy* — comenta numa voz deliberadamente grave e engraçada. — E aquela linda marca de dentada que ele te fez? *Ai meu Deus*.

Ai meu Deus é pouco. Sinto-me a derreter sempre que a vejo ao espelho.

— Para mim, tudo no Jaxon é lindo — garanto-lhe quando ela volta para junto de mim, com um par de brincos de ouro na mão.

— Tanta não te babar para cima do vestido — replica ela. — A baba é tão século passado.

Deito-lhe a língua de fora, mas ela revira os olhos.

— Guarda-a para o Jaxon.

— Ai meu Deus! Estás a tentar matar-me de vergonha antes sequer de chegar ao quarto dele?

— Tens vergonha do quê? Estás caidinha por ele e ele está caidinho por ti, por isso, força.

— Importas-te de me dar os brincos para poder sair daqui? — peço-lhe, estendendo a mão.

— Fica quieta e eu ponho-tos. O fecho é manhoso. — Chega-se e enfia um dos brincos no furo de uma das minhas orelhas. — Uau, cheiras tão bem que apetece comer... Ups. Queria dizer beber.

— A sério, Macy, eu...

— Está bem, pronto, eu deixo de me meter contigo. — Põe-me o segundo brinco. — Mas é engraçado ver-te a corar.

— Pois, muito engraçado — retruco, enquanto ela se esforça por fechar o

segundo brinco.

O fecho fica preso e ela recua.

— Como é que consegues ficar tão quieta? — pergunta-me, enquanto me endireita a saia do vestido. — A sério, pareces uma estátua. Mal te senti respirar enquanto te punha o brinco.

— Estava aterrorizada que me rasgasses a orelha. Ou que me espetasses um olho — provoco-a.

A minha prima faz-me uma careta, enquanto calço o único par bom de sapatos de salto alto que trouxe comigo. São uns simples sapatos de tiras que dão com quase tudo. Incluindo, felizmente, este vestido amarelo.

— E então, como estou? — Dou uma voltinha no meio do quarto.

— Estás a parecer que vais precisar de mais uma transfusão de sangue quando o Jaxon tratar de ti.

— Macy! Para com isso!

Ela ri-se enquanto me dirijo à porta.

— Estás linda, a sério. Vais deslumbrar o vampirinho.

Desta vez fico corada de entusiasmo.

— Achas mesmo?

— Tenho a certeza. — Faz-me sinal para dar mais uma volta, e eu obedeco. — Aposto contigo que quando voltares, vão faltar botões ao vestido.

— Pronto, acabou-se! — Atiro-lhe um olhar de falsa fúria ao dirigir-me à porta.

Mas ela sorri e revira-me os olhos, o que me faz soltar uma gargalhada ridícula e me acalma, tal como ela pretendia.

É estranho. Antes desta semana não via a Macy há dez anos. Éramos praticamente estranhas. Agora, não consigo imaginar regressar a uma vida sem ela.

— Não fiques à minha espera — digo, saindo do quarto.

— Isso querias tu — assevera ela com uma fungadela. — Já agora, quero pormenores. Portanto, presta atenção a tudo o que acontece esta noite para não te esqueceres de nada.

— Pois claro — acedo, só para a provocar. — Eu tiro apontamentos. Assim, não me esqueço de nada.

— Achas-te muito engraçada, mas estou a falar a sério. Apontamentos seriam extremamente úteis.

Reviro os olhos.

— Adeus, Macy.

— Vá lá, Grace! Deixa uma jovem viver experiências novas através de ti, sim?

— E se fosses à procura do Cam? Viver um bocadinho por ti mesma?

Ela pensa no caso.

— Talvez vá.

— Boa. E devias levar aquele vestido vermelho. Afinal de contas, os rapazes adoram que sejamos óbvias.

A Macy atira-me uma almofada da qual me desvio por pouco.

— Vá, respira — brinco, e depois saio porta fora, antes que ela decida atirar-me qualquer coisa que doa mesmo. Ou, sei lá, lançar-me um feitiço que me faça cair o cabelo. Afinal de contas, é arriscado viver com uma bruxa.

Dirijo-me ao quarto da torre com as palmas das mãos a suar e o coração a bater um bocadinho depressa demais. Talvez devesse ter ido logo a seguir às aulas, tal como eu queria, pois os preparativos — o cabelo, a maquilhagem, a escolha do vestido — deram-me mais tempo para pensar.

E mais tempo para ficar nervosa.

O que é muito ridículo. Ele viu-me a cair de uma árvore e quase a esvair-me em sangue. Já me salvou a vida em mais do que uma ocasião desde que aqui cheguei. Viu-me no meu pior. Porque é que estarei, de repente, tão ansiosa para que me veja no meu melhor? Não me parece que ele se importe ou goste mais de mim por eu esticar o cabelo e calçar saltos altos.

Digo tudo isto para com os meus botões a caminho do quarto dele e quase que acredito, mas quando lhe bato à porta, as mãos continuam a tremer-me... e os joelhos também.

O Jaxon abre a porta com um sorriso *sexy* que se transforma num vazio total assim que me vê. E *não* era essa a reação que eu esperava depois de passar as últimas duas horas a preparar-me.

— Cheguei muito cedo? — pergunto, com o desconforto a preencher-me. — Se quiseres posso voltar depois...

Calo-me quando ele me pega no pulso e me puxa gentilmente para o quarto, e para os braços, dele.

— Estás linda — murmura-me junto ao ouvido, enquanto me abraça com força. — Maravilhosa.

O nó de tensão que sentia no estômago dissolve-se assim que ele me envolve.

Assim que sinto o seu sensual cheiro a citrinos.

Assim que sinto a força e o poder do corpo dele contra e à volta do meu.

— Tu também não estás nada mal — digo-lhe. E é verdade que está muito bem, com uns *jeans* rasgados e camisola de caxemira azul-brilhante. — Acho que nunca te tinha visto sem ser de preto.

— Pois, vamos manter essa informação entre nós.

— Claro. — Continuo a abraçar-lhe a cintura enquanto lhe sorrio. — Não queremos afetar essa tua reputação de durão.

Ele revira os olhos.

— Mas porque é que a minha reputação te deixa tão obcecada?

— Porque toda a gente acha que tem de me avisar para não estar contigo. Obviamente. Nunca namorei com ninguém como tu.

Estou só a meter-me com ele, mas arrependo-me das palavras mal elas me saem da boca. Afinal de contas, ainda esta manhã ele me dizia que receava poder vir a magoar-me. Como ele só foi gentil comigo até agora, para mim, esse receio é ridículo, mas isso não significa que ele não o leve muito, muito a

sério.

Como seria de esperar, o Jaxon afasta-se. Tento continuar a agarrá-lo, mas não há como segurá-lo se ele não quiser.

— Já te magoei, Grace — diz ele passado um segundo com a voz e os olhos profundamente graves. — Não volta a acontecer.

— Vamos esclarecer uma coisa. Não foste *tu* que me magoaste. Foi um bocado de vidro que me magoou. Além disso, eu sei que estou segura contigo. Já to disse. Se assim não fosse, não estaria aqui.

Ele observa-me por um momento, como se estivesse a tentar decidir se lhe estou a dizer a verdade. Deve acreditar que sim, pois assente e volta a procurar-me. Desta vez, quando me puxa contra ele baixa a cabeça e pressiona os lábios contra os meus.

É um beijo diferente do anterior, mais gentil e meigo. Mas não deixa de chegar ao meu íntimo. Ilumina-me. Deixa-me perdida em tudo o que sinto por ele e tudo o que espero que ele se permita a sentir por mim.

Mas hoje não é noite para desejar o que poderia ser. Hoje é para celebrar o que é, pelo que reprimo essa ideia e agarro-me ao Jaxon com tudo o que tenho. E com tudo o que sou.

O beijo dura uma eternidade, a boca dele num murmúrio suave contra a minha, mas, ainda assim, ele recua demasiado cedo. Continuo agarrada a ele, com os meus dedos engalfinhados na sua camisola e o meu corpo retesado contra o dele, enquanto me esforço por agarrá-lo junto a mim só mais um bocadinho.

Quando finalmente o largo, quando finalmente abro os olhos, o Jaxon que me olha não é aquele que estou habituada a ver. Não há mágoa no seu olhar, não tem uma expressão carregada no rosto. Em vez disso, ele parece mais leve, mais feliz do que nunca.

Fica-lhe bem, deixa-me ofegante por uma série de outros motivos. Interrogo-me se ele sentirá o mesmo em relação a mim, pois, durante vários instantes, não nos mexemos. Apenas nos miramos, os olhos fitos, o fôlego suspenso, os dedos entrelaçados.

Sinto uma bolha de emoção dentro de mim, algo que cresce a cada segundo que me demoro a olhar para ele. A cada segundo que lhe toco. Há tanto tempo que não sinto esta emoção que demoro vários minutos a reconhecê-la como sendo felicidade.

O Jaxon acaba por se virar, com a perda que sinto a revelar-se uma dor física no meu íntimo.

— O que estás a fazer? — pergunto, enquanto o observo a vasculhar o roupeiro.

— Por mais que goste desse vestido, precisas de um casaco — responde, tirando um grosso, forrado a pelo, da The North Face... preto, claro.

Enfia-me os braços nas mangas e puxa-me o fecho. Põe-me o capuz. Depois pega no cobertor vermelho que está aos pés da cama.

— Anda — diz.

Estende-me a mão, que aceito — como podia recusá-la? Neste momento, não há lugar no mundo para onde não seguisse este rapaz.

E isso antes de ele abrir as cortinas que lhe tapam a janela e eu ver o que nos espera.



54

O que pode ser mais interessante do que beijar-me?

— Ai meu Deus! — arquejo, praticamente correndo para a janela. — Ai meu deus! Como é que sabias?

— Só falaste nelas, sei lá, três vezes em alturas diferentes — responde, abrindo a janela e saindo para o exterior antes de me estender a mão.

Sigo-o, os olhos colados ao céu que se estende à nossa frente. Está iluminado, tal qual um arco-íris gigantesco, com um fundo de um incrível roxo intenso, enquanto volutas da cor da pervinca, verdes e vermelhas bailam sobre ele.

— A aurora boreal — murmuro, tão fascinada com a beleza indescritível que mal sinto o frio... ou o Jaxon a envolver-me no seu cobertor quentinho.

— E então, ficaram aquém das tuas expectativas? — pergunta, envolvendo-me por trás e deixando-me aninhada no cobertor e nos braços dele.

— Ultrapassaram-nas — garanto, espantada com a intensidade das cores e com a rapidez das luzes. — Ainda só tinha visto fotografias. Não sabia que se mexiam desta maneira.

— Isto não é nada — responde, apertando-me mais. — Ainda é cedo. Espera até começar a sério.

— Estás a dizer que há mais?

Ele ri-se.

— Muito mais. Quanto maior a velocidade dos ventos solares que chegam à atmosfera, mais depressa elas dançam.

— E as cores têm que ver com os elementos, não é? O verde e o vermelho

são oxigénio, e o azul e o roxo são nitrogénio.

Parece impressionado.

— Sabes muito acerca das luzes.

— Adoro-as desde pequena. O meu pai pintou um mural na parede do meu quarto quando eu tinha sete anos. Disse-me que um dia me traria a vê-las. — Não consigo deixar de pensar em como ele não conseguiu manter a sua promessa. E em todas as outras promessas que se perderam quando ele desapareceu.

O Jaxon assente e abraça-me com mais força. Depois vira-me e fico a encará-lo.

— Confias em mim?

— É claro que sim. — A resposta é instintiva e chega da parte mais primitiva e profunda do meu ser.

E ele sabe isso. Vejo-o na forma como arregala os olhos, sinto-o no modo como o coração dele acelera repentinamente contra o meu.

— Nem sequer pensaste — murmura, e leva os dedos a afagarem-me a face com um toque de reverência.

— É preciso pensar? — Envolver-lhe o pescoço com os braços e baixo-o para um beijo. — Eu sei que vais cuidar de mim.

Então, ele fecha os olhos e encosta a testa à minha por alguns momentos, após o que me toma a boca na dele.

Beija-me como se estivesse esfomeado por mim. Como se o mundo dele dependesse disso. Como se nada mais lhe interessasse, a não ser eu.

Retribuo o beijo da mesma maneira, até mal conseguir respirar e as cores atrás dos meus olhos serem mais brilhantes do que a aurora boreal. Até parecer que estou a voar.

— Se calhar devia ter-te perguntado se tens vertigens — murmura o Jaxon daí a alguns minutos, com os lábios ainda pressionados contra os meus.

— Vertigens? Nem por isso — respondo, passando-lhe as mãos pelo cabelo e tentando que ele me volte a beijar.

— Ótimo. — Desloca-me a mão direita até que esta me chegue ao pescoço, de modo a que possa manter o cobertor à minha volta, segurando ambos os cantos. — Agarra-te ao cobertor.

Depois pega-me na mão esquerda e gira-me com força, como se costumava fazer nas danças antigas.

Arquejo com o movimento rápido e súbito — e com o facto de não conseguir sentir o chão debaixo dos pés. Segundos depois grito, pois vejo o céu com atenção pela primeira vez desde que o Jaxon começou a beijar-me.

Já não estamos na laje, a olhar para a aurora boreal. Estamos a flutuar pelo menos trinta metros acima do topo do castelo, parecendo que nos encontramos no meio das luzes do norte.

— O que estás a fazer? — interrogo, quando finalmente consigo fazer as palavras ultrapassarem o nó aterrorizado que tenho na garganta. — Como é que estamos a voar?

— Acho que *flutuar* é uma descrição mais adequada para o que estamos a fazer — corrige-me o Jaxon com um sorriso.

— A voar, a flutuar. Isso é relevante? — Agarro-lhe a mão com toda a força. — Não me largues.

Ele ri-se.

— Sou telecinético, lembras-te? Não vais a lado nenhum.

— Ah, pois é. — Quando apreendo essa verdade, relaxo, levemente, o aperto na mão dele. E, pela primeira vez desde que começámos a flutuar, olho com atenção para o céu à nossa volta.

— Meu Deus — murmuro. — Nunca tinha visto nada tão incrível.

O Jaxon ri-se e volta a puxar-me, desta vez com as minhas costas contra o seu peito, de modo a que possa ver tudo e senti-lo a envolver-me ao mesmo tempo.

E depois faz-nos rodopiar pelas luzes.

É a viagem de uma vida, melhor do que tudo o que a Disneylândia ou o Six Flags poderiam inventar. Não deixo de me rir, adorando cada segundo.

A adorar a emoção de rodopiar pelo céu juntamente com as luzes.

A adorar a sensação de dançar entre as estrelas.

A adorar ainda mais o facto de estar entre os braços do Jaxon.

Passamos horas aqui em cima, a dançar, a flutuar e a rodopiar pelo mais fabuloso espetáculo luminoso do mundo. Algures em mim sei que tenho frio — mesmo com o blusão, com o Jaxon a abraçar-me e a aurora boreal a estender-se pelo céu à minha frente e atrás de mim —, mas em todos os pontos mais importantes mal o sinto. Como poderia senti-lo se a alegria de aqui estar, neste momento, com o Jaxon faz com que seja impossível concentrar-me seja no que for?

Mas ele lá nos desce até à laje. Quero queixar-me, quero suplicar-lhe que nos mantenha lá em cima mais um bocadinho. Mas não sei como funciona a telecinesia dele, quanta energia e poder foram consumidos para nos manter lá em cima tanto tempo.

— E pensavas tu que os vampiros só serviam para morder coisas — murmura-me ele ao ouvido quando voltamos a terra firme.

— Eu nunca disse isso. — Viro-me para ele e pressiono a boca contra o pescoço dele, adorando a forma como ele o arqueja quando lhe pouso os lábios. — Na verdade, acho que serves para uma série de coisas.

— Ah é? — Puxa-me para mais perto, deposita-me beijos nos olhos, nas faces, nos lábios.

— É. — Enfio as mãos nos bolsos de trás das calças dele e deliro com a forma como ele se arrepia com o meu toque. — Mas não vou mentir, a dentada também é impressionante.

Levanto a boca para novo beijo, mas ele afasta-se antes que eu possa encostar os lábios aos dele. Faço menção de o seguir, mas ele sorri e roça-me o lábio com o polegar.

— Se te começar a beijar agora, nunca mais quero parar.

— Por mim, tudo bem — respondo, tentando voltar a colar os nossos corpos.

— Eu sei. — Sorri. — Mas primeiro quero fazer uma coisa.

— Haverá alguma coisa mais interessante do que beijar-me? — brinco.

— Absolutamente nada. — Deixa-me um beijo rápido nos lábios e depois dá um grande passo atrás. — Mas espero que isto seja um segundo lugar renhido. Fecha os olhos.

— Porquê?

Solta um profundo suspiro falso.

— Porque eu te pedi. Obviamente.

— Está bem. Mas é bom que estejas aqui quando eu os abrir.

— Estás no meu quarto. Onde querias que eu estivesse?

— Não sei, mas não vou arriscar. — Semicerro os olhos. — Tens o mau hábito de desaparecer sempre que as coisas ficam... interessantes.

Ele sorri.

— Isso acontece porque, regra geral, tenho medo de que se ficar mais tempo do que o que devo, te vá morder. Agora que sei que não te importas, não tenho de fugir tão depressa.

— Ou podes não fugir de todo. — Inclino a cabeça para o lado, num convite óbvio.

Os olhos dele passam da sua escuridão normal para o negro puro de pupilas completamente dilatadas, e eu estremeço com a antecipação. Pelo menos até que ele me diz:

— Não me vais distrair, Grace. Portanto, faz-nos um favor aos dois e fecha os olhos.

— Está bem. — Faço um leve beicinho, mas acato o pedido. Afinal de contas, quanto mais depressa despacharmos isto, mais depressa posso voltar a beijá-lo. — Dá o teu pior.

A gargalhada dele é um fôlego de ar morno contra a minha orelha.

— Não queres dizer o meu melhor?

— Contigo, nunca se sabe. — Aguardo impacientemente que ele faça o que tem a fazer... pelo menos até que sinto o seu peito contra as minhas costas e os braços nos meus lados. — O que...?

— Já podes abrir os olhos — diz ele.

Assim que o faço quase caio de choque.

— O que...?

— Gostas? — pergunta, a voz gentil e insegura como nunca a ouvi.

— Nunca vi nada tão bonito. — Levo uma mão tremúla ao colar que ele segura a centímetros de mim, roço o dedo na *enorme* pedra policromática pendurada no centro da corrente de ouro. — O que é?

— É um topázio místico. Há joalheiros que lhe chamam a pedra da aurora boreal devido à forma como as cores fluem.

— Estou a ver. — A lapidação da pedra é incrível, com cada faceta a destacar os azuis, os verdes, os roxos no interior, de modo a fundirem-se uns

nos outros ao mesmo tempo que se destacam. — É maravilhoso.

— Ainda bem que gostas. — Baixa o colar até que a pedra assenta logo abaixo da minha clavícula e prende-o ao meu pescoço. Depois recua para observar a sua obra. — Fica-te bem.

— Não posso aceitar, Jaxon. — Obrigo as palavras a sair, embora tudo dentro de mim grite para que me agarre ao colar e nunca mais o largue. — É... — Enorme. E nem imagino quanto possa ter custado. Mais do que todas as minhas posses juntas, de certeza.

— Perfeito para ti — termina ele, chegando o pingente para o lado e beijando-me a pele por baixo.

— Sinceramente, acho que será perfeito para qualquer mulher. — A minha mão sobe até à pedra com vontade própria e agarra-a. Não a quero devolver. — É tão lindo.

— Então combinam bem.

— Ai meu Deus. — Solto um gemido. — Isso foi tão lamechas.

— Pois — concorda ele com um leve encolher de ombros. — E tu és linda.

Rio-me, mas antes que possa dizer seja o que for, ele beija-me, um beijo a sério, e tudo o que estava prestes a dizer desaparece-me da mente.

Abro-me a ele, adorando a maneira como os seus lábios se deslocam sobre os meus. Adorando ainda mais o modo como a língua dele roça os cantos da minha boca antes de arrastar ao de leve um dos seus caninos pontiagudos pelo meu lábio inferior.

Arrepio-me toda quando ele passa da minha boca para o meu maxilar e para o meu pescoço. Nunca senti nada assim, nem nunca imaginei *poder* vir a sentir algo assim tão forte. É de tal modo intenso, física e emocionalmente, que é quase avassalador, mas no melhor sentido possível.

— Estás com frio — diz ele, interpretando mal o arrepio. — Vamos para dentro.

Não quero entrar, não quero que esta noite mágica e mística acabe já. Mas quando o Jaxon se afasta, o frio invade-me e volto a arrepiar-me. É o que basta para que ele me levante e praticamente me atire pela janela, para dentro do quarto.

O Jaxon segue-me e fecha a janela. Procuro-o, sentindo-me despojada, agora que voltámos ao mundo real e deixámos a dança pelo céu. Mas já percebi que não há como demover o Jaxon, quando tem um objetivo em mente, sobretudo quando tal objetivo envolve algo que ele considere importante para a minha segurança ou conforto. Por isso, agarro o pingente que nunca mais quero tirar e espero que ele termine o que tem a fazer.

Após alguns minutos tenho outro cobertor à minha volta e uma caneca de chá na mão. Bebo um gole para o aquietar, e depois bebo mais, porque o chá é mesmo muito bom.

— O que é isto? — pergunto, levando a caneca ao nariz para lhe sentir o aroma. Cheira a laranja, canela, salva e a algo mais que não consigo

identificar.

— É a minha mistura preferida da Lia. Ela trouxe-ma esta tarde, uma espécie de oferta de paz, digamos assim.

— A Lia? — Depois da conversa que eu e ela tivemos esta manhã, não consigo afastar a surpresa da voz. Bebo mais um gole. É diferente do chá que me preparou na semana passada, mais forte, mas muito bom.

— Pois, eu sei. Quando abri a porta, a Lia era a última pessoa que eu esperava encontrar do outro lado. — Encolhe os ombros. — Mas ela disse-me que vocês falaram esta manhã e que, desde então, não conseguiu deixar de pensar em mim. Foi uma visita curta, trouxe o chá e afirmou que estava disposta a deixar as coisas como dantes, se eu quisesse.

— E queres? — interrogo, felicíssima com a esperança de que o Jaxon possa recuperar uma parte do que perdeu.

— Quero tentar — admite. — Não sei o que isso possa ser, mas vou tentar. Graças a ti.

— Não fiz nada — digo-lhe. — É entre vocês os dois.

— Não me parece.

— A sério. Na verdade... — interrompo-me quando ele termina o chá e pousa a caneca. Os seus olhos têm o brilho de quando quer alguma coisa, e sinto um aperto lento no estômago, quando percebo que é a *mim* que ele quer.

Pouso o chá meio bebido e procuro o Jaxon, com tudo em mim ansioso por estar perto de tudo dele.

Ele puxa-me com um ronco, mergulhando o rosto na curva entre o meu pescoço e o meu ombro e dando beijos longos e lentos na minha pele sensível. Sinto um arrepio leve, aproximo-me, sempre a adorar a forma como a boca dele me roça o ombro e vai descendo pelo braço até à curva do cotovelo; a adorar como a mão dele me esfrega as costas sobre o tecido fino do vestido.

Regra geral, quando estou com ele tendo a ter várias camadas de roupa — camisolas, casacos, calças polares grossas. Neste momento, sinto o calor da mão dele através do tecido fino deste vestido. Sinto a sua pele macia quando as pontas dos dedos dele deslizam pelas minhas omoplatas.

Sabe muito, muito bem. Tão bem que me encosto a ele e deixo-o tocar-me onde quiser, como quiser.

Não sei quanto tempo assim ficamos, com ele a tocar-me, a beijar-me, a acariciar-me.

O suficiente para que o meu íntimo se transforme em cera derretida.

O suficiente para que cada célula do meu corpo se inflame.

Mais do que suficiente para que me apaixone ainda mais pelo Jaxon Vega.

Ele cheira tão bem, sabe tão bem, é tão maravilhoso ao toque que só penso nele. Só o quero a ele.

E quando percorre a pele delicada do meu pescoço com o seu canino pontiagudo, tudo em mim se imobiliza em antecipação.

— Posso? — murmura, e sinto o hálito quente na minha pele.

— Por favor — respondo, arqueando o pescoço para lhe dar melhor

acesso.

Descreve um círculo lânguido com as presas sobre o meu coração.

— Tens a certeza? — volta a perguntar, e a sua reticência, o seu cuidado, só me faz querê-lo ainda mais.

Só me faz querer *isto* ainda mais.

— Sim — consigo arquejar, tendo as minhas mãos a rodear-lhe a cintura para o aproximar. — Sim, sim, sim.

Deve ser a garantia que ele esperava, porque alguns segundos depois investe e sinto as presas a enterrarem-se em mim.

Sou percorrida pelo prazer que já senti. Quente, demorado, doce. Entrego-me ao prazer, a ele, pois sei que posso. Porque sei que o Jaxon nunca me tiraria sangue a mais.

Ele nunca faria nada que me magoasse.

Deslizo as mãos pelas costas dele até se entrelaçarem no cabelo sedoso e inclino a cabeça toda para trás para lhe dar melhor acesso. Ele rosna ao de leve com o convite, mas sinto as presas a enterrarem-se mais, sinto-o a sugar com mais força.

Quanto mais ele suga, mais eu mergulho no prazer e mais eu lhe quero dar.

Mas lentamente, o calor que sinto nos braços dele é substituído por um gelo que me chega dos ossos e que parece engolir-me. Com ele vem uma letargia insinuante, algo que faz com que me seja difícil pensar e ainda mais difícil mexer, respirar.

Por um momento, um breve instante, um resto de sentido de preservação faz-se notar. Faz-me chamar o nome do Jaxon. Faz-me arquear e debater debilmente contra a sua prisão.

É então que ele rosna, apertando-me cada vez mais contra ele. As presas enterram-se mais e o momento de clareza desvanece-se, com ele a sugar a sério.

Perco a noção do tempo e qualquer sensação de mim própria, enquanto me arrepio e o envolvo com o corpo. Entrego-me ao Jaxon e a tudo o que ele quiser de mim.



Não vale a pena chorar sobre chá derramado

Depois disso, tudo se esbate, pelo que não faço ideia de quanto tempo passa até que o Jaxon me afasta dele. Vou até à cama e caio nela, e aí fico, aturdida, durante vários segundos.

Até que o Jaxon rosna:

— Levanta-te, Grace. Sai daqui, já!

A voz dele denota uma selvajaria que atravessa um pouco a letargia. Uma urgência que me faz abrir os olhos e tentar desesperadamente focá-lo.

Ele agiganta-se sobre mim, as presas a pingar sangue e o rosto distorcido pela fúria. Tem as mãos cerradas em punhos e da garganta sai-lhe um ronco sombrio.

Este não é o meu Jaxon, praticamente grita a voz dentro de mim. Esta caricatura de todos os filmes de segunda categoria sobre vampiros já feitos não é o rapaz que eu amo. É um monstro, à beira do descontrolo.

— Sai daqui — volta a rosnar-me, com os olhos negros finalmente a encontrarem os meus. Mas aqueles não são os olhos dele, e eu estremeço ao ver aquelas profundezas inomináveis, com a voz no meu íntimo ainda a ecoar as suas palavras. *Sai daqui, sai daqui, sai daqui!*

Passa-se alguma coisa com ele, algo muito grave, e embora parte de mim esteja aterrorizada *por* ele, outra parte muito maior está aterrorizada *com* ele. E é essa parte que assume o controlo ao descer da cama, tendo o cuidado de não fazer movimentos que ele possa interpretar como sendo minimamente agressivos.

O Jaxon segue-me com os olhos e o rosnar piora, quando começo a dirigir-me à porta. Mas ele não se mexe, não tenta deter-me, limita-se a

observar-me, de olhos semicerrados e presas cintilantes.

Foge, foge, foge! A voz dentro de mim está agora a gritar e eu estou mais do que pronta a dar-lhe ouvidos.

Sobretudo quando o Jaxon cospe:

— Sai. Daqui.

O medo e a urgência na voz dele assustam-me e fazem-me correr para a porta, sem querer saber se isso vai provocar ou não o assassino que reside dentro dele. Ele já está provocado e se não lhe der ouvidos ao aviso, a única culpada do que acontecer a seguir serei eu. Sobretudo porque é óbvio que ele está a fazer tudo ao seu alcance para me permitir fugir.

Com isso presente cambaleio até à porta com a rapidez que as minhas pernas trémulas permitem. A porta é pesada, por isso agarro-me com as duas mãos e puxo com quanta força tenho. Mas sinto-me fraca devido à perda de sangue, e ela mal se mexe à primeira tentativa. Sinto o Jaxon a aproximar-se, sinto-o a pairar sobre mim, enquanto tento desesperadamente encontrar forças renovadas para abrir a porta.

— Por favor — imploro. — Por favor, por favor, por favor. — Neste momento já não sei se me estou a dirigir ao Jaxon ou à porta.

Ele também não deve ter a certeza, pois, de repente, a mão dele surge na maçaneta, escancarando o painel.

— Vai — sibila, entredentes.

Não preciso que mo diga duas vezes. Corro pela soleira e pela alcova de leitura, desesperada por chegar às escadas... e por me afastar o mais possível da encarnação do mal em que o Jaxon se transformou.

A alcova é pequena, poucos metros entre mim e a liberdade. Estou tão zozna que mal consigo ficar de pé, balançando a cada passo que dou.

Mas estou determinada a chegar às escadas. Determinada a poupar o Jaxon à dor de ter matado mais alguém de quem ele gosta. O que está a acontecer, seja o que for, não é culpa dele. Mesmo confusa, percebo que se passa alguma coisa muito errada.

E se me acontecer algo, não haverá maneira de o convencer do contrário, nunca irá acreditar que isto — seja lá o que isto for — não é culpa dele. Por isso esforço-me mais do que nunca para me salvar e, por sua vez, salvar o Jaxon.

Emprego cada gota de energia para chegar às escadas, mas sou capaz. *Se for necessário desce-as de gatas*, grita-me a voz no meu interior. *Faz o que for preciso.*

Seguro-me à parede, puxo-me até ao corrimão das escadas e preparo-me para descer o primeiro degrau desfocado. Mas vou de encontro à Lia antes de dar esse passo.

— Não te sentes bem, Grace? — pergunta ela, com um tom na voz que nunca lhe ouvi. — O que se passa?

— Lia, graças a Deus! Por favor, ajuda-o. Passa-se alguma coisa com o Jaxon. Não sei o que é, mas ele está a perder o controlo. Ele...

A Lia esbofeteia-me com tanta força que me atira contra a parede mais próxima.

— Não fazes ideia há quanto tempo queria fazer isto — diz-me. — Agora senta-te e cala-te, ou deixo o Jaxon apanhar-te.

Fito-a, chocada, com o meu cérebro afetado a ter dificuldade em assimilar esta reviravolta. Só quando o Jaxon corre, a rosnar, para fora do quarto é que ganho alguma clareza, imposta pelo terror que me assola.

Tenho a certeza de que num dia normal, a Lia não estará à altura do Jaxon — ninguém está —, mas agora, que se passa alguma coisa com ele, não tenho a certeza.

— Jaxon, para! — grito, mas ele está demasiado ocupado a interpor-se entre mim e a Lia para me ouvir.

— Afasta-te dela! — ordena, com coisas a começarem a voar das prateleiras que nos rodeiam.

A Lia suspira.

— Eu sabia que devia ter feito o chá mais forte. Mas receava que acabasse por matar a tua queridinha, e isso não podia acontecer. Pelo menos por enquanto. Encolhe os ombros e continua, meio a cantarolar: — Tudo bem. — Depois tira uma arma do bolso e dá um tiro que acerta em cheio no coração do Jaxon.



56

Vampira louca

Grito, tento chegar a ele, mas só consigo cair de joelhos. Estou fraca, tonta e nauseada... muito enjoada.

O espaço à minha volta gira e o meu corpo é percorrido por ondas de frio que me retesam os músculos e dificultam a respiração e os movimentos.

Não obstante, tento chegar ao Jaxon. Soluço e grito, enquanto me arrasto pelo chão, com medo que ela o tenha matado. Sei que não é fácil matar um vampiro, mas também sei que se há quem o consiga, será outro vampiro.

— Ai, meu Deus, e se te calasses Grace! — A Lia dá-me um pontapé tão forte na barriga que fico sem fôlego, sem conseguir respirar. — Eu não o matei. Só o acalmei. Daqui a umas horas estará novamente ótimo. Tu, por outro lado, se não paras com esses queixumes irritantes, não terás a mesma sorte.

Se calhar ela espera que eu volte a ficar histérica por causa da ameaça, mas isso não é um choque. Por mais drogada e toldada que esteja neste momento, ainda consigo raciocinar o suficiente para perceber que não vou sair viva disto. O que é dizer muito, tendo em conta que mal me lembro do meu nome.

— Devias ter bebido mais chá — diz-me ela, com a repulsa bem patente na voz. — Seria tudo bem mais fácil se tivesses feito o que era suposto, Grace.

Fita-me como se esperasse que lhe pedisse desculpa, o que não vai, certamente, acontecer. Para além disso, como o devia fazer? *Ups? Oh pá, desculpa lá por ser mais difícil matares-me do que imaginaste?*

Poupem-me.

A Lia continua a falar, mas tenho cada vez mais dificuldade em perceber o que está a dizer. O sítio onde me encontro gira cada vez mais depressa, tenho a mente confusa e só consigo pensar no Jaxon.

O Jaxon, a fazer-me rodopiar no meio da aurora boreal.

O Jaxon, a fitar-me com olhos demoníacos.

O Jaxon, a dizer-me para fugir, a tentar proteger-me, mesmo estando afetado pela droga.

É quanto basta para me fazer virar, para me fazer tentar rastejar até ele, mesmo sem força para me pôr de gatas.

— Jaxon — chamo, mas o nome sai de tal maneira arrastado que mal o percebo. Volto a tentar. E outra vez. Porque a voz dentro de mim grita-me que se o Jaxon souber que eu estou em apuros, ele vai mover montanhas para chegar até mim. Mesmo que isso implique ter de acordar de um ataque com um dardo tranquilizante.

A Lia também deve ter noção disso, pois sibila:

— Para com isso — agigantando-se sobre mim.

O que me faz esforçar mais.

— Jaxon — volto a chamar.

Desta vez é pouco mais do que um murmúrio, com a voz a falhar-me, bem como tudo o resto.

— Não queria que isto tivesse de ser à bruta — diz a Lia, erguendo a arma dos tranquilizantes e apontando-a a mim. — Quando acordares a sentires-te como se tivesses sido pisada por uma manada de elefantes, lembra-te de que a culpa foi tua.

E depois prime o gatilho.



57

Problemas até mais não

Acordo a tremer. Tenho frio... tanto frio que sinto os dentes a bater e dói-me tudo, mesmo *tudo*. A cabeça é o pior, mas o resto está igualmente mau. Cada músculo do meu corpo parece estar a ser esticado numa roda medieval e sinto uma dor intensa dentro dos ossos. Para além disso, mal consigo respirar.

Estou suficientemente desperta para saber que algo de errado se passa. Algo está terrivelmente errado, mas não a ponto de me lembrar do quê. Quero mexer-me, quero pelo menos tapar-me com o cobertor da minha cama, mas a voz no meu íntimo voltou. E está a ordenar-me que fique quieta. Ordena-me que não me mexa, que não abra os olhos, que nem sequer respire muito fundo.

O que não será difícil, já que parece que tenho um peso a esmagar-me o peito — mais ou menos como quando tive pneumonia, aos catorze anos, só que mil vezes pior.

Quero ignorar a voz, quero virar-me para encontrar maneira de voltar a aquecer-me. Mas os instantâneos da memória começam a voltar, e eles assustam-me a ponto de me manterem muito, muito quieta.

O Jaxon, com fogo demoníaco a arder-lhe nos olhos, a gritar para que eu fuja.

A Lia de arma em riste.

O Jaxon a tombar, a ficar inconsciente.

A Lia a gritar que é tudo culpa minha antes de...

Ai meu Deus! Ela alvejou o Jaxon! *Ai meu Deus, ai meu Deus, ai meu Deus.*

O pânico invade-me e abro os olhos antes sequer de pensar. Tento sentar-me, decidida a procurá-lo, mas não me consigo mexer. Não me consigo

sentar. Não me consigo virar. Só consigo abanar os dedos das mãos e dos pés e mexer um pouco a cabeça, embora ainda não esteja lúcida a ponto de perceber porquê.

Pelo menos até que viro a cabeça e vejo o braço direito estendido para o lado e preso a uma argola de ferro. Uma olhadela rápida para o outro lado revela que o braço esquerdo está nos mesmos apuros.

Não é preciso ser um génio para perceber que também tenho as pernas presas e, à medida que a confusão se vai desvanecendo, apercebo-me de que estou deitada numa laje de pedra fria e só tenho uma leve camada de algodão em cima do corpo, o que, verdade seja dita, é sal em cima da ferida. Quero dizer, ela droga-me, alveja-me, ata-me e também tem de me congelar?

À medida que as recordações voltam, a adrenalina percorre-me o corpo. Tento reprimi-la, tento pensar, contornar o pânico que me começa a invadir. Mas com o frio, as drogas e a adrenalina, raciocinar não é, propriamente, a coisa mais fácil de conseguir fazer neste momento.

Não obstante, tenho de descobrir o que aconteceu ao Jaxon. Tenho de saber se está vivo ou se ela o matou. A Lia disse que não o ia fazer, mas torna-se difícil acreditar no que ela diz, já que o convite original para este serão envolvia mani-pedis, e veja-se onde estou agora.

Pensar que algo possa ter acontecido ao Jaxon abre-me um vazio imenso no meu ser. Faz com que o pânico se transforme em terror. Tenho de chegar até ele. Tenho de perceber o que aconteceu. Tenho de *fazer* alguma coisa.

Pela primeira vez desde que cheguei ao Colégio Katmere desejo que tivesse poderes sobrenaturais. Especificamente, o poder de escapar a cordas. Ou teletransporte. Neste momento, até servia um bocadinho da telecinesia do Jaxon. Qualquer coisa que me permitisse sair desta estúpida pedra.

Abano a cabeça ao de leve, debato-me para clarear a sensação de torpor que tenho. E tento descortinar como soltar estas cordas antes que a Lia regresse do nível do inferno onde se encontra agora.

Onde quer que eu esteja, está escuro. Não como o breu, obviamente, pois consigo ver as mãos e os pés, e um pouco mais além do sítio onde me encontro deitada. Mas nada mais do que isso. Só cerca de um metro além dos pés e mãos em cada direção, mas, depois desse ponto, está muito escuro. Tipo, mesmo muito, muito escuro.

O que não é uma situação aterradora, tendo em conta que me encontro no meio de um colégio repleto de criaturas das trevas. Que sorte a minha.

Penso em gritar, mas o frio no ar diz-me que já não me encontro no edifício principal. O que significa que não deverá haver ninguém por perto para me ouvir exceto a Lia, e não quero chamar a atenção dela antes de ser estritamente necessário.

Portanto, faço a única coisa possível nesta situação. Puxo as cordas o mais que consigo. Quero dizer, não sou parva a ponto de julgar que as vou conseguir rebentar, mas as cordas esticam quando as puxamos com força suficiente. Se conseguir arranjar espaço de manobra em torno de um dos

pulsos, talvez seja capaz de soltar a mão, o que me dará oportunidade de resistir.

Está bem, talvez não seja bem oportunidade de resistir. Será mais uma possibilidade minúscula. Claro que, neste preciso momento, não me vou queixar. Qualquer probabilidade, por mais pequena que seja, é melhor do que ficar aqui, à espera de morrer.

Ou pior.

Não sei quanto tempo puxo as cordas e me debato, mas parece uma eternidade. Devem ter sido uns oito a dez minutos, mas, aterrorizada e sozinha no escuro, pareceu muito mais.

Tento concentrar-me no que estou a fazer, focar-me numa possível fuga e nada mais. Mas é difícil sem saber onde está o Jaxon, sem saber o que lhe aconteceu, ou sequer se está vivo. Claro que se eu não conseguir sair daqui, nunca saberei.

É isso que me faz puxar a corda com mais força, girando as mãos com mais determinação do que nunca. Como seria de esperar, doem-me os pulsos, com o roçar das cordas a deixá-los em carne viva. Já que não posso fazer nada quanto à dor, ignoro-a e giro cada vez mais depressa, sempre com atenção a qualquer som que possa indicar o regresso da Lia.

Por enquanto só ouço o roçar dos meus pulsos nas cordas, mas não faço ideia quanto mais tempo terei.

Por favor, sussurro, num rogo ao universo. Por favor, ajuda-me. Por favor, deixa-me libertar um braço. Por favor, por favor, por favor.

A súplica não funciona. Claro que também não esperava que resultasse. Também não obtive nada quando os meus pais morreram.

O roçar nos pulsos levou a uma dor intensa e a uma humidade escorregadia que receio bem possa ser sangue.

Mas o fluido faz com que seja mais fácil girar o pulso, pelo que talvez a hemorragia não seja a pior coisa que poderia acontecer nesta situação. Não é se me ajudar a sair daqui antes que um ou sete vampiros apareçam para acabar comigo.

Pela primeira vez compreendo — compreendo a sério — o motivo por que um animal preso numa armadilha está disposto a roer uma pata para fugir. Se julgasse que me daria uma hipótese de lutar, e se conseguisse lá chegar, talvez me sentisse tentada a experimentar. Sobretudo porque o puxar e o retesar não parece estar a...

A minha mão esquerda desliza, praticamente libertando-se da corda. Fico tão surpreendida que quase grito de alívio e, quem sabe, estrago tudo. Paranoica com a possibilidade de fazer barulho — embora não me pareça paranoia, tendo em conta a situação na qual me encontro neste momento —, cerro os dentes de modo a impedir que os sons de entusiasmo e de dor ecoem por este espaço escuro.

Ignoro a dor, ignoro o pânico, ignoro tudo menos o facto de estar à beira de conseguir soltar uma mão. Giro e puxo com todas as minhas forças, com

tanta intensidade e durante tanto tempo que é quase um choque quando finalmente liberto a mão da corda.

A dor é excruciante e sinto sangue a escorrer-me pela mão e a pingar-me dos dedos. Mas não ligo, pois estou perto de encontrar maneira de fugir. Giro o corpo e tento alcançar o outro pulso, o que não é fácil porque tenho os quatro membros amarrados à laje. Com as pernas tão presas como estão só me consigo virar um pouco, mas chega para alcançar a mão direita.

Chega, pelo menos, para me tentar libertar.

Passo os dedos entre a corda e o meu pulso direito e começo a puxar com toda a força. A posição bizarra acrescenta mais um nível de dor, mas, mais uma vez, ignoro-a. Tenho a certeza de que a dor que sinto agora não será nada comparado com o que irei sentir quando a Lia decidir... fazer o que seja que está a planear.

Por fim, a corda deste pulso também se solta e consigo igualmente libertar a mão direita. A nesga de esperança que tal liberdade mínima me dá faz-me entrar ainda mais em pânico, precisando de toda a minha concentração para não chorar ao erguer-me, começando a tratar das cordas em torno dos tornozelos.

Cada segundo parece uma eternidade enquanto me esforço por tentar ouvir a Lia. Não sei por que motivo isso me parece tão importante. Se ela aparecer não vou poder deitar-me e fingir. O sangue faz com que isso seja impossível.

Pensar nesse pormenor faz-me redobrar o esforço, já por si frenético, e puxo e torço as cordas até que os dedos e os tornozelos ficam tão ensanguentados como os pulsos.

A corda à volta do tornozelo direito começa finalmente a ceder. Não chega para passar o pé, mas é mais do que suficiente para me levar a concentrar-me só nesse lado.

Passado, imagino eu, mais um minuto e meio, consigo libertar o pé direito, o que permite concentrar-me com todas as forças no pé esquerdo. Pelo menos até que um grito agudo corta o ar gelado e me deixa com todos os pelos do corpo eriçados, sobretudo com o grito a ressoar à minha volta.

É a Lia, tenho a certeza. O sangue gela-me nas veias e por um segundo não me consigo mexer, não consigo pensar com o terror que sinto. Mas depois, a voz regressa, atravessando o medo e ordenando-me, *Despacha-te, despacha-te, despacha-te*.

Ataco a corda, já sem me preocupar com a pele rasgada, enquanto tento desesperadamente soltá-la. Enquanto tento desesperadamente fugir.

— *Por favor, por favor, por favor* — volto a murmurar ao universo. — *Por favor.*

Não faço ideia de onde estou, não faço ideia se, caso consiga soltar-me, vou conseguir sair deste sítio sem morrer congelada, quando chegar ao exterior. A ideia de ficar aqui encurralada faz com que o pânico que sinto no meu interior volte a vir à superfície.

Um problema de cada vez, penso para comigo. Liberta-te das amarras e depois logo te preocupas com o que vier a seguir. Por mais terrível que seja, tudo o que vier é melhor do que continuar atada a uma laje de pedra, tal qual um sacrifício humano.

Pensar nisso faz-me prender o fôlego na garganta e cria-me um soluço profundo. Mas reprimo as lágrimas. Mais tarde poderei chorar.

Mais tarde poderei fazer muita coisa.

Neste momento, tenho de sair desta ara, ou lá o que é. Tenho de fugir e tenho de descobrir o que aconteceu ao Jaxon. O resto pode esperar.

A corda cede — *obrigada, obrigada, obrigada* — e consigo soltar o pé sem sacrificar muitas camadas de pele.

Assim que me liberto salto da mesa... e quase caio no chão. Agora que me levantei, percebo como ainda estou zonzá. Pensei que a adrenalina fosse eliminar as drogas que ainda permanecessem no meu sistema sanguíneo, mas devem ser muito fortes. Ou então não estou deitada naquela mesa há tanto tempo quanto julgava...

Respiro fundo e concentro-me. Tento perceber onde estou... e como sair daqui antes que a louca da Lia volte.

Novo grito trespassa o ar e eu petrifico... e depois fujo. Não sei para onde vou, mas imagino que, se seguir as paredes, acabarei por dar com uma porta. E, se tiver sorte, isso será mais cedo do que tarde.

Mas ainda mal dei um passo quando o grito é seguido por um rugido grave, poderoso e animalesco.

Por um segundo, só um instante, penso que possa ser o Jaxon, o que me faz sentir nova onda de pânico.

Depois, a lógica volta a impor-se — já ouvi o Jaxon a soar de muitas maneiras diferentes, mas nunca assim. Nunca como um animal sem quaisquer qualidades humanas.

Outro rugido, seguido pelo som de algo a embater na parede. Outro grito, roncões, qualquer coisa a partir-se, algo a bater mais uma vez na parede.

É óbvio que a Lia está no meio de uma luta e eu devia aproveitar a oportunidade para fugir daqui. Mas, e seu eu estiver errada? E se a pessoa a fazer estes roncões e estes rugidos for o Jaxon. E se ele estiver tão abalado como eu e não a conseguir derrotar? E se...

Começo a correr na direção da parede contra a qual ouço as coisas a bater. É um gesto profundamente parvo, mas tenho de saber se é o Jaxon. Tenho de saber se ele está bem ou se ela está a fazer-lhe o que me tencionava fazer a mim.

Bato com os joelhos em alguma coisa ao tentar chegar ao outro lado do que começo a perceber que é uma sala enorme. Aquilo em que bati entornasse, com líquido a molhar-me os pés e as compridas vestes de algodão com que a Lia me cobriu por algum motivo.

A água é nojenta, ficando-me entre os dedos dos pés e ensopando-me a roupa, mas ignoro-a e volto a correr o mais depressa que consigo.

Sinceramente, tendo em conta as drogas e os pés feridos e molhados, não corro grande coisa, mas esforço-me. Pelo menos até que o que parecem ser mil e uma velas ganham vida ao mesmo tempo à minha volta.

Estaco enquanto as chamas iluminam o espaço. E desejo que continuasse tudo às escuras.



58

Nunca te atires à confiança com alguém que sabe voar

Pelo menos agora já sei onde estou. Nos túneis. Não a zona dos túneis onde já estive, mas uma das salas laterais a que podemos aceder a partir deles, um sítio onde ainda não tinha estado. Mas tenho a certeza de que foi para aí que a Lia me levou. É difícil esquecer a arquitetura, bem como os lustres e os candelabros de osso.

É pena que os candelabros obviamente feitos de ossos humanos sejam o que menos assusta neste sítio. O mesmo não posso dizer, pelo menos, das duas dezenas de jarros de três palmos cheios de sangue que ladeiam aquilo que só pode ser descrito como sendo um altar no centro da sala. E no meio desse altar está uma laje de pedra com cordas ensanguentadas.

Portanto, não me enganei por muito quando comentei que seria um sacrifício humano. Fantástico.

Um relance rápido às minhas pernas mostra o motivo por que a «água» que tinha entre os dedos dos pés me parecia tão nojenta.

É porque não é água. É sangue.

Estou coberta com o sangue de alguém.

É engraçado que isso me afete mais do que tudo o resto nesta paisagem de pesadelo. Mas é assim. Por pouco, consigo reprimir o grito que me fere a garganta. Tão pouco que não consigo impedir um leve gemido.

E isso antes de me virar e ver um dragão verde gigantesco a voar na minha direção, as suas asas a bater com força e as garras estendidas.

Não vou mentir: passo-me. Tipo, passo-me total e absolutamente, com

gritos incluídos. Baixo-me e tento encolher-me o mais possível enquanto corro na direção da porta, mas sei que é demasiado tarde mesmo antes de um jorro de chamas passar ao meu lado, indo bater na parede de pedra junto a mim.

Salto para trás, tento voltar-me, mas este pequeno atraso é quanto basta para que o dragão me alcance. As garras pegam-me nos braços e picam-me os bíceps, com o monstro a levantar-me do chão e a voar de regresso.

Debato-me contra ele, procurando que me largue antes que suba demasiado. Só que as garras deixam de me picar a pele e começam a trespassá-la. Arquejo com a nova fonte de dor, mas o dragão obtém o que desejou — deixo de me debater, receando que ele me desfaça se não obedecer.

Ao mesmo tempo, estou demasiado aterrorizada que ele me mate para não fazer nada, pelo que lhe agarro nas patas e tento que deixe de me espetar com as garras. Sei que vou cair, mas, neste momento, é o melhor plano de que me consigo lembrar. Sobretudo, com a voz que há dias me vem a dizer o que devo fazer a tornar-se inconvenientemente ausente.

Para mal dos meus pecados, só consigo fazer com que o dragão aperte ainda mais, e, por um segundo, tudo fica negro. Respiro fundo algumas vezes, concentrada em reprimir a dor.

E interrogo-me como consegui ser raptada por uma vampira *e* por um dragão *numa noite*.

San Diego nunca me pareceu tão longe.

De repente, o dragão faz um voo picado, chegando tão baixo que fico com os pés quase a tocar o chão. Dirigimo-nos para as enormes portas duplas ao fundo do espaço — parece que há pouco estava a correr na direção errada —, o que não deveria ser um problema, não fosse o facto de elas estarem fechadas e as... mãos?, patas?, garras?... do dragão estarem ocupadas comigo.

Encolho-me, preparando-me para o impacto e para o que de certeza é a minha morte iminente. Mas um segundo antes de esbarrarmos nelas, as portas abrem-se e rasamos uma Lia furiosa a gritar.

O dragão não abrandar, limita-se a esticar as asas e começa a voar ainda mais depressa, corredor abaixo, imagino que a caminho do ponto central dos túneis com o enorme lustre de osso.

A Lia corre lá em baixo e é rápida o suficiente para nos acompanhar à vontade. Eu estou de cabeça perdida. Porque estar encurralada entre um dragão e uma vampira dá todo um novo sentido à velha expressão de estar entre «a espada e a parede», algo que nunca corre bem para quem está no meio.

Para além disso, estou a ficar fartinha de ser atirada de um lado para o outro por criaturas sobrenaturais. Quero dizer, sim, espero que este dragão — seja ele o Flint ou outro colega aqui do colégio — esteja a tentar salvar-me, mas as garras que neste momento me rasgam os músculos dos braços dão a entender o contrário.

Estou certa de que, na melhor das hipóteses, terei de optar por uma morte provocada por um dragão ou então por uma vampira. É pena não fazer ideia de qual será a menos dolorosa. E será que isso é relevante, tendo em conta que, em última análise, vou acabar morta?

Voamos a uma velocidade vertiginosa, pelo que chegamos ao espaço circular em segundos. O grande problema? Estamos a voar na direção do enorme lustre de osso, com as suas centenas de velas acesas, e o dragão não dá sinais de querer abrandar.

Certo, é verdade que ele é um dragão, e, assim imagino, à prova de fogo, mas isso não pode ser usado para me descrever nem a mim, nem à camisola de algodão que tenho vestida.

De repente, e tendo em conta que a alternativa seria arder no ar, morrer mordida por uma vampira já não me parece tão mau.

Contudo, no último segundo, o dragão junta os braços ao corpo, sem nunca me largar, e faz outro voo picado por baixo do lustre. O seu objetivo é, obviamente, passar por ele, mantendo-se o mais elevado e acelerado possível. Mas é dessa quebra na altitude que a Lia tem estado à espera, pois ela salta e agarra-se à cauda do dragão, que ruge e tenta libertar-se dela. Mas a Lia não a larga. Segundos depois está com os braços a envolver por completo a cauda e lança-nos para o chão com tanta força quanto consegue.

E mesmo com muita força. Sobretudo se tivermos em conta que o dragão continua a agarrar-me enquanto caímos. Despenhamo-nos com um estrondo. O lado positivo é que o dragão me largou com o impacto e, pela primeira vez em vários minutos, não tenho garras cravadas nos braços.

O lado negativo é que caio com o ombro debaixo do corpo e agora estou a ver estrelas, mas não das bonitas.

Mal consigo mexer o braço esquerdo. Problema esse que é agravado pelo facto de ainda estar a sangrar dos pulsos, dos tornozelos, dos dedos e, agora, dos braços, onde o dragão me estava a segurar. Ah, é verdade, e estou a ser perseguida por uma vampira louca que só vê homicídio ritualista à frente.

E eu a pensar que o Alasca ia ser chato.

Ouçõ gritos e rosnidos atrás de mim e ponho-me de gatas, tentando ignorar a dor no ombro torcido?, fraturado?, deslocado?, enquanto me viro para ver a Lia e o dragão em pleno combate.

O dragão investe com uma garra e corta a face da vampira antes que esta consiga afastar-se. Segundos depois, ela reage saltando-lhe para as costas e puxando-lhe a asa para trás com tanta força que ele grita em agonia, ao mesmo tempo que se contorce e cospe fogo contra ela.

A Lia desvia-se, mas não deixa de ficar chamuscada, o que só serve para a irritar ainda mais. Deitada nas costas do dragão, abre-lhe um buraco na outra asa.

O dragão volta a gritar e depois fica rodeado por um arco-íris por vários segundos. Quando o clarão policromático se desvanece volta a ser um rapaz humano e não é um rapaz qualquer. É o Flint. E está a sangrar. Não tanto

quanto eu, mas a pancada na asa abalou-o bastante, pois ele pôe-se de pé desajeitadamente, ficando curvado.

Veste uma versão rasgada das roupas que usou durante dia e tem muitos mais cortes e hematomas. A Lia também parece maltratada da queda, mas investe contra ele com um grito grotesco que me deixa arrepiada até ao mais profundo do meu ser. O Flint vai contra ela, com os músculos dos braços retesados, enquanto tenta manter as presas reluzentes dela afastadas do seu corpo. Assim que a agarra é a vez de ele a atirar contra o chão. Depois segurá-lhe a cabeça e começa a bater com ela no piso de pedra.

Ela combate-o, esperneando e rosnando e fazendo tudo o que está ao seu alcance para se libertar. Mas ele não a solta e vai-lhe resmoneando algo indecifrável. Esta é a minha deixa para me afastar o mais possível deles, tão depressa quanto conseguir.

Ergo-me a cambalear, ignorando a dor e o facto de o meu ombro lesionado impossibilitar-me de fazer seja o que for, exceto tombar para o lado esquerdo. Mas qualquer movimento é um movimento, até neste mundo, e não posso continuar aqui a ver o Flint e a Lia a tentarem matar-se um ao outro.

Sempre atenta à briga atrás de mim começo a correr e a cambalear pelo espaço, à procura do túnel que me leva de volta ao edifício central do colégio. O túnel que me leva de volta ao Katmere.

Chego ao túnel ao lado daquele que fica diretamente oposto ao sítio onde a Lia e o Flint estão a lutar. Mas quando o começo a percorrer fico indecisa entre gritar por ajuda ou tentar passar despercebida mais um pouco. E com esse pouco quero dizer cambalear pelo túnel até ao colégio, onde, por certo, o tio Finn vai acabar com esta loucura.

Antes que o mundo rebente.

Mas ainda mal cheguei à entrada do túnel que julgo que me vai levar ao castelo quando o Flint me alcança. Agarra-me pelo cabelo e atira-me de frente contra a parede mais próxima.

— Flint, para. Por favor — consigo arquejar, mesmo com a dor que me dilacera devido ao ombro ferido.

— Quem me dera, Grace. — A voz tem um tom sombrio, derrotado. — Pensei que te conseguisse tirar daqui. Mas a Lia não me vai deixar. E não posso deixar que as carraças te usem para aquilo que querem fazer.

— Me usem para quê? Não sei do que estás a falar.

— A Lia sempre teve um plano. Foi por isso que ela te trouxe para cá.

— Ela não me trouxe para cá, Flint. Os meus pais morreram...

— Será que não percebes? Ela matou os teus pais para te trazer para cá. Tivemos a certeza assim que chegaste e os lobos puderam aproximar-se o suficiente para te cheirar. Julgávamos que íamos resolver o assunto muito antes de chegarmos a este ponto, mas eliminar-te a ti e à Lia é uma coisa. Eliminar o Jaxon, quando nos apercebemos de que ele estava envolvido no plano é outra completamente diferente.

Estou perfeitamente abalada, com as palavras a atingirem-me com a força

de um *bulldozer*, enquanto me esforço por lhes dar sentido.

— O que é que estás... Os meus pais... O Jaxon... Como é que... — Faço uma pausa e respiro fundo. Tento respirar apesar da dor, da confusão, do horror que as palavras me causam.

— Olha, não tenho tempo para te explicar tudo. E, mesmo que tivesse, isso não mudava nada. Quero salvar-te, Grace. A sério. Mas não podemos deixar que a Lia faça isto. Seria o fim do mundo. Portanto, vais ter de morrer. É a única maneira de impedir que isto aconteça. — Chega-se à frente e envolve-me o pescoço com a mão.

E começa a apertar.



59

Aproveita a morte

— Para! — arquejo, arranhando-lhe freneticamente as mãos com os meus dedos ensanguentados. — Flint, por favor. Não faças isto.

Mas o Flint não me está a ouvir. Limita-se a fitar-me com os olhos marejados de lágrimas, enquanto aperta cada vez mais. Por esta altura estou em pânico, aterrorizada por ele parecer ir mesmo fazê-lo. Vai matar-me... E, pior, vai matar-me antes de eu saber a verdade por trás do que aconteceu aos meus pais.

— Para, Flint! — Tento dizer algo mais, tento suplicar-lhe que me explique o que está a dizer, mas a pressão no pescoço é demasiada. Já não consigo falar, não consigo respirar, mal consigo pensar, e o mundo escurece à minha volta.

— Desculpa, Grace. — Parece torturado, devastado, mas a força dos dedos à volta do meu pescoço não cede. — Quem me dera que não tivesse de ser assim. Nunca quis magoar-te. Nunca quis...

As palavras cessam com um grito e, de repente, a pressão em torno do meu pescoço desaparece, os dedos dele afastam-se da minha pele num ângulo contranatura.

Arquejo, tento sugar ar para os meus pulmões ansiosos através da garganta arranhada. Dói-me muito, mas, neste momento, a dor não interessa. Nada importa, a não ser o facto de que consigo voltar a respirar.

Quando finalmente tenho oxigénio suficiente em mim para voltar a pensar com alguma clareza olho em meu redor, à procura da Lia. Avisto-a caída no chão, no mesmo sítio onde o Flint lhe estava a atirar com a cabeça contra o chão com a força do dragão dentro dele.

Convencida de que ela não é uma ameaça — pelo menos por agora —, volto a concentrar-me no Flint, que, por esta altura, caiu de joelhos. Está agarrado às mãos, o seu rosto é uma máscara de agonia, e por um segundo — apenas por um segundo — tenho pena dele. O que é de loucos, pois ainda há pouco estava a usar aqueles dedos para me estrangular.

Reprimo a compassividade e dou um passo atrás, deslizando junto à parede de forma tão discreta quanto possível. Não sei o que se passa aqui, não sei qual das inúmeras forças sobrenaturais que nos rodeiam foi responsável pelo sofrimento do Flint, mas faço uma ideia. E se eu estiver certa, as coisas estão prestes a piorar e muito. Se eu estiver certa, o Flint esta prestes a ter um mau...

O Jaxon irrompe pelo espaço como um míssil com sensor de dragões, total e absolutamente focado no Flint, enquanto corre a uma velocidade insana. Os olhos, lampejantes, lívidos e cheios de violência, cruzam-se com os meus por um segundo, após o que me percorrem da cabeça aos pés, como se catalogasse as minhas mazelas. Momentos depois atira-se ao Flint, agarrando-o pelo cabelo e arrastando-o contra a parede oposta.

O Flint bate de costas, com força suficiente para fazer estremecer a parede. Depois o Jaxon cai sobre ele, os rosnidos de fúria a encherem o espaço e a ecoarem no teto. Parte de mim quer correr até ele, implora-lhe que me abrace e cuide de mim depois de lidar com o Flint. Mas outra parte não consegue esquecer as palavras do dragão. Não consigo esquecer o modo casual como ele disse que o Jaxon fazia parte do plano alucinado da Lia.

Não faz sentido. Se o Jaxon sempre fez parte do plano da Lia, porque é que ela lhe deu aquele chá para o drogar? E porque é que lhe deu tranquilizantes?

Não, o Flint tem de estar errado, digo para mim mesma, enquanto soluções que me recuso a deixar escapar ameaçam rebentar no meu peito. O Jaxon não me magoaria propositadamente, e ele não pode ter nada que ver com a morte dos meus pais. Ele não faria isso.

Não *poderia* fazer tal coisa, não depois de tudo o que aconteceu com o Hudson.

Do nada, o Flint ruge em resposta a um dos rosnidos do Jaxon, após o que começa a ripostar. A reação do Jaxon é voltar a atirá-lo a voar, desta vez de cabeça contra outra parede.

Qualquer outra pessoa estaria morta depois do impacto que o Flint sofreu, mas é óbvio que os dragões têm uma constituição muito diferente dos seres humanos — mesmo em forma humana —, porque o Flint abana a cabeça para clarear as ideias e depois vira-se para encarar o Jaxon mais uma vez.

Mas quando ergue os braços para lutar, as mãos deixaram de ser humanas. São agora garras, e ele investe com elas abertas, à procura do coração do Jaxon.

Deixo escapar um grito estrangulado e levo a mão direita ensanguentada à boca, desesperada por evitar chamar a atenção, enquanto o vampiro se desvia

do golpe. Depois estende a mão, procurando envolver o pescoço do Flint tal como este fizera comigo, mas antes que ele o consiga segurar, o Flint começa a transformar-se.

Demora alguns segundos e o Jaxon tenta impedi-lo — ou, pelo menos, é isso que eu julgo que ele está a fazer quando lança a mão para o brilho policromático mágico que surge quando o Flint muda de forma. A sua mão atravessa-o, mas ele não agarra nada. Ambos esperamos para ver qual a versão monstruosa do Flint irá agora aparecer para adicionar à história.

Temos a nossa resposta quando ele volta a deixar-se ver na sua forma total de dragão. Alto e majestoso, de um verde-esmeralda cintilante, todo o seu poder, toda a sua força, determinação e *fogo* estão concentrados no Jaxon.

Que nem sequer estremece. Limita-se a firmar os pés e fita um dragão imenso como se fosse uma osga, à espera de um ataque, ou de uma abertura, ou sabe-se lá do quê.

Mas o Flint aparenta ser tão paciente como o Jaxon, mesmo na forma de dragão, e os dois rodeiam-se durante vários segundos.

O Jaxon parece ter-se acalmado. Os olhos voltaram quase ao normal e tem o rosto totalmente vazio, absolutamente inescrutável. O que é bom, porque...

De repente, o túnel estremece como se abalado por um tremor de terra de magnitude oito. Muito bem, não estará assim tão calmo, penso com os joelhos já trémulos a cederem e a deixarem-me cair no chão com força. Espero que o tremor pare, espero que o Jaxon se controle, mas isso não parece fazer parte dos seus planos. As paredes começam a ruir e os ossos começam a cair do lustre gigantesco no centro da sala.

O Flint cospe um jato de fogo na direção do Jaxon, que levanta a mão e desvia o fogo contra a parede mais próxima. O gesto parece enfurecer o Flint, que solta novo jorro de fogo, desta vez tão quente que o sinto no lado oposto. E não para. Mantém as chamas, enquanto o Jaxon continua a bloqueá-las.

Pelo menos o chão deixou de tremer, porque o vampiro está a empregar todo o seu poder para não ser incinerado, ao passo que o dragão dedica as suas energias à incineração. No início, parece que finalmente chegámos a um impasse, com o Flint a cuspir fogo e o Jaxon a manter esse fogo afastado.

Mas, com o passar dos segundos, percebo que o Jaxon não está apenas a defletir o fogo. Ele está a desviá-lo para o Flint e a usar a telecinesia para lentamente — muito, muito devagar — endereçar parte desse fogo para cima do dragão.

Parte de mim quer ficar e ver o que acontece, certificar-me de que o Jaxon fica bem quando tudo isto acabar. Mas a voz dentro de mim voltou, finalmente, e incita-me a fugir, a sair daqui, a deixar o Flint e o Jaxon à mercê dos seus destinos e a salvar-me.

Em qualquer outra altura ignoraria a voz e ficaria onde estou, para o caso de encontrar maneira de ajudar o Jaxon. Mas as palavras do Flint continuam a ecoar-me na cabeça. *O Jaxon faz parte do plano da Lia; a Lia é responsável pela morte dos meus pais; aquilo que eles possam ter planeado não pode*

acontecer.

Continuo sem saber se aquilo que está a dizer é verdade ou não, mas se for... Se for, não posso contar com a ajuda do Jaxon, nem de ninguém. Tenho de fugir. E tenho de o fazer sozinha.

Com isso bem presente, começo a dirigir-me ao túnel de saída. Digo-me para me levantar, para correr, mas estou demasiado enjoada e tonta para fazer outra coisa que não seja gatinhar. Portanto, é o que eu faço. Gatinho para o túnel, cada movimento é uma agonia para o meu ombro magoado e para as minhas mãos em carne viva.

Felizmente, o Jaxon e o Flint estão tão embrenhados no combate que não reparam em mim nem no meu progresso lento, mas decidido. Espero manter as coisas assim ao chegar finalmente à entrada do túnel.

Só mais um bocadinho, digo para comigo ao contornar a esquina.

Só mais um bocadinho, repito, tal qual um mantra, ao demorar um segundo para me recostar contra a parede e deixar a dor dissipar-se.

Só mais um bocadinho, repito, erguendo-me do chão.

Perco mais um segundo para me fortalecer — o estômago gira, os joelhos tremem, o corpo lateja — e depois digo que se dane e começo a cambalear pelo túnel o mais depressa que os meus tornozelos maltratados permitem.

Só me faltam uns cinco metros quando algo me bate nas costas e me atira para a frente, fazendo-me voltar ao chão. A agonia trespassa-me quando o ombro bate na pedra e, por um segundo, tenho a certeza de que vou desmaiar.

Mas, uns segundos depois, a dor dissipa-se e, quando tento arrastar-me, percebo que o ombro já não me dói. Ou, pelo menos, já não me grita como acontecia há uns minutos. Devo tê-lo voltado a encaixar quando caí sobre ele. Ou, mais concretamente, quando me atiraram sobre ele.

A adrenalina percorre-me ao pensar nisso e interrogo-me se terá sido o Jaxon a encontrar-me. Ou se foi o Flint. Quero que seja o Jaxon — mesmo com tudo o que o Flint disse sobre ele estar feito com a Lia —, mas a força do empurrão conta outra história, bem como o pontapé que levo de lado.

Agora estou em pânico, aterrada que o Jaxon esteja ferido... ou pior.

E se o Flint estava a mentir? E se o Jaxon não fizer parte do plano alucinado da Lia e eu o deixei ali sozinho?

Dou meia-volta, as mãos erguidas num gesto patético de defesa contra aquilo que imagino ser um dragão que cospe fogo. E dou comigo a fitar os olhos desvairados da Lia. Olhos que ficam ainda mais dementes quando ela pergunta:

— Julgavas que ias conseguir sair daqui?



60

Há quem lhe chame paranoica, eu chamo-lhe uma cabra maléfica que nos quer usar para sacrifício humano

— Não abras a boca — continua a Lia, agarrando-me no cabelo e começando a arrastar-me pelo túnel. Dentro de mim explode uma dor excruciante, avassaladora, *enlouquecedora*, e levo as mãos à cabeça, tentando, em desespero, aliviar a agonia penetrante de estar a ser puxada pelo cabelo.

Não resulta e, por um segundo, a dor é de tal maneira forte que nem consigo pensar. Claro que não é preciso ser um génio para perceber que a Lia me está a arrastar para a morte. Se a deixo levar-me outra vez para aquela sala com o sangue e o altar, vou morrer da maneira mais terrível e medonha.

Portanto, que se dane o aviso dela e que se dane o ficar calada. Inspiro e solto o grito mais alto e histérico que consigo, ao mesmo tempo que enterro as unhas na mão dela até sair sangue.

A Lia pragueja e bate-me com a cabeça na parede pela qual me tem estado a arrastar. O que abala ainda mais o meu cérebro confuso, mas não me cala. Nada o conseguirá fazer, garanto a mim própria enquanto vou gritando, sempre a debater-me para libertar o meu cabelo do aperto férreo.

Mas a Lia não o quer permitir, porque, desta vez, vira-se e dá-me um pontapé na cara. Não com força suficiente para me fraturar o maxilar, mas chega para me atirar para trás e para me calar, com tudo à minha volta a ficar escuro.

— Nem penses, cabra — sibila a vampira. Desta vez, dá-me um estalo com força no rosto. — *Não* vais adormecer. Só estamos nesta alhada, porque

preciso de ti acordada.

Não me lembro de melhor incentivo para que volte a ficar inconsciente. Infelizmente, tal não parece estar destinado a acontecer, já que a dor de estar a ser arrastada pelo cabelo me mantém acordada. Se sobreviver a isto — ou mesmo que não sobreviva — só espero não ficar completamente careca.

Estamos a meio do túnel e a Lia para. Ao início penso que é para descansar — imagino que, no grande esquema da sua força vampírica, eu não a esteja a fazer esforçar muito. Mas com as suas roupas normalmente impecáveis agora rasgadas e o cabelo ensanguentado colado ao rosto, a Lia não está com grande aspeto. O que significa que talvez esteja mais magoada ou exausta do que julgo.

Essa ideia dá-me uma pequenina esperança e volto a debater-me, mas ela tem outros planos, pois não está, de todo, a descansar. Ela agarra-me o cabelo com mais força até que deixo de me mexer, depois leva a outra mão a uma das pedras a meio da parede e empurra-a.

A parede estremece e geme, mas uma secção acaba por se abrir, revelando uma passagem *mais* do que secreta neste labirinto já pejado de passagens escondidas.

A passagem é estreita e escura, e não há sítio no mundo onde menos quisesse estar do que neste corredor abafado com a Lia. Mas não tenho grande escolha. Ela puxa-me para que me levante, com a sua mão ainda engalfinhada no meu cabelo. Sobretudo quando me empurra para a frente e depois faz-me marchar pelo novo beco.

Ainda mal demos meia dúzia de passos quando a porta secreta se fecha atrás de nós. Quando bate sinto um momento de angústia lancinante, porque percebo que o meu fim chegou. Esgotei todas as opções e agora vou morrer aqui, neste labirinto de túneis, vítima de uma vampira que perdeu totalmente o juízo.

E não há nada que eu possa fazer.

Essa consciência é um choque e, por um instante, leva-me para lá do desespero e da esperança. A menos que algo mude rapidamente, só posso rezar para que o que venha a acontecer a seguir acabe sem demora. Bem, isso e garantir que não dou à Lia a satisfação de me ver em pânico, não importa o que me faça.

Tenho a sensação de que isso vai ser quase impossível, mas, não obstante, vou tentar. Porque se foi preciso vir para o Alasca para morrer, então que seja segundo as minhas condições, e não as dela.

Assim, mesmo com a exaustão a instalar-se, continuo a pôr um pé à frente do outro. Continuo a aproximar-me cada vez mais do meu fim. E, a cada passo, o desespero em mim transforma-se em raiva e esta, por sua vez, em fúria. Enche-me o vazio, preenche-me a dor, até que só me resta um fogo na boca do estômago. Uma chama incandescente que clama por justiça.

Para mim e, sobretudo, para os meus pais.

Estou no Alasca, porque a Lia me quis aqui.

Os meus pais estão mortos, porque a Lia decidiu que eles precisavam de morrer.

Armou-se em deus com a vida de demasiadas pessoas para que se possa safar com isso. Estou fraca, exausta, devastada e sou humana, mas até eu sei disso. Tal como sei que ela não pode continuar com a loucura que planeou, seja ela qual for. O que significa que terei de fazer o que puder para a levar comigo quando morrer.

Só gostava de saber como.

O meu cérebro compõe e rejeita meia dúzia de planos febris durante a caminhada que parece demorar uma eternidade. Mas, por fim, devemos chegar ao nosso destino, pois ela faz-me parar. Leva a mão à parede e, segundos depois, esta abre-se como a outra.

Praticamente a uivar de prazer, empurra-me pela porta aberta, para a sala onde estive amarrada há muito tempo, ou assim me parece. É estranho pensar que, provavelmente, nem passou uma hora desde que acordei amarrada naquela laje fria.

Claro que é ainda mais estranho pensar que, depois de toda a dor e frustração que sofri nesta última hora, esteja prestes a voltar a ser atada.

Merda. E para a Lia também.

— Despacha-te! — rosna ela, empurrando-me pelas centenas de velas acesas até ao altar elevado no centro da sala. — Está quase na hora.

— Quase na hora? — repito, imaginando que se a levar a falar talvez consiga ganhar tempo para pensar em alguma coisa. Ou para que o Jaxon e o Flint me encontrem... embora não saiba se, nesta situação, eles me possam servir de grande coisa.

A resposta do Flint à insanidade da Lia é matar-me antes que ela tenha oportunidade de concretizar o que planeou, ao passo que o Jaxon pode até fazer parte desse plano. Não será, exatamente, uma seleção típica de heróis, mas a minha mãe costumava dizer que a cavalo dado não se olha o dente e, neste momento, estou disposta a tudo menos tornar-me o primeiro sacrifício humano do Colégio Katmere.

— As estrelas alinham-se à meia-noite e dezassete.

Não faço ideia do que isso possa querer dizer, mas à medida que a Lia e eu nos aproximamos do altar sei que tenho muito pouco tempo para fazer seja o que for que me possa salvar desta loucura. Assim que ela me atar outra vez, de certeza que se acaba tudo.

Sem ideias nem opções, as minhas pernas cedem.

— Mexe-te! — guincha, mas ignoro-a, deixando a cabeça tombar para trás e o corpo desabar. Depois, com toda a minha força de vontade, fecho os olhos e faço figas para que ela não me mate imediatamente. Caio no chão, ignorando a dor lancinante no couro cabeludo ao perder o que imagino ser uma mancha de cabelo.

A Lia uiva de indignação ao sentir que já não me agarra.

O som ressalta no teto e ecoa pela sala num aviso macabro que faz com

que tudo dentro de mim me incite a fugir, a rastejar, a distanciar-me o mais possível da vampira. A voz dentro de mim grita para que me levante, para que saia daqui.

Claro que nem nos meus melhores dias, a Lia é dez vezes mais rápida e vinte vezes mais forte do que eu. Fugir dela não é uma opção, mesmo que eu me conseguisse deslocar mais depressa do que o patético gatinhar a que estou limitada neste momento.

Portanto, em vez de fugir, faço-me de morta. Não corro, não me mexo, nem sequer respiro, enquanto ela grita para que me levante. Os gritos não resultam e ela decide esbofetear-me várias vezes. Isso também falha, pelo que me ergue, põe-me ao ombro e começa a cambalear na direção do altar, com a minha cabeça a bater no meio das suas costas.

Só isso já é prova de que está em piores condições do que quer dar a entender. Obviamente, o Flint provocou-lhe mais danos do que eu imaginei. Bom para ele.

Nesta posição, o meu ombro ferido está a matar-me, mas eu ignoro-o, ao mesmo tempo que me permito entreabrir os olhos por um segundo.

Está tudo exatamente como estava quando fugi deste sítio, incluindo o frasco de sangue que continua derrubado. A Lia contorna os recipientes de vidro e leva-me além de um atril com um livro aberto. Mal tenho tempo de me interrogar se será o mesmo tomo que ela lia na biblioteca há uns dias, pois sou obrigada a voltar a fechar os olhos e a fazer-me passar por morta — ou, pelo menos, inconsciente — enquanto ela me deita no altar.

Esta é a melhor, e talvez a única, oportunidade que vou ter para me libertar daqui, por isso espero que ela comece a desatar o nó de uma das argolas para as mãos. Nesse momento, agarro-a pelo cabelo e emprego todo o meu peso e esforço para a empurrar para a frente, de modo a que a sua cabeça bata na borda do altar com toda a força que ainda me resta.

A Lia uiva como um espetro.

E como ela não riposta de imediato, puxo-lhe a cabeça atrás e volto a fazê-lo, desta vez com mais força. Depois recuo tão depressa quanto o meu corpo maltratado e ferido permite.

Não chego longe quando ela se atira a mim com um rosnido digno de um episódio da Vida Selvagem sobre grandes felinos. Mas isso não me detém. Só me faz esforçar ainda mais apesar da dor. Contudo, desta vez, não fujo para a porta. Em vez disso dirijo-me para o atril — e para o livro que a Lia lá deixou.

Ela demora um segundo a perceber a minha intenção, mas quando o faz solta um grito como nunca ouvi e a seguir corre no meu encalço, ultrapassando o altar com um salto e aterrando junto ao atril. Mas chegou tarde.

Eu já lá estou.

Agarro no livro e rasgo as páginas onde ela o abriu juntamente com mais algumas de cada lado, só por via das dúvidas. Quase choro de alívio, só que nessa altura a Lia perde completamente a cabeça.

Ela grita e salta para mim, mas eu sirvo-me da energia que me resta no corpo para recuar, enquanto rasgo as folhas ao meio.

A vampira alcança-me em segundos, com as garras e os dentes a atacarem-me num esforço desesperado para recuperar aquilo que imagino seja um antigo feitiço inupiaque.

— Dá-me isso! — grita ela, arranhando os meus bíceps com os dedos. — Dá-me já isso!

Seguro com toda a força que consigo, mesmo com mais sangue a escorrer-me pelos braços. Depois faço a única coisa de que me lembro para manter as folhas longe do alcance dela. Faço por nos rebolar do altar para o chão de pedra lá em baixo.

Aterrámos com um baque. A Lia mal parece ter sentido a queda, mas eu fico convencida de que a aterragem fez deslocar outra vez o meu ombro... e, se calhar, provocou algo ainda mais grave. Mas ainda tenho uma hipótese para lhe estragar os planos sejam eles quais forem — para além de me querer matar com tanto sofrimento quanto possível —, pelo que ignoro a dor como posso e levo a mão a uma das centenas de velas que ardem à nossa volta.

E mergulho o feitiço no fogo.



61

As palavras magoam-nos, mas os vampiros matam-nos

O velho papel inflama-se de imediato. Nunca ouvi um som sequer parecido com o que a Lia faz, enquanto observamos as chamas. É um som desvairado, desesperado, inumano, e gela-me até aos ossos.

Recorda-me também o que eu já sabia — o pouco tempo de que dispunha esgotou-se. Não há mais nada que eu possa fazer quanto a isso.

A Lia atira-se ao papel e agarra no que resta das folhas, ignorando as chamas que ainda as devoram. A pele dela crepita com o contacto, mas é demasiado tarde. Tudo o que pudesse ser útil já desapareceu.

Vira-se para mim com um rosnido.

— Vou adorar arrancar-te a carne dos ossos.

— Acredito.

A voz dentro de mim quer que eu me levante, que fuja, mas não me resta nada. Estou ferida, arrasada e, sem os meus pais — ou o Jaxon — para quê fugir, nem sei porque estarei a esforçar-me tanto. Frustrai-lhe os planos, impedi-a de fazer aquilo que ela planeava quando matara os meus pais.

Tem de chegar.

Aproxima-se de mim numa questão de segundos e fico à espera do golpe fatal, das novas ondas de agonia que me irão assolar. Mas, em vez de dar cabo de mim, tal como esperava, ela levanta-me e atira-me de volta ao altar.

— Julgas que preciso daquele livro parvo? — pergunta, arrastando-me para o centro da laje de pedra. — Passei meses a preparar-me para isto. Meses! — guincha, enquanto rasga uma longa faixa de algodão da camisa que

estou a usar. — Lembro-me de cada palavra, de cada sílaba do que está naquela folha.

Salta para cima de mim e agarra-me o braço esquerdo. É a minha vez de gritar, quando ela o puxa acima da minha cabeça.

A Lia ri-se e ata-me à argola metálica onde já estive presa e troça.

— A vingança é uma merda.

Rasga uma nova tira da minha roupa e, embora eu vá esperneando, ambas sabemos que isso não vai servir de nada. Ela nem se dá ao trabalho de me voltar a bater. Limita-se a mudar o peso de posição para atar também o meu braço direito.

— Passei meses à tua procura — diz-me ela, pondo-se de pé. — E depois de te encontrar passei semanas a planear o acidente dos teus pais e a preparar o Finn para que te trouxesse para cá. E mais umas semanas a garantir que o Jaxon estava pronto para ti. Agora julgas que podes estragar tudo por queimares um feitiço? Nem fazes ideia.

Cambaleia para trás, a caminho do atril, e pega no livro do chão.

— Nem fazes *ideia*! — repete a gritar, empunhando o livro como se fosse uma arma. — Esta é a minha única oportunidade, *a minha única oportunidade*, de o trazer de volta, e julgas que te vou deixar *estragá-la*? Tu? Sua desculpa miserável e esfarrapada de...

— Ser humano? — atalho, enquanto a minha mente fervilha com aquilo que ela está a sugerir. Trazê-lo de volta? Quem? *Ao Hudson*?

— É isso que julgas que és? Humana? — Ri-se. — Meu Deus, és ainda mais patética do que eu pensava. Achas que me daria a todo este trabalho para deitar as mãos a um *ser humano*? Bastava uma viagem à vila e tinha centenas deles sem sequer me esforçar.

Não faço ideia daquilo a que ela poderá estar a referir-se, nem sequer se estará a dizer a verdade. Não obstante, as palavras dela atravessam-me como relâmpagos. Despertam em mim algo que não reconheço, mas que, ainda assim, me parece vagamente familiar. Será que sou uma bruxa, independentemente do que o tio Finn disse? Será isso que significa a voz que ando a ouvir dentro de mim?

Mas, se ela estiver a dizer a verdade quanto ao feitiço, não tenho tempo para pensar nisso. Além do mais, o relógio continua a avançar inexoravelmente para a meia-noite e dezassete.

— Estás mesmo a tentar trazer o Hudson de volta? — pergunto, e embora saiba que a Lia é doida e que ela tenciona matar-me, uma pequena parte de mim chega a ter pena dela... ou teria, não fosse ela a responsável pela morte dos meus pais.

O facto de ter sido a morte do Hudson a provocar-lhe isto, a deixá-la perdida e devastada a ponto de desenvolver este esquema mesquinho e complexo para o trazer de volta é, ao mesmo tempo, patético e comovente.

Ainda assim, a Lia não pode, em caso algum, ter a oportunidade de trazer o Hudson de volta. Não, se um décimo daquilo que o Jaxon me contou sobre

ele for verdade — e eu sei que era. Não admira que o Flint e os outros metamorfos estivessem tão determinados a fazer o que fosse preciso para deter a Lia, mesmo que isso implicasse matar-me. Mas foram loucos a ponto de pensar que o Jaxon participaria nisto. Ele nunca tentaria trazer o irmão de volta. Nem pensar.

Isso faz-me sentir péssima por ter duvidado dele.

— Não podes fazer isto, Lia.

— Vou fazê-lo. *Vou* trazer o Hudson de volta — é a resposta dela. — E *tu* vais ajudar-me.

— É impossível, Lia. Podes matar as pessoas que quiseses, encontrar os feitiços que julgas necessários, mas não podes trazer o rapaz que amas dos mortos. As coisas não funcionam assim.

— Não me digas o que posso ou não posso fazer — resmoneia, pegando no telemóvel e mostrando-me para que eu veja as horas. — Daqui a cinco minutos vais ficar a saber a verdade. Tu e todos.

Espero bem que não seja assim. Li o *Frankenstein* o ano passado, nem imagino a abominação que vai trazer dos mortos se o plano dela realmente resultar.

Antes que eu possa dizer alguma coisa, as portas da sala estremecem. Segundos depois, a parede treme, mas as pedras ficam onde estão. Tal como as portas.

— Ele está a aproximar-se — diz a Lia, arrastando-se até à borda do altar e levantando-se a custo.

— Quem? O Hudson? — pergunto, um arrepio de horror a correr-me pela espinha ao pensar num vampiro ressuscitado a entrar por aquelas portas. E depois a fazer o quê? A alimentar-se de mim por causa daquilo que a Lia julga que eu sou?

— O Jaxon — responde-me. — Ele já ali anda há um bocado, à procura de maneira para chegar a ti.

O Jaxon. O Jaxon está ali fora. Pela primeira vez, desde que acordei presa a este maldito altar, acredito que possa haver uma hipótese de deter a Lia. E de salvar a minha vida.

— Como é que sabes? — A pergunta sai-me da boca antes sequer de eu saber que a ia fazer.

— Porque o sinto. Ele está desesperado para chegar a ti. Mas não há vampiro que possa entrar numa divisão para a qual não tenha sido convidado, nem mesmo o mais poderoso que existe. Se ele quiser aqui chegar terá de empregar mais poder do que ele imagina ter. — Ri-se e, desta vez, não há como ocultar a loucura.

— Espero que esteja a sofrer. Espero que saiba o que te está a acontecer e que não conseguir chegar a ti o esteja a matar. Mal posso esperar para que cumpras o teu propósito e morras para que, finalmente, ele saiba como é excruciante perder um parceiro.

Parece que, mesmo no meio de tudo o que está a acontecer, eu ainda

consigo ficar chocada.

— Estás errada, Lia. Eu não... Eu não sou a parceira do Jaxon.

— É giro que acredites nisso, mas o que tu julgas não interessa. Neste momento, o importante é que é verdade. E que *ele* acredita nisso. — Encolhe os ombros. — Claro que ele também acredita que pode contornar milhares de anos de proteções e derrubar aquelas portas para chegar até ti. Portanto, é bem possível que esteja iludido. Quem sabe? — Encolhe os ombros. — Mas não importa! Não quero saber no que ele acredita, desde que sofra quando morreres.

E como se esperasse esta deixa, a porta estremece, as dobradiças gemem com a pressão que lhes está a ser imposta pelos poderes do Jaxon. Grito o seu nome, desesperada para que me ouça.

— Jaxon!

O estrépito das portas interrompe-se por um segundo.

— Grace! Aguenta! Estou quase a entrar! — A porta estremece de tal maneira que as pedras à sua volta começam a desmoronar-se.

— Entra! Estás convidado! Por favor! Entra, entra, entra! — grito as palavras de modo a que ele as ouça.

A Lia ri-se.

— Não estamos no teu quarto, Grace. Desculpa lá ser desmancha-prazeres, mas não és tu que tens de fazer o convite.

O alarme do telemóvel dela toca antes que eu possa responder e, de repente, a vampira entra em ação.

— Está na hora. — Levanta os braços acima da cabeça e começa a entoar um cântico, com a voz baixa, ritmada e forte, muito forte.

Não vacila, não tropeça nas palavras, mesmo com o feitiço a ter desaparecido há muito. Não estava a mentir quando disse que o praticara durante meses. O que significa que me atirei em vão deste altar.

O meu ombro *não* fica impressionado.

Claro que, logicamente, eu sei que isto não vai funcionar. Ela nunca será capaz de trazer o Hudson de volta dos mortos. A vida não funciona assim. Eu bem sei.

Mas não vou mentir que sinto um arrepio na espinha quando, de repente, uma brisa passa por mim, desgrenhando-me o cabelo e arrepiando-me a pele. O mesmo acontece com a repentina eletricidade no ar.

Fico com todos os pelos do meu corpo eriçados. Se juntarmos a isso o bizarro cântico da Lia, que está a ficar cada vez mais estranho, tenho razões mais do que suficientes para gritar pelo Jaxon como se não houvesse amanhã.

Ele urra em resposta, um som primário saído da parte mais funda do seu ser, que me faz puxar com toda a força as cordas que tenho à volta dos pulsos. Dói muitíssimo, mas a dor não interessa. Nada interessa, a não ser deter a Lia e chegar ao Jaxon.

Desta vez, toda a parede estremece com a força do poder dele. Não estou virada para a porta, mas ouço o ranger das pedras que se soltam e o estrépito

quando caem no chão. Ele está perto, tão perto, e tudo em mim quer chegar a ele e afastar-se da loucura da Lia.

Nem acredito que deixei que o Flint me afetasse, não acredito que cheguei a pensar, por um segundo que fosse, que a Lia e o Jaxon pudessem estar a trabalhar juntos. E não posso mesmo acreditar que fugi do único rapaz que já amei. O Jaxon nunca se envolveria numa coisa assim. Sobretudo se isso tinha como objetivo magoar-me. Mas agora já sei.

E como pude esquecer-me do quanto a Lia odeia o Jaxon? Ela nunca o envolveria no seu Projeto Lázaro.

Sou mesmo uma parva. Isto ainda vai acabar comigo.

O cântico da Lia fica mais alto, ecoando pela sala cavernosa, e ela tira uma comprida faca cerimonial do interior do atril. Observo-a, horrorizada, a cortar o pulso e a deixar o sangue escorrer para o altar.

O sangue ferve ao chegar à pedra, transformando-se num fumo preto tóxico. O vento sopra e começa a enrolar o fumo numa espécie de minitornado que me faz puxar as amarras com toda a força, ao mesmo tempo que grito pelo Jaxon.

Começo a pensar que pode haver qualquer fundo de verdade nesta ideia de trazer o Hudson de volta dos mortos. E se houver, não quero ter absolutamente nada que ver com isso. Garantidamente não quero ser o catalisador que permitiu tudo isso.

Mas a Lia tem outros planos, pois dirige-se a mim com a faca. A lâmina continua reluzente com o sangue dela e eu tenho um momento de «por favor, ela que limpe aquilo antes de me tocar». O que é absurdo, se pensarmos que, primeiro, não deveria antes estar a rezar para que ela não se aproxime de todo de mim? E segundo: será que isso interessa, estando eu coberta com o sangue dela, o meu sangue e o sangue de um estranho? Que problema tem mais umas gotas?

Não obstante, encolho-me, puxando as pernas para cima e tentando formar o mais possível uma bola. Não serve de todo para me proteger, mas não tenho mais outra opção até que o Jaxon consiga atravessar as antigas salvaguardas.

Fico à espera que a Lia me comece a cortar assim que chega junto a mim, mas, ao invés, ela agiganta-se sobre mim, com os braços abertos e a faca apontada à minha barriga.

Então não vou ser cortada. Vou ser trespassada. Que bom.

Preparo-me para mais dor, só que a faca nunca chega a descer. Em vez disso, o fumo negro rodeia-nos, reduzindo-se cada vez mais à medida que a brisa se intensifica e a Lia para finalmente de entoar o cântico.

— Abre a boca! — grita-me ela, quando o fumo se centra diretamente por cima de mim.

Nem pensar. Ela que me mate, se quiser — neste momento está completamente à vontade para isso —, mas nunca na vida vou abrir a boca e sugar um fumo tóxico medonho que pode, ou não, ser o falecido irmão do Jaxon. Nunca.

— Grace! — brada o Jaxon do outro lado da porta. — Grace, estás bem? Aguenta-te! Espera só mais um pouco por mim.

Não lhe respondo, porque para isso teria de abrir a boca, e, neste momento, tenho o rosto pressionado contra o braço e o maxilar cerrado com toda a força. Nem pensar em deixar que isto aconteça como a Lia parece estar à espera.

— Abre, ou mato-te! — vocifera a vampira. — Mato-te já.

Será que ela acha que me assusta? Já me resignei à morte, pelo que a ameaça não faz grande mosca neste momento, sobretudo porque sei que, assim que conseguir o que quer, ela mata-me na mesma. Assim sendo, porque haveria de obedecer? Especialmente se isso implica transformar-me numa espécie de hospedeiro bizarro num ritual vampírico antigo?

A Lia desiste da ameaça e lança-se para cima de mim, tentando abrir-me a boca com os dedos.

Não a deixes, alerta-me a voz no meu interior. *Aguenta-te*.

Até gostava de responder com um sonoro *a sério?*, mas estou demasiado ocupada a tentar derrubar a Lia de cima de mim.

Não resulta — o que não me surpreende, tendo em conta que ela é uma vampira furiosa com força sobrehumana e eu sou uma mera rapariga em muito mau estado. O que não quer dizer que vá desistir, não significa que...

Um estrépito enorme preenche o ar. A Lia imobiliza-se em cima de mim à medida que voam pedras para todo o lado.

E o Jaxon entra.

— Não! — grita a Lia, pegando numa das pedras que caiu junto a nós e atirando-a contra ele com toda a força. — Não podes estar aqui! Não te convidei a entrar!

O Jaxon desvia a pedra com um simples olhar.

— Não há parede, não é preciso convite. — E depois percorre toda a largura do espaço com um salto. Aterra ao nosso lado, no altar, e arranca a Lia de cima de mim, atirando-a pela sala.

A vampira vai bater na parede com um estrondo, mas não demora a correr de volta contra ele. Entretanto, o Jaxon murmura:

— Desculpa, Grace. — Passa uma mão por cima de mim e as amarras nos meus pulsos caem. Depois, ele acocora-se ao meu lado e afaga-me o rosto. — Lamento tanto.

— Não é... — A voz falha-me com a onda de alívio que me percorre. — Não é culpa tua.

O tom da voz dele é amargo.

— Então é de quem?

Ainda começo a responder, mas, surpresa, a Lia não se vai ficar sem lutar.

— Cuidado! — grito, quando ela corre na direção do Jaxon. Ele espera que a Lia se aproxime e depois usa o impulso dela para a atirar do altar para o outro lado da sala.

A vampira vai aterrar com um medonho estalar de ossos, mas também não

é isso que a detém. Levanta-se a cambalear, ergue os braços e retoma o cântico horrível. O fumo preto reage, rodeando-me a mim e ao Jaxon, e ocultando a Lia e o resto da sala.

— O que se passa? — quer saber o Jaxon.

Não lhe respondo, pois o fumo voltou a chegar junto a mim e estou com medo de abrir a boca e fazer um som que seja.

O Jaxon usa os seus poderes para tentar afastar o fumo de nós, mas esta deve ser a única coisa em todo o universo que ele não consegue controlar. Em vez de se dissipar, o fumo aproxima-se cada vez mais, até que eu mal consigo ver o Jaxon, e ainda menos o que me rodeia.

O que parece ser o plano da Lia, porque assim que o Jaxon vira as costas à procura de uma rota de fuga, ela cai em cima dele. Salta-lhe para as costas com um grito de guerra primário e enterra a faca no peito dele.

É a minha vez de gritar — ou o mais próximo de um grito que consigo dar com o maxilar cerrado. Tento chegar a ele, mas o Jaxon estende a mão e usa a telecinesia para me manter onde estou. Depois agarra no cabo da arma e arranca-a do peito.

A faca cai ao chão com um estrépito.

O sangue escorre-lhe da ferida, mas o Jaxon parece nem notar. Está demasiado concentrado na Lia. Levando a mão ao ombro dela, agarra-a pelo colarinho e puxa-a por cima da sua cabeça e depois larga-a no solo a seus pés.

Julgo que possa querer usar os seus poderes nela, mas, em vez disso, aponta a sua mão para baixo, na direção do peito dela. A Lia desvia-se no último segundo e tenta dar-lhe um pontapé no rosto, mas ele agarra-lhe na perna e torce-a com força.

Um estalo arrepiante enche o ar, seguido pelos uivos de dor da Lia. O Jaxon agarra-lhe o cabelo, prepara-se para lhe torcer o pescoço e acabar com o nosso sofrimento, mas antes de o conseguir, o fumo negro rodeia-lhe o pescoço e começa a estrangulá-lo.

O Jaxon leva as mãos ao pescoço, tenta afastá-lo da garganta, mas o fumo não o solta, por mais que ele se debata.

A Lia consegue levantar-se outra vez. Tem a perna esquerda torcida num ângulo estranho, mas está de pé, com os braços erguidos à medida que retoma o cântico horrível. O feitiço parece fortalecer o fumo, que continua a estrangular o Jaxon.

Ele fica pálido, cai de joelhos enquanto tenta lutar com uma coisa que não consegue agarrar. O sangue continua a escorrer-lhe da ferida no peito e sei que se não fizer alguma coisa, o Jaxon vai morrer à minha frente.

Não posso deixar que isso aconteça.

Gatinho em frente, com as mãos estendidas à procura de... Os meus dedos deparam-se com o aço frio da faca cerimonial da Lia, que agarro com o que resta da minha força débil.

É afiada e corta-me, mas mal sinto a dor, enquanto me ergo do chão e mergulho a faca no peito da Lia com as poucas forças que me restam.

Ela está de braços abertos para os lados, pelo que a atinjo facilmente. A faca faz um som húmido enjoativo ao trespassar a pele, a carne e os órgãos por baixo de tudo.

Desta vez, ela não grita. Em vez disso, lança a cabeça para trás com um estranho arquejo gorgelante e cai de costas no chão.

O terrível som arrastado que lhe sai do peito diz-me que acertei num pulmão, em vez do coração, só que, neste momento, não quero saber. Desde que esteja fora de combate, está tudo bem. Ou estará, assim que percebermos como afastar o fumo preto oleoso do Jaxon, que, muito sinceramente, não parece melhor do que a Lia.

Se ele não o consegue arrancar — com ou sem telecinesia —, eu sei que não tenho alternativa. Pelo que faço a única coisa de que me lembro, a única coisa que vai garantidamente fazer com que o fumo o solte.

Abro a boca e respiro bem fundo.



Onde há fumo há um vampiro morto

São precisos alguns segundos, mas o fumo — ou lá o que aquilo é — finalmente percebe. Solta o Jaxon e dirige-se a mim.

Algo que, deixem-me que vos diga, será, porventura, a coisa mais terrível que alguma vez me aconteceu em toda a vida.

Mas não tenho escolha, já que a alternativa é ver morrer mais alguém que eu amo. Por isso, abro os braços e acolho o fumo que vem na minha direção. Assim que me rodeia, respiro fundo e começo a inalá-lo.

— Não! — brada o Jaxon.

De repente estou a cair para trás, a *voar* de cima do altar e até meio da sala, enquanto o Jaxon se levanta a cambalear. Está pálido, quase cinzento, mas consegue erguer-se, de mãos estendidas à sua frente. Depois, muito devagar — tão lentamente que fico com a impressão que possa ter um ataque cardíaco só de o observar —, começa a comprimir o ar entre as mãos numa forma esférica.

Quando o faz, toda a sala — todo o túnel — começa a tremer. E depois começa a cair à nossa volta.

Ainda assim, o Jaxon não para. Continua a comprimir a esfera, as mãos a rodarem lentamente formando um círculo, enquanto ele invoca cada vez mais energia, cada vez mais massa para a esfera.

O fumo espalma-se, começa a fluir na outra direção, mas o Jaxon não o permite. Puxa com mais força, até que pedras, velas e jarros cheios de sangue começam a voar pela sala na sua direção. Ele recebe tudo, puxa tudo para o interior da esfera e depois procura mais, até o ar na sala fluir para ele, tal qual um tornado. E com o ar vai o fumo, por mais que este se debata contra o

poder do Jaxon.

Torna-se cada vez mais difícil respirar à medida que o Jaxon absorve o oxigénio da sala, mas não quero saber. Limito-me a cair ao chão, tal como me ensinaram nas aulas de segurança contra incêndios, e tento respirar o que aqui resta em baixo, enquanto o vejo a puxar o fumo inexoravelmente na sua direção. Para mais perto, cada vez para mais perto.

Em pouco tempo, até a Lia e eu somos apanhadas no vórtice de energia, sendo arrastadas pelo chão devido ao poder do Jaxon e da sua vontade indomável. Não tento resistir, não tento fazer nada que torne isto mais difícil para ele. Só me entrego a ele, confiando que me proteja, até mesmo dele próprio.

Tal como sempre faz.

Já tem o fumo controlado, a flutuar-lhe entre as mãos, enquanto se esforça por condensá-lo, por o reduzir àquilo que precisa que ele se torne de modo a que o vórtice, ou lá o que seja que ele criou, o possa absorver.

Mas o fumo não se deixa ir tranquilamente. Sempre que parece que o Jaxon conseguiu contê-lo, uma pequena gavinha escapa-se e tudo volta ao início. Mas o Jaxon é dono de uma vontade férrea e de mais poder do que imaginei ser possível. Não vai desistir.

Por isso, gira cada vez mais depressa a esfera que tem entre as mãos. O teto começa a ceder, as paredes desmoronam-se, até as pedras no chão começar a partir-se. Mas o Jaxon não cede. O Jaxon continua a puxar.

O ar na sala está cada vez mais rarefeito e eu tenho dificuldade em respirar. Ele também deve ter, mas ninguém o diria, a julgar pela forma como ele continua a manipular tudo o que se encontra nesta sala.

O fumo tenta escapar mais uma vez, mas o Jaxon, com um rugido, volta a puxá-lo para o interior da esfera, agora de uma vez por todas. E depois fecha-a, pura e simplesmente desliga a conduta, ou o aspirador de energia, ou lá o que seja, com tudo à nossa volta a assentar.

A sala deixa de tremer, as paredes, o teto e o piso deixam de se rachar, as velas que restam caem ao chão e o oxigénio volta lentamente a estabilizar. Deito-me no chão e fico a respirar por uns segundos, observando o Jaxon a condensar a esfera entre as mãos, transformando-a num globo brilhante, pouco maior do que uma bola de ténis.

E depois puxa a mão atrás e atira-o contra a Lia.

A esfera acerta-lhe em cheio na barriga e todo o corpo se arqueia acima do chão. Ela solta um derradeiro arquejo ao absorver a energia, a matéria, o fumo. Depois olha diretamente para ele e murmura:

— Sim. Finalmente. Obrigada.

Segundos depois, ela explode numa nuvem de pó que volta a assentar lentamente.

Só consigo pensar que terminou. Meu Deus, finalmente acabou.

— Jaxon! — viro-me para ele, tento gatinhar até ao único rapaz que já ameí. Mas sinto-me fraca, tão fraca, e o altar está demasiado longe. Por isso,

estendo-lhe a mão e chamo-o, uma e outra vez.

O Jaxon arrasta-se pelo altar na minha direção, depois salta, atrapalhado, para o chão, onde o aguardo.

Ele aceita a minha mão e leva-a aos lábios.

— Desculpa — murmura antes de desfalecer aos meus pés.

— Jaxon! — grito em histeria. — Jaxon, acorda! Jaxon! — Ele não se mexe e, por um segundo de pânico, nem sei se respira.

Consigo encontrar forças para o virar. Pressiono-lhe o peito com a mão, sinto o leve movimento dos seus pulmões a encherem-se e a expelirem o ar e quase soluço com o alívio. Mas não há tempo para isso, porque ele continua a sangrar do ferimento no peito provocado pela Lia. Além disso, está a ficar de um branco lívido e ceroso.

— Vou cuidar de ti — murmuro-lhe, enquanto apanho uma das tiras que a Lia rasgou da minha roupa. Amarfanho-a e pressiono-a firmemente contra o ferimento dele, numa tentativa de estancar o sangue. — Estou aqui contigo.

Mas ainda não consegui pô-lo a salvo; ainda pode morrer nos meus braços a qualquer momento. Ele perdeu imenso sangue — mais do que eu tenho em mim neste momento —, mas não sei o que fazer quanto a isso. Se o deixar e for à procura de ajuda, ele pode esvair-se na minha ausência. Se não for, ele pode esvair-se à mesma, capaz de estancar a hemorragia.

Desesperada, olho em meu redor, à procura de algum frasco intacto com sangue que a Lia dispôs em torno do altar. Mas desapareceram todos, uns sugados para o vórtice do Jaxon, outros derramados no chão que nos rodeia.

— O que faço? O que faço? O que faço? — resmungo para comigo, enquanto tento que o meu cérebro abalado pelo pânico e afetado pela dor funcione. O ritmo cardíaco do Jaxon está a abrandar e ele respira cada vez mais devagar. Não me resta muito tempo para fazer alguma coisa, seja o que for para o salvar.

Acabo por fazer a única coisa de que me lembro. A única coisa que *posso* fazer nesta situação. Abro uma das feridas nos meus pulsos até que ela volte a sangrar. Depois levo o pulso à boca dele.

— Bebe — murmuro.

Ao início não obtenho qualquer reação. Os segundos passam, enquanto o meu sangue pinga nos lábios do Jaxon. Após o que parece um ou dois minutos, começo a ficar desesperada. Se ele não beber, morre. Se ele não beber, nós...

O Jaxon recupera a consciência com um rugido. Depois, as mãos dele, quais tornos, agarram-me os braços enquanto ele me morde a veia. E suga, suga, suga.

É uma sensação completamente diferente e, ao mesmo tempo, igual do que quando ele bebe do meu pescoço. Há prazer, sim, mas também há muita dor, enquanto ele engole tanto sangue quanto possível a cada sorvo. Apesar disso, o alívio percorre-me e a sala escurece à minha volta.

Desta vez não resisto, não é preciso resistir, pois não estou sozinha. O

Jaxon está comigo e nada mais importa. Portanto, quando a onda de negrume seguinte ameaça toldar-me, não a combato.

Em vez disso, entrego-me a ela — e ao Jaxon —, acreditando que tudo vai correr bem.

Acreditando que o Jaxon vai fazer por isso.



63

Uma trinca memorável

A primeira coisa em que reparo quando acordo é que estou quente. Mesmo quente, o que, por algum motivo que não consigo identificar, me parece estranho. Claro que há muita coisa que não percebo, enquanto alterno lentamente entre o sono e a vigília.

Como, por exemplo, de onde vem o apito esquisito que estou a ouvir.

Ou por que motivo o meu braço direito parece que está a ser esmagado.

Ou porque é que o meu quarto cheira a maçãs e a canela.

Acaba por ser a segunda questão que me desperta por completo, que me leva a abrir os olhos e a abanar o braço num esforço de parar a dor.

A primeira coisa que vejo quando abro os olhos é uma mulher de cafetã preto e roxo de prancheta na mão, a verificar a leitura de uma pequena máquina ao lado da minha cama. É a máquina que está a emitir o apito e a fazer-me doer o braço, pois assim que ela carrega num botão, a pressão desaparece.

Ao que parece, a pressão arterial existe mesmo. E, a julgar pela agulha que tenho espetada nas costas da mão e pelo tubo que dela sai, os IV também.

De repente, lembro-me de tudo — o Flint, a Lia, a briga.

— Jaxon. —Ergo-me e começo a olhar à minha volta. — O Jaxon! Ele está bem? Ele está...

— Ele está ótimo, Grace — garante-me a mulher com uma palmadinha reconfortante no ombro. — E tu também, embora chegasse a ser por um triz... para os dois.

As palavras parecem-me um *déjà vu* — claro que grande parte desta manhã parece um *déjà vu*. Depois de tudo o que aconteceu é difícil imaginar

que ainda há poucos dias descobri que os vampiros eram reais. Agora ajudei a assassinar uma.

E, espero eu, ajudei a salvar outro. Recordo-me do que aconteceu, enquanto deslizo pela cama de hospital erguida até passar pelas guardas e ser capaz de pôr as pernas de fora.

— Onde está ele? — pergunto à mulher de cabelo curto que está de pé ao lado da minha cama com uma prancheta nas mãos. — Tenho de confirmar... — Calo-me, pois nem sequer consigo dizer as palavras em voz alta.

— Ele está bem, a sério — garante-me a enfermeira, com um tom calmo. — Ele está aqui fora. Pedi-lhe que saísse enquanto te fazia algumas medições, mas ele nunca te deixa sozinha desde que te trouxe, salvo quando o pessoal clínico lhe pede.

— Pode chamá-lo? — peço, depois de humedecer os lábios secos. — Preciso de falar com ele.

Imagino que, se eu aqui estou, é porque o Jaxon conseguiu sair daquela masmorra infernal. Claro que, neste momento, a emoção está a sobrepor-se à lógica, e tenho de o ver. Tenho de ouvir a sua voz e sentir a sua mão — o seu corpo — a tocar-me para acreditar que ele realmente se safou.

Para acreditar que o pesadelo chegou ao fim.

— Eu chamo-o — diz-me a enfermeira. — *Se* te voltares a deitar. Valha-me Deus, tens a pulsação a disparar e ainda agora conseguimos estabilizar as coisas.

Quero gritar-lhe que tenho a pulsação a disparar, porque estou a entrar em pânico. Da última vez que vi o Jaxon, ele estava quase morto.

Mas não grito. Contento-me apenas em murmurar, enquanto me recosto na cabeceira erguida da cama:

— Obrigada. — Tenho as mãos a tremer, pelo que as escondo debaixo dos cobertores, não preciso de anunciar ao mundo que fiquei exausta depois de um pico mínimo de adrenalina.

— De nada — responde ela. — E só para que saibas o que se passa, estás na enfermaria do Colégio Katmere, onde tens estado nos últimos dois dias. Sou a enfermeira Alma e tenho estado a cuidar de ti, juntamente com a Marise. Como te disse, estás bastante abalada e perdeste muito sangue. Além disso, deslocaste um ombro, portanto, agora que acordaste e te estás a mexer, é provável que a Marise te vá colocar umas talas durante algum tempo. Mas, de um modo geral, estás de boa saúde. O Jaxon trouxe-te antes que a perda de sangue causasse algum dano permanente. Daqui a uns dias estás fina.

Sei que devia estar a prestar atenção ao que ela me diz e é o que vou fazer... em breve.

— E o Jaxon? — interrogo. — Ele foi esfaqueado. Também perdeu muito sangue. Ele...

— Segundo me consta, cuidaste muito bem dele. Mas se isso te vai acalmar, deixa-me ir chamá-lo. Ele explica-te como está e eu vou informar o teu tio de que já acordaste.

Ansiosa, observo a Alma sair para o corredor. Ela fala baixinho, por isso não ouço o que está a dizer, mas, segundos depois, o Jaxon entra. Vivo e razoavelmente bem.

O alívio percorre-me e, finalmente, sinto que sou capaz de respirar fundo. Quero dizer, sim, ele está com um aspeto terrível — ou, pelo menos, tão mal quanto alguém como ele pode parecer —, mas está vivo. E anda sem ajuda. Isso tem de contar para alguma coisa.

Quando se aproxima, reparo que continua pálido, o que faz com que a cicatriz no seu rosto se destaque. Também parece ter perdido, pelo menos, dois quilos nestes dois dias em que estive a dormir. Eu sei que é impossível, mas ele parece tão cansado, tão magro e tão esvaído — nem de perto, nem de longe, a força da natureza a que estou habituada.

— Estás acordada — diz e, por um segundo, juro que vejo lágrimas nos seus olhos escuros. Mas depois ele pestaneja e já só lá está força... e algo mais que nem sequer tento interpretar. Não consigo, pois tenho a cabeça às voltas e mal sou capaz de manter os olhos abertos.

— Vem cá — peço, estendendo-lhe os braços. Reparo que tenho os pulsos envoltos em gaze e que os inúmeros cortes nas mãos e nos braços parecem estar selados com um penso líquido brilhante. Estou péssima, mas, pelo menos, estou esterilizada.

Ele aproxima-se, só que não se senta na cama. Nem me toca.

— Não quero tocar-te no ombro...

— O meu ombro está ótimo — garanto-lhe, o que não é exatamente mentira neste momento, cortesia das drogas, das ervas ou dos feitiços que a Alma me administrou. — Portanto, vem cá. Caso contrário, sou eu que vou ter contigo.

Desvio os cobertores, preparando-me para isso mesmo, e depois faço um esgar, com o movimento a magoar-me os tornozelos feridos — que também estão ligados. Que grande surpresa.

Sinceramente, começo a sentir-me como se fosse uma múmia. E indesejada, a julgar pela reação do Jaxon.

— Fica onde estás — ordena ele, dando mais alguns passos na minha direção.

— Então vem cá e diz-me o que se passa — exijo. — É que estou a começar a achar que tenho peste, ou assim.

— Sim, é isso mesmo. Tens peste. — Mas, desta vez, pelo menos segura-me na mão e senta-se com cuidado na cama.

— Não sejas assim — admoesto-o, pousando a testa no ombro dele. — Afinal de contas, eu salvei-te a vida. Tens de ser bonzinho comigo.

— Pois, e a minha paga foi quase matar-te, por isso devias querer distância de mim.

Reviro os olhos, mesmo com a exaustão a ameaçar assoberbar-me.

— És sempre tão dramático ou é só em ocasiões especiais?

O ar de choque na cara dele é impagável. Bem como o tom irritado da

resposta:

— Não me parece que estar preocupado contigo me torne *dramático*.

— Não, mas assumir toda a responsabilidade daquilo que foi, obviamente, uma loucura profunda da Lia torna. — Dou-lhe um par de beijos no pescoço, apreciando como ele é incapaz de reprimir um arrepio quando os meus lábios lhe tocam na pele. — Portanto, descontrai-te, sim? Estou cansada.

As sobranceiras desaparecem-lhe por baixo do cabelo absolutamente desganhado e apercebo-me de que é a primeira vez que o vejo sem que o cabelo esteja perfeitamente penteado.

— Queres que me descontrai-a? — repete.

— Quero. — Chego-me para o lado, de modo a dar-lhe espaço na cama, mordendo o interior da bochecha para não gritar quando mexo o ombro. — Anda cá. — Dou uma palmadinha na cama ao meu lado.

O Jaxon olha do meu rosto para a cama e outra vez para mim, mas continua sem se mexer. O que me faz suspirar.

— Anda. Tu sabes que queres — incito-o.

— Quero muitas coisas que não são boas para ti.

— Mas que coincidência. Eu também, embora de certeza que não concordamos naquilo que é bom para mim ou não.

Ele suspira.

— Grace...

— Não — atalho. — Por favor, Jaxon, não. Agora não, estou muito cansada para discutir contigo. Queres que te faça um desenho? Preciso que me abrace.

De repente, a resistência dele esvai-se. Em vez de argumentar, o Jaxon recosta-se nas almofadas comigo e envolve-me com os braços, tendo o cuidado de não me magoar o ombro ferido.

Ficamos assim, em silêncio, durante vários minutos, e eu só relaxo quando ele assenta a face na minha cabeça e me dá beijos no cabelo.

— Ainda bem que estamos bem.

— Pois. — O riso dele é agreste. — Eu também.

— Não digas isso assim — peço-lhe. — Tivemos sorte.

— Olha que não parece muito sortuda.

— Pois, tu também não. Mas tivemos. — Respiro fundo, expirando lentamente. — Podíamos estar... — Calo-me, incapaz de dizer as palavras.

— Mortos, como a Lia e o Hudson? — O Jaxon preenche os espaços em branco.

— Sim. Mas não estamos, portanto, acho que isso é uma vitória.

Ele faz uma pausa breve e depois assente. Suspira.

— Pois, eu também.

— O Flint? — pergunto pouco depois.

— Não me fales desse dragão agora.

— Eu sei — tranquilizo-o, esfregando-lhe as costas à laia de conforto.

— Está vivo, se é isso que queres saber. E, neste momento, está melhor do

que qualquer um de nós, embora não devesse estar.

— Ele achou que estava a fazer o que era correto.

— Estás a brincar comigo? — O Jaxon afasta-se de repente e atira-me um olhar incrédulo. — Ele e os amigos tentaram matar-te numa série de ocasiões; depois ele faz aquilo nos túneis, que só serviu para piorar as coisas, e achas que ele só estava a tentar fazer o que era correto?

— Sim, por mais louco para pareça. Quero dizer, não estou *satisfeita* com ele, mas ainda bem que não morreu.

— Pois, olha, haja quem pense isso — resmunga, voltando a deitar-se ao meu lado. — Devia tê-lo matado quando pude.

Abraço-o com tanta força quanto o ombro lesionado me permite.

— Acho que já temos sangue que chegue nas mãos.

— Queres dizer que *eu* tenho sangue que chegue nas mãos, não?

— Não foi isso que eu disse, pois não? — É a minha vez de me afastar dele, mas só porque o quero olhar nos olhos ao dizer: — Nada disto foi culpa tua. Nem foi minha. Nem do Flint, ou dos restantes metamorfos. A culpa foi da Lia. Foi ela que concebeu o plano; foi ela que provocou tudo o que aconteceu. — Fico com a voz embargada. — Os metamorfos contaram-te? Sobre os meus pais?

— O Flint contou-me. Ele e o Cole contaram tudo a mim e ao Foster ... incluindo que não confiavam nem nas bruxas, nem nos vampiros.

— Nos vampiros, porque julgavam que estavam todos em conluio, sabe-se lá por que motivo — avento. — Mas, porque não nas bruxas?

— Não és bruxa, mas a tua família é. Eles julgaram que o Foster não seria capaz de separar o facto de tu seres sobrinha dele do perigo que ter-te aqui representava para todos os que se encontram no Katmere.

Reviro-lhe os olhos.

— Pois, receio bem que tenha sido eu a *correr* o perigo e não a causá-lo, obrigadinha.

— Devia ter percebido antes. — O Jaxon parece atormentado.

— Estás a pensar tratar desse complexo de deus em breve? — comento. — Ou vamos ter de viver com isso?

— Uau. Ainda nem acordaste há um quarto de hora e já me chamaste dramático e agora dizes que tenho complexo de deus. — Ergue as sobrancelhas. — Tens a certeza de que não estás zangada comigo?

— Tenho — garanto-lhe, puxando-lhe o rosto para que o possa beijar.

Mas ele estremece ao de leve quando a minha mão lhe toca na cicatriz, tal como tem sido hábito, e, bolas, já passámos por muita coisa para que isto continue a acontecer. Afasto-me antes de os nossos lábios se tocarem.

— O que foi? — Parece desconfiado.

Suspiro ao percorrer-lhe o maxilar com os dedos.

— Eu sei que não tenho o direito de te dizer como sentir, mas gostava que te visses como eu te vejo. Gostava que visses como te considero lindo. Como te considero forte, poderoso e inspirador.

— Grace. — Vira a cabeça e beija-me a palma da mão. — Não tens de dizer isso. Eu sei como sou.

— Mas a questão é essa. Não sabes! — Agarro-o, ignorando a dor que me percorre o braço com o movimento. — Sei que detestas essa cicatriz porque foi o Hudson que te fez durante os mais horríveis momentos da tua vida...

— Estás errada — interrompe-me.

Fito-o.

— Em relação ao quê?

— A tudo. Não detesto a minha cicatriz, sinto-me humilhado por ter deixado que ela surgisse. Não foi o Hudson que me fez, foi a Rainha Vampira. E o pior momento da minha vida não foi quando matei o Hudson. Foi quando finalmente recuperei a consciência no altar e percebi que te bebera demasiado sangue. Esse momento e os que se seguiram até chegar aqui contigo serão *sempre* os piores segundos, os *piores* minutos da minha vida.

O que ele disse contém tantas coisas importantes que nem sei por onde começar. Exceto...

— A tua mãe? Foi a tua mãe que te fez isto? — murmuro, sentindo uma onda de terror a percorrer-me.

Ele encolhe os ombros.

— Interferi com os planos dela quando matei o Hudson. Tinha de ser castigado.

— Marcando-te o rosto?

— Não é fácil marcar um vampiro, saramos muito depressa. Ao fazer isto, e ao garantir que eu não sarava, ela deixou-me com uma marca de fraqueza que todo o mundo veria.

— Mas podias tê-la impedido. Porque é que não o fizeste?

— Não ia lutar com a minha mãe... e não a queria magoar mais do que já tinha feito. — Volta a encolher os ombros. — Além disso, ela precisava de alguém para castigar pelo que tinha acontecido; alguém para castigar para a fazer sentir-se melhor. Antes eu do que outra pessoa sem responsabilidade pelo que acontecera.

Não consigo afastar o horror do rosto, mas o Jaxon só se ri.

— Não te preocupes, Grace. Está tudo bem.

— Não está tudo bem. — Faço o possível por engolir a fúria que ferve em mim. — Essa mulher é um monstro. É má. É...

— A Rainha Vampira. — Ele completa a frase por mim. — E não há nada que possamos fazer quanto a isso. Mas obrigado — murmura ele ao beijar o meu cabelo.

— Pelo quê? — Quase me engasgo com as palavras.

— Por te preocupares. — O Jaxon baixa a cabeça para um beijo.

Mas os nossos lábios mal têm oportunidade de se tocar quando batem à porta aberta.

— Desculpem interromper — diz a Marise, espreitando para dentro do quarto. — Mas agora que está acordada quero examinar a minha paciente

favorita.

Olho para a enfermaria vazia.

— Não quer dizer a sua única paciente?

— Pois, sabes, dás-me muito trabalho. Além disso, tive aqui o Jaxon e o Flint pelo menos um dia. Tu precisas apenas de um bocadinho mais de atenção, só isso. — Sorri-me.

— Sabe, isto de ser humana por aqui é uma seca. — No meu íntimo, a voz desperta. Murmura que não devia ter tanta pressa em considerar-me humana. O que é risível, mas... mas continuo atormentada com as palavras da Lia, como ela teve tanto trabalho para me encontrar e trazer para cá.

O que me deixa a perguntar porque motivo serei tão especial. Mesmo que seja bruxa — e não tenho assim tanta certeza disso —, há muitos mais bruxos por onde escolher neste colégio. Será por ser mesmo a parceira do Jaxon? Mas como poderia ela saber disso? E o que importaria? O que tem a pessoa que o Jaxon ama que ver com trazer o Hudson de volta dos mortos?

Agora que a Lia desapareceu e o seu plano foi destruído tenho ainda mais perguntas do que antes de ela morrer. Quero perguntar ao Jaxon se ele tem alguma resposta para mim, mas não é altura de pensar nisso com a Marise a deixar vislumbrar as presas ao gracejar.

— Há mais coisas que ficam secas.

— Já percebi — respondo, com um esboço de sorriso.

Ela só precisa de alguns minutos para me examinar. O prognóstico é muito parecido com o da Alma. Muitos golpes e hematomas que a Alma — a bruxa curandeira — já começou a tratar e um ombro deslocado quase bom que precisará de ficar imobilizado durante algumas semanas para concluir o processo que a Alma também já iniciou.

Há ainda a questão da transfusão de sangue — um pouco mais de dois litros—, que é um tema que gostava que não tivesse sido comentado à frente do Jaxon. Mas, de um modo geral, estou de boa saúde e, caso os meus sinais vitais se mantenham estáveis, deverei voltar ao meu quarto daqui a uns dias.

Pelo menos assim garante a Marise, ao sair com um breve aceno de dedos.

— A culpa não é tua! — digo ao Jaxon assim que ela fecha a porta.

— A culpa é só minha — replica. — Quase te deixei exangue.

— Dois litros está longe de me deixar exangue.

— É quase esvaziar-te a ponto de te matar. O que, para mim, é deixar exangue. — Abana a cabeça. — Desculpa, Grace. Por te ter magoado. Pelos teus pais. Por tudo.

— Não me magoaste. Salvaste-me. A Alma disse que me trouxeste antes que houvesse danos permanentes.

O Jaxon não responde, apenas abana a cabeça, enquanto o seu maxilar fica tenso.

— Eu *dei-te* o meu sangue porque sem ele ias morrer. — Tomo-lhe o rosto nas mãos e fito-o, para que ele veja que estou a ser sincera. — E a verdade é que não foi um sacrifício. Foi profundamente egoísta, pois agora

que te encontrei não serei capaz de viver num mundo em que não existas.

Ele não diz nada durante vários segundos. Depois abana a cabeça.

— O que devo eu responder a isso, Grace?

— Diz que acreditas em mim. Diz que sabes que a culpa não é tua. Diz...

— Eu amo-te.

Arquejo e expiro um fôlego entrecortado, enquanto fico com os olhos marejados com lágrimas que nem tento ocultar.

— Ou podes dizer isso. Podes muito bem dizer isso.

— É verdade — murmura. — Estou tão apaixonado por ti.

— Ótimo, porque eu também estou apaixonada por ti. E agora que já não nos temos de preocupar com o plano maléfico da Lia, podemos tentar estar apaixonados sem que nos tentem matar.

Ele fica hirtó, desvia o olhar, e os maus pressentimentos que pensava não vir mais a sentir voltam a percorrer-me a espinha.

— O que se passa, Jaxon?

— Eu não... — Cala-se e abana a cabeça. — Não sei se podemos continuar com isto, Grace.

Sinto o meu sangue arrefecer com as palavras dele, e o meu corpo ficar gelado.

— O que é que significa isso? — murmuro. — Acabaste de dizer que me amas.

— Eu amo-te — obriga-se a dizer. — Mas, por vezes, o amor não chega.

— Não sei o que possas querer dizer com isso. — É a minha vez de desviar o olhar; de prestar atenção a tudo, menos a ele.

— Sabes, sim.

Espero que o Jaxon diga mais alguma coisa, mas ele fica-se por aí. Limita-se a continuar sentado na cama, ao meu lado, com o braço sobre o meu ombro, o corpo aninhado contra o meu, enquanto me arranca o coração do peito.

— Não vai ser sempre assim — consigo finalmente sussurrar.

— Aí é que te enganas. Vai ser *sempre* assim. Amar-te faz com que sejas sempre um alvo. Vais estar sempre em risco.

— Não foi este o caso. — Viro-me para ele, engalfinhando, com um gesto desesperado, os dedos na sua camisola enquanto lhe digo: — Tu sabes disso. Não passaste de uma complicação. A Lia disse que me queria a mim. Disse que isto teve tudo que ver comigo. Até os metamorfos estavam atrás de mim, porque sabiam que ela me queria usar para... — Calo-me, não querendo voltar a mencionar o nome do Hudson à frente de Jaxon.

— Achas mesmo que os metamorfos vão esquecer isto? Podem não te querer matar neste momento, agora que a Lia desapareceu, mas isso não quer dizer que não reconsiderem assim que eu ou a minha família os incomode. Agora que sabem o quão importante és para mim, corres mais perigo do que nunca.

Talvez os receios dele façam sentido, talvez não façam.

— Não quero saber. — A verdade é esta.

— *Eu* quero, Grace. — O olhar dele está vigilante, mas não está vazio. Não desta vez. Vejo a dor lá no fundo, percebo que dizer tudo isto o magoa tanto a ele como a mim.

É quanto basta para levar as minhas mãos ao seu rosto, para lhe tomar as faces nas palmas das mãos, enquanto lhe fito as profundezas dos olhos que me cativaram desde o primeiro momento em que o vi.

— Pois, sabes, não és o único elemento desta relação — digo-lhe, chegando-me a ele e depositando-lhe beijos suaves, mas desesperados, na testa, nos cantos da boca, nos lábios. — E isso significa que não podes tomar todas as decisões pelos dois.

— Por favor, não tornes as coisas ainda mais difíceis. — Agarra-me as mãos, que ainda lhe cobrem as faces, com os dedos a entrelaçarem-se nos meus, sempre a tentar não me magoar. — Se dificultas as coisas não me consigo afastar.

— Então, não te afastes — imploro, a minha boca está tão perto da dele que sinto o calor do seu hálito na pele. Tão perto que lhe vejo os minúsculos salpicos prateados que voluteiam nos seus olhos. — Não nos vires as costas... Não me vires as costas a mim antes de sequer tentarmos.

Encosta a sua testa na minha, fecha os olhos com um gemido agonizante.

— Não te quero magoar, Grace.

— Então não magoes.

— As coisas não são assim tão simples...

— São sim. As coisas são assim tão simples. Ou queres ficar comigo ou não queres.

A gargalhada dele é sombria, torturada.

— É claro que quero ficar contigo.

— Então fica comigo, Jaxon. — Envolvero-o com os braços, com tubo de IV e tudo, aperto-o tão perto do meu coração desesperado e ferido quanto posso. — Fica comigo. *Ama-me*. Deixa-me amar-te.

Durante vários segundos, o Jaxon não se mexe, não responde, nem sequer respira, e, no meu cerne, o desespero e a esperança disputam-se sem tréguas. Depois, quando estou prestes a desistir, ele respira fundo e relaxa contra mim.

Nesse momento, as mãos dele agarram a minha cara e ele beija-me como se eu fosse a coisa mais importante do mundo.

Retribuo o beijo com a mesma intensidade. Nunca nada soube tão bem. Porque neste momento, neste lugar, sinto que tudo está exatamente como devia estar.



E que tal um final feliz normal?

Quatro dias depois volto finalmente às aulas e, desta vez, a sério, com trabalho de casa de literatura britânica, uma investigação sobre as causas dos julgamentos das bruxas de salem, e a minha primeira consulta de aconselhamento com a doutora Wainwright. E, também, com trabalho de compensação para as aulas que perdi, quando uma vampira psicopata andava a tentar assassinar-me. O que me parece injusto, mas quem sou eu para me queixar quando passo todas as manhãs, todos os períodos de almoço e quase todos os serões com o Jaxon, que está a fazer um trabalho admirável a manter-se presente no momento, sem tentar atrair sarilhos.

Estamos juntos neste preciso momento, a tomar o pequeno-almoço na cantina e a brincar com o mais recente dilema com encontros do Luka — o que, tenho de admitir, é bizarro.

Estou a comer Pop-Tarts de açúcar amarelo — a Macy ficou com o último pacote de cereja, porque é uma pessoa má — e o Jaxon e o resto da Ordem têm copos opacos com as suas rações matinais de sangue de alce fornecidas pela escola. Pelos vistos, é para isso que servem os grandes refrigeradores cor de laranja — para alimentar vampiros.

O Cam ainda não ganhou coragem para se juntar a nós, mas a Macy tem esperança de que ele se convença. Eu não tenho tanta certeza. A reputação do Jaxon tornou-se ainda mais intimidante depois do que aconteceu com a Lia se espalhar pela escola, com quase toda a gente a afastar-se ainda mais dele quando passa. Vou dizendo-lhe que as pessoas ficariam menos tensas se ele sorrisse mais, mas, até agora, ainda não me deu ouvidos. Sinceramente, acho que isso se deve ao facto de ele acreditar que quanto mais assustados

estiverem, mais segura eu fico.

Não concordo propriamente com isso, mas admito que as coisas até têm andado bastante calmas. Há, pelo menos, noventa e seis horas que ninguém me tenta envenenar, nem usar como sacrifício humano. É um recorde que estou disposta a aumentar o mais possível.

A campanha toca quando dou o último gole de chá e vejo o Jaxon a fitar-me, com um esboço de sorriso nos lábios.

— O que foi? — pergunto, agarrando na embalagem da Pop-Tart e na caneca.

— Estou só a olhar para ti. — Debruça-se e beija-me o canto da boca. — A interrogar-me quanto àquilo em que poderá estar a pensar.

— Em ti — respondo. — Como sempre.

O Rafael finge agoniar-se.

— Sem ofensa, mas será que vocês dois podiam tentar não nos dar diabetes?

— Os vampiros não metabolizam o açúcar da mesma maneira que os seres humanos normais — informo-o com um sorriso. — Logo, não há cá diabetes.

— Vê só o que fizeste — intervém o Mekhi. — Criaste um mostro das pesquisas. Ela ficou obcecada.

— De certeza que a culpada é a bibliotecária — corrige o Jaxon secamente. — Não há dia em que a Amka não tenha pelo menos cinco livros novos para a Grace.

— Olha, se vou viver entre vampiros, tenho de saber o mais possível sobre eles — digo-lhes, levantando-me e empurrando a cadeira para o seu lugar. — É normal querer saber sobre aquilo que nos rodeia.

— Sabes o que também é normal? — pergunta o Jaxon, baixando-se de modo a deixar a boca a poucos centímetros da minha.

— Faço uma ideia — respondo, erguendo o rosto para os nossos lábios se encontrarem. — Vejam só — murmuro contra a boca dele uns segundos depois. — A sermos normais.

Roça-me uma presa pelo lábio e lança-me um olhar sensual que derrete o meu interior.

— Quase normal.

— Aceito.

Ele sorri.

— Pois, eu também.

Dá-me outro beijo, deixando-me a cabeça zonga e os joelhos a tremer, e não consigo deixar de me derreter contra ele. Nunca fui grande apreciadora de mostras de afeto públicas, mas o Jaxon faz-me quebrar todas as regras, e imagino que eu esteja a ter o mesmo efeito sobre ele. Sobretudo se a Lia tiver razão e estivermos mesmo acasalados.

Não que eu já lhe tenha dito isso. Quero dizer, o rapaz já está aterrado com esta coisa da relação. Se uso um termo como acasalar — algo que a Macy explicou-me demoradamente há uns dias —, de certeza que o terramoto

que o Jaxon vai provocar arrasa a escola.

É a vez do Mekhi comentar que está farto de chegar atrasado às aulas, porque «há gente» que não consegue controlar as bocas. O Jaxon ignora-o, mas as palavras devem surtir algum efeito, pois afasta-se de mim e pega-me na mochila.

— Anda, acompanho-te à aula.

— Não precisas de fazer isso. — Olho para o relógio. — Vais atrasar-te para física.

Atira-me um olhar que diz «poupa-me».

— Acho que eles se aguentam bem sem mim durante cinco minutos.

Quanto a isso, não sei, mas sei o suficiente acerca do Jaxon, e sobre o repentino cerrar do maxilar, para decidir quando argumentar e quando ignorar o assunto. Para além disso, ser acompanhada por ele à aula tem uma vantagem adicional: com ele ao meu lado, ninguém me vai bater no ombro ainda dorido, nem em qualquer outro dos meus ferimentos.

É só vantagens.

Pelo menos até passarmos por um pequeno grupo de dragões à saída da cantina. O Jaxon ignora-os e eu também o tento fazer, mas o Flint faz parte do grupo. E está a tentar chamar-me a atenção.

Quero ignorá-lo, a sério que quero. Mas, tal como disse ao Jaxon no outro dia, parte de mim compreende o motivo dele ter feito o que fez. Quero dizer, ainda não estou pronta para voltar a assar *marshmallows* com ele, mas também não o consigo odiar.

E não o posso ignorar.

Em vez disso, deixo que o meu olhar se cruze com o dele por alguns segundos. Os olhos dele arregalam-se e oferece-me o sorriso que me faz rir desde o meu primeiro dia no Katmere. No entanto, desta vez não me rio, mas esboço um sorriso enquanto continuo a andar. Por agora, isso basta.

Fico à espera que o Jaxon comente o que aconteceu, enquanto serpentemos pelos corredores, mas ele não diz nada. Parece que não fui a única a aprender a chegar a meios-terminos. Aperto-lhe a mão um pouco mais num agradecimento silencioso, mas ele parece abanar ao de leve a cabeça à laia de resposta.

Parece tudo muito normal... e muito adequado.

Sei que o Jaxon ainda receia — e vai continuar a recear — que o facto de estar com ele faça de mim um alvo. Parte de mim sabe que ele tem razão. Enquanto estivermos juntos nunca estarei a salvo.

Mas seja o que for que ele julgue, o Jaxon não tem o dever de me proteger. Sei, desde o primeiro dia, que não é suposto ele ser o herói da minha história. E não tenho qualquer problema com isso.

Porque nunca o vi sorrir assim. Ele ri-se. Por vezes, chega a contar uma ou duas piadas secas. Prefiro isso do que estar segura, sobretudo quando a segurança pode desaparecer a qualquer momento.

O que me faz lembrar...

— Olha, nunca me chegaste a contar o resto da piada do outro dia?

Paramos a metros da minha sala, em parte para aproveitarmos o corredor quase vazio e em parte num esforço para não assustarmos outra vez a minha turma de literatura britânica.

— Qual piada? — pergunta ele, confuso.

— Aquela do pirata. Lembras-te? O que disse o pirata quando fez oitenta?

— Ah, pois é. — O Jaxon ri-se. — Ele diz...

Não chego a ouvir o remate. Um lampejo sobre o ombro dele chama-me a atenção. É seguido de imediato por uma nuvem de fumo preto fedorento e curiosamente familiar. Começo a recuar, a arrastar o Jaxon comigo. Mas é demasiado tarde. Porque quando o fumo se dissipa, o Hudson fica no seu lugar, com uma espada gigantesca nas mãos apontada à cabeça do Jaxon.

O horror na minha expressão deve ser óbvio, pois o Jaxon ainda começa a olhar sobre o seu ombro, mas a espada já está em movimento. Não há tempo para que ele veja a ameaça, e muito menos que reaja a ela.

Aterrorizada, agarro-lhe nos braços e puxo-o para mim, mas mesmo com ele a cambalear em frente, sei que isso não vai resultar. Ele continua no caminho da lâmina. Por um instante, só um momento, recordo o aspeto dele ontem à noite, quando estávamos na cama dele. Debruçava-se sobre mim, apoiado no cotovelo, com um sorriso sonolento e os olhos velados pelo desejo.

O cabelo caíra-lhe para o rosto e eu desviei-o para que lhe visse os olhos e, pela primeira vez, quando a minha mão lhe roçou no rosto marcado, ele não estremeceu, o sorriso não fraquejou e ele não baixou a cabeça nem se desviou. Em vez disso, ficou ali comigo. A apreciar o momento.

Descontraído.

Feliz.

Completo.

E foi então que percebi. Nunca foi suposto o Jaxon ser o herói da minha história... pois serei eu a heroína da dele.

Portanto faço a única coisa que poderia fazer. Envolvero-o com os braços e viro-nos, de modo a que as minhas costas fiquem na direção da espada. Depois fecho os olhos e espero pelo golpe que soube de que seria vítima.



0

Ela persistiu **— Jaxon —**

— Quando é que ela vai voltar, Foster?

— Não...

— Não me digas isso outra vez, porra. Não me digas que não sabes. — Viro-me para a bibliotecária e para o professor de biologia das criaturas antigas sentados à frente da secretária do diretor e pergunto: — Não deviam ser capazes de descortinar o que se passa aqui? Para que é que vos pus à frente deste colégio se nenhum de vocês sabe responder à merda de uma simples pergunta?

— *Não* é uma simples pergunta, Jaxon. — O diretor aperta a cana do nariz com o polegar e o indicador.

— Claro que é. Num momento, a Grace estava nos meus braços, a bloquear o ataque do Hudson. — Sinto um nó na garganta ao pensar nesses minutos alucinados e frenéticos. Ao pensar na maneira como ela me tentou afastar e, quando isso não resultou, como se pôs entre...

Interrompo o pensamento antes que me faça descarrilar... e à conversa também. Porque se penso nisso agora, se penso no que ela fez... O chão começa a tremer debaixo dos meus pés e bolas, bolas, bolas. A única coisa que me impede de arrasar por completo a merda deste colégio é saber que poderia magoar a Grace com isso.

Respiro fundo antes de continuar.

— Num momento ela estava aqui. E agora a Grace... A Grace está... — Nem o consigo dizer, pois se o proferir, não tenho como retirá-lo.

Se o disser em voz alta, passa a ser verdade.

— Ela estava ali, Foster — repito. — Quente, viva, a *Grace*. Estava ali. E depois estava... — O chão volta a tremer e, desta vez, nem o tento controlar.

Em vez disso dirijo-me ao canto, onde está o que resta da *Grace*, da minha *Grace*.

— Porque é que ela não se transforma de volta? — questiono pelo que me parece a milésima vez. — Porque é que vocês não a fazem transformar-se?

— Eu sei que é difícil, Jaxon. — O Veracruz fala pela primeira vez. — Também é difícil para nós. Mas há mil anos que não víamos isto. Vamos precisar de algum tempo para perceber o que se passou.

— Tiveram quatro dias! Quatro dias. E não me conseguem dizer mais nada! Como é que vou chegar a ela se vocês nem me conseguem dizer o que se passa?

— Acho que vais ter de aceitar que não tens como chegar a ela — afirma o Foster, e, pela primeira vez, apercebo-me de que o seu aspeto, a sua voz, parece tão arrasada quanto eu. — Julgo que temos de aceitar que ela só volta quando ela quiser.

— Não acredito nisso — digo-lhe com uma voz anasalada e os punhos cerrados, esforçando-me por não perder por completo a cabeça. — A *Grace* não me deixaria assim de livre vontade. Ela não o faria.

— Tudo o que li nos últimos quatro dias diz que ela devia ser capaz de regressar sozinha — diz-me a *Amka*. — O que significa que só pode ser uma de duas coisas.

— Não o digas — aviso-a.

— Jaxon...

— A sério, Foster. Não o digas, porra. A *Grace* não está morta. Ela não pode estar morta.

Porque se estiver, não vou ser capaz de me aguentar.

Não vou ser capaz de me impedir de arrasar a merda deste colégio. E se o Hudson a tiver... Se a estiver a magoar... A simples lembrança daquilo de que ele é capaz, e o que ela poderá estar a sofrer por causa disso, faz com que uma onda de terror percorra a minha espinha e se vá contorcer no estômago. Se ele a tiver magoado, eu encontro-o. E depois lanço-lhe fogo só para o ver arder.

— Ela não está morta — repito-lhes enquanto fito o belo rosto dela. Tem os olhos fechados tal como estavam no último segundo no corredor, mas isso não interessa. Não preciso de lhe ver os olhos para saber o que sente por mim — está escrito na cara dela. Ela ama-me, quase tanto como eu a amo a ela.

— Concordo contigo, acho que não está morta — diz o Veracruz —, mas, assim sendo, a outra hipótese é ela estar a *escolher* não regressar.

— Não sabes. Pode estar encurralada...

— Nós sabemos — garante a *Amka* num tom firme. — As gárgulas não podem ficar encurraladas na forma de pedra. Se elas não mudam para a forma humana é porque não querem.

— Isso não é verdade. O Hudson está a fazer-lhe alguma coisa. Ele...

— Jaxon. — A voz do Foster trespassa-me a negação. — Achas mesmo que a Grace voltava a assumir a forma humana se achasse que estava a ameaçar o Katmere? — O diretor prende o meu olhar com uma expressão solene e feroz ao mesmo tempo, enquanto desejo que ele não diga o que está a pensar. O que estamos ambos a pensar. — Ou a ti?

Sou trespassado por uma pontada de dor que me destrói; que me eviscera. Mal consigo pensar; mal consigo respirar com a agonia de saber que ele tem razão. De saber que a Grace pode estar a sofrer neste preciso momento para me salvar.

Contei-lhe sobre o Hudson, contei-lhe sobre a minha mãe. Ela sabe como quase saí destruído quando o matei. Se regressar implica trazer o Hudson com ela, se implica ter de matar outra vez o meu irmão, então a Grace nunca o faria. Não deixaria que eu o voltasse a enfrentar.

— Ela está a salvar-me, não está? — murmuro, tão baixo que quase nem eu me consigo ouvir.

Mas o Foster ouve e leva a mão ao meu ombro.

— Acho que talvez esteja.

Não há talvez. Porque a Grace ama-me. Ela já me salvou uma vez. Não tenho dúvida de que vá ficar retida na pedra o tempo que for preciso para manter a salvo todos aqueles de quem gosta no Katmere.

E vai permanecer como pedra para sempre, se isso me puder voltar a salvar.

O meu coração dispara com essa consciência. As mãos tremem-me, fico com a respiração entrecortada e preciso de todas as forças só para me manter de pé.

Não a posso deixar fazer isso. Mal aguentei quatro dias sem ela, não conseguirei viver uma eternidade.

Por um momento, um único instante, deixo-me recordar todas as pequenas coisas que adoro nela. E ignoro o facto de que cada memória me arrasa um pouco mais.

A forma como os olhos dela se suavizam quando me tocava.

A forma como esses olhos se semicerravam quando está prestes a chamar-me à atenção.

A forma como ela se ria quando contava aquelas piadas terríveis.

Como é que se colava Roma se ela se partisse?

Com Cola-iseu.

Essa foi má. Foram todas péssimas, mas isso não interessava quando ela se ria, orgulhosa.

Porra, tenho saudades dela.

Tenho saudades do cheiro a bolacha e morango.

Tenho saudades da suavidade dela, da forma como o seu corpo ridiculamente sensual se encaixava com tanta perfeição no meu.

Tenho saudades dos seus caracóis.

Desta vez, quando estendo a mão, não é para lhe mexer no cabelo. É para lhe tomar o rosto de pedra fria como ela sempre tomou o meu.

E digo ao Foster algo que espero desesperadamente que a Grace também ouça.

— Vou encontrar maneira de a separar do Hudson. E vou contê-lo, ou matá-lo, ou fazer o que for preciso de modo a que não volte a ameaçar ninguém.

— Isso pode não chegar, Jaxon — avisa a Amka. — Ela pode escolher...

— Vai chegar — garanto-lhes. Porque ela ama-me; porque sabe que não duro muito sem ela.

Debruço-me, encosto a testa à dela por um segundo.

— Vou encontrar maneira de o deter, Grace. Juro. E depois vais voltar para mim. Porque eu preciso de ti. Preciso que voltes para mim — murmuro.

Fecho os olhos e engulo o que mais possa querer dizer, pois não interessa. Nada importa sem a Grace.

Ela tem de regressar, porque se não voltar vou desfazer-me. E desta vez, não sei se terei forças para não levar o resto do mundo comigo.

Agradecimentos

Se chegaste ao fim deste livro monstruoso tenho de começar por te agradecer a ti. Obrigada por teres escolhido o *Desejo*, obrigada por teres lido as cerca de quatrocentas e cinquenta páginas aqui escritas, obrigada por me teres deixado partilhar contigo o mundo do Jaxon e da Grace. Estou entusiasmada por teres decidido fazer esta viagem connosco. Muito, muito, muito obrigada.

Em segundo lugar tenho de agradecer à Liz Pelletier, que eu adoro profundamente. Liz, ensinaste-me tanto sobre escrita, sobre mim própria e sobre amizade que nem sei por onde começar a agradecer-te. És uma editora incrível, uma amiga extraordinária, e estarei sempre grata por teres decidido juntar-te a esta aventura. Obrigada por tudo o que fizeste para que este livro fosse o melhor possível. Mal posso esperar pelo próximo.

Stacy Cantor Abrams, adoro que trabalhemos juntas há mais de dez anos. És uma editora magnífica e uma pessoa ainda mais espetacular, e sinto-me entusiasmada por haver ainda muito mais à nossa espera. Muito obrigada pelo teu entusiasmo inexorável por este livro e pela tua flexibilidade durante a loucura que foi para o criar. Foi muito importante para mim. Tenho muita sorte por te ter ao meu lado.

Jessica Turner, muito obrigada por todo o entusiasmo em relação a este livro e pelas ideias espantosas sobre como o promover. És uma mulher inspiradora e uma grande amiga. Sou uma sortuda por poder contar contigo. Obrigada por seres tão fabulosa!

Bree Archer, agradeço-te por me dares A MELHOR CAPA DO MUNDO. A sério, A MELHOR CAPA DO MUNDO. Muito obrigada, do fundo do coração.

Toni Kerr, pelo cuidado incrível com este meu bebé. Cada página é linda e isso deve-se a ti. Muito, muito obrigada.

Meredith Johnson, por aturares a loucura que acompanhou este livro. Muito obrigada por me ajudares a levar este colosso desde a minha imaginação até às mesas-de-cabeceira.

Todos na Entangled e na Macmillan, pela paciência e pelo entusiasmo com *Desejo*. É tão bom saber que este livro tem uma casa tão maravilhosa e uma equipa incrível por trás dele.

Emily Sylvan Kim, nem sei o que te dizer. Não me apercebi da sorte que tive no dia em que aceitaste ser minha agente e agradeço ao universo por cada dia desde então. Obrigada por estares sempre comigo e por encontrares

sempre, sempre, sempre uma maneira de ultrapassar qualquer obstáculo que nos surja pela frente. És a melhor.

Eden Kim, por teres sido a primeira pessoa, além de mim, a ler *Desejo*. Obrigada pelo entusiasmo. Fez com que tudo o que veio depois da primeira versão fosse mais fácil.

Jenn Elkins, por seres a minha melhor amiga nos bons e nos maus momentos há tanto tempo que já perdi a conta. Obrigada por estares sempre presente e por me manteres sempre neste mundo xoxoxo.

As espantosas Emily McKay, Shellee Roberts e Sherry Thomas, são as melhores amigas e parceiras de ideias que poderia ter. Obrigada do fundo do coração.

Stephanie Marquez, por toda a ajuda e encorajamento ao longo da escrita desta história. Lembras-me de todas as razões pelas quais adoro escrever e de todos os motivos por que comecei a escrever. Adoro-te e mal posso esperar para saber o que o futuro nos reserva.

À minha mãe, pela ajuda a manter a minha vida diária a funcionar, mais ou menos, tranquilamente. Sei que não somos fáceis, mas estamos profundamente gratos por nos aturares! Adoro-te!

E, por fim, aos meus três filhos que adoro mais do que tudo. Tivemos uns anos complicados, e só quero agradecer por terem aguentado e por serem os filhos mais fixos e maravilhosos do mundo. Vocês espantam-me todos os dias e tenho muita, muita sorte de ser a vossa mãe.